

ELDEST

A HERANÇA

LIVRO DOIS

CHRISTOPHER PAOLINI

TRADUÇÃO HEITOR PITOMBO

LAURA VAN BOEKEL CHEOLA

SUMÁRIO

SINOPSE DE ERAGON

UM DESASTRE DUPLO

O CONSELHO DE ANCIÃOS

VERDADE ENTRE AMIGOS

RORAN

OS CAÇADORES CAÇADOS

A PROMESSA DE SAPHIRA

RÉQUIEM

LEALDADE

UMA FEITICEIRA, UMA COBRA E UM PERGAMINHO

O PRESENTE DE HROTHGAR

MARTELO E TENAZ

RETALIAÇÃO

AZ SWELDN RAK ANHÛIN

CELBEDEIL

DIAMANTES NA NOITE

SOB UM CÉU OBSCURO

DESCENDO AS ÁGUAS IMPETUOSAS

FLUTUANDO

ARYA SVIT-KONA

CERIS

FERIDAS DO PASSADO

FERIDAS DO PRESENTE

O ROSTO DO SEU INIMIGO

FLECHA NO CORAÇÃO

A INVOCÇÃO DO DAGSHELGR

A CIDADE DOS PINHEIROS

RAINHA ISLANZADÍ

DO PASSADO

CONVICÇÃO

REPERCUSSÕES

ÊXODO

NOS ROCHEDOS DE TEL'NAEÍR

AS VIDAS SECRETAS DAS FORMIGAS
DEBAIXO DA MENOA
UM LABIRINTO DE RESISTÊNCIA
PENDURADA POR UM FIO ELVA
RESSURGIMENTO
POR QUE VOCÊ LUTA?
IPOMÉIA NEGRA
A NATUREZA DO MAL
A IMAGEM DA PERFEIÇÃO
O OBLITERADOR NARD
O MARTELO CAI
O PRINCÍPIO DA SABEDORIA
OVO QUEBRADO E NINHO DISPERSO
O PRESENTE DOS DRAGÕES
NUMA CLAREIRA ESTRELADA
TERRA A VISTA
TEIRM
JEOD PERNA-DE-PAU.
UM ALIADO INESPERADO
FUGA
BRINCADEIRA DE CRIANÇA
PREMONIÇÃO DE GUERRA
ESPADA VERMELHA, ESPADA BRANCA
VISÕES PRÓXIMAS E DISTANTES PRESENTES
A GARGANTA DO OCEANO
CRUZANDO O OLHO DO JAVALI
PARA ABERON
A CAMPINA ARDENTE
AS NUENS DA GUERRA
NAR GARZHOV
BEBIDA DAS BRUXAS
A TEMPESTADE IRROMPE
CONVERGÊNCIA
PRIMOGENITO

HERANÇA

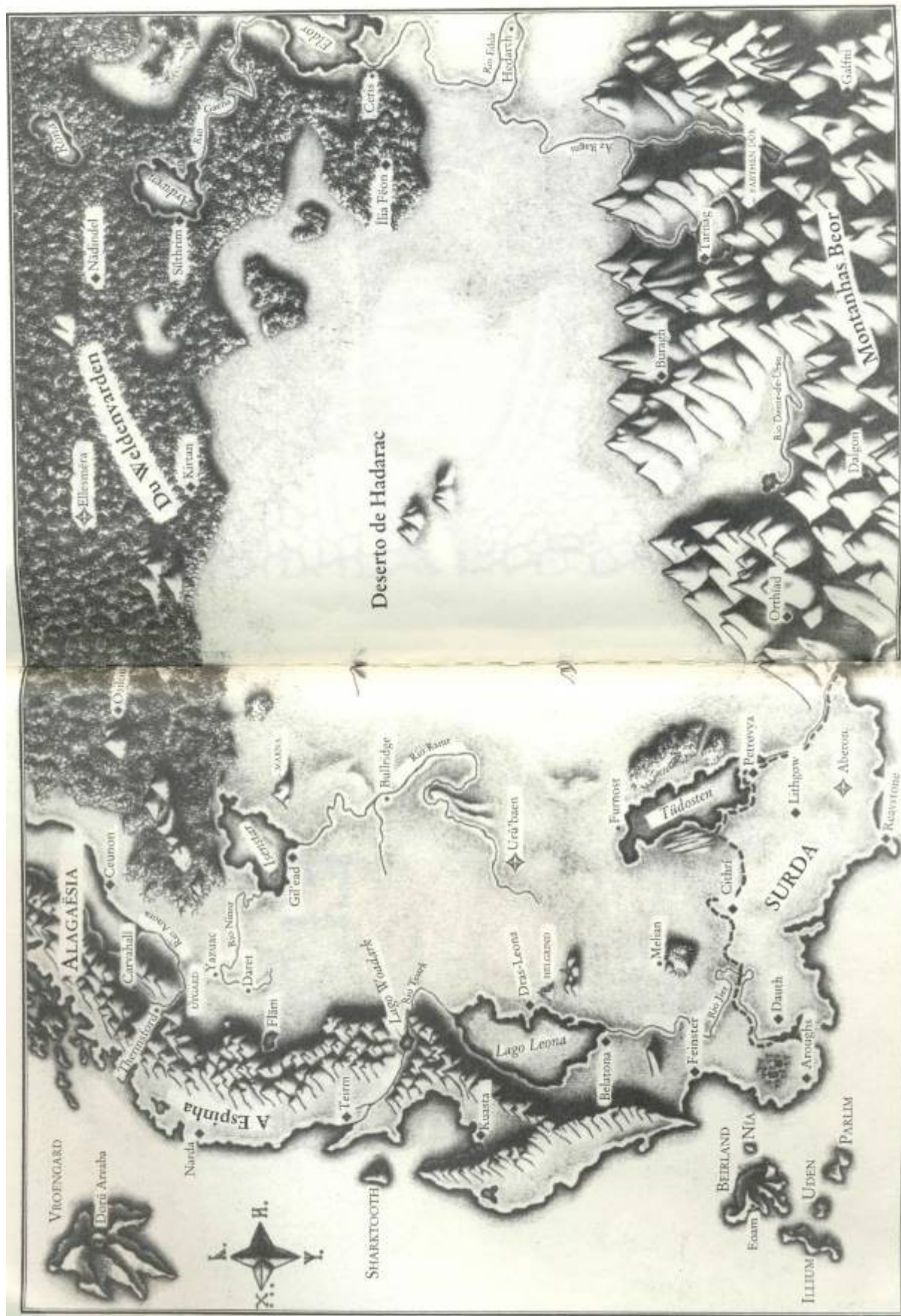
REUNIÃO

GUIA DE PRONÚNCIA E GLOSSÁRIO

AGRADECIMENTOS



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>



SINOPSE DE *ERAGON*

LIVRO UM DE A HERANÇA

Eragon - um agricultor de quinze anos - surpreende-se ao se deparar com uma pedra azul polida, na cordilheira conhecida como Espinha. Eragon leva a pedra até a fazenda onde vive com seu tio Garrow e seu primo Roran. Garrow e sua falecida esposa, Marian, criaram Eragon. Nada se sabe do seu pai, sua mãe, Selenia, era irmã de Garrow e não foi mais vista desde o nascimento de Eragon.

Mais tarde, a pedra se parte e de dentro emerge um bebê dragão. Quando Eragon toca o animal, uma marca prateada aparece na palma de sua mão, e um vínculo irrevogável é estabelecido entre suas mentes, fazendo de Eragon um dos lendários Cavaleiros de Dragões.

Os Cavaleiros de Dragões foram criados há milhares de anos como resultado da grande guerra entre elfos e dragões, no intuito de garantir que as hostilidades nunca mais afligissem as duas raças. Os Cavaleiros se tornam mantenedores da paz, educadores, curandeiros, filósofos naturais e os maiores usuários de magia - a união com um dragão transforma qualquer ser em um mágico. Sob sua orientação e proteção, o reino vive uma era dourada.

Quando os humanos chegaram à Alagaësia, eles também foram admitidos a essa ordem de elite. Depois de muitos anos de paz, os monstruosos e hostis Urgals mataram o dragão de um jovem Cavaleiro chamado Galbatorix. Enlouquecido pela perda e pela recusa dos anciãos em lhe providenciar um novo dragão, Galbatorix tenta derrubar os Cavaleiros.

Ele, então, rouba um dragão - batizado de Shruikan e forçado a servi-lo através de certos encantamentos negros -, e reúne à sua volta um grupo de treze traidores: os Renegados. Com a ajuda desses cruéis discípulos, Galbatorix derrota os Cavaleiros, mata seu líder, Vrael, e se declara rei da Alagaësia. Galbatorix é bem-sucedido apenas em parte, pois os elfos e os anões continuam autônomos em seus retiros secretos, e alguns humanos estabelecem uma nação independente, Surda, ao sul da Alagaësia. Uma trégua resiste durante vinte anos entre essas facções, precedida por oitenta anos de conflito aberto provocado pela aniquilação dos Cavaleiros.

E para dentro dessa frágil situação política, então, que Eragon é empurrado. Ele teme estar em perigo mortal - é amplamente sabido que Galbatorix matou todos os Cavaleiros que não lhe juraram lealdade -, por isso esconde de sua família o dragão enquanto o cria. Durante esse tempo, Eragon batiza a criatura de Saphira, inspirado num dragão mencionado por Brom, o contador de histórias da aldeia. Logo, Roran deixa a fazenda por causa de um emprego que lhe permitirá ganhar dinheiro suficiente para se casar com Katrina, a filha do açougueiro.

Quando Saphira fica mais alta do que Eragon, duas criaturas ameaçadoras e parecidas com besouros, conhecidas como Ra'zac, chegam a Carvahall, em busca de uma pedra que, na verdade, era o ovo do dragão. Apavorada, Saphira rapta Eragon e voa em direção à Espinha. Eragon consegue convencê-la a voltar, descobre, porém, que sua casa fora destruída pelos Ra'zac. Eragon encontra Garrow no meio dos destroços, torturado e seriamente ferido.

Garrow morre pouco depois e Eragon jura que irá encontrar e matar os Ra'zac. Eragon é abordado por Brom, que sabe da existência de Saphira, e pede para acompanhar o jovem por motivos particulares. Assim que Eragon concorda, Brom lhe dá a espada Zar'roc, que pertencera a um Cavaleiro, embora se recuse a lhe dizer como a adquiriu.

Eragon aprende muito com Brom durante suas viagens, inclusive a lutar com espada e usar a magia. Eles perdem o rastro dos Ra'zac e visitam a cidade de Teirm, onde Brom acredita que seu velho amigo Jeod poderá ajudar a localizar o esconderijo deles.

Em Teirm, a extravagante herbolária Angela lê a sorte de Eragon e prevê forças poderosas lutando para controlar seu destino, um romance épico com alguém de berço nobre, o fato de que ele um dia deixará a Alagaësia, para nunca mais voltar, e uma traição dentro de sua família. Seu parceiro, o menino-gato Solembum, também lhe dá alguns conselhos. Então, Eragon, Brom e Saphira partem para Dras-Leona, onde esperam encontrar os Ra'zac.

Brom finalmente revela que é um agente dos Varden - um grupo rebelde dedicado a derrotar Galbatorix - e que andara se escondendo na aldeia de Eragon à espera do surgimento de um novo Cavaleiro de Dragões. Brom também explica que, há vinte anos, ele e Jeod roubaram o ovo de Saphira de

Galbatorix. No decorrer, Brom matou Morzan, primeiro e último dos Renegados. Só dois outros ovos de dragão ainda existem, e ambos estão nas mãos de Galbatorix.

Perto de Dras-Leona, os Ra'zac armam uma emboscada para Eragon e seus companheiros, e Brom é mortalmente ferido enquanto protege o jovem Cavaleiro. Os Ra'zac são rechaçados por um rapaz misterioso chamado Murtagh, que afirma ter chegado ali porque vinha há tempos rastreando os Ra'zac. Brom morre na noite seguinte. Em seu último suspiro, ele confessa ter sido um Cavaleiro e seu dragão assassinado também se chamava Saphira. Eragon enterra Brom numa tumba de arenito, transformada por Saphira em diamante puro.

Sem Brom, Eragon e Saphira decidem se unir aos Varden. Por um triste acaso, Eragon é capturado na cidade de Gil'ead e levado até o Espectro Durza, braço direito de Galbatorix. Com a ajuda de Murtagh, Eragon escapa da prisão, levando com ele, inconsciente, a elfa Arya, outra prisioneira. A essa altura, Eragon e Murtagh já haviam se tornado grandes amigos.

Com sua mente, Arya conta a Eragon que andara transportando o ovo de Saphira entre os elfos e os Varden, na esperança de que pudesse romper para uma de suas crianças. No entanto, durante sua última viagem, ela foi vítima de uma tocaia armada pelo Espectro Durza e forçada a mandar o ovo para uma outra parte com sua magia, e foi assim que Saphira parou nas mãos de Eragon. Agora Arya está seriamente ferida e precisa ser medicada pelos Varden. Usando imagens telepáticas, ela mostra a Eragon como encontrar os rebeldes. Segue-se uma caçada épica. Eragon e seus amigos percorrem quase 650 quilômetros em oito dias. Eles são perseguidos por um contingente de Urgals, que os prendem nas altas montanhas Beor. Murtagh, que não queria ir ao encalço dos Varden, é forçado a contar para Eragon que é filho de Morzan.

Murtagh, no entanto, reprovou os feitos de seu pai e deixou a proteção de Galbatorix em busca do seu próprio destino. Ele mostra a Eragon uma enorme cicatriz que traz nas costas, infligida quando Morzan o atingiu com sua espada, Zar'roc, quando ele ainda era apenas uma criança. Desse modo, Eragon descobre que sua espada já pertenceu ao pai de Murtagh, aquele que traiu os Cavaleiros em nome de Galbatorix e matou vários dos seus

antigos camaradas.

Pouco antes de serem dominados pelos Urgals, Eragon e seus amigos são salvos pelos Varden, que parecem ter saído de dentro da própria pedra. O fato é que os rebeldes estão baseados em Farthen dūr, uma montanha oca com dezesseis mil metros de altura e dezesseis quilômetros de base. Ela também sedia a capital dos anões, Tronjheim. Uma vez lá dentro, Eragon é levado até Ajihad, líder dos Varden, enquanto Murtagh é aprisionado devido ao seu parentesco. Ajihad explica muitas coisas para Eragon, entre elas que os Varden, os elfos e os anões tinham feito o seguinte acordo: quando aparecesse um novo Cavaleiro, este seria inicialmente treinado por Brom e depois enviado para os elfos a fim de completar o aprendizado. Eragon, agora, deve decidir se seguirá esse rumo.

Eragon se encontra com o rei dos anões, Hrothgar, e com a filha de Ajihad, Nasuada, ele é testado pelos Gêmeos, dois mágicos calvos e um tanto sórdidos que servem a Ajihad, luta com Arya assim que ela se recupera, e mais uma vez encontra Angela e Solembum, que se juntaram aos Varden. Eragon e Saphira também abençoam um dos bebês órfãos dos Varden.

A estada de Eragon é interrompida pelas notícias de que um exército Urgal se aproxima pelos túneis dos anões. Na batalha que se segue, Eragon é separado de Saphira e forçado a lutar contra Durza sozinho. Muito mais forte do que qualquer ser humano, o Espectro Durza derrota Eragon facilmente, cortando suas costas do ombro até o quadril. Nesse momento, Saphira e Arya destroem o teto da câmara - uma estrela de safira com 18 metros de diâmetro - e distraem o Espectro tempo suficiente para que Eragon o apunhale no meio do coração. Livre dos encantos de Durza, os Urgals são empurrados de volta para os túneis.

Enquanto Eragon jaz inconsciente depois da batalha, um ser que se identifica como Togira Ikonoka - O Imperfeito Que é Perfeito - o contacta através de telepatia. Ele traz respostas para todas as perguntas de Eragon e o incita a procurá-lo em Ellesméra, onde vivem os elfos.

Quando Eragon desperta, descobre que, apesar dos melhores esforços de Angela, ficou com uma cicatriz imensa, parecida com a de Murtagh. Em total desalento, ele também percebe que só matou Durza por pura sorte e que precisa desesperadamente de mais treinamento.

E no final do Livro Um, Eragon decide que, sim, irá se encontrar com Togira Ikonoka e será instruído por ele. Pois, agora, o Destino de olhos sombrios tece suas tramas rapidamente, a primeira nota ressonante da guerra ecoa pelo reino, e se aproxima rapidamente a hora em que Eragon terá que dar um passo à frente e enfrentar seu único e verdadeiro inimigo: o rei Galbatorix.

UM DESASTRE DUPLO

As canções dos mortos são os lamentos dos vivos. Assim pensou Eragon quando transpôs o corpo de um Urgal desfigurado e retalhado. Enquanto caminhava, o jovem ouvia o carpir das mulheres que removiam os seus amados do solo sangrento e enlameado de Farthen dûr. Atrás dele, Saphira evitava delicadamente os cadáveres, e o azul resplandecente de suas escamas era a única cor na escuridão que preenchia a montanha oca.

Haviam-se passado três dias desde a luta dos Varden e dos anões contra os Urgals pela posse de Tronjheim, a cidade coniforme que fica a cerca de dois mil metros de altura, no interior de Farthen dūr. Porém o resultado da carnificina ainda cobria o campo de batalha. O grande número de corpos espalhados frustrou o propósito de enterrar os mortos. Mais ao longe, uma imensa fogueira ardia, em silêncio, ao lado da muralha de Farthen dūr, onde os Urgals eram incinerados. Nada de enterro ou sepulturas honradas para eles.

Ao acordar e perceber que Angela curara seu ferimento, Eragon tentou por três vezes ajudar no esforço de recuperação. Em cada uma dessas ocasiões, fora atormentado por dores terríveis que pareciam explodir de sua espinha. Os curandeiros lhe deram várias poções para beber. Arya e Angela disseram que ele estava perfeitamente são. Contudo, sofria. Saphira também não podia ajudar, apenas partilhar a dor ressonante através do elo mental existente entre eles.

Eragon passou a mão no rosto e ergueu os olhos para as estrelas visíveis acima do distante cume de Farthen dūr, as quais tinham sua imagem borrada devido à fumaça fuliginosa que emanava da pira funerária. *Três dias.* Três dias desde que matara Durza, três dias desde que as pessoas começaram a chamá-lo de Matador de Espectros, três dias desde que o restante da consciência do feiticeiro devastara sua mente e ele fora salvo pelo misterioso Togira Ikonoka, o Imperfeito Que é Perfeito. Ele não falara para ninguém sobre tal visão a não ser para Saphira. Lutar contra Durza e os espíritos das trevas que o controlavam havia transformado Eragon, embora ele, inevitavelmente, ainda estivesse inseguro. Sentia-se frágil, como se um choque inesperado fosse despedaçar seu corpo e consciência reconstruídos.

E agora ele estava de volta ao local do combate, movido por um desejo mórbido de ver qual havia sido seu resultado. Ao chegar, não encontrou nada além da incômoda presença da morte e da deterioração, não a glória que as canções heróicas o levaram a esperar.

Meses atrás, antes de seu tio Garrow ter sido assassinado pelos Ra'zac, a brutalidade testemunhada por Eragon entre humanos, anões e Urgals o teria destruído. Agora ela o entorpecia. Percebera, com a ajuda de Saphira, que a única maneira de manter a sanidade em meio a tanta dor era

fazer coisas. Além disso, ele não acreditava mais que a vida possuísse um significado inerente - não depois de ter visto homens sendo dilacerados pelos Kull, uma raça de Urgals gigantes, e o solo transformado em leito de membros arrancados e a terra tão molhada de sangue que encharcava as solas de suas botas. Se havia alguma honra na guerra, concluiu, era em lutar para proteger os outros de injustiças.

Eragon agachou-se e pegou no meio da lama um dente, um molar. Balançava-o na palma da mão, enquanto circulava lentamente com Saphira pela planície devastada. Pararam em sua margem quando notaram Jörmundur - o subcomandante de Ajihad entre os Varden -, que vinha de Tronjheim, correndo em sua direção. Quando se aproximou, Jörmundur se curvou, um gesto que jamais teria feito alguns dias antes.

- Fico feliz por tê-lo encontrado a tempo, Eragon. - Ele segurava um rolo de pergaminho numa das mãos. - Ajihad está retornando e quer a sua presença quando voltar. Os outros já estão aguardando por ele no portão oeste de Tronjheim. Teremos de nos apressar para chegar lá a tempo.

Eragon assentiu e seguiu em direção ao portão, mantendo uma de suas mãos em Saphira. Ajihad andara sumido durante a maior parte dos três últimos dias, caçando Urgals que conseguiram escapar pelo conjunto de pequenos túneis perfurados pelos anões abaixo das Montanhas Beor. Na única vez que Eragon o vira, no intervalo entre as campanhas, Ajihad estava furioso por ter descoberto que sua filha, Nasuada, havia desobedecido as suas ordens de partir junto com as outras mulheres e crianças antes da batalha. Em vez disso, ela lutara secretamente entre os arqueiros dos Varden.

Murtagh e os Gêmeos haviam acompanhado Ajihad: os Gêmeos porque era um trabalho perigoso e o líder dos Varden precisava dos poderes mágicos da dupla para protegê-lo, e Murtagh porque o jovem estava ávido para continuar provando que não nutria nenhuma animosidade em relação aos Varden. Surpreendeu a Eragon o quanto a atitude das pessoas mudou em relação a Murtagh, considerando que seu pai era o Cavaleiro de Dragões Morzan, que havia traído os Cavaleiros em favor de Galbatorix. Muito embora Murtagh desprezasse o pai e fosse leal a Eragon, os Varden não confiavam nele. Mas agora ninguém estava disposto a desperdiçar energia com um ódio insignificante quando ainda restava tanto trabalho a fazer. Eragon sentia falta

de conversar com Murtagh e não via a hora de poder discutir tudo que havia acontecido, assim que ele retornasse.

Enquanto Eragon e Saphira contornavam Tronjheim, um pequeno grupo tornou-se visível sob um feixe de luzes de lanternas, diante do portão de madeira. Entre eles estavam Orík - o anão andava impaciente de um lado para o outro com suas pernas robustas - e Arya. A bandagem branca em volta da parte de cima do seu braço brilhava na escuridão, refletindo algo levemente iluminado sob o seu cabelo. Eragon sentiu uma palpitação estranha, como sempre acontecia quando via a elfa. Ela olhou para ele e Saphira, com os olhos verdes reluzindo, e depois continuou a esperar por Ajihad.

Ao quebrar Isidar Mithrim - a grande estrela de safira de 18 metros de diâmetro e esculpida no formato de uma rosa -, Arya permitira que Eragon matasse o Espectro e com isso vencesse a batalha. Ainda assim, os anões estavam furiosos por ela ter destruído seu tesouro mais precioso. Eles se recusaram a mover os estilhaços da safira, deixando-os num enorme círculo dentro da câmara central de Tronjheim. Eragon andara no meio dos destroços fragmentados e partilhou com os anões da tristeza pela beleza perdida.

Ele e Saphira pararam próximos a Orík e contemplaram a terra vazia que cercava Tronjheim e se estendia até a base de Farthen dŭr, oito quilômetros para cada direção.

- De onde virá Ajihad? - perguntou Eragon.

Orík apontou para um feixe de lanternas presas em volta de um túnel largo que se estendia por três quilômetros.

- Ele deve chegar aqui a qualquer momento.

Eragon esperou pacientemente junto com os outros, respondendo a comentários a ele dirigidos, mas preferindo falar com Saphira na paz de sua mente. A tranquilidade que se espalhara por Farthen dŭr lhe convinha.

Meia hora havia se passado antes que se percebesse algum movimento no túnel ao longe. Um grupo de dez homens saiu de dentro de um buraco no chão para depois se virar e ajudar o máximo de anões a subir.

Um dos homens - Eragon supôs que se tratasse de Ajihad - ergueu uma das mãos, e os guerreiros se reuniram atrás dele, formando duas linhas retas. Assim que foi dado um sinal, a formação marchou confiante em direção a Tronjheim.

Antes de andarem mais do que cinco metros, o túnel que havia ficado para trás foi acometido de um inesperado alvoroço quando mais vultos pularam para fora. Eragon estreitou os olhos, incapaz de enxergar direito por causa da distância.

São Urgals!, exclamou Saphira, e seu rosto ficou tenso como uma corda de arco puxada.

Eragon não a questionou.

- Urgals! - gritou e pulou sobre Saphira, repreendendo-se severamente por ter deixado sua espada, Zar'roc, no quarto. Ninguém esperava um ataque depois que o exército dos Urgals havia sido expulso.

Seu ferimento doía enquanto Saphira erguia suas asas azul-celestes, para depois baixá-las e saltar para a frente, ganhando velocidade e altitude a cada segundo. Debaixo deles, Arya corria em direção ao túnel, quase na mesma velocidade que Saphira. Orik a seguia junto com alguns homens, ao passo que Jörmundur voltava correndo para o quartel.

Eragon foi forçado a assistir, impotente, os Urgals se lançarem sobre a retaguarda da tropa de Ajihad, ele não tinha como recorrer à magia daquela distância. Os monstros tinham a vantagem da surpresa e rapidamente derrubaram quatro homens, forçando o resto dos guerreiros, homens e anões, a se agruparem em volta de Ajihad, na tentativa de protegê-lo. Espadas e machados se chocavam enquanto os grupos se comprimiam. Uma luz foi lançada por um dos gêmeos e um Urgal caiu, segurando o coto do seu braço cortado.

Por um instante, parecia que os defensores teriam como resistir aos Urgals, mas de repente uma espiral em movimento embaçou o ar, como se um tênue anel de névoa tivesse envolvido os combatentes. Quando clareou, só havia quatro guerreiros de pé: Ajihad, os Gêmeos e Murtagh. Os Urgals convergiram sobre eles, bloqueando a visão de Eragon que olhava fixamente, com horror e medo crescentes.

Não! Não! Não!

Antes que Saphira pudesse chegar ao meio da contenda, os Urgals voltaram correndo para o túnel e se arrastaram rumo ao subsolo, deixando para trás apenas corpos curvados.

No momento em que Saphira pousou, Eragon saltou correndo, mas

em seguida hesitou, dominado pela raiva e pela dor. *Não posso fazer isso.* Aquilo o lembrou muito de quando voltara para a fazenda e vira seu tio Garrow morrendo. Lutando contra o medo a cada passo, ele começou a procurar os sobreviventes.

O local possuía uma semelhança sinistra com o campo de batalha inspecionado anteriormente por ele, exceto pelo fato de que ali o sangue era fresco.

No meio do massacre encontrava-se Ajihad, cujo peito estava esfaqueado por inúmeros cortes, cercado pelos cinco Urgals que ele havia assassinado. Sua respiração silenciosa vinha em fracos espasmos. Eragon ajoelhou ao seu lado e inclinou o rosto para que suas lágrimas não caíssem sobre o peito dilacerado do líder. Ninguém poderia curar tais ferimentos. Arya correu em sua direção, mas desistiu e parou, enquanto seu rosto transformava-se com o pesar, ao perceber que Ajihad não poderia ser salvo.

- Eragon. - O nome escapou dos lábios de Ajihad... não mais que um sussurro.

- Sim, estou aqui.

- Ouça-me, Eragon... Tenho uma última ordem para lhe dar. - O rapaz se inclinou mais para perto no intuito de captar as palavras do homem agonizante. - Você tem de me prometer uma coisa: prometa que... não vai deixar o caos se espalhar entre os Varden. Eles são a única esperança de resistência contra o Império... Eles devem continuar a ser fortes. Você precisa me prometer.

- Eu prometo.

- Que a paz esteja com você então, Eragon Matador de Espectros... - Com um último suspiro, Ajihad fechou os olhos, seu rosto nobre assumindo uma expressão tranqüila, e morreu.

Eragon inclinou a cabeça. Um nó na garganta, apertado a ponto de doer, dificultava a sua respiração. Arya abençoou Ajihad com um murmúrio na língua antiga, e depois falou com sua voz musical:

- Meu Deus, sua morte será motivo de muita discórdia. Ele tem razão, você deve fazer tudo que puder para evitar uma luta pelo poder. Eu o ajudarei no que for possível.

Sem vontade de falar, Eragon olhou fixamente para o resto dos

corpos. Daria qualquer coisa para estar em outro lugar. Saphira farejou um dos Urgals e disse: *Isso não devia ter acontecido. É uma verdadeira desgraça, a pior coisa que poderia ter ocorrido quando devíamos estar seguros e nos sentindo vitoriosos.* Ela examinou outro corpo e depois virou a cabeça para o lado. *Onde estão os Gêmeos e Murtagh? Eles não estão entre os mortos.*

Eragon examinou cuidadosamente os cadáveres. *Você tem razão!* Um ligeiro entusiasmo brotou em seu íntimo enquanto corria para a boca do túnel. Lá, poças de sangue espesso cobriam os buracos dos degraus de mármore gasto, parecendo montes de espelhos escuros, brilhantes e ovais, como se vários corpos dilacerados tivessem sido arrastados sobre eles. *Os Urgals devem tê-los capturado! Mas por quê? Eles não mantêm prisioneiros ou reféns.* O desespero voltou instantaneamente. *Não importa. Não podemos procurá-los sem reforços, você nem mesmo passaria pela abertura.*

Eles ainda podem estar vivos. Você os abandonaria?

O que você espera que eu faça? Os túneis dos anões são um labirinto interminável! Eu simplesmente me perderia. E não conseguiria pegar Urgals andando, embora Arya pudesse fazê-lo.

Então peça a ela.

Arya! Eragon hesitou, dividido entre seu desejo de agir e sua aversão à possibilidade de colocá-la em perigo. Contudo, se havia uma pessoa entre os Varden capaz de enfrentar os Urgals, era ela. Com um suspiro, ele relatou o que os dois haviam encontrado.

As sobancelhas oblíquas de Arya se franziram.

- Isso não faz sentido.

- Você sairá em seu encalço?

Ela o encarou longa e intensamente.

Wiol ono. *Por você.* - Em seguida ela deu um salto à frente, com a espada brilhando em sua mão enquanto mergulhava no ventre da terra.

Ardendo de frustração, Eragon se acomodou, de pernas cruzadas, perto de Ajihad, velando o seu corpo. Ele mal podia assimilar o fato de que o líder dos Varden estava morto e Murtagh havia desaparecido. *Murtagh.* Filho de um dos Renegados - os treze cavaleiros que ajudaram Galbatorix a destruir sua ordem e consagrá-lo rei da Alagaësia - e amigo de Eragon. Houve momentos em que Eragon quis que Murtagh partisse, mas agora que havia sido levado à força, a perda deixou uma lacuna inesperada. Ele ficou sentado

e imóvel enquanto Orik se aproximava com os homens.

Quando viu Ajihad, Orik bateu com o pé no chão e praguejou na língua dos anões, golpeando com seu machado o corpo de um Urgal. Os homens ficaram simplesmente paralisados, em choque. Esfregando um punhado de lama entre suas mãos calejadas, o anão resmungou:

- Ah, agora mexeram em casa de marimbondo, não teremos paz entre os Varden depois disso. *Barzûl*, mas isso torna as coisas complicadas. Você chegou a tempo de ouvir as suas últimas palavras?

Eragon olhou para Saphira.

- Terão que esperar a pessoa certa chegar para que eu as repita.

- Entendo. E onde está Arya? Eragon apontou o dedo.

Orik praguejou novamente, para depois balançar a cabeça e sentar sobre os calcanhares.

Jörmundur chegou logo depois com doze fileiras de seis guerreiros. Acenou para que esperassem fora da área onde estavam os corpos enquanto ele seguia sozinho. Ele se curvou e tocou o ombro de Ajihad.

- Como é que o destino pode ser tão cruel, meu velho amigo? Eu teria chegado aqui antes se não fosse o tamanho dessa montanha amaldiçoada, e então você teria sido salvo. Em vez disso, estamos feridos no auge do nosso triunfo.

Eragon cautelosamente lhe contou sobre Arya, o desaparecimento dos Gêmeos e de Murtagh.

- Ela não devia ter partido - disse Jörmundur, reerguendo-se -, mas agora não podemos fazer nada. Guardas ficarão aqui postados, mas demorará pelo menos mais uma hora até que encontremos guias anões para uma outra expedição pelos túneis.

- Estaria disposto a liderá-la - ofereceu-se Orik.

Jörmundur virou-se para trás, em direção a Tronjheim, com o olhar distante.

- Não, Hrothgar vai precisar de você agora, teremos de encontrar outra pessoa. Lamento, Eragon, mas todos que são importantes *devem* permanecer por aqui até o sucessor de Ajihad ser escolhido. Arya terá que se virar... De qualquer maneira, não poderíamos alcançá-la.

Eragon acenou positivamente, aceitando o inevitável. Jörmundur

olhou em volta antes de falar para que todos pudessem ouvir.

- Ajihad morreu como um guerreiro! Vejam, ele matou cinco Urgals enquanto um homem menos valoroso teria sido subjugado por apenas um. Vamos lhe render todas as honras e esperar que seu espírito deixe os deuses felizes. Levem-no e os nossos camaradas de volta para Tronjheim sobre seus escudos... e não se envergonhem de permitir que suas lágrimas sejam vistas, pois este é um dia de tristeza do qual todos irão se lembrar. Que logo possamos ter o privilégio de atravessar com as nossas espadas os monstros que assassinaram o nosso líder!

Como se fossem um só, os guerreiros se ajoelharam, retirando seus capacetes em honra a Ajihad. Depois ficaram de pé e reverentemente o ergueram sobre os seus escudos, para que o líder ficasse deitado entre os seus ombros. Muitos dos Varden já estavam em prantos e suas lágrimas corriam por suas barbas, contudo honraram seu dever e cuidavam a todo momento para não deixar Ajihad cair. Com passos solenes, marcharam de volta para Tronjheim, Saphira e Eragon estavam no meio da procissão.

O CONSELHO DE ANCIÃOS

Eragon despertou e rolou para a beirada da cama, olhando em volta o quarto iluminado pelo brilho opaco da lanterna. Ele se sentou e ficou observando Saphira dormir. Os músculos de seus flancos se expandiam e se contraíam à medida que os grandes foles de seus pulmões forçavam a saída do ar pelas narinas escamosas. Eragon pensou no calor infernal que ela agora podia invocar à vontade e projetar do estômago para fora em meio a rugidos. Era espetacular poder ver chamas, quentes o suficiente para derreter metal, passando pela sua língua e seus dentes de marfim sem feri-los. Desde a primeira vez em que exalou fogo durante a luta dele contra o Espectro - ao mergulhar do topo de Tronjheim em direção aos dois -, Saphira vinha estando insuportavelmente orgulhosa de sua nova habilidade. Ela soltava, constantemente, ligeiros jatos de fogo e aproveitava qualquer oportunidade para incendiar objetos.

Pelo fato de Isidar Mithrim estar destruída, Eragon e Saphira não

tiveram mais como permanecer no abrigo para dragões que ficava acima da estrela de safira. Os anões lhes deram alojamentos numa antiga sala de guarda no nível mais baixo de Tronjheim. Era um quarto amplo, mas com teto baixo e paredes escuras.

A angústia se apoderou de Eragon ao lembrar-se dos acontecimentos do dia anterior. Lágrimas encheram os seus olhos, derramando-se sobre seu rosto. Ele aparou uma delas e cercou-a em sua mão. Não tiveram nenhuma notícia de Arya até tarde da noite, quando emergiu do túnel, esgotada e com os pés feridos. Apesar de seus maiores esforços - e de toda a sua magia -, os Urgals haviam escapado.

- Encontrei isso aqui - disse ela. E depois mostrou um dos mantos cor de violeta dos Gêmeos, rasgado e ensangüentado, e a túnica e as manoplas de couro de Murtagh. - Estavam espalhados ao longo da beirada de uma fenda escura, cujo fundo nenhum túnel poderia alcançar. Os Urgals devem ter roubado as armaduras e as armas e jogado os corpos dentro da fenda. Tentei me valer da cristalomancia para descobrir o paradeiro de Murtagh e dos Gêmeos e não vi nada além das sombras do precipício. - Seus olhos encontraram os de Eragon. - Lamento, mas eles sumiram.

Agora, nos confins de sua mente, Eragon sofria por Murtagh. Era um sentimento terrível e crescente de perda e pavor, piorado pelo fato de que ele havia se familiarizado ainda mais com tal sensação ao longo dos últimos meses.

Enquanto contemplava a lágrima em sua mão - um pequeno domo resplandecente -, Eragon decidiu procurar sozinho no cristal os três homens. Sabia que era uma esperança inútil e desesperada, mas tinha de tentar para se convencer de que Murtagh havia realmente partido. Mesmo assim, não tinha certeza se queria ter sucesso onde Arya falhara, se poderia sentir-se melhor vislumbrando Murtagh caído e dilacerado na base de um despenhadeiro abaixo de Farthen dûr.

Ele sussurrou:

- Draumr kópa. - A escuridão envolveu o líquido, transformando-o num pequeno ponto escuro na palma de sua mão prateada. Este começou a se mexer e tremeluzir, imitando o sibilar de um pássaro que cruzava uma lua nublada... e depois nada.

Outra lágrima se juntou à primeira.

Eragon respirou fundo, inclinou-se para trás, e deixou que a calma se instalasse nele. Desde que começou a se recuperar do ferimento que lhe foi infligido pelo Espectro, reconhecera - com toda a humildade que lhe cabia - que só havia vencido por pura sorte. *Se um dia eu chegar a enfrentar outro Espectro, ou os Ra'zac, ou Galbatorix, terei de ser mais forte se quiser vencer. Brom poderia ter me ensinado mais, sei que poderia. Mas, sem ele, só tenho uma opção: os elfos.*

A respiração de Saphira acelerou e ela abriu os olhos, bocejando largamente. *Bom dia, pequenino.*

Será mesmo? Ele olhou para baixo e se inclinou sobre suas mãos, comprimindo o colchão. *É terrível... Murtagh e Ajihad... Por que as sentinelas dos túneis não nos avisaram dos Urgals? Eles não conseguiriam rastrear o grupo de Ajihad sem serem notados... Arya tinha razão, isso não faz sentido.*

Pode ser que nunca venhamos saber a verdade, disse Saphira delicadamente. Ela se levantou, e as asas roçaram no teto. *Você precisa comer, depois temos de descobrir o que os Varden estão planejando. Não podemos perder tempo, um novo líder pode ser escolhido em questão de horas.*

Eragon concordou, pensando em como eles haviam deixado todos ontem: Orik saíra em disparada para contar as novidades ao rei Hrothgar, Jörmundur levava o corpo de Ajihad para um lugar onde ficaria até o funeral, e Arya, que ficara sozinha observando o que acontecia.

Eragon se levantou, amarrou Zar'roc e seu arco, para depois se curvar e erguer a sela de Fogo na Neve. Uma dor pungente se espalhou pelo seu tronco, fazendo-o ir ao chão, se contorcer e se arrastar. Parecia que o jovem estava sendo cortado ao meio. Saphira urrou quando a sensação dilacerante a invadiu. Ela tentou acalmá-lo com sua própria mente, mas não tinha condições de aliviar o seu sofrimento. Sua cauda se levantou instintivamente, como se estivesse pronta para a luta.

Levou minutos para que os espasmos diminuíssem de intensidade e a última palpitação desaparecesse, deixando Eragon ofegante. O suor molhou o seu rosto, deixando seu cabelo espetado e seus olhos vidrados. Ele colocou a mão nas costas e alisou cuidadosamente o topo de sua cicatriz. Estava quente, esbraseada e sensível ao toque. Saphira abaixou o nariz e tocou no braço do jovem. *Oh, pequenino...*

Foi pior desta vez, disse ele, enquanto se erguia, cambaleando. Ela deixou que Eragon se apoiasse em seu corpo para enxugar o suor com um pano, depois ele tentou uns passos rumo à porta.

Você tem força suficiente para prosseguir?

Precisamos ter. Somos obrigados, como dragão e Cavaleiro, afazer uma escolha pública do próximo líder dos Varden, e talvez até influenciar na seleção. Não vou ignorar a força da nossa posição, nós agora exercemos uma grande autoridade sobre os Varden. Pelo menos os Gêmeos não estão aqui para se apoderar desta posição. Esse é o único lado bom da situação.

Muito bem, mas Durza teria que sofrer mil anos de tortura pelo que fez a você.

Ele grunhiu. Apenas fique perto de mim.

Juntos, os dois seguiram por Tronjheim, em direção à cozinha mais próxima. Nos corredores e nos saguões, as pessoas paravam para se curvar perante ambos, murmurando "Argetlam" ou "Matador de Espectros". Até os anões faziam reverências, mas não com tanta frequência. Eragon comoveu-se com as expressões melancólicas dos humanos e com as roupas escuras que usavam para expressar sua tristeza. Muitas mulheres vestiam preto dos pés à cabeça, com véus de renda cobrindo seus rostos.

Na cozinha, Eragon pegou um alguidar com alimentos e o levou até uma mesa baixa. Saphira ficou observando-o atentamente para o caso de ele ter um outro ataque. Várias pessoas tentaram se aproximar do Cavaleiro, mas ela levantava o lábio e rosnava, fazendo-as fugir apressadas. Eragon ciscou a comida e fingiu ignorar o transtorno. Finalmente, para tentar desviar seus pensamentos de Murtagh, ele perguntou: *Quem você acha que teria condições de assumir o controle dos Varden agora que Ajihad e os Gêmeos se foram?*

Ela hesitou. É possível que você tenha, caso as últimas palavras de Ajihad sejam interpretadas como uma benção para assegurar a liderança. Quase ninguém iria se opor a você. No entanto, esse não me parece um sábio caminho a trilhar. Só vejo problemas nessa direção.

Concordo. Além do mais, Arya não aprovaria e poderia ser uma inimiga perigosa. Elfos não conseguem mentir na língua antiga, mas não possuem tal inibição quando usam a nossa - ela poderia negar que Ajihad chegou a proferir tais palavras se isso servisse aos seus propósitos. Não, não quero essa posição... E quanto a Jörmundur?

Ajihad o chamava de seu braço direito. Infelizmente, sabemos quase nada sobre ele ou os outros líderes dos Varden. Passou-se pouco tempo desde que viemos para cá. Teremos de fazer um julgamento baseado em nossos sentimentos e impressões, sem a vantagem de conhecer o contexto histórico.

Eragon empurrou seu peixe para o lado junto com o purê de tubérculos. *Não se esqueça de Hrothgar e dos clãs de anões, eles não ficarão omissos nesse processo. Exceto Arya, os elfos não têm qualquer influência na sucessão -uma decisão será tomada antes mesmo de a notícia alcançá-los. Mas os anões não podem nem serão ignorados. Hrothgar apóia os Varden, mas se uma quantidade suficiente de clãs lhe fizer oposição, ele poderá ser manobrado a favorecer alguém inadequado para o comando.*

E quem poderia ser?

Uma pessoa facilmente manipulável. Ele fechou os olhos e se inclinou para trás. Poderia ser qualquer um em Farthen dūr, simplesmente qualquer um.

Durante algum tempo trocaram considerações sobre as questões com as quais se confrontavam. De repente Saphira disse: *Eragon, há alguém aqui que deseja vê-lo. Não posso afugentá-lo.*

Hã? Seus olhos se abriram num estalo e ficaram piscando até se acostumarem à luz. Um jovem pálido estava em pé, ao lado da mesa, olhando Saphira como se temesse ser devorado a qualquer momento.

- O que foi? - perguntou Eragon sem ser rude.

O garoto começou a falar, se confundiu e depois fez uma reverência.

- Você foi convocado, Argetlam, para falar perante o Conselho de Anciãos.

- Quem são eles?

A pergunta deixou o rapaz ainda mais confuso.

- O... O Conselho é... são... pessoas que nós... quer dizer, os Varden... escolheram para falar em nome de Ajihad. Foram seus conselheiros de confiança e agora querem vê-lo. É uma grande honra! - finalizou com um rápido sorriso.

- Você me levará até eles?

- Sim.

Saphira olhou para Eragon com um ar indagador. Ele encolheu os ombros e deixou a comida intacta no prato, sinalizando ao jovem que lhe

indicasse o caminho. Enquanto caminhavam, o garoto admirava Zar'roc com os olhos radiantes, mas depois baixou o olhar timidamente.

- Como você se chama? - perguntou Eragon. -Jarsha, senhor.

- Bom nome. Você levou bem a sua mensagem, devia estar orgulhoso. - Jarsha sorriu e acelerou o passo.

Os dois alcançaram uma porta de pedra convexa, Jarsha a abriu. O salão era circular, a cúpula era azul da cor do céu, decorada com constelações. No centro da câmara, uma mesa de mármore redonda ostentava um timbre do clã Ingeitum marchetado - um martelo em posição vertical circundado por doze estrelas. Sentados ali estavam Jörmundur e mais dois homens, um alto e um outro corpulento, uma mulher com lábios comprimidos, olhos muito próximos e bochechas meticulosamente pintadas, e uma segunda mulher com grande parte do cabelo grisalho cobrindo-lhe um rosto matronal que contrastava com o cabo de uma adaga que aflorava de dentro das vastas protuberâncias do seu corpete.

- Você pode ir - disse Jörmundur dirigindo-se a Jarsha, que rapidamente fez uma reverência e saiu.

Consciente de que estava sendo observado, Eragon vasculhou o salão e depois se sentou no meio de uma fileira de cadeiras vazias, para que os membros do Conselho fossem forçados a se virar em seus assentos para olhá-lo de frente. Saphira se acorou logo atrás dele. O jovem podia sentir a respiração quente do dragão no topo de sua cabeça.

Jörmundur curvou-se ligeiramente em reverência e depois voltou a se sentar.

- Obrigado por ter vindo, Eragon, muito embora você tenha sofrido as suas próprias perdas. Estes são Umérth - o homem alto, - Falberd - o corpulento, - Sabrae e Elessari - as duas mulheres.

Eragon inclinou a cabeça e depois perguntou:

- E os Gêmeos, eles faziam parte deste Conselho?

Sabrae balançou negativamente a cabeça na mesma hora e bateu com sua longa unha em cima da mesa.

- Eles não tinham nada a ver conosco. Eram repugnantes... pior do que repugnantes... sanguessugas que só trabalhavam em benefício próprio. Não desejavam servir aos Varden. Assim sendo, não tinham lugar neste

Conselho. - Eragon podia sentir o perfume dela vindo lá do outro lado da mesa, era denso e oleoso, como uma flor apodrecendo. Ele sorriu em segredo ao pensar nisso.

- Basta. Não estamos aqui para falar dos Gêmeos - disse Jörmundur. - Estamos enfrentando uma crise que deve ser sanada rapidamente e de forma eficaz. Se não escolhermos o sucessor de Ajihad, alguém o fará. Hrothgar já nos contatou para oferecer suas condolências. Embora tenha sido mais do que cortês, ele com certeza estava elaborando os seus planos ao mesmo tempo em que conversávamos. Também temos que considerar os Du Vrangr Gata, os usuários de magia. A maior parte deles é leal aos Varden, mas é difícil prever suas ações, mesmo na melhor das hipóteses. Eles podem decidir se opor à nossa autoridade em benefício próprio. É por isso que precisamos da sua ajuda, Eragon, para fornecer a legitimidade necessária para qualquer um que assuma o lugar de Ajihad.

Falberd se ergueu, apoiando suas mãos carnudas na mesa.

- Nós cinco já decidimos quem iremos apoiar. Não temos dúvidas de quem é a melhor pessoa. Mas - ele fez uma pausa para levantar um dedo grosso - antes de revelarmos o seu nome, você deve nos dar a sua palavra de honra de que, concordando ou não conosco, nada relativo a nossa conversa sairá deste salão.

Por que eles iriam querer isso?, perguntou Eragon para Saphira.

Não sei, disse ela, bufando. *Pode ser uma armadilha... E uma aposta que você terá de fazer. Lembre-se, no entanto, de que eles não me pediram para prometer nada. Poderei contar para Arya o que eles conversaram, caso seja necessário. Tolos são eles ao se esquecerem que eu sou tão inteligente quanto qualquer ser humano.*

Satisfeito com tal pensamento, Eragon disse:

- Muito bem, vocês têm a minha palavra. E então, quem vocês querem que lidere os Varden?

- Nasuada.

Eragon ficou desconcertado pela surpresa da indicação, mas pensou rápido. Ele não cogitara o nome de Nasuada para a sucessão por conta de sua juventude - ela era mais velha do que ele apenas alguns anos. Claro, não havia uma razão para que não fosse a líder, mas por que o Conselho de

Anciãos iria querê-la? Que vantagens teriam? Ele se lembrou do conselho de Brom e tentou analisar todos os ângulos da questão, sabendo que teria de tomar uma decisão rapidamente.

Nasuada tem aço dentro de si, observou Saphira. *Ela seria como o pai. Talvez, mas quais seriam os motivos para escolhê-la?* Para ganhar tempo, Eragon fez uma pergunta:

- Por que não você, Jörmundur? Ajihad dizia que você era o seu braço direito. Isso não é um indício de que você deveria tomar o seu lugar agora que ele se foi?

Uma certa intranquilidade se espalhou pelo Conselho: Sabrae se ajeitou ainda mais na cadeira com as mãos fechadas a sua frente, Umérth e Falberd olhavam um para o outro de um jeito sombrio, ao passo que Elessari simplesmente sorria, sacolejando o cabo de sua adaga em seu peito.

- Porque na época - respondeu Jörmundur, escolhendo cuidadosamente as palavras - Ajihad referia-se apenas a questões militares. Além do mais, sou membro deste Conselho, que só tem poder porque apoiamos um ao outro. Seria insensato e perigoso que um de nós ficasse acima do resto. - O Conselho relaxou assim que ele terminou de falar, e depois Elessari bateu no antebraço de Jörmundur.

Ah!, exclamou Saphira. *Ele provavelmente teria tomado o poder se fosse possível obrigar os outros a apoiá-lo. Veja só como eles o contemplam. Ele parece um lobo no meio deles.*

Um lobo no meio de um bando de chacais, talvez.

- Será que Nasuada possui experiência suficiente? - perguntou Eragon.

Elessari se apoiou na beirada da mesa enquanto se inclinava para frente.

- Eu já estava aqui há sete anos quando Ajihad se uniu aos Varden. Vi Nasuada crescer, de menina querida até a mulher que é hoje. De vez em quando ela é um pouco imprudente, mas é um bom nome para liderar os Varden. O povo irá amá-la. Agora eu - ela bateu delicadamente no peito - e meus amigos ficaremos aqui para orientá-la durante esses tempos difíceis. Nasuada não ficará sem ninguém para lhe mostrar o caminho. A inexperiência não deve ser barreira para que ocupe sua posição de direito.

A sensatez se apossou de Eragon. *Eles querem uma marionete!*

- O funeral de Ajihad acontecerá daqui a dois dias - interrompeu Umérth. - Estamos planejando indicar Nasuada logo depois como nossa nova líder. Ainda temos que saber se ela aceita, mas com certeza sua resposta será positiva. Queremos que você esteja presente à indicação e que jure lealdade aos Varden. Ninguém, nem mesmo Hrothgar, poderá reclamar depois. Isso devolverá a confiança que a morte de Ajihad roubou das pessoas e evitará que alguém tente criar uma dissidência nesta organização.

Lealdade!

Saphira tocou rapidamente a mente de Eragon. *Note bem, eles não querem que você preste juramento a Nasuada, só aos Varden.*

Sim, e eles querem ser aqueles que designarão Nasuada, o que seria um indício de que o Conselho tem mais poder do que ela. Poderiam ter pedido a Arya ou a nós que a designassem, mas isso significaria o reconhecimento de que qualquer um que o fizesse estaria acima dos Varden. Desta maneira, eles reivindicam sua superioridade perante Nasuada, passam a nos controlar através da fidelidade, e ainda se beneficiam de ter um Cavaleiro endossando Nasuada em público.

- O que vai acontecer - perguntou ele - se eu decidir não aceitar a sua oferta?

- Oferta? - perguntou Falberd, aparentemente intrigado. - Ora, nada, é claro. Apenas seria um gesto de extremo desprezo você não estar presente quando Nasuada for escolhida. Se o herói da batalha de Farthen Dûr a ignorar, o que ela poderá pensar a não ser que um Cavaleiro a ofendeu e considerou os Varden indignos para receberem seus préstimos? Quem toleraria tamanha vergonha?

A mensagem não poderia ser mais clara. Eragon agarrou o punho de Zar'roc debaixo da mesa, ansiando por gritar que era desnecessário forçá-lo a apoiar os Varden, que o faria de qualquer maneira. Agora, no entanto, ele instintivamente queria se rebelar, se livrar das algemas que pretendiam colocar em seus pulsos.

- Pelo alto conceito que se tem dos Cavaleiros, eu poderia concluir que meus esforços seriam mais bem gastos liderando os Varden por conta própria.

Os ânimos se acirraram.

- Isso não seria inteligente da sua parte - afirmou Sabrae. Eragon vasculhou sua mente à procura de uma maneira de escapar da situação. *Sem Ajihad, disse Saphira, pode ser impossível se manter independente de qualquer grupo, como ele queria que nós fizéssemos. Não podemos deixar os Varden furiosos, e se este Conselho é para controlá-los assim que Nasuada assumir o seu posto, então devemos nos sujeitar ao seu comando. Lembre-se, eles agem com tão pouco sentido de autopreservação quanto nós.*

Mas o que eles irão querer de nós uma vez que estivermos sob seu controle? Será que respeitarão o pacto dos Varden com os elfos e nos mandarão para Ellesméra para treinamento, ou tomarão outra decisão? Jörmundur me parece um homem honrado, mas e quanto ao resto do Conselho? Não dá para dizer.

Saphira afagou o topo da cabeça de Eragon com a mandíbula. *Concorde em participar da cerimônia com Nasuada, isso eu acho que devemos fazer. Quanto a jurar lealdade, veja se tem como evitar se sujeitar a isso. Talvez algo ocorra entre o agora e o depois que possa mudar a nossa posição... Arya pode ter uma solução.*

Sem avisar, Eragon acenou com a cabeça e disse:

- Como vocês quiserem, comparecerei à nomeação de Nasuada. Jörmundur parecia aliviado.

- Bom, bom. Então só temos de lidar com uma questão antes de você partir: a aceitação de Nasuada. Não há razões para prolongarmos mais isso, com todos nós aqui. Vou mandar alguém chamá-la imediatamente. E chamarei Arya também. Precisamos da aprovação dos elfos antes de tornar a decisão pública. Isso não deve ser difícil de conseguir. Arya não pode ir contra este Conselho e você, Eragon. Ela terá de concordar com o nosso julgamento.

- Espere - ordenou Elessari, com um brilho frio nos olhos. - Queremos a sua palavra, Cavaleiro. Você a dará com lealdade na cerimônia?

- Sim, você deve fazer isso - concordou Falberd. - Os Varden estariam desgraçados se não pudéssemos garantir-lhes a sua total proteção. *Bela maneira de dizer isso!*

Foi um teste, disse Saphira. Acho que agora você não tem escolha.

Eles não ousariam nos ameaçar se eu me recusasse.

Não, mas eles poderiam nos causar uma mágoa sem fim. Não é para o meu próprio bem que eu digo que aceite, mas para o seu. Há muitos perigos

dos quais eu não posso protegê-lo, Eragon. Com Galbatorix contra nós, você precisa de aliados, não de inimigos, a seu redor. Não temos como lutar contra o Império e os Varden ao mesmo tempo.

- Eu a darei - disse Eragon finalmente. Em volta da mesa, houve sinais de relaxamento, até mesmo um suspiro abafado de Umérth.

Eles estão com medo de nós!

Deviam mesmo estar, atacou Saphira.

Jörmundur chamou Jarsha e com algumas palavras mandou o garoto atrás de Nasuada e Arya. Enquanto o rapaz se distanciava, a conversa caiu num silêncio desconfortável. Eragon ignorou o Conselho para pensar numa maneira de sair daquele dilema. Nenhuma lhe veio à mente.

Quando a porta se abriu novamente, todos se viraram ansiosos, Primeiro veio Nasuada, com o queixo levantado e o olhar firme. Seu vestido bordado tinha o tom negro mais profundo, mais até do que o de sua pele, quebrado apenas por uma faixa diagonal púrpura e escura, que ia do ombro até o quadril. Atrás dela vinham Arya, cujos passos largos eram tão ágeis e suaves quanto os de um gato, e um Jarsha totalmente intimidado.

O garoto foi dispensado e depois Jörmundur puxou uma cadeira para que Nasuada se sentasse. Eragon se apressou em fazer o mesmo para Arya, mas ela ignorou a cadeira que lhe foi oferecida e manteve certa distância da mesa. *Saphira*, disse ele, *deixe que ela saiba de tudo que aconteceu. Tenho a impressão de que o Conselho não lhe dirá que fui forçado a oferecer minha lealdade para os Varden.*

- Arya - reconheceu Jörmundur a presença da elfa com um aceno, voltando-se em seguida em direção a Nasuada. - Nasuada, filha de Ajihad, o Conselho de Anciãos gostaria de oferecer formalmente suas mais profundas condolências pela perda que você, mais do que qualquer um, sofreu... - Num tom de voz mais baixo, ele acrescentou: - Você também tem a nossa solidariedade. Todos nós sabemos o que é ter um membro da família morto pelo Império.

- Obrigada - murmurou Nasuada, baixando seus olhos amendoados. Ela se sentou, tímida e reservada, com um ar de vulnerabilidade que fez Eragon querer confortá-la. Seu comportamento era tragicamente diferente daquele da jovem cheia de energia que os visitara - ele e Saphira - no abrigo

para dragões antes da batalha.

- Embora esta seja a sua hora de luto, há um dilema que você precisa resolver. Este Conselho não pode liderar os Varden. E alguém precisa substituir o seu pai depois do funeral. Gostaríamos que você aceitasse o cargo. Como sua herdeira, o posto dele é seu por direito... os Varden esperam isso de você.

Nasuada curvou a cabeça com um olhar cintilante. A dor estava evidente em sua voz quando ela disse:

- Nunca pensei que seria chamada para ocupar o lugar do meu pai com tão pouca idade. Contudo... se vocês insistem em dizer que esse é o meu dever... Aceitarei a missão.

VERDADE ENTRE AMIGOS

O Conselho de Anciãos sorria triunfante, feliz por Nasuada ter feito o que eles queriam. - Nós insistimos - afirmou Jörmundur - para o seu próprio bem e para o bem dos Varden. - O restante dos anciãos acrescentou expressões de apoio às palavras de Jörmundur, aceitas por Nasuada com sorrisos tristes. Sabrae lançou um olhar furioso sobre Eragon por ele não ter feito o mesmo.

Durante a transição, Eragon ficou observando Arya, esperava qualquer reação às suas notícias ou ao anúncio do Conselho. Nenhuma das revelações fez com que sua expressão inescrutável se alterasse. No entanto, Saphira lhe disse: *Ela quer falar conosco depois.*

Antes que Eragon pudesse responder, Falberd se virou para Arya.

- Será que os elfos concordarão com isso?

Ela encarou Falberd até que este se inquietasse com seu olhar penetrante, e levantou uma sobrancelha.

- Não posso falar pela minha rainha, mas não vejo nada de reprovável nisso. Nasuada tem a minha bênção.

Como ela poderia declarar o contrário, sabendo do que lhe contamos?, pensou Eragon amargamente. *Estamos todos encurralados.*

O comentário de Arya obviamente agradou o Conselho. Nasuada a

agradeceu e fez uma pergunta para Jörmundur.

- Existe mais alguma coisa que precise ser discutida? Estou cansada. Jörmundur balançou a cabeça.

- Faremos todos os preparativos. Prometo que você não será incomodada até o funeral.

- Mais uma vez, obrigado. Vocês poderiam sair agora? Preciso de algum tempo para pensar em como fazer para melhor honrar meu pai e servir aos Varden. Vocês me deram muito sobre o que refletir. - Nasuada estendeu seus dedos delicados sobre o tecido negro no seu colo.

Umérth parecia que ia protestar pelo fato de o Conselho ter sido dispensado, mas Falberd acenou com a mão, silenciando-o.

- Claro, o que quer que lhe deixe em paz. Se você precisar de ajuda, estaremos prontos e dispostos a lhe servir. - Gesticulando para que os demais o acompanhasse, passou por Arya enquanto seguia em direção à porta.

- Eragon, por favor, você poderia ficar?

Surpreso, Eragon sentou-se novamente em sua cadeira, ignorando os olhares alertas dos conselheiros. Falberd demorou-se à porta, subitamente relutante em deixar o recinto, até que lentamente foi saindo. Arya foi a última a sair. Antes de fechar a porta, ela se voltou para Eragon, e seus olhos revelaram uma preocupação e uma apreensão antes ocultas.

Nasuada se sentou um pouco afastada de Eragon e Saphira.

- Então nos encontramos novamente, Cavaleiro. Você não me cumprimentou. Será que eu o ofendi?

- Não, Nasuada, estava relutando em falar por medo de estar sendo rude e tolo. As circunstâncias momentâneas não são adequadas para manifestações precipitadas. - A paranóia de que eles pudessem estar escutando tudo às escondidas não o deixou à vontade. Cruzando uma barreira mental, ele sondou a magia e entoou: - Atra nosu wáise vardo fra eld hórnya... Pronto, agora podemos falar sem correremos o risco de homens, anões ou elfos nos escutarem.

A postura de Nasuada ficou mais tranqüila.

- Obrigada, Eragon. Você não imagina o quanto gostei desse presente. - Suas palavras eram mais fortes e confiantes do que antes.

Atrás da cadeira de Eragon, Saphira se agitava, até que,

cuidadosamente, ela deu a volta na mesa para ficar de frente para Nasuada. Baixou sua enorme cabeça até que um dos seus olhos se encontrou com os olhos negros de Nasuada. O dragão a encarou durante um minuto inteiro antes de bufar suave e longamente. *Diga a ela*, disse Saphira, *que eu lamento muito por ela e pela sua perda. Além disso, creio que sua força deve se tornar a dos Varden quando ela assumir o manto de Ajihad. Eles precisarão de um guia seguro.*

Eragon repetiu as palavras, acrescentando:

- Ajihad foi um grande homem, seu nome será sempre lembrado...

Há algo que eu tenho que lhe dizer. Antes de Ajihad morrer, ele me incumbiu, me ordenou, praticamente, a não deixar os Varden sucumbirem ao caos. Essas foram as suas últimas palavras. Arya também as ouviu. Eu ia manter o que ele disse em segredo por causa das implicações, mas você tem o direito de saber. Não sei exatamente o que Ajihad quis dizer, mas estou certo disso: sempre irei defender os Varden com os meus poderes. Queria que você entendesse isso, que não tenho o menor desejo de usurpar a liderança dos Varden.

Nasuada riu, ostentando alguma fragilidade.

- Mas essa liderança não é para mim, é? - Seu comedimento havia desaparecido, deixando apenas a compostura e a determinação. - Sei por que você esteve aqui antes de mim e o que o Conselho está tentando fazer. Você acha que nos anos em que servi o meu pai nós nunca nos preparamos para esta eventualidade? Esperava que o Conselho fosse fazer exatamente o que fez. E agora tudo está pronto para que eu assuma o comando dos Varden.

- Você não tem a intenção de deixar que eles a manipulem - disse Eragon espantado.

- Não. Deixe que a instrução de Ajihad continue sendo um segredo. Não seria inteligente que ela se espalhasse por aí, pois as pessoas poderiam supor que ele queria que você o sucedesse. Isso iria enfraquecer a minha autoridade e desestabilizar os Varden. Ele disse o que achava necessário para proteger os Varden. Eu teria feito o mesmo. Meu pai... -Ela vacilou por um instante. - O trabalho do meu pai não ficará inacabado, mesmo que ele me leve para o túmulo. E isso que *eu* quero que você, como um Cavaleiro, entenda. Todos os planos de Ajihad, todas as suas estratégias e metas são

minhas agora. Não irei decepcioná-lo sendo fraca. O Império *será* derrubado, Galbatorix *será* destronado e um governo de direito *será* instituído. Assim que ela terminou de falar, uma lágrima correu pelo seu rosto. Eragon a contemplou, sensível à dificuldade inerente à sua posição e reconhecendo uma profundidade de caráter que não havia percebido antes.

- E quanto a mim, Nasuada? O que devo fazer entre os Varden? Ela o encarou.

- Você pode fazer o que quiser. Os membros do Conselho são tolos se acham que podem controlá-lo. Você é um herói para os Varden e os anões, e até mesmo os elfos irão saudar sua vitória sobre Durza assim que dela forem informados. Se você for contra o Conselho ou contra mim, seremos forçados a nos render, pois as pessoas o apóiam de todo o coração. Neste momento, você é a pessoa mais poderosa dentro dos Varden. No entanto, se aceitar a minha liderança, continuarei a traçar o caminho estabelecido por Ajihad: você irá com Arya para os elfos, será instruído por lá, e depois retornará aos Varden.

Por que ela está sendo tão honesta conosco?, perguntou Eragon. *Se estiver certa, será que poderíamos rechaçar as exigências do Conselho?*

Saphira levou algum tempo para responder. *De qualquer maneira, é tarde demais. Você já concordou em atender aos pedidos deles. Acho que Nasuada está sendo honesta porque a magia lançada por você permite que ela o seja, e também porque espera ganhar a nossa lealdade, subtraindo-a dos anciãos.*

Uma idéia veio subitamente à mente de Eragon, mas antes de partilhá-la, ele perguntou. *Será que podemos confiar que ela vai se manter firme em relação ao que disse? Isso é muito importante.*

Sim, disse Saphira. *Ela falou com o coração.*

Então Eragon compartilhou sua proposta com Saphira. Ela a aprovou, por isso ele sacou Zar'roc e andou até onde Nasuada estava. O Cavaleiro viu um lampejo de medo enquanto se aproximava, o olhar da moça se voltou para a porta, ela enfiou a mão numa dobra de seu vestido e agarrou alguma coisa. Eragon parou à sua frente e se ajoelhou, com Zar'roc nas mãos.

- Nasuada, Saphira e eu estamos aqui há pouco tempo. Mas nesse período viemos a respeitar Ajihad e agora, conseqüentemente, você. Você lutou por Farthen Dûr quando outros fugiram, incluindo as duas mulheres do

Conselho, e nos tratou com franqueza em vez de nos enganar. Por conseguinte, lhe ofereço a minha espada... e a minha lealdade como Cavaleiro.

Eragon se pronunciou com firmeza, sabendo que jamais teria falado tão enfaticamente antes da batalha. O fato de ter visto tantos homens caindo e morrendo à sua volta mudou sua perspectiva das coisas. Resistir ao Império não era mais algo que fazia para si próprio, mas para os Varden e todas as pessoas ainda subjugadas ao regime de Galbatorix. Por mais que fosse durar, ele estava empenhado em realizar tal tarefa. Por enquanto, o melhor que podia fazer era servir.

Não obstante, ele e Saphira estavam correndo um grande risco ao se comprometerem com Nasuada. O Conselho não poderia se opor, pois tudo o que Eragon havia dito era que juraria lealdade, mas não a quem. Mesmo assim, ele e Saphira não tinham nenhuma garantia de que Nasuada seria uma boa líder. *É melhor jurar a um tolo honesto do que a um sábio mentiroso*, concluiu Eragon.

A surpresa perpassou o rosto de Nasuada. Ela agarrou o cabo de Zar'roc e a ergueu - olhando para a lâmina carmesim - e depois colocou a ponta da espada sobre a cabeça de Eragon.

- Aceito sua lealdade com muita honra, Cavaleiro, pois você aceita todas as responsabilidades inerentes ao posto. Erga-se como meu súdito e pegue sua espada.

Eragon fez o que lhe foi ordenado. E disse:

- Agora, como minha senhora, posso lhe falar abertamente que o Conselho me fez concordar em prestar juramento aos Varden uma vez que você foi indicada. Essa era a única maneira que eu e Saphira tivemos de lográ-los.

Nasuada riu com genuíno deleite.

- Ah, vejo que você aprendeu as regras do nosso jogo. Muito bem, como meu mais novo e único súdito, você concorda em me prestar lealdade novamente, em público, quando o Conselho cobrar seu juramento?

- É claro.

- Ótimo, com isso cuidamos do Conselho. Agora, até lá, deixe-me sozinha. Tenho que fazer muitos planejamentos e preciso me preparar para o funeral... Lembre-se, Eragon, o vínculo que acabamos de criar é recíproco, sou

responsável pelos seus atos assim como é necessário que você me sirva. Não me desonre.

- Nem você a mim.

Nasuada fez uma pausa, para depois encará-lo profundamente e acrescentar num tom mais suave:

- Aceite meus pêsames, Eragon. Sei que outros além de mim têm motivos para estar desolados, ao passo que perdi meu pai, você também perdeu um amigo. Gostava muito de Murtagh e me entristece saber que ele se foi... Adeus, Eragon.

Eragon acenou com a cabeça, com um gosto amargo na boca, e deixou o salão junto com Saphira. O corredor lá fora estava vazio ao longo de sua extensão cinzenta. Eragon colocou as mãos nos quadris, jogou a cabeça para trás e soltou o ar. - dia mal havia começado, no entanto sentia-se exausto por conta de todas as emoções que fluíram nele.

Saphira o cutucou com o focinho e disse: *Por aqui*. Sem mais explicações, ela seguiu pelo lado direito do túnel. Suas garras polidas batiam no chão duro.

Eragon franziu a testa, mas a seguiu. *Para onde estamos indo?* Não houve resposta. *Saphira, por favor*. Ela simplesmente sacudiu a cauda. Resignado por ter que esperar, ele disse: *As coisas certamente mudaram para nós. Nunca sei o que posso esperar de um dia para o outro... exceto tristeza e derramamento de sangue*.

Nem tudo é ruim, repreendeu ela. *Nós tivemos uma grande vitória. Ela deveria ser celebrada, não lamentada*.

Isso não ajuda, tendo de lidar com esse outro contra senso.

Ela bufou furiosa. Um file-te de fogo saiu de suas narinas, chamuscando o ombro de Eragon. Ele pulou para trás, deu um grito e vociferou uma série de imprecações. *Epa*, disse Saphira, balançando a cabeça para afastar a fumaça.

Epa! Você quase me tostou!

Não esperava que isso fosse acontecer. Sempre me esqueço que o fogo irá sair se eu não prestar atenção. Imagine se, toda vez em que você levantasse o braço, raios caíssem no chão. Seria fácil fazer um movimento sem prestar atenção e destruir algo de forma involuntária.

Você tem razão... Desculpe por ter reclamado de você.

Sua pálpebra ossuda deu um estalido ao dar uma piscadela. *Não tem problema. O que eu estava tentando lhe dizer é que nem mesmo Nasuada pode forçá-lo a fazer nada.*

Mas eu lhe dei minha palavra como Cavaleiro!

Talvez, mas se eu tiver que violá-la em nome da sua segurança ou para fazer a coisa certa, não hesitarei. E um fardo que eu posso carregar facilmente. Por estar unida a você, minha honra está vinculada a seu compromisso, mas como indivíduo, não estou presa a isso. Se for necessário, irei raptá-lo. Qualquer desobediência então não seria culpa sua.

A coisa não deve chegar a esse ponto. Se tivermos que nos valer desses truques para fazer o que é certo, então Nasuada e os Varden terão perdido toda a sua integridade.

Saphira parou. Eles estavam perante a arcada esculpida da biblioteca de Tronjheim. O salão grande e silencioso parecia vazio, embora as fileiras de estantes consecutivas entremeadas com colunas pudessem esconder muita gente. Lanternas vertiam uma luz suave pelas paredes cobertas por pergaminhos, e iluminavam os nichos de leitura ao longo de suas bases.

Ziguezagueando por entre as estantes, Saphira o levou até um nicho, onde Arya estava. Eragon fez uma pausa para estudá-la. Ela parecia muito mais agitada do que jamais a vira, embora isso só se manifestasse na tensão dos seus movimentos. Ao contrário de antes, ela usava sua espada com um gracioso rabo-de-rato. Uma das mãos estava apoiada no cabo.

Eragon sentou-se do lado oposto da mesa de mármore. Saphira se posicionou entre os dois, onde nem um nem outro podia escapar a seu olhar.

- O que você fez? - perguntou Arya com uma hostilidade inesperada.

- Como assim?

Ela levantou o queixo.

- O que você prometeu aos Varden? *O que você fez?*

A última parte da pergunta chegou a Eragon mentalmente. Ele percebeu o quão perto a elfa estava de perder o controle. Um certo medo o afligiu.

- Só fizemos o que tinha de ser feito. Sou ignorante em relação aos costumes dos elfos, por isso, se minhas atitudes a ofenderam, peço desculpas. Não há motivos para ficar furiosa.

- Tolo! Você não sabe nada sobre mim. Passei sete décadas representando minha rainha por aqui. E por quinze anos guardei o ovo de Saphira entre os Varden e os elfos. Em todo esse tempo, lutei para garantir que os Varden tivessem líderes sábios e fortes o bastante para resistir a Galbatorix e respeitar os nossos desejos. Brom me ajudou forjando o acordo relativo ao novo Cavaleiro... você. Ajihad estava comprometido em mantê-lo como força independente para não prejudicar o equilíbrio do poder. Agora eu o vejo lado a lado com o Conselho de Anciãos, por vontade própria ou não, para controlar Nasuada! Você destruiu uma vida inteira de trabalho! *O que você fez?*

Espantado, Eragon deixou todas as evasivas de lado. Com palavras curtas e claras, explicou por que havia concordado com as exigências do Conselho e como ele e Saphira tentaram enfraquecê-los.

Quando ele terminou, Arya declarou:

- Era isso?

- Era isso. - *Setenta anos*. Embora soubesse que as vidas dos elfos eram extraordinariamente longas, ele nunca suspeitara que Arya fosse velha assim, e tão mais velha, porque ela parecia uma mulher de vinte e poucos anos. O único sinal de senilidade em seu rosto sem rugas eram os olhos verdes-esmeralda... profundos, astutos e freqüentemente solenes.

Arya se recostou, enquanto o observava atentamente.

- Sua atitude não é a que eu desejava, mas é melhor do que eu esperava. Fui indelicada, Saphira... e você... entendem mais do que eu pensava. Seu compromisso será aceito pelos elfos, embora você jamais possa esquecer sua dívida para conosco por causa de Saphira. Não haveria Cavaleiros sem os nossos esforços.

- A dívida está gravada no meu sangue e na palma da minha mão - afirmou Eragon. No silêncio que se seguiu, ele começou a pensar num novo tópico, ansioso para prolongar sua conversa e, quem sabe, aprender mais sobre ela. - Você já está longe de casa há tanto tempo, não sente saudades de Ellesméra? Ou você viveu em outro lugar?

- Ellesméra foi, e sempre deverá ser, o meu lar - disse ela, olhando para o nada. - Não vou à casa da minha família desde que parti para me juntar aos Varden, quando as paredes e as janelas estavam cobertas com as

primeiras flores da primavera. As vezes que voltei foram apenas estadas passageiras, lembranças que tendem a desaparecer.

Ele notou, mais uma vez, que ela recendia à folha de pinheiro moída. Era um aroma lânguido e apimentado que ativava seus sentidos e refrescava sua mente.

- Deve ser difícil viver no meio de todos esses anões e humanos sem mais ninguém da sua espécie.

Ela levantou a cabeça.

- Você fala dos humanos como se não fosse um.

- Talvez... - hesitou ele -, talvez eu seja uma outra coisa, uma mistura de duas raças. Saphira vive dentro de mim da mesma forma que eu vivo dentro dela. Compartilhamos sentimentos, sensações, pensamentos, mesmo quando somos mais uma mente do que duas. - Saphira concordou abaixando a cabeça por um instante, quase batendo na mesa com seu focinho.

- É assim que deve ser - disse Arya. - Um pacto mais antigo e poderoso do que vocês podem imaginar os liga. Você jamais entenderá de verdade o que significa ser um Cavaleiro até seu treinamento estar completo. Mas isso terá de ficar para depois do funeral. Por ora, que as estrelas zelem por você.

Dito isso ela partiu, adentrando as profundezas sombrias da biblioteca. Eragon pestanejou. *O problema está em mim ou todo mundo está nervoso hoje? Como Arya - num momento está furiosa e no seguinte está me abençoando!*

Ninguém ficará à vontade até as coisas voltarem ao normal.

Defina o que é normal.

RORAN

Roran subiu longa e penosamente a colina. Parou e olhou de soslaio para o sol por entre o seu cabelo desgrenhado. *Serão cinco horas até o pôr do sol. Não poderei permanecer muito tempo.* Com um suspiro, ele continuou seguindo ao longo da fileira de olmos, cada um deles plantado em meio a um

matagal.

Esta era a primeira visita que fazia à fazenda desde que, com a ajuda de Horst e seis outros homens de Carvahall, tirara tudo que valia a pena salvar da casa destruída e do celeiro incendiado. Passaram quase cinco meses antes que ele pudesse considerar a possibilidade de retornar.

Assim que chegou ao topo da colina, Roran parou e cruzou os braços. A sua frente estendiam-se os restos do seu lar da infância. Um canto da casa ainda permanecia lá - arruinado e chamuscado -, mas o resto estava aplanado e coberto de grama e ervas daninhas. Não dava para ver mais nada do celeiro. Os poucos acres que eles haviam conseguido cultivar a cada ano agora estavam repletos de dentes-de-leão, mostarda-do-campo e mais grama. Aqui e acolá, beterrabas e nabos dispersos haviam sobrevivido, mas isso era tudo. Imediatamente depois da fazenda, um cinturão espesso de árvores ocultava o rio Anora.

Roran cerrou um dos punhos, trincava os maxilares dolorosamente enquanto tentava conter uma combinação de raiva e pesar. Permaneceu paralisado por longos minutos, e tremia sempre que uma lembrança agradável lhe ocorria. Este lugar fora sua vida inteira e muito mais. Fora seu passado... e seu futuro. Seu pai, Garrow, disse uma vez:

- A terra é especial. Cuide dela que ela cuidará de você. Não há muitas coisas na vida que farão isso. - Era exatamente o que Roran pretendia fazer, até o momento em que seu mundo desmoronou por causa de uma mensagem comedida de Baldor.

Com um gemido, ele se virou e voltou a passos largos em direção a estrada. O choque daquele momento ainda ressoava em seu interior. O fato de ter perdido todos a quem amava num instante foi uma experiência que revirou a sua alma e da qual ele jamais iria se recuperar. Aquilo havia se infiltrado em cada mínimo aspecto de seu comportamento e de suas perspectivas.

E também forçou Roran a pensar mais do que nunca. Era como se ele possuísse arreios em sua mente e estes tivessem se rompido, permitindo-lhe refletir sobre coisas antes inimagináveis. Como sobre o fato de que ele poderia não se tornar um fazendeiro ou que a justiça - o tema mais abordado em lendas e canções - pouco se escorava na realidade. Às vezes, tais pensamentos enchiam sua consciência ao ponto de ele mal conseguir se

levantar de manhã, sentindo-se inchado com o peso deles.

Ao virar na estrada, ele seguiu para o Norte atravessando o vale Palancar, de volta à Carvahall. Os desfiladeiros estreitos dos dois lados estavam cheios de neve, não obstante o verde da primavera que havia se espalhado pelo vale nas últimas semanas. Mais acima, uma única nuvem cinzenta flutuava em direção aos picos.

Roran deslizou a mão pelo queixo, sentindo a barba curta. *Eragon provocou tudo isso - ele e sua maldita curiosidade - ao trazer aquela pedra da Espinha.* Roran havia levado semanas para chegar a essa conclusão. Ele ouviu os relatos de todos. Por diversas vezes, fez Gertrude, a curandeira da cidade, ler em voz alta a carta que Brom havia lhe deixado. E não havia outra explicação. *Qualquer que fosse, aquela pedra, deve ter atraído os estranhos.* Só por isso ele responsabilizou Eragon pela morte de Garrow, embora não com raiva, ele sabia que Eragon não tinha a intenção de ferir ninguém. Não, ficou furioso pelo fato de Eragon não ter enterrado o corpo de Garrow e ter fugido do vale Palancar, abandonando suas responsabilidades para sair a galope com o velho contador de histórias numa jornada imprudente sem importância. *Como Eragon pôde ter tão pouca consideração por aqueles que deixou para trás? Será que fugiu porque se sentia culpado? Será que teve medo? Será que Brom o enganou com histórias de aventuras fantásticas? E por que Eragon iria ouvir coisas assim num momento como aquele?... Nem mesmo sei se ele está vivo ou morto agora.*

Roran franziu a testa e agitou os braços, tentando arejar a mente. *A carta de Brom... Ah!* Ele jamais havia ouvido uma série tão ridícula de insinuações e indiretas agourentas. A única mensagem clara era a de evitar os estranhos, o que é senso comum. *O velho era maluco,* concluiu.

Um movimento ligeiro fez Roran se virar e ver doze veados -incluindo um jovem macho com chifres aveludados - trotando de volta em direção às árvores. Ele teve o cuidado de observar sua localização para que pudesse encontrá-los no dia seguinte. Estava orgulhoso de poder caçar bem o suficiente para se manter na casa de Horst, embora nunca tivesse sido tão hábil quanto Eragon.

Enquanto andava, continuou a relembrar. Depois da morte de Garrow, Roran abandonou seu trabalho no moinho de Dempton em

Therinsford e voltou para Carvahall. Horst concordara em hospedá-lo e, nos meses seguintes, lhe arrumou um trabalho na ferraria. A tristeza adiara as decisões de Roran sobre o futuro até dois dias atrás, quando ele finalmente decidiu por uma determinada linha de conduta.

Ele queria se casar com Katrina, a filha do açougueiro. O motivo de ele ter ido para Therinsford a princípio era ganhar dinheiro a fim de garantir um começo tranquilo para a sua vida a dois. Mas, agora, sem fazenda, lar ou meios de sustentá-la, Roran não podia em sã consciência pedir a mão de Katrina. Seu orgulho não permitiria isso. Nem Roran achava que Sloan, o pai dela, iria tolerar um pretendente com tais perspectivas parcas para o futuro. Mesmo nas melhores circunstâncias, Roran esperava ter dificuldades em convencer Sloan a dar-lhe a permissão para desposar Katrina, os dois nunca foram muito amigos. E era impossível para Roran casar com Katrina sem o consentimento do pai, a não ser que ambos quisessem dividir a família da moça, enfurecer o vilarejo ao desafiar as tradições e, o que era mais provável, iniciar uma vendeta com Sloan.

Considerando a situação, parecia a Roran que a única opção disponível era reconstruir sua fazenda, mesmo que para isso tivesse de levantar a casa e o celeiro sozinho. Seria difícil começar do nada, mas, uma vez que sua situação econômica se estabilizasse, ele poderia se aproximar de Sloan com a cabeça erguida. *O mais cedo que poderemos conversar será na próxima primavera*, pensou Roran, fazendo uma careta.

Ele sabia que Katrina esperaria - por algum tempo, pelo menos.

Continuou mantendo o passo firme até o anoitecer, quando o vilarejo surgiu no horizonte. Em meio ao pequeno amontoado de construções rústicas, havia roupa lavada pendurada em varais que iam de janela a janela. Homens seguiam em fila de volta para as casas nos campos que ficavam no entorno, repletos de trigo para o inverno. Atrás de Carvahall, as cataratas Igualda, com seus oitocentos metros de altura, brilhavam ao por do sol, enquanto caíam Espinha abaixo, dentro do Anora. A visão aqueceu Roran pelo fato de ser habitual. Nada era mais confortante do que ter tudo onde devia estar.

Ao deixar a estrada, ele subiu colina acima até a casa de Horst, onde havia uma bela vista da Espinha. A porta estava aberta. Roran entrou,

seguindo o som da conversa que vinha da cozinha.

Horst estava lá, encostado numa mesa rústica que havia sido empurrada para um canto do cômodo, com os braços à mostra até a altura do cotovelo. Ao seu lado, sua esposa, Elain, grávida de quase cinco meses, estampava um sorriso satisfeito no rosto. Seus filhos, Albriech e Baldor, estavam em frente a eles.

Enquanto Roran entrava, Albriech dizia:

- ... e eu ainda não havia deixado a ferraria! Thane jura que me viu, mas eu estava do outro lado da cidade.

- O que está acontecendo? - perguntou Roran, largando a sua bagagem.

Elain trocou olhares com Horst.

- Venha cá, deixe eu lhe dar algo para comer. - Ela pôs pão e uma tigela de carne ensopada e fria na sua frente. Depois o encarou, como se estivesse buscando uma determinada expressão. - Como está a fazenda?

Roran encolheu os ombros.

- Toda a madeira ou queimou ou apodreceu... não há nada que valha a pena usar. O poço ainda está intacto, e isso é algo pelo qual devo agradecer. Terei de cortar madeira para a casa assim que for possível, se é que quero ter um teto sobre a minha cabeça durante o plantio. Agora me digam, o que aconteceu?

- Ah! - exclamou Horst. - Houve uma verdadeira confusão, e que confusão. Thane está dando por falta de uma foice e pensa que Albriech a pegou.

- Ele provavelmente a deixou cair na grama e se esqueceu de onde a deixou - disse Albriech, bufando.

- Provavelmente - concordou Horst, sorrindo. Roran deu uma mordida no pão.

- Acusar você não faz sentido. Se você precisava de uma foice, poderia simplesmente forjar uma.

- Eu sei - disse Albriech, deixando-se cair numa cadeira -, mas em vez de procurar a sua, ele começa a se queixar de que viu alguém deixando o seu terreno e que o tal sujeito era muito parecido comigo... e como ninguém mais se parece comigo, eu tenho que ter roubado a foice.

Era verdade que ninguém se parecia com ele. Albriech havia herdado o tamanho do pai e o cabelo louro cor de mel de Elain, o que o tornava uma esquisitice em Carvahall, onde os cabelos castanhos eram predominantes. Por sua vez, Baldor era, ao mesmo tempo, mais magro e tinha o cabelo escuro.

- Estou certo de que vai aparecer - disse Baldor calmamente. -Tente, por enquanto, não ficar muito furioso por causa disso.

- É fácil para você falar.

No momento em que Roran terminava de comer o último pedaço de pão e começava a degustar o ensopado, resolveu fazer uma pergunta para Horst:

- Você vai precisar de mim para alguma coisa amanhã?

- Não para nada em especial. Vou trabalhar na carroça de Quimby. Ela ainda não está andando direito.

Roran acenou com a cabeça, satisfeito.

- Ótimo. Então vou tirar o dia para caçar. Ainda há alguns veados ao longo do vale e eles não me pareceram muito magros. Pelo menos não dava para ver suas costelas.

Baldor ficou subitamente animado.

- Você quer companhia?

- Claro. Podemos sair ao amanhecer.

Quando terminou de comer, Roran lavou o rosto e as mãos e depois deu uma saída para espairecer. Alongando-se descansadamente, andou até o centro da cidade.

No meio do caminho, o som de gente conversando do lado de fora do Sete Roldanas chamou a sua atenção. Ele se virou, curioso, e seguiu em direção à taverna, onde teve uma estranha visão. Um homem de meia-idade estava sentado na varanda, usando um casaco de couro feito de retalhos. Ao seu lado, havia um pacote adornado com mandíbulas de aço, armadilhas usuais dos caçadores. Algumas dezenas de moradores do vilarejo ouviam enquanto ele gesticulava de forma expansiva e dizia:

- Então, quando cheguei em Therinsford, fui até este homem, Neil. Um sujeito bom e honesto, ajudo nos seus campos durante a primavera e o verão.

Roran acenou com a cabeça. Os caçadores passavam o inverno entocados nas montanhas e voltavam na primavera para vender suas peles a curtidores como Gedric e depois trabalhar, quase sempre como agricultores. Como Carvahall era o vilarejo mais ao norte na Espinha, muitos caçadores passavam por lá, e isso era um dos motivos que levavam Carvahall a ter taverna, ferreiro e curtidor.

- Após algumas canecas de cerveja... para lubrificar a minha fala... vocês sabem como é, depois de meio ano sem falar uma única palavra, exceto talvez quando blasfemava o mundo e a tudo a minha volta ao perder uma armadilha para urso... eu vou até o Neil, com a espuma ainda fresca na minha barba, e começo a trocar fofocas. Enquanto nossa transação prossegue, eu lhe peço notícias do Império e do rei... que ele apodreça de gangrena e estomatite. Alguém nasceu, morreu ou foi banido que eu mereça saber? E sabe o que mais ocorreu da última vez? - Neil se inclinou para a frente, ficou todo sério e disse: - De Dras-Leona até Gil'ead, vêm circulando histórias dando conta de coisas estranhas que estão acontecendo aqui, lá e por toda a extensão da Alagaësia. Os Urgals desapareceram totalmente das terras civilizadas, e já vão tarde, mas nenhum homem é capaz de dizer por que ou para onde foram. Metade do comércio no Império deixou de fluir como resultado dos ataques e das emboscadas e, pelo que ouvi, isso não é trabalho de meros bandidos, pois os ataques estão muito espalhados, muito calculados. Nenhum bem foi roubado, apenas queimado ou desgraçado. Mas isso não é o fim de tudo, oh não, não mesmo, juro pela ponta dos fios de bigodes de sua abençoada avó.

O caçador balançou a cabeça e tomou um gole de seu odre de vinho antes de prosseguir:

- Há burburinhos sobre um Espectro que está assombrando os territórios ao norte. Ele tem sido visto ao longo dos limites da floresta de Du Weldenvarden e perto de Gil'ead. Dizem que seus dentes foram limados até ficarem afiados, seus olhos são vermelhos como vinho e seu cabelo é vermelho igual ao sangue que ele bebe. O pior de tudo é que algo parece ter deixado o nosso bom e louco monarca furioso, e deixou mesmo. Há cinco dias, um ilusionista do sul parou em Therinsford no seu caminho solitário até Ceunon, e disse que as tropas têm se movido e se reunido, embora para *algo* que estava além do seu alcance. - Ele encolheu os ombros. - Como me ensinou o

meu pai quando eu ainda era amamentado, onde há fumaça, há fogo. Talvez sejam os Varden. Eles têm dado muita dor de cabeça ao velho Ossos de Ferro ao longo dos anos. Ou quem sabe Galbatorix finalmente tenha decidido que se cansou de tolerar Surda. Pelo menos ele sabe onde encontrá-la, ao contrário daqueles rebeldes. Ele irá esmagar Surda como um urso faz com uma formiga, ora se vai.

Roran pestanejou enquanto um monte de perguntas ininteligíveis explodiram em volta do caçador. Ele estava inclinado a duvidar dos relatos sobre um Espectro - aquilo parecia ser uma história que um lenhador bêbado poderia ter inventado - mas o resto soava ruim demais para ser verdade. *Surda...* Poucas informações sobre aquela região distante chegavam à Carvahall, mas Roran sabia, pelo menos, que embora Surda e o Império estivessem ostensivamente em paz, seus habitantes viviam num medo constante de que seu vizinho mais poderoso ao norte pudesse invadir seu território. Por esse motivo, dizia-se que Orrin, seu rei, apoiava os Varden.

Se o caçador tivesse razão em relação a Galbatorix, então isso poderia significar que uma guerra hedionda estava reservada para o futuro, acompanhada pelas privações proporcionadas pelo aumento dos impostos e pelo recrutamento obrigatório. *Eu preferiria viver numa era isenta de acontecimentos trágicos. A sublevação toma vidas que já são difíceis, como as nossas, quase impossíveis.*

- E mais, ouvi histórias de... - Aqui o caçador fez uma pausa e, com uma expressão conhecida, bateu na lateral de seu nariz com o dedo indicador. - Histórias de um novo Cavaleiro na Alagaësia. - Ele então deu uma grande e vigorosa gargalhada, batia na barriga à medida que se inclinava para trás na varanda.

Roran também riu. Histórias de Cavaleiros apareciam de vez em quando. Elas provocaram o seu interesse umas duas ou três vezes, mas ele logo aprendeu que não deveria confiar nesses relatos, pois eles não davam em nada. Os rumores não passavam de uma ilusão criada por aqueles que ansiavam por um futuro mais auspicioso.

Ele estava prestes a se retirar quando notou Katrina sentada num canto da taverna, usava um vestido longo de burel, decorado com uma fita verde. Ela o encarou com a mesma intensidade com a qual ele o fez. Roran se

aproximou, tocou em seu ombro e, juntos, se afastaram dali. Os dois andaram até os limites de Carvahall, lá ficaram olhando para as estrelas. O céu estava luminoso, com milhares de estrelas tremeluzindo. E, formando um arco acima deles, do norte ao sul, havia a magnífica faixa perolizada, que ia de horizonte a horizonte, como pó de diamante que jorrara de um cântaro.

Sem olhar para ele, Katrina apoiou a cabeça no ombro de Roran e perguntou:

- Como foi o seu dia?

- Voltei à minha casa. - Ele percebeu que a parceira se retesava enquanto estava encostada.

- Como foi?

-Terrível. - Sua voz ficou abafada e ele caiu no silêncio enquanto a abraçava com força. O cheiro do cabelo acobreado da moça em seu rosto era como um elixir de vinho, pimenta e perfume. Aquilo se entranhou nele, cálido e agradável. - A casa, o celeiro, os campos, tudo foi completamente devastado... Eu não os teria encontrado se não soubesse onde procurar.

Ela finalmente se virou para encará-lo, estrelas brilhavam em seus olhos, havia tristeza em seu rosto.

- Oh, Roran. - Ela o beijou, seus lábios roçaram os dele por um breve instante. - Você sofreu tantas perdas e, contudo, jamais lhe faltaram forças. Você irá voltar para a sua fazenda agora?

- Claro. Tudo o que sei fazer é cuidar da terra.

- E o que será de mim?

Ele hesitou. Do momento em que começou a namorá-la, uma suposição tácita de que iriam se casar passou a existir entre os dois. Não havia necessidade de discutir suas intenções, elas eram tão claras quanto o dia era longo, por isso a pergunta dela o deixou inquieto. Também parecia inapropriado tratar da questão de uma maneira tão aberta quando ele não estava pronto para fazer uma proposta. Era a vez *dele* fazer um pedido - primeiro a Sloan e depois a Katrina -, não dela. Contudo, ele teria de lidar com a preocupação da amada, agora que tinha falado.

- Katrina... não posso me reportar ao seu pai como havia planejado. Ele iria rir de mim e com razão. Temos de esperar. Assim que eu tiver um lugar onde possamos morar e eu fizer minha primeira colheita, ele irá me

ouvir.

Ela se voltou para o céu mais uma vez e sussurrou algo num tom tão 38 baixo que ele não pôde decifrar.

- O quê?

- Eu perguntei se você está com medo dele.

- É claro que não! Eu...

- Então você tem de obter a sua permissão, amanhã, e marcar o noivado. Faça-o entender que, embora não tenha nada agora, você me dará um bom lar e será um genro do qual ele poderá se orgulhar. Não há razão para que desperdicemos nossos anos vivendo separados quando sentimos o que sentimos.

- Não posso fazer isso - disse ele em tom de desespero, querendo que ela entendesse. - Não posso sustentá-la, não posso...

- Você não *entende!* - Ela se afastou, sua voz se intensificou num tom urgente. - Eu amo você, Roran, e quero ficar ao seu lado, mas meu pai possui outros planos para mim. Há homens muito mais qualificados do que você e, quanto mais você demorar, mais ele irá me pressionar para consentir em me casar com alguém de sua aprovação. Ele teme que eu vá virar uma solteirona, e eu também temo isso. Eu não tenho muito tempo ou escolhas aqui em Carvahall... Se eu tiver que desposar um outro, o farei.

As lágrimas começaram a cintilar em seus olhos enquanto ela o fitava de um jeito inquisidor, esperando pela sua resposta, até que suspendeu um pouco a barra de seu vestido e correu de volta para a região das casas.

Roran ficou ali parado, imóvel por causa do choque. A ausência de Katrina lhe era mais aguda do que o fato de ter perdido a casa - o mundo subitamente ficou frio e hostil. Era como se uma parte dele houvesse sido arrancada.

Passaram-se horas antes que ele conseguisse voltar à casa de Horst e cair na cama.

OS CAÇADORES CAÇADOS

A sujeira se acumulava sob as botas de Roran à medida que ele descia rumo ao vale, frio e pálido nas primeiras horas da manhã nublada. Baldor o seguia de perto, ambos carregando arcos. Nenhum dos dois falava

enquanto estudavam os arredores em busca de sinais do veado.

- Ali - disse Baldor em voz baixa, apontando para um grupo de pegadas em direção a um arbusto espinhoso na margem do Anora.

Roran acenou com a cabeça e seguiu rumo ao rastro. Parecia ter sido feito há um dia, por isso ele arriscou falar:

- Será que você poderia me dar um conselho, Baldor? Você parece entender bem as pessoas.

- Claro. O que é?

Durante um bom tempo, o ruído abafado de seus passos foi o único som.

- Sloan quer casar Katrina com outra pessoa, e não comigo. A cada dia que passa, aumentam as chances de ele conseguir arranjar um casamento do seu agrado.

- O que Katrina acha disso? Roran encolheu os ombros.

- Ele é pai dela. Ela não poderá continuar a desafiar suas vontades enquanto ninguém de quem ela *realmente* goste vier reivindicá-la para si.

- Quer dizer, você.

- Sim.

- E foi por isso que você acordou tão cedo. - Isso não era uma pergunta.

De fato, Roran ficara muito preocupado para conseguir dormir. Passou a noite inteira pensando em Katrina, tentando encontrar uma solução para sua situação desagradável.

- Não posso suportar perdê-la. Mas não creio que Sloan nos dará sua bênção, em parte por causa da minha posição e tudo o mais.

- Não creio que ele o faria - concordou Baldor, que espiou Roran de soslaio. - Por que você quer os meus conselhos então?

Uma gargalhada alta escapou de Roran.

- Como posso convencer Sloan do contrário? Como posso resolver esse dilema sem dar início a uma vendeta? - Ele jogou suas mãos para cima. - O que devo fazer?

- Você não tem idéias?

- Tenho, mas não do tipo que julgo agradáveis. Ocorreu-me que eu e Katrina poderíamos simplesmente anunciar que estávamos noivos, não que

não estejamos, e agüentar as conseqüências. Isso forçaria Sloan a aceitar o nosso noivado.

Baldor franziu tanto a testa que esta ficou enrugada. E disse cuidadosamente:

- Talvez, mas isso também acabaria criando uma maré de sentimentos negativos por toda Carvahall. Poucos aprovariam sua atitude. Também não seria inteligente da sua parte forçar Katrina a escolher entre você e a família, ela poderia ressentir-se de você por causa disso nos anos vindouros.

- Eu sei, mas que alternativa eu tenho?

- Antes de você dar um passo tão drástico, recomendo que tente transformar Sloan num aliado. Há uma chance de você sair vitorioso, afinal de contas, se ficar claro para ele que ninguém mais irá querer se casar com uma Katrina furiosa. Especialmente se você estiver por perto para botar chifres no marido. - Roran fez uma careta e continuou olhando para o chão. Baldor deu uma gargalhada. - Se você falhar, bem, então... poderá prosseguir com confiança, sabendo que já esgotou de fato todas as outras alternativas. E as pessoas estarão menos propensas a cuspir em você por ter quebrado a tradição e mais inclinadas a dizer que a teimosia de Sloan se virou contra ele próprio.

- Nenhum desses caminhos é fácil.

- Você já sabia disso, para começo de conversa. - Baldor tornou-se serio novamente. - Não tenha dúvidas de que palavras ásperas serão ditas se você desafiar Sloan, mas as coisas acabarão se acomodando no fim das contas... talvez não de um jeito confortável, mas pelo menos de um modo suportável. Além de Sloan, as únicas pessoas que você ofenderá realmente são puritanos como Quimby. Agora, como Quimby pode fermentar uma bebida tão saudável e ainda ser tão turrão e amargo, está além do meu alcance.

Roran acenou com a cabeça, compreendendo. Rancores poderiam durar anos em Carvahall.

- Fico feliz por termos conversado. Foi... - Ele hesitou, pensando em todas as conversas que ele e Eragon costumavam ter. Os dois foram, como Eragon dissera uma vez, irmãos em tudo menos no sangue. Tinha sido profundamente confortante saber que existia alguém que iria ouvi-lo, não

importasse o momento ou as circunstâncias. E saber que tal pessoa iria sempre ajudá-lo, não importava o custo.

A ausência deste vínculo deixara Roran se sentindo vazio.

Baldor não o pressionou para terminar a frase, em vez disso parou para beber do seu odre. Roran continuou a falar durante mais alguns metros, até que parou quando um aroma invadiu os seus pensamentos.

Era um odor forte de carne torrada e pinho queimado. *Quem estaria aqui além de nós?* Inspirando profundamente, ele girou o corpo, tentando determinar a origem do fogo. Uma leve rajada de vento passou por ele, vinda da estrada mais ao longe, ela carregava uma nuvem quente de fumaça. O aroma de comida era intenso o suficiente para que ficasse com água na boca.

Ele acenou para chamar Baldor, que correu para o seu lado.

- Está sentindo este cheiro?

Baldor balançou a cabeça positivamente. Juntos, os dois voltaram para a estrada e seguiram rumo ao sul. A cerca de trinta metros, ela fazia uma curva em volta de uma capoeira cheia de choupos-do-canadá e sumia de vista. Enquanto ambos se aproximavam da curva, vozes que se erguiam e diminuía de intensidade os alcançaram, amortecidas pelo espesso nevoeiro matinal que cobria o vale.

Nas imediações do matagal, Roran foi diminuindo o passo até parar. Era uma tolice surpreender as pessoas quando elas também podiam estar caçando. Contudo, algo o incomodava. Talvez fosse o número de vozes, o grupo parecia ser maior do que qualquer família no vale. Sem pensar, saiu da estrada e se enfiou atrás da vegetação rasteira que demarcava o matagal.

- O que você está fazendo? - sussurrou Baldor.

Roran colocou um dedo em seus lábios e depois começou a mover-se furtivamente, em paralelo à estrada, dando passos os mais silenciosos possíveis. Assim que deram a volta, ele congelou.

No gramado ao lado da estrada havia um acampamento de soldados. Trinta capacetes refletiam a luz da manhã e seus donos devoravam aves e ensopados que haviam sido preparados em várias fogueiras. Os homens estavam salpicados de lama e manchados por conta de tantas viagens, mas o símbolo de Galbatorix ainda era visível em suas túnicas vermelhas, uma chama em espiral delineada em dourado. Por baixo das túnicas, eles usavam

brigandinas de couro - pesadas com quadrados de aço rebitados -, camisas de cota de malha de ferro e, ainda, vestimentas acolchoadas - os gambesons. A maior parte dos soldados carregava espada de folha larga, todavia meia dúzia deles eram arqueiros e outros seis carregavam estranhas alabardas.

E agachados no meio estavam dois vultos negros curvados, os quais Roran reconheceu das inúmeras descrições feitas pelos habitantes do vilarejo após seu retorno de Therinsford: os estranhos que haviam destruído a sua fazenda. Seu sangue congelou. *Eles são servidores do Império!* Ele começou a andar para a frente, com os dedos já pegando uma flecha, quando Baldor agarrou seu colete e o arrastou para o chão.

- Não. Você vai nos matar. Roran o encarou e depois rosnou.

- São... os degenerados... - Ele parou e notou que suas mãos estavam tremendo. - *Eles voltaram!*

- Roran - sussurrou Baldor atentamente -, você não pode fazer nada. Veja, eles trabalham para o rei. Mesmo que você consiga escapar, acabará sendo um fora-da-lei em toda parte e trará a desgraça para Carvahall.

- O que eles querem? O que eles *podem* querer? O rei. Por que *Galbatorix permitiu a tortura do meu pai?*

- Se eles não conseguiram o que queriam com Garrow, e Eragon fugiu com Brom, então vão querer você. - Baldor fez uma pausa, para que suas palavras fossem digeridas. - Temos de voltar e avisar a todos. E depois você terá que se esconder. Os estranhos são os únicos que têm cavalos. Podemos chegar lá antes se correremos.

Roran fitava por entre a mata os soldados absortos. Seu coração batia ferozmente por vingança, clamava por atacar e lutar, para ver aqueles dois agentes do infortúnio cravejados de flechas e condenados por seu tribunal particular. Não importava que ele morresse contanto que pudesse acabar com sua dor e sua tristeza num só instante. Tudo que ele tinha a fazer era sair de onde estava escondido. O resto se resolveria automaticamente.

Apenas um pequeno passo.

Com um soluço abafado, cerrou o punho e abaixou a cabeça. *Não posso deixar Katrina.* Ele continuou rígido - olhos fechados e apertados - e depois, com uma lentidão agonizante, recuou.

- Vamos para casa então.

Sem esperar pela reação de Baldor, Roran escapou por entre as árvores o mais rápido que podia. Assim que perdeu de vista o acampamento, ele irrompeu pela estrada e correu pela trilha de lama, canalizando para a velocidade toda a sua frustração, raiva e até o medo.

Baldor deslocava-se atrás dele com dificuldade, aproximando-se nos trechos mais abertos. Roran diminuiu a velocidade, passou a andar depressa e esperou que ele emparelhasse antes de começar a falar.

- Vá espalhar as notícias. Vou falar com Horst. - Baldor acenou positivamente e os dois se apressaram.

Três quilômetros depois, pararam para beber e descansar um pouco. Quando a respiração normalizou, os dois continuaram a andar pelos morros baixos que antecediavam Carvahall. O terreno ondulado desacelerava a marcha consideravelmente, mas mesmo assim o vilarejo logo ficou à vista.

Roran dirigiu-se imediatamente para a ferraria e deixou Baldor seguir para o centro da cidade. Enquanto passava pelas casas, Roran imaginava desenfreadamente esquemas para fugir ou matar os estranhos sem atrair para si a ira do Império.

44 Ele irrompeu na ferraria e pegou Horst batendo um pino na lateral da carroça de Quimby e cantando:

... ei, ôô!

E um badalar do sino,

um tinido sem cessar,

Souo no ferro velho.

No esperto ferro velho.

Sobre os ossos da terra,

com o estrondo de um martelar,

Assim eu conquistei o esperto ferro velho!

Horst parou seu malho no ar quando viu Roran.

- Qual é o problema, garoto? Baldor se machucou?

Roran negou com a cabeça e se inclinou para a frente, ofegante. Em frases curtas, relatou tudo que haviam visto e suas possíveis implicações, a mais importante era que estava claro que os estranhos eram agentes do Império.

Horst coçou a barba.

- Você tem que deixar Carvahall. Pegue alguma comida lá em casa, depois suba na minha égua... Ivor a está usando para puxar toras... e em seguida vá para o contraforte. Assim que soubermos o que os soldados querem, enviarei Albriech ou Baldor com notícias.

- O que você dirá se eles perguntarem por mim?

- Que você está caçando e não sabemos quando retornará. Isso é até verdade, e duvido que eles se arrisquem a andar estupidamente em meio às árvores por medo de perdê-lo. Isso supondo que seja realmente você que eles estejam procurando.

Roran acenou com a cabeça, depois se virou e correu para a casa de Horst. Lá dentro, pegou os arreios da égua e algumas sacolas que estavam penduradas na parede, nabos, beterrabas, carne-seca e um pedaço de pão foram rapidamente embalados e envoltos por cobertores, apanhou uma panela de latão e partiu depressa, parando apenas tempo suficiente para explicar a situação para Elain.

As provisões não passavam de um embrulho feito de qualquer jeito em seus braços, enquanto ele seguia lentamente para o leste de Carvahall, em direção à fazenda de Ivor. O próprio Ivor estava atrás da quinta, batendo de leve na égua com uma vara de salgueiro enquanto ela se esforçava para arrancar do chão as raízes ramadas de um olmo.

- Vamos, agora! - gritou o fazendeiro. - Força! - O cavalo estremecia por causa do esforço enquanto seu freio espumava, até que, numa última tentativa, inclinou a tora para o lado de modo que suas raízes se estenderam para o céu como se fossem dedos deformados. Ivor fez o animal parar de se esforçar com um puxão nas rédeas e o afagou carinhosamente. - Muito bem... Lá vamos nós.

Roran o chamou de longe e, quando estavam próximos, apontou para o cavalo.

- Preciso dela emprestada. - E deu os seus motivos. Ivor praguejou e começou a soltar a égua, murmurando:

- Sempre que eu consigo fazer uma parte do serviço... justamente nessa hora vem a interrupção. Nunca antes. - Ele cruzou os braços e fechou a cara enquanto Roran colocava a sela, atento ao seu trabalho.

Quando ficou pronto, Roran pulou sobre o cavalo, com o arco na

mão.

- Lamento pelo inconveniente, mas não pude evitar.

- Bem, não se preocupe. Apenas tome cuidado para não ser capturado.

- Farei isso.

Assim que bateu com os calcanhares nos flancos da égua, Roran ouviu Ivor gritar:

- E não se esconda num lugar de difícil acesso.

Roran sorriu e balançou a cabeça, inclinando-se por sobre o pescoço do cavalo. Ele logo alcançou o contraforte da Espinha e subiu até as montanhas que formavam a extremidade norte do vale Palancar. De lá, escalou até um ponto na encosta onde podia observar Carvahall sem ser visto. Depois amarrou seu cavalo a uma estaca e se acomodou para esperar.

Roran tremeu ao olhar para os pinheiros escuros. Ele não gostava de ficar assim tão perto da Espinha. Quase ninguém de Carvahall ousava colocar os pés na cordilheira, e aqueles que o faziam geralmente não conseguiam voltar.

Em pouco tempo, Roran viu os soldados marchando pela estrada em fila dupla, com duas figuras agourentas na frente. Eles foram parados nos limites de Carvahall por um grupo de homens esfarrapados, alguns deles com picaretas na mão. Os dois lados falaram e em seguida simplesmente se encararam, como se fossem cães ferozes esperando para ver quem iria atacar primeiro. Depois de um bom tempo, os homens de Carvahall se moveram para o lado e deixaram os intrusos passarem.

O que vai acontecer agora?, perguntou Roran a si próprio, tremendo nos calcanhares.

Era noite e os soldados haviam montado o acampamento num terreno adjacente ao vilarejo. Suas tendas formavam um bloco baixo e cinzento que tremulava sombras misteriosas enquanto sentinelas patrulhavam o perímetro. No centro do bloco, uma enorme fogueira mandava rolos de fumaça para o céu.

Roran fizera seu próprio acampamento e agora estava simplesmente olhando e pensando. Ele sempre supôs que quando os estranhos destruíram sua casa, eles pegaram o que queriam, ou seja, a pedra que Eragon trouxe da

Espinha. *Eles não devem tê-la encontrado, concluiu. Talvez Eragon tenha conseguido fugir com a pedra... Talvez achasse que devia fugir para protegê-la.* Ele franziu a testa. Seria necessário percorrer um longo caminho para explicar por que Eragon fugiu, mas isso ainda parecia estranho para Roran. *Seja qual for o motivo, aquela pedra deve ser um tesouro fantástico para o rei mandar tantos homens com o intuito de reavê-la. Não consigo entender o que faz dela algo tão valioso. Talvez seja magia.*

Ele respirou profundamente o ar frio, ouvindo o piar de uma coruja. Um movimento rápido chamou a sua atenção. Olhando montanha abaixo, viu um homem se aproximando na floresta. Roran se escondeu atrás de uma pedra arredondada, com o arco puxado. Esperou até se certificar de que era Albriech, e depois assoviou suavemente.

Albriech chegou rápido até onde estava a pedra. Trazia nas costas um pacote enorme e o largou no chão com um grunhido.

- Achei que nunca fosse encontrá-lo.
- Fico surpreso por você ter conseguido.
- Não dá para dizer que gostei de ficar vagando pela floresta depois do pôr-do-sol. Fiquei esperando que fosse dar de cara com um urso ou coisa pior. A Espinha não é um lugar adequado para os homens, se você me permite dizer.

Roran olhou novamente para Carvahall.

- E então, por que eles estão aqui?
- Para levar você sob custódia. Estão dispostos a esperar o quanto for necessário até que você volte da "caçada".

Roran se sentou num baque surdo, com um frio na barriga.

- Eles deram um motivo? Mencionaram a pedra? Albriech balançou negativamente a cabeça.

- Tudo que eles disseram era que se tratava de um assunto do rei. Passaram o dia inteiro fazendo perguntas sobre você e Eragon... é tudo em que estão interessados. - Ele hesitou. - Eu ficaria por aqui, mas amanhã eles notariam a minha ausência. Trouxe um monte de comida e cobertores, além de algumas pomadas de Gertrude, caso você se machuque. Você deve ficar bem aqui.

Reunindo energia, Roran sorriu.

- Obrigado pela ajuda.

- Qualquer um faria isso - disse Albriech encolhendo os ombros acanhadamente. Ele iniciou a partida, mas subitamente se virou. - A propósito, os dois estranhos.... eles são chamados de Ra'zac.

A PROMESSA DE SAPHIRA

Na manhã seguinte ao encontro com o Conselho de Anciãos, Eragon estava limpando e lubrificando a sela de Saphira - com cuidado para não ficar muito extenuado - quando Orik veio visitá-lo. O anão ficou esperando até Eragon terminar com uma correia e perguntou:

- Você está melhor hoje?

- Um pouco.

- Bom, nós todos precisamos de nossa força. Vim em parte para ver como estava a sua saúde e também porque Hrothgar quer falar com você, se estiver livre.

Eragon deu um sorriso atravessado para o anão.

- Para ele estou sempre livre. Ele deve saber disso. Orik riu.

- Ah, mas é educado pedir com delicadeza. - Assim que Eragon largou a sela, Saphira se desenroscou de seu canto acolchoado e cumprimentou Orik com um grunhido amigável. - Bom-dia para você também - disse ele, curvando-se.

Orik os conduziu por um dos quatro corredores principais de Tronjheim em direção à câmara central e das duas escadarias que pareciam um reflexo da outra e desciam até a sala do trono do rei dos anões. Antes que chegassem à câmara, no entanto, ele desceu um pequeno lance de escada. Eragon levou um instante para perceber que Orik havia pegado uma passagem lateral, a fim de não ver os destroços de Isidar Mithrim.

Eles pararam em frente a portas de granito onde havia uma coroa de sete pontas gravada. Sete anões usando armaduras em cada lado da entrada batiam no chão simultaneamente com os cabos de suas picaretas. Com o eco da batida da madeira na pedra, as portas se abriram para dentro.

Eragon acenou para Orik, e depois entrou no salão opaco com

Saphira. Os dois avançaram em direção ao trono distante, passando pelas estátuas rígidas, hírnas, de antigos reis anões. Aos pés do trono negro, Eragon se curvou. O rei anão inclinou sua cabeça prateada em retribuição, e os rubis que ornavam seu elmo dourado brilhavam debilmente na luz, como se fossem pontinhos de ferro em brasa. Volund, o martelo de guerra, estava estendido sob suas pernas cobertas pela armadura. Hrothgar falou:

- Matador de Espectros, bem-vindo ao meu salão. Você fez muita coisa desde que nos encontramos pela última vez. E, pelo que parece, eu estava errado em relação à Zar'roc. A espada de Morzan será bem-vinda em Tronjheim enquanto você a estiver portando.

- Obrigado - disse Eragon enquanto se erguia.

- Além disso - disse o anão em voz grossa -, gostaríamos que você mantivesse a armadura que usou na batalha de Farthen dûr. Neste exato momento, nossos melhores ferreiros a estão reparando. A armadura do dragão está sendo tratada da mesma forma e, quando estiver restaurada, Saphira poderá usá-la o tempo que quiser ou até quando não lhe couber mais. Isso é o mínimo que podemos fazer para expressar a nossa gratidão. Se não fosse pela guerra com Galbatorix, haveria banquetes e celebrações em sua honra... mas estas devem esperar por um momento mais apropriado.

Dando voz ao seu sentimento e ao de Saphira, Eragon disse:

- Você é generoso além de todas as expectativas. Iremos apreciar tais nobres presentes.

Claramente satisfeito, Hrothgar, contudo, franziu a testa, juntando suas sobrancelhas emaranhadas.

- Não podemos continuar trocando elogios. Estou sendo assediado pelos clãs com pedidos para que eu faça uma coisa ou outra em relação ao sucessor de Ajihad. Quando o Conselho de Anciãos proclamou ontem que iria apoiar Nasuada, acabou criando um rebuliço nunca visto desde que ascendi ao trono. Os chefes tinham que decidir se aceitavam Nasuada ou se seria necessário procurar outro candidato. A maior parte concluiu que Nasuada deveria liderar os Varden, mas gostaria de saber de que lado você está, Eragon, antes de eu me definir. A pior coisa para um rei é que ele pareça tolo.

Quanto podemos lhe dizer?, perguntou Eragon para Saphira, pensando rapidamente.

Ele sempre foi sincero para conosco, mas não podemos saber o que pode ter prometido para outras pessoas. É melhor que sejamos cautelosos até Nasuada tomar o poder de jato.

Muito bem.

- Saphira e eu concordamos em ajudá-la. Não iremos nos opor a sua ascensão. E - Eragon se perguntou se estava indo longe demais – rogo para que você faça o mesmo, os Varden não podem ficar lutando uns com os outros. Eles precisam de unidade.

- Oei - disse Hrothgar, inclinando-se para trás -, você fala com uma nova autoridade. Sua sugestão é boa, mas irá lhe custar uma pergunta: Você acha que Nasuada será uma líder sábia, ou há outros motivos para que ela tenha sido escolhida?

É um teste, avisou Saphira. Ele quer saber por que resolvemos apoiá-la. Eragon sentiu seus lábios se contraindo num meio sorriso.

- Acho que ela é sábia e tem uma perspicácia de alguém muito mais velho. Ela vai ser boa para os Varden.

- E é por isso que você a está apoiando?

- Sim.

Hrothgar acenou com a cabeça, levantando e abaixando sua barba longa e branca.

- Isso me deixa aliviado. Ultimamente tem havido pouquíssima preocupação em relação ao que é bom e correto, e muita sobre o que irá trazer poder individual. É difícil assistir a tanta idiotice e não ficar furioso.

Um silêncio desconfortável, sufocante se fez entre eles na longa sala do trono. Para quebrá-lo, Eragon perguntou:

- O que será feito do abrigo para dragões? Será que vão construir um novo andar?

Pela primeira vez, os olhos do rei ficaram tristes, realçando as linhas que os cercavam e os alargavam como raios numa roda de carroça. Era o mais próximo que Eragon vira de um anão prestes a chorar.

- Será necessário conversar muito antes de tal passo ser dado. O que Saphira e Arya fizeram foi uma coisa terrível. Talvez necessária, mas terrível. Ah, teria sido melhor se os Urgals tivessem nos assolado antes de Isidar Mithrim ser destruído. O coração de Tronjheim foi despedaçado, assim

como o nosso. - Hrothgar colocou o punho no peito e depois abriu lentamente a mão e se abaixou para pegar o cabo de Volund, envolto por uma capa de couro.

Saphira tocou a mente de Eragon. Ele sentiu diversas emoções dentro dela, mas o que mais o surpreendeu foi o remorso e a culpa. Ela lamentava sinceramente o fim da Estrela Rosa, apesar de ter sido preciso arruiná-la. *Pequenino, disse ela, me ajude. Preciso falar com Hrothgar. Pergunte a ele: Será que os anões têm a capacidade de reconstruir Isidar Mithrim a partir dos fragmentos?*

Enquanto ele repetia as palavras, Hrothgar murmurou algo em sua própria língua, para depois dizer:

- A capacidade nós temos, mas e daí? Tal tarefa levaria meses ou anos para ser realizada e o resultado final seria um arremedo falido da beleza que outrora enfeitava Tronjheim! É uma abominação que jamais irei sancionar.

Saphira continuou a olhar para o rei sem piscar. *Agora, diga a ele: Se os fragmentos de Isidar Mithrim fossem reunidos, sem uma única peça faltando, acredito que poderia fazer com que ficasse inteira mais uma vez.*

Eragon ficou olhando-a pasmo, esquecendo-se de Hrothgar em seu espanto. *Saphira! A energia que seria requerida! Você mesma me disse que não poderia usar a magia a seu bel-prazer, então o que lhe dá certeza de que pode fazer isso?*

Posso fazê-lo se a necessidade for grande o bastante. Será o meu presente para os anões. Lembre-se do túmulo de Brom, deixe que essa recordação dissipe a sua dúvida. E feche a boca - não é de bom tom ficar assim, e o rei estão olhando.

Quando Eragon comunicou a oferta de Saphira, Hrothgar se levantou com uma exclamação:

- Isso é possível? Nem mesmo os elfos poderiam tentar realizar tal proeza.

- Ela confia em sua capacidade.

- Então iremos reconstruir Isidar Mithrim, não importa que levemos cem anos. Iremos construir uma estrutura para a jóia e colocar cada pedaço no seu lugar de origem. Nenhuma lasca será esquecida. Mesmo se tivermos que quebrar os pedaços maiores para movê-los, isso será feito com toda a

nossa habilidade lapidaria, para que não se perca nenhuma limalha ou partícula. Vocês virão depois, quando tivermos terminado, e restaurarão a Estrela Rosa.

- Viremos sim - concordou Eragon, inclinando-se.

Hrothgar sorriu, e foi como uma rachadura numa parede de granito.

- Que grande alegria você me deu, Saphira. Sinto mais uma vez que tenho uma razão para governar e viver. Se você fizer isso, anões de toda parte irão honrar seu nome por incontáveis gerações. Vão agora com a minha bênção enquanto eu espalho as novidades entre os clãs. E não se sintam presos para esperar o meu anúncio, pois tamanha notícia não deve ser negada a nenhum anão, levem-na para todos que encontrar. Que os salões ecoem com o júbilo de nossa raça.

Com mais um inclinar de cabeça, Eragon e Saphira partiram, deixando o rei dos anões sorrindo no trono. Do lado de fora do salão, Eragon contou a Orik o que havia transcorrido. O anão se curvou na mesma hora e beijou o chão diante de Saphira. Ergueu-se com um sorriso largo e agarrou o braço de Eragon, dizendo:

- De fato, uma maravilha. Você nos deu exatamente a esperança de que necessitávamos para resistirmos aos acontecimentos recentes. Haverá muita bebedeira hoje à noite, posso apostar!

- E amanhã será o funeral.

Orik aquietou-se por um instante.

Amanhã, sim. Mas até lá não devemos deixar que pensamentos infelizes nos perturbem! Venha!

Pegando a mão de Eragon, o anão o arrastou por Tronjheim até um grande salão de festas onde muitos anões estavam sentados em mesas de pedra. Orik pulou para cima de uma delas, espalhando pratos e tigelas pelo chão e, em voz alta, proclamou as notícias sobre Isidar Mithrim. Eragon quase ficou surdo com os aplausos e os berros que se seguiram. Cada um dos anões insistiu em ir até Saphira para beijar o chão da mesma forma que Orik havia feito. Quando o ritual se encerrou, todos abandonaram os seus pratos e encheram suas canecas de pedra com cerveja e hidromel.

Eragon se juntou à festança com uma entrega que o surpreendeu. Aquilo ajudou a diminuir a melancolia acumulada em seu coração. No

entanto, tentou resistir à devassidão completa, pois estava consciente dos deveres que o aguardavam no dia seguinte, e queria estar com a cabeça alerta.

Até mesmo Saphira tomou um gole de hidromel e, ao descobrir que ela tinha gostado, os anões lhe deram um barril inteiro com a bebida. Baixando delicadamente suas poderosas mandíbulas através da parte aberta do tonel, ela o esvaziou com três longos goles, para depois virar a cabeça em direção ao teto e soltar uma língua de fogo gigantesca. Levou alguns minutos para que Eragon convencesse os anões de que era seguro aproximar-se dela novamente, mas assim que conseguiu, eles trouxeram para ela um outro barril - ignorando os protestos do cozinheiro - e o Cavaleiro ficou vendo, estupefato, sua montaria esvaziá-lo também.

Enquanto Saphira ficava cada vez mais inebriada, suas emoções e pensamentos vinham para Eragon com muito mais força. Ficou difícil para ele contar com seus próprios sentidos: a visão dela começou a se sobrepor à dele, obscurecendo os movimentos e mudando as cores. Até mesmo os odores que ele sentia mudaram em alguns momentos, tornando-se mais agudos e pungentes.

Os anões começaram a cantar juntos. Acenando enquanto se levantava Saphira cantava com os lábios fechados, pontuando cada frase com um rugido. Eragon abriu a boca para se juntar à cantoria e ficou chocado quando, em vez de palavras, percebeu que o rosnar estridente da voz de um dragão saía pela sua boca. *Isso, pensou ele, balançando a cabeça, está indo longe demais... Ou será que estou apenas bêbado?* Ele resolveu que aquilo não importava e continuou a cantar arrebatadamente, com voz de dragão ou não.

Anões continuavam a fluir para dentro do salão à medida que as notícias sobre Isidar Mithrim se espalhavam. Logo, centenas tomaram as mesas, formando um anel espesso em volta de Eragon e Saphira. Orik chamou músicos que se acomodaram num canto, onde tiraram as capas verdes de veludo de seus instrumentos. Imediatamente harpas, alaúdes e flautas prateadas fizeram suas ricas melodias pairarem sobre a multidão.

Muitas horas se passaram antes do barulho e da excitação começarem a diminuir. Quando isso se deu, Orik subiu novamente em cima da mesa. Ele ali ficou, com as pernas abertas para dar equilíbrio, a caneca na mão, o boné firme e virado de lado e gritou:

- Ouçam, ouçam! Finalmente celebramos da forma apropriada. Os Urgals se foram, o Espectro está morto e vencemos! - Os anões bateram todos em cima de suas mesas em sinal de aprovação. Foi um bom discurso, curto e direto. Mas Orík ainda não havia terminado. - Para Eragon e Saphira! - bradou, levantando a caneca. Isso também foi um gesto bem recebido.

Eragon se levantou e se curvou, o que gerou mais gritos. Ao seu lado, Saphira se erguia para colocar a pata dianteira sobre o peito, numa tentativa de copiar o movimento de seu Cavaleiro. Ela cambaleou e os anões, percebendo o perigo, se afastaram. Por um triz, não foram atingidos. Com um grito em voz alta, Saphira caiu para trás, aterrissando numa mesa para banquetes.

Uma dor percorreu as costas de Eragon e ele caiu sem sentidos ao lado da cauda do animal.

RÉQUIEM

- Acorde, Knurlhiem! Você não pode dormir agora. Nós somos necessários no portão... eles não começarão sem nós. Eragon se esforçou para abrir os olhos, ciente da dor de cabeça e do corpo dolorido. Ele estava deitado numa mesa fria de pedra.

- O quê? - Ele fez uma careta depois de sentir um gosto ruim na língua.

Orík puxou sua barba marrom.

- O cortejo de Ajihad. Temos que estar presentes!

- Não, do que você me chamou? - Eles ainda estavam no salão de festas, que estava vazio exceto por ele, Orík e Saphira, caída ao seu lado entre duas mesas. Ela se mexeu e levantou a cabeça, olhando em volta com olhos embaçados.

- Cabeça dura! Eu o chamei de cabeça dura porque estou tentando acordá-lo há quase uma hora.

Eragon se aprumou e deslizou para fora da mesa. Flashes de lembranças da noite passada passaram pela sua cabeça. *Saphira, como está você?*, perguntou ele, cambaleando em sua direção.

Ela girou a cabeça, passando sua língua escarlate por dentro e por

fora dos dentes, como um gato que havia comido algo desagradável. *Inteira... acho. Minha asa esquerda está um pouco estranha, acho que foi sobre ela que eu aterrissei. E minha cabeça está pesada, com mil flechas ardentes.*

- Alguém se machucou quando ela caiu? - perguntou Eragon, preocupado.

Uma gargalhada sincera explodiu do peito volumoso do anão.

- Só aqueles que caíram de suas cadeiras de tanto rir. Um dragão bêbado e caindo por causa disso! Estou certo de que canções falarão sobre isso por décadas. - Saphira arrastou as asas e desviou o olhar afetadamente. - Achamos que seria melhor deixar você aqui, já que não conseguíamos movê-la, Saphira. Isso deixou o cozinheiro-chefe aflito... ele temia que você fosse beber mais do que os quatro barris que entornou de sua melhor safra.

E você chegou a me punir uma vez por ter bebido! Se eu consumisse quatro barris acabaria morto!

É por isso que você não é dragão.

Orik jogou uma trouxa de roupas nos braços de Eragon.

- Tome, vista essas. São mais apropriadas para um funeral do que o seu traje. Mas apresse-se, pois temos pouco tempo. - Eragon fez um grande esforço para vestir tudo: uma camisa branca franzida, com laços nas mangas, um colete vermelho ornado com fitas e bordados dourados, calças escuras, botas pretas brilhantes que estrepitavam ao pisar no chão, e uma capa rodada, amarrada logo abaixo da garganta com um broche cheio de enfeites. No lugar da tira de couro habitual, um cinto cheio de adornos em que Zar'roc estava amarrada.

Eragon salpicou o rosto de água e tentou arrumar o cabelo de forma a ficar com um aspecto asseado. Depois, Orik conduziu a ele e a Saphira para fora do salão, em direção ao portão sul de Tronjheim.

- Temos que começar de lá - explicou ele, movendo-se com uma velocidade surpreendente sobre suas pernas grossas - porque foi onde a procissão com o corpo de Ajihad parou há três dias. Sua jornada para o túmulo não pode ser interrompida, ou então seu espírito não terá descanso.

Um costume estranho, reparou Saphira.

Eragon concordou, notando uma leve inconstância no andar de Saphira. Em Carvahall, as pessoas eram normalmente enterradas em suas

fazendas ou, se morassem no vilarejo, num pequeno cemitério. Os únicos rituais que faziam parte do procedimento eram versos de certas baladas recitados e um banquete fúnebre que era oferecido depois das exéquias para os parentes e amigos.

Você consegue agüentar o funeral inteiro?, perguntou Eragon ao ver Saphira cambalear novamente.

Ela fez uma breve careta. *Isso é o compromisso com Nasuada, mas depois vou precisar dormir. Odeio hidromel!*

Ao retomar sua conversa com Orik, Eragon perguntou:

- Onde Ajihad será enterrado?

Orik diminuiu o passo e olhou para Eragon com cautela.

- Isso foi motivo de briga entre os clãs. Quando um anão morre, acreditamos que sua sepultura deve ser vedada por pedra ou ele jamais irá se juntar aos seus ancestrais... Essa é uma questão complexa e não posso talar mais do que isso para um forasteiro... mas percorremos grandes distâncias para assegurar que um enterro seja assim. A vergonha recai sobre uma família ou clã caso permitam que qualquer um dos seus descanse num elemento inferior.

Depois de uma pausa, prosseguiu:

- Debaixo de Farthen Dûr existe uma câmara que é o lar de todos os knurlan, de todos os anões que morreram aqui. É para lá que Ajihad será levado. Ele não pode ser sepultado conosco, já que é humano, mas uma alcova consagrada já lhe foi reservada. Lá os Varden poderão visitá-lo sem perturbar nossas grutas sagradas e Ajihad receberá o respeito que lhe é devido.

- Seu rei fez muito pelos Varden - comentou Eragon.

- Tem gente que pensa que fez demais.

Perante o enorme portão - içado por suas correntes escondidas para revelar uma tênue luz matinal que se movia para dentro de Farthen Dûr - eles encontraram uma fileira cuidadosamente disposta. Ajihad estava à frente, frio e pálido, num esquife de mármore branco carregado por seis homens trajando armaduras negras. Sobre a sua cabeça havia um elmo coberto de pedras preciosas. Suas mãos estavam uma em cima da outra, abaixo da clavícula, sobre o cabo de marfim de sua espada desembainhada, que se estendia por

baixo do escudo que cobria seu peito e suas pernas. A cota de malha prateada, como anéis de raios lunares, pesava mais que seus membros e caía sobre o esquiife.

Logo atrás do corpo estava Nasuada - com ar solene, coberta por uma capa negra e firme na sua posição, embora lágrimas ornassem o seu semblante. Ao seu lado, estava Hrothgar usando um manto escuro, depois Arya, o Conselho de Anciãos, todos com uma conveniente expressão compassiva, e finalmente uma torrente de enlutados que se estendia por mais de um quilômetro e meio além de Tronjheim.

Cada porta e arcada do salão de quatro andares que levava à câmara central de Tronjheim, a oitocentos metros de distância, estava aberta e cheia de humanos e anões. Entre as faixas de rostos desolados, as longas tapeçarias se agitaram ao serem atingidas por centenas de suspiros e sussurros quando Saphira e Eragon apareceram.

Jörmundur acenou para que ambos se juntassem a ele. Tentando não estragar a formação, Eragon e Saphira foram se esgueirando pela fileira até ocuparem o espaço ao seu lado, recebendo um olhar de desaprovação de Sabrae. Orik se postou atrás de Hrothgar.

Juntos eles esperaram, embora Eragon não soubesse por quê.

Todas as luzes das lanternas foram reduzidas até a metade para que o frio crepúsculo se espalhasse pelo ar, emprestando uma sensação etérea ao evento. Ninguém parecia se mover ou respirar: por um breve momento, Eragon imaginou que todos fossem estátuas congeladas para toda a eternidade. Um único rolo de fumaça de incenso brotava do esquiife e era levado pelo vento em direção ao teto enevoadado enquanto espalhava o aroma de cedro e zimbro. Era o único movimento no salão, uma linha com formato de chicote que ondulava sinuosamente de um lado para o outro.

Bem nas profundezas de Tronjheim, um tambor rufou. *Bum*. A nota grave e sonora ressoou pelos ossos dos presentes, fazendo a cidade-montanha vibrar e ecoar como se fosse um grande sino de pedra.

Eles deram um passo à frente.

Bum. Na segunda nota, outro passo, e um bumbo mais grave se fundiu ao primeiro, cada batida reverberando inexoravelmente pelo salão. A força do som os projetou numa marcha majestosa. Deu a cada passo um

significado, um sentido e uma gravidade adequados à situação. Nenhum pensamento poderia existir no meio da pulsação que os cercava, apenas um crescendo de emoção que os tambores habilmente passavam, trazendo lágrimas e uma alegria agriçoce ao mesmo tempo.

Bum.

Quando o túnel terminou, os homens que carregavam Ajihad fizeram uma pausa entre os pilares de ônix antes de adentrar a câmara central. Lá, Eragon viu os anões ficando ainda mais solenes na iminência de contemplar Isidar Mithrim.

Bum.

Eles andaram através de um cemitério de cristal. Um círculo de fragmentos enormes estava no centro da grande câmara, cercado o martelo e os pentagramas incrustados. Muitos pedaços eram maiores do que Saphira. Os raios da estrela safira ainda emitiam uma luz trêmula nos fragmentos e, em alguns deles, pétalas da rosa entalhada eram visíveis.

Bum.

Os carregadores continuaram em frente, passando entre os inúmeros fios de navalha. Depois, a procissão virou e começou a descer por degraus largos até chegar aos túneis inferiores. Marcharam através de muitas cavernas, passaram por cabanas de pedra, onde crianças anãs se agarravam a suas mães e fitavam os integrantes do séquito com olhos arregalados.

Bum.

E com aquele crescente final, eles pararam sob estalactites que, tal como costelas, se ramificava por sobre uma grande catacumba com alcovas alinhadas. Em cada alcova havia uma sepultura com um nome e o símbolo do clã gravados. Milhares - centenas de milhares - estavam enterrados ali. A única luz vinha de lanternas vermelhas dispostas de forma esparsa, pálidas no meio das sombras.

Depois de um instante, os carregadores andaram a passos largos até um pequeno salão anexo à câmara principal. No centro, numa plataforma elevada, havia uma grande cripta aberta à espera na escuridão. Em seu topo, estava gravado em letras rúnicas:

Que todos, Knurlan, Humanos e Elfos, Lembrem-se Deste homem.

Pois ele era Nobre, Forte e Sábio.

Günthera Arūna Assim que os enlutados se reuniram em volta, Ajihad foi baixado para dentro da cripta. Aqueles que o conheceram pessoalmente puderam se aproximar. Eragon e Saphira eram os quintos da fila, atrás de Arya. Enquanto subiam os degraus de mármore para ver o corpo, uma tristeza esmagadora se apoderou de Eragon, e sua angústia era ainda maior pelo fato de ele também estar considerando este funeral como se fosse o de Murtagh.

Ao parar ao lado da tumba, Eragon olhou para baixo em direção a Ajihad. Ele parecia muito mais calmo e tranquilo do que aparentava em vida, como se a morte houvesse reconhecido a sua grandeza e o honrado ao remover todos os traços das suas preocupações mundanas. Eragon só teve contato com Ajihad por um breve período, mas neste tempo ele viera a respeitá-lo tanto como pessoa quanto pelo que representava: liberdade contra a tirania. Além disso, Ajihad foi a primeira pessoa a conceder um porto seguro a Eragon e Saphira desde que ambos deixaram o vale Palancar.

Comovido, Eragon tentou pensar no melhor elogio que podia fazer. Por fim, sussurrou algo que atravessou o nó em sua garganta.

- Você será lembrado, Ajihad. Eu juro. Descanse em paz sabendo que Nasuada continuará o seu trabalho e que o Império será derrotado por causa daquilo que você realizou. - Sentindo o toque de Saphira em seu braço, Eragon saiu da plataforma em sua companhia, cedendo a vez a Jörmundur.

Quando, finalmente, todos prestaram suas condolências, Nasuada se curvou perante Ajihad e tocou a mão do seu pai, segurando-a com uma urgência delicada. Emitindo um gemido doloroso, ela começou a cantar numa linguagem estranha e chorosa, enchendo a caverna com suas lamentações.

Em seguida, vieram doze anões e deslizaram uma placa de mármore por sobre Ajihad. E ele se foi.

LEALDADE

Eragon bocejou enquanto as pessoas se ajeitavam dentro do anfiteatro subterrâneo. A arena espaçosa ecoava o balbuciar de vozes em discussão acerca do funeral' encerrado há pouco. Eragon sentou-se na fileira mais baixa, no mesmo nível do pódio. Com ele estavam Orik, Arya, Hrothgar,

Nasuada e o Conselho de Anciãos. Saphira situou-se na escada que passava no meio da arquibancada. Inclinando-se para a frente, Orik disse:

- Desde Korgan, cada um dos nossos reis foi escolhido aqui. Seria adequado que os Varden fizessem o mesmo.

Ainda há de ser visto, pensou Eragon, *se esta transferência de poder continuará pacífica*. Ele esfregou um olho, enxugando lágrimas recentes, o funeral havia lhe deixado abalado.

Cobrindo os resquícios de sua dor, a ansiedade agora retorcia suas entranhas. Ele estava preocupado com o seu papel nos eventos que estavam por vir. Mesmo se tudo corresse bem, ele e Saphira estavam prestes a fazer inimigos em potencial. Sua mão caiu sobre Zar'roc e apertou o copo da espada.

Alguns minutos depois o anfiteatro ficou cheio. Em seguida, Jörmundur subiu ao pódio.

- Povo dos Varden, estivemos aqui pela última vez quinze anos atrás, na ocasião da morte de Deynor. Seu sucessor, Ajihad, fez mais oposição ao Império e a Galbatorix do que qualquer antecessor. Venceu incontáveis batalhas contra forças muito superiores. Ele quase matou Durza, chegando a arranhar a espada do Espectro. E mais do que tudo isso, ele acolheu o cavaleiro Eragon e Saphira em Tronjheim. No entanto, um novo líder deve ser escolhido, aquele que trará ainda mais glórias.

Alguém mais no alto gritou:

- O Matador de Espectros!

Eragon tentou não reagir - ficou satisfeito ao ver que Jörmundur nem sequer piscou. Ele prosseguiu:

- Talvez nos anos que estão por vir, mas agora ele tem outros deveres e responsabilidades. Não, o Conselho de Anciãos pensou longamente sobre isso: precisamos de alguém que entenda as nossas necessidades e desejos, alguém que tenha vivido e sofrido ao nosso lado. Alguém que se recuse a fugir, mesmo quando a batalha for iminente.

Naquele momento, Eragon sentiu que a compreensão se precipitou inteiramente sobre os ouvintes. O nome veio como um sussurro de milhares de gargantas e foi proferido pelo próprio Jörmundur:

- Nasuada. - Com uma medida, Jörmundur deu um passo para o

lado.

A próxima a falar foi Arya. Ela examinou a platéia que esperava e depois disse:

- Os elfos reverenciam Ajihad hoje à noite... E, em nome da rainha Islanzadí, reconheço a ascensão de Nasuada e lhe ofereço o mesmo apoio e amizade que estendemos ao seu pai. Que as estrelas a guiem.

Hrothgar subiu no pódio e afirmou asperamente:

- Eu também apóio Nasuada, assim como os clãs. - Ele chegou para o lado.

Depois foi a vez de Eragon. Perante a multidão, com todos os olhares voltados para si e Saphira, ele disse:

- Nós também apoiamos Nasuada. - Saphira rosnou demonstrando estar de acordo.

Compromissos firmados, os membros do Conselho de Anciãos ficaram lado a lado, de uma ponta a outra do pódio, com Jörmundur mais à frente. Portando-se altivamente, Nasuada se aproximou e se ajoelhou diante dele, seu vestido expandiu-se em largas ondas negras. Erguendo sua voz, Jörmundur afirmou:

- Pelo direito de herança e sucessão, escolhemos Nasuada. Pelo mérito dos feitos de seu pai e as bênçãos de seus pares, escolhemos Nasuada. E agora perguntamos a vocês: Será que escolhemos bem?

A vozeria foi esmagadora.

- *Sim!*

Jörmundur acenou com a cabeça.

- Então, pelo poder concedido a este Conselho, transmitimos os privilégios e as responsabilidades de Ajihad para a sua única descendente, Nasuada. - Ele colocou suavemente um círculo de prata na testa de Nasuada. Pegou a mão da moça e a fez levantar-se. Depois pronunciou:

- Apresento a nossa nova líder!

Durante dez minutos, os Varden e os anões deram vivas, ressoando sua aprovação até o salão reverberar com o clamor. Assim que os apupos começaram a diminuir de intensidade, Sabrae foi até Eragon, sussurrando:

- Agora é hora de você cumprir a sua promessa.

Naquele momento, todo o barulho pareceu ter cessado para Eragon.

Seu nervosismo desapareceu também, engolido no curso daquele instante. Depois de respirarem fundo para que ficassem insensíveis a tudo, ele e Saphira começaram a se aproximar de Jörmundur e Nasuada, cada passo uma eternidade. Enquanto andavam, ele olhou para Sabrae, Elessari, Umérth e Falberd - notando seus meio-sorrisos, sua presunção e, da parte de Sabrae, o mais completo desdém. Atrás dos membros do Conselho estava Arya. Ela acenou com a cabeça em sinal de apoio.

Estamos prestes a mudar a história, disse Saphira.

Estamos nos jogando de um penhasco sem saber qual é a profundidade da água lá embaixo.

Ah, mas que vôo glorioso!

Com uma breve olhada para o rosto sereno de Nasuada, Eragon se curvou e ajoelhou. Tirando Zar'roc de sua bainha, colocou a espada nas palmas das mãos e depois a ergueu, como se a estivesse oferecendo para Jörmundur. Por um instante, a espada pairou entre Jörmundur e Nasuada, oscilando entre dois destinos diferentes. Eragon sentiu sua respiração ficar presa - uma simples escolha para estabilizar uma vida. E mais do que uma vida: um dragão, um rei, um Império!

Depois sua respiração acelerou, enchendo seus pulmões com regularidade novamente, e ele se virou para encarar Nasuada.

- Com o meu mais profundo respeito... e consideração pelas dificuldades que a esperam... eu, Eragon, primeiro Cavaleiro dos Varden, Matador de Espectros e Argetlam, lhe ofereço a minha espada e a minha lealdade, Nasuada.

Os Varden e os anões ficaram olhando, emudecidos. Naquele mesmo instante, o Conselho dos Anciãos passou da satisfação maligna e triunfante à impotência enfurecida. Seus olhares fixos arderam com a força e o veneno daqueles que foram traídos. Até mesmo Elessari deixou a afronta irromper de sua conduta amável. Apenas Jörmundur - depois de um breve choque por causa da surpresa - pareceu aceitar o anúncio com serenidade.

Nasuada sorriu e segurou Zar'roc, colocando a ponta da espada sobre a testa de Eragon, assim como antes.

- Fico honrada por você ter escolhido me servir, Cavaleiro Eragon. Eu aceito, assim como você aceita todas as responsabilidades que

acompanham o posto. Erga-se como meu súdito e pegue a sua espada.

Eragon o fez e depois deu um passo atrás junto com Saphira. Com gritos de aprovação, a multidão se levantou, e os anões batiam ritmicamente com suas botas enquanto os guerreiros humanos golpeavam os escudos com as espadas.

Ao se virar para o pódio, Nasuada olhou para todas as pessoas que estavam no anfiteatro. Ela sorriu para eles, seu rosto refletia puro júbilo.

- Povo dos Varden! Silêncio.

- Como meu pai fez antes de mim, dou minha vida a vocês e a nossa causa. Jamais desistirei de lutar até que os Urgals sejam derrotados, Galbatorix esteja morto e Alagaësia seja livre mais uma vez!

Mais gritos e aplausos.

- Portanto, digo a vocês que agora é hora de se preparar. Aqui em Farthen Dûr, depois de escaramuças intermináveis, vencemos nossa maior batalha. É nossa vez de atacar. Galbatorix está fraco depois de perder tantas forças, e jamais haverá uma oportunidade como essa novamente. Logo, repito, agora é chegada a hora de nos prepararmos para que novamente possamos nos proclamar vitoriosos!

Depois de mais alguns discursos de várias pessoas importantes - incluindo um ainda furioso Falberd - o anfiteatro começou a esvaziar. No que Eragon se levantou para partir, Orik agarrou o seu braço, detendo-o. O anão estava com os olhos arregalados.

- Eragon, você havia planejado tudo isso com antecedência?

Por um breve instante, Eragon pensou se seria inteligente de sua parte lhe contar, mas acabou acenando positivamente.

- Sim.

Orik soltou a respiração, balançando a cabeça.

- Foi um gesto de muita coragem da sua parte, se foi. Para começo de conversa, você colocou Nasuada numa posição muito forte. Foi perigoso, contudo, a se julgar pela reação do Conselho de Anciãos. Arya aprovou tudo isso?

- Ela concordou que era necessário. O anão o estudou atenciosamente.

- Estou certo de que era. Você simplesmente alterou a balança do

poder, Eragon. Por causa disso, ninguém mais irá subestimá-lo novamente... Cuidado com as pedras podres. Hoje você ganhou alguns inimigos poderosos.

- Ele bateu nas costas de Eragon e seguiu em frente.

Saphira ficou vendo-o partir e depois disse: *Devíamos nos preparar para deixar Farthen dūr. O Conselho está sedento por vingança. Quanto mais cedo estivermos fora de seu alcance, melhor.*

UMA FEITICEIRA, UMA COBRA E UM PERGAMINHO

Naquela noite, ao retornar a seus aposentos após banhar-se, Eragon ficou surpreso ao ver uma mulher alta esperando-o no saguão. Ela tinha o cabelo escuro, olhos azuis magníficos e uma boca maliciosa. Em volta do seu pulso havia um bracelete dourado com a forma de uma cobra sibilante. Eragon esperava que ela não estivesse lá para pedir conselhos, como tantos Varden faziam.

- Argetlam. - Ela lhe fez reverência graciosamente. Em troca, ele inclinou a cabeça.

- Posso ajudá-la?

- Espero que sim. Sou Trianna, feiticeira de Du Vrangr Gata.

- Sério? Uma feiticeira? - perguntou ele, intrigado.

- Bruxa que faz feitiços durante batalhas, espiã e qualquer coisa que os Varden julgarem necessário. Não há praticantes de magia suficientes, por isso cada um de nós acaba recebendo uma dúzia de tarefas. - Ela sorriu, mostrando dentes brancos e bem nivelados. - Foi por isso que vim aqui hoje. Ficaríamos honrados se você pudesse liderar o nosso grupo. Você é o único que pode substituir os Gêmeos.

Quase sem perceber, ele sorriu de volta. Ela era tão amável e charmosa que ele detestaria dizer não.

- Temo que não possa aceitar tal encargo, Saphira e eu estamos prestes a deixar Tronjheim. Além do mais, eu precisaria consultar Nasuada antes, de qualquer maneira. *E eu não quero mais me envolver com essa história de política... especialmente onde os Gêmeos costumavam ser líderes.*

Trianna mordeu o lábio.

- Lamento ouvir isso. - Ela se aproximou. - Talvez possamos passar algum tempo juntos antes de você partir. Poderia lhe mostrar como convocar e controlar espíritos... Seria *educativo* para nós dois.

Eragon sentiu um rubor esquentar o seu rosto.

- Agradeço pela oferta, mas no momento estou muito ocupado. Uma centelha de raiva fez os olhos de Trianna cintilarem e depois sumiu tão rapidamente que Eragon se perguntou se a havia visto no fim das contas. Ela suspirou delicadamente.

- Eu entendo.

Ela parecia tão decepcionada - e tão desconsolada - que Eragon se sentiu culpado por repeli-la. *Não vai doer conversar com ela durante alguns minutos*, disse a si mesmo.

- Estou curioso, como você aprendeu a fazer magia? Trianna ficou radiante.

- Minha mãe era curandeira em Surda. Ela possuía algum poder e teve como me instruir dos antigos costumes. É claro, não estou nem perto de ser tão poderosa quanto um Cavaleiro. Ninguém de Du Vrangr Gata poderia ter derrotado Durza sozinho, como você fez. Isso foi um feito heróico.

Acanhado, Eragon bateu com suas botas no chão.

- Não teria sobrevivido se não fosse por Arya.

- Você é muito modesto, Argetlam - lembrou ela. - Foi *você* que deu o golpe final. Devia estar orgulhoso do seu feito. É algo digno do próprio Vrael. - Ela se inclinou em sua direção. O coração do moço acelerou enquanto sentia o perfume de Trianna, que era puro e almiscarado, e sugeria um tempero exótico. - Você já ouviu as músicas escritas sobre você? Os Varden as cantam todas as noites em volta de suas fogueiras. Elas dizem que você veio tomar o trono de Galbatorix!

- Não - disse Eragon, rápida e impetuosamente. Ele não iria tolerar esse tipo de rumor. - Eles podem até dizer isso, mas eu não o farei. Seja qual for o meu destino, não aspiro liderança alguma.

- E é inteligente da sua parte que não o faça. O que é um rei, afinal de contas, além de um homem aprisionado pelos seus deveres? Essa seria uma recompensa de fato ruim para o último Cavaleiro livre e seu dragão. Não, para você só mesmo a liberdade de ir e vir, fazer o que deseja e, por extensão,

moldar o futuro da Alagaësia. - Ela fez uma pausa. - Você ainda tem algum familiar no Império?

O *quê*?

- Só um primo.

- Então você não está noivo?

A pergunta o pegou desprevenido. Nunca ninguém havia lhe feito tal questionamento.

- Não, não estou noivo.

- Com certeza deve haver alguém de quem você gosta. - Ela se aproximou um pouco mais e sua manga cheia de fitas roçou no braço do Cavaleiro.

- Nunca fui íntimo de ninguém em Carvahall - hesitou ele - e venho viajando desde então.

Trianna recuou um pouco e depois levantou o pulso para que o bracelete de serpente ficasse na altura dos olhos.

- Você gosta dele? - indagou ela. Eragon piscou e acenou com a cabeça, embora fosse de fato um pouco desconcertante. - Eu o chamo de Lorga. Ele é meu amigo íntimo e protetor. - Inclinando-se para a frente, ela soprou o bracelete, para depois murmurar: - Sé orúm thornessa hávr sharjalví lífs.

Com um farfalhar seco, a cobra começou a se mexer e ganhar vida. Eragon ficou observando, fascinado, enquanto a criatura se contorcia em volta do braço pálido de Trianna para depois se erguer e fixar seus olhos de rubi sobre ele, com a língua de arame saindo e voltando para a boca. Seus olhos pareceram se expandir até ficarem tão largos quanto o punho de Eragon. Ele sentia como se estivesse tombando para dentro de suas profundezas ardentes, não conseguia desviar o olhar por mais que tentasse.

Então, depois de um breve comando, a serpente endureceu e reassumiu sua posição original. Com um suspiro cansado, Trianna se recostou na parede.

- Não é muita gente que entende o que nós, que nos valem da magia, fazemos. Mas queria que soubesse que há outros parecidos com você, e nós o ajudaremos se pudermos.

Impulsivamente, Eragon colocou sua mão sobre a dela. Ele nunca

havia tentado se aproximar de uma mulher dessa maneira antes, mas o instinto o obrigou a avançar, dando-lhe coragem para aproveitar a chance. Era assustador, divertido.

- Se você quiser, podemos sair para comer. Há uma cantina não muito distante daqui.

Ela colocou sua outra mão sobre a dele, dedos frios e macios, tão diferente dos apertos brutais aos quais Eragon estava acostumado.

- Gostaria sim. Será que podemos... - Trianna deu um passo em falso assim que a porta se abriu violentamente a suas costas. A feiticeira se virou e gritou ao se ver cara a cara com Saphira.

A fera permaneceu imóvel, exceto por um lábio que se levantava lentamente para revelar uma linha de dentes recortados. E depois rosnou. Foi um rosnado sensacional - coberto de desdém e ameaça - que se ergueu e se espalhou pelo salão durante mais de um minuto. Ouvi-lo era como suportar um discurso longo, extremamente áspero e dilacerante.

Eragon ficou olhando-a o tempo todo.

Quando acabou, Trianna estava apertando sua saia com ambas as mãos, torcendo o tecido. Seu rosto estava branco e assustado. Ela rapidamente fez uma reverência para Saphira e, depois, num gesto que mal se esforçou para reprimir, se virou e fugiu. Agindo como se nada tivesse acontecido, Saphira levantou uma das pernas e lambeu uma das garras. *Foi quase impossível abrir a porta, torceu o nariz.*

Eragon não conseguiu mais se conter. *Por que você fez isso?, explodiu. Você não tinha razão para interferir!*

Você precisava da minha ajuda, continuou ela, inabalável.

Se eu precisasse da sua ajuda, teria chamado!

Não grite comigo, vociferou, apertando a sua mandíbula. Ele podia sentir as emoções dela fervendo em seu interior com a mesma agitação das dele. *Não vou deixar você andar por aí com uma mulher relaxada, suja e desleixada que se importa mais com Eragon como Cavaleiro do que como pessoa.*

Ela não era uma mulher relaxada, urrou Eragon. Ele socou a parede, frustrado. *Sou um homem agora, Saphira, não um ermitão. Você não pode esperar que eu vá ignorar... ignorar as mulheres só porque sou o que sou. E*

essa decisão com certeza não é sua. No mínimo, eu poderia ter uma boa conversa com ela, e falar sobre outras coisas além das tragédias com as quais temos lidado ultimamente. Você está na minha cabeça há tempo suficiente para saber como eu me sinto. Por que não podia me deixar sozinho? Onde estava o perigo?

Você não entende. Ela se recusava a encará-lo.

Não entendo! Você vai evitar para sempre que eu tenha mulher e filhos? E quanto a uma família?

Eragon. Ela finalmente fixou um dos seus grandes olhos nele. Estamos intimamente ligados.

Obviamente!

E se você for atrás de um relacionamento, com ou sem a minha bênção, e ficar... afeiçoado... a alguém, meus sentimentos também ficarão comprometidos. Você devia saber disso. Portanto - e só vou lhe avisar uma vez - , seja cuidadoso com suas escolhas, pois irá envolver a nós dois.

Ele considerou rapidamente as palavras de Saphira. No entanto, nosso vínculo funciona de ambas as maneiras. Se você odiar alguém, eu serei influenciado do mesmo jeito... entendo a sua preocupação. Então você não estava simplesmente com ciúmes?

Ela lambeu a garra mais uma vez. Talvez um pouco.

Foi Eragon que rugiu desta vez. Ele passou por Saphira, roçando em seu corpo ao entrar no quarto, pegou Zar'roc, e depois se afastou a passos largos e pomposos, enquanto embainhava a espada.

Ele vagou por Tronjheim por horas, evitando fazer contato com quem quer que fosse. O que ocorrera o havia magoado, embora não pudesse negar a verdade nas palavras de Saphira. De todas as questões que ambos discutiram, esta era a mais delicada e com a qual menos concordavam. Naquela noite - pela primeira vez desde que foi capturado em Gil'ead -, Eragon dormiu longe de sua parceira, em uma das casernas dos anões.

Eragon voltou aos seus aposentos na manhã seguinte. Num acordo tácito, ele e Saphira evitaram falar sobre o que havia transcorrido, discutir mais era inútil quando nenhum dos lados estava disposto a ceder. Além do mais, ambos estavam tão aliviados por estarem juntos outra vez que não queriam correr o risco de colocar sua amizade em perigo novamente.

Os dois estavam almoçando - Saphira dilacerava uma coxa

sangrenta - quando Jarsha chegou apressado. Como antes, encarou Saphira com os olhos arregalados, acompanhando seus movimentos enquanto ela mordiscava a ponta do osso.

- Sim? - perguntou Eragon enquanto limpava o queixo e se perguntava se o Conselho de Anciãos havia mandado chamá-lo. Ele não ouvira nenhuma notícia sobre eles desde o funeral.

Jarsha deu as costas para Saphira tempo suficiente para dizer:

- Nasuada gostaria de vê-lo, senhor. Ela está esperando na biblioteca de seu pai.

Senhor! Eragon quase deu uma gargalhada. Há pouquíssimo tempo, *ele* é que chamava as pessoas de "senhor", não o contrário. Ele olhou para Saphira.

- Você já terminou ou devemos esperar mais alguns minutos? Revirando os olhos, ela colocou o resto da carne em sua boca e partiu o osso com um estalo. *Acabei.*

- Tudo bem - disse Eragon, de pé -, pode ir, Jarsha. Nós sabemos o caminho.

Levou quase meia hora para que os dois chegassem à biblioteca, por causa do tamanho da cidade-montanha. Da mesma forma que na época em que Ajihad governava, a porta estava guardada, mas, em vez de dois homens, um esquadrão inteiro de guerreiros, endurecidos por inúmeras batalhas, estavam em pé a sua frente, alertas para o menor sinal de perigo. Iriam, com certeza, se sacrificar para proteger sua nova líder de ataques e emboscadas. Embora os homens não pudessem deixar de reconhecer Eragon e Saphira, eles foram barrados até Nasuada ser avisada da presença de seus visitantes. Só então foi permitida a entrada.

Eragon notou na mesma hora uma mudança: um vaso de flores na biblioteca. A pequena floração lilás era discreta, mas enchia o ar com uma fragrância morna que - para Eragon - evocava verões de framboesas colhidas do pé e campos ceifados bronzeados sob o sol. Ele inspirou, sensível à sabedoria com a qual Nasuada afirmava sua individualidade sem suprimir a memória de Ajihad.

Ela estava sentada atrás da ampla mesa, ainda vestida com a capa negra de luto. Enquanto Eragon se sentava, com Saphira ao seu lado, ela

disse:

- Eragon. - Era uma declaração simples, nem amigável nem hostil. Ela se virou de lado por um breve instante e depois o encarou com o olhar firme e atento. - Passei os últimos dias examinando os negócios dos Varden, assim como são. Foi um exercício desanimador. Estamos pobres, gastamos muito, nossos suprimentos estão escassos e temos poucos recrutas do Império se alistando. Pretendo mudar isso.

Ela fez uma pausa e prosseguiu:

- Os anões não podem mais nos sustentar, já que foi um ano pobre para o cultivo e eles sofreram suas próprias perdas. Pensando nisso, decidi mudar os Varden para Surda. É uma proposta difícil, mas aquela que acredito ser necessária para nos mantermos seguros. Uma vez em Surda, estaremos finalmente perto o bastante para atacar o Império diretamente.

Até mesmo Saphira se agitou, surpresa. *Olha o trabalho que vai ser necessário!*, disse Eragon. *Pode levar meses para transportar os pertences de cada um para Surda, sem mencionar o traslado de todas as pessoas. E elas provavelmente seriam atacadas ao longo do caminho.* - Pensei que o Rei Orrin não ousaria se opor abertamente a Galbatorix - protestou ele.

Nasuada sorriu indiferente.

- A postura dele mudou desde que derrotamos os Urgals. Ele nos protegerá, nos alimentará e lutará ao nosso lado. Muitos Varden já estão em Surda, principalmente mulheres e crianças que não podiam ou não iriam lutar. Elas também nos apoiarão, caso contrário eu as privarei de usarem o nosso nome.

- Como - perguntou Eragon - você se comunicou com o Rei Orrin tão rapidamente?

- Os anões usam um sistema de espelhos e lanternas para retransmitir mensagens através de seus túneis. Eles podem enviá-las daqui para o lado oeste das montanhas Beor em menos de um dia. Mensageiros depois as transportam para Aberon, capital da Surda. Por mais rápido que seja, tal método ainda é muito lento visto que Galbatorix pode nos surpreender com um exército Urgal e nos dar um aviso prévio de menos de um dia. Pretendo planejar algo ainda mais conveniente em conjunto com Du Vrangr Gata e os mágicos de Hrothgar antes de partirmos.

Ao abrir a gaveta da mesa, Nasuada retirou um enorme pergaminho.

- Os Varden deixarão Farthen Dûr daqui a um mês. Hrothgar concordou em nos assegurar uma travessia segura pelos túneis. Além disso, ele mandou uma tropa para Orthiad a fim de remover os últimos vestígios de Urgals e selar os túneis para que ninguém possa invadir novamente a morada dos anões usando tal rota. Como isso pode ser insuficiente para garantir a sobrevivência dos Varden, tenho um favor para lhe pedir.

Eragon acenou com a cabeça. Ele esperava um pedido ou uma ordem. Esse foi o único motivo para ela tê-los convocado.

- Estou pronto a obedecer as suas ordens.

- Talvez. - Seus olhos se voltaram por um segundo para Saphira. - De qualquer maneira, isso não é uma ordem, e quero que vocês pensem cuidadosamente antes de responder. Para ajudar a reunir apoio para os Varden, gostaria de espalhar por todo o Império que um novo Cavaleiro, chamado Eragon Matador de Espectros, e seu dragão, Saphira, se juntaram à nossa causa. No entanto, gostaria de ter a sua permissão antes de fazê-lo.

É perigoso demais, opôs-se Saphira.

As notícias de nossa presença aqui irão chegar ao Império de qualquer maneira, assinalou Eragon. Os Varden irão querer se gabar de sua vitória e da morte do Espectro. Como isso irá acontecer com ou sem a nossa aprovação, devemos concordar em ajudar.

Ela bufou suavemente. *Estou preocupada com Galbatorix. Até agora não tornamos público o lado que estamos apoiando.*

Nossas atitudes já foram claras o bastante.

Sim, mas mesmo quando Durza lutou contra você em Tronjheim, ele não estava tentando matá-lo. Se nossa oposição ao Império se tornar franca, Galbatorix não será tão tolerante mais uma vez. Quem sabe que forças ou planos ele pode ter deixado em suspenso enquanto tentava se apoderar de nós? Enquanto nos mantivermos ambíguos, ele não saberá o que fazer.

O momento de sermos ambíguos já passou, asseverou Eragon. Lutamos contra os Urgals, matamos o Espectro e eu jurei lealdade à líder dos Varden. Não existe ambigüidade. Não, com a sua permissão, eu concordarei com sua proposta.

Ela ficou em silêncio por um bom tempo até que abaixou a cabeça por um instante. *Como você desejar.*

Ele colocou a mão sobre seu flanco antes de voltar sua atenção para Nasuada e dizer:

- Faça o que for mais adequado. Se essa for a melhor maneira de ajudar os Varden, que seja assim.

- Obrigada. Sei que isso é pedir demais. Agora, de acordo com o que discutimos antes do funeral, espero que vocês viajem para Ellesméra e completem o seu treinamento.

- Com Arya?

- É claro. Os elfos recusaram fazer contato tanto com humanos quanto com anões desde que ela foi capturada. Arya é o único ser que pode convencê-los a sair da reclusão.

- Será que ela não poderia usar magia para lhes falar de seu resgate?

- Infelizmente não. Quando os elfos se refugiaram em Du Weldenvarden depois da queda dos Cavaleiros, eles posicionaram vigias em volta da floresta para evitar que qualquer pensamento, coisa ou ser a adentrassem usando meios arcanos, embora não haja nada contra eles saírem dessa forma, se bem entendi a explicação de Arya. Desse modo, Arya deve visitar fisicamente Du Weldenvarden antes que a rainha Islanzadí saiba que ela está viva, que você e Saphira existem e tome conhecimento dos inúmeros eventos que sobrevieram aos Varden nesses últimos meses. - Nasuada lhe passou o pergaminho. Estava com um selo de cera. - Isso aqui é uma missiva para a rainha Islanzadí, falando sobre a situação dos Varden e dos meus próprios planos. Guarde-a com sua vida, em mãos erradas ela causará um grande perigo. Espero que depois de tudo que aconteceu, Islanzadí sinta-se solidária a nós a fim de restabelecer os laços diplomáticos. Sua ajuda poderia significar a diferença entre vitória e derrota. Arya sabe disso e concordou em fazer pressão para ela se aliar a nossa causa, mas queria que você estivesse a par da situação também, para poder tirar partido de quaisquer oportunidades que possam surgir.

Eragon enfiou o pergaminho dentro do seu colete.

- Quando partiremos?

- Amanhã de manhã... a não ser que você já tenha algo planejado.

- Não.

- Bom. - Ela fechou as mãos. - Você deve saber, uma outra pessoa viajará com você. - Ele a encarou, curioso. - O rei Hrothgar insistiu para que, em nome da justiça, houvesse um representante dos anões presente ao seu treinamento, já que ele também afeta a sua raça. Por isso está mandando Orik.

A primeira reação de Eragon foi de irritação. Saphira poderia levar ele e Arya para Du Weldenvarden, eliminando com isso semanas de viagens desnecessárias. Três passageiros, no entanto, era muito para se acomodar no dorso de Saphira. A presença de Orik os confinaria ao chão.

Depois de refletir um pouco mais, Eragon reconheceu a sabedoria do pedido de Hrothgar. Era importante para Eragon e Saphira manter uma imagem de igualdade no trato com as diferentes raças. Ele sorriu:

- Ah, bem, isso irá nos retardar, mas suponho que tenhamos que atender Hrothgar. Para falar a verdade, fico feliz que Orik esteja vindo. Cruzar a Alagaësia só com Arya seria uma perspectiva um tanto atemorizante. Ela...

Nasuada sorriu também.

- Ela é diferente.

- É. - Ele começou a ficar sério novamente. - Você realmente tem a intenção de atacar o Império? Você mesma disse que os Varden são fracos. Não me parece ser a conduta mais inteligente. Se esperarmos...

- Se esperarmos - disse ela com firmeza -, Galbatorix só ficará mais forte. Esta é a primeira vez, desde que Morzan foi assassinado, que temos a mínima oportunidade de pegá-lo desprevenido. Ele não tinha razões para suspeitar que pudéssemos derrotar os Urgals, o que fizemos graças a você, de modo que não terá preparado o Império para a invasão.

Invasão!, exclamou Saphira. *E como ela planeja matar Galbatorix quando ele perder as estribeiras e resolver destruir seus exércitos com magia?*

Nasuada balançou a cabeça quando Eragon expôs a seu modo a contestação de Saphira.

- Pelo que sabemos, ele não irá lutar até que a própria Urû'baen esteja ameaçada. Não importa para Galbatorix se destruímos metade do Império, desde que o enfrentemos frente a frente, não ao contrário. Por que ele ligaria para isso? Se conseguirmos alcançá-lo, nossas tropas estarão exauridas e esvaziadas, fazendo com que seja mais fácil para ele destruir-nos.

- Você ainda não respondeu à Saphira - protestou Eragon.

- É porque ainda não posso. Essa será uma longa campanha. Lá pelo seu fim, vocês poderão ter forças suficientes para derrotar Galbatorix, ou os elfos terão se juntado a nós... e seus lançadores de encantos são os mais poderosos em toda a Alagaësia. Não importa o que vier a acontecer, não podemos mais esperar. Agora é hora de arriscar e ousar fazer o que ninguém acha que podemos realizar. Os Varden já viveram nas sombras durante muito tempo... temos que desafiar Galbatorix ou ceder e morrer.

A dimensão do que Nasuada estava sugerindo perturbou Eragon. Havia muitos riscos e perigos desconhecidos envolvidos, era quase absurdo considerar tal aventura. No entanto, não era seu papel tomar a decisão e por isso ele aceitou o que foi proposto. Nem iria discutir posteriormente. *Neste momento, temos que confiar em seu discernimento.*

- E quanto a você, Nasuada? Você estará segura enquanto estivermos longe? Tenho de pensar no meu juramento. Passou a ser de minha responsabilidade que você não tenha um funeral tão cedo.

Seus maxilares se apertaram enquanto ela gesticulou em direção à porta e dos guerreiros que estavam do outro lado.

- Vocês não precisam ter medo, estou bem protegida. - Ela olhou para baixo. - Eu vou admitir... um dos motivos para ir para Surda é que Orrin me conhece há muito tempo e irá oferecer a sua proteção. Não posso permanecer aqui com você e Arya ausentes e o Conselho de Anciãos ainda com poder. Eles não me aceitarão como sua líder até que eu prove que, indubitavelmente, os Varden estão sob o *meu* controle, não sob o deles.

Depois disso, ela pareceu estar se valendo de alguma força interior ao endireitar os ombros e levantar o queixo, de modo que parecesse distante e indiferente.

- Vá agora, Eragon. Prepare o seu cavalo, junte suprimentos e esteja no portão norte ao amanhecer.

Ele se curvou, respeitando seu retorno à formalidade, em seguida partiu com Saphira.

Depois do jantar, Eragon e Saphira voaram juntos. Planaram bem acima de Tronjheim, onde pingentes de gelo crenulados estavam pendurados nos flancos de Farthen dûr, formando uma longa faixa branca

a sua volta. Embora ainda faltassem horas para o anoitecer, já estava quase escuro no interior da montanha.

Eragon jogou a cabeça para trás, saboreando o ar em seu rosto. Ele sentia falta do vento - vento que iria soprar em meio ao pasto e mover as nuvens até tudo ficar viçoso e em desordem. Vento que iria trazer chuva, tempestades e bater contra as árvores até elas inclinarem. *Eu também sinto falta das árvores*, pensou ele. *Farthen dûr é um lugar incrível, mas está tão vazio de plantas e animais quanto o túmulo de Ajihad.*

Saphira concordou. *Os anões parecem pensar que pedras preciosas substituem as flores.* Ela ficou em silêncio enquanto as luzes continuavam a diminuir. Quando ficou escuro demais para que Eragon pudesse enxergar confortavelmente, ela disse: *Está tarde. Temos que retornar.*

Tudo bem.

Ela se deixou levar pela corrente de ar em direção ao chão em grandes e preguiçosas espirais, aproximando-se cada vez mais de Tronjheim -que brilhava como um farol no centro de Farthen dûr. Eles ainda estavam bem distantes da cidade-montanha quando ela virou a cabeça e disse: *Veja.*

Ele acompanhou seu olhar, mas tudo que conseguiu ver foi a planície cinzenta e sem traços característicos mais abaixo. *O quê?*

Em vez de responder, ela inclinou as asas e planou para a esquerda, descendo até uma das estradas que saíam de Tronjheim ao longo dos pontos cardeais. Enquanto aterrissavam, ele notou um trecho branco num pequeno monte nas redondezas. O trecho oscilava estranhamente à boca da noite, como se fosse uma vela flutuante, e depois se reduziu a Angela, que estava usando uma túnica branca de lã.

A feiticeira carregava uma cesta de vime de quase um metro e vinte de altura, cheia de cogumelos silvestres, muitos dos quais Eragon não reconheceu. Enquanto ela se aproximava, o Cavaleiro gesticulou e perguntou:

- Você esteve colhendo banquinhos de sapo, os tais cogumelos venenosos?

- Olá - riu Angela, colocando sua carga no chão. - Oh, não, *banquinhos de sapo* é um termo muito geral. E, de qualquer maneira, estes deveriam realmente ser chamados de banquinhos de rã. - Ela os espalhou na mão. - *Este aqui* é um tufo de enxofre, já este é um chapéu de tinta, aqui está

o chapéu de umbigo, sem contar com o escudo de anão, o talo duro vermelho, o anel de sangue, e *aquele* é um impostor pintado. São encantadores, não? - Ela apontou para um de cada vez, terminando num cogumelo com tons de rosa, alfazema e amarelo salpicados como se fossem regatos no seu chapéu.

- E aquele ali? - perguntou Eragon, indicando um cogumelo com o talo azul-claro, nervuras de um laranja fundido e um chapéu preto e brilhante com duas tiras.

Ela o olhou afetuosamente.

- Fricai Andlát, como diriam os elfos. O talo provoca morte instantânea enquanto o chapéu pode ser antídoto da maior parte dos venenos. É dele que o Néctar de Túnivor é extraído. Fricai Andlát só cresce nas cavernas de Du Weldenwarden e de Farthen Dûr, e iria começar a morrer por aqui se os anões levassem seus excrementos para outro lugar.

Eragon olhou novamente para o monte e percebeu que era exatamente o que parecia, um monte de esterco.

- Olá, Saphira - disse Angela, passando por ele para acariciar o nariz do dragão. Saphira piscou e parecia satisfeita, puxando a cauda. Ao mesmo tempo, Solembum apareceu, abocanhando com firmeza um rato debilitado. Sem fazer muita coisa a não ser mover o bigode, o menino-gato se acomodou no chão e começou a morder o roedor, ignorando deliberadamente os três.

- E então - disse Angela, jogando para trás um cacho do seu cabelo enorme -, estão indo para Ellesméra? - Eragon acenou positivamente. Ele não se deu ao trabalho de perguntar como ela havia descoberto, a feiticeira sempre parecia saber o que estava acontecendo. Como ele permaneceu em silêncio, ela franziu a testa. - Bem, não precisa ficar tão mal-humorado. Não me parece que será a sua execução!

- Eu sei.

- Então *sorria*, porque se não é a sua execução, você deveria estar feliz! Você está tão lânguido quanto o rato de Solembum. *Lânguido*. Que palavra maravilhosa, você não acha?

Aquilo lhe arrancou um sorriso, e Saphira riu à socapa guturalmente.

- Não estou certo de que seja tão maravilhoso quando você pensa, mas, sim, entendo aonde você quer chegar.

- Fico feliz que você entenda. Entender é bom. - Com as sobranceiras curvadas, ela enfiou a unha por baixo de um cogumelo e o virou para examinar a lamela, enquanto dizia: - É uma casualidade o fato de termos nos encontrado, já que você está prestes a partir e eu... eu irei acompanhar os Varden até Surda. Como já lhe disse antes, gosto de estar onde as coisas estão acontecendo, e aquele é o lugar.

Eragon sorriu ainda mais.

- Muito bem, isso deve significar que teremos uma jornada segura, caso contrário você estaria conosco.

Angela encolheu os ombros e depois falou sério:

- Tenha cuidado em Du Weldenvarden. Só porque os elfos não demonstram suas emoções não quer dizer que eles não estejam sujeitos a sentir fúria e paixão como o resto de nós mortais. No entanto, o que pode torná-los austeros é o fato de conseguirem dissimular tais sentimentos, às vezes por anos.

- Você já esteve lá?

- Uma vez.

Depois de uma pausa, ele perguntou:

- O que você acha dos planos de Nasuada?

- Hum... ela está arruinada! Vocês estão arruinados! Estão todos arruinados! - Ela começou a gargalhar, a dobrar-se de rir, até que ficou séria subitamente. - Note que eu não especifiquei que tipo de ruína, por isso não importa o que venha a acontecer, eu previ tudo. Que *sabedoria* da minha parte. - Ela levantou a cesta novamente, apoiando-a sobre um dos seus quadris. - Suponho que eu não vá vê-los por um tempo, por isso adeus, tenham toda a sorte do mundo, evitem repolho assado, não comam cera de ouvido, e vejam o lado luminoso da vida! - E, com uma piscadela de quem estava animada, ela se foi, deixando Eragon piscando, inseguro.

Depois de uma pausa apropriada, Solembum pegou o seu jantar e a seguiu, com a mesma dignidade.

O PRESENTE DE HROTHGAR

O sol estava a meia hora de nascer quando Eragon e Saphira chegaram ao portão norte de Tronjheim. O portão estava levantado apenas o suficiente para que Saphira pudesse transpô-lo, por isso eles se apressaram para passar por baixo e em seguida esperaram na área de descanso, onde pilares de jaspe avermelhados se assomavam e feras entalhadas rosnavam entre os pilares sangüíneos. Mais adiante, nos limites de Tronjheim, havia dois grifos dourados de uns dez metros de altura. Pares idênticos guardavam cada um dos portões da cidade-montanha. Não havia ninguém à vista.

Eragon segurou as rédeas de Fogo na Neve. O garanhão estava escovado, havia colocado selim e ferraduras novas, e seu alforje estava inchado por causa do excesso de carga que levava. Ele batia com a pata no chão impacientemente, Eragon não o cavalgava há mais de uma semana. Pouco depois, Orik chegou a passos lentos, carregando uma enorme saca nas costas e um pacote nas mãos.

- Sem cavalo? - perguntou Eragon, um tanto surpreso. *Será que temos que ir andando até Du Weldenwarden?*

Orik resmungou.

- Vamos parar em Tarnag, que fica logo ao norte daqui. De lá pegaremos jangadas ao longo do Az Ragni até Hedarth, um entreposto de comércio para os elfos. Não precisaremos de cavalos antes de Hedarth, por isso, vou usar os meus próprios pés até lá.

Ele colocou o pacote no chão com um clangor e depois o abriu, revelando a armadura de Eragon. O escudo havia sido repintado - para que o carvalho ficasse exatamente no centro - e teve todos os arranhões removidos. Por baixo dele, havia a longa cota de malha, polida e lubrificada até o aço cintilar de tão brilhante. Não havia sinal de onde ela havia sido rasgada quando o Espectro cortou as costas de Eragon. A touca, as luvas, os braços, as grevas e o elmo foram igualmente restaurados.

- Nossos melhores ferreiros trabalharam neles - disse Orik -, assim como na sua couraça, Saphira. No entanto, como não podemos levar a armadura do dragão conosco, ela ficou com os Varden, que irão guardá-la até o nosso retorno.

Por favor agradeça a ele por mim, disse Saphira.

Eragon agradeceu e depois amarrou as grevas e os braços,

guardando os outros itens nas bolsas. Por último, ele foi pegar o elmo, então descobriu que Orik o estava segurando. O anão rolou a peça de uma das mãos para a outra e disse:

- Não se apresse para colocar isso, Eragon. Há uma escolha que você tem que fazer antes.

- Que escolha?

Ao erguer o elmo, Orik revelou sua fronte polida que, como Eragon viu naquele instante, fora alterada: o martelo e as estrelas do clã de Hrothgar e Orik, o Ingeitum, estavam gravados no aço. Orik franziu a testa, parecendo ao mesmo tempo contente e preocupado, e disse em tom formal:

- Meu rei, Hrothgar, deseja que eu lhe presenteie com esse elmo como símbolo da amizade que ele tem por você. E com ele, Hrothgar lhe faz uma oferta para que você seja adotado como membro do Dürgrimst Ingeitum, um membro da nossa família.

Eragon olhou para o elmo, pasmo com o gesto de Hrothgar. *Isso significa que eu ficaria sujeito ao seu regime?... Se eu continuar a me provir de lealdades e fidelidades neste ritmo, ficarei incapacitado em breve - incapaz de fazer qualquer coisa sem quebrar um juramento qualquer!*

Você não precisa colocá-lo na cabeça, assinalou Saphira.

E correr o risco de insultar Hrothgar? Mais uma vez, fomos pegos numa armadilha.

Pode ter sido planejado como presente, no entanto, é outro sinal de otho, não uma armadilha. Creio que ele está nos agradecendo pela minha oferta de reparar Isidar Mithrim.

Aquilo não havia ocorrido a Eragon, pois ele andara muito ocupado tentando descobrir como o rei dos anões poderia obter alguma vantagem sobre eles. *É verdade. Mas acho que também é uma tentativa de corrigir o desequilíbrio de poder criado quando jurei lealdade a Nasuada. Os anões não poderiam ter ficado felizes com tamanha virada nos acontecimentos.* Ele olhou novamente para Orik, que estava esperando ansiosamente.

- Com que frequência isso já foi feito?

- Para um humano? Nunca. Hrothgar discutiu com as famílias Ingeitum durante um dia e uma noite antes que eles concordassem em aceitá-lo. Se você consentir em carregar o nosso elmo, terá direitos totais como membro do clã. Poderá participar dos nossos conselhos e dar a sua opinião

sobre cada questão discutida. E - acrescentou com um tom muito sombrio - se for do seu desejo, terá o direito de ser enterrado com os nossos mortos.

Pela primeira vez, a enormidade da ação de Hrothgar tocou Eragon. Os anões não poderiam oferecer uma honraria maior. Com um movimento rápido, tomou o elmo de Orik e o pôs sobre sua cabeça.

- Sinto-me privilegiado de me juntar ao Dürgrimst Ingeitum. Orik acenou com a cabeça em sinal de aprovação e disse:

- Então aceite este Knurlhniem, este Coração de Pedra, e coloque-o entre as suas mãos... sim, desse jeito. Você precisa se revestir de coragem agora e punzir uma veia para molhar a pedra. Algumas gotas serão suficientes... Para terminar, repita comigo: Os il dom qirânü carn dūr thargen, zeitmen, oen grimst vor formv edaris rak skilfz. Narho is bel-gond... - Era uma recitação comprida e ficou ainda mais longa porque Orik parou para traduzir cada frase. Depois disso, Eragon curvou seu pulso com um rápido encanto.

- Seja lá o que os clãs possam dizer sobre este assunto - observou Orik -, vocês têm se comportado com integridade e respeito. Eles não podem ignorar isso. - Ele sorriu. - Estamos no mesmo clã agora, hã? Você é meu irmão de criação. Sob circunstâncias mais normais, Hrothgar teria ele próprio lhe presenteado com o elmo e teríamos uma cerimônia comprida para comemorar a sua admissão no Dürgrimst Ingeitum, mas os eventos estão transcorrendo de maneira muito rápida para que nos demoremos. Contudo, não pense que você está sendo menosprezado! Sua adoção será celebrada com os rituais apropriados quando você e Saphira voltarem para Farthen Dūr. Haverá banquetes, danças e muitos papéis para assinar a fim de formalizar sua nova posição.

- Não vejo a hora desse dia chegar - disse Eragon. Ele ainda estava preocupado em examinar as inúmeras conseqüências possíveis de pertencer ao Dürgrimst Ingeitum.

Sentado, encostado a um pilar, Orik tirou sua saca de seus ombros e retirou seu machado, o qual rodopiou entre as palmas das mãos. Depois de alguns minutos, ele se recostou e olhou para trás em direção a Tronjheim.

- Barzül knurlar! Onde estão? Arya disse que estaria bem aqui. Ah! O único conceito de tempo dos elfos é tarde e mais tarde ainda.

- Você já teve de lidar muito com eles? - perguntou Eragon,

agachado. Saphira ficou observando tudo com interesse.

De repente o anão deu uma gargalhada.

- Eta. Só com Arya, e mesmo assim esporadicamente, pois ela viaja muito. Em sete décadas, aprendi somente uma coisa sobre ela: Não dá para apressar um elfo. Tentar é como martelar uma lima... ela pode quebrar, mas jamais irá dobrar.

- Com os anões não é a mesma coisa?

- Ah, mas as pedras acabam mudando, dado tempo suficiente. -Orik suspirou e balançou a cabeça. - De todas as raças, os elfos são os que menos mudam, o que é uma das razões que me deixa relutante em seguir viagem.

- Mas iremos encontrar a rainha Islanzadí, ver Ellesméra e quem sabe o que mais? Quando foi a última vez em que um anão foi convidado para ir à Du Weldenvarden?

Orik franziu a testa.

- O cenário não quer dizer nada. Ainda há tarefas urgentes a serem cumpridas em Tronjheim e em nossas outras cidades, porém eu devo vagar pela Alagaësia para trocar gracejos, ficar sentado e engordar enquanto vocês são instruídos. Isso pode levar anos!

Anos!... Ainda assim, se isso for necessário para derrotar os Espectros e os Ra'zac, eu o farei. Saphira tocou a sua mente: *Duvido que Nasuada nos deixe ficar em Ellesméra por mais de alguns meses. De acordo com o que ela nos disse, seremos necessários mais cedo do que esperamos.*

- Finalmente! - disse Orik, enquanto se levantava. Aproximavam-se Nasuada - sapatos reluzindo sob o vestido, como se fossem ratos saindo da toca - Jörmundur e Arya, que trazia uma saca parecida com a de Orik. Usava o mesmo traje negro de couro de quando Eragon a viu pela primeira vez, assim como sua espada.

Naquele momento, ocorreu a Eragon que Arya e Nasuada talvez não aprovassem o fato de ele ter se juntado ao Ingeitum. Culpa e tremedeira o assolaram quando ele percebeu que era seu dever consultar Nasuada primeiro. *E Arya!* Ele se encolheu, lembrando-se de quão furiosa ficou depois de seu primeiro encontro com o Conselho de Anciãos.

Tanto que, quando Nasuada parou a sua frente, ele evitou seu olhar, envergonhado. Mas ela apenas disse:

- Você aceitou. - Sua voz foi suave, contida.

Ele acenou com a cabeça, ainda olhando para baixo.

- Fiquei me perguntando se você aceitaria. Agora, mais uma vez, todas as três raças o dominam de alguma forma. Os anões podem reivindicar a sua submissão como membro do Dürgrimst Ingeitum, os elfos irão treiná-lo e moldá-lo... e a influência deles pode vir a ser a mais forte, pois você e Saphira estão ligados pela magia deles. E você jurou lealdade a mim, uma humana... Talvez seja melhor que compartilhemos a sua lealdade. - Ela respondeu à surpresa dele com um sorriso estranho, depois colocou um pequeno saco de moedas na palma da mão do Cavaleiro e se afastou.

Jörmundur estendeu a mão, a qual Eragon apertou, sentindo-se um pouco confuso.

- Faça uma boa viagem, Eragon. Cuide-se bem.

- Venha - disse Arya, passando por eles e seguindo rumo à escuridão de Farthen Dûr. - E hora de partir. Aiedail se firmou, e temos um longo caminho pela frente.

- Isso - concordou Orik. Ele tirou uma lanterna vermelha de um bolso lateral de sua saca.

Nasuada olhou para todos mais uma vez.

- Muito bem. Eragon e Saphira, vocês têm a bênção dos Varden, assim como a minha. Que sua jornada seja segura. Lembrem-se, vocês carregam o peso de nossas esperanças e perspectivas, por isso portem-se de maneira honrada.

- Faremos o melhor que pudermos - prometeu Eragon. Segurando com firmeza as rédeas de Fogo na Neve, ele saiu atrás de Arya, que já estava vários metros à frente, seguido de Orik e de Saphira, que vinha por último. Assim que esta passou por Nasuada, Eragon a viu parar e lambe-la a líder dos Varden de leve no rosto. Depois Saphira andou a passos cada vez mais largos até alcançá-lo.

Enquanto continuavam seguindo para o norte ao longo da estrada, o portão que ficou para trás foi diminuindo gradativamente de tamanho até ficar reduzido a um ponto de luz - com duas silhuetas solitárias no trecho de onde Nasuada e Jörmundur permaneciam observando.

Quando finalmente alcançaram a base de Farthen Dûr, encontraram

um par de portas gigantes - com dez metros de altura - abertas, esperando. Três guardas anões se curvaram e se afastaram da abertura. Através das portas entrava-se em um túnel com proporções equivalentes, ladeado por colunas e lanternas ao longo dos quinze primeiros metros. Depois disso, tornava-se tão vazio e silencioso quanto um mausoléu.

Parecia exatamente igual à entrada oeste de Farthen Dûr, mas Eragon sabia que este túnel era diferente. Em vez de atravessar a base de um quilometro e meio para emergir do outro lado, ele seguia por baixo de montanha atrás de montanha, indo assim até a cidade anã de Tarnag.

- Esta é a nossa trilha - disse Orik, levantando a lanterna.

Ele e Arya cruzaram a soleira, mas Eragon se deteve, subitamente indeciso. Ao mesmo tempo em que não tinha medo de escuro, ele não acolhia bem o fato de ser cercado pela noite eterna até a chegada em Tarnag. E uma vez que ele tivesse entrado naquele túnel estéril, novamente ele iria se lançar no desconhecido, abandonando as poucas coisas com as quais ele se acostumara entre os Varden, em troca de um destino incerto.

O que é?, perguntou Saphira.

Nada.

Ele respirou fundo e depois seguiu a passos largos, permitindo que a montanha o engolissem para dentro de suas entranhas.

MARTELO E TENAZ

Três dias depois da chegada dos Ra'zac, Roran se viu andando ansioso nos limites de seu acampamento na Espinha. Ele não ouvia notícia alguma desde a visita de Albriech, nem era possível recolher informação enquanto observava Carvahall. Ele olhou para as tendas distantes onde os soldados dormiam e depois continuou a andar.

Ao meio-dia, Roran teve um almoço seco e minguado. Enquanto limpava a boca com as costas da mão, ele se perguntou: *Quanto tempo os Ra'zac estão dispostos a esperar?* Se aquilo era um teste de paciência, ele estava determinado a vencer.

Para passar o tempo, ele praticava arco e flecha numa tora podre, só parava quando uma flecha se estilhaçava numa pedra enterrada no tronco. Depois disso não havia mais nada para fazer, exceto retomar as caminhadas a

passos largos de um lado para o outro pelo caminho desimpedido que ia de uma pedra arredondada até o lugar onde dormia.

Ele ainda estava andando quando ouviu passos na floresta mais abaixo. Roran pegou o seu arco, se escondeu e esperou. Foi um alívio quando viu o rosto de Baldor surgindo do nada. Roran acenou para que ele se aproximasse.

Enquanto se sentavam, Roran perguntou:

- Por que ninguém veio mais aqui?

- Não podíamos - disse Baldor, limpando o suor da testa. - Os soldados têm nos vigiado muito de perto. Esta foi a primeira oportunidade que tivemos de escapar. Mas não posso ficar aqui muito tempo. - Ele virou o rosto em direção ao pico que ficava mais acima e estremeceu. - Você é mais valente do que eu, por ficar aqui. Você teve algum problema com lobos, ursos ou lince?

- Não, eu estou bem. Os soldados contaram alguma novidade?

- Um deles se gabou para Morn na noite passada, dizendo que seu pelotão foi escolhido a dedo para esta missão. - Roran fechou a cara. - Eles não têm andado muito quietos... Pelo menos dois ou três ficam bêbados toda noite. Um grupo deles destruiu o salão da taverna de Morn logo no primeiro dia.

- Eles pagaram pelos danos?

- E claro que não.

Roran virou o rosto e olhou lá para baixo, para o vilarejo.

- Eu ainda não consigo acreditar que o Império percorreu tamanha distância para me capturar. O que eu poderia lhes dar? O que eles *acham* que eu posso lhes dar?

Baldor acompanhou seu olhar.

- Os Ra'zac interrogaram Katrina hoje. Alguém mencionou que vocês dois eram íntimos, e eles estavam curiosos para saber se ela tinha noção de onde você estava.

Roran voltou a encarar o rosto de Baldor.

- Ela está bem?

- Seria preciso mais do que aqueles dois para assustá-la - tranqüilizou-o Baldor. Sua frase seguinte foi cautelosa e teve o intuito de

sondã-lo. - Talvez você devesse pensar em se entregar.

- Eu logo iria me enforcar e a eles junto comigo! - Roran se levantou e andou a passos largos pela sua rota costumeira, ainda batendo em sua perna. - Como você pode dizer isso, sabendo como eles torturaram o meu pai?

Baldor pegou no braço do amigo e disse:

- O que vai acontecer se você continuar escondido e os soldados não desistirem e partirem? Eles concluirão que mentimos para ajudar você a escapar. O Império não perdoa os traidores.

Roran se afastou de Baldor. Ele deu meia-volta, batendo na perna, e depois se sentou abruptamente. *Se eu não aparecer, os Ra'zac culparão as pessoas que estiverem perto. Se eu tentasse levar os Ra'zac para longe...* Roran não era um habitante das matas hábil o suficiente para livrar-se de trinta homens e dos Ra'zac. *Eragon podia fazer isso, mas eu não.* Ainda assim, a não ser que a situação mudasse, poderia ser a única saída.

Ele olhou para Baldor.

- Não quero que ninguém se machuque por minha causa. Por enquanto irei esperar, mas se os Ra'zac começarem a ficar impacientes e ameaçarem alguém... Bem, aí eu penso em outra coisa para fazer.

- E uma situação muito desagradável, sob todos os aspectos - afirmou Baldor.

- A qual eu pretendo sobreviver.

Baldor partiu logo depois, deixando Roran sozinho com seus pensamentos em sua caminhada interminável. Ele cobriu quilômetro após quilômetro, cavando sulcos na terra sob o peso de suas reflexões. Quando o frio anoitecer chegou, ele tirou suas botas - com medo de desgastá-las - e continuou a andar descalço.

Assim que o quarto crescente surgiu e agrupou as sombras noturnas em raios de luz cor de mármore, Roran notou uma inquietação em Carvahall. Um grande número de lanternas se movia de um lado para o outro, piscavam e sumiam ao passar por trás das casas. As luzes amarelas se apinhavam no centro de Carvahall, como se fossem uma nuvem de vagalumes, e depois fluíam a esmo para os limites da cidade, onde deram de cara com a compacta fila de tochas do acampamento dos soldados.

Durante duas horas, Roran ficou vendo os oponentes se enfrentando

- as lanternas agitadas se acometiam, inábeis, contra as tochas impassíveis. Finalmente, os grupos bruxuleantes se dispersaram e se infiltraram de volta em suas tendas e casas.

Quando nada mais de interessante ocorreu, Roran desamarrou seu saco de dormir e se enfiou debaixo dos cobertores.

Durante todo o dia seguinte, Carvahall foi consumida por uma atividade pouco usual. Figuras andavam a passos largos entre as casas e até mesmo, como Roran ficou surpreso ao ver, passeavam a cavalo pelo vale Palancar seguindo para várias fazendas. Ao meio-dia, ele viu dois homens entrando no acampamento dos soldados e desaparecendo dentro da tenda dos Ra'zac durante quase uma hora.

De tão absorto pelos acontecimentos, Roran quase não saiu do lugar o dia inteiro.

Ele estava no meio do jantar quando, como ele bem esperara, Baldor reapareceu.

- Está com fome? - perguntou Roran, gesticulando.

Baldor balançou a cabeça e sentou-se como se estivesse exausto. Linhas escuras debaixo dos seus olhos faziam sua pele parecer fina e ferida.

- Quimby está morto.

A tigela de Roran retiniu assim que caiu no chão. Ele falou alguns palavrões enquanto limpava o ensopado frio que caiu em sua perna e depois perguntou:

- Como?

- Uns dois soldados começaram a perturbar Tara na noite passada. - Tara era a esposa de Morn. - Ela de fato não se importou, exceto pelo fato de que os homens acabaram brigando para ver quem ela iria servir primeiro. Quimby estava lá, examinando um barril que Morn dissera ter virado, e tentou apartá-los. - Roran acenou com a cabeça. Aquele era Quimby, sempre interferindo para garantir que os outros se comportassem adequadamente. - Só que um soldado acabou jogando um vaso e o acertou bem na têmpora, matando-o instantaneamente.

Roran ficou olhando para o chão com as mãos nos quadris, esforçando-se para recuperar o controle de sua respiração entrecortada. Era como se Baldor houvesse lhe privado do vento. *Isso não é possível... Quimby,*

morto? O fazendeiro e cervejeiro era tão parte do cenário quanto as montanhas que cercavam Carvahall, uma presença fundamental que moldava a estrutura do vilarejo.

- Será que esses homens serão punidos? Baldor levantou a mão.

- Logo depois que Quimby morreu, o Ra'zac roubaram o seu corpo da taverna e o levaram para sua tenda. Tentamos recuperá-lo na noite passada, mas eles não queriam conversa.

- Eu vi.

Baldor resmungou, esfregando o rosto.

- Papai e Loring se encontraram com os Ra'zac hoje e tentaram convencê-los a liberar o corpo. Os soldados, no entanto, arcarão com as conseqüências. - Ele fez uma pausa. - Eu estava prestes a sair quando Quimby foi devolvido. Sabe o que sua esposa recebeu de volta? Ossos.

- Ossos!

- Cada um deles estava totalmente limpo... dava para ver as marcas de mordidas... e muitos haviam sido quebrados por causa do tutano.

Roran teve náuseas, assim como um profundo horror pelo destino de Quimby. Era bem sabido que o espírito de uma pessoa jamais poderia descansar até que seu corpo tivesse um enterro apropriado. Revoltado pelo sacrilégio, ele perguntou:

- O que, *quem*, o comeu então?

- Os soldados ficaram igualmente horrorizados. Deve ter sido os Ra'zac.

- Por quê? Com que finalidade?

- Não acho que os Ra'zac sejam humanos. Você nunca os viu de perto, mas sua respiração é podre e eles sempre cobrem seus rostos com lenços negros. Suas costas são corcundas e são tortas, e os dois falam um com o outro usando estalidos. Até mesmo os seus homens os temem.

- Se eles não são humanos, então que tipo de criaturas podem ser? Não são Urgals.

- Quem sabe?

O medo agora se juntou à repugnância que Roran sentia - medo do sobrenatural. Ele o viu reproduzido no rosto de Baldor enquanto o jovem fechava as mãos. A despeito de todas as histórias dos delitos de Galbatorix,

ainda era um choque ter a maldade do rei rondando suas casas. Uma compreensão da história se apossou de Roran assim que ele notou estar envolvido com forças que ele só conhecia por canções e lendas.

- Algo precisa ser feito - murmurou ele.

O ar foi ficando mais quente ao longo da noite até que, lá pela tarde, as ondas do calor inesperado da primavera deixaram o vale Palancar abafado, além de terem provocado naqueles que olhavam de fora uma imagem trêmula do local. Carvahall parecia em paz sob o céu azul, contudo Roran podia sentir o amargo ressentimento que unia seus habitantes com uma intensidade maligna. A calma era como um lençol esticado ao vento.

Não obstante a aura de expectativa, o dia se mostrou totalmente maçante, Roran passou a maior parte do tempo esfregando a égua de Horst. Até que finalmente se deitou para dormir, olhando para cima, além dos pinheiros gigantes, para o tapete de estrelas que enfeitava o céu noturno. Elas pareciam tão próximas, como se ele tivesse se lançado no meio delas, caindo no vazio mais negro.

A lua estava se pondo quando Roran acordou, com a garganta ardendo por causa da fumaça. Ele tossiu e se levantou, piscava porque seus olhos queimavam e lacrimejavam. Os gases nocivos tornavam a respiração difícil.

Roran pegou seus cobertores e selou a égua assustada, para depois a tocar montanha acima, na esperança de encontrar um ar mais puro. Ficou logo evidente que a fumaça estava subindo com ele, por isso o rapaz fez a volta e atalhou pela floresta.

Depois de alguns minutos em manobras na escuridão, eles finalmente se livraram daquela situação e foram para a saliência de um rochedo onde o ar estava limpo pela brisa. Purificando os pulmões com longas inspirações, Roran vasculhou o vale em busca de fogo. Avistou-o num instante.

O celeiro de feno de Carvahall brilhava no meio de um ciclone de chamas, transformando seu precioso conteúdo numa fonte de poeira cor de âmbar. Roran tremeu ao ver a destruição daquilo que alimentava a cidade. Queria gritar e correr da floresta para ajudar a brigada de baldes, contudo não podia abandonar sua própria segurança.

Agora uma faísca aterrissava na casa de Delwin. Em poucos segundos, o teto de sapé explodiu numa onda de fogo.

Roran blasfemou, lágrimas rolavam pelo seu rosto. Era por isso que lidar mal com o fogo podia levar ao enforcamento em Carvahall. *Será que foi um acidente? Será que foram os soldados? Será que os Ra'zac estão punindo os habitantes do vilarejo por estarem me escondendo?... Será que, de algum modo, eu sou responsável por isso?*

A casa de Fisk se juntou ao incêndio destrutivo. Consternado, Roran só podia desviar seu rosto, odiando-se por sua covardia.

Ao amanhecer, todos os incêndios haviam sido apagados ou extinguíram-se sozinhos. Só a pura sorte e uma noite sem ventos salvaram o resto de Carvahall de ser consumido.

Roran ficou esperando até ter certeza das conseqüências, para depois se recolher ao seu acampamento e deitar para descansar. Da manhã até o anoitecer, ele ficou abstraído do mundo, exceto pelas lentes de seus sonhos inquietos.

Até voltar à consciência, Roran ficou simplesmente esperando pelo visitante que com certeza iria aparecer. Desta vez foi Albriech. Ele chegou ao cair da noite, com uma expressão austera e cansada.

- Venha comigo - disse ele. Roran ficou tenso.

- Por quê? - *Será que eles decidiram me entregar?* Se ele era a causa do fogo, dava para entender por que os moradores do vilarejo o queriam longe. Poderia até concordar se fosse necessário. Não era razoável esperar que todos os habitantes de Carvahall se sacrificassem por ele. Ainda assim, isso não significava que ele iria permitir que o entregassem aos Ra'zac facilmente. Depois do que os dois monstros fizeram com Quimby, Roran iria lutar até a morte para não virar prisioneiro dos dois.

- Porque - disse Albriech, apertando os músculos do maxilar - foram os soldados que começaram o incêndio. Morn os expulsou da Sete Roldanas, mas eles ainda se embebedaram com sua própria cerveja. Um deles deixou uma tocha cair sobre o celeiro de feno enquanto voltava para dormir.

- Alguém se feriu? - perguntou Roran.

- Algumas queimaduras. Gertrude conseguiu tratar delas. Tentamos negociar com os Ra'zac. Eles desdenharam de nossos pedidos para que o

Império restituísse nossas perdas e os culpados enfrentassem a justiça. Eles até mesmo se recusaram a confinar os soldados em suas tendas.

- Então por que eu devo voltar? Albriech deu um risinho cínico.

- Prá botar prá quebrar. Precisamos da sua ajuda para... *Remover os* Ra'zac.

- Vocês fariam isso por mim?

- Não estamos correndo riscos só por sua causa. Isso, no momento, diz respeito a todo o vilarejo. Pelo menos venha falar com papai e com os outros para ouvir o que eles pensam... Acho que você ficaria feliz de sair dessas montanhas amaldiçoadas.

Roran passou um bom tempo considerando a proposta de Albriech antes de decidir acompanhá-lo. *É isto ou fugir, e eu sempre terei como fugir depois.* Ele pegou a égua, amarrou suas sacolas à sela e depois seguiu Albriech até o pé do vale.

Sua jornada diminuiu de velocidade assim que eles se aproximaram de Carvahall, pois passaram a usar árvores e arbustos para se camuflar. Escondido atrás de um barril, Albriech checou para ver se as ruas estavam livres e depois fez um sinal para Roran. Juntos os dois saíram das sombras para a penumbra, atentos constantemente para o caso de algum soldado do Império aparecer. Na ferraria de Horst, Albriech abriu uma das portas duplas o suficiente para que Roran e a égua entrassem calmamente.

Lá dentro, a oficina estava iluminada por uma única vela, que projetava um brilho trêmulo sobre a roda de rostos que a cercava na escuridão circundante. Horst estava lá - sua barba espessa se projetava como uma prateleira no meio da luz - ladeado pelos semblantes severos de Delwin, Gedric e Loring. O resto do grupo era composto por homens mais jovens: **Baldor**, os três filhos de Loring, Parr e o garoto de Quimby, Nolfavrell, que só tinha treze anos.

Todos se viraram para olhar quando Roran chegou à reunião. Horst disse:

- Ah, você conseguiu. Escapou da desgraça enquanto estava na Espinha?

- Tive sorte.

- Então podemos prosseguir.

- Com o que, exatamente? - perguntou Roran ao mesmo tempo em que amarrava a égua a uma bigorna.

Loring respondeu, o rosto de pergaminho do sapateiro era um aglomerado de linhas e entalhes tortos.

- Tentamos ser razoáveis com esses Ra'zac... esses *invasores*. - Ele parou, seu corpo delgado era torturado pelo chiado metálico que vinha do fundo do seu peito. - Eles se recusaram a ser *razoáveis*. Colocaram todos nós em perigo sem esboçar nenhum sinal de remorso ou *arrependimento*. - Ele fez um barulho na garganta e depois se pronunciou de forma deliberada: -Eles... têm... que ir. Tais criaturas...

- Não - disse Roran. - Não são criaturas. São profanadores. Franziram as testas e acenaram concordando. Delwin pegou o fio da conversa.

- O problema é que a vida de todos está em perigo. Se aquele incêndio tivesse se espalhado ainda mais, dezenas de pessoas poderiam estar mortas e aquelas que escapassem teriam perdido tudo o que têm. Por causa disso, concordamos em expulsar os Ra'zac de Carvahall. Você irá se juntar a nós?

Roran hesitou.

- E se eles voltarem e trouxerem reforços? Não podemos derrotar o Império inteiro.

- Não - disse Horst, em tom pesado e solene -, mas também não podemos ficar calados e permitir que os soldados nos matem e destruam as nossas propriedades. Um homem só consegue aturar tanto abuso antes de revidar.

Loring deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás, de modo que a chama dourou seus dentes quebrados.

- Primeiro temos que nos fortificar - sussurrou alegremente -, depois lutamos. Vamos fazer com que eles lamentem o dia em que cravaram seus olhos podres em Carvahall! Há há!

RETALIAÇÃO

Depois que Roran concordou com o plano deles, Horst começou a

distribuir pás, forcados, debulhadoras - qualquer coisa que pudesse ser usada para derrotar os soldados e expulsar os Ra'zac. Roran pegou uma picareta e depois a colocou de lado. Embora nunca tivesse ligado para as histórias de Brom, uma delas, a "Canção de Gerand", ressoava em seu interior sempre que a escutava. Ela falava de Gerand, o maior guerreiro do seu tempo, que abandonou a sua espada em troca da esposa e da fazenda. No entanto, ele não teve paz, pois um lorde ciumento iniciou uma vendeta contra a família de Gerand, o que o forçou a matar novamente. Contudo ele não lutou com sua espada, mas com um simples martelo.

Roran foi até a parede e retirou de sua superfície um martelo de tamanho médio, com um cabo longo e uma lâmina curva em um dos lados da cabeça. Ele o jogou de uma mão para a outra, depois foi a Horst e perguntou:

- Posso ficar com isso?

Horst olhou para a ferramenta e para Roran.

- Use-a com sabedoria. - E depois se dirigiu para o resto do grupo. - Ouçam. Queremos afugentar, não matar. Quebrem alguns ossos se quiserem, mas não se deixem levar. E o que quer que vocês façam, não paralisem, lutem. Não importa o quão heróicos e bravos vocês se sentirem, lembrem-se que eles são soldados treinados.

Quando todos estavam equipados, eles deixaram a ferraria, atravessaram Carvahall e foram até o limite do acampamento dos Ra'zac. Os soldados já tinham ido dormir, exceto quatro sentinelas que patrulhavam o perímetro das tendas cinzentas. Os dois cavalos dos Ra'zac estavam amarrados a uma estaca bem ao lado de uma fogueira que ardia lentamente.

Horst deu ordens calmamente, mandou Albriech e Delwin espreitar dois dos sentinelas, e Parr e Roran espreitar os outros dois.

Roran prendeu a respiração enquanto se aproximava do soldado distraído. Seu coração começou a acelerar enquanto a energia atravessava os seus membros. Ele se escondeu atrás da quina de uma casa, bastante agitado, e esperou o sinal de Horst. *Espere.*

Espere.

Com um rugido, Horst irrompeu de onde estava escondido, liderando o ataque às tendas. Roran se lançou à frente e girou o martelo, pegando o sentinela no ombro, triturando-o ruidosamente.

O homem gritou e deixou cair sua alabarda. Ele cambaleava enquanto Roran acertava suas costelas e suas costas. Roran ergueu o martelo novamente e o homem bateu em retirada, gritando por socorro.

Roran correu atrás dele, gritando palavras incoerentes. Chocou-se com a lateral de uma tenda de lã, pisando em cima do que quer que estivesse em seu interior, e depois acertou o topo de um elmo que ele viu emergindo de uma outra tenda. O metal ressoou como um sino. Roran mal notou que Loring pulava ao seu lado - o velho cacarejava e piava no meio da noite enquanto acertava os soldados com um forcado. Era uma confusão de corpos lutando para todos os lados.

Girando à sua volta, Roran viu um soldado tentando puxar o seu arco. Ele saiu em seu encaixe e acertou o arco por trás com seu malho de aço, partindo a madeira ao meio. O soldado fugiu.

Os Ra'zac saíram de sua tenda gritando em voz alta, com as espadas na mão. Antes que pudessem atacar, Baldor soltou os cavalos e fez com que estes galopassem em direção às duas figuras repugnantes. Os Ra'zac se separaram e depois se reagruparam, só para serem varridos dali ao mesmo tempo em que os soldados perdiam a moral e fugiam.

E então tudo acabou.

Roran ofegava no silêncio, sua mão segurava o cabo do martelo. Depois de alguns instantes, ele abriu caminho em meio aos montes de tendas e cobertores até chegar em Horst. O ferreiro sorria largamente debaixo de sua barba.

- Esta foi a melhor briga que eu tive em anos.

Atrás deles, Carvahall despertava à medida que as pessoas tentavam descobrir a origem do tumulto. Roran ficou vendo lâmpadas cintilando por trás de janelas fechadas e então se virou assim que ouviu um leve soluçar.

O garoto, Nolfavrell, estava ajoelhado ao lado do corpo de um soldado, apunhalando-o sistematicamente no peito, enquanto as lágrimas rolavam pelo seu queixo. Gedric e Albriech se aproximaram correndo e afastaram Nolfavrell do cadáver.

- Ele não devia ter vindo - disse Roran. Horst encolheu os ombros.

- Era o seu direito.

Ficou tudo na mesma, matar um dos homens dos Ra'zac só irá fazer

com que fique mais difícil nos livrarmos dos profanadores.

- Devíamos fazer barricadas na estrada e no meio das casas para que eles não nos peguem de surpresa. - Observando os homens cuidadosamente para ver se havia feridos, Roran notou que Delwin sofrerá um longo corte em seu antebraço, enfaixado pelo fazendeiro com uma tira arrancada de sua própria camisa rasgada.

Com alguns gritos, Horst organizou o seu grupo. Ele despachou Albriech e Baldor para pegar a carroça de Quimby na ferraria e fez os filhos de Loring e Parr percorrer Carvahall atrás de itens úteis para garantir a segurança do vilarejo.

Enquanto ele falava, as pessoas se reuniam à beira do campo, olhando para o que restou do acampamento dos Ra'zac e para o soldado morto.

- O que aconteceu? - gritou Fisk.

Loring veio correndo e encarou o carpinteiro.

- O que aconteceu? Vou lhe dizer o que *aconteceu*. Nós derrotamos aqueles barbudos asquerosos... os pegamos com as calças na mão e os tocamos para fora daqui como cachorros!

- Estou feliz. - A voz forte veio de Birgit, uma mulher de cabelos ruivos que abraçou Nolfavrell na altura do peito, ignorando o sangue que manchava o seu rosto. - Eles merecem morrer como covardes por causa da morte do meu marido.

Os moradores do vilarejo concordaram em tom de murmúrio, até que Thane falou:

- Você enlouqueceu, Horst? Mesmo se só tivessem afugentado os Ra'zac e seus soldados, Galbatorix iria simplesmente mandar mais homens. O Império jamais irá desistir enquanto não capturarem Roran.

- Devíamos entregá-lo - rosnou Sloan. Horst ergueu suas mãos.

- Eu concordo, ninguém vale mais do que toda Carvahall. Mas se entregarmos Roran, vocês realmente acham que Galbatorix irá permitir que escapemos de uma punição por conta de nossa resistência? Aos seus olhos, não somos melhores que os Varden.

- Então *por que* vocês atacaram? - indagou Thane. - Quem lhes deu a autoridade para tomar essa decisão? Vocês nos condenaram a todos!

Desta vez Birgit respondeu:

- Você deixaria eles matarem a sua mulher? - Ela apertou o rosto do filho e depois mostrou para Thane suas mãos sangrentas, como se fosse uma acusação. - Você deixaria que eles nos queimassem?... Onde está a sua virilidade, pedreiro?

Ele baixou a cabeça, incapaz de encarar a expressão inflexível da mulher.

- Eles incendiaram a minha fazenda - disse Roran -, devoraram Quimby e quase destruíram Carvahall. Tais crimes não podem ficar impunes. Somos coelhos assustados para nos escondermos e aceitarmos o nosso destino? Não! Temos o direito de nos defender. - Ele parou assim que Albriech e Baldor chegaram caminhando penosamente pela rua, arrastando a carroça. - Podemos debater essa questão mais tarde. Agora temos que nos preparar. Quem irá nos ajudar?

Quarenta e poucos homens se ofereceram. Juntos, eles encararam a difícil tarefa de tornar Carvahall impenetrável. Roran trabalhou incessantemente, fixaram cercas de madeira em volta das casas, empilharam barris cheios de pedras para construir muralhas provisórias e arrastaram toras pela estrada principal e a bloquearam com duas carroças viradas.

Enquanto Roran cumpria uma tarefa depois da outra, Katrina o deteve numa alameda. Ela o abraçou e depois disse:

- Fico feliz por você estar de volta e ileso. Ele a beijou suavemente.

- Katrina... Tenho que falar com você assim que tudo isso acabar. - Ela sorriu incerta, mas com uma fagulha de esperança. - Você tinha razão, foi tolice da minha parte protelar. Cada momento que passamos juntos é precioso, e eu não tenho nenhuma vontade de desperdiçar o tempo que temos quando um capricho do destino pode nos separar.

Roran estava regando a cobertura de colmo da casa de Kiselt - para que não pegasse fogo - quando Parr gritou:

- Os Ra'zac!

Assim que largou o balde, Roran correu para as carroças, onde havia deixado o seu martelo. Ao pegar a arma, viu um único Ra'zac sentado num cavalo bem ao longe na estrada, fora do alcance de uma flecha. A criatura estava iluminada por uma tocha em sua mão esquerda, enquanto sua

direita estava atrás como se estivesse pronta para lançar alguma coisa.

Roran deu uma gargalhada.

- Ele vai jogar pedras em nós? Está longe demais para sequer nos atingir... - Ele foi interrompido assim que o Ra'zac moveu seu braço repentinamente e um frasco de vidro percorreu a distância que os separava e se estilhaçou contra a carroça da direita. Um segundo depois, uma bola de fogo jogou a carroça para o alto enquanto uma rajada de ar em combustão lançou Roran contra uma parede.

Pasmo, ele caiu de mãos e joelhos no chão, ofegante. Em meio ao estrondo em seus ouvidos veio o rufar de cavalos a galope. Ele se esforçou para levantar e enfrentar o som, mas teve que mergulhar para o lado quando os Ra'zac adentraram Carvahall pelo vão ardente entre as carroças.

Os Ra'zac controlavam seus corcéis, suas espadas reluziam enquanto eles talhavam as pessoas que se espalhavam a sua volta. Roran viu três homens morrendo até que Horst e Loring alcançaram os Ra'zac e começaram a combatê-los com forcados. Antes que os moradores do vilarejo pudessem se reagrupar, soldados atravessaram a brecha, mataram indiscriminadamente no meio da escuridão.

Roran sabia que eles tinham que ser detidos, caso contrário Carvahall seria tomada. Ele pulou em cima de um soldado, pegou-o de surpresa, e o acertou no rosto com a lâmina do seu martelo. O soldado caiu sem fazer barulho. Enquanto os compatriotas do sujeito corriam em seu auxílio, Roran arrancou o escudo do cadáver de seu braço bambo. Ele quase não conseguiu soltá-lo a tempo de se proteger do primeiro ataque.

Enquanto seguia em direção aos Ra'zac, Roran aparou um golpe de espada e depois atingiu o queixo do homem com uma martelada, jogando-o no chão.

- Comigo! - gritou Roran. - Defendam os seus lares! - Ele fugiu de uma estocada enquanto cinco homens tentavam cercá-lo. - Comigo!

Baldor foi o primeiro a responder ao seu chamado, depois Albriech. Alguns segundos depois, os filhos de Loring se juntaram a ele, seguidos por vários outros. Das ruas laterais, mulheres e crianças arremessavam pedras nos soldados.

- Fiquem juntos - ordenou Roran com firmeza. - Estamos em maior

número.

Os soldados pararam enquanto a fileira de moradores do vilarejo diante deles continuava a engrossar. Com mais de cem homens às suas costas, Roran lentamente avançou.

- Ataquem, ssseus tolos - gritou um dos Ra'zac, arremessando o forçado de Loring para longe.

Uma única flecha zumbiu em direção a Roran. Ele a deteve com seu escudo e caiu na gargalhada. Os Ra'zac estavam em pé de igualdade com seus soldados agora, sibilando de frustração. Eles olharam fixamente para os habitantes do local debaixo de seus capuzes negros. De repente Roran começou a ficar letárgico e sem forças para se mover, era difícil até pensar. A fadiga parecia acorrentar seus braços e pernas.

Até que, de longe, dentro de Carvahall, Roran ouviu um grito áspero dado por Birgit. Um segundo depois, uma pedra passou por cima de sua cabeça e foi bem em direção ao Ra'zac que estava na frente, e que, por sua vez, se contraiu com velocidade sobrenatural para desviar do projétil. A distração, por menor que fosse, livrou a mente de Roran da influência soporífica. *Será que foi magia?*, questionou-se.

Ele largou o escudo, pegou seu martelo com ambas as mãos e ergueu por sobre a cabeça - do mesmo jeito que Horst fazia quando queria expandir o metal. Roran andou na ponta dos pés, com o corpo inteiro curvado para trás, até que desceu o braço com um *hã!* O martelo deu uma cambalhota no meio do ar e atingiu violentamente o escudo dos Ra'zac, deixando uma massa formidável.

Os dois ataques foram o suficiente para anular de vez os estranhos poderes dos Ra'zac. Eles rapidamente entraram em um consenso enquanto os moradores rugiam e marchavam em sua direção, então os invasores puxaram as rédeas de seus cavalos e se viraram repentinamente.

- Bater em retirada - rugiram, enquanto passavam pelos soldados. Os guerreiros vestidos de vermelho saíram emburrados de Carvahall, golpeavam qualquer um que deles se aproximasse demais. Só quando estavam a uma boa distância das carroças em chamas, ousaram se virar.

Roran suspirou e recuperou o seu martelo, sentindo os ferimentos na lateral do corpo e nas costas, bem onde ele se chocou contra a parede.

Abaixou a cabeça ao ver que a explosão havia matado Parr. Nove outros homens também morreram. Esposas e mães rasgaram a noite com seus lamentos.

Como isso pôde acontecer aqui?

- Venham todos! - gritou Baldor.

Roran piscou e cambaleou até o meio da estrada, onde Baldor estava. Um Ra'zac estava sentado como um besouro em cima do cavalo a apenas vinte metros de distância. A criatura curvou um dos dedos em direção a Roran e disse:

- Vocccê... *vocccê* fede como sssseu primo. Nósss nunca noss *esssquecccemoss* de um cheiro.

- O que vocês querem? - gritou ele. - Por que vocês estão aqui?

O Ra'zac riu de um jeito horrendo, como se fosse um inseto.

- Nósss *queremosss... informaçççõesss*. - O ser olhou para trás, por onde os seus aliados haviam fugido e depois gritou: - Entreguem Roran e *vocccesss ssserão vendidosss* como *essscravosss*. Protejam-no e *vamosss* devorá-*losss*. É bom que tenham uma *ressspossta* quando *voltarmoss*. E que *ssseja a ressspossta cccerta*.

AZ SWELDN RAK ANHUIN

A luz irrompeu dentro do túnel assim que as portas se abriram. Eragon estremeceu, seus olhos extremamente desacostumados à luz do dia depois de tanto tempo no subterrâneo. Ao lado dele, Saphira sibilava e arqueava o pescoço para ter uma visão melhor dos arredores.

Haviam levado dois dias para percorrer a passagem subterrânea de Farthen dūr, embora parecesse mais para Eragon, devido ao crepúsculo interminável que os cercava e ao silêncio imposto pela escuridão ao grupo. No todo, só conseguia se lembrar de um punhado de palavras sendo trocadas durante a jornada.

Eragon esperara poder aprender um pouco mais sobre Arya enquanto viajavam juntos, mas a única informação que recolheu foi simplesmente resultado de sua observação. Ele não havia jantado ao seu lado

antes e ficou surpreso ao ver que ela havia trazido a sua própria comida e não comia carne. Quando ele lhe perguntou o porquê, Arya disse:

- Você jamais irá consumir a carne de um animal novamente depois de estar treinado ou, se o fizer, será apenas na mais rara das ocasiões.

Por que eu devo desistir de comer carne? - zombou ele.

- Não posso explicar com palavras, mas você entenderá assim que chegarmos a Ellesméra.

Tudo aquilo foi esquecido enquanto ele corria para a soleira, ansioso para ver o seu destino. Encontrou-se em pé num afloramento de granito, mais de trinta metros acima de um lago violeta, brilhante sob o sol do leste. Como no Kósthá-mérna, a água ia de montanha a montanha e preenchia toda a extensão do vale. No ponto mais distante do lago, o Az Ragni fluía para o norte, seguindo entre os picos até - muito ao longe - desembocar precipitadamente nas planícies ao leste.

A sua direita, as montanhas eram desertas, exceto por algumas trilhas, mas à sua esquerda... à sua esquerda havia a cidade anã de Tarnag. Ali, os anões haviam remodelado as aparentemente imutáveis Beor, transformaram-nas numa série de terraços. Os mais baixos eram, em grande parte, fazendas - pátios de terra esperavam para serem cultivados - de castelos baixos e largos feitos inteiramente de pedra. Acima daqueles platôs, erguiam-se, patamar sobre patamar, construções conectadas até culminarem num domo gigante branco e dourado. Era como se toda a cidade fosse um lance de degraus que levassem ao domo. A cúpula reluzia como se fosse uma pedra-da-lua polida, uma pérola láctea que flutuava no topo de uma pirâmide de ardósia.

Orik antecipou-se à pergunta de Eragon, dizendo:

- Este é Celbedeil, o maior templo do reino dos anões e lar do Durgrimst Quan, o clã Quan, cujos membros agem como servidores e mensageiros dos deuses.

Eles governam Tarnag?, perguntou Saphira. Eragon repetiu a questão.

- Não - afirmou Arya, andando para adiante. - Embora os Quan sejam fortes, ainda são poucos, apesar do poder que têm sobre a vida após a morte... e o ouro. É o Ragni Hefthyn, o Guardião do Rio, que controla Tarnag.

Ficaremos com o chefe desse clã, Ündin, enquanto estivermos aqui.

Enquanto eles seguiam a elfa, afastando-se do afloramento e adentrando a floresta retorcida que cobria a montanha, Orik sussurrou para Eragon:

- Não ligue para ela. Arya vem brigando com o Quan há mais de um ano. Toda vez que ela visita Tarnag e conversa com um sacerdote, isso origina brigas violentas capazes de assustar um Kull.

- Arya?

Orik acenou severamente com a cabeça.

- Não conheço os detalhes, mas já ouvi dizer que ela discorda fortemente de grande parte da prática Quan. Parece que os elfos não aprovam essa história de "murmurar no ar em busca de ajuda".

Eragon ficou olhando para as costas de Arya enquanto desciam, perguntando a si próprio se as palavras de Orik eram verdadeiras e, se fossem, no que a própria Arya acreditava... Ele respirou bem fundo, tentando tirar a questão da cabeça. Era maravilhoso estar de volta ao ar livre, onde podia sentir o cheiro dos musgos, das samambaias e das árvores da floresta, onde o sol esquentava o seu rosto e as abelhas e os outros insetos fervilhavam alegremente.

A trilha os levou mais abaixo, para a beira do lago, antes que ascendessem novamente em direção a Tarnag e de seus portões abertos.

- Como vocês conseguiram esconder Tarnag de Galbatorix? - perguntou Eragon. - Farthen Dûr eu até entendo, mas isto... nunca vi nada igual.

Orik riu delicadamente.

- Esconder? Isso seria impossível. Não, depois da queda dos Cavaleiros, fomos forçados a abandonar todas as nossas cidades acima do solo e nos refugiar em nossos túneis para que conseguíssemos escapar de Galbatorix e dos Renegados. Eles costumavam voar com alguma frequência por sobre as Beor, matando qualquer um que encontrassem.

- Eu achava que os anões sempre viveram no subterrâneo.

As sobrancelhas grossas de Orik se encontraram numa carranca.

- Por que deveríamos? Podemos ter uma certa afinidade pelas pedras, mas gostamos de ficar ao ar livre tanto quanto os elfos ou os

humanos. No entanto, foi apenas há uma década e meia, desde que Morzan morreu, que ousamos retornar para Tarnag e outras de nossas antigas moradas. Galbatorix pode ser terrivelmente poderoso, mas até ele não atacaria uma cidade inteira sozinho. É claro, ele e seu dragão poderiam nos causar problemas sem fim se quisessem, mas nos últimos tempos eles raramente deixam Urü'baen, mesmo para fazer viagens curtas. Galbatorix não poderia trazer um exército para cá sem antes derrotar Buragh ou Farthen Dûr.

O que ele quase conseguiu, comentou Saphira.

Depois de alcançar o cume de um pequeno morro, Eragon agitou-se, surpreso, assim que um animal irrompeu do meio da vegetação rasteira em direção à trilha. A criatura macilenta parecia com um bode montanhês da Espinha, exceto pelo fato de que era um terço maior e possuía chifres gigantes e curvados que davam a volta em torno de suas bochechas, fazendo um Urgal não parecer maior que um ninho de andorinha. Mais estranho ainda era a sela amarrada nas costas do bode e o anão sentado em cima dela com firmeza, mirando no ar um arco puxado pela metade.

- Hert dūrgrimst? Fild rastn? - gritou o estranho anão.

- Orik Thrifkz menthiv oen Hrethcarach Eragon rak Dūrgrimst Ingeitum. Wharn, az vanyali-carharüg Arya. Né oc Undinz grimstbe-lardn. - O bode olhou cautelosamente para Saphira. Eragon notou como seus olhos eram cintilantes e inteligentes, embora seu rosto fosse um tanto engraçado com sua barba coberta de gelo e sua expressão lúgubre. Ele notou como o animal tinha jeito de anão. O bode o lembrou Hrothgar, o que quase o fez gargalhar.

- Azt jok jordn rast - veio a resposta.

Sem nenhum comando compreensível da parte do anão, o bode pulou para a frente, alcançou-os de uma distância tão extraordinária que parecia que iria levantar vôo a qualquer momento. Depois disso, cavaleiro e montaria sumiram entre as árvores.

- O que era aquilo? - perguntou Eragon, assombrado. Orik retomou a caminhada.

- Um Feldunost, um dos cinco animais típicos destas montanhas. Cada um deles intitula um clã. No entanto, o Dirgrimst Feldunost é talvez o mais corajoso e reverenciado dos clãs.

- Por que isso?

- Dependemos do Feldunost para leite, lã e carne. Sem provimento, não poderíamos viver nas Beor. Quando Galbatorix e seus Cavaleiros traiçoeiros estavam nos aterrorizando, foi o Durgrimst Feldunost que se arriscou, e ainda o faz, para cuidar dos rebanhos e dos campos. Dessa forma, todos estamos em dívida para com eles.

- Todos os anões andam em Feldunost? - Ele gaguejou um pouco para falar aquela palavra incomum.

- Só nas montanhas. Os Feldunost são fortes e confiáveis, mas são mais adequados para despenhadeiros do que planícies abertas.

Saphira cutucou Eragon com o nariz, fazendo Fogo na Neve se esquivar. Isso *daria uma boa caçada, melhor do que qualquer uma que eu já tive na Espinha ou longe daqui! Se tiver tempo em Tarnag...*

Não, disse ele. *Não podemos ofender os anões.*

Ela bufou, irritada. *Eu poderia pedir permissão antes.*

Agora, a trilha que os ocultou por tanto tempo sob galhos escuros, adentrou a grande clareira que cercava Tarnag. Grupos de observadores já haviam começado a se reunir nos campos quando sete Feldunost com arreios cravejados de jóias saíram pulando da cidade. Seus cavaleiros traziam lanças com flâmulas nas pontas que chicoteavam o ar. Montado em sua estranha fera, o anão que vinha na frente disse:

- Vós sois bem-vindos a esta cidade de Tarnag. Em otho de Undin e Gannel, eu, Thorv, filho de Brokk, ofereço, em paz, o abrigo de nossos alojamentos. - Seu sotaque era um grunhido irritante, com uma pronúncia áspera bem diferente da de Orik.

- E, com otho de Hrothgar, nós do Ingeitum aceitamos a sua hospitalidade - respondeu Orik.

- Assim como eu, em nome de Islanzadí - acrescentou Arya. Parecendo satisfeito, Thorv gesticulou para seus colegas cavaleiros, que esporearam seus Feldunost, a fim de que se postassem em volta dos quatro. Com um floreio, os anões seguiram em frente, guiando-os até Tarnag e todos atravessaram os portões da cidade.

O muro externo tinha doze metros de espessura e formava uma passagem em túnel sombrio que dava na primeira de muitas fazendas que

circundavam Tarnag. Cinco patamares mais - cada um defendido por um portão fortificado - os levaram para além dos campos e para dentro da cidade propriamente dita.

Em contraste com as trincheiras espessas de Tarnag, os prédios em seu interior, embora fossem de pedra, foram moldados com destreza suficiente para dar a impressão de graça e leveza. Esculturas fortes e arrojadadas, normalmente de animais, enfeitavam as casas e as lojas. No entanto ainda mais impressionantes eram as pedras em si: cores vibrantes, do escarlate brilhante ao mais sutil dos verdes, vitrificavam as pedras com camadas translúcidas.

E penduradas por toda a cidade estavam as lanternas sem chamas dos anões, cujas faíscas multicoloridas eram arautos do longo crepúsculo e noite das Beor.

Ao contrário de Tronjheim, Tarnag havia sido construída de acordo com as proporções dos anões, sem nenhuma concessão para visitantes humanos, elfos ou dragões. No máximo, as portas tinham um metro e meio de altura, e normalmente tinham um metro e trinta e sete. A altura de Eragon era mediana, mas agora se sentia um gigante transportado para um palco de marionetes.

As ruas eram amplas e abarrotadas. Anões de vários clãs corriam por todos os lados para tomar conta de seus negócios, cuidar de seus problemas ou ficar pechinchando nas lojas. Muitos usavam trajes estranhos e exóticos, como um grupo de anões de cabelos negros selvagens que usavam elmos prateados forjados no formato de cabeças de lobo.

Eragon olhou mais para as mulheres anãs. Só as tinha visto em breves relances em Tronjheim. Elas eram mais largas do que os homens, e seus rostos eram mais carregados, contudo seus olhos reluziam, seus cabelos resplandeciam e suas mãos acariciavam com carinho suas crianças diminutas. Evitavam usar roupas e bugigangas vistosas, exceto broches pequenos e trabalhados em ferro e pedra.

Ao ouvirem o som agudo dos passos do Feldunost, os anões se voltaram para olhar os recém-chegados. Eles não saudaram Eragon com vivas como ele esperava, mas em vez disso se curvavam e murmuravam:

- Matador de espectros.

Assim que viam o martelo e as estrelas no elmo de Eragon, a admiração era substituída pelo choque e, em muitos casos, pela fúria. Um certo número de anões mais irascíveis se encolheram em volta do Feldunost, e ficaram olhando para Eragon por entre os animais, rogando pragas.

A nuca de Eragon formigava. *Parece que me adotar não foi a decisão mais popular que Hrothgar poderia tomar.*

Claro, concordou Saphira. *Ele pode ter aumentado o controle que tem sobre você, mas ao custo de indispor muitos dos anões... E melhor sumirmos de vista antes que o sangue comece a ser derramado.*

Thorv e os outros guardas seguiam em frente como se a multidão não existisse, abrindo o caminho através de sete patamares adicionais até que um único portão os separasse da grandeza de Celbedeil. Então Thorv virou à esquerda, em direção a um grande castelo espremido contra a lateral da montanha e protegido na frente por um barbacã com duas torres munidas de balestreiros.

Enquanto eles se aproximavam do castelo, um grupo de anões armados saía do meio das casas e formava uma barricada, para bloquear a rua. Longos véus lilases cobriam os seus rostos e caíam por sobre os seus ombros, como coifas de cota de malha.

Os guardas imediatamente puxaram as rédeas de seus Feldünost e suas expressões, inflexíveis.

- O que foi? - perguntou Eragon para Orik, mas o anão apenas balançou a cabeça e seguiu em frente, com a mão em seu machado.

- Etzil nithgech! - gritou um anão com véu, levantando o punho cerrado. - Formv Hrethcarach... formv Jurgencarmeitder nos eta goroth bahst Tarnag, dūr encesti rak kythn! Jok is warrev az barzülegür dūr dūr-grimst, Az Sweldn rak Anhüin, môgh tor rak Jurgenvren? Né üdim etal os rast knurlag. Knurlag ana... - Durante um longo minuto, ele continuou a falar em voz alta com um mau humor crescente.

- Vrron! - vociferou Thorv, interrompendo-o, e depois os dois anões começaram a discutir. Apesar da troca de palavras pouco amável, Eragon reparou que Thorv parecia respeitar o outro anão.

Eragon andou um pouco para o lado - tentando obter uma visão melhor por trás do Feldünost de Thorv - e o anão velado caiu abruptamente

em silêncio, fitando o elmo de Eragon com uma expressão de pavor.

- Knurlag qana qirânü Dürgrimst Ingeitum! - gritou. - Qarzül ana Hrothgar oen volfild...

- Jok is frekk dūrgrimstvren? - interrompeu Orik calmamente, enquanto puxava o seu machado. Preocupado, Eragon olhou para Arya, mas ela estava muito concentrada no confronto para notá-lo. Ele, então, secretamente, deslizou sua mão para baixo até segurar o punho de Zar'roc envolto de arame.

O estranho anão olhou fixamente para Orik. Em seguida, retirou um anel de ferro do bolso, arrancou três fios de sua barba, enrolou-os em volta do anel e o jogou na rua, o que provocou um tinido prolongado. Por último, Orik cuspiu. Sem dizer uma palavra, os anões com mantos púrpura ficaram enfileirados.

Thorv, Orik e os outros guerreiros recuaram assim que o anel quicou no chão de granito. Até mesmo Arya parecia perplexa. Dois dos anões mais jovens empalideceram e pegaram as suas espadas, para depois deixarem cair as mãos quando Thorv vociferou:

-Eta!

Suas reações deixaram Eragon muito mais inquieto do que a troca de palavras ditas em voz rouca. Enquanto Orik andava para a frente a passos largos e depositava o anel numa algibeira, Eragon perguntou:

- O que isso significa?

- Significa - disse Thorv - que você tem inimigos.

Eles se precipitaram pelo barbacã até um amplo pátio que ostentava três mesas para banquetes, decoradas com lanternas e estandartes. Diante delas havia um grupo de anões, tendo a frente um de barba grisalha envolto numa pele de lobo. Ele abriu os braços, dizendo:

- Bem-vindo a Tarnag, lar do Durgrimst Ragni Hefthyn. Temos ouvido muitos elogios feitos a você, Eragon Matador de Espectros. Sou Undin, filho de Derúnd e chefe do clã.

Outro anão se aproximou. Tinha os ombros e o peito de um guerreiro, e olhos escuros que não paravam de olhar para Eragon.

- E eu, Gannel, sou filho de Orm Blood-ax e chefe do Durgrimst Quan.

- É uma honra para nós sermos seus hóspedes - disse Eragon, inclinando a cabeça. Ele sentiu a irritação de Saphira por estar sendo ignorada. *Paciência*, murmurou ele, forçando um sorriso.

Ela bufou.

Os chefes dos clãs cumprimentaram Arya e Orik, mas sua hospitalidade se perdeu com Orik, cuja única resposta foi estender a mão, com o anel de ferro na palma.

Os olhos de Undin se arregalaram e ele levantou o anel cuidadosamente, comprimindo-o entre o polegar e o indicador, como se fosse uma cobra venenosa.

- Quem lhe deu isso?

- Foi Az Sweldn rak Anhüin. E não foi para mim e sim para Eragon. Um alarme se espalhou pelos seus rostos, a apreensão anterior de Eragon retornou. Ele havia visto alguns anões encararem um grupo inteiro dos Kull sem se esquivar. De fato o anel deve simbolizar algo temível já que podia enfraquecer a coragem deles.

Undin franziu a testa enquanto ouvia o murmurar de seus conselheiros e depois disse:

- Nós teremos de consultar os nossos sobre esse assunto. Matador de Espectros, um banquete está sendo preparado em sua honra. Se permitir que os meus servos o guiem até os seus aposentos, você poderá se refrescar e depois iniciaremos o festim.

- E claro. - Eragon passou as rédeas de Fogo na Neve para um anão que esperava e acompanhou o guia pelo castelo. Assim que passou pelo vão da porta, olhou para trás e viu ao longe Arya e Orik se alvoroçando com os chefes dos clãs, suas cabeças encostadas umas nas outras. *Não vou demorar*, prometeu ele a Saphira.

Depois de se agachar para poder transpor os corredores construídos para anões, sentiu-se aliviado ao ver que o quarto a ele destinado era espaçoso o bastante para ficar em pé livremente. O empregado se curvou e disse:

- Vou voltar quando o Grimstborith Undin estiver pronto. Assim que o anão saiu, Eragon fez uma pausa e respirou bem fundo, grato pelo silêncio. O encontro com os anões velados pairava em sua mente, sendo difícil relaxar.

Pelo menos não ficaremos muito tempo em Tarnag. Isso deve impedi-los de nos atrapalhar.

Retirando as luvas, Eragon foi até uma bacia de mármore instalada no chão, ao lado de sua cama baixa. Colocou as mãos dentro d'água, e então as retirou depressa emitindo um grito involuntário. A água estava quase fervendo. *Deve ser costume dos anões*, percebeu. Ele esperou até que esfriasse um pouco, depois mergulhou seu rosto e seu pescoço, esfregando-se enquanto o vapor se desprendia em torvelinhos.

Revigorado, trocou as calças e a túnica pelas roupas que usara no funeral de Ajihad. Tocou em Zar'roc, mas decidiu que a espada só iria insultar a mesa de Undin e optou por enfiar no cinto sua faca de caça.

Em seguida retirou, de sua saca, o pergaminho que Nasuada havia lhe encarregado de entregar para Islanzadí, sentia o seu peso na mão enquanto se perguntava qual seria o melhor lugar para escondê-lo. A missiva era importante demais para ser deixada exposta, onde poderia ser lida ou roubada. Incapaz de pensar num local ideal, enfiou-o na manga de sua camisa. *Ficará seguro aqui a não ser que eu entre numa briga, nesse caso terei problemas maiores com que me preocupar.*

Quando o empregado finalmente retornou até Eragon, passava um pouco de uma da tarde, mas o sol já havia sumido por trás das montanhas que se assomavam, mergulhando Tarnag na escuridão. Ao sair do castelo, Eragon ficou perplexo com a transformação da cidade. Com a chegada prematura da noite, as lanternas dos anões revelaram a sua verdadeira força, enchendo as ruas com uma luz pura e intensa que fazia o vale inteiro brilhar.

Undin e os outros anões estavam reunidos no pátio, junto com Saphira, que havia se posicionado na cabeceira da mesa. Não apareceu ninguém interessado em disputar lugar com ela.

Alguma coisa aconteceu?, perguntou Eragon, correndo em sua direção.

Undin convocou guerreiros a mais, e depois bloqueou os portões.

Será que ele espera um ataque?

No mínimo, está preocupado com a possibilidade.

- Eragon, por favor, aqui, venha para perto de mim - disse Undin, acenando para que ele se sentasse na cadeira à direita. Assim como Eragon, o

chefe do clã também se sentou, e o resto do séquito rapidamente fez o mesmo.

Eragon ficou feliz quando Orik acabou ao seu lado com Arya bem à sua frente, do outro lado da mesa, embora ambos parecessem um tanto austeros. Antes que ele pudesse perguntar a Orik sobre o anel, Undin bateu na mesa e berrou:

- Ignh az voth!

Empregados saíram de dentro do castelo trazendo travessas forjadas a ouro cheias de carnes, tortas e frutas. Eles se dividiram em três fileiras -uma para cada mesa - e depositaram os pratos com um floreio.

Diante deles, estavam sopas e ensopados com vários tubérculos, carne assada de veado, bisnagas grandes e quentes de pão de fermento, e fileiras de bolos de mel com molho de conserva de framboesa. Sobre uma camada de hortaliças havia filés de truta salpicados de salsa e, ao lado, enguias em conserva olhavam desconsoladas dentro de uma urna de queijo, como se esperassem que, de algum modo, pudessem fugir para um rio. Havia um cisne em cada mesa, cercado por um bando de perdizes, gansos e patos recheados.

Os cogumelos estavam em toda parte: grelhados em tiras suculentas, colocados no topo das cabeças das aves como se fossem gorros ou entalhados na forma de castelos cercados por fossos de molho de carne, uma incrível variedade estava à mostra, desde cogumelos brancos e inchados do tamanho do punho de Eragon, a outros que ele poderia ter confundido com cascas de árvore ásperas, até delicados cogumelos venenosos partidos bem no meio para exibir sua carne azul.

Então o prato principal do banquete foi revelado: um gigantesco javali assado que brilhava por causa dos temperos. Pelo menos Eragon achou que fosse um javali, pois sua carcaça era tão grande quanto Fogo na Neve e foram necessários seis anões para carregá-lo. As presas eram mais compridas que os antebraços, o focinho tão grande quanto a cabeça. E o cheiro dominava totalmente o banquete em ondas pungentes que faziam seus olhos lacrimejarem tamanha era a sua força.

- Nagra - sussurrou Orik. - É um javali gigante. Undin está realmente honrando a sua presença esta noite, Eragon. Só os anões mais valentes ousam caçar Nagra, e o animal só é servido àqueles que possuem

grande valor. Além disso, ele fez um gesto que leva a crer que irá apoiá-lo contra o Dürgrimst Nagra.

Eragon se inclinou em sua direção para que ninguém mais pudesse ouvir.

- Então este é mais um animal nativo das Beors? Quais são os outros?

- Lobos da floresta, grandes demais para caçar um Nagra e ágeis o suficiente para pegar um Feldünost. Ursos das cavernas, os quais chamamos de Urzhadn, e os elfos nominados Beorn, nome que os inspirou a batizar esses picos, embora nós mesmos não os chamemos assim. O nome das montanhas é um segredo não compartilhado com nenhuma raça. E...

- Smer voth - ordenou Undin, sorrindo para seus convidados. Os empregados sacaram imediatamente pequenas facas curvadas, cortaram pedaços do Nagra e os serviram a todos - exceto para Arya -, incluindo um pedaço bem maior para Saphira. Undin sorriu novamente, pegou um punhal e cortou um pedaço de sua carne.

Eragon pegou a sua faca, mas Orik segurou o seu braço.

- Espere.

Undin mastigou lentamente, revirando os olhos e acenando de forma exagerada, para depois engolir e proclamar.

- Ilf gauhnith!

- Agora sim - disse Orik, virando-se para a refeição enquanto a conversa brotava ao longo das mesas.

Eragon nunca havia provado nada como aquele javali. Era suculento, macio, tinha um tempero bastante exótico - corno se a carne tivesse sido embebida em mel e cidra acentuados pela menta usada para dar sabor ao porco. *Fico me perguntando como eles fizeram para preparar algo tão grande.*

Muito lentamente, comentou Saphira, mordiscando o seu Nagra.

Entre uma mordida e outra, Orik explicou.

- Desde os dias em que o envenenamento era desmedido entre clãs, tornou-se um costume o anfitrião provar a comida antes e declará-la segura para os convidados.

Durante o banquete, Eragon dividiu o seu tempo entre provar a

infinidade de pratos e conversar com Orik, Arya e os anões que estavam mais ao fundo na mesa. Com isso, as horas se aceleraram, pois o banquete era tão grande que era tarde da noite quando o último prato fora servido e consumido e o último cálice esvaziado. Enquanto os empregados retiravam a louça e os talheres, Ündin se virou para Eragon e disse:

- A refeição o deixou satisfeito, não?

- Estava deliciosa.

Undin acenou com a cabeça.

- Fico feliz que você tenha gostado. Pedi para que colocassem as mesas do lado de fora ontem para que o dragão pudesse jantar conosco. - Ele permaneceu concentrado em Eragon durante todo o tempo em que falou.

Eragon gelou por dentro. Intencionalmente ou não, Ündin havia tratado Saphira como algo que não passava de uma fera. O Cavaleiro pretendia perguntar sobre os anões com véus em particular, mas na hora -para perturbar Ündin - disse:

- Eu e Saphira agradecemos. - E acrescentou: - Senhor, por que o anel foi jogado em nossa direção?

Um silêncio doloroso se espalhou pelo pátio. Por acaso, Eragon viu Orik estremecer. Arya, no entanto, sorriu como se tivesse entendido o que ele estava fazendo.

Ündin abaixou seu punhal, franzindo fortemente a testa.

- Os knurlagn que você encontrou são de um clã trágico. Antes da queda dos Cavaleiros, eles formavam algumas das famílias mais velhas e ricas do nosso reino. Porém, seu destino foi selado por dois erros: eles viviam na margem oeste das Montanhas Beor e ofereceram seus maiores guerreiros a serviço de Vrael.

A raiva irrompeu por sua voz na forma de estrépitos.

- Galbatorix e seus eternamente malditos Renegados os assassinaram em sua cidade de Uru'baen. Então voaram sobre nós, matando muitos outros. Daquele clã, apenas Grimstcarvlorss Anhüin e seus guardas sobreviveram. Anhüin logo morreu de tristeza, e seus homens passaram a usar o nome de Az Sweldn rak Anhüin, As Lágrimas de Anhüin, cobrindo seus rostos para lembrarem de perda que tiveram e do desejo por vingança.

As faces de Eragon ardiam de vergonha enquanto ele lutava para

manter seu rosto sem expressão.

- Então - prosseguiu Undin, olhando fixamente para uma sobremesa -, eles reconstruíram o clã ao longo das décadas, esperando e buscando reparações. E agora vem você, usando a marca de Hrothgar. E o máximo dos insultos para eles, não importa o quanto você tenha servido Farthen dūr. Tanto que jogaram o anel, o desafio supremo. Isso significa que Dürgrimst Az Sweldn rak Anhüin vão opor-se a você com todos os recursos possíveis em qualquer circunstância, importante ou insignificante. Eles se colocaram totalmente contra você, declarando-se inimigos de sangue.

- Eles pretendem me ferir fisicamente? - perguntou Eragon com firmeza.

O olhar fixo de undin vacilou por um instante quando lançou-o para Gannel, mas depois balançou a cabeça e emitiu uma gargalhada áspera que era, provavelmente, mais alta do que a ocasião permitia.

- Não, Matador de Espectros! Nem mesmo eles ousariam ferir um convidado. É proibido. Eles só o querem fora, fora, fora daqui.

Contudo, Eragon ainda se questionava. E Undin prosseguiu:

- Por favor, vamos tentar não falar mais sobre esses assuntos desagradáveis. Gannel e eu oferecemos a nossa comida e o nosso mulso em sinal de amizade, não é isso que importa?

O sacerdote murmurou em concordância.

- Sinto-me grato - abrandou Eragon finalmente.

Saphira o olhou de um jeito solene e disse: *Eles estão com medo, Eragon. Estão com medo e se ressentem porque foram forçados a aceitar a ajuda de um Cavaleiro.*

Sim. Eles podem lutar conosco, mas não lutam por nós.

CELBEDEIL

A manhã sem alvorada encontrou Eragon atravessando o salão principal de Undin, ouvindo o chefe do clã falar com Orík na língua dos anões. Undin interrompeu seu discurso assim que Eragon se aproximou e disse:

- Oh, Matador de Espectros. Dormiu bem?

- Sim.

- Bom. - Ele gesticulou para Orik. - Andamos pensando na partida de vocês. Esperava que pudessem passar algum tempo conosco. Mas sob as atuais circunstâncias, parece melhor retomarem a jornada amanhã bem cedo, quando haverá pouca gente nas ruas que possa perturbá-los. Os suprimentos e o transporte estão sendo preparados enquanto falamos. Hrothgar ordenou que vocês fossem escoltados por guardas até Ceris. Aumentei o número de três para sete.

- E até lá, o que faremos?

Ündin encolheu seus ombros cobertos de peles de animais.

- Pretendia lhes mostrar as maravilhas de Tarnag, mas seria uma tolice passear com vocês pela minha cidade. No entanto, Grimstborith Gannel os convidou para passarem o dia em Celbedeil. Aceitem se quiserem. Vocês estarão seguros ao seu lado. - O chefe do clã parecia ter esquecido sua declaração anterior de que Az Sweldn rak Anhuin não iria maltratar um convidado.

- Obrigado, pode ser. - Assim que Eragon deixou o salão, ele puxou Orik para o lado e perguntou: - Até que ponto essa rixa é realmente séria? Preciso saber a verdade.

Orik respondeu com uma relutância óbvia.

- No passado, não era incomum que vendetas durassem gerações. Famílias inteiras eram extintas. Foi imprudente da parte de Az Sweldn rak Anhuin evocar as tradições antigas, tal coisa não é feita desde as últimas guerras entre os clãs... Até que eles rescindam seu juramento, você terá que se prevenir contra sua traição, seja por um ano ou por um século. Lamento que a sua amizade por Hrothgar tenha lhe causado tamanho transtorno, Eragon. Mas você não está sozinho. Dürgrimst Ingeitum está ao seu lado nisso.

Assim que saiu, Eragon correu para Saphira, que havia passado a noite enrolada no pátio. *Você se importa se eu for visitar Celbedeil?*

Vá se tiver que ir. Mas leve Zar'roc. Ele seguiu seu conselho, e também carregou consigo o pergaminho de Nasuada dentro da túnica.

Quando Eragon se aproximou dos portões do muro que cercava o castelo, cinco anões empurraram o madeiramento tosco para o lado, e depois

o cercaram, com as mãos em seus machados e espadas, ao mesmo tempo em que inspecionavam a rua. Os guardas permaneceram ao lado de Eragon enquanto este refazia o caminho do dia anterior até a entrada bloqueada do primeiro patamar de Tarnag.

Eragon estremeceu. A cidade parecia estranhamente vazia. Portas trancadas, janelas fechadas e os poucos pedestres à vista viravam o rosto e entravam em alamedas para não ter de passar a seu lado. *Eles estão com medo de serem vistos junto comigo, percebeu. Talvez porque saibam que Az Sweldn rak Anhüin fará retaliações contra quem quer que me ajude.* Ansioso para escapar das ruas abertas, Eragon levantou a mão para bater, mas antes que pudesse fazê-lo, uma porta rangeu para fora, e um anão, usando um manto negro, o chamou de dentro. Apertando o cinturão de sua espada, Eragon entrou, deixando os guardas do lado de fora.

Sua primeira percepção foi a cor. Um gramado verde incandescente estendia-se obliquamente até o alto da colina de Celbedeil, como se fosse um manto caído sobre o grandioso pilar simétrico que sustentava o templo. Heras estrangulavam as antigas paredes da construção, metro após metro de raízes retorcidas, com o orvalho ainda brilhando em suas folhas pontudas. E curvando-se por cima de tudo, exceto as montanhas, havia uma grande cúpula branca guarnecida com ouro entalhado.

Sua percepção seguinte foi o odor. Os perfumes de flores e incensos se misturavam num aroma tão etéreo, que Eragon pensou que poderia sobreviver só de cheiros.

A última foi o som, pois apesar dos passos dos sacerdotes andando por caminhos que formavam mosaicos e terrenos espaçosos, o único ruído que Eragon podia discernir era o agitar suave de asas de uma gralha voando mais acima.

O anão o chamou novamente e saiu andando pela avenida principal que dava em Celbedeil. Ao passarem por debaixo do seu beirai, Eragon pôde simplesmente se maravilhar com a riqueza e a arte que o cercavam. As paredes estavam repletas de jóias de todas as cores e feitios - aliás, impecáveis - e ouro vermelho havia sido forjado por dentro dos veios que guarneciam os tetos de pedra, paredes e chão. Pérolas e prata davam tonalidades ao cenário. Ocasionalmente, eles passavam por uma divisória talhada inteiramente em

jade.

O templo era desprovido de decorações em pano. Na falta delas, os anões haviam talhado uma profusão de estátuas, muitas representando monstros e divindades presas em batalhas épicas.

Depois de subir diversos andares, atravessaram uma porta de cobre encerada com verdete e ornada com emaranhado de nós desenhados, adentrando uma sala vazia com piso de madeira. Havia armaduras mal penduradas nas paredes, junto com prateleiras cheias de espadas idênticas àquela com a qual Angela havia lutado em Farthen Dûr.

Gannel estava lá, treinava contra três oponentes anões mais jovens. O manto do chefe do clã estava preso acima de suas coxas para que ele pudesse se mover livremente. Seu rosto era uma carranca furiosa enquanto o cabo de madeira girava em suas mãos, lâminas cegas moviam-se rapidamente como vespas irritadas.

Dois dos anões adversários deram um bote em Gannel, só para serem bloqueados num soar de madeira e metal enquanto ele girava na frente de ambos, atingindo seus joelhos e cabeças, jogando-os no chão. Eragon sorria enquanto observava Gannel desarmando seu último oponente numa rajada brilhante de golpes.

Finalmente o chefe do clã notou Eragon e dispensou os outros anões. Assim que Gannel colocou sua arma numa prateleira, Eragon disse:

- Todos os Quan são tão peritos assim no manejo da espada? Parece uma habilidade estranha para sacerdotes.

Gannel o encarou.

- Precisamos ter condições de nos defendermos, não? Muitos inimigos espreitam esta terra.

Eragon acenou com a cabeça, concordando.

- Essas espadas são únicas. Nunca vi nada parecido, exceto uma usada por uma herbolária na batalha de Farthen Dûr.

O anão prendeu a respiração e depois deixou o ar sair por entre os dentes.

- Angela. - Sua expressão ficou amarga. - Ela ganhou seu bastão de um sacerdote durante um jogo de adivinhações. Foi um truque sórdido, já que somos os únicos com permissão de usar a hūthvîrn. Ela e Arya... - Ele

encolheu os ombros e foi até uma pequena mesa, onde encheu duas canecas com cerveja. Ao passar uma delas a Eragon, ele disse: - Convidei-o para vir aqui hoje a pedido de Hrothgar. Ele me disse que, se você aceitasse sua oferta para se tornar Ingeitum, eu deveria inteirá-lo das tradições dos anões.

Eragon bebericou a cerveja e se manteve em silêncio, observando como a sobrancelha grossa de Gannel retinha a luz, as sombras cobriam seu rosto.

O chefe do clã continuou:

- Nunca antes nossas crenças secretas foram transmitidas para um ádvena, e você não deverá falar delas para humanos ou elfos. Porém, sem este conhecimento, você não poderá defender o que significa ser knurla. Você é Ingeitum agora: nosso sangue, nossa carne, nossa honra. Você entende?

- Sim.

- Então venha. - Com sua cerveja na mão, Gannel tirou Eragon do salão de duelos e o conduziu por cinco grandes corredores, parando na arcada de uma câmara escura enevoadada de incenso. De frente para eles, o contorno atarracado de uma estátua se expandia pesadamente do chão até o teto, uma luz fraca projetava-se sobre o rosto meditativo do anão, talhado com uma crueza incomum em granito marrom.

- Quem é ele? - perguntou Eragon, intimidado.

- Güntera, rei dos Deuses. Ele é um guerreiro e um sábio, embora instável, por isso queimamos oferendas para nos assegurarmos de sua afeição nos solstícios, antes da sementeira, e em mortes e nascimentos. - Gannel torceu a mão num gesto estranho e se curvou para a estátua. - É para ele que rezamos antes das batalhas, por ele ter moldado esta terra a partir dos ossos de um gigante e instituir a ordem do mundo. Todos os reinos são de Güntera.

Depois, Gannel instruiu Eragon sobre como venerar apropriadamente o deus, explicando os sinais e as palavras que eram usadas para homenageá-lo. Ele elucidou o significado do incenso - símbolo da vida e da felicidade - e passou longos minutos repassando lendas sobre Güntera, como o deus nasceu totalmente formado do ventre de uma loba durante o despertar de estrelas, como ele havia enfrentado monstros e gigantes para ganhar um lugar para sua família em Alagaësia, e como tomou Kílf, a deusa dos rios e do mar, como sua companheira.

Em seguida, os dois foram até a estátua de Kílf, esculpida com extraordinária delicadeza numa pedra azul clara. Seu cabelo esvoaçava para trás em ondulações suaves, descia pelo pescoço e emoldurava encantadores olhos de ametista. Em suas mãos, ela segurava uma vitória-régia e um pedaço de uma pedra vermelha e porosa que Eragon não reconheceu.

- O que é aquilo? - perguntou ele, apontando.

- Um coral tirado do fundo do mar que beira as Beor.

- Coral?

Gannel tomou um gole de cerveja e depois disse:

- Nossos mergulhadores o encontraram enquanto procuravam pérolas. Parece que, na água salgada, algumas pedras crescem iguais às plantas.

Eragon o fitou maravilhado. Ele nunca havia pensado que seixos ou rochas pudessem estar vivos, no entanto ali estava uma prova de que tudo de que precisavam era água e sal para florescer. Aquilo finalmente explicava como as rochas haviam continuado a aparecer em seus campos no vale Palancar, mesmo depois que o solo era limpo a cada primavera. *Elas cresciam!*

Eles prosseguiram até chegar em Urur, deus do ar e dos céus, e seu irmão Morgothal, deus do fogo. Na estátua carmim de Morgothal, o sacerdote contou que os irmãos se amavam tanto que nenhum dos dois podia existir independentemente. Conseqüentemente o palácio de Morgothal queimava o céu durante o dia e de sua fornalha faíscas vagueavam pela noite no alto. E também por conseqüência, Urür alimentava constantemente o irmão para que ele não morresse. Só sobraram mais dois deuses depois disso: Sindri - a mãe da terra - e Helzvog.

A estátua de Helzvog era diferente das outras. O deus nu estava semicurvado sobre um bloco de pederneira cinzenta, do tamanho de um anão, e a acariciava com a ponta de seu dedo indicador. Os músculos de suas costas se enfeixavam e se atavam com uma tensão inumana, contudo sua expressão era incrivelmente afável, como se houvesse um bebê recém-nascido diante dele.

A voz de Gannel tornou-se baixa e estridente:

- Güntera pode ser o rei dos Deuses, mas é Helzvog que segura nossos corações. Foi ele que sentiu que a terra deveria ser povoada depois que

os gigantes foram derrotados. Os outros deuses discordaram, mas Helzvog os ignorou e, em segredo, criou o primeiro anão a partir da base de uma montanha.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

- Quando seu plano foi descoberto, o ciúme se abateu sobre os deuses, e Günthera criou os elfos para controlar a Alagaësia ele mesmo. Então Sindri fez os humanos nascerem do solo, e Urur e Morgothal combinaram sua sabedoria e soltaram dragões no reino. Só Kílf se conteve. Assim as primeiras raças surgiram neste mundo.

Eragon absorveu as palavras de Gannel, reconhecendo a sinceridade do chefe do clã, mas incapaz de sufocar uma simples indagação: *Como ele sabe?* No entanto, Eragon sentiu que seria uma pergunta deselegante e simplesmente acenou com a cabeça enquanto escutava.

- Isso - disse Gannel, terminando de beber toda a sua cerveja - leva ao nosso mais importante ritual, o qual sei que Orik discutiu com você... Todos os anões devem ser sepultados em pedra, caso contrário nossos espíritos jamais se juntarão a Helzvog em seu castelo. Não somos da terra, do ar ou do fogo, mas da *pedra*. E como Ingeitum, é sua responsabilidade garantir um lugar de descanso apropriado para qualquer anão que morra na sua companhia. Se você falhar - sem a causa ser por ferimentos ou inimigos - Hrothgar o exilará, e nenhum anão irá reconhecer a sua presença até depois de sua morte. - Ele endireitou os ombros, e olhou fixamente para Eragon. - Você tem muito mais o que aprender, mas se defender os costumes que resumi hoje, você se sairá bem.

- Não esquecerei - afirmou Eragon.

Satisfeito, Gannel o levou para longe das estátuas e juntos subiram uma escada em espiral. Enquanto subiam, o chefe do clã enfiou a mão no seu manto e tirou um colar simples, uma corrente que atravessava o cabo de um martelo de prata em miniatura. Ele o deu para Eragon.

- Este é outro favor que Hrothgar me pediu - explicou Gannel. -Ele teme que Galbatorix possa ter se apossado de uma imagem sua retirada das mentes dos Ra'zac, do Espectro ou dos inúmeros soldados que o viram por todo o Império.

- Por que eu deveria temer isso?

- Porque Galbatorix poderia localizá-lo a partir daí. Talvez já o tenha feito.

Um tremor de apreensão serpenteava pelo corpo de Eragon, como se fosse uma cobra gelada. *Devia ter pensado nisso*, repreendeu a si próprio.

- O colar impedirá que alguém vigie você ou o seu dragão enquanto o estiver usando. Eu mesmo fiz o encanto, por isso ele se manterá mesmo perante a mente mais poderosa. Mas esteja avisado, quando ativado, o colar irá se alimentar das suas forças até você o retirar ou o perigo passar.

- E se eu estiver dormindo? Será que o colar poderia consumir toda a minha energia antes que eu me apercebesse?

- Não. Ele o acordará.

Eragon rolou o martelo entre os dedos. Era difícil anular feitiços dos outros, muito menos os de Galbatorix. *Se Gannel é tão talentoso, que outros encantos podem estar escondidos em seu presente?* Ele notou uma linha de runas entalhada ao longo do cabo do martelo. Lia-se *Astim Hefthyn*. Quando terminaram os degraus ele perguntou:

- Por que os anões escrevem com as mesmas runas que os humanos? Pela primeira vez desde que se conheceram, Gannel riu, e sua voz reverberava pelo templo enquanto seus ombros largos tremiam.

- É o contrário, os humanos é que escrevem com as *nossas* runas. Quando os seus ancestrais aportaram na Alagaësia, eram tão analfabetos quanto coelhos. No entanto, logo adotaram o nosso alfabeto e o combinaram com *esta* linguagem. Algumas das suas palavras até vêm de nós, como *pai*, que originalmente era *farthen*.

- Então Farthen Dûr significa...? - Eragon deslizou o colar pela cabeça e o enfiou dentro da túnica.

- Nosso pai.

Parando numa porta, Gannel conduziu Eragon por uma galeria curva localizada logo abaixo da cúpula. A passagem se ligava a Celbedeil, oferecendo, através das arcadas abertas, uma vista das montanhas atrás de Tarnag, assim como da cidade coberta de terraços bem lá embaixo.

Eragon mal apreciou a vista, pois a parede interna da galeria estava coberta por uma pintura única e contínua, um gigantesco painel narrativo que começava com uma descrição da criação dos anões sob a mão de Helzvog. As

figuras e os objetos estavam em alto relevo, dando ao panorama uma sensação hiper-realista com suas cores brilhantes, fortes e detalhadas.

Fascinado, Eragon perguntou:

- Como isso foi feito?

- Cada cena é entalhada em pequenas chapas de mármore, que são queimadas com esmalte e depois encaixadas numa única peça.

- Não seria mais fácil usar tinta comum?

- Seria - disse Gannel -, mas não se quiséssemos que ela durasse séculos... milênios até... sem mudar de aparência. O esmalte nunca desbota ou perde o seu brilho, ao contrário da tinta a óleo. A primeira parte foi entalhada simplesmente uma década depois da descoberta de Farthen Dûr, bem antes dos elfos colocarem os pés na Alagaësia.

O sacerdote pegou Eragon pelo braço e o guiou ao longo do quadro. Cada passo os levava por anos incontáveis de história.

Eragon viu como os anões outrora foram nômades numa planície aparentemente interminável, até que a terra ficou tão quente e desolada que foram forçados a migrar para o sul em direção às montanhas Beor. *Foi assim que o Deserto Hadarac foi formado*, percebeu ele, estupefato.

Enquanto os dois passavam pelo mural, seguindo em direção aos fundos de Celbedeil, Eragon testemunhou tudo desde a domesticação de Feldunost até o entalhe de Isidar Mithrim, o primeiro encontro dos anões com os elfos e a coroação de cada novo rei dos anões. Dragões apareciam freqüentemente, queimando e assassinando. Eragon teve dificuldade para evitar fazer comentários diante dessas partes.

Seus passos foram diminuindo quando a pintura começou a mostrar o episódio que ele ansiava por encontrar: a guerra entre elfos e dragões. Os anões haviam devotado um grande espaço para a destruição provocada pelas duas raças em Alagaësia. Eragon encolheu os ombros de horror ao ver os dragões e os elfos matando uns aos outros. As batalhas continuaram por metros a fio, cada imagem mais sangrenta do que a anterior, até que a escuridão se ergueu e um jovem elfo foi mostrado ajoelhado na beira de um penhasco, segurando um ovo branco de dragão.

- Esse é...? - sussurrou Eragon.

- Sim, é Eragon, o Primeiro Cavaleiro. É um belo retrato também, já

que ele concordou em posar para os nossos artesãos.

Atraído pelo seu fascínio, Eragon estudou o rosto do seu homônimo. *Sempre o imaginei mais velho.* O elfo possuía olhos angulosos que se voltavam na direção de um nariz curvo e de um queixo estreito, dando-lhe uma aparência selvagem. Era um rosto estranho, completamente diferente do seu... e contudo seus ombros largos e tensos lembravam Eragon de como ele se sentira quando encontrou o ovo de Saphira. *Não somos tão diferentes, você e eu,* pensou ele, tocando no esmalte frio. *E uma vez que minha sensibilidade se iguala à sua, poderemos realmente ser irmãos ao longo do tempo...* Fico me perguntando se você aprovaria as minhas atitudes? Ele sabia que os dois haviam feito pelo menos uma escolha idêntica, ambos guardaram o ovo.

Ele ouviu uma porta se abrir e se fechar e, quando se virou, viu Arya se aproximando, vindo da outra extremidade da galeria. Ela examinou cuidadosamente a parede com a mesma expressão vaga que Eragon a vira usar quando confrontou o Conselho dos Anciãos. Quaisquer que fossem suas emoções particulares, ele sentia que a elfa havia achado a situação desagradável.

Arya inclinou a cabeça:

- Grimstborith.

- Arya.

- Você andou instruindo Eragon sobre a sua mitologia? Gannel sorriu positivamente.

- As pessoas devem sempre entender a fé da sociedade a qual pertencem.

- Contudo compreensão não implica em crença. - Ela bateu com o dedo no pilar de uma arcada. - Nem significa que aqueles que fornecem tais crenças o fazem por mais do que... ganho material.

- Você negaria os sacrifícios que o meu clã faz para trazer conforto aos nossos irmãos?

- Não nego nada, só pergunto que bem poderia advir caso a sua riqueza fosse distribuída entre os necessitados, os famintos, os desabrigados ou até mesmo usada para comprar suprimentos para os Varden. Em vez disso, você a pôs toda num monumento apenas para narrar a sua versão ilusória dos fatos.

- Chega! - O anão cerrou os punhos, e seu rosto se encheu de manchas. - Sem nós, as colheitas iriam murchar até secar. Rios e lagos iriam transbordar. Nossos rebanhos gerariam feras de um olho só. Os próprios céus iriam se despedaçar ante a fúria dos deuses! - Arya sorriu. - Só as *nossas* orações e serviços impedem de acontecer isso. Se não fosse por Helzvog, onde...

Eragon logo perdeu o fio da meada da discussão. Ele não entendia as críticas vagas de Arya ao Durgrimst Quan, mas conseguiu captar, através das respostas de Gannel que, indiretamente, ela havia deduzido que os deuses dos anões não existiam, questionando a capacidade mental de cada anão que entrava num templo, e apontado o que tomou como falhas em seu raciocínio - tudo numa voz agradável e polida.

Depois de alguns minutos, Arya levantou a mão, interrompendo Gannel.

- Esta é a diferença entre nós, Grimstborith. Você se dedica àquilo que acredita ser verdade mas não pode provar. Com isso, temos que concordar em discordar. - Ela então se virou para Eragon. - Az Sweldn rak Anhuin inflamou os cidadãos de Tarnag contra você. Undin acredita, assim como eu, que seria melhor você ficar resguardado no castelo dele até a hora de partirmos.

Eragon hesitou. Ele queria ver mais de Celbedeil, mas se fosse haver problemas, então seu lugar era ao lado de Saphira. Curvou-se para Gannel e implorou para ser desculpado.

- Você não precisa se desculpar, Matador de Espectros - disse o chefe do clã. Ele se voltou para Arya. - Faça o que tiver que ser feito, e que as bênçãos de Guntera estejam sobre você.

Juntos, Eragon e Arya deixaram o templo e, cercados por uma dúzia de guerreiros, saíram a passos rápidos pela cidade. Enquanto o faziam, Eragon ouviu gritos vindos de uma multidão furiosa num pavimento inferior. Uma pedra caiu em cima de um telhado nas redondezas. Movimento atraiu seu olhar para um rolo de fumaça negra que se erguia dos limites da cidade.

Assim que chegou ao castelo, Eragon correu para o seu quarto. Lá, colocou sua cota de malha, amarrou as grevas às suas canelas e as braços aos seus antebraços, enfiou o capuz de couro, o barrete e depois o elmo sobre

sua cabeça, e pegou o escudo. Enquanto esvaziava sua saca e seus alforjes, correu de volta para o pátio, onde se sentou encostado na perna dianteira direita de Saphira.

Tamag é como um formigueiro em polvorosa, observou ela.

Espero que não sejamos mordidos.

Arya logo se juntou a eles, assim como fez um grupo de cinqüenta anões fortemente armados que se posicionaram no meio do pátio. Os anões esperavam impassivelmente, falando em grunhidos baixos enquanto vigiavam o portão trancado e a montanha que se erguia atrás deles.

- Eles temem - disse Arya, sentada ao lado de Eragon - que as multidões possam evitar que alcancemos as balsas.

- Saphira poderá nos levar voando.

- Fogo na Neve também? E os guardas de Undin? Não, já que estamos abrigados, devemos esperar até a fúria dos anões diminuírem. - Ela estudou o céu crepuscular. - E lamentável você ter conseguido ofender tantos anões, mas talvez fosse inevitável. Os clãs sempre foram dados a briga, o que agrada um enfurece o outro.

Ele colocou o dedo em sua cota.

- Gostaria de não ter aceitado a oferta de Hrothgar.

- Ah, sim. Como foi com Nasuada, creio que você fez a única opção viável. Ninguém pode culpá-lo. A culpa, se é que há, é de Hrothgar por ter feito o convite em primeira instância. Ele devia estar bem a par das repercussões.

O silêncio reinou por alguns minutos. Meia dúzia de anões marchavam em torno do pátio, esticando suas pernas. Finalmente, Eragon perguntou:

- Você tem algum familiar em Du Weldenvarden?

Demorou um bom tempo para que Arya respondesse.

- Nenhum de que eu seja muito próxima.

- Por que... por que isso? Ela hesitou novamente.

- Eles não gostaram da minha opção de me tornar a enviada e embaixadora da Rainha, parecia inapropriado. Tão logo ignorei suas objeções e mantive o yawê tatuado no meu ombro, que indica que eu me devotei ao bem maior da nossa raça, como é o caso do anel que você ganhou de Brom, minha família se recusou a me ver novamente.

- Mas isso foi há mais de setenta anos - protestou ele.

Arya olhou para longe, escondendo seu rosto atrás de uma cortina de cabelo. Eragon tentou imaginar como devem ter sido as coisas para ela - condenada pela família ao ostracismo e enviada para viver entre duas raças completamente diferentes. *Não é de se espantar que ela seja tão introvertida*, percebeu ele. - Há outros elfos fora de Du Weldenvarden?

Ainda mantendo seu rosto coberto, ela disse:

- Três de nós fomos enviados de Ellesméra. Fáolin e Glenwing sempre viajavam comigo quando transportávamos o ovo de Saphira entre Du Weldenvarden e Tronjheim. Só eu sobrevivi à emboscada de Durza.

- Como eram eles?

- Guerreiros orgulhosos. Glenwing adorava conversar com os pássaros com a sua mente. Ele costumava ficar no meio da floresta cercado por um bando de pássaros canoros, ouvia-os durante horas. Depois costumava nos cantar as melodias mais bonitas.

- E Fáolin? - Desta vez Arya se recusou a responder, embora suas mãos apertassem o seu arco. Sem se deixar intimidar, Eragon pensou um pouco e mudou de assunto. - Por que você tem tanta antipatia por Gannel?

Ela o encarou subitamente e tocou seu rosto com os dedos delicados. Eragon se retraiu, surpreso.

- Essa - disse ela - é uma conversa para outra hora. - Depois disso a elfa se levantou e calmamente ocupou uma nova posição no pátio.

Confuso, Eragon ficou olhando para as suas costas. *Não entendo*, disse ele, recostado à barriga de Saphira. Ela bufou, distraída, o envolveu com o pescoço e o rabo, e caiu no sono na mesma hora.

Enquanto o vale ia escurecendo, Eragon lutou para se manter alerta. Ele puxou o colar de Gannel e o examinou várias vezes usando a magia, mas só encontrou o encanto de proteção do sacerdote. Desistindo, enfiou o colar de novo sob a túnica, colocando o escudo na sua frente, e se aceitou para esperar a noite passar.

Ao primeiro sinal de luz no céu - embora o próprio vale ainda estivesse debaixo de sombras e permaneceria assim até o meio-dia -, Eragon acordou Saphira. Os anões já haviam despertado, ocupados em disfarçar suas armas para que pudessem rastejar por Tarnag no mais completo sigilo. Undin

chegou até a fazer Eragon amarrar trapos em volta das garras de Saphira e dos cascos de Fogo na Neve.

Quando tudo estava pronto, Undin e seus guerreiros formaram um amplo bloco em torno de Eragon, Saphira e Arya. Os portões foram cuidadosamente abertos - não vinha som algum das dobradiças lubrificadas - e todos seguiram em direção ao lago.

Tarnag parecia deserta, as ruas vazias, ladeadas por casas onde seus habitantes jaziam abstraídos e sonhadores. Os poucos anões que eles encontravam os encaravam silenciosamente, para depois se afastar como fantasmas no crepúsculo.

No portão de cada patamar, um guarda lhes acenava sem fazer qualquer comentário. Logo se viram cruzando os campos barrentos da base de Tarnag. Além destes, alcançaram o cais de pedra que beirava a água calma e cinzenta.

Havia duas grandes balsas a espera deles, amarradas em um píer. Três anões estavam agachados dentro da primeira, quatro na segunda. Eles se levantaram assim que Undin apareceu.

Eragon ajudou os anões a vender Fogo na Neve e prender suas patas, para depois persuadir o cavalo relutante a subir na segunda balsa, onde foi amarrado e forçado a se agachar. Enquanto isso, Saphira escorregava do píer para dentro do lago. Apenas sua cabeça ficou acima da superfície enquanto ela nadava dentro d'água.

Undin segurou o braço de Eragon.

- E aqui que nos separamos. Você está com os meus melhores homens, eles irão protegê-lo até você chegar a Du Weldenvarden. -Eragon tentou agradecê-lo, mas Undin balançou a cabeça. - Não é uma questão de gratidão. É o meu dever. Só fico envergonhado por sua estada ter sido manchada pelo ódio de Az Sweldn rak Anhuin.

Eragon fez uma reverência e depois embarcou na primeira balsa com Orik e Arya. As espias foram soltas e os anões se afastaram da margem usando longas varas. À medida que a alvorada se aproximava, as duas balsas flutuavam na direção da foz do Az Ragni, e Saphira ia nadando entre ambas.

DIAMANTES NA NOITE

O Império violou o meu lar. Assim pensou Roran ao ouvir os gemidos angustiados dos homens feridos durante a batalha da noite anterior com Ra'zac e os soldados. Roran estremeceu de medo e raiva até seu corpo inteiro ser consumido por calafrios febris que deixaram suas faces ardendo e sua respiração curta. E ele estava triste, muito triste... como se os feitos dos Ra'zac tivessem acabado com a inocência dos seus refúgios da infância.

Afastando-se da curandeira, Gertrude, que cuidava dos feridos, Roran continuou a seguir em direção à residência de Horst, reparando nas barreiras provisórias que preenchiam os espaços entre as casas: as tábuas, os barris, as pedras empilhadas e as armações estilhaçadas das duas carroças destruídas pelos explosivos dos Ra'zac. Tudo parecia dolorosamente frágil. As poucas pessoas que andavam por Carvahall tinham o olhar vidrado por causa do trauma, do sofrimento e da exaustão. Roran também estava cansado, mais do que nunca. Não dormia há duas noites, e seus braços e suas costas doíam por causa das lutas.

Ele entrou na casa de Horst e viu Elain em pé no vão da porta aberta para a sala de jantar, ouvindo a conversa inflamada lá dentro. Ela acenou para o jovem entrar.

Depois que frustraram o contra-ataque dos Ra'zac, os cidadãos proeminentes de Carvahall haviam se isolado numa tentativa de decidir qual atitude o vilarejo devia tomar e se Horst e seus aliados deviam ser punidos por iniciar a rebeldia. O grupo passou a maior parte da manhã tentando deliberar.

Roran deu uma olhada dentro da sala. Sentados em volta da mesa comprida estavam Birgit, Sloan, Loring, Gedric, Delwin, Fisk, Morn e muitos outros. Horst presidia a mesa, sentado à cabeceira.

- ...e eu digo que foi estúpido e precipitado! - exclamou Kiselt, tentando se levantar apoiado nos seus cotovelos magros. - Você não tem motivos para colocar em perigo...

Morn levantou a mão.

- Já falamos sobre isso antes. Se o que *foi* feito *devia* ter sido feito não está em questão. Por acaso, eu concordo. Quimby era tão meu amigo como de qualquer um aqui, e estremeço ao pensar no que esses monstros fariam com Roran, mas... mas o que eu quero saber é como iremos sair dessa

situação desagradável.

- Fácil, matando os soldados - apregoeou Sloan.

- E depois? Mais soldados virão até nos afogarmos num mar de túnicas vermelhas. Mesmo se entregarmos Roran, isso não adiantará nada, vocês ouviram o que os Ra'zac disseram: eles irão nos matar se protegermos Roran e nos escravizarão se não o fizermos. Vocês podem pensar diferente, mas, na minha opinião, eu prefiro morrer a passar minha vida como escravo. - Morn balançou a cabeça e sua boca se fechou numa linha reta e inflexível. - Não podemos sobreviver.

Fisk se inclinou para a frente.

- Podemos partir.

- Não há lugar para onde ir - retrucou Kiselt. - Estamos encurralados pela Espinha, os soldados bloquearam a estrada e mais além está o resto do Império.

- A culpa é toda sua - gritou Thane, apontando um dedo trêmulo para Horst. - Eles incendiarão as nossas casas e assassinarão as nossas crianças por sua causa. Por sua causa!

Horst se levantou tão rapidamente que sua cadeira caiu para trás.

- Onde está a sua honra, homem? Você vai deixar que eles nos devorem sem reagir?

- *Sim*, mesmo que isso signifique uma outra forma de suicídio. - Thane olhou em volta da mesa e depois passou furioso ao lado de Roran. Seu rosto estava retorcido devido a um medo puro e natural.

Gedric avistou Roran então e acenou para que ele entrasse.

- Venha, venha, estávamos esperando por você.

Roran colocou as mãos nas costas enquanto inúmeros olhares severos o fuzilavam.

- Como posso ajudar?

- Acho - disse Gedric - que todos concordamos que não adiantaria nada entregarmos você para o Império a essa altura. Se iríamos fazê-lo, em outras circunstâncias, não é relevante. A única coisa que podemos fazer é nos prepararmos para outro ataque. Horst fará pontas de lança e outras armas se tiver tempo, e Fisk concordou em construir escudos. Felizmente, sua carpintaria não se incendiou. E alguém precisa supervisionar as nossas

defesas. E gostaríamos que fosse você. Você terá bastante gente para ajudá-lo.

Roran acenou com a cabeça:

- Farei o melhor que puder.

Tara se levantou ao lado de Morn, seu marido. Era uma mulher grande, com cabelo escuro e grisalho e mãos fortes capazes de quebrar um pescoço de galinha e de separar dois homens briguentos. Ela disse:

- Não deixe de fazê-lo, Roran, caso contrário teremos mais funerais.

- E depois se voltou para Horst. - Antes de seguir em frente, gostaria de lembrar que ainda temos alguns homens para enterrar. E há crianças que devem ser levadas para um lugar seguro, talvez para a fazenda de Cawley em Nost Creek. Você devia ir para lá também, Elain.

- Não deixarei Horst - disse Elain calmamente. Tara se arrepiou.

- Este não é lugar para uma mulher com cinco meses de gravidez. Você perderá o bebê se ficar correndo de um lado para o outro como andou fazendo.

- Será pior para mim ficar preocupada, sem saber o que estará acontecendo, do que permanecer aqui. Já pari os meus filhos, ficarei como sei que você e todas as outras esposas em Carvahall o farão.

Horst deu a volta na mesa e, com uma expressão afetuosa, pegou a mão de Elain.

- Nem eu gostaria que você estivesse em algum outro lugar a não ser do meu lado. As crianças, no entanto, devem partir. Cawley irá cuidar bem delas, mas temos de nos certificar de que a estrada até a fazenda está segura.

- Não só isso - disse Loring com a voz rascante -, nenhum de nós pode se envolver com as famílias do outro lado do vale, com exceção de Cawley, é claro. Eles não podem nos ajudar, e não queremos que esses *profanadores* os perturbem.

Todos lhe deram razão. Em seguida, a reunião acabou e seus participantes se dispersaram por toda Carvahall. Logo, no entanto, se reuniram novamente -junto com a maior parte do vilarejo - no pequeno cemitério atrás da casa de Gertrude. Dez cadáveres envoltos em tecido branco foram colocados ao lado de suas sepulturas, com um galho de cicuta em cima de seus peitos frios e um amuleto prateado em volta de cada um de seus pescoços.

Gertrude deu um passo à frente e recitou os nomes dos homens:

- Parr, Wyglif, Ged, Bardrick, Farold, Hale, Garner, Kelby, Melkolf e Albem. - Ela colocou seixos negros sobre os seus olhos e depois ergueu os braços, levantou o rosto era direção ao céu, e começou a entoar a vibrátil canção fúnebre. Lágrimas brotaram dos cantos dos seus olhos fechados enquanto sua voz aumentava e diminuía de intensidade nas frases imemoriais, suspirando e se lamentando com a tristeza do vilarejo. Ela cantou a terra, a noite e o sofrimento antiqüíssimo da humanidade do qual ninguém escapa.

Depois que a última nota pesarosa silenciou-se, os membros das famílias exaltaram os feitos e as peculiaridades daqueles que haviam perdido. Depois os corpos foram enterrados.

Enquanto Roran escutava, seu olhar se voltou para o montículo anônimo onde os três soldados haviam sido enterrados. *Um morto por Nolfavrell e dois por mim.* Ele ainda conseguia sentir o choque visceral dos músculos e dos ossos cedendo... sendo esmigalhados... reduzindo-se à pasta sob o seu martelo. Sentiu-se enojado e teve de lutar para não vomitar na frente de todo o vilarejo. *Fui eu que os destruí.* Roran nunca esperara ou quisera matar, no entanto havia tirado mais vidas do que qualquer um em Carvahall. Parecia que sua testa estava marcada com sangue.

Ele partiu assim que foi possível - nem mesmo parou para falar com Katrina - e subiu até um ponto onde poderia vistoriar Carvahall e pensar na melhor maneira de protegê-la. Infelizmente, as casas estavam muito distantes umas das outras para que se formasse um perímetro defensivo apenas fortificando os espaços entre as edificações. Nem Roran considerou boa a idéia de ter soldados lutando encostados nos muros das casas das pessoas e pisando em seus jardins. *O rio Anora protege o nosso flanco a oeste, pensou ele, mas quanto ao resto de Carvahall, não poderíamos nem evitar que uma criança entrasse... O que podemos construir em algumas horas que possa se tornar uma barreira suficientemente forte?*

Ele correu para o meio do vilarejo e gritou:

- Preciso de todos que estejam livres para ajudar a cortar árvores!
-Um minuto depois, homens começaram a sair aos poucos de suas casas e logo tomaram as ruas. - Venham, mais! Todos precisamos trabalhar! -Roran

ficou esperando enquanto o grupo em torno dele continuava a crescer.

Um dos filhos de Loring, Darmmen, foi abrindo caminho até ficar ao lado do primo de Eragon.

- Qual é o seu plano?

Roran ergueu a voz para que todos pudessem ouvir.

- Precisamos de uma muralha em torno de Carvahall, quanto mais grossa, melhor. Imagino que se tivermos algumas árvores grandes, as colocarmos de lado e afiarmos seus galhos, os Ra'zac terão bastante dificuldade para superá-las.

- Quantas árvores você acha que serão necessárias? - perguntou Orval.

Roran hesitou, tentando medir o perímetro da circunferência de Carvahall.

- Pelo menos cinqüenta. Talvez sessenta para fazer tudo apropriadamente. - Os homens praguejaram e começaram a discutir. - Esperem! - Roran contou o número de pessoas que havia na multidão. Somavam quarenta e oito. - Se cada um de vocês conseguir derrubar uma árvore na próxima hora, nossa tarefa estará quase terminada. Vocês são capazes de fazer isso?

- O que você está pensando de nós? - retrucou Orval. - A última vez em que levei uma hora para derrubar uma árvore eu tinha dez anos de idade!

Darmmen levantou a voz:

- E quanto aos arbustos espinhosos? Poderíamos espalhá-los sobre as árvores. Não conheço ninguém que seja capaz de subir no meio de um monte de videiras espinhentas.

Roran sorriu.

- Essa é uma ótima idéia. Além disso, aqueles que tiverem filhos, façam com que eles arreiem seus cavalos para que possamos arrastar as árvores para cá. - Os homens concordaram e se espalharam por Carvahall no intuito de recolher machados e serras para o serviço. Roran deteve Darmmen e disse: - Certifique-se de que as árvores tenham galhos por todo o tronco, caso contrário nosso truque não irá funcionar.

- Onde você estará? - perguntou Darmmen.

- Trabalhando em outra linha de defesa. - Roran o deixou e correu

para a casa de Quimby, onde encontrou Birgit ocupada fechando as janelas com tábuas.

- Sim? - disse ela, olhando em sua direção.

Ele explicou rapidamente o seu plano das árvores.

- Quero que você cave uma trincheira no interior do anel de árvores, para retardar qualquer um que o ultrapasse. Poderíamos até botar estacas pontiagudas no fundo e...

- Onde você quer chegar, Roran?

- Gostaria que você juntasse todas as mulheres e crianças e todos os outros que puder reunir para cavar. É coisa demais para eu lidar sozinho e não temos muito tempo... - Roran olhou fundo nos seus olhos. - Por favor.

Birgit franziu a testa.

- Por que está pedindo a mim?

- Porque, assim como eu, você odeia os Ra'zac, e sei que fará tudo o que for possível para detê-los.

- Claro - sussurrou Birgit, e depois bateu palmas energicamente. - Muito bem, como quiser. Mas jamais esquecerei, Roran Garrowson, que foram você e a sua família que condenaram o meu marido. - Ela se afastou antes de Roran poder responder.

O jovem aceitou sua animosidade serenamente, já era esperado, considerando sua perda. Teve sorte de Birgit não ter iniciado uma vendeta. Então se sacudiu e correu para o ponto em que a estrada principal entrava em Carvahall. Era o local mais vulnerável do vilarejo e tinha de ser duplamente protegido. *Não posso permitir que os Ra'zac abram mais uma vez um caminho por aqui da mesma forma.*

Roran recrutou Baldor e juntos os dois começaram a cavar uma trincheira no meio da estrada.

- Terei que partir em breve - avisou Baldor entre uma e outra estocada de sua picareta. - Papai precisa de mim na ferraria.

Roran grunhiu uma frase de concordância sem olhar para cima. Durante o trabalho, sua cabeça novamente se encheu de lembranças dos soldados: como o olhavam enquanto os atacava, e a sensação, a horrível *sensação* de destruir um corpo como se fosse uma tora podre. Ele fez uma pausa, nauseado, e notou a comoção que se espalhava por Carvahall

enquanto as pessoas se preparavam para o próximo ataque.

Depois que Baldor saiu, Roran terminou de cavar sozinho a fossa que ia até a altura das coxas, para depois ir até a oficina de Fisk. Com a permissão do carpinteiro, pegou cinco toras do estoque de madeira e usou cavalos para puxá-las em direção à estrada principal. Lá, Roran inclinou a ponta dos troncos dentro da trincheira formando uma barreira que tornou Carvahall impenetrável.

Assim que ele socou bem a terra em volta dos troncos, Darmmen surgiu às pressas.

- Conseguimos as árvores. Nesse momento estão sendo colocadas no lugar. - Roran o acompanhou até a extremidade norte de Carvahall, onde doze homens lutavam para alinhar quatro pinheiros verdes e viçosos no momento em que um grupo de cavalos de tração, sob o chicote de um garoto, voltava para o contraforte. - Muitos de nós estão ajudando a descobrir as árvores apropriadas. Os outros ficaram inspirados, pareciam determinados a derrubar o resto da floresta quando saí.

- Ótimo, podemos usar a madeira adicional.

Darmmen apontou para uma pilha de arbustos espinhosos na beira do terreno de Kiselt.

- Cortei aqueles ao longo do Anora. Use-os como quiser. Vou tentar achar mais.

Roran deu um ligeiro tapa encorajador no braço de Darmmen e depois se virou para o lado leste de Carvahall, onde uma fileira longa e curva de mulheres, crianças e homens trabalhava no meio da lama. Ele foi ao encontro do grupo e viu Birgit ordenando como um general e distribuindo água para os cavadores. A trincheira já media um metro e meio de largura e uns sessenta centímetros de profundidade. Quando Birgit parou para respirar, ele disse:

- Estou impressionado.

Ela tirou uma mecha de cabelo do rosto sem olhar para Roran.

- Começamos arando a terra. Deixa as coisas mais fáceis.

- Você tem uma pá que eu possa usar? - perguntou ele. Birgit apontou para um monte de ferramentas na outra ponta da trincheira. Roran caminhou na direção indicada. Foi então que reparou no brilho de cobre nas

mechas da parte de trás do cabelo de Katrina, no meio do rabo-de-cavalo. Ao seu lado, Sloan golpeava a argila mole com uma energia furiosa e obsessiva, como se tentasse rasgar a pele da terra, descascar sua cútis de barro e expor os músculos mais abaixo. Seu olhar era de alguém perturbado e seus dentes se revelavam numa careta obscura, apesar das manchas de lama e sujeira que borravam os seus lábios.

Roran estremeceu diante da expressão de Sloan e passou rapidamente, desviando seu rosto para não ter de fitar seus olhos injetados. Pegou uma pá e a enfiou imediatamente no solo, fazendo o melhor possível para se esquecer de suas preocupações no calor do esforço físico.

O dia foi passando numa torrente contínua de atividades, sem pausas para refeições ou períodos de descanso. A trincheira foi ficando mais longa e profunda, até se espalhar por dois terços do vilarejo e alcançar as margens do rio Anora. Toda a lama que sobrou foi empilhada no lado de dentro da trincheira, numa tentativa de impedir que alguém a pulasse... e de tornar mais difícil alguém sair de lá.

A barreira de árvores foi finalizada no começo da tarde. Roran parou de cavar para ajudar a afiar os inúmeros galhos - que estavam sobrepostos e entrelaçados tanto quanto possível - e afixar as armadilhas de arbustos espinhosos. De vez em quando, tinham de retirar uma árvore para que Ivor e outros fazendeiros tocassem seus animais domésticos para ficarem seguros em Carvahall.

Lá pela noite, as fortificações estavam mais resistentes e extensas do que Roran ousara esperar, embora ainda fossem exigir várias horas antes de o trabalho ser completado ao ponto de satisfazê-lo.

Ele se sentou no chão para mastigar um pedaço de pão fermentado e ficar olhando para as estrelas em meio a uma névoa de exaustão. Uma mão caiu sobre o seu ombro, ele olhou para cima e viu Albriech.

- Tome. - Albriech lhe passou um escudo tosco, feito de tábuas serradas e pregadas uma na outra, e uma lança com quase dois metros de comprimento. Roran os aceitou, agradecido, e Albriech prosseguiu distribuindo lanças e escudos para quem encontrasse.

Roran se levantou, pegou seu martelo na casa de Horst e, assim armado, foi até a entrada da estrada principal, onde Baldor e dois outros

estavam de vigília.

- Acordem-me quando algum de vocês precisar descansar - disse Roran, para depois deitar na grama macia embaixo da aba do telhado de uma casa das redondezas. Ele posicionou suas armas de modo que pudesse encontrá-las na escuridão e fechou os olhos na ansiedade da expectativa.

- Roran.

O sussurro veio por seu ouvido direito.

- Katrina? - Ele se esforçou para manter-se sentado, pestanejando sem parar, enquanto observava a amada abrir uma lanterna, fazendo um feixe de luz iluminar a sua coxa. - Por que você veio aqui?.

- Queria vê-lo. - Seus olhos, grandes e misteriosos, em contraste com suas faces pálidas, aumentavam com as sombras da noite. Ela pegou o braço de Roran e o levou para uma varanda deserta, longe do alcance do ouvido de Baldor e dos outros em guarda. Depois colocou as mãos em seu rosto e o beijou suavemente, mas ele estava muito cansado e preocupado para responder ao seu afeto. Ela se afastou e o estudou. - O que há de errado, Roran?

O jovem deixou escapar um riso agudo e amargo.

- O que há de errado? O mundo está errado, está tão torto quanto uma moldura amassada. - Ele apertou o punho contra a barriga. - E eu estou errado. Toda vez que me permito relaxar, vejo os soldados sangrando debaixo do meu martelo. Homens que eu *matei*, Katrina. E seus olhos... seus *olhos*! Eles sabiam que estavam prestes a morrer e não podiam fazer nada. - Ele tremeu na escuridão. - Eles sabiam... eu sabia... e eu ainda assim tinha de fazê-lo. Isso não podia... - As palavras lhe fugiram quando ele sentiu as lágrimas quentes escorrendo por seu rosto.

Katrina afagava a cabeça de Roran enquanto ele chorava por causa dos últimos dias. Ele chorou por Garrow e Eragon, chorou por Parr, Quimby e pelos outros mortos, chorou por si mesmo, e chorou pelo destino de Carvahall. Soluçou até suas emoções esgotarem-se e o deixarem tão seco e oco quanto uma casca de cevada.

Forçando-se a respirar fundo, Roran olhou para Katrina e notou as lágrimas no rosto da amada. Ele as limpou com o polegar, como se fossem diamantes na noite.

- Katrina... meu amor. - Ele repetiu a frase, saboreando as palavras:
- Meu amor. Eu não tenho nada para lhe oferecer além do meu amor. Ainda assim... tenho de perguntar. Você quer casar comigo?

Sob a luz fraca da lanterna, ele viu uma expressão de pura alegria e surpresa brotar em seu rosto. Depois ela hesitou e surgiu uma dúvida inquietante. Era errado ele fazer o pedido, ou ela aceitar, sem a permissão de Sloan. Mas Roran não se importava mais, tinha de saber agora se ele e Katrina iriam passar suas vidas juntos.

Então ela disse suavemente:

- Sim, Roran, eu aceito.

SOB UM CÉU OBSCURO

Naquela noite choveu.

Camada sobre camada de carregadas nuvens acobertavam o vale Palancar, agarrando-se às montanhas com braços tenazes e enchendo o ar de um nevoeiro frio e pesado. Abrigado, Roran observava como os fios de água cinzenta desabavam sobre as árvores com suas folhas borbulhantes, enlameavam a trincheira em volta de Carvahall e lutavam com dedos ásperos contra os telhados e os beirais de sapé, enquanto as nuvens expeliam sua carga. Tudo raiado, indistinto e escondido por trás da inexorável torrente.

Lá pela metade da manhã, a tempestade havia diminuído, embora uma garoa contínua ainda se infiltrasse pela cerração. A chuva encharcou rapidamente o cabelo e as roupas de Roran quando ele assumiu a vigília na barricada da estrada principal. Ele se agachou perto dos troncos que estavam em pé, sacudiu sua manta, puxou o capuz sobre o rosto e tentou ignorar o frio.

Apesar da temperatura, Roran estava nas alturas e exultava de felicidade por causa da resposta de Katrina. Eles estavam noivos! Em sua cabeça, era como se uma parte deslocada do mundo finalmente houvesse sido encaixada no local certo, como se lhe tivesse sido outorgada a confiança de um guerreiro invulnerável. Que importância tinham os soldados, os Ra'zac ou o próprio Império perante um amor como o deles? Não passavam de faíscas.

No entanto, apesar de toda essa felicidade, seu pensamento estava

completamente focado no que havia se tornado o enigma mais importante de sua existência: como garantir que Katrina sobrevivesse à ira de Galbatorix? Não havia pensado em mais nada desde que acordou. *A melhor coisa seria Katrina ir para a casa de Cawley*, decidiu, enquanto olhava para a estrada enevoadada, *mas ela jamais concordaria em partir... a não ser que Sloan a obrigasse. Pode ser que eu o convença, estou certo de que ele a quer longe do perigo tanto quanto eu.*

Enquanto Roran pensava em maneiras de abordar o açougueiro, as nuvens engrossavam novamente e a chuva castigou mais uma vez o vilarejo, caía na forma de ondas lancinantes. A sua volta, as poças ganhavam vida à medida que pequenas gotas d'água tamborilavam em suas superfícies, saltando como se fossem gafanhotos assustados.

Quando Roran ficou com fome, passou seu turno para Larne - o filho caçula de Loring - e foi tentar encontrar um almoço, saltava da proteção de um beirai para o outro. Assim que contornou a esquina, surpreendeu-se ao ver Albriech na varanda de uma casa, discutindo violentamente com um grupo de homens.

Ridley gritou:

-... Você é cego, siga os choupos e eles jamais verão! Pegue aquela trilha mais tortuosa.

- Experimente-a se quiser - retrucou Albriech.

- Eu o farei!

- Daí você vai poder me dizer qual é o gosto das flechadas.

- Talvez - disse Thane -, não temos pés tão tortos como o seu. Albriech se virou em sua direção de modo ríspido.

- Suas palavras são tão turvas quanto a sua inteligência. Não sou suficientemente estúpido para colocar a minha família em risco protegida por algumas poucas folhas que eu jamais vi antes. - Os olhos de Thane se arregalaram e seu rosto assumiu um tom profundamente corado. - Como é que é? - provocou Albriech. - Você não tem língua?

Thane rugiu e acertou Albriech no rosto com um soco. Este último riu.

- Seu braço é tão fraco quanto o de uma mulher. - Depois disso ele agarrou o ombro de Thane e o arremessou para fora da varanda, sobre a lama,

onde ficou caído de lado, atordoados.

Segurando sua lança como uma bengala, Roran pulou e ficou ao lado de Albriech, a fim de evitar que Ridley e os outros encostassem nele.

- Chega - rugiu Roran, furioso. - Temos outros inimigos. Uma assembléia poderá ser convocada e juizes irão decidir qual dos dois, se Albriech ou Thane, deve indenizar o outro. Mas até lá, *não podemos* brigar entre nós.

- É fácil para você falar - vociferou Ridley. - Você não tem mulher nem filhos. - Ele ajudou Thane a se levantar e saiu com o grupo de homens.

Roran olhou furioso para Albriech e para a mancha roxa que se formava por debaixo de seu olho direito.

- Quem começou isso? - perguntou.

- Eu... - Albriech parou fazendo uma careta e tocou em seu maxilar. Eu estava fazendo um reconhecimento do terreno com Darmmen. Os Ra'zac colocaram soldados em várias montanhas. Eles podem ver o que acontece além do Anora e acima e abaixo do vale. Pode ser, *pode ser*, que um ou dois de nós consiga passar por eles rastejando sem que seja notado, mas jamais conseguiremos levar as crianças para o sítio de Cawley sem encontrar os soldados, e mesmo assim estaremos dizendo aos Ra'zac para onde estamos indo.

Um temor arrebatou Roran, irrigando seu coração e suas veias como se fosse veneno. *o que posso fazer?* Enjoado devido a uma sensação de desgraça iminente, colocou um braço sobre o ombro de Albriech.

- Vamos, é bom Gertrude dar uma olhada em você.

- Não - disse Albriech, afastando-o. - Ela tem casos bem mais urgentes do que o meu. - Ele tomou bastante fôlego, como se estivesse se preparando para mergulhar num lago, e saiu movendo-se com dificuldade em meio ao aguaceiro, em direção à ferraria.

Roran o viu partir, depois balançou a cabeça e entrou. Encontrou Elain sentada no chão com uma fileira de crianças, afiando uma pilha de pontas de lança com limas e pedras de amolar. Roran gesticulou para Elain. Assim que estavam em outro quarto, ele lhe contou o que havia acabado de acontecer.

Elain xingou com veemência - assustando-o, por ele jamais o ouvira

usar tal linguagem - e depois perguntou:

- Thane possui algum motivo para declarar uma vendeta?

- Possivelmente - admitiu Roran. - Eles insultaram um ao outro, mas as pragas que Albriech rogou foram mais fortes... No entanto, Thane atacou primeiro. Vocês mesmo poderiam dar início a uma vendeta.

- Bobagem - assegurou Elain, enrolando um xale em torno dos ombros. - Essa contenda tem de ser resolvida em juízo. Se tivermos de pagar uma multa, que seja assim, no entanto que seja evitado o derramamento de sangue. - Ela seguiu em direção à porta da frente, com uma lança já acabada nas mãos.

Agitado, Roran encontrou pão e carne na cozinha e depois ajudou as crianças a afiar as pontas das lanças. Assim que Felda, uma das mães, chegou, Roran deixou os pequenos sob seus cuidados e, tenso, atravessou Carvahall para retornar à estrada principal.

Enquanto ele se agachava na lama, um feixe de luz solar irrompeu por debaixo das nuvens e iluminou a chuva de modo que cada gota reluzia um fulgor cristalino. Roran olhou, espantado, ignorando a água que escorria pelo seu rosto. A fenda nas nuvens se alargou até que uma massa de nuvens pesadas pairou sobre três quartos da área oeste do vale Palancar, de frente para uma faixa de puro céu azul. Devido ao teto encrespado e ao ângulo do sol, o cenário molhado por causa da chuva estava brilhantemente aceso de um lado e pintado com nuvens carregadas do outro, dando aos campos, aos arbustos, às árvores, ao rio e às montanhas as cores mais extraordinárias. Era como se o mundo inteiro tivesse sido transformado numa escultura de metal polido.

Bem naquele instante, um movimento chamou a atenção de Roran, que olhou para baixo e viu um soldado em pé na estrada, com sua cota brilhando como gelo. O homem olhava embasbacado para as novas fortificações de Carvahall, depois se virou e fugiu para dentro do nevoeiro dourado.

- Soldados! - gritou Roran. Ele gostaria de estar com seu arco, mas o havia deixado dentro de casa para protegê-lo das forças da natureza. Seu único consolo era que os soldados teriam ainda mais problemas para manter suas armas secas.

Homens e mulheres saíram correndo de suas casas, se aglomeraram ao longo da trincheira e ficaram olhando pela muralha de pinheiros. Dos longos galhos pingavam gotas de umidade, cabochões translúcidos que refletiam fileiras de olhos ansiosos.

Roran se viu em pé ao lado de Sloan. O açougueiro segurava um dos escudos improvisados de Fisk em sua mão esquerda, e na direita um cutelo curvado como se fosse uma meia-lua. Seu cinto estava enfeitado com pelo menos umas doze facas, todas elas grandes e amoladas no fio da navalha. Ele e Roran trocaram acenos rápidos e depois se voltaram para o ponto onde o soldado havia desaparecido.

Menos de um minuto depois, a voz desencarnada de um Ra'zac saía como a de uma serpente de dentro do nevoeiro:

- Por continuarem a defender Carvahall, vocccêsss proclamaram a sssua opçççção e ssselaram a sssua ruína. Por issso morrerão!

Loring respondeu:

- Mostrem suas caras de vermes se tiverem coragem, seus *patifes* covardes, de pernas tortas e olhos de cobra! Vamos esmagar seus crânios e engordar nossos porcos com seu sangue!

Uma forma escura fluiu na direção deles, seguida pelo baque pesado de uma lança que se fixou numa porta a poucos centímetros do braço esquerdo de Gedric.

- Protejam-se! - gritou Horst do meio da linha. Roran se ajoelhou atrás do seu escudo e ficou olhando através de uma fenda finíssima que havia entre duas das tábuas. Ele o fez na hora certa, pois umas seis lanças passaram por cima da muralha de árvores e se enterraram em moradores do vilarejo que estavam agachados.

De algum lugar no meio da neblina veio um grito agonizante.

O coração de Roran pulou e sentiu uma dolorosa palpitação. Ele ofegava, embora não houvesse se movido, e suas mãos estavam escorregadias por causa do suor. Ele ouviu o som leve de vidro se despedaçando na extremidade norte de Carvahall... e depois veio o estrondo de uma explosão e de madeira se despedaçando.

Ele e Sloan se viraram e correram em direção à Carvahall, onde encontraram uns seis soldados arrastando os restos fragmentados de várias

árvores. Mais atrás, pálidos e fantasmagóricos em meio aos filamentos resplandecentes de chuva, estavam os Ra'zac montados em seus cavalos negros. Sem se deter, Roran pulou em cima do primeiro homem, cravando a sua lança. Sua primeira e segunda estocadas foram desviadas por um braço erguido, até que Roran acertou o soldado no quadril e, quando ele caiu, na garganta.

Sloan urrava como uma fera enfurecida, jogou seu cutelo e cortou ao meio o elmo de um dos homens, esmigalhando seu crânio. Dois soldados investiram contra ele com espadas desembainhadas. Sloan deu um passo para o lado, rindo, e bloqueou seus ataques com o escudo. Um dos soldados atacou com tanta ferocidade que sua espada ficou presa na beira do escudo. Sloan o puxou para mais perto e enfiou uma das facas de trinchar do seu cinto no olho do sujeito. Ao puxar um segundo cutelo, o açougueiro cercou seu outro oponente com um sorriso forçado e maniaco.

- Posso destripar e aleijar você? - perguntou ele, quase empinado, numa terrível e sanguinária alegria.

Roran perdeu sua lança para os dois outros homens que ele enfrentara. Quase não conseguiu puxar o seu martelo a tempo de impedir uma espada de arrancar sua perna. O soldado que havia arrancado a lança das mãos de Roran agora apontava a arma em sua direção, mirando o seu peito. Roran largou o martelo e pegou a lança no meio do ar - o que surpreendeu tanto a ele quanto aos soldados - a virou no sentido contrário, e a usou para atravessar a couraça e as costelas do homem que a lançara. Desarmado, Roran foi forçado a recuar perante o soldado que restou. Ele tropeçou num cadáver, cortando sua panturrilha numa espada assim que caiu, e rolou para o lado evitando um golpe em que o soldado usava as duas mãos. Arrastou-se freneticamente na lama, que estava na altura de seu tornozelo, em busca de algo, *qualquer coisa* que ele pudesse usar como arma. Um cabo bateu em seus dedos e ele o puxou de dentro do lamaçal, golpeando a mão do soldado que a segurava, arrancando seu polegar.

O homem lançou um olhar idiota para o coto reluzente e disse:

- Isso é o que acontece quando eu não me protejo com o escudo.

- Sim - concordou Roran antes de decapitá-lo.

O último soldado entrou em pânico e fugiu em direção aos

impassíveis Ra'zac, enquanto Sloan o bombardeava com uma torrente de insultos e impropérios. Quando o soldado finalmente atravessou a cortina cintilante de chuva, Roran viu, horrorizado, as duas figuras negras se inclinarem para baixo, montadas em seus cavalos, cada uma de um lado, e agarrarem a nuca do sujeito com as mãos tortas. Os dedos cruéis a apertaram enquanto o homem urrava e se agitava desesperadamente, para depois ficar com o corpo mole. Os Ra'zac colocaram o soldado morto atrás de uma de suas selas antes de virarem seus cavalos e se afastarem dali.

Roran estremeceu e olhou para Sloan, que estava limpando suas lâminas.

- Você lutou bem. - Ele jamais havia suspeitado que o açougueiro tinha tanta ferocidade dentro de si.

Sloan disse em voz baixa.

- Eles jamais pegarão Katrina. Nunca, mesmo que eu tenha que arrancar a pele de um monte deles ou lutar com uns mil Urgals e com o rei também. Eu faria o próprio céu desabar e deixaria o Império se afogar em seu próprio sangue antes que ela sofresse um simples arranhão. - Ele se calou, enfiou a última de suas facas no cinto e começou a arrastar as três árvores partidas de volta para o lugar onde estavam.

Enquanto o fazia, Roran rolou os soldados mortos em meio a lama pesada, para longe das fortificações. *Agora eu matei cinco.* Depois de terminar a sua tarefa, ele se esticou e olhou em volta, intrigado, pois tudo o que ouviu foi o silêncio e a chuva sibilante. *Por que ninguém veio nos ajudar?*

Perguntando a si mesmo o que poderia ter acontecido, ele voltou com Sloan para o cenário do primeiro ataque. Dois soldados estavam pendurados e mortos nos galhos da muralha de árvores, mas não foi isso que captou sua atenção. Horst e os outros habitantes do vilarejo estavam ajoelhados num círculo, em volta de um pequeno corpo. Roran prendeu sua respiração. Era Elmund, filho de Delwin. O menino de dez anos havia sido atingido por uma lança na lateral do seu corpo. Seus pais estavam sentados na lama, ao seu lado, com os rostos pálidos.

Algo tem de ser feito, pensou Roran, enquanto se ajoelhava e se inclinava na direção de sua lança. Poucas crianças sobreviviam aos seus cinco ou seis anos. Mas perder o filho mais velho *agora*, quando tudo indicava que

iria crescer com força e saúde para assumir o lugar de seu pai em Carvahall, era o suficiente para despedaçar o coração. *Katrina... as crianças... todas elas precisam ser protegidas.*

Mas onde?... Onde?... Onde?... Onde!

DESCENDO AS ÁGUAS IMPETUOSAS

No primeiro dia depois que saíram de Tarnag, Eragon fez um esforço para aprender os nomes dos guardas de Undin. Eles eram Ama, Trihga, Hedin, Ekksva, Shrrgnien - nome que Eragon julgou impronunciável, embora tivessem lhe dito que significava Coração de Lobo - Dúthmér e Thorv.

Cada balsa possuía uma pequena cabine no centro. Eragon preferia passar seu tempo sentado na beira dos troncos, olhando para as montanhas Beor que iam passando. Martins-pescadores e gralhas adejavam ao longo do rio claro, enquanto as garças azuis ficavam paradas, como se tivessem pernas-de-pau, na margem pantanosa, que estava escondida em meio a fachos de luz que caíam através dos galhos de aveleiras, faias e salgueiros. De vez em quando, uma rã coaxava em cima de uma samambaia. Quando Orík se sentou ao seu lado, Eragon disse:

- Isso aqui é lindo.

- É mesmo. - O anão acendeu calmamente o seu cachimbo, depois se reclinou e deu uma baforada.

Eragon ouviu o rangido de madeira e corda enquanto Trihga pilotava a balsa com o longo remo que ficava na popa.

- Orík, você poderia me dizer por que Brom se juntou aos Varden? Conheço tão pouco dele. Durante a maior parte da minha vida ele era apenas um contador de histórias da cidade.

- Ele nunca se *juntou* aos Varden, ele ajudou a criá-los. - Orík fez uma pausa para bater algumas cinzas dentro d'água. - Depois que Galbatorix se tornou rei, Brom era o único Cavaleiro ainda vivo, tirando os Renegados.

- Mas ele não era um Cavaleiro, não naquela época. Seu dragão foi morto na luta em Dorú Araeba.

- Bem, um Cavaleiro por formação. Brom foi o primeiro a organizar

os amigos e aliados dos Cavaleiros que foram forçados a se exilar. Foi ele quem convenceu Hrothgar a permitir que os Varden vivessem em Farthen Dûr e quem obteve a ajuda dos elfos.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo.

- Por que Brom desistiu da liderança? - perguntou Eragon. Orik sorriu de um jeito esquisito.

- Talvez ele nunca a tivesse querido. Isso foi antes de Hrothgar me adotar, por isso vi pouco de Brom em Tronjheim... Ele estava sempre longe lutando contra os Renegados ou envolvido com **uma** ou **outra** conspiração.

- Seus pais estão mortos?

- Sim. A peste os levou quando eu era bem novo, e Hrothgar foi bondoso o suficiente para me receber em seu castelo e, como ele não tinha filhos, me fez seu herdeiro.

Eragon pensou em seu elmo, marcado com o símbolo dos Ingeitum. *Hrothgar também foi gentil comigo.*

Quando chegou o crepúsculo, os anões penduraram lanternas redondas em cada canto das balsas. As lanternas eram vermelhas pois, pelo que Eragon se lembrava, serviam para preservar a visão noturna. Ele se pôs de pé ao lado de Arya e observou a profundidade límpida e inerte das lanternas.

- Você sabe como elas foram feitas?

- Foi um encanto que demos para os anões há muito tempo. Eles o usam com muita habilidade.

Eragon se esticou e coçou o queixo e as bochechas, sentindo a barba que havia começado a aparecer em seu rosto.

- Você poderia me ensinar mais mágicas enquanto viajamos?

Ela o encarou, perfeitamente equilibrada nas toras que ondulavam.

- Essa não é a minha função. Um professor está esperando por você.

- Então me diga pelo menos uma coisa. O que significa o nome da minha espada?

Arya falou muito suavemente.

- *Desgraça* é a sua espada. E assim era até você a brandir.

Eragon olhou com aversão para Zar'roc. Quanto mais aprendia coisas sobre sua arma, mais malévola ela parecia ser, como se a lâmina

pudesse trazer azar por livre e espontânea vontade. *Não só Morzan matou Cavaleiros com ela, como o próprio nome de Zar'roc é demoníaco.* Se Brom não a tivesse lhe dado, e se não fosse pelo fato de que Zar'roc jamais ficava cega e não podia ser quebrada, Eragon a teria jogado no rio na mesma hora.

Antes que ficasse mais escuro, Eragon nadou até onde Saphira estava. Os dois voaram juntos pela primeira vez desde que deixaram Tronjheim e planaram por sobre o Az Ragni, onde o ar era rarefeito e a água lá embaixo não passava de um filete roxo.

Sem a sela, Eragon se agarrou fortemente a Saphira com seus joelhos, e sentiu suas escamas duras roçarem nas cicatrizes do seu primeiro voo.

Enquanto Saphira se inclinava para a esquerda, subindo junto com uma corrente de ar quente, ele viu três manchas marrons se lançando da encosta da montanha abaixo e ascendendo rapidamente. A princípio, Eragon achou que fossem falcões, mas à medida que se aproximavam, percebeu que os animais tinham quase sete metros de comprimento, caudas delgadas e asas rígidas. De fato, se pareciam com dragões, embora seus corpos fossem menores, mais finos e mais sinuosos do que o de Saphira. Não só suas escamas brilhavam como estavam salpicadas de verde e marrom.

Agitado, ele os apontou para Saphira. *Será que são dragões?*, perguntou.

Não sei. Ela flutuava no lugar, inspecionando os recém-chegados enquanto giravam em torno deles. As criaturas pareciam desconcertadas com a presença de Saphira. Elas se lançaram em sua direção, só para sibilar e arremeter para cima no último instante.

Eragon arreganhou os dentes e alcançou-os com a mente, tentando tocar seus pensamentos. Enquanto o fazia, os três recuavam e berravam, abrindo suas gargantas como se fossem cobras famintas. O grito lancinante era, ao mesmo tempo, físico e mental. Feria Eragon com uma força selvagem, buscando incapacitá-lo. Saphira sentiu a mesma coisa. Continuando a tortura, as criaturas atacaram com suas garras afiadas.

Agüenta aí, avisou Saphira. Ela dobrou sua asa esquerda e deu um meio giro, desviando-se de dois dos animais, para depois bater as duas rapidamente, elevando-se acima do terceiro. Ao mesmo tempo, Eragon se

esforçava furiosamente para bloquear o guincho. No momento em que sua mente serenou, ele apelou para a magia. *Não as mate*, disse Saphira. *Eu quero viver a experiência.*

Embora as criaturas fossem mais ágeis do que Saphira, ela tinha a vantagem do tamanho e da força. Uma delas mergulhou em sua direção. O dragão virou de cabeça para baixo - caindo para trás - e chutou o animal no peito.

O grito diminuiu de intensidade assim que seu antagonista ferido recuou.

Saphira abriu as asas, foi para a direita, e por isso encarou os outros dois enquanto ambos convergiam em sua direção. Ela arqueou o pescoço, Eragon sentiu um ruído surdo e profundo entre suas costelas, e um jato de chama brotou de sua mandíbula. Uma auréola de azul fundido engolfou a cabeça de Saphira, lançando uma luz fugaz sobre suas escamas que mais pareciam jóias, até ela reluzir gloriosamente como se tivesse sido acesa por dentro.

As duas bestas protestaram com gritos e viraram uma para cada lado. A investida mental cessou enquanto elas se afastavam correndo, sumindo novamente na direção da encosta.

Você quase me jogou lá embaixo, disse Eragon, soltando os braços que estavam agarrados ao pescoço da fera.

Ela o encarou, cheia de si. *Quase, mas não joguei.*

É verdade, riu ele.

Excitados com a emoção da vitória, os dois voltaram para as balsas. Enquanto Saphira aterrissava no meio de dois grandes braços d'água, Orík gritou:

- Vocês estão feridos?

- Não - gritou Eragon de volta. A água gelada rodopiava em torno de suas pernas enquanto Saphira nadava até o bordo de uma das balsas. - Será que eles eram uma raça exclusiva das Beor?

Orík o puxou para dentro da balsa.

- Nós os chamamos de Fanghur. Não são tão inteligentes quanto os dragões e não conseguem soltar fogo pela boca, mas ainda assim são adversários formidáveis.

- Isso nós descobrimos. - Eragon massageou suas têmporas numa tentativa de aliviar a dor de cabeça provocada pelo ataque dos Fanghur. -No entanto, Saphira foi demais para eles.

É claro, disse ela.

- É assim que eles caçam - explicou Orik. - Eles usam suas mentes para imobilizar suas vítimas enquanto as matam.

Saphira jogou água em Eragon com a cauda. *É uma boa idéia. Talvez venha a experimentá-la na próxima vez em que sair para caçar.*

Ele assentiu com a cabeça. *Isso poderia vir a calhar numa briga também.* Arya veio para a beira da balsa.

- Fico feliz por você não tê-los matado. Os Fanghur são tão raros que aqueles três teriam feito uma grande falta.

- Eles ainda conseguem comer grande parte dos nossos rebanhos -rosnou Thorv de dentro da cabine. O anão marchou até onde Eragon estava, rangendo os dentes de um jeito irritante sob os nós trançados de sua barba. - Não voe mais enquanto estiver no meio destas Montanhas Beor, Matador de Espectros. Já é difícil mantê-lo a salvo sem você e o seu dragão lutarem contra essas víboras aéreas.

- Vamos ficar no chão até alcançarmos à planície - prometeu Eragon.

- Ótimo.

Com a chegada da escuridão, os anões atracaram as balsas a faias perto da embocadura de um pequeno riacho para ali passarem a noite. Ama acendeu uma fogueira enquanto Eragon ajudava Ekksva a puxar Fogo na Neve para a terra firme. Eles amarraram o garanhão numa faixa de grama.

Thorv inspecionou a construção de seis grandes tendas. Hedin juntou lenha para durar até o amanhecer enquanto Duthmér retirava suprimentos da segunda balsa e começava a preparar o jantar. Arya ficou de vigília na beira do acampamento, Ekksva, Ama e Tríhga se juntaram a ela assim que terminaram as suas tarefas.

Quando Eragon percebeu que ele não tinha nada para fazer, resolveu se sentar ao redor da fogueira junto com Orik e Shrrgnien. Enquanto Shrrgnien tirava as luvas e estendia suas mãos cheias de cicatrizes sobre as chamas, Eragon notou uma cabeça de prego de aço polido - com mais ou

menos meio centímetro - se projetando de cada nó dos dedos do anão, com exceção dos polegares.

- O que são essas coisas? - perguntou ele. Shrrgnien olhou para Orik e riu.

- São meus Ascüdgamln... meus "punhos de aço". - Sem se levantar, ele torceu e esmurrou o tronco de uma faia, deixando quatro buracos simétricos na casca da árvore. Shrrgnien riu novamente. - Eles são bons para bater, não?

A curiosidade e a inveja de Eragon foram provocadas.

- Como eles foram feitos? Quer dizer, como os pregos foram presos às suas mãos?

Shrrgnien hesitou, tentando encontrar as palavras certas.

- Um curandeiro o coloca em sono profundo, por isso você não sente dor alguma. Depois disso é feito um buraco... com uma broca nas juntas... - Ele parou e falou rapidamente com Orik na língua dos anões.

- Um tubo é embutido em cada buraco - explicou Orik. - A mágica é usada para fixá-lo e, quando o guerreiro está plenamente recuperado, pregos de vários tamanhos podem ser enrascados nos tubos.

- Isso, veja - disse Shrrgnien, sorrindo. Ele agarrou a cabeça do prego que estava sobre o seu dedo indicador esquerdo, desenroscou-o cuidadosamente da junta e o passou para Eragon.

Este sorriu enquanto rolava a peça afiada pela sua palma.

- Eu não me importaria de ter "punhos de aço" - afirmou antes de devolver o prego para Shrrgnien.

- É uma operação perigosa - avisou Orik. - Poucos knurlan recebem Ascudgamln pois você pode perder facilmente a capacidade de usar as mãos caso a broca vá fundo demais. - Ele levantou o punho e o mostrou para Eragon. - Nossos ossos são mais grossos do que os seus. Pode não dar certo com um humano.

- Vou me lembrar disso. - Mesmo assim, Eragon não pôde deixar de imaginar como seria lutar com os Ascudgamln, poder atacar qualquer coisa que quisesse impunemente, incluindo Urgals com armaduras. Ele adorou a idéia.

Depois de comer, Eragon se retirou para sua tenda. O fogo fornecia

luz suficiente para que ele pudesse ver a silhueta de Saphira aninhada fora da tenda, como se fosse uma figura cortada em papel preto e colada na parede de lona.

Eragon se sentou com os cobertores puxados por sobre as pernas e olhou para o seu colo. Sentia-se sonolento mas relutava em dormir imediatamente. Sem querer, sua mente voltou os pensamentos para sua casa. Ele se perguntou como estavam Roran, Horst e todo o resto de Carvahall, e se a temperatura no vale Palancar estava quente o bastante para que os fazendeiros pudessem começar a plantar suas safras. A saudade e a tristeza subitamente se apossaram de Eragon.

Ele retirou uma tigela de madeira de sua saca, pegou seu odre e a encheu até a borda de líquido. Até que se concentrou numa imagem de Roran e sussurrou:

- Draumr kópa.

Como sempre, a água ficou escura antes de iluminar-se, revelando o que estava sendo buscado. Eragon viu Roran sentado sozinho num quarto à luz de velas que ele reconheceu ser da casa de Horst. *Roran deve ter desistido de seu emprego em Therinsford*, percebeu Eragon. Seu primo se inclinou sobre os joelhos e juntou as mãos, enlaçando os dedos. Olhava para uma parede distante com uma expressão tal que Eragon logo soube que Roran estava enfrentando um problema difícil. Ainda assim, Roran parecia estar muito bem, mesmo que um pouco cansado, o que deixou Eragon aliviado. Um minuto depois, deixou de usar a magia, terminou o encanto e dissipou a imagem da superfície da água.

Despreocupado, Eragon esvaziou a tigela e depois se deitou, puxando os cobertores até a altura do queixo. Fechou os olhos e mergulhou na escuridão calorosa que separa a consciência do sono, onde a realidade se curva e balança aos ventos da fantasia, e onde a criatividade floresce com toda a sua liberdade, ultrapassando fronteiras, e onde todas as coisas são possíveis.

O sono logo dele se apossou. A maior parte do seu descanso transcorreu tranqüila, mas pouco antes de Eragon acordar, os fantasmas noturnos costumeiros foram substituídos por uma visão tão clara e vibrante quanto qualquer experiência que se tem acordado.

Ele viu um céu tortuoso, negro e rubro com fumaça. Corvos e águias giravam bem acima de revoadas de flechas que formavam arcos enquanto iam de um lado para o outro de uma grande batalha. Um homem caído na lama cheia de coágulos, com o elmo amassado e a cota de malha ensangüentada - seu rosto estava escondido pelo braço estendido para cima.

Uma mão encouraçada entrou no campo de visão de Eragon. A manopla estava tão próxima que maculava metade do mundo com aço polido. Como uma máquina inexorável, o polegar e os três últimos dedos formavam um punho, deixando o dedo indicador para apontar na direção do homem caído com toda a autoridade do próprio destino.

A visão ainda preenchia a mente de Eragon quando ele arrastou-se para fora da tenda. Ele encontrou Saphira a alguma distância do acampamento, mastigando uma massa informe peluda. Quando ele lhe contou o que havia visto, ela fez uma pausa no meio de uma mordida, esticou o pescoço e engoliu um pedaço de carne.

Na última vez em que isso ocorreu, disse ela, provou ser uma previsão verdadeira de acontecimentos sucedendo em outro lugar. Você acha que está havendo uma batalha em Alagaësia?

Ele chutou um galho solto. *Não tenho certeza... Brom me disse que só dava para ver pessoas, lugares e coisas que você já vira antes. Contudo, eu nunca havia visto esse lugar. Nem havia visto Arya quando sonhei com ela pela primeira vez em Teirm.*

Talvez Togíra Ikonoka tenha como explicar.

Enquanto se preparavam para partir, os anões pareciam muito mais relaxados agora que estavam a uma boa distância de Tarnag. Quando começaram a impelir as balsas com varas pelo Az Ragni abaixo, Ekksvær - que guiava aquela na qual Fogo na Neve estava - começou a cantar com sua voz grave:

*Descendo as águas impetuosas
Do sangue de Kílf que jorra
Andamos nas vigas entrelaçadas
Pelo lar, pelo clã, pela honra
Sob o pasto céu dos pigargos
Atravessando as florestas dos lobos da estepe
Andamos na madeira ensangüentada*

*Pelo ferro, pelo ouro, pelos diamantes
Deixem os sinos e os tolos barbados nas minhas mãos
E a erva tomando conta da minha pedra
Enquanto deixo os castelos dos meus antepassados
Para a terra vazia mais além.*

Os outros anões se juntaram a Ekksvarg, passando a cantar na língua dos anões enquanto prosseguiram entoando outros versos. A leve vibração em suas vozes acompanhava Eragon à medida que ele seguia cuidadosamente até a proa da balsa, onde Arya estava sentada de pernas cruzadas.

- Eu tive uma... visão durante o meu sono - disse Eragon. Arya o fitou com interesse, enquanto ele recapitulava as imagens que havia visto. - Se for uma adivinhação, então...

- Não é uma adivinhação - afirmou Arya. Ela falou com uma lentidão deliberada, como se quisesse evitar qualquer equívoco. - Pensei durante um bom tempo sobre como você me viu aprisionada em Gil'ead, e acredito que enquanto jazia inconsciente, meu espírito procurava por ajuda, onde quer que a pudesse encontrar.

- Mas por que eu?

Arya acenou na direção de onde Saphira ondulava pela água.

- Cresci acostumada com a presença de Saphira durante os quinze anos em que guardei o seu ovo. Estava em busca de qualquer coisa que parecesse familiar quando toquei os seus sonhos.

- Você é realmente forte o bastante para contatar alguém de Gil'ead, em Teirm? Particularmente estando drogada.

Um leve sorriso tocou os lábios de Arya.

- Eu poderia ficar em pé à frente dos portões de Vroengard e ainda falar a você com a mesma clareza de agora. - Ela fez uma pausa. - Se você não adivinhou que eu estava em Teirm, então não poderia ter adivinhado este novo sonho. Deve ser uma premonição. Sabe-se que elas ocorrem com todas as raças sensíveis, mas especialmente entre os adeptos da magia.

Eragon apertou a rede que envolvia um pacote de suprimentos enquanto a balsa balançava.

- Se o que eu vi *vai* acontecer, então como posso fazer para mudar a

ordem dos fatos? Será que nossas escolhas importam? O que aconteceria se eu me jogasse agora da balsa e me afogasse?

- Mas você não vai fazer isso. - Arya afundou seu dedo indicador esquerdo no rio e olhou para a única gota agarrada a sua pele, como se fosse uma lente trêmula. - Uma vez, há muito tempo, o elfo Maerzadi teve uma premonição na qual mataria seu filho acidentalmente no meio de uma batalha. Ao invés de viver para ver os fatos acontecendo, ele cometeu suicídio, salvando o seu filho e, ao mesmo tempo, provando que o futuro não está definido. No entanto não é necessário se matar, você pode fazer pequenas coisas para mudar o seu destino, já que não sabe que escolhas o levarão ao exato momento que viu. - Ela sacudiu a mão e a gota caiu sobre a tora que estava entre os dois. - Sabemos que é possível descobrir informações do futuro. Adivinhos podem sentir com freqüência os caminhos pelos quais a vida de uma pessoa pode seguir. Mas não tivemos como refinar o processo ao ponto de poder escolher o fato, o lugar ou o momento que se quer observar.

Eragon julgou o conceito de transportar informações através do tempo, como um todo, profundamente perturbador. Isso suscitava muitas perguntas sobre a natureza da realidade. *Se o destino e a sorte realmente existem, a única coisa que eu posso fazer é aproveitar o presente e viver da forma mais honrada possível.* Contudo ele não pôde deixar de perguntar:

- O que me impede, no entanto, de vislumbrar uma das minhas lembranças? Já vi tudo nelas... por isso devo ser capaz de vê-las usando a magia.

Arya o fitou bem nos olhos.

- Se você dá valor à sua vida, nunca tente fazer isso. Há muitos anos, vários de nossos encantadores se dedicaram a vencer os enigmas do tempo. Quando eles tentaram evocar o passado, só conseguiram criar uma imagem borrada em seus espelhos antes que o encanto consumisse sua energia e os matasse. Não fizemos mais experiências nesse campo. Argumentaram que tal encanto só daria certo se mais mágicos participassem, mas ninguém está disposto a correr o risco, e a teoria permanece sem comprovação. Mesmo se alguém conseguisse vislumbrar o passado, a utilidade disso seria limitada. E ao vislumbrar o futuro, se saberia exatamente o que iria acontecer, onde e quando, o que frustraria qualquer sonho.

"É um mistério, então, o fato de pessoas terem premonições enquanto estão dormindo, e poderem fazer algo inconscientemente que supera o que foi realizado por nossos maiores sábios. As premonições podem estar ligadas à própria natureza e estrutura da magia... ou podem funcionar de uma maneira parecida com as lembranças mais ancestrais dos dragões. Não sabemos. Muitos caminhos da magia ainda estão aí para serem explorados."

Ela se levantou num único e gracioso movimento.

- Tome cuidado para não se perder neles.

FLUTUANDO

No decorrer da manhã, o vale foi se alargando enquanto as balsas seguiam rapidamente na direção de uma fenda reluzente entre duas montanhas. Eles alcançaram a abertura ao meio-dia e se viram sem sombras, sobre uma pradaria ensolarada que sumia rumo ao norte.

Então a corrente os empurrou para além dos rochedos congelados e as muralhas do mundo foram diminuindo gradualmente para revelar um céu colossal e um horizonte plano. Quase imediatamente o ar foi ficando mais quente. O Az Ragni fez uma curva para leste, beirando os contrafortes da cordilheira de um lado e a planície do outro.

A vastidão parecia estar deixando os anões perturbados. Eles murmuraram algo entre si e fitaram ansiosamente a fenda cavernosa que havia ficado para trás.

Eragon achou a luz do sol revigorante. Era difícil se sentir realmente acordado quando três quartos do dia eram passados na penumbra. Detrás da balsa dele, Saphira se lançou para fora d'água e voou por sobre a pradaria até se encolher e se tornar uma mancha no firmamento azul-celeste mais acima.

O que você está vendo?, perguntou Eragon.

Vejo enormes bandos de gazelas indo para o norte e para o leste. Para o oeste, o Deserto Hadarac. Isso é tudo.

Ninguém mais? Nem Urgals, traficantes de escravos ou nômades?

Estamos sozinhos.

Naquela noite, Thorv escolheu uma pequena enseada para acamparem. Enquanto Duthmér preparava o jantar, Eragon limpou um

espaço ao lado de sua tenda e depois sacou Zar'roc e ficou rapidamente na posição que Brom lhe havia ensinando quando ambos duelaram pela primeira vez. Eragon sabia que estava em desvantagem em comparação com os elfos, e não estava com a menor intenção de chegar em Ellesméra sem prática.

Com uma lentidão excruciante, virou Zar'roc por sobre a sua cabeça e a trouxe novamente para baixo com ambas as mãos, como se fosse rachar o elmo de um inimigo. Sustentou a pose por um segundo. Mantendo seus movimentos sob controle total, girou para a direita - apertando o cabo de Zar'roc para aparar um golpe imaginário - e depois parou com os braços rígidos.

De soslaio, Eragon reparou que Orik, Arya e Thorv o observavam. Ignorou-os e se concentrou apenas na lâmina cor de rubi em suas mãos, a segurava como se fosse uma cobra que pudesse se debater, se desvencilhar e morder seu braço.

Ao se virar novamente, começou a fazer uma série de posições, fluindo de uma para a outra com uma naturalidade disciplinada, enquanto aumentava gradualmente a sua velocidade. Em sua mente, não estava mais na enseada sombria, mas cercado por um monte de Urgals e Kull. Desviava e atacava, aparava e revidava golpes, pulava para o lado e apunhalava oponentes girando com muita presteza. Lutava com uma energia negligente, como o fizera em Farthen Dûr, sem pensar na segurança de sua própria carne, golpeando e rasgando seus inimigos imaginários.

Ele girava Zar'roc - numa tentativa de jogar o cabo de uma das mãos para a outra - e então deixou cair sua espada assim que uma pontada de dor rasgou suas costas ao meio. Cambaleou e tombou. Acima de onde estava, Eragon chegou a ouvir Arya e os anões balbuciando, mas tudo que pôde ver foi uma espécie de névoa vermelha cintilante, como se um véu sangrento tivesse caído sobre o mundo. Não havia outra sensação além da dor. Ela maculava o pensamento e a razão, deixando apenas um animal selvagem gritando para ser solto.

Quando Eragon se recuperou o suficiente para notar seu paradeiro, notou que havia sido colocado dentro de sua tenda e enrolado por cobertores. Arya estava sentada a seu lado, e a cabeça de Saphira estava enfiada no meio das abas de entrada.

Eu fiquei muito tempo apagado?, perguntou Eragon.

Um tanto. Você dormiu um pouco no fim das contas. Tentei puxá-lo do seu corpo para o meu, afim de protegê-lo da dor, mas não podia fazer muita coisa com você inconsciente.

Eragon acenou com a cabeça e fechou os olhos. Todo o seu corpo palpitava. Depois de respirar bem fundo, levantou os olhos na direção de Arya e perguntou calmamente:

- Como posso treinar?... Como posso lutar ou usar a magia?... Sou um vaso quebrado. - Seu rosto parecia envelhecido enquanto ele falava.

Ela respondeu de um jeito igualmente suave:

- Você pode sentar e observar. Pode ouvir. Pode ler. E pode aprender. Não obstante as suas palavras, ouviu um quê de incerteza, até mesmo de medo, em sua voz. O Cavaleiro rolou para o lado evitando encará-la. Estava envergonhado por parecer tão impotente em sua presença.

- Como o Espectro pôde fazer isso comigo?

- Não tenho respostas, Eragon. Não sou a elfa mais sábia, nem a mais forte. Fazemos o melhor que podemos e você não pode ser culpado por isso. Talvez o tempo cure a sua ferida. - Arya colocou o dedo em sua testa e murmurou: - Sé mor'anr ono finna - depois deixou a tenda.

Eragon se sentou e estremeceu enquanto alongava seus músculos posteriores que sentiam câimbras. Ele olhou para as suas mãos sem as ver. *Gostaria de saber se a cicatriz de Murtagh o fazia sentir tanta dor nas costas quanto eu sinto.*

Não sei, disse Saphira.

Um silêncio mortal se seguiu. E depois: *Estou com medo.*

Por quê?

Porque... - hesitou. - *Porque nada que eu faça irá impedir um outro acesso. Não sei quando e onde ele irá acontecer, só sei que é inevitável. Por isso espero, e a cada momento temo que, se erguer algo muito pesado ou me alongar de maneira errada, a dor possa voltar. Meu próprio corpo se tornou meu inimigo.*

Saphira fez um zumbido profundo com a garganta. *Também não tenho respostas. A vida é dor e prazer ao mesmo tempo. Se esse é o preço que você deve pagar pelas horas em que se diverte, será que é demais?*

Sim, vociferou. Ele saiu de debaixo dos cobertores e a empurrou

para que pudesse passar, cambaleando até o centro do acampamento, onde Arya e os anões estavam sentados em volta de uma fogueira.

- Sobrou comida? - perguntou Eragon.

Sem dizer nada, Duthmér encheu uma tigela e a passou para ele. Com uma expressão respeitosa, Thorv perguntou:

- Você está melhor agora, Matador de Espectros? - Ele e os outros anões pareceram ficar apavorados com o que haviam visto.

- Estou bem.

- Você carrega um fardo pesado, Matador de Espectros.

Eragon fechou a cara e caminhou abruptamente para a beirada da área das tendas, onde se sentou sozinho no meio da escuridão. Dava para sentir que Saphira estava por perto, mas ela o deixou em paz. Rogou pragas em voz baixa e atacou o ensopado de Duthmér com fúria.

Assim que deu a primeira mordida, Orik falou por trás:

- Você não devia tratá-los assim.

Eragon olhou para o rosto sombreado de Orik.

- O quê?

- Thorv e seus homens foram enviados para proteger você e Saphira. Morrerão por você se houver necessidade e lhe confiaram seus rituais fúnebres. Você devia se lembrar disso.

Eragon conteve uma resposta agressiva e olhou para a superfície negra do rio - sempre se movendo, nunca parando - numa tentativa de acalmar a mente.

- Você tem razão. Eu perdi um pouco do equilíbrio.

Os dentes de Orik brilharam quando ele sorriu no meio da noite.

- É uma lição que todo comandante deve aprender. Ela me foi imposta por Hrothgar, depois que joguei minha bota num anão que deixou sua alabarda num local onde alguém poderia pisar nela.

- Você bateu nele?

- Quebrei seu nariz - afirmou Orik, rindo à socapa. Sem querer, Eragon também riu.

- Vou me lembrar de não fazer isso. - Ele segurou sua tigela com ambas as mãos para mantê-las quentes.

Eragon ouviu o ruído do metal quando Orik tirou algo de dentro de

uma algibeira.

- Veja - disse o anão, deixando cair um monte de anéis de ouro entrelaçados nas mãos de Eragon. - É um jogo no qual testamos a inteligência e a destreza. São oito anéis. Se você os arrumar da forma adequada, formarão um único anel. Descobri que isso é ótimo para me distrair quando estou inquieto.

- Obrigado - murmurou Eragon, arrebatado pela complexidade daquele jogo reluzente.

- Se você conseguir resolver o enigma, poderá ficar com os anéis. Quando voltou para sua tenda, Eragon deitou de barriga para baixo e examinou os anéis, valendo-se da luz turva da fogueira que penetrava pelas abas da entrada. Quatro anéis enlaçavam quatro outros. Todos eram lisos na parte de baixo e formavam uma massa sinuosa e assimétrica no topo, onde entrelaçavam-se.

Enquanto experimentava várias configurações, Eragon ficou rapidamente frustrado com um simples fato: parecia impossível fazer os dois conjuntos de anéis ficarem paralelos, de modo que ficassem nivelados.

Absorvido pelo desafio, esqueceu-se do terror sentido há pouco.

Eragon acordou pouco antes do amanhecer. Esfregando os olhos cheios de sono, ele saiu da tenda e se alongou. Sua respiração ficou branca no meio do ar fresco matinal. Acenou para Shrrgnien, que estava tomando conta do fogo e depois caminhou até a beira do rio e molhou o rosto, pestanejando devido ao choque do encontro com a água fria.

Ele localizou Saphira com um movimento repentino de sua mente, enfiou Zar'roc no cinto, e seguiu em sua direção atravessando as faias que beiravam o Az Ragni. Logo as mãos e o rosto de Eragon estavam brilhantes com o orvalho de uma muralha de arbustos de cerejeira que obstruíam a sua passagem. Com algum esforço, atravessou a rede de galhos e fugiu para a planície silenciosa. Uma colina arredondada se erguia diante dele. Em seu cume - como se fossem duas estátuas antigas - estavam Saphira e Arya. Ambas olhavam para o leste, onde um brilho fundido se arrastava na direção do céu e lustrava o âmbar da pradaria.

Assim que a luz clara caiu sobre as duas figuras, Eragon se lembrou de como Saphira havia visto o nascer do sol da cabeceira da sua cama, apenas

algumas horas depois que irrompeu o seu ovo. Ela parecia um gavião ou um falcão com os olhos firmes e cintilantes sob a sua espinha ossuda, o arquear impetuoso de seu pescoço e a força ainda escassa em cada fibra de seu corpo. Ela era uma caçadora, dotada de toda a beleza selvagem associada ao termo. As feições angulosas de Arya e a sua graça de pantera combinavam perfeitamente com o dragão que estava ao seu lado. Não existia nenhuma discrepância entre suas condutas enquanto ambas se banhavam nos primeiros raios da manhã.

Um formigamento de temor e alegria estremeceu a espinha de Eragon. *Esse* era o seu destino, ser um Cavaleiro. De todas as coisas na Alagaësia, ele teve sorte de se ligar a *isso*. Tal milagre fez lágrimas brotarem em seus olhos e um sorriso de júbilo que afastava todas as dúvidas e medos num surto de pura emoção.

Ainda sorrindo, subiu a colina e ocupou seu lugar ao lado de Saphira enquanto ambos faziam o reconhecimento de um novo dia.

Arya se voltou para ele. Eragon captou o seu olhar e algo o fez balançar por dentro. O Cavaleiro ficou ruborizado sem saber por que, sentindo uma súbita conexão com ela, e teve a impressão de que a elfa o entendia mais do que qualquer um, excetuando Saphira. Aquela reação o deixou confuso, pois ninguém o havia afetado daquela maneira antes.

Pelo resto do dia, tudo o que Eragon teve de fazer foi pensar naquele momento para sorrir e se agitar por dentro com uma mistura de sensações estranhas que não conseguia identificar. Passou a maior parte do seu tempo sentado e encostado na cabine da balsa, trabalhando no anel de Orík e observando a mudança da paisagem.

Por volta do meio-dia, passaram pela entrada de um vale e outro rio desembocou no Az Ragni, dobrando o seu tamanho e a sua velocidade até as margens ficarem a mais de um quilômetro e meio de distância. Era tudo que os anões podiam fazer para impedir que as balsas fossem jogadas para cima, como destroços de uma embarcação ante a inexorável corrente e para evitar que se chocassem com as árvores que boiavam ocasionalmente.

Um quilômetro e meio depois que os rios se encontraram, o Az Ragni virou para o norte e fluíu em direção a um pico isolado e envolto por nuvens que ficava separado da parte principal da cordilheira das Beor, como se fosse

uma gigantesca torre de observação construída para vigiar as planícies.

Os anões se curvaram em direção ao pico quando o viram, e Orik disse para Eragon:

- Aquela é Moldün, a Orgulhosa. É a última montanha de verdade que veremos nesta jornada.

Quando as balsas ancoraram ao anoitecer, Eragon viu Orik abrir uma grande caixa preta adornada com madrepérola, rubis e fios curvos prateados. Orik abriu um fecho e depois levantou a tampa para revelar um arco desencordado, envolto em veludo vermelho. Toda a extensão recurvada do arco era escura, e servia de pano de fundo para arranjos intrincados de videiras, flores, animais e runas, todos executados no mais puro ouro. Era uma arma tão luxuosa que Eragon se perguntava como alguém ousava usá-la.

Orik colocou a corda no arco - que era quase do seu tamanho, embora não fosse maior do que o arco de uma criança, pelos padrões de Eragon - guardou a caixa e disse:

- Vou tentar encontrar um pouco de carne fresca. Estarei de volta em uma hora. - Com isso ele desapareceu no meio da mata. Thorv resmungou em desaprovação, mas não fez nenhum movimento para impedi-lo.

Cumprindo a sua palavra, Orik voltou com um par de gansos de Pescoço longo.

- Encontrei um bando empoleirado numa árvore - afirmou, enquanto jogava as aves para Duthmér.

Enquanto Orik pegava novamente a caixa ornada de jóias, Eragon perguntou:

- De que tipo de madeira o seu arco é feito?

- Madeira? - Orik riu, balançando a cabeça. - Você não pode fazer um arco pequeno assim com madeira e lançar uma flecha a mais de vinte metros, ele quebra ou arrebenta a corda depois de alguns tiros. Não, este é um arco feito com um chifre de Urgal.

Eragon encarou-o com ar suspeito, certo de que o anão estava tentando enganá-lo.

- Um chifre não é flexível ou elástico o bastante para ser usado num arco.

- Ah - disse Orik, rindo -, isso é porque você precisa saber como

manejá-lo. Antes nós aprendíamos a fabricá-los com chifres de Feldünost, mas funciona igualmente com o de um Urgal. Ele é feito cortando-se o chifre pela metade, e depois desbastando-se a espiral externa até atingirmos a espessura ideal. A peça então é fervida e lixada até atingir a sua forma definitiva, antes de ser fixada em um bastão de freixo com cola feita de escamas de peixes e da pele do céu da boca de trutas. Então a parte de trás do bastão é coberta com múltiplas camadas de fibras, o que dão ao arco a sua *durabilidade*. A última etapa é a decoração. Todo esse processo pode durar quase uma década.

- Nunca havia ouvido falar de um arco que tivesse sido feito assim - afirmou Eragon. Isso fazia da arma pouco mais do que um galho cortado de forma grosseira. - Até que distância ele atira?

- Veja com seus próprios olhos - disse Orik. Ele deixou Eragon pegar o arco, o qual segurou cuidadosamente, com medo de arranhar o seu acabamento. Orik tirou uma flecha de sua aljava e lhe passou. - Porém, você me deve uma flecha.

Eragon encaixou a seta na corda, mirou acima do Az Ragni e puxou. A extensão da corda puxada era menos de 60 centímetros, mas ele ficou surpreso ao perceber que seu peso era bem maior do que o do seu próprio arco, ele mal tinha forças para segurar a corda. O Cavaleiro soltou a flecha, que por sua vez sumiu fazendo um som metálico, só para reaparecer bem acima do rio. Eragon olhou estupefato enquanto a flecha caía num borrimo d'água no meio do Az Ragni.

Ele imediatamente cruzou uma barreira em sua mente para que o poder da magia o cobrisse e disse:

- Gath sem oro un lam iet. - Depois de alguns segundos, a flecha se lançou de volta no meio do ar e foi parar na sua palma da mão estendida. - E aqui está a flecha que eu lhe devo.

Orik bateu com o punho no peito e depois abraçou o arco e a flecha com um prazer evidente.

- Que maravilha! Agora eu ainda tenho exatamente uma dúzia. Caso contrário, teria que esperar até chegarmos em Hedarth para reabastecer o meu estoque. - Muito habilmente, tirou a corda do arco e o guardou, embrulhando a caixa com trapos macios para protegê-la.

Eragon viu que Arya observava tudo. Ele então perguntou a ela:

- Os elfos também usam arcos feitos com chifres? Você é tão forte, um arco de madeira iria se partir se fosse feito pesado o bastante para que o manejasse.

- Nós confeccionamos nossos arcos com árvores que não crescem. - Depois disso ela se afastou.

Durante dias eles seguiram em meio a gramados primaveris enquanto as montanhas Beor iam ficando para trás, numa muralha branca e enevoadas. Muitas vezes, as margens estavam cobertas de gazelas e de gamos pequenos e vermelhos que os olhavam de um jeito suave.

Agora que os Fanghurs não eram mais uma ameaça, Eragon voava com Saphira quase o tempo todo. Era a primeira oportunidade que eles tinham, desde antes de Gil'ead, para passar tanto tempo juntos no ar, e eles tiraram vantagem da situação. Além do mais, Eragon deu boas-vindas à chance de fugir do convés apertado da balsa, onde ele se sentia desajeitado e inseguro por ter Arya tão perto.

ARYA SVIT-KONA

Eragon e sua companhia seguiram pelo Az Ragni até ele desembocar no rio Edda, o qual corria depois para o leste desconhecido. Na junção entre os rios, visitaram o entreposto de comércio dos anões, Hedarth, e trocaram suas balsas por burros. Anões nunca usavam cavalos por causa do seu tamanho.

Arya recusou a montaria que lhe foi oferecida, dizendo:

- Eu *não* retornarei para a terra dos meus ancestrais nas costas de um asno.

Thorv franziu a testa.

- Como é que você vai acompanhar o nosso ritmo?

- Correrei. - E foi o que ela fez, deixou Fogo na Neve e os burros para trás, só para ficar sentada esperando no próximo morro ou matagal. Apesar de seu esforço, ela não demonstrava nenhum sinal de fadiga quando todos pararam para dormir, nem inclinação alguma para proferir mais do que algumas palavras entre o café da manhã e o jantar. A cada passo, ela parecia

ficar mais tensa.

De Hedarth, o grupo seguiu para o norte, subindo o rio Edda na direção da sua nascente no lago Eldor.

Du Weldenwarden tornou-se visível três dias depois. A floresta apareceu primeiro como uma serra enevoadada no horizonte, e depois se expandiu rapidamente num mar esmeralda de carvalhos, faias e bordos antigos. Nas costas de Saphira, Eragon viu que as florestas permaneciam no horizonte, tanto para o norte quanto para o oeste, e ele sabia que se estendiam para muito além disso, cobriam toda a extensão da Alagaësia.

Para ele, as sombras sob os galhos arqueados das árvores pareciam misteriosas e sedutoras, assim como perigosas, pois elfos viviam lá. Escondida em algum lugar no coração de Du Weldenwarden estava Ellesméra - onde iria completar o seu treinamento -, assim como Osilon e outras cidades elfas, que poucos forasteiros visitaram desde a queda dos Cavaleiros. A floresta era um lugar perigoso para mortais, sentia Eragon, certo de que teria de se deparar com uma magia estranha e com criaturas mais estranhas ainda.

É como se fosse um outro mundo, observou. Um par de borboletas movia-se em espiral, uma em volta da outra, enquanto saíam do interior tenebroso da floresta.

Espero, disse Saphira, *que haja espaço para eu passar em meio às árvores, seja lá qual for a trilha que os elfos usem. Não posso voar o tempo todo.*

Tenho certeza de que eles encontraram maneiras de acomodar os dragões durante o tempo dos Cavaleiros.

Hum.

Naquela noite, na hora que Eragon estava prestes a se deitar, Arya apareceu atrás do seu ombro, como se fosse um espírito se materializando em pleno ar. Seu gesto furtivo o fez saltar, não conseguia entender como a elfa se movia tão discretamente. Antes que pudesse perguntar o que ela queria, sua mente tocou a dele e se pronunciou: *Siga-me o mais silenciosamente que puder.*

O contato o surpreendeu tanto quanto o pedido. Eles partilharam alguns pensamentos durante o voo até Farthen Dûr - fora a única maneira que Eragon pôde usar para se comunicar durante seu coma auto-induzido -

mas desde que Arya se recuperou, ele não fez nenhuma tentativa de tocar em sua mente outra vez. Era uma experiência profundamente pessoal. Sempre que ele penetrava na consciência de uma outra pessoa, parecia que uma faceta de sua alma se abria e tocava a do receptor. Parecia grosseiro iniciar algo tão particular sem um convite, assim como uma traição da confiança de Arya, por mais leve que ela fosse. Além do mais, Eragon temia que tal ligação fosse revelar seus sentimentos novos e confusos para Arya, e ele não desejava ser ridicularizado por causa disso.

Ele a acompanhou enquanto saía do círculo de tendas, esquivou-se de Trihga cuidadosamente, que assumiu a primeira vigília, e passou bem longe de onde os anões podiam ouvir. Dentro dele, Saphira ficou bem atenta à sua marcha, pronta para agir se fosse necessário.

Arya se agachou numa tora devorada por musgos e abraçou os joelhos sem nem ao menos olhar para ele.

- Há coisas que você deve saber antes de chegarmos a Ceris e a Ellesméra, para que não envergonhe a si e a mim por ignorância.

- Como o quê? - Ele se agachou ao seu lado, curioso. Arya hesitou.

- Durante os meus anos como embaixadora de Islanzadí, observei que humanos e anões são muito parecidos. Vocês partilham muitas das mesmas crenças e paixões. Mais de um humano já viveu confortavelmente no meio dos anões porque podem entender sua cultura, como eles entendem a de vocês. Tanto um quanto o outro amam, desejam, odeiam, lutam e criam mais ou menos da mesma maneira. Sua amizade com Orik e sua aceitação do Dürgrimst Ingeitum são exemplos disso. - Eragon acenou com a cabeça, embora suas diferenças parecessem maiores do que isso para ele. - Os elfos, no entanto, não são como outras raças.

- Você fala como se não fosse um deles - afirmou ele, ecoando as palavras que a elfa disse em Farthen dûr.

- Vivi com os Varden anos suficientes para me acostumar com suas tradições - respondeu Arya num tom irritadiço.

- Ah... Então com isso você quer dizer que os elfos não sentem as mesmas emoções que os humanos e os anões? Acho isso difícil de acreditar. Todas as coisas vivas têm os mesmos desejos e necessidades básicas.

- Não foi isso que eu quis dizer! - Eragon recuou e depois franziu a

testa e estudou-a. Não era comum ela ser tão rude. Arya fechou os olhos e colocou os dedos nas têmporas, respirando bem fundo. - Pelo fato dos elfos viverem tanto tempo, consideramos a cortesia a mais alta virtude social. Você não pode permitir-se ofender ninguém, pois um ressentimento pode durar décadas ou séculos. A cortesia é a única maneira de impedir que tal hostilidade se acumule. Nem sempre dá certo, mas seguimos os nossos rituais rigorosamente, pois nos protegem dos extremos. Nem os elfos são tão fecundos, por isso é vital que evitemos conflitos entre nós. Se partilhássemos da mesma proporção de crimes que vocês e os anões, logo estaríamos extintos.

"Há uma maneira apropriada de cumprimentar os sentinelas em Ceris, certos padrões e formas que você deve observar quando for apresentado à rainha Islanzadí, e uma centena de maneiras diferentes de cumprimentar aqueles que estão a sua volta, caso contrário é melhor permanecer quieto."

- Com todos os seus costumes - Eragon arriscou dizer -, parece que vocês só tornaram mais fácil a incidência de ofensas.

Um sorriso passou rapidamente por seus lábios.

- Talvez. Você sabe tão bem quanto eu que será julgado pelos mais altos padrões. Se cometer um erro, os elfos acharão que você fez de propósito. E só a injúria virá se descobrirem que ele nasceu da ignorância. E bem melhor que pensem que você é rude e capaz do que rude e incapaz, caso contrário corre o risco de ser manipulado como A Serpente num jogo de Runas. Nossa política se move em círculos que são ao mesmo tempo delicados e prolongados. O que você vê ou ouve de um elfo num dia pode ser apenas um movimento sutil dentro de uma estratégia que se estende para milênios no passado, e pode não ter peso algum em como tal elfo irá se comportar amanhã. É um jogo que todos nós fazemos mas poucos controlam, um jogo no qual você está prestes a entrar. E prosseguiu:

- Agora talvez você entenda por que eu digo que os elfos não são iguais às outras raças. Os anões também são longevos, contudo são muito mais prolíficos do que nós e não partilham das nossas limitações ou do nosso gosto pela intriga. E humanos... - Ela deixou sua voz diminuir de intensidade até cair num silêncio diplomático.

- Humanos - disse Eragon - fazem o melhor que podem com o que lhes é dado.

- Correto.

- Por que você não diz tudo isso para o Orík também? Ele vai ficar em Ellesméra, assim como eu.

A voz de Arya soou ríspida.

- Ele já está familiarizado com a nossa etiqueta. No entanto, como Cavaleiro, você faria bem em aparentar ser mais educado do que ele.

Eragon aceitou sua repreensão sem protestar.

- O que devo aprender?

Então Arya começou a instruí-lo e, através dele, introduziu Saphira às sutilezas da sociedade dos elfos. Primeiro ela explicou que, quando um elfo encontra o outro, eles param e tocam os lábios com seus dois primeiros dedos para indicar que "não devemos distorcer a verdade durante a nossa conversa". A isso se segue a frase "Atra esterní ono thelduin" a qual o outro responde "Atra du evarínya ono varda".

- E - disse Arya - se você estiver sendo especialmente formal, uma terceira resposta é dada: "Un atra mor'ranr lífa unin hjarta onr", que significa "que a paz viva no seu coração". Esses versos foram retirados de uma oração que foi feita por um dragão quando o nosso pacto com eles foi acertado. É assim:

Atra esterní ono thelduin, Mor'ranr Ufa unin hjarta onr, Un du evarínya ono varda.

- Ou: "Que a felicidade o guie, a paz viva no seu coração, e as estrelas zelem pelo seu caminho."

- Como você sabe quem tem que falar primeiro?

- Se você cumprimentar alguém com mais status que você ou se quiser honrar um subordinado, então fale antes. Se você cumprimentar alguém com menos status que você, fale depois. Mas se você não tiver certeza da sua posição, dê ao seu interlocutor a chance de falar, mas se ele ficar calado, fale primeiro. A regra é essa.

Isso se aplica a mim também?, perguntou Saphira.

Arya apanhou uma folha seca que estava no chão e a amassou entre os dedos. Atrás dela, o acampamento sumiu no meio das sombras enquanto os anões apagavam a fogueira abafando as chamas com uma camada de lama, para as brasas resistirem até o amanhecer.

- Como dragão, ninguém está numa posição mais alta do que você em nossa cultura. Nem mesmo a rainha pode afirmar ter autoridade sobre você, que, aliás, pode fazer e dizer o que desejar. Não esperamos que dragões sejam limitados pelas nossas leis.

Em seguida, ela mostrou para Eragon como fazer para torcer a mão direita e a colocar sobre o esterno num gesto curioso.

- Isto - disse ela - você irá usar quando encontrar Islanzadí. Através deste gesto, você indica que está lhe oferecendo sua lealdade e obediência.

- Isso vai me vincular a ela, como meu juramento de lealdade à Nasuada?

- Não, é apenas uma cortesia, e das pequenas.

Eragon se esforçou para lembrar das várias modalidades de cumprimento que Arya o havia ensinado. As saudações variavam de homem para mulher, de adultos para crianças, de meninos para meninas, assim como por patente ou prestígio. Era uma lista intimidante, mas Eragon sabia que teria de memorizá-la perfeitamente.

Quando ele absorveu tudo que podia, Arya se levantou e tirou a poeira das mãos.

- Contanto que não se esqueça de nada, você terá um bom desempenho. - Ela se virou para partir.

- Espere - disse Eragon, que esticou a mão para detê-la, e depois escondeu-a antes que ela reparasse na sua audácia. Ela virou a cabeça para trás com uma pergunta em seus olhos escuros, e o estômago do Cavaleiro deu um nó quando ele tentava descobrir como verbalizar seus pensamentos. Apesar de todo seu esforço, ele acabou dizendo simplesmente: - Você está bem, Arya?... Você parecia distraída e meio aborrecida desde que deixamos Hedarth.

Enquanto o rosto de Arya endurecia a ponto de virar uma máscara ia ele estremecia por dentro, sabendo que havia escolhido a aborda- errada, embora não conseguisse entender por que a pergunta poderia ofende-la.

- Quando estivermos em Du Weldenvarden - informou a elfa -, espero que você não fale comigo de um jeito tão familiar, a não ser que queira provocar uma afronta. - Ela se afastou com gravidade e arrogância.

Corra atrás dela!, exclamou Saphira.

O quê?

Não podemos permitir que ela fique irritada conosco. Vá pedir desculpas.

Seu orgulho se rebelou. *Não! A culpa é dela, não minha.*

Vá pedir desculpas, Eragon, ou irei encher a sua tenda de sujeira.
Não se tratava de conversa fiada.

Como?

Saphira pensou por um segundo, e depois lhe disse o que fazer. Sem discutir, ele deu um salto e correu até ficar bem na frente de Arya, forçando-a a parar. Ela o encarou com uma expressão altiva.

Ele tocou seu lábios e disse:

- Arya Svit-kona - Estava usando o título de honra que havia acabado de aprender para uma mulher de grande sabedoria. - Eu me expressei mal, e por isso imploro pelo seu perdão. Saphira e eu estávamos preocupados com o seu bem-estar. Depois de tudo que você fez por nós, parecia que o mínimo que podíamos fazer era oferecer a nossa ajuda em troca, caso você dela precise.

Finalmente, Arya relaxou e disse:

- Agradeço a sua preocupação. E eu também não me expressei direito. - Ela olhou para baixo. Na escuridão, seu corpo era dolorosamente rígido. - Você quer saber o que me aflige, Eragon? Quer realmente saber? Então vou lhe contar. - Sua voz era tão suave quanto a lanugem do cardo que flutuava ao vento. - Estou com medo.

Aturdido, Eragon nada respondeu enquanto ela se distanciava, deixava-o sozinho no meio da noite.

CERIS

Na manhã do quarto dia, enquanto Eragon andava ao lado de Shrrgnien, o anão disse:

- Então me diga, os homens realmente possuem dez dedos nos pés, como se diz por aí? Para falar a verdade, jamais viajei para além das nossas fronteiras antes.

- E claro que nós temos dez dedos! - disse Eragon, surpreso. Ele se virou na sela de Fogo na Neve, levantou o pé direito, tirou a bota e a meia, e sacudiu os dedos sob o olhar assombrado de Shrrgnien. - Vocês não?

Shrrgnien balançou a cabeça.

- Não, nós temos sete em cada pé. Foi assim que Helzvog nos fez. Cinco é muito pouco e seis é o número errado, mas sete... sete é perfeito. - Ele olhou novamente para o pé de Eragon, e depois esporeou seu burro para que seguisse em frente e começou a falar animadamente com Ama e Hedin que, enfim, lhe deram algumas moedas de prata.

Acho, disse Eragon enquanto calçava a bota novamente, *que eu fui apenas o motivo para uma aposta*. Por algum motivo, Saphira achou aquilo imensamente divertido.

Enquanto anoitecia e a lua cheia ia surgindo, o rio Edda foi se aproximando cada vez mais da periferia de Du Weldenvarden. Eles seguiram por uma trilha estreita em meio a um emaranhado de cornisos e roseiras em plena floração, que enchiam o ar noturno com o aroma ativo das flores.

A ansiedade e a expectativa foram aumentando em Eragon enquanto ele olhava para a floresta negra, sabendo que já haviam adentrado o domínio dos elfos e estavam perto de Ceris. Inclinou-se para a frente sobre a sela de Fogo na Neve, apertava e puxava as rédeas com força. A excitação de Saphira era igual à dele, ela voava, movia o rabo de um lado para o outro com impaciência.

Eragon se sentia como se eles tivessem entrado num sonho. *Não parece real*, disse ele.

Isso. Aqui as lendas do passado ainda protegem a terra.

Finalmente eles chegaram até uma pequena campina entre o rio e a floresta.

_ Parem aqui - disse Arya num tom de voz baixo. Andou mais à frente até ficar sozinha no meio do gramado viçoso, para depois gritar na língua antiga: - Saiam de onde estão, meus irmãos! Vocês não têm nada a temer. Sou eu, Arya de Ellesméra. Meus companheiros são amigos e aliados, eles não irão nos causar mal. - Ela acrescentou outras palavras, algumas que Eragon desconhecia totalmente.

Durante alguns minutos, o único som era o do rio que passava atrás

deles, até que do meio do silêncio das folhas brotou uma voz falando na língua dos elfos, tão rápida e fugaz que Eragon não compreendeu o significado. Arya respondeu:

-O.K.

Com um farfalhar, dois elfos se ergueram no meio da floresta e outros dois surgiram nos galhos de um carvalho nodoso. Os que estavam no chão carregavam longas lanças com lâminas brancas, ao passo que os outros portavam arcos. Todos usavam túnicas cor de musgo e casca de árvore sob capas esvoaçantes presas aos ombros com broches de marfim. Um deles tinha madeixas longas e negras como as de Arya. Três deles tinham cabelos claros iguais à luz das estrelas.

Os elfos pularam das árvores e abraçaram Arya, riam com suas vozes claras e puras. Deram-se as mãos e dançaram numa roda em torno dela como se fossem crianças, cantaram alegremente enquanto giravam sobre a grama.

Eragon ficou olhando a cena estupefato. Arya jamais lhe dera razões para suspeitar que os elfos gostavam de - ou até *podiam* - rir. Era um som magnífico, como se fossem harpas e flautas trinando de felicidade com a própria música que tocavam. Ele gostaria de ficar escutando aquilo para sempre.

Até que Saphira pairou sobre o rio e pousou ao lado de Eragon. Assim que ela se aproximou, os elfos gritaram alarmados e apontaram as armas em sua direção. Arya falou rapidamente num tom apaziguador, gesticulando primeiro na direção de Saphira e depois na de Eragon. Quando ela parou para respirar, Eragon arregaçou a luva que estava em sua mão direita, inclinou a palma de modo que a *gedwëy ignasia* refletisse a luz da lua, e disse, como já havia dito a Arya há muito tempo:

- Eka aí fricai un Shur'tgal. - Sou um Cavaleiro e amigo. Lembrando-se da aula que teve na véspera, ele tocou seus lábios e acrescentou: - Atra esterní ono thelduin.

Os elfos abaixaram suas armas enquanto seus rostos angulosos se iluminaram com uma alegria radiante. Eles tocaram seus lábios com os dedos indicadores e se curvaram para ele e para Saphira, murmurando suas respostas na língua antiga.

Depois eles levantaram suas armas apontando para os anões e riram como se fosse de alguma piada secreta. Voltando para dentro da floresta, os elfos acenaram com as mãos e gritaram:

- Venham, venham!

Eragon seguiu Arya com Saphira e os anões, que murmuravam entre si. Enquanto passavam entre as árvores, as copas os lançou numa escuridão aveludada, exceto onde fragmentos de luz lunar penetravam através de fendas na superfície das folhas sobrepostas. Eragon podia ouvir os elfos cochichando e rindo o tempo todo, embora não pudesse vê-los. De vez em quando eles indicavam a direção certa quando o humano e os anões erravam o caminho.

Mais adiante, uma fogueira brilhava no meio das árvores, ela projetava sombras que corriam como espíritos pelo chão folhoso. Quando Eragon adentrou na área iluminada, viu três pequenas cabanas agrupadas em torno de um enorme carvalho. Lá no alto da árvore havia uma plataforma coberta onde um vigia podia observar o rio e a floresta. Uma vara havia sido amarrada entre duas das cabanas: nela se dependuravam feixes de plantas secas.

Os quatro elfos sumiram dentro das cabanas e depois voltaram com os braços repletos de frutas e vegetais - mas nada de carne - e começaram a preparar uma refeição para os seus convidados. Cantavam com os lábios fechados enquanto trabalhavam, passavam de uma canção para outra de acordo com sua vontade. Quando Orik perguntou os seus nomes, o elfo de cabelos escuros apontou para si mesmo e disse:

- Sou Lifaen da Casa Rílvenar. E meus companheiros são Edurna, Celdin e Narí.

Eragon se sentou ao lado de Saphira, feliz pela oportunidade de descansar e observar os elfos. Embora todos os quatro fossem do sexo masculino, seus rostos lembravam o de Arya, com lábios delicados, narizes finos e olhos grandes, rasgados e brilhantes. O resto dos seus corpos eram iguais, com ombros estreitos, braços e pernas finas. Cada um deles era mais belo e nobre do que qualquer humano que Eragon já havia visto, embora de um jeito raro e exótico.

Quem poderia pensar que um dia eu iria visitar a terra natal dos

elfos?, admirou-se Eragon. Sorriu e se recostou em uma cabana, sonolento por causa do calor do fogo. Acima dele, os olhos azuis e dançantes de Saphira rastreavam os elfos com absoluta precisão.

Há mais magia nesta raça, assinalou ela enfim, *do que nos humanos e nos anões. Eles não sentem que vieram da terra ou da pedra, mas sim de um outro reino, metade interno, metade externo, como reflexos num espelho d'água.*

Eles com certeza são elegantes, disse ele. Os elfos se moviam como dançarinos, cada um de seus gestos era leve e sereno.

Brom havia dito a Eragon que era deselegante falar mentalmente com o dragão de um Cavaleiro sem permissão, e os elfos aderiram a esse costume, faziam em alto e bom tom seus comentários para Saphira, que respondia a eles diretamente. Saphira normalmente se abstinha de tocar os pensamentos de humanos e anões, e permitia que Eragon retransmitisse suas palavras, já que poucos membros dessas raças tinham o treinamento adequado para proteger suas mentes caso desejassem ter alguma privacidade. Isso também parecia uma imposição para se usar tal forma íntima de contato para trocas casuais. Porém os elfos não tinham tais inibições, receberam bem Saphira em suas mentes, deleitaram-se com sua presença.

Até que finalmente a comida ficou pronta e foi servida em pratos esculpidos que pareciam terem sido feitos de ossos espessos, embora desse para notar a textura da madeira em meio às flores e às videiras que decoravam as bordas. Eragon também foi servido de uma jarra de vinho de groselha - feita do mesmo material incomum - com um dragão entalhado em sua alça.

Enquanto comiam, Lifaen juntou uma série de tubos de bambu e começou a tocar uma melodia doce, seus dedos corriam pelos vários buracos. Logo, o elfo mais alto de cabelo prateado, Narí, ergueu a voz e cantou:

O!

O dia acabou, as estrelas brilham,

As folhas estão quietas, a lua é alva!

Ria de dor e ria do oponente,

A filha da Menoa esta noite está salva!

Criança da floresta que perdemos na guerra,

Filha das matas pega pela vida em instantes!

*Livre do medo e livre da chama,
Salvou um Cavaleiro das trevas reinantes!
Mais uma vez os dragões ganham os céus,
E vingemos o sofrimento deles, é a lei!
Com espadas fortes e braços fortes,
A hora é propícia para a morte de um rei!
O vento é leve, o rio é profundo,
As árvores são altas, as aves a espreita!
Ria de dor e ria do oponente,
Chegou a hora feliz da colheita!*

Quando Narí terminou, Eragon soltou um suspiro contido. Jamais havia escutado voz como aquela antes, parecia que o elfo havia revelado sua essência, sua verdadeira alma.

- Isso foi lindo, Narí-vodhr.

- É uma composição mal-acabada, Argetlam - objetou Narí. -
Todavia, lhe agradeço.

Thorv resmungou.

- Muito bonito, mestre elfo. No entanto, temos assuntos muito mais sérios a tratar do que recitar versos. Será que ainda teremos que acompanhar Eragon?

- Não - respondeu Arya rapidamente, atraindo o olhar dos outros elfos. - Vocês podem voltar para casa pela manhã. Nós asseguramos que Eragon chegará a Ellesméra.

Thorv abaixou a cabeça.

- Então nossa tarefa está terminada.

Assim que Eragon se deitou na roupa de cama que os elfos lhe haviam arrumado, concentrou-se para ouvir a fala de Arya, que vinha de uma das cabanas. Embora ela usasse muitas palavras, pouco familiares, na língua antiga, ele deduziu que a elfa estava explicando aos seus anfitriões como havia perdido o ovo de Saphira e os acontecimentos que se seguiram. Houve um longo silêncio depois que ela parou de falar, até que um elfo disse:

- É bom que você tenha voltado, Arya Dröttningu. Islanzadí ficou bastante aflita quando você foi capturada e o ovo roubado, e nada menos do que por Urgals! Ela ficou, e está, com o coração despedaçado.

- Quietos, Eadorn... quietos - repreendeu um outro. - Os dvergar são pequenos, mas possuem ouvidos aguçados e estou certo de que irão contar tudo para Hrothgar.

Daí suas vozes baixaram e Eragon nada mais pode discernir do murmurar de vozes, que se confundiu com o farfalhar das folhas enquanto ele adormecia com a canção do elfo repetindo-se sem parar em seus sonhos.

O aroma das flores pesava no ar quando Eragon acordou e olhou para uma Du Weldenvarden banhada pelo sol. Acima dele, uma panóplia mosqueada de folhas que se amontoavam e descreviam um arco, era sustentada por troncos grossos enterrados no solo seco e árido. Apenas musgo, líquen e uns poucos arbustos sobreviviam naquela penumbra verde e penetrante. A escassez de vegetação rasteira permitia que se enxergasse a longas distâncias entre os pilares nodosos e que se circulasse livremente sob o teto de folhas.

Assim que despertou, Eragon viu que Thorv e seus guardas já haviam levantado acampamento e estavam prontos para partir. O burro de Orik estava amarrado atrás da montaria de Ekksvaer. Eragon se aproximou de Thorv e disse:

- Muito obrigado a todos vocês por terem protegido a mim e a Saphira. Por favor, transmitam a minha gratidão a Undin.

Thorv bateu com o punho no peito.

- Vou levar as suas palavras. - Ele hesitou e olhou novamente para as cabanas. - Os elfos são uma raça esquisita, cheia de luz e sombra. De manhã, bebem com você, à noite, o apunham. Não deixe de ficar encostado em paredes, Matador de Espectros. Excêntricos, é isso que eles são.

- Vou me lembrar disso.

- Hum. - Thorv gesticulou na direção do rio. - Eles planejam viajar pelo lago Eldor em canoas. O que você fará com seu cavalo? Poderíamos levá-lo para Tarnag conosco, e de lá até Tronjheim.

- Canoas! - gritou Eragon com espanto. Ele sempre planejava levar Fogo na Neve para Ellesméra. Era conveniente ter um cavalo sempre que Saphira estivesse distante, ou em lugares muito apertados para seu tamanho. Tocou com os dedos nos ralos pêlos que cresciam no seu maxilar. - Essa é uma oferta gentil. Vocês me garantem que Fogo na Neve será bem tratado?

Não suportaria se algo acontecesse com ele.

- Pela minha honra - garantiu Thorv -, você voltará e o encontrará gordo e de pêlo escovado.

Eragon soltou Fogo na Neve e transferiu o garanhão, sua sela e seus suprimentos para os cuidados de Thorv. Despediu-se de cada um dos guerreiros. Ele, Saphira e Orík ficaram observando os anões retornarem ao longo da mesma trilha pela qual tinham chegado.

Regressando às cabanas, Eragon e o resto de seu grupo seguiram os elfos até uma moita na beira do rio Edda. Lá, ancoradas nos lados de uma grande pedra redonda, havia duas canoas brancas com videiras entalhadas ao longo de seus bordos.

Eragon embarcou na mais próxima e pôs sua bagagem entre os pés. Ficou pasmo com a leveza da embarcação, ele poderia levantá-la com uma única mão. Mais espantoso ainda, os cascos pareciam ter sido feitos com painéis de madeira de bétula combinados num todo, sem qualquer emenda. Curioso, tocou no costado. A madeira era dura e retesada, como um pergaminho esticado, além de estar fria por causa do contato com a água. Ele bateu nela com o nó de um dos dedos. A casca fibrosa reverberava como se fosse um tambor abafado.

- Todas as suas canoas são feitas dessa maneira? - perguntou ele.

- Todas, exceto as maiores - respondeu Narí, sentado na proa da embarcação de Eragon. - Para estes, nós cantamos para que o cedro e o carvalho de melhor qualidade fiquem na forma exata.

Antes que Eragon pudesse perguntar o significado de tal frase, Orík entrou na mesma canoa enquanto Arya e Lifaen se apropriavam da outra. A elfa se virou para Edurna e Celdin - que estavam em pé na margem - e disse:

- Vigiem este caminho de forma que ninguém nos siga, e não falem a quem quer que seja sobre nossa presença. A rainha deve ser a primeira a saber. Mandarei reforços assim que chegarmos em Silthrim.

- Arya Dröttningu.

- Que as estrelas os protejam - respondeu a elfa. Inclinando-se para frente, Narí e Lifaen tiraram varas pontudas com três metros de comprimento de dentro das canoas e começaram a impelir as embarcações rio acima. Saphira deslizava dentro d'água atrás deles e nadou até emparelhar com as

embarcações. Quando Eragon olhou em sua direção, pestanejou preguiçosamente e depois submergiu, forçando o rio a avolumar-se num montículo sobre suas costas denteadas. Os elfos riram quando ela executou tal movimento e fizeram muitos elogios ao seu tamanho e força.

Uma hora depois, alcançaram o lago Eldor, que era um pouco agitado por ondas pequenas e recortadas. Aves e insetos fervilhavam ao longo de uma muralha de árvores na margem a oeste, enquanto a do leste dava na planície. Nesse lado corriam centenas de cervos.

Assim que se livraram da correnteza do rio, Narí e Lifaen guardaram as varas e distribuíram remos com pás de folhas. Arya e Orík já sabiam *como* conduzir uma canoa, mas Narí teve que explicar o processo para Eragon.

- Viramos na direção do bordo no qual você está remando - explicou o elfo. -- Portanto, se eu remar na direita e Orík na esquerda, então você deve remar primeiro de um bordo e depois do outro, caso contrário vamos sair do nosso curso. - A luz do dia, o cabelo de Narí reluzia como arame finíssimo, cada fio era uma linha flamejante.

Eragon logo dominou a técnica e, à medida que o movimento ia tornando-se automático, sua mente estava livre para sonhar acordada. Dessa maneira, ele flutuava sobre o lago frio, perdido nos mundos fantásticos escondidos por trás de seus olhos. Quando fez uma pausa para descansar os braços, mais uma vez pegou o jogo de argolas de Orík em seu cinto e se esforçou para arrumar os teimosos aros de ouro da forma correta.

Narí notou o que ele estava fazendo.

- Posso ver essa argola?

Eragon passou-o para o elfo, que lhe deu as costas. Durante alguns instantes, Eragon e Orík manobram a canoa sozinhos, enquanto Narí se ocupava com anéis entrelaçados. Então, exclamando de satisfação, Narí levantou a mão e o anel completo brilhava no seu dedo médio.

- Que enigma delicioso - disse Narí. Ele tirou o anel e o sacudiu, para que voltasse ao estado original, e a devolveu para Eragon.

- Como foi que você resolveu? - perguntou Eragon, espantado e invejoso por ele ter decifrado a charada com tanta facilidade. - Espere... Não me diga. Quero descobrir sozinho.

- E claro - disse Nari, sorrindo.

FERIDAS DO PASSADO

Durante três dias e meio, os cidadãos de Carvahall discutiram o último ataque, a tragédia da morte do jovem Elmund e o que poderia ser feito para escapar daquela situação tenebrosa. O debate fervilhava como uma fúria amarga em cada cômodo de cada lar. Por causa de uma palavra qualquer, amigos se voltavam contra amigos, maridos contra esposas, crianças contra pais, apenas para fazer as pazes alguns instantes depois em sua tentativa desvairada de descobrir uma maneira de sobreviver.

Alguns diziam que, como Carvahall estava condenada de qualquer jeito, eles também deviam matar os Ra'zac e os soldados restantes, para pelo menos terem a sua vingança. Outros diziam que, se Carvahall estivesse realmente condenada, a única conduta lógica seria se render e ficar à mercê do rei, mesmo que isso significasse tortura e morte para Roran e escravidão para todos os demais. E ainda havia aqueles que não tomaram partido, em vez disso desencadearam uma fúria negra e taciturna dirigida a todos os responsáveis por tal calamidade. Muitos faziam o melhor possível para esconder seu pânico nas profundezas de uma caneca de cerveja.

Os próprios Ra'zac haviam aparentemente percebido que, com onze soldados mortos, não tinham mais força suficiente para atacar Carvahall e, por isso, recuaram mais na estrada, satisfeitos em manter sentinelas por todo o vale Palancar e esperar.

- Se querem saber, estou esperando as tropas pulgentas de Ceunon e Gil'ead - disse Loring numa reunião. Roran ouviu isso e mais, conduzia mentalmente sua própria assembléia e avaliava em silêncio as várias estratégias. Todas pareciam perigosamente arriscadas.

Roran ainda não dissera a Sloan que ele e Katrina estavam noivos. Sabia ser uma tolice esperar, mas temia a reação do açougueiro quando

descobrisse que o casal desprezara a tradição e, ao fazê-lo, minara sua autoridade de pai. Somando-se a isso, havia bastante trabalho para desviar a atenção de Roran, ele se convenceu de que aumentar as fortificações em torno de Carvahall era sua tarefa mais importante no momento.

Conseguir gente para ajudá-lo foi mais fácil do que Roran havia pendo. Depois da última batalha, os habitantes do vilarejo estavam mais dispostos a ouvi-lo e obedecê-lo - quer dizer, não o culpavam por ter provocado aquela situação desagradável. Ele estava confuso com sua nova autoridade, até que percebesse que ela era resultado do medo, do respeito e talvez até mesmo do temor que as mortes causadas por ele haviam trazido à tona. Eles o chamavam de Martelo Forte. Roran Martelo Forte.

O nome o agradava.

Quando a noite trouxe o vale, Roran se recostou a um canto da sala de jantar de Horst com os olhos fechados. A conversa fluía entre homens e mulheres sentadas em torno da mesa iluminada pela luz de velas. Kiselt explicava a situação dos suprimentos de Carvahall.

- Não iremos passar fome - concluiu -, mas se não pudermos cuidar logo dos nossos campos e dos nossos rebanhos, talvez seja preferível cortarmos as nossas gargantas antes do próximo inverno. Seria um destino melhor.

Horst resmungou.

- Bobagem!

- Bobagem ou não - afirmou Gertrude - duvido que tenhamos uma chance de descobrir. Éramos dez para cada soldado deles quando chegaram. Eles perderam onze homens, nós perdemos doze, e estamos cuidando de outros nove feridos. O que vai acontecer, Horst, quando para cada um de nós houver dez deles?

- Daremos aos bardos um motivo para lembrarem dos nossos nomes - retrucou o ferreiro. Gertrude balançou a cabeça com tristeza.

Loring bateu com o punho na mesa.

- E eu digo que é nossa vez de atacar, antes que nós *estejamos* em menor número. Tudo de que precisamos são uns poucos homens, escudos, lanças e poderemos eliminar sua *infestação*. Isso poderia ser feito hoje à noite!

Roran mudou de posição, irrequieto. Ele já havia ouvido tudo isso

antes e, como antes, a proposta de Loring acendeu uma discussão que consumiu o grupo. Uma hora depois, o debate ainda não mostrava sinal de conclusão, nem novas idéias chegaram a ser apresentadas, exceto pela sugestão de Thane de que Gedric deveria dar uma surra nele mesmo, o que quase resultou numa pancadaria.

Finalmente, quando a conversa acalmou, Roran seguiu mancando até a mesa, o mais rápido que sua panturrilha permitia.

- Tenho algo a dizer. - Para ele, sua decisão de expor sua idéia equivalia a pisar num espinho longo e depois puxá-lo sem parar para pensar na dor, tinha de ser feito, e quanto mais rápido melhor.

Todos os olhares - rígidos, furiosos, gentis, indiferentes e curiosos - se voltaram em sua direção, e Roran respirou fundo.

- A indecisão irá nos matar tão certamente quanto uma espada ou uma flecha. - Orval revirou os olhos, mas o resto ainda escutava. - Não sei se devemos atacar ou fugir...

- Para onde? - bufou Kiselt.

-...mas de uma coisa eu sei: nossas crianças, nossas mães e nossos enfermos têm de ser protegidos do perigo. Os Ra'zac barraram o caminho que vai para a casa de Cawley e para as outras fazendas vale abaixo. E daí? Conhecemos estas terras melhor do que qualquer um na Alagaësia e há um lugar... há um lugar onde os nossos amados estarão seguros: a Espinha.

Roran estremeceu enquanto uma artilharia de vozes ultrajantes o fuzilou. Sloan era o que falava mais alto e gritava:

- Serei enforcado antes de colocar meus pés naquelas montanhas malditas!

- Roran - disse Horst, sobrepujando a comoção. - Você, entre todas as pessoas, deve saber que a Espinha é perigosa demais. Foi lá que Eragon encontrou a pedra que atraiu os Ra'zac! As montanhas são frias e estão cheias de lobos, ursos e outros monstros. Por que as mencionou?

Para manter Katrina salva!, quis gritar Roran. Em vez disso, ele disse: - Porque não importa quantos soldados os Ra'zac convocarem, jamais ousarão entrar na Espinha. Não depois que Galbatorix perdeu metade de seu exército por lá.

- Isso foi há muito tempo - disse Morn, incerto. Roran aproveitou a

deixa:

- E as histórias vão ficando cada vez mais assustadoras à medida que vão sendo contadas! Já existe uma trilha para o topo das cataratas Igualda. Tudo que temos a fazer é mandar as crianças e os outros lá para cima. Estarão na borda das montanhas, mas ainda assim estarão seguros. Se Carvahall for tomada, poderão esperar até os soldados se retirarem e depois encontrarão um refúgio em Therinsford.

- E perigoso demais - resmungou Sloan. O açougueiro agarrou a beirada da mesa com tanta força que as pontas dos seus dedos ficaram brancas. - O frio, as feras. Nenhum homem são irá mandar sua família para conviver com isso.

- Mas... - hesitou Roran, já que perdera as estribeiras com a resposta de Sloan. Embora soubesse que o açougueiro odiava a Espinha mais do que a maioria (pois sua esposa havia caído do despenhadeiro atrás das cataratas Igualda para a morte), ele esperara que o desejo extremo de proteger Katrina fosse forte o bastante para vencer sua aversão. Roran entendia agora que teria que persuadir Sloan exatamente como a todos os outros. Adotando um tom apaziguador, Roran disse: - Não é tão ruim. A neve já está derretendo nos picos. Não faz mais frio na Espinha do que fazia aqui há alguns meses. E duvido que lobos e ursos venham a perturbar um grupo tão grande.

Sloan fez uma careta, mordendo os lábios, e balançou a cabeça.

- Você não encontrará nada além de morte na Espinha.

Os outros pareciam concordar, o que só fortaleceu a determinação de Roran, pois ele estava convencido de que Katrina iria morrer a não ser que pudesse influenciá-los.

Ele vasculhou aquele roda de rostos, buscando alguém que expressasse solidariedade.

-Delwin, eu sei que é cruel da minha parte dizer isso, mas se Elmund não estivesse em Carvahall, ele ainda estaria vivo. Tenho certeza de que você concorda que isso é a coisa mais certa a fazer! Você tem a oportunidade de salvar outros pais do seu sofrimento.

Ninguém respondeu.

- E Birgit! - Roran se arrastou em sua direção, agarrando os encostos das cadeiras para que não caísse. - Você quer que Nolfavrell tenha o

mesmo destino de seu pai? Ele tem que sair daqui. Você não vê, essa é a única maneira de mantê-lo em segurança... - Embora fizesse o máximo de esforço para se conter, Roran pôde sentir lágrimas enchendo seus olhos. - Isso é pelas crianças! - gritou, furioso.

O salão ficou em silêncio enquanto Roran olhava para a madeira entre suas mãos, esforçando-se para manter o controle. Delwin foi o primeiro a se pronunciar.

- Eu jamais deixarei Carvahall enquanto os assassinos do meu filho continuarem aqui. No entanto - ele fez uma pausa e depois prosseguiu com uma lentidão dolorosa - não posso negar a verdade que há em suas palavras, as crianças precisam ser protegidas.

- Como eu disse no começo - declarou Tara.

Até que Baldor falou:

- Roran tem razão. Não podemos permitir que o medo nos deixe cegos. A maioria de nós já escalou até o topo das quedas d'água uma vez ou outra. As montanhas são suficientemente seguras.

- Eu também - acrescentou Birgit, enfim - tenho que concordar com isso.

Horst acenou com a cabeça:

- Preferia não ter que fazer isso, mas sob as atuais circunstâncias... não creio que tenhamos outra opção. - Um minuto depois, os vários homens e mulheres presentes começaram a concordar, relutante, com a proposta.

- Isso é um absurdo! - explodiu Sloan. Ele se levantou e apontou um dedo acusador para Roran. - Como elas conseguirão levar comida suficiente para esperar semanas a fio? Elas não têm como carregá-la. Como irão se manter quentes? Se acenderem fogueiras, acabarão sendo vistas. Como, como, como? Se não morrerem de fome, acabarão congelando. Se não congelarem, serão devoradas. Se não forem devoradas... Quem sabe? Elas podem cair!

Roran abriu as mãos.

- Se todos nós ajudarmos, elas terão muita comida. Fogo não será um problema, caso sigam bem para dentro da floresta, coisa que terão de fazer de qualquer jeito, já que não há espaço para acampar perto das cataratas.

- Desculpas! Justificativas!

- O que você sugere que nós façamos, Sloan? - perguntou Morn, encarando-o com curiosidade.

Sloan gargalhou amargamente:

- Isso não.

- Então o quê?

- Não importa. Só sei que essa é a opção errada.

- Você não precisa participar - assinalou Horst.

- Nem irei - disse o açougueiro. - Prossigam se quiserem, mas nem eu nem aqueles do meu sangue entrarão na Espinha enquanto eu tiver tutano nos meus ossos. - Pegou o seu gorro e saiu olhando de um jeito maligno para Roran, o qual, por sua vez, também franziu a testa.

Do jeito que Roran via as coisas, Sloan estava colocando Katrina em perigo com sua teimosia e sua cabeça dura. *Se ele não consegue perceber que a Espinha é um refúgio*, decidiu Roran, *então ele se tornou meu inimigo e eu terei que resolver a questão do meu jeito*.

Horst se inclinou para frente, com os cotovelos apoiados na mesa e cruzou seus dedos grossos.

- Então... se formos usar o plano de Roran, que preparativos serão necessários? - O grupo trocou olhares cautelosos e, aos poucos, começou a discutir o assunto.

Roran esperou até se convencer de que havia atingido a sua meta, antes de sair da sala de jantar. Caminhando pelo escuro vilarejo, procurou Sloan por todo o perímetro interno da muralha de árvores. Finalmente conseguiu avistar o açougueiro agachado embaixo de uma tocha com o escudo preso em volta dos joelhos. Roran deu a volta num só pé e correu até a loja de Sloan, onde se apressou para entrar na cozinha, pelos fundos.

Katrina interrompeu a ação de arrumar a mesa e o encarou, perplexa.

- Roran! Por que você está aqui? Você contou tudo para o meu pai?

- Não. - Ele seguiu em frente e pegou em seu braço, saboreando o toque. Só o fato de estar no mesmo cômodo que ela já o enchia de alegria. - Tenho um grande favor para lhe pedir. Foi decidido que iremos mandar as crianças e alguns outros para a Espinha, acima das cataratas Igualda. -

Katrina ofegou. - Quero que você as escolte.

Com uma expressão de quem estava chocada, Katrina se soltou e virou em direção à lareira, onde abraçou o próprio corpo e ficou olhando para as brasas ardentes. Durante um bom tempo ela não disse nada. Até que falou:

- Meu pai me proibiu de me aproximar das cataratas depois que mamãe morreu. A fazenda de Albem é o mais perto que já cheguei da Espinha nos últimos dez anos. - Ela estava tendo calafrios e sua voz foi assumindo um tom cada vez mais acusador. - Como você pode sugerir que eu abandone você e o meu pai? Isso aqui é o meu lar tanto quanto o seu. E por que deveria partir quando Elain, Tara e Birgit ficarão?

- Katrina, por favor. - Ele fez uma tentativa, colocando as mãos nos ombros da amada. - Os Ra'zac estão aqui à minha caça, e não quero que você se machuque por causa disso. Enquanto você estiver em perigo, não poderei me concentrar no que tem de ser feito: defender Carvahall.

- Quem me respeitaria por fugir como uma covarde? - Ela levantou o rosto. - Ficaria envergonhada de ficar ao lado das mulheres de Carvahall e de me intitular sua esposa.

- Covarde? Não há covardia nenhuma em guardar e proteger as crianças na Espinha. Se é que não requer mais coragem subir as montanhas do que ficar aqui.

- Que horror é este? - sussurrou Katrina. Ela se enroscou em seus braços, com os olhos brilhando e a boca firme. - O homem que irá se tornar meu esposo não me quer mais do seu lado.

Ele balançou a cabeça.

- Isso não é verdade. Eu...

- É verdade! E se você for morto enquanto eu estiver longe?

- Não diga...

- Não! Carvahall tem poucas chances de sobrevivência e, se tivermos de morrer, prefiro morrer ao seu lado a me esconder na Espinha sem vida e sem amor. Deixe que aqueles que têm filhos cuidem do que é seu. Assim como eu farei. - Uma lágrima rolou pelo seu rosto.

Gratidão e admiração percorreram as veias de Roran por conta da força da devoção dela. Ele olhou bem dentro dos olhos da parceira.

- E por amor que eu quero que você vá. Sei como você se sente. Sei

que este é o sacrifício mais difícil que qualquer um de nós poderia fazer, e peço a você que o faça logo.

Katrina estremeceu, seu corpo inteiro ficou rígido, as mãos brancas apertaram sua faixa de musselina.

- Se eu fizer isso - disse ela, com a voz trêmula -, você terá de me prometer, aqui e agora, que jamais fará um pedido como esse novamente. Terá de me prometer que, mesmo se tivermos de encarar Galbatorix frente a frente e só um de nós puder escapar, você não me pedirá para partir.

Roran a encarou, desamparado.

- Não posso.

- Então como pode esperar que eu faça o que você não irá fazer? - gritou ela. - Este é o meu preço, nem ouro, jóias ou palavras bonitas poderão substituir o seu juramento. Se você não liga para mim o suficiente, a ponto de fazer o seu próprio sacrifício, Roran *Martelo Forte*, então suma daqui pois jamais vou querer ver seu rosto novamente!

Não posso perdê-la. Embora aquilo lhe doesse quase mais do que era capaz de suportar, abaixou a cabeça e disse:

- Você tem a minha palavra.

Katrina acenou positivamente, afundou numa cadeira - com as costas firmes e retesadas - e enxugou suas lágrimas com o punho da manga. Num tom de voz calmo, afirmou:

- Meu pai irá me odiar por isso.

- Como você vai lhe contar?

- Não contarei nada - disse a moça, num tom desafiador. - Ele jamais me deixaria entrar na Espinha, mas terá de aceitar minha decisão. De qualquer maneira, ele não ousará sair pelas montanhas no meu encalço, pois as teme mais do que a própria morte.

- Ele pode temer ainda mais perder você.

- Veremos. E se, ou quando, chegar a hora de voltar, espero que você já tenha lhe falado sobre o nosso noivado. Isso lhe dará tempo suficiente para se conformar com o fato.

Roran se viu concordando, e o tempo todo pensava que teria muita sorte se os acontecimentos transcorressem bem como ela pensou.

FERIDAS DO PRESENTE

Assim que amanheceu, Roran acordou e permaneceu deitado olhando para o teto caiado enquanto ouvia sua própria respiração. Um minuto depois, ele levantou-se da cama, vestiu-se, e seguiu até a cozinha, onde pegou um pedaço de pão, passou queijo como se fosse uma pasta e saiu pela varanda da frente para comer e admirar o nascer do sol.

Sua tranquilidade logo foi interrompida quando um bando de crianças levadas passou correndo pelo jardim de uma casa nas redondezas, gritando e deleitando-se com seu jogo de pique, seguidas por um certo número de adultos cujo intento era pegar seus respectivos rebentos. Roran observou o dissonante cortejo sumir por uma esquina para depois colocar o último pedaço de pão na boca e voltar para a cozinha, que já estava ocupada pelo resto da família. Elain o cumprimentou.

- Bom-dia, Roran. - Ela abriu as venezianas da janela e olhou para o céu. - Parece que vai chover novamente.

- Quanto mais melhor - afirmou Horst. - Ela vai nos manter escondidos enquanto escalamos a montanha Narnmor.

- Nós? - perguntou Roran. Ele sentou-se à mesa ao lado de Albriech, que esfregava os olhos de sono.

Horst acenou positivamente.

- Sloan tinha razão em relação à comida e aos suprimentos, temos de ajudar a carregá-los até a catarata, caso contrário não vai haver alimento suficiente.

- Ainda haverá homens para defender Carvahall?

- É claro, é claro.

Assim que terminaram o desjejum, Roran ajudou Baldor e Albriech a embalar a comida, cobertores e suprimentos em três grandes trouxas que amarraram nos ombros e arrastaram até a zona norte do vilarejo. A panturrilha de Roran doía, mas era suportável. No caminho, encontraram com os três irmãos Darmmen, Larne e Hamund, que estavam igualmente carregados.

Exatamente no lado interno da trincheira que circundava as casas, Roran e seus companheiros encontraram um grande ajuntamento de ancas,

pais e avôs ocupados em organizar a expedição. Diversas famílias haviam disponibilizado os seus burros para carregar bens e as crianças mais novas, os animais foram amarrados numa fila que zurrava, impaciente, o que só aumentava a confusão geral.

Roran largou a trouxa no chão e examinou o grupo cuidadosamente. Ele viu Svart - tio de Ivor que, beirando os sessenta anos, era o homem mais velho de Carvahall - sentado num fardo de roupas, provocando um bebê com sua longa barba branca, Nolfavrell era protegido por Birgit, Felda, Nolla, Calitha e uma série de outras mães com expressões preocupadas, e uma grande quantidade de pessoas relutantes, tanto homens quanto mulheres. Roran também viu Katrina no meio da multidão. Ela levantou os olhos do nó que estava dando numa trouxa e sorriu para ele, depois retomou sua tarefa.

Como ninguém parecia estar no comando, Roran fez o melhor que pôde para organizar o caos, supervisionou a arrumação e o empacotamento de vários suprimentos. Descobriu que havia uma deficiência de odres, mas quando pediu mais, recebeu três em excesso. Atrasos como esse consumiu as primeiras horas da manhã.

No meio da discussão com Loring sobre a possível necessidade de sapatos extras, Roran parou ao notar Sloan em pé na entrada de uma estreita passagem entre duas casas.

O açougueiro observou atentamente o povo em plena atividade à sua frente. Dava para ver o desdém expresso em sua boca fechada como uma meia-lua voltada para baixo. Seu desprezo deu lugar a uma incredulidade enfurecida assim que avistou Katrina, que havia colocado sua trouxa nos ombros, desfazendo qualquer possibilidade de ela estar ali apenas para ajudar. Uma veia pulsou no meio da testa de Sloan.

Roran correu em direção à Katrina, mas Sloan a alcançou primeiro. O açougueiro agarrou a parte de cima da trouxa e a sacudiu violentamente, gritando:

- Quem a obrigou a fazer isso? - Katrina falou alguma coisa sobre as crianças e tentou se soltar, mas Sloan puxou a trouxa, torcendo os braços da filha enquanto as tiras escorregavam dos seus ombros, e a jogou no chão fazendo o conteúdo se espalhar. Ainda gritando, Sloan agarrou o braço de Katrina e começou a puxá-la para longe dali. Ela fincou os calcanhares e

lutou, seu cabelo cor de cobre caía sobre o seu rosto como se estivesse numa tempestade de poeira.

Furioso, Roran se jogou sobre Sloan e o afastou de Katrina, empurrando o peito do açougueiro, fazendo-o cair sentado no chão a alguns metros de distância.

- Pare! Fui eu que quis que ela fosse. Sloan olhou fixamente e rosnou:

- Você não tem o direito!

- Tenho todo o direito. - Roran olhou para a roda formada pelos observadores que se amontoaram e declarou para todos poderem ouvir: - Katrina e eu estamos noivos e queremos nos casar, e eu não quero que minha futura esposa seja tratada desta maneira! - Pela primeira vez naquele dia, os moradores do vilarejo fizeram o mais completo silêncio, até os burros calaram-se.

Surpresa e uma profunda e inconsolável mágoa se espalharam pelo rosto vulnerável de Sloan, junto com algumas poucas lágrimas. Por um momento, Roran sentiu alguma compaixão por ele, até que uma série de contorções distorceu o semblante de Sloan, cada uma mais violenta do que a anterior, até sua pele ficar vermelha igual a uma beterraba. Ele disse uma série de palavrões e exclamou:

- Seu covarde de duas caras! Como você pôde me olhar de frente e falar comigo como um homem honesto enquanto, ao mesmo tempo, cortejava a minha filha sem permissão? Lidei com você usando da minha boa-fé, e agora o vejo saqueando a minha casa enquanto estou de costas.

- Esperava poder fazer isso da forma apropriada - disse Roran -, mas os acontecimentos conspiraram contra mim. Nunca foi a minha intenção causar-lhe mágoa. Muito embora as coisas não tenham acontecido do jeito que nós dois desejávamos, ainda quero a sua benção, se você estiver disposto a dá-la.

- Preferia ter um porco crivado por vermes como filho! Você não possui fazenda. Você não tem família. E não tem que se meter com a minha filha! - O açougueiro continuou vociferando. - E ela não tem nada a fazer na Espinha!

Sloan tentou se aproximar de Katrina, mas Roran bloqueou o

caminho, com o rosto tão firme quanto os punhos cerrados. Separados apenas por uma mão de distância, os dois se encararam, trêmulos por conta da intensidade de suas emoções. Os olhos vermelhos de Sloan brilhavam com uma intensidade psicótica.

- Katrina, venha para cá - ordenou Sloan.

Roran se afastou do açougueiro - de modo que os três formassem um triângulo - e olhou para Katrina. Lágrimas rolavam do rosto da moça enquanto ela lançava seu olhar ora para seu pai ora para seu amado. Ela deu um passo à frente, hesitou, e depois, com um grito longo e angustiado, puxou os cabelos num frenesi de indecisão.

- Katrina! - exclamou Sloan com um grito estridente de causar medo.

- Katrina - murmurou Roran.

Ao som de sua voz, as lágrimas de Katrina cessaram e ela se ergueu com uma expressão calma. E disse:

- Lamento, pai, decidi me casar com Roran. - E andou até onde estava seu noivo.

Sloan ficou lívido. Mordeu o lábio com tanta força que uma gota de sangue vermelho e vivo apareceu.

- Você não pode me deixar! Você é a minha filha! - Deu um bote em sua direção com as mãos arqueadas. Naquele instante, Roran gritou e se lançou sobre o açougueiro com toda a força, derrubando-o e fazendo com que ele se estatelasse sobre a lama na frente de todo o vilarejo.

Sloan se levantou lentamente, com o rosto e o pescoço corados por causa da humilhação. Quando olhou Katrina novamente, o açougueiro parecia estar dobrando para dentro, perdendo altura e a forma, até Roran sentir que estava olhando para o fantasma do homem que ali havia. Num sussurro em voz bem baixa, ele se pronunciou:

- É sempre assim, aqueles que estão mais perto do seu coração são os que trazem mais dor. Você não receberá mais nada de mim, sua cobra, nem a herança de sua mãe. - Chorando amargamente, Sloan se virou e fugiu em direção à sua loja.

Katrina se recostou em Roran, que a abraçou. Ao mesmo tempo, eles se agarraram um ao outro enquanto as pessoas se amontoavam, oferecendo

condolências, conselhos, dando parabéns e desaprovando tudo aquilo. Apesar da comoção, Roran não queria saber de mais nada a não ser da mulher que estava abraçando e que o abraçava.

Naquele momento, Elain correu alvoroçada, o mais rápido que sua gravidez permitia.

- Oh, pobrezinha! - exclamou ela, abraçando Katrina, enquanto a tirava dos braços de Roran. - E verdade que vocês estão noivos? - Katrina acenou positivamente e sorriu, então irrompeu num choro histérico encostada ao ombro de Elain. - Calma, calma. - Elain acolheu Katrina delicadamente, afagando-a e tentando acalmá-la, mas sem sucesso. Toda vez que Roran pensava que ela estava prestes a se recuperar, Katrina começava a chorar novamente, com intensidade renovada. Por fim, Elain olhou por sobre o ombro trêmulo da amiga e disse: - Estou levando-a de volta para casa.

- Eu vou junto.

- Não vai não - retrucou Elain. - Ela precisa de algum tempo para se acalmar, e você tem trabalho a fazer. Quer um conselho? - Roran acenou em silêncio com a cabeça. - Fique longe dela até o anoitecer. Garanto que até lá ela estará recuperada. E poderá se juntar aos outros amanhã. - Sem esperar pela resposta dele, Elain conduziu a soluçante Katrina para longe da muralha de árvores adelgaçadas.

Roran se ergueu com as mãos pendendo displicentemente nas laterais do corpo, sentindo-se confuso e impotente. *O que fizemos?* Lamentou não ter revelado seu noivado para Sloan antes. Lamentava que ele e Sloan não pudessem unir esforços para proteger Katrina do Império. E lamentava que Katrina tivesse sido forçada a renunciar a sua única família por causa dele. Roran, agora, era duplamente responsável por seu bem-estar. Eles não tinham escolha a não ser casarem. *Transformei tudo isso numa grande confusão.* Suspirou e cerrou o punho, estremecendo enquanto os nós dos seus dedos se alongavam.

- Como você está? - perguntou Baldor, vindo para seu lado. Roran deu um sorriso forçado.

- As coisas não foram exatamente como eu esperava. Sloan perde a razão quando se trata da Espinha.

- E de Katrina.

- Também. Eu... - Roran ficou em silêncio quando Loring parou diante deles.

- Isso que você fez foi uma verdadeira *tolice!* - resmungou o sapateiro, torcendo o nariz. Depois ele levantou o queixo, sorriu e expôs seus dentes malcuidados. - Mas espero que você e a garota tenham toda a sorte possível. - Ele balançou a cabeça. - Vocês vão precisar, Martelo Forte!

- Todos precisaremos - vociferou Thane assim que passou ao lado dos dois.

Loring acenou com a mão.

- Bah, seu rabugento. Ouça, Roran. Eu vivo em Carvahall há muitos, muitos anos e, pela minha experiência, é melhor que isso tenha acontecido *agora* do que num momento em que estivéssemos todos seguros e bem acomodados.

Baldor concordou acenando com a cabeça, mas Roran perguntou:

- Por quê?

- Não é óbvio? Normalmente, você e Katrina seriam alvos de fofocas durante nove meses seguidos. - Loring colocou o dedo na lateral do - Mas dessa maneira, vocês dois logo serão esquecidos em meio a nariz. Além d o mais que está acontecendo, e até poderão ter um pouco de paz. Roran franziu a testa.

- Preferia que estivessem falando da minha vida do que ter esses profanadores acampados na estrada.

- Como todos nós. Ainda assim, é algo pelo qual você precisa se sentir grato, e todos nós precisamos nos sentir gratos por alguma coisa... especialmente quando você estiver casado. - Loring deu uma gargalhada e apontou para Roran. - Seu rosto ficou roxo, garoto!

Roran resmungou e começou a recolher as coisas de Katrina que estavam espalhadas pelo chão. Enquanto o fazia, era interrompido por comentários de quem quer que passasse por perto - nenhum deles ajudava a acalmar seus nervos.

- Ordinários - murmurou para si próprio depois de um comentário especialmente hostil.

Embora a expedição para a Espinha tivesse se atrasado por causa da cena incomum que os habitantes do vilarejo testemunharam, a caravana

de gente e burros só começou a subir a trilha aberta na lateral da montanha Narnmor até o topo das cataratas Igualda um pouco depois da metade da manhã. Era uma escalada íngreme e necessariamente lenta, por causa das crianças e do tamanho das cargas.

Roran passou a maior parte do seu tempo preso atrás de Calitha - a esposa de Thane - e de seus cinco filhos. Ele não estava se importando, pois isso lhe dava a oportunidade de cuidar da sua panturrilha ferida e de avaliar minuciosamente os acontecimentos recentes. Ficou perturbado por causa do confronto com Sloan. *Pelo menos, consolou-se, Katrina não iria ficar muito mais tempo em Carvahall.* Roran estava convencido, do fundo do coração, que o vilarejo logo seria tomado. Era uma idéia preocupante, porém inevitável.

Ele parou depois de percorrer três quartos do caminho até a montanha e se recostou numa árvore enquanto admirava a vista aérea do vale Palancar. Roran tentou avistar o acampamento dos Ra'zac - sabia que estava logo à esquerda do rio Anora e da estrada para o sul - mas não a como distinguir nem ao menos uma coluna de fumaça.

Roran ouviu o estrondo que faziam as cataratas Igualda bem antes delas surgirem. As quedas apareciam para todo o mundo igual a uma enorme crina branca, como neve que encapelava-se e se jogava do topo escarpado de Narnmor em direção ao vale oitocentos metros abaixo. A pesada torrente fazia várias curvas, em diversas direções, enquanto caía, como resultado da ação de diferentes rajadas de vento.

Passada a saliência de um rochedo esverdeado, onde o rio Anora se lançava pelo ar, descia um vale estreito e profundo repleto de anêmonas, que caía finalmente numa ampla clareira guardada de um lado por uma pilha de seixos, Roran percebeu que aqueles que estavam à frente da procissão já haviam começado a montar acampamento. A floresta ressoava com o choro e os gritos das crianças.

Ao tirar a saca das costas, Roran desamarrou um machado que estava em cima e depois começou a cortar a vegetação rasteira do local junto com alguns outros homens. Quando terminaram, começaram a cortar árvores suficientes para cercar o acampamento. O aroma da seiva do pinheiro encheu o ar. Roran trabalhava rapidamente, as lascas de madeira voavam de acordo com seu movimento rítmico.

Na hora em que as fortificações foram concluídas, o acampamento já havia sido levantado com dezessete tendas de lã, quatro pequenas fogueiras para cozinhar e expressões abatidas tanto das pessoas como dos burros. Ninguém queria partir, ninguém queria ficar.

Roran vistoriou os meninos e velhos que seguravam lanças, e pensou, *Tanta experiência e tão pouca. Os vovôs sabem como lidar com ursos e coisas do gênero, mas será que os netos têm força de fato para isso?* Até que ele notou um brilho vigoroso nos olhos das mulheres e percebeu que, ao mesmo tempo em que podiam segurar um bebê ou se manterem ocupadas cuidando de um braço arranhado, seus próprios escudos e lanças nunca estavam longe de seu alcance. Roran sorriu. *Talvez... talvez ainda tenhamos esperança.*

Ele viu Nolfavrell sentado sozinho numa tora - olhando em direção ao vale Palancar - e se juntou ao garoto, que o encarou com seriedade.

- Você já está indo embora? - perguntou Nolfavrell. Roran assentiu com a cabeça, impressionado com o equilíbrio e determinação do rapaz. - Você vai fazer o melhor que puder, não, para matar os Ra'zac e vingar o meu pai? Eu o faria, mas mamãe diz que eu tenho de proteger meus irmãos e irmãs.

- Eu mesmo vou lhe trazer suas cabeças, se puder - prometeu Roran.

O queixo do menino tremeu.

- Isso é bom!

- Nolfavrell... - hesitou Roran como se estivesse procurando as lavras certas. - Você é o único por aqui, além de mim, que já matou homem. Isso não quer dizer que somos melhores ou piores do que qualquer um, mas significa que posso confiar em você para lutar com perícia caso vocês sejam atacados. Quando Katrina vier para cá amanhã, você me garante que ela será bem protegida?

O peito de Nolfavrell se encheu de orgulho.

- Vou vigiá-la onde quer que ela vá! - Mas depois ele parecia arrependido. - Quer dizer... quando não tiver que zelar pela...

Roran entendeu.

- Oh, a sua família vem primeiro. Mas talvez Katrina possa ficar na tenda junto com os seus irmãos e irmãs.

- Sim - afirmou o garoto, lentamente. - Sim, acho que isso daria certo. Pode contar comigo.

- Obrigado. - Roran bateu no ombro do rapaz. Poderia ter feito tal pedido para um homem mais velho e capaz, mas os adultos estavam muito ocupados com suas responsabilidades para defender Katrina como ele esperava. Nolfavrell, no entanto, teria a oportunidade e a disposição para se certificar de que ela ficaria segura. *Ele pode ficar no meu lugar enquanto estivermos separados.* Roran ficou ali de pé enquanto Birgit se aproximava.

Olhando-o de frente, ela disse:

- Vamos, é hora. - Depois disso ela abraçou seu filho e continuou a seguir em direção às cataratas junto com Roran e os outros habitantes do vilarejo que voltariam para Carvahall. Atrás deles, todos os que ficaram no pequeno acampamento se aglomeraram perto das árvores derrubadas e olharam desamparados por entre suas barras de madeira.

O ROSTO DO SEU INIMIGO

Enquanto Roran continuava a fazer o seu trabalho ao longo do resto do dia, sentia o esvaziamento de Carvahall no fundo da alma. Era como se uma parte de si próprio tivesse sido arrancada e escondida na Espinha. E sem as crianças, o vilarejo agora parecia um acampamento militar. A mudança pareceu ter deixado todos mais implacáveis e soturnos.

Quando o sol finalmente se pôs na garganta da Espinha, Roran subiu a colina que dava na casa de Horst. Parou diante da porta da frente, colocou a mão na maçaneta, mas permaneceu ali, sem ter como entrar. *Por que isso me apavora mais do que lutar?*

No fim das contas, desistiu de entrar por ali e foi até a lateral da casa, onde se enfiou cozinha adentro e, para seu desânimo, viu Elain tricotando num dos lados da mesa, falando com Katrina, à sua frente. Ambas se viraram em sua direção e Roran deixou escapar uma pergunta:

- Você... você está bem? Katrina foi até ele.

- Estou ótima. - Ela sorriu suavemente. - Foi um choque terrível para o meu pai... quando... - A moça abaixou a cabeça por um instante. -

Elain foi maravilhosa comigo. Ela concordou em me emprestar o quarto de Baldor para passar a noite.

- Fico feliz em saber que você está melhor - disse Roran. Ele a abraçou, tentando transmitir todo o seu amor e adoração naquele simples toque.

Elain terminou seu trabalho de tricô.

- Venha logo. O sol se pôs, e é hora de você ir para a cama, Katrina. Roran, relutante, largou Katrina, que lhe deu um beijo no rosto e disse:

- Vejo você pela manhã.

Ele começou a segui-la, mas parou quando Elain falou num tom corrosivo:

- Roran. - Seu rosto delicado estampava uma expressão severa e firme.

- Sim?

Elain esperou ambos escutarem o ranger das escadas que indicava Katrina fora do alcance de suas vozes.

- Espero que você sustente todas as promessas que fez para aquela rota pois, se não o fizer, convocarei uma assembléia e farei com que você seja exilado em uma semana. Roran ficou aturdido.

- É claro que eu estava falando sério. Eu a amo.

- Katrina abandonou tudo o que tinha e gostava por sua causa. - Elain o encarou com um olhar resolutivo. - Já vi homens que lançam o seu afeto sobre jovens donzelas, como se jogam grãos para galinhas. Tais donzelas suspiram, choram e acreditam que são especiais, contudo, para os homens, isso não passa de um mero passatempo divertido. Você sempre foi honesto, Roran, mas os quadris de uma moça podem transformar até mesmo a pessoa mais sensível num bobo saltitante ou numa raposa astuta e perniciosa. Você é uma delas? Pois Katrina não precisa de um bobo, de um malandro, e nem mesmo de amor, o que ela necessita é de alguém que possa sustentá-la. Se você a abandonar, ela se sentirá a pessoa mais humilhada de Carvahall, forçada a viver longe de seus amigos, nossa primeira e única mendiga. Pelo sangue que corre em minhas veias, não vou deixar isso acontecer.

- Nem eu deixaria - protestou Roran. - Eu teria de ser alguém sem coração, ou pior, para fazer isso.

Elain sacudiu o queixo.

- Exatamente. Não se esqueça de que você pretende casar com uma mulher que perdeu seus dotes e a herança de sua mãe. Você entende o que significa para Katrina perder a sua herança? Ela não tem prataria, roupas de cama e mesa, renda, e nenhuma daquelas coisas que são Necessárias para cuidar bem de um lar. Tais itens são tudo o que possuímos, passados de mãe para filha desde o dia em que nos estabelecemos na Alagaësia. Eles determinam o nosso valor. Uma mulher sem sua herança é como... é como...

- Como um homem sem uma fazenda ou um negócio - afirmou Roran.

- Exatamente. Foi cruel da parte de Sloan negar a Katrina sua herança, mas isso não pode mais ser evitado. Tanto você quanto ela não possuem dinheiro ou recursos. A vida já é difícil o bastante sem essa privação adicional. Vocês estarão começando do nada e sem nada. Será que perspectiva o apavora ou lhe parece insuportável? Por isso lhe pergunto mais uma vez... e não minta, senão vocês dois se lamentarão disso pelo resto de suas vidas... você irá cuidar dela sem má vontade ou ressentimento?

- Sim.

Elain suspirou e encheu duas xícaras de barro com cidra de uma moringa pendurada entre as vigas. Ela ofereceu uma para Roran enquanto se sentava à mesa.

- Então sugiro que você se dedique à tarefa de repor a casa e a herança de Katrina, de modo que ela e quaisquer filhas que ambos venham a ter possam andar sem ter vergonha entre as mulheres de Carvahall.

Roran deu um gole na cidra fresca.

- Se é que vamos viver tanto tempo.

- É. - Ela jogou para trás uma das tranças do seu cabelo louro e balançou a cabeça. - Você optou por um caminho difícil, Roran.

- Tinha de assegurar que Katrina deixaria Carvahall. Elain levantou uma sobancelha.

- Assim foi. Bem, não vou discutir isso, mas por que diabos você não falou com Sloan sobre o seu noivado antes da manhã de hoje? Quando Horst falou com o meu pai, ele deu doze ovelhas, uma porca e oito pares de castiçais forjados a ferro para a minha família antes de saber qual a resposta de meus

pais. É assim que a coisa tem de ser feita. Com certeza, você poderia ter pensado numa estratégia melhor do que agredir o seu futuro sogro.

Uma risada dolorosa saiu da boca de Roran.

- Eu poderia tê-lo feito, mas parecia que a hora certa nunca chegava com todos esses ataques.

- Os Ra'zac já não nos atacam há quase seis dias. Ele franziu a testa.

- Não, mas... foi... ah, não sei! - Ele bateu com o punho na mesa, cheio de frustração.

Elain largou a xícara e segurou as mãos do amigo.

- Se você conseguir resolver essa rixa entre você e Sloan *agora*, antes que anos de ressentimento se acumulem, sua vida com Katrina será muito, mas muito mais fácil. Amanhã pela manhã você devia ir até a casa dele e implorar pelo seu perdão.

- Não implorarei nada. Não a ele.

- Roran, ouça-me. Para se ter paz na sua família, vale até um mês pedindo perdão. Sei por experiência, brigar não serve para nada a não ser para deixar você mais infeliz.

- Sloan odeia a Espinha. Ele não terá nada para tratar comigo.

- Porém, você precisa tentar - disse Elain sinceramente. - Mesmo se ele rejeitar as suas desculpas, pelo menos você não poderá ser culpado por tentar. Se você ama Katrina, então engula o seu orgulho e faça o que é certo para ela. Não faça com que ela sofra por causa do seu erro. - Ela terminou sua cidra, usou um elmo de aço para apagar as velas, e deixou Roran sentado sozinho no escuro.

Alguns minutos se passaram antes que Roran resolvesse se mexer. Ele estendeu um braço e ficou tateando a beirada do balcão até sentir o vão da porta e pôr-se a subir a escada apoiando os dedos nas paredes entalhadas para manter o equilíbrio. Em seu quarto, tirou a roupa e se jogou na cama.

Enquanto abraçava seu travesseiro forrado com lã, Roran ficou ouvindo os sons leves que vagavam pela casa durante a noite: o arrastar de um rato no sótão e seus guinchos intermitentes, o ranger das vigas de madeira que esfriavam durante a noite, o sussurro e a carícia do vento na verga da sua janela e... e o ruído de chinelos andando pelo corredor do lado de

fora de seu quarto.

Ele ficou olhando enquanto o trinco acima da maçaneta era tirado do seu gancho e a porta se movia lentamente fazendo um ruído de protesto. Até que parou. Um vulto adentrou o recinto, a porta se fechou e Roran sentiu uma cortina de cabelos roçando o seu rosto, na altura dos lábios, como se fossem pétalas de rosa. Ele suspirou.

Katrina.

Uma trovoadas violenta acordou Roran.

A luz brilhou em seu rosto enquanto ele lutava para recobrar a consciência, como se fosse um mergulhador desesperado para atingir à superfície. Abriu os olhos e viu um buraco aberto em sua porta. Seis soldados entraram pela fenda larga, seguidos pelos dois Ra'zac, que pareciam encher o quarto com sua presença medonha. Uma espada foi encostada no pescoço de Roran. Ao lado dele, Katrina gritava e puxava os cobertores para si.

- *De pé* - ordenaram os Ra'zac. Roran se levantou cautelosamente. Seu coração parecia que iria explodir dentro do peito. - Amarrem suas mãos e levem-no.

Assim que um dos soldados se aproximou de Roran com a corda, Katrina berrou e pulou sobre os homens, mordendo-os e arranhando-os furiosamente. Suas unhas afiadas abriram sulcos em seus rostos, fazendo brotar rios de sangue que cegaram os malditos soldados.

Roran se ajoelhou com uma só perna, e pegou seu martelo que estava no chão, para depois firmar os pés, girar o martelo sobre sua cabeça e rugir como um urso. Os soldados se jogaram sobre ele numa tentativa de subjugá-lo pelo número, mas de nada adiantou: Katrina estava em perigo e ele era invencível. Escudos se dobraram sob os seus golpes, brigandinas e cota de malha se rasgaram sob sua arma impiedosa e os elmos afundaram. Dois homens ficaram feridos e três caíram para não se levantar nunca mais.

O clangor e o alarido haviam despertado a casa, Roran ouviu vagamente Horst e seus filhos gritando na sala. Os Ra'zac sibilavam um para o outro, depois avançaram rapidamente e pegaram Katrina com uma força inumana, levantando-a do chão enquanto saíam do quarto.

- *Roran!* - gritou ela.

Reunindo forças, ele passou pelos dois homens que sobraram,

derrubando-os. Entrou cambaleando na sala e viu os Ra'zac saindo por uma janela. Roran se lançou na direção dos dois e chegou a atingir o último Ra'zac, na hora em que ele estava prestes a descer pelo peitoril da janela. Impulsionando-se para cima, o Ra'zac pegou o pulso de Roran no meio do ar e chilreou de alegria, projetando seu hálito fétido contra o rosto dele.

- Ssssim! É vocccê que nósss queremossss!

Roran se retorceu todo para tentar se libertar, mas o Ra'zac não saiu do lugar. Com sua mão livre, Roran golpeou a cabeça e os ombros da criatura - que eram duros como ferro. Desesperado e enfurecido, agarrou a ponta do capuz do Ra'zac e o puxou para trás, expondo suas feições.

Um rosto medonho e atormentado gritou em sua direção. A pele era preta e brilhosa, como a carapaça de um besouro. A cabeça era calva. Cada olho sem pálpebra tinha o tamanho de um punho cerrado e brilhava como um globo ocular de hematita polida, sem íris ou pupila. No lugar do nariz, da boca e do queixo, um bico grosso preso a uma ponta afiada que estalava sobre uma língua púrpura e farpada.

Roran berrou e prendeu os calcanhares nas laterais da moldura da janela, lutando para se livrar da monstruosidade, mas o Ra'zac, inexoravelmente, o puxou para fora da casa. Ele pôde ver Katrina no chão, ainda gritando e lutando.

Assim que os joelhos de Roran se dobraram, Horst apareceu ao seu lado e envolveu o peito do amigo com o braço, abraçando-o e mantendo-o onde estava.

- Alguém vá pegar uma lança! - bradou o ferreiro. Ele rosnou, e as veias do seu pescoço ficaram salientes por causa do esforço para segurar - Vai ser preciso algo mais forte do que essas crias do demônio para nos superar!

Então o Ra'zac deu um puxão final e, ao ver que não conseguiu tirar Roran do lugar, levantou a cabeça e disse:

- Vocccê é *nosssso*! - Ele deu um bote numa velocidade ofuscante e Roran berrou quando sentiu o bico do Ra'zac agarrando seu ombro direito rasgando sua musculatura. Seu pulso quebrou ao mesmo tempo. Com uma gargalhada maliciosa, que mais parecia um cacarejo, o Ra'zac o soltou e caiu para trás no meio da noite.

Horst e Roran caíram um em cima do outro no corredor.

- Eles estão com Katrina - suspirou Roran. Sua visão tremeu e escureceu enquanto ele tentava se levantar apoiado no braço esquerdo. O direito estava impreciso. Albriech e Baldor saíram do seu quarto, falando inarticuladamente. Só havia cadáveres atrás deles. *Agora são oito assassinados por mim.* Roran pegou seu martelo de volta e saiu cambaleando pela sala até ver que Elain, com sua roupa branca de dormir, estava bloqueando o seu caminho.

Ela o encarava com os olhos arregalados, então pegou o braço dele e o empurrou sobre um baú de madeira que estava encostado na parede.

- Você precisa ver Gertrude. -Mas...

- Acabará desmaiando se não estancar esse sangramento.

Ele olhou para baixo, à direita, e viu que seu corpo estava ensopado de vermelho.

- Temos que resgatar Katrina antes que... - Ele apertava os dentes enquanto a dor oscilava - eles façam alguma coisa com ela.

- Ele tem razão, não podemos esperar - afirmou Horst, assomando-se sobre os dois. - Encha-o de bandagens o melhor que puder, em seguida iremos. - Elain franziu os lábios e correu para o armário onde estavam as roupas de cama. Ela voltou com alguns farrapos, amarrou-os firmemente em volta do ombro rasgado e do pulso fraturado. Enquanto isso, Albriech e Baldor remexeram nos cadáveres dos soldados e pegaram as armaduras e as espadas dos soldados. Horst se contentou com apenas uma lança.

Elain colocou as mãos no peito de Horst e disse:

— Tenham cuidado. - E olhou para seus filhos. - Todos vocês.

- Ficaremos bem, mãe - prometeu Albriech. Ela deu um sorriso forçado e os beijou no rosto.

Deixaram a casa e correram para os limites de Carvahall, onde descobriram que a muralha de árvores havia sido destruída e o vigia, Byrd, assassinado. Baldor se agachou e examinou o corpo, para depois dizer com a voz abafada:

- Ele foi apunhalado pelas costas. - Roran mal o ouviu devido à forte palpitação em seus ouvidos. Tonto, ele se recostou numa casa e ofegou em busca de ar.

- Ei, quem vem aí?

Vindos de seus postos no perímetro de Carvahall, os outros vigias se reuniram em volta de seu compatriota assassinado, formando um amontoado de lanternas fechadas. Num tom de voz calmo, Horst descreveu o ataque e explicou qual era a situação de Katrina.

- Quem vai nos ajudar? - perguntou ele. Depois de uma rápida discussão, cinco homens concordaram em acompanhá-los, o resto ficaria para vigiar a brecha na muralha e despertar os moradores do vilarejo.

Levantando-se de onde estava encostado, Roran andou rapidamente para encabeçar o grupo enquanto este seguia pelos campos, descendo o vale, em direção ao acampamento dos Ra'zac. Cada passo era uma agonia, contudo isso não tinha importância, nada importava a não ser Katrina. Deu um passo em falso e Horst, sem falar nada, o pegou.

A oitocentos metros de Carvahall, Ivor avistou um sentinela num morrote, o que os obrigou a dar uma volta grande. Algumas centenas de metros mais adiante, o brilho rubro das tochas ficou visível. Roran ergueu seu braço bom para que todos avançassem mais lentamente, e depois começaram a se esquivar e rastejar no meio da grama, assustando um coelho. Os homens seguiam Roran enquanto ele abria caminho até a beira de uma plantação de amentilhos, onde ele parou e abriu a cortina de pedúnculos para observar os treze soldados que restavam.

Onde ela está?

Ao contrário de quando eles lá chegaram pela primeira vez, os soldados pareciam emburrados e famintos, suas armas destruídas e suas armaduras amassadas. A maior parte deles usava bandagens que estavam manchadas de sangue seco. Os homens estavam reunidos, de frente para os dois Ra'zac - ambos agora estavam encapuzados - em torno de uma fogueira baixa.

Um dos homens gritava:

-... quase metade de nós foi morta por um bando de roedores inatos com cérebro de moluscos que não conseguem distinguir um pique de uma machadinha ou encontrar a ponta de uma espada, mesmo se estiver enfiada nas suas tripas, porque *vocês* não têm metade da sensibilidade que o rapaz que carrega o estandarte tem! Não me importa se Galbatorix lambe as suas botas até elas ficarem limpas, não faremos nada até que tenhamos um novo

comandante. - Os homens acenaram com a cabeça. - Um que seja *humano*.

- Sssério? - perguntou um dos Ra'zac, delicadamente.

- Já nos cansamos de receber ordens de corcundas como vocês, com todos os seus estalidos e apitando feito bules de chá... isso nos deixa doentes! E não sei o que vocês fizeram com Sardson, mas se ficarem por aqui mais uma noite, enfiaremos aço dentro de vocês e descobriremos se sangram também. Vocês podem deixar a garota, contudo, ela será...

O homem não teve chance de continuar, pois o Ra'zac maior pulou por cima da fogueira e caiu sobre os seus ombros, como se fosse um corvo gigante. Gritando, o soldado caiu devido ao peso do oponente. Ele tentou sacar sua espada, mas o Ra'zac bicou seu pescoço duas vezes e o sujeito se calou.

- Temos de enfrentar *aquilo*? - murmurou Ivor por trás de Roran. Os soldados permaneceram chocados e congelados enquanto os dois Ra'zac se afastaram do pescoço do cadáver. Quando as criaturas negras se ergueram, ambas esfregaram as mãos nodosas, como se as estivessem lavando, e disseram:

- Sssim. Nósss iremosss. Fiquem ssse quissserem, osss reforçççoss devem chegar em poucoss diasss. - Os Ra'zac jogaram as cabeças para trás e começaram a uivar para o céu, os gritos iam ficando cada vez mais agudos até ultrapassarem o alcance da audição.

Roran também levantou os olhos. A princípio ele não viu nada, mas então um horror inominável o arrebatou enquanto duas sombras farpadas apareceram bem acima da Espinha, eclipsando as estrelas. Elas avançavam rapidamente, ficando cada vez maiores até turvar metade do céu com sua presença agourenta. Um vento impuro circulou por toda a região, trazendo junto com ele um miasma sulfuroso que fez Roran tossir e ficar com ânsia de vômito.

Os soldados foram igualmente afetados, seus palavrões ecoavam enquanto usavam mangas e lenços para cobrir os narizes.

Acima deles, as sombras pararam e então começaram a flutuar bem baixo, circundando o acampamento tal como uma cúpula de trevas ameaçadoras. As tochas pálidas bruxuleavam e ameaçavam se extinguir, contudo forneciam luz suficiente para revelar as duas bestas que

desciam em meio às tendas.

Seus corpos estavam nus e não possuíam pelos - como ratos recém-nascidos - tinham uma pele de couro cinzenta esticada em volta dos peitos e das barrigas. Na aparência, eles se assemelhavam a cães famintos, exceto pelas patas traseiras que eram suficientemente inchadas de músculos para quebrar uma pedra grande e arredondada. Um penacho curto se estendia pela parte de trás de suas cabeças delgadas, no lado oposto havia um bico longo, reto e escuro feito para atravessar as vítimas, e olhos frios e bulbosos iguais aos dos Ra'zac. Dos seus ombros e costas brotavam asas enormes que faziam o ar gemer sob o seu peso.

Jogados no chão, os soldados se agachavam e escondiam seu rosto dos monstros. Uma inteligência terrível e estranha emanava das criaturas, evidenciando uma raça bem mais velha e poderosa do que os humanos. Roran subitamente temeu que sua missão pudesse falhar. Atrás dele, Horst sussurrava para os homens, incitando-os a ficarem onde estavam e permanecerem escondidos, caso contrário poderiam acabar sendo assassinados.

Os Ra'zac se curvaram para as criaturas, para depois se enfiarem numa tenda e voltarem carregando Katrina - que estava amarrada com cordas - e conduzindo Sloan. O açougueiro andava livremente.

Roran ficou olhando a cena, incapaz de compreender como Sloan havia sido capturado. *Sua casa não fica nem um pouco perto da de Horst.* Até que lhe veio algo:

- Ele nos traiu - disse Roran estupefato. Seu punho apertou lentamente o cabo do seu martelo enquanto a verdadeira face tenebrosa da situação explodia em seu íntimo. - *Ele matou Byrd e nos traiu!* - Lágrimas furiosas correram pelo seu rosto.

- Roran - murmurou Horst, agachado ao seu lado. - Não podemos atacar agora, eles iriam nos massacrar. Roran... você está me ouvindo?

Ele não ouviu nada, a não ser um sussurro à distância, enquanto via o Ra'zac menor pular sobre uma das feras, acima dos seus ombros, e depois pegar Katrina no momento em que o outro Ra'zac a jogou para cima. Sloan parecia perturbado e amedrontado naquele momento. Começou a discutir com os Ra'zac, balançando a cabeça e apontando para o chão.

Finalmente, o Ra'zac o atingiu em cheio na boca, deixando-o inconsciente. Ao montar na segunda fera, com o açougueiro pendurado no ombro, o Ra'zac de maior estatura declarou:

- Voltaremosss asssssim que for ssseguro. Matem o garoto que sssuasss vidasss chegarão ao fim. - Depois disso, as montarias flexionaram suas enormes coxas e pularam para o céu, tornando-se mais uma vez sombras sob um campo de estrelas.

Não restaram palavras ou emoções para Roran. Ele estava completamente arrasado. Tudo o que restava era matar os soldados. Ele se levantou e ergueu o martelo, como se estivesse se preparando para atacar mas, mas quando deu o primeiro passo, sua cabeça começou a palpitar junto com ombro ferido, o chão desapareceu numa explosão de luz e o guerreiro tombou inconsciente.

FLECHA NO CORAÇÃO

Cada dia desde a saída do entreposto de Ceris era um sonho nebuloso de tardes quentes em que se remava pelo lago Eldor e depois pelo rio Gaena. Em torno deles, a água gorgolejava através do túnel de pinheiros verdejantes que se enredavam cada vez mais fundo em Du Weldenvarden.

Eragon se via viajando com elfos encantadores. Nan e Lifaen estavam sempre sorrindo, gargalhando e entoando canções, especialmente quando Saphira estava por perto. Raramente olhavam para outra coisa ou falavam sobre outro assunto a não ser ela quando estavam em sua presença.

No entanto, os elfos não eram humanos, apesar da aparência similar. Eles se moviam com muita rapidez e fluidez para criaturas feitas de carne e sangue. E quando falavam, normalmente se valiam de expressões indiretas e de aforismos que deixavam Eragon mais confuso do que quando começaram. Em meio às suas explosões de alegria, Lifaen e Narí às vezes ficavam horas em silêncio, observando os arredores com um brilho embevecido e sereno em seus rostos. Se Eragon e Orík tentassem conversar com eles durante sua contemplação, recebiam apenas uma ou duas palavras como resposta.

Isso fez com que Eragon valorizasse o quanto Arya era franca e

direta. De fato, ela parecia um tanto embaraçada quando estava perto de Lifaen e Nari, como se não tivesse mais certeza de como se comportar perante os seus iguais.

Da proa da canoa, Lifaen olhou para trás e disse:

- Diga-me, Eragon-finiarel... O que a sua gente canta nestes tempos tenebrosos? Lembro-me das epopéias e das baladas que ouvi em Ilirea... sagas falando dos seus reis e condes... mas isso foi há muito, mas muito tempo e as lembranças são como flores murchas na minha mente. Que novas obras a sua gente criou? - Eragon franziu a testa enquanto tentava se lembrar dos nomes das histórias que Brom havia recitado. Quando Lifaen as ouviu, ele balançou a cabeça tristemente e afirmou: - Muita coisa foi perdida. Nenhuma balada da corte sobreviveu e, para falar a verdade, nem boa parte da sua história ou arte, exceto pelos contos fantásticos que Galbatorix permitiu que florescessem.

- Brom chegou a nos falar da queda dos Cavaleiros - disse Eragon defensivamente. A imagem de um veado saltando sobre toros apodrecidos manifestou-se repentinamente por trás de seus olhos, vinda de Saphira, que havia saído para caçar.

- Ah um homem valente. - Durante um minuto, Lifaen remou silenciosamente. - Nós também cantamos sobre a Queda... mas é raro. A maior parte de nós estava viva quando Vrael foi aniquilado, e ainda sofremos por causa de nossas cidades incendiadas... os lírios vermelhos de Éwayéna, os cristais de Luthivira... e pelas nossas famílias assassinadas. O tempo não pode atenuar a dor dessas feridas, nem mesmo se milhares de quilômetros de anos se passarem e o próprio sol morrer, deixando o mundo flutuar numa noite eterna. Orik resmungou mais ao fundo.

- Os anões sentem da mesma forma. Lembre-se, elfo, perdemos um clã inteiro para Galbatorix.

- E nós perdemos o nosso rei, Evandar.

- Nunca ouvi falar disso - surpreendeu-se Eragon.

Lifaen acenou com a cabeça enquanto os conduzia em torno de uma pedra submersa.

- Poucos souberam. Brom poderia ter lhe contado, ele estava lá quando o golpe fatal foi desferido. Antes da morte de Vrael, os elfos

enfrentaram Galbatorix na planície de Ilirea em nossa tentativa final de derrotá-lo. Lá, Evandar...

- Onde fica Ilirea? - perguntou Eragon.

- E Urü'baen, garoto - disse Orik. - Era uma cidade elfa. Sem se deixar perturbar pela interrupção, Lifaen prosseguiu:

- Como você diz, Ilirea era uma de nossas cidades. Nós a abandonamos durante a nossa guerra com os dragões, e então, séculos depois, os humanos a adotaram como sua capital, depois que o rei Palancar foi exilado.

Eragon disse:

- Rei Palancar? Quem foi ele? Foi por sua causa que o vale Palancar ganhou esse nome?

Desta vez o elfo se virou e o encarou, achando graça.

- Você tem tantas perguntas quanto folhas numa árvore, Argetlam. - Brom era da mesma opinião.

Liraen sorriu e deteve-se, como se quisesse reunir seus pensamentos.

- Quando seus ancestrais chegaram à Alagaësia, há oitocentos anos, vagaram por toda a sua extensão, buscando um lugar adequado para viver. No fim das contas, acabaram se instalando no vale Palancar, que ainda não tinha esse nome, como se fosse uma das poucas localidades defensáveis que nós e os anões ainda não havíamos reivindicado. Lá, o seu rei, Palancar, começou a construir um poderoso estado. O elfo hesitou:

- Numa tentativa de expandir suas fronteiras, ele declarou guerra contra nós, embora não tivéssemos feito nenhuma provocação. Três vezes ele atacou e três vezes levamos a melhor. Nossa força amedrontou os nobres de Palancar e eles rogaram para que seu soberano promovesse a paz. Ele ignorou o Conselho. Depois disso, os lordes se aproximaram de nós com um tratado, que assinamos sem o conhecimento do rei. Com a nossa ajuda, Palancar foi usurpado e banido, mas ele, sua família e seus súditos se recusaram a deixar o vale. Como não tínhamos o desejo de assassiná-los, construímos a torre de Ristvak'baen para que os Cavaleiros pudessem zelar por Palancar e garantir que ele jamais subisse ao poder ou atacasse mais alguém na Alagaësia.

Lifaen fez mais uma pausa.

- Pouco tempo depois, Palancar foi morto por um filho que não quis esperar pelo curso da natureza. Conseqüentemente, a política familiar passou a consistir de assassinato, traição e outras depravações, reduzindo a casa de Palancar a uma sombra de sua antiga grandeza. No entanto, seus descendentes jamais partiram e o sangue dos reis ainda corre em Therinsford e Carvahall.

- Entendo - disse Eragon.

Lifaen levantou uma de suas sobrancelhas escuras.

- Entende mesmo? Isso tem um significado muito maior do que você pode pensar. Foi esse acontecimento que convenceu Anurin, o antecessor de Vrael na função de líder dos Cavaleiros, a permitir que os humanos se tornassem Cavaleiros, para evitar disputas similares.

Orik deu uma gargalhada que mais parecia um latido.

- Isso deve ter gerado alguma discussão.

- Foi uma decisão impopular - admitiu Lifaen. - Mesmo agora, alguns questionam a sua legitimidade. Causou tal discordância entre Anurin e a rainha Dellanir que ele se retirou do seu governo e estabeleceu os Cavaleiros em Vroengard como uma entidade independente.

- Mas se os Cavaleiros estavam separados do nosso governo, então como puderam manter a paz, como era esperado que fizessem? - perguntou Eragon.

- Eles não puderam - respondeu Lifaen. - Não até a rainha Dellanir perceber a sabedoria de ter os Cavaleiros livres de qualquer rei ou senhor restaurar seu acesso à Du Weldenvarden. Ainda assim, não lhe agradava o fato de que qualquer autoridade pudesse suplantar a sua. Eragon franziu a testa.

- Mas não foi esse o problema todo?

- Sim... e não. Os Cavaleiros deviam impedir as quedas dos diferentes governos e raças, contudo, quem vigiava os vigilantes? Foi esse exato problema que provocou a Queda. Não existia ninguém que pudesse discernir as falhas do próprio sistema dos Cavaleiros, pois eles estavam acima do escrutínio e, por isso, acabaram perecendo.

Eragon acariciava a água - primeiro de um lado, depois de outro - enquanto pensava nas palavras de Lifaen. Seu remo trepidava em suas mãos

enquanto cortava a corrente diagonalmente.

- Quem sucedeu Dellanir como rei ou rainha?

- Evandar. Ele assumiu esse trono complicado há quinhentos anos, quando Dellanir abdicou para estudar os mistérios da magia, e o manteve até sua morte. Agora, sua companheira, Islanzadí, nos governa.

- Isso é... - Eragon parou com a boca aberta. Ele ia dizer *impossível*, mas depois percebeu como tal afirmação soaria ridícula. Em vez disso, perguntou: - Os elfos são imortais?

Numa voz suave, Lifaen afirmou:

- Antes, nós éramos como vocês, radiantes, fugazes e tão efêmeros como o orvalho da manhã. Agora, nossas vidas se estendem interminavelmente pelos anos aborrecidos. Sim, somos imortais, embora ainda sejamos vulneráveis a ataques da carne.

- Vocês *se tornaram* imortais? Como? - O elfo se recusava a entrar em detalhes, embora Eragon o pressionasse. Finalmente, Eragon perguntou.

- Quantos anos tem Arya?

Lifaen voltou seus olhos resplandecentes em sua direção, sondando Eragon com uma intensidade desconcertante.

- Arya? Qual é o seu interesse nela?

- Eu... - Eragon hesitou, subitamente incerto de suas intenções. Sua atração por Arya era complicada pelo fato de ela ser uma elfa e por sua idade, qualquer que fosse, ser muito maior que sua. *Ela deve me ver como uma criança.* - Não sei - disse ele honestamente. - Mas ela salvou tanto a minha vida quanto a de Saphira, e estou curioso para saber mais sobre a dela.

- Sinto-me envergonhado - disse Lifaen, pronunciando cada palavra cuidadosamente - por estar fazendo tal pergunta. Entre aqueles da nossa espécie, é insultuoso se intrometer nos assuntos de um semelhante... Só posso dizer, e acredito que Orík concorde comigo, que você faria bem em resguardar seus sentimentos, Argetlam. Agora não é a hora de se apaixonar, nem seria conveniente neste caso.

- Isso mesmo - resmungou Orík.

O calor se espalhava por Eragon enquanto o sangue lhe subia ao rosto, como sebo quente derretendo em seu interior. Antes que pudesse retrucar, Saphira entrou em sua mente e disse, *Agora é hora de você guardar*

a sua língua. Eles querem o seu bem. Não os insulte.

Ele respirou fundo e tentou fazer com que o seu embaraço se dissipasse. *Você concorda com eles?*

Acredito, Eragon, que você está cheio de amor e que está procurando alguém para corresponder ao seu afeto. Não há vergonha nenhuma nisso.

Ele se esforçou para digerir suas palavras, até finalmente se pronunciar. *Você irá voltar logo?*

Agora estou a caminho.

Voltando sua atenção para os arredores, Eragon percebeu que o elfo e o anão o observavam.

-- Entendo a sua preocupação... e ainda gostaria de ter a minha pergunta respondida.

Lifaen hesitou por pouco tempo.

- Arya é bem jovem. Ela nasceu um ano antes da destruição dos Cavaleiros.

Cem anos! Embora esperasse uma resposta como essa, ainda assim Eragon estava chocado. Escondeu sua reação atrás de um rosto inexpressivo, pensando, *Ela poderia ter bisnetos mais velhos do que eu!* Ele ficou pensando sobre o assunto durante alguns minutos e depois, para se distrair, disse:

- Você mencionou que os humanos descobriram a Alagaësia há oitocentos anos. Contudo, Brom disse que chegamos três séculos depois que os Cavaleiros se formaram, e isso se deu há milhares de anos.

- Dois mil setecentos e quatro anos, pelas nossas contas - declarou Orik. - Brom estava certo, se você considerar um navio com vinte guerreiros a "chegada" dos humanos na Alagaësia. Eles aportaram no sul, onde agora está Surda. Nós nos encontramos enquanto eles exploravam e trocavam presentes, mas depois eles partiram e não vimos outro humano durante quase dois milênios, ou até o rei Palancar chegar com uma frota a reboque. Os humanos haviam se esquecido completamente de nós àquela altura, exceto por histórias vagas sobre homens peludos das montanhas que caçavam crianças durante a noite. Ora!

- Você sabe de onde Palancar veio? - perguntou Eragon.

Orik franziu a testa e mordeu a ponta do seu bigode, para depois balançar a cabeça.

- Nossas histórias dizem apenas que sua terra natal era bem mais para o sul, além das Beor, e que seu êxodo foi resultado da guerra e da fome.

Entusiasmado, Eragon deixou escapar algo:

- Então devem haver países por aí que poderiam nos ajudar a enfrentar Galbatorix.

- Possivelmente - afirmou Orik. - Mas eles seriam difíceis de encontrar, até mesmo montado nas costas de um dragão, e duvido que você falaria a sua língua. Quem gostaria de nos ajudar, então? Os Varden têm pouco para oferecer a outro país, e é muito difícil fazer um exército se deslocar de Farthen Dûr para Urû'baen, quanto mais trazer forças de centenas, senão milhares de quilômetros de distância.

- De qualquer maneira, não poderíamos cedê-lo - disse Lifaen para Eragon.

- Eu ainda... - Eragon parou de falar assim que Saphira começou a pairar sobre o rio, seguida por um curioso bando de pardais e melros que queriam afastá-la de seus ninhos. Ao mesmo tempo, um coro de guinchos e chilros brotava da massa de esquilos escondidos no meio dos galhos das árvores.

Lifaen sorriu e gritou:

- Não é maravilhoso? Ver como suas escamas refletem a luz! Nenhum tesouro do mundo pode se equiparar a essa visão. - Exclamações semelhantes ditas por Narí fluíram por todo o rio.

- E insuportável, é isso que é - murmurou Orik por trás de sua barba. Eragon ocultou um sorriso, embora concordasse com o anão. Os elfos não se cansavam de elogiar Saphira.

Não há nada errado com alguns elogios, disse Saphira. Ela aterrissou espirrando uma quantidade gigantesca de água para todo lado e submergiu a cabeça para esquivar-se de um pardal que mergulhava.

E claro que não, afirmou Eragon.

Saphira o fitou por debaixo d'água. *Isso foi sarcasmo da sua parte?*

Ele deu uma risadinha e deixou para lá. Olhando para o outro barco, Eragon ficou vendo Arya remar. Suas costas perfeitamente retas, seu rosto impenetrável enquanto ela flutuava através de teias de luz mosqueada sob árvores musgosas. Ela parecia tão triste e sóbria que o fazia querer

confortá-la.

- Lifaen - perguntou Eragon suavemente, de modo que Orík não ouvisse -, por que Arya está tão... infeliz? Você e...

Os ombros de Lifaen endureceram por debaixo da túnica avermelhada e ele sussurrou tão baixinho, que Eragon mal pôde ouvir.

- Sentimo-nos honrados por servir a Arya Drottningu. Ela já sofreu mais do que você pode imaginar em favor de nossa gente. Celebramos com muita alegria o que ela realizou com Saphira, e choramos nos nossos sonhos por seu sacrifício... e sua perda. Porém, suas tristezas são só dela, e não posso revelá-las sem a sua permissão.

Enquanto Eragon se sentava diante da fogueira do acampamento noturno, afagando um pedaço de musgo que parecia pêlo de coelho, ele ouviu uma comoção vinda do fundo da floresta. Depois de trocar olhares com Saphira e Orík, se arrastou em direção ao som, brandindo Zar'roc.

Eragon parou na beira de um desfiladeiro e olhou para o outro lado, onde um gerifalte com a asa quebrada se agitava no meio de um canteiro de arbustos. A ave de rapina gelou quando o viu, para depois abrir o bico e dar um grito penetrante.

Que destino terrível, não ser capaz de voar, disse Saphira.

Quando Arya chegou, olhou para o gerifalte, apontou o arco, puxou a corda e, com uma mira infalível, acertou bem no peito do animal. A princípio, Eragon achou que ela tinha feito isso por causa de comida, mas ela não esboçou qualquer movimento para recuperar tanto a flecha quanto a ave.

- Por quê? - perguntou ele.

Com uma expressão inflexível, Arya afrouxou a corda do arco.

- O bicho estava ferido demais para que eu pudesse curá-lo e iria morrer hoje ou amanhã. Assim é a natureza das coisas. Impedi que ele tivesse horas de sofrimento.

Saphira baixou a cabeça e tocou o ombro de Arya com seu focinho, depois voltou para o acampamento, enquanto sua cauda roçava a casca das árvores. Assim que Eragon começou a segui-las, sentiu Orík puxar a manga de sua camisa e se agachou para ouvir o anão dizer em voz baixa:

- Nunca peça ajuda para um elfo, eles podem decidir que você estará melhor morto, hein?

A INVOCAÇÃO DO DAGSHELGR

Embora estivesse cansado do esforço do dia anterior, Eragon se obrigou a levantar antes do amanhecer numa tentativa de pegar um dos elfos dormindo. Havia se tornado um jogo para ele descobrir quando os elfos levantavam - ou se eles não dormiam de modo algum - como se ainda tivesse que ver qualquer um deles com os olhos fechados. Hoje não era exceção.

- Bom-dia - disseram Nari e Lifaen acima dele. Eragon jogou o pescoço para trás e viu que cada um deles estava em pé no galho de um pinheiro, a mais de quinze metros do chão. Pulando de galho em galho com uma graça felina, os elfos saltaram para o chão ao seu lado.

- Ficamos de vigília - explicou Lifaen.

- Por quê?

Arya saiu de trás de uma árvore e afirmou:

- Por causa dos meus medos. Du Weldenvarden possui muitos mistérios e perigos, especialmente para um Cavaleiro. Moramos aqui por milhares de anos, e antigos encantos ainda se prolongam em lugares inesperados, a magia permeia o ar, a água e a terra. Em alguns lugares, ela afetou os animais. Às vezes, criaturas estranhas são vistas perambulando pela floresta e não são todas amigáveis.

- Será que elas são... - Eragon parou assim que sua gedwëy ignasia começou a pinicar. O martelo de prata no colar que Gannel havia lhe dado começou a esquentar em seu peito e ele sentiu o encanto do amuleto sugar a sua força.

Alguém estava tentando observá-lo através de um cristal.

Será Galbatorix?, perguntou ele, amedrontado. Eragon apertou o colar e o puxou para fora de sua túnica, pronto para arrancá-lo caso ficasse fraco demais. Do outro lado do acampamento, Saphira correu para o seu lado, animando-o com suas próprias reservas de energia.

Um instante depois, o calor começou a se dissipar do martelo, deixando-o frio contra a pele de Eragon. Ele bateu o pingente com força na

palma de sua mão e em seguida o enfiou sob as roupas, depois do que Saphira disse, *Nossos inimigos estão a nossa cata.*

Inimigos? Será que não podia ser alguém em Du Vrangr Gata?

Acho que Hrothgar teria dito a Nasuada que ele ordenou a Gannel o encantamento desse colar para você... A idéia pode ter vindo dela.

Arya franziu a testa quando Eragon explicou o que ocorrera.

- Isso torna ainda mais importante que alcancemos Ellesméra rapidamente, para que o seu treinamento possa se reiniciar. Os acontecimentos na Alagaësia estão se dando a passo acelerado, e temo que você não tenha tempo adequado para os seus estudos.

Eragon queria discutir a questão mais profundamente, mas perdeu a oportunidade na pressa de deixar o acampamento. Assim que as canoas foram carregadas e o fogo apagado, continuaram a avançar pelo rio Gaena.

Estavam na água há apenas uma hora quando Eragon notou que o rio estava ficando mais largo e profundo. Poucos minutos depois, as canoas encontraram uma cachoeira que enchia Du Weldenwarden com seu ressoar pulsante. A catarata tinha cerca de trinta metros de altura e descia por uma superfície de pedra com uma saliência impossível de ser transposta.

- Como vamos passar por isso? - Ele já podia sentir os borrifos gelados em seu rosto.

Lifaen apontou para a margem esquerda, a alguma distância da queda d'água, onde uma trilha havia sido aberta até o cume da cordilheira.

- Temos de carregar nossas canoas e suprimentos por três quilômetros, até o rio ficar mais calmo.

Os cinco desamarraram os pacotes que estavam socados entre os assentos das canoas e dividiram os suprimentos em pilhas dentro de suas sacas.

- Aaarrg! - exclamou Eragon, enquanto levantava a sua carga. Era duas vezes mais pesada do que a que ele normalmente carregava quando viajava a pé.

Eu poderia voar com a carga rio acima para vocês... toda ela, ofereceu-se Saphira, rastejando sobre a margem enlameada e sacudindo o corpo para se secar.

Quando Eragon repetiu sua sugestão, Lifaen parecia horrorizado.

- Jamais sonharíamos em usar um dragão como animal de carga. Isso iria desonrá-la, Saphira... e a Eragon como Shur'tgal... e iria envergonhar a nossa hospitalidade.

Saphira resfolegou, e uma coluna de fumaça saiu de suas narinas, vaporizando a superfície do rio e criando uma nuvem de vapor. *Isso é um absurdo.* Passando por Eragon com uma de suas patas escamosas, usou suas garras para engancha as correias dos pacotes e depois levantou vôo por sobre suas cabeças. *Peguem-me se forem capazes!*

O soar de uma gargalhada penetrante quebrou o silêncio, como se fosse o trinado de um tordo. Estupefato, Eragon se virou e olhou para Arya. Era a primeira vez que ele a ouvia rindo, amou o som. Ela sorria para Lifaen.

- Você tem muito a aprender se ousa dizer para um dragão o que ele pode ou não pode fazer.

- Mas a desonra...

- Não é nenhuma desonra se Saphira está fazendo isso de livre e espontânea vontade - assegurou Arya. - Agora vamos embora antes que percamos mais tempo.

Na esperança de que o esforço não fosse provocar a dor em suas costas, Eragon pegou sua canoa com Lifaen e a colocou sobre os ombros. Ele foi forçado a contar com o elfo para guiá-lo ao longo da trilha, já que só conseguia ver o solo sob os seus pés.

Uma hora depois, chegaram ao cume do espinhaço e marcharam além das águas brancas e perigosas onde o rio Gaena ficava mais uma vez calmo e vítreo. Esperando por eles estava Saphira, ocupada pegando peixes nos baixios, enfiando sua cabeça triangular dentro d'água como se fosse uma garça.

Arya a chamou e falou para ela e para Eragon:

- Depois da próxima curva está o lago Ardwen e, em sua margem oeste, Silthrim, uma de nossas maiores cidades. Depois, uma vasta expansão de florestas ainda irá nos separar de Ellesméra. Encontraremos muitos elfos perto de Silthrim. No entanto, não quero que nenhum de vocês seja visto até falarmos com a rainha Islanzadí.

Por quê?, perguntou Saphira, repetindo os pensamentos de Eragon. Com seu sotaque musical, Arya respondeu:

- Sua presença representa uma grande e terrível mudança para o nosso reino, e tais mudanças são perigosas a não ser que sejam promovidas com muito cuidado. A rainha deve ser a primeira pessoa a se encontrar com vocês. Só ela tem a autoridade e a sabedoria para supervisionar essa transição.

- Você a tem em alto conceito - comentou Eragon.

Ao ouvir suas palavras, Nari e Lifaen pararam e ficaram observando Arya com um olhar cauteloso. O rosto dela ficou pálido, até que a elfa se recompôs, altiva.

- Ela nos liderou bem... Eragon, sei que carrega uma capa com capuz de Tronjheim. Até que estejamos livres de possíveis observadores, você poderia usá-la e manter sua cabeça coberta para que ninguém possa ver as suas orelhas arredondadas e saber que você é humano? - Ele acenou afirmativamente. - E, Saphira, você poderia se esconder durante o dia e nos alcançar à noite. Ajihad me disse que foi isso que você fez no Império.

E odiei cada momento, rugiu ela.

- E só por hoje e amanhã. Depois disso, estaremos longe o bastante de Sílthrim e não teremos que nos preocupar com a possibilidade de encontrar alguém importante - prometeu Arya.

Saphira virou seus olhos azuis-celestes para Eragon. *Quando escapamos do Império, jurei que ficaria sempre perto o bastante para proteger você. Toda vez que eu sumo, coisas ruins acontecem: Yazuac, Daret, Dras-Leona, os traficantes de escravos.*

Não em Teirm.

Você sabe o que eu quero dizer! Estou especialmente avessa a deixá-lo, já que você não tem como se defender com suas costas feridas.

Acredito que Arya e os outros me manterão em segurança. Você não?

Saphira hesitou. *Confio em Arya.* Ela lhe deu as costas, se afastou, andou no barranco acima, sentou-se por um minuto, e depois voltou. *Muito bem.* Ela transmitiu sua aceitação para Arya, e acrescentou. *Mas só vou esperar até a noite de amanhã, aparecerei mesmo se na hora vocês estiverem no meio de Sílthrim.*

- Entendo - disse Arya. - Você ainda precisa ter cuidado quando voar depois de anoitecer, já que os elfos conseguem enxergar bem nas noites mais escuras. Se você for vista por acaso, poderá ser atacada por meio de magia.

Maravilhoso, comentou Saphira.

Enquanto Orík e os elfos recarregavam os barcos, Eragon e Saphira exploraram a floresta sombria, buscando um lugar adequado para servir de esconderijo. Eles se acomodaram num buraco seco com rochas fragmentadas nas bordas e coberto por um manto de folhas de pinheiro que eram agradavelmente macias sob os pés. Saphira se enrolou no chão e acenou com a cabeça. *Pode ir. Vou ficar bem.*

Eragon abraçou o seu pescoço - esquivando-se com cuidado dos espinhos pontudos - e depois partiu relutante, olhando para trás. Ao chegar ao rio, cobriu a cabeça com o capuz antes de retomar sua jornada.

O ar estava parado quando o lago Ardwen surgiu no horizonte e, como resultado, o vasto manto aquático era liso e plano, um espelho perfeito para as árvores e as nuvens. A ilusão era tão impecável, que Eragon sentiu como se estivesse olhando através de uma janela para um outro mundo e, se continuassem seguindo em frente, as canoas cairiam incessantemente por dentro do céu refletido. Ele estremeceu com tal pensamento.

Na distância enevoadá, inúmeros barcos brancos feitos com casca de Vidoeiro se lançavam como se fossem heterópteros ao longo de ambas as margens, impelidos a velocidades incríveis pela força dos elfos. Eragon mantinha a cabeça abaixada e puxava a ponta do capuz para se certificar de que ele cobria o seu rosto.

Seu elo mental com Saphira foi ficando cada vez mais tênue conforme eles se afastavam, até que apenas um fragmento de pensamento os conectava. À noite ele não conseguia mais sentir a sua presença, mesmo concentrando-se ao extremo. De repente, Du Weldenvarden parecia muito mais isolada e abandonada.

Enquanto a escuridão ia aumentando, um feixe de luzes brancas -colocadas ao longo de toda a altura entre as árvores - brotava a um quilômetro e meio. As faíscas brilhavam com o esplendor prateado da lua cheia, lúgubre e misteriosa no meio da noite.

- Lá está Silthrim - disse Lifaen.

Com um leve esguichar, um barco negro passou por eles na direção oposta, acompanhado por um murmúrio de "Kvetha Fricai" do elfo que estava pilotando.

Arya encostou sua canoa ao lado da de Eragon.

- Vamos parar aqui hoje à noite.

Montaram acampamento a uma certa distância do lago Ardwen, onde o chão era seco o suficiente para dormir. As ferozes nuvens de mosquitos forçaram Arya a lançar um encanto para poderem jantar com um relativo conforto.

Depois, os cinco se sentaram em volta da fogueira, e ficaram olhando para as chamas douradas. Eragon recostou sua cabeça numa árvore e viu um meteoro rasgando o céu. Suas pálpebras estavam prestes a se fechar quando uma voz de mulher começou a flutuar no meio da floresta, vindo de Sílthrim, um leve murmúrio que roçou o interior do seu ouvido como uma pena. Franziu a testa e se ergueu, tentando ouvir melhor o tênue sussurro.

Como um filete de fumaça que engrossa quando brota uma chama recém-nascida e se inflama para a vida, a voz também foi ficando mais forte até a floresta suspirar com uma melodia provocante e envolvente, que se projetava e se escondia numa entrega desenfreada. Mais vozes se juntaram àquela canção misteriosa, enfeitando o tema original com uma centena de variações. O próprio ar parecia emitir uma luz trêmula por causa da trama daquela música tempestuosa.

A melodia excêntrica enviava rajadas de júbilo e medo pela espinha de Eragon, nublava os seus sentidos, tragando-o para dentro da noite aveludada. Seduzido pelas notas que o perseguiam, ele se levantou, pronto para seguir pela floresta até encontrar a origem das vozes, pronto para dançar entre as árvores e os musgos, qualquer coisa para que pudesse se juntar à festança dos elfos. Mas antes que ele pudesse se mover, Arya o pegou pelo braço e o virou para que a encarasse.

- Eragon! Limpe a sua mente! - Ele lutou em vão para se livrar das garras da companheira de jornada. - Eyddr eyreya onr! - Esvazie os seus ouvidos! - Tudo ficou em silêncio então, como se ele tivesse ficado surdo. Eragon parou de lutar e olhou em volta, tentando imaginar o que havia acontecido. Do outro lado do fogo, Lifaen e Narí lutavam com Orík sem fazer barulho.

Eragon observava a boca de Arya se mover enquanto ela falava, até que o som voltou ao mundo com um *estalo*, embora ele não pudesse mais

ouvir a música.

- O quê...? - perguntou, confuso.

- Larguem-me - resmungava Orik. Lifaen e Nari levantaram suas mãos e se afastaram.

- Perdão, Orik-vodhr - disse Lifaen. Arya olhou na direção de Silthrim.

- Eu contei errado os dias. Não queria estar em lugar algum perto de uma cidade durante o Dagshelgr. Nossas saturnais, nossas celebrações, são perigosas para os mortais. Cantamos na língua antiga, e as letras tecem encantos de paixão e desejo aos quais é difícil resistir, mesmo para nós.

Nari estava agitado e impaciente.

- Devíamos estar num bosque.

- Devíamos - concordou Arya -, mas cumpriremos nosso dever e esperaremos.

Abalado, Eragon se sentou perto do fogo, desejando que Saphira estivesse por perto, ele tinha certeza de que a amiga teria protegido sua mente da influência da música.

- Para que serve o Dagshelgr? - perguntou.

Arya se juntou a ele no chão, cruzando suas longas pernas.

- É para manter a floresta saudável e fértil. Toda primavera, nós cantamos para as árvores, para as plantas e para os animais. Sem a nossa presença Du Weldenvarden teria metade do seu tamanho. - Como se para enfatizar o que ela havia dito, aves, cervos, esquilos vermelhos e cinzentos texugos de pele listrada, raposas, coelhos, lobos, sapos, rãs, tartarugas e todos os outros animais que havia por perto deixaram suas tocas e começaram a correr loucamente produzindo uma dissonância de uivos e gritos. - Eles estão atrás de parceiros - explicou Arya. - Por toda Du Weldenvarden, em cada uma de nossas cidades, os elfos estão cantando esta canção. Quantos mais de nós participarmos, mais forte é o encanto, e maior será Du Weldenvarden este ano.

Eragon jogou sua mão para trás enquanto um trio de ouriços rolava perto da sua coxa. A floresta inteira murmurava. *Eu adentrei o reino das fadas*, pensou, enquanto abraçava o corpo.

Orik se aproximou da fogueira e ergueu a voz por sobre o clamor.

- Pela minha barba e o meu machado, eu não serei controlado contra a minha vontade pela magia. Se isso acontecer novamente, Arya, juro pelo cinto de pedra de Helzvog que voltarei para Farthen dŭr e vocês terão de lidar com a ira de Durgrimst Ingeitum.

- Não era a minha intenção que vocês passassem pelo Dagshelgr - disse Arya. - Peço desculpas pelo meu erro. No entanto, embora eu os esteja protegendo desse encanto, vocês não poderão escapar da magia em Du Weldenvarden, ela permeia tudo.

- Contanto que ela não dê um nó na minha mente. - Orik balançou a cabeça e apalpou o cabo do seu machado enquanto olhava para as silhuetas das feras que se moviam com dificuldade no meio da escuridão, além da luz do fogo.

Ninguém dormiu naquela noite. Eragon e Orik permaneceram acordados devido ao ruído contínuo e medonho e aos animais que iam de encontro às suas tendas, e por causa dos elfos, pois ainda ouviam a canção. Lifaen e Narí ficaram andando em círculos intermináveis, enquanto Arya olhava em direção a Sílthrim com uma expressão faminta, sua pele fulva estava pálida e tesa na altura dos málares.

Depois de quatro horas no meio daquela profusão de som e movimento, Saphira desceu do céu, com os olhos cintilando e um aspecto esquisito. Tremeu e arqueou o pescoço, ofegando com as mandíbulas abertas. *A floresta, disse ela, está viva. E eu estou viva. Meu sangue queima como nunca antes. Queima como o seu queima quando pensa em Arya. Eu... entendo!*

Eragon colocou a mão em seu ombro, sentindo os tremores que torturavam o seu corpo, as laterais vibravam enquanto ela zumbia junto com a música. Ela se prendeu ao chão com suas garras de marfim, seus músculos serpenteavam e se apertavam num esforço supremo para permanecer imóvel. A ponta de sua cauda se contraía como se ela estivesse prestes a atacar.

Arya se levantou e se juntou a Eragon do outro lado de Saphira. A elfa também colocou uma das mãos no ombro do dragão, e os três ficaram olhando para a escuridão, unidos numa corrente viva.

Quando amanheceu, a primeira coisa que Eragon notou foi que todas as árvores agora tinham botões verdes e brilhantes nas pontas de seus ramos. Ele se curvou e examinou os arbustos aos seus pés e descobriu que

todas as plantas, grandes e pequenas, haviam crescido de um jeito novo durante a noite. A floresta vibrava com a perfeição de suas cores, tudo era suntuoso, fresco e limpo. O ar rescendia como se tivesse acabado de chover.

Saphira se sacudiu ao lado de Eragon e disse: *A febre passou, sou eu mesma novamente. Foram tantas coisas que senti... era como se o mundo estivesse nascendo novamente e eu estava ajudando a criá-lo com o fogo nos meus membros.*

Como você está? Por dentro, quero dizer.

Vou precisar de algum tempo para entender o que vivenciei.

Desde que a música cessou, Arya retirou o encanto de Eragon e Orik. E disse:

- Lifaen. Narí. Vão à Silthrim e arrumem cavalos para nós cinco. Não podemos andar daqui até Ellesméra. Além disso, alerte a capitã Damítha de que Ceris precisa de reforços.

Narí se curvou.

- E o que diremos quando ela perguntar por que desertamos do nosso posto?

- Diga a ela que aquilo que outrora esperava... e temia... ocorreu, o dragão mordeu a sua própria cauda. Ela vai entender.

Os dois elfos seguiram para Silthrim depois que as embarcações foram esvaziadas. Três horas depois, Eragon ouviu um galho se partir e levantou os olhos para vê-los voltando pelo meio da floresta sobre garanhões brancos e altivos, que iam na frente de outras quatro montarias idênticas. Os magníficos quadrúpedes seguiam em meio às árvores de um jeito sinistramente furtivo, e seus pêlos brilhavam à luz esmeralda do crepúsculo. Nenhum deles usava selas ou arreios.

- Blöthr, blöthr - murmurou Lifaen, e seu cavalo parou, batendo com seus cascos negros no chão.

- Todos os seus cavalos são tão nobres quanto estes? - perguntou Eragon. Ele se aproximou de um deles cautelosamente, maravilhado com a sua beleza. Os animais eram apenas um pouco mais altos do que pôneis, o que tornava mais fácil a tarefa de seguir entre os troncos de árvores muito próximos. Não pareceram ter ficados apavorados com a presença de Saphira.

- Nem todos - riu Narí, jogando seu cabelo prateado para o lado -,

mas a maioria. Nós os criamos há muitos séculos.

- Como é que eu vou andar num deles? Arya explicou:

- Um cavalo elfo responde instantaneamente a comandos na língua antiga, diga aonde você quer ir que ele irá levá-lo. No entanto, não o trate com violência ou palavras ásperas, pois eles não são nossos escravos, e sim nossos amigos e parceiros. Só irão carregá-lo enquanto consentirem, é um grande privilégio poder montar um desses. Só consegui proteger o ovo de Saphira do Espectro porque nossos cavalos sentiram que algo estava errado e pararam antes que chegássemos à emboscada que tinha sido armada... Eles não deixarão você cair, a não ser que se jogue deliberadamente, e estão preparados para optar pelo caminho mais rápido e seguro no meio de um terreno perigoso. Os Feldünost dos anões são assim.

- Razão você tem - grunhiu Orik. - Um Feldunost pode subir e descer um despenhadeiro com você sem se machucar. Mas como poderemos carregar comida e tudo o mais sem selas? Eu não andarei num desses com uma saca cheia nas costas.

Lifaen jogou uma pilha de sacas de couro aos pés de Orik e apontou para o sexto cavalo.

- E nem terá de fazê-lo.

Levou meia hora para arrumar todos os suprimentos dentro das sacas e empilhá-las, formando um montículo cheio de protuberâncias nas costas do cavalo. Depois disso, Narí disse para Eragon e Orik as palavras para guiar os cavalos:

- *Ganga fram* para seguir em frente, *blöthr* para parar, *hlaupa* se você precisar correr, e *ganga aptr* para voltar. Você poderá dar instruções mais precisas se souber um pouco mais de linguagem antiga. - Ele guiou Eragon até um dos cavalos e prosseguiu: - Este é Folkvír. Estenda a sua mão.

Eragon o fez e o garanhão bufou, dilatando suas narinas. Folkvír cheirou a palma da mão do Cavaleiro e depois a tocou com seu focinho, permitindo que Eragon acariciasse o seu pescoço grosso.

- Muito bem - disse Narí, parecendo satisfeito. O elfo fez Orik proceder da mesma forma com o cavalo seguinte.

Assim que Eragon montou em Folkvír, Saphira se aproximou. Ele levantou os olhos em sua direção, e notou o quanto ela ainda estava abalada

por causa da noite. *Só mais um dia*, disse ele.

Eragon... Ela fez uma pausa. *Pensei numa coisa enquanto estava sob a influência do encanto dos elfos, algo que sempre considerei como de pouca consequência, mas que agora se assoma dentro de mim como uma montanha de terror negro: Toda criatura, não importa o quanto seja pura ou monstruosa, possui um parceiro da sua espécie. Contudo eu não tenho nenhum.* Ela estremeceu e fechou os olhos. *Sob esse aspecto, eu estou sozinha.*

Suas afirmações lembraram a Eragon que ela tinha pouco mais do que oito meses de idade. Na maioria das ocasiões, sua juventude não ficava à mostra - devido à influência de seus instintos e lembranças hereditárias - mas, nesta seara, ela era muito mais inexperiente do que ele com suas ineficazes tentativas de engatar romances em Carvahall e Tronjheim. A compaixão brotava dentro de Eragon, mas ele a suprimiu antes que pudesse vazar através do seu elo mental. Saphira só sentiria desprezo por tal emoção: não poderia resolver o seu problema nem fazê-la sentir-se melhor. Em vez disso, ele disse: *Galbatorix ainda tem dois ovos de dragão. Durante a nossa primeira audiência com Hrothgar, você mencionou que gostaria de resgatá-los. Se pudermos...*

Saphira bufou amargamente. *Pode levar anos, e mesmo se recuperássemos os ovos, não tenho garantias de que iriam romper, que seriam de um macho ou de que iríamos combinar. O destino abandonou a minha raça à extinção.* Ela bateu o rabo com frustração, quebrando uma árvore nova ao meio. Corria o risco de chorar a qualquer momento.

O que posso dizer?, perguntou ele, perturbado com sua angústia. *Você não pode abandonar as esperanças. Ainda tem a chance de encontrar um parceiro, mas precisa ser paciente. Mesmo se não der certo com os ovos de Galbatorix, devem existir dragões em algum lugar deste mundo, assim como existem humanos, elfos e Urgals. No momento em que acabarem as nossas obrigações, eu vou ajudá-la a encontrá-los. Tudo bem?*

Tudo bem, torceu o nariz. Ela estendeu o pescoço para trás e soltou uma baforada de fumaça branca que se dispersou nos galhos altos. *Eu devia me controlar para não deixar minhas emoções me dominarem.*

Que bobagem. Você teria de ser feita de pedra para não sentir. É perfeitamente normal... Mas prometa que você não vai ficar muito tempo se sentindo assim enquanto estiver sozinha.

Ela o encarou com os olhos gigantes azuis-safira. *Não vou.* Ele ficou enternecido enquanto sentia a sua gratidão pela confiança restabelecida e pelo companheirismo. Inclinando-se para fora de Folkvîr, ele colocou a mão sobre seu rosto áspero e o segurou por um instante. *Vá em frente, pequenino,* murmurou ela. *Vejo você mais tarde.*

Eragon detestava deixá-la em tal estado. Ele entrou relutante no meio da floresta com Orik e os elfos, seguindo para oeste na direção do coração de Du Weldenvarden. Depois de passar uma hora meditando sobre a situação de Saphira, ele a mencionou para Arya.

Linhas sutis deixaram a testa de Arya franzida.

- É um dos maiores crimes de Galbatorix. Não sei se existe uma solução, mas podemos ter esperança. Temos de ter esperança.

A CIDADE DOS PINHEIROS

Eragon já estava em Du Weldenvarden há tanto tempo que havia começado a ansiar por clareiras, campos ou até mesmo por uma montanha, em vez dos intermináveis troncos de árvores e escassa vegetação rasteira. Seus vôos com Saphira não proporcionaram descanso nenhum, pois só revelavam montanhas cheias de vegetação espinhenta que agitava-se continuamente por uma área imensa como um mar verdejante.

Muitas vezes, os galhos eram tão grossos e altos que era impossível dizer onde o sol nascia e se punha. Isso, combinado com o repetitivo cenário, deixou Eragon desesperadamente perdido, não importava quantas vezes Arya ou Lifaen se davam ao trabalho de lhe mostrar os pontos da bússola. Se não fosse pelos elfos, ele sabia que poderia ficar vagando em Du Weldenvarden pelo resto da vida sem jamais encontrar uma saída.

Quando chovia, as nuvens e as copas frondosas os lançavam na mais profunda escuridão, como se eles estivessem sendo sepultados bem no fundo da terra. A água que caía ficava retida nas folhas dos pinheiros para depois ficar gotejando e pingando de uns trinta metros ou mais sobre suas cabeças, como se fossem umas mil pequenas cachoeiras. Nessas horas, Arya costumava evocar uma esfera ardente de magia verde que flutuava sobre a

sua mão direita e fornecia a única luz naquela floresta cavernosa. Chegavam a parar e se amontoar debaixo de uma árvore até a tempestade diminuir, mas mesmo assim a água retida na miríade de galhos, à menor provocação, os banhava com gotículas durante horas depois.

Enquanto eles seguiam mais fundo para dentro do coração de Du Weldenvarden, as árvores iam ficando mais grossas e altas, assim como cada vez mais separadas para acomodar a crescente extensão de seus galhos. Os troncos - meras toras marrons erguidas até o teto, manchado e turvado pelas sombras e cheio de arcos que serviam como suportes - tinham mais de sessenta metros de altura, eram mais altos do que qualquer árvore na Espinha ou nas Beor. Eragon mediu com passos a circunferência de uma árvore e constatou ter ela mais de vinte metros.

Quando mencionou o fato para Arya, ela acenou positivamente com a cabeça e disse:

- Isso significa que estamos perto de Ellesméra. - Ela estendeu o braço e apoiou a mão levemente na raiz retorcida ao seu lado, como se tivesse tocando, com total delicadeza, o ombro de um amigo ou amante. - Estas árvores estão entre as criaturas mais velhas que vivem na Alagaësia. Os elfos as amam desde a primeira vez em que vimos Du Weldenvarden, e fizemos tudo ao nosso alcance para ajudá-las a florescer. - Um leve filete de luz trespassou os galhos esmeralda empoeirados mais acima e pintaram seu braço e seu rosto com ouro líquido, uma visão brilhante e deslumbrante contra o fundo sombrio. - Já viajamos por muito chão juntos, Eragon, mas agora você está prestes a entrar no meu mundo. Ande suavemente, pois a terra e o ar estão pesados de tantas lembranças e nada é o que parece... Não voe com Saphira hoje, pois já demos início a certas defesas que protegem Ellesméra. Não seria inteligente desviar-se da trilha.

Eragon curvou a cabeça em concordância e recuou até Saphira, que estava deitada enrolada sobre um leito de musgos, entretendo-se enquanto soltava colunas de fumaça das narinas e as via se turvando e se perdendo de vista. Sem preâmbulos, ela disse: *Há bastante espaço no chão para mim agora. Não terei dificuldades.*

Bom. Ele montou em Folkvîr e seguiu Orik e os elfos mais para dentro da floresta vazia e silenciosa. Saphira veio se arrastando atrás. Ela e os

cavalos brancos brilhavam naquela lúgubre meia-luz.

Eragon deteve-se, dominado pela beleza solene dos arredores. Tudo tinha um ar de era invernal, como se nada tivesse mudado sob aquele telhado de folhas de pinheiro em mil anos e nada jamais fosse mudar, o próprio tempo parecia ter caído num sono tranquilo do qual nunca mais iria acordar.

No fim da tarde, a escuridão se ergueu e revelou um elfo que estava em pé mais à frente, coberto por um raio de luz brilhante que vinha do teto. Ele usava um manto de caimento elegante, com um aro de prata sobre a sua frente. Seu rosto era velho, nobre e sereno.

- Eragon - murmurou Arya. - Mostre a ele sua palma e seu anel. Descobrimos sua mão direita, Eragon a ergueu para que primeiro o anel de Brom e depois a *gedwéy ignasia* ficassem visíveis. O elfo sorriu, fechou seus olhos e abriu os braços num gesto de boas-vindas. E manteve a postura.

- O caminho está livre - disse Arya. Com um comando suave, seu cavalo seguiu em frente. Eles passaram pelo elfo, contornando-o - como água que se divide na base de um seixo rolado e inclinado para lhe dar escoamento - e quando todos haviam pensado, ele se endireitou, fechou as mãos, e sumiu assim que a luz que o iluminava deixou de existir.

Quem é ele?, perguntou Saphira.

Arya disse:

- Ele é Gilderien o Sábio, Príncipe da Casa *Miolandra*, detentor da Chama Branca de Vándil, e guardião de *Ellesméra* desde os dias da *Du Fyrn Skulblaka*, nossa guerra com os dragões. Ninguém pode entrar na cidade a não ser que ele permita.

Quatrocentos metros depois, a floresta foi se diluindo e brechas começaram a aparecer dentro dos limites da cobertura verde, permitindo que pranchas de luz solar mosqueada bloqueassem o caminho. Então eles passaram por baixo de duas árvores nodosas, encostadas uma na outra, e pararam na beira de uma clareira vazia.

O solo estava cheio de flores espalhadas em densas camadas. De rosas a jacintos e a lírios, o tesouro fugaz da primavera estava amontoado como se fossem pilhas de rubis, safiras ou opalas. Seus aromas inebriantes atraíam hordas de abelhas. À direita, um rio batia atrás de uma fileira de

arbustos, enquanto dois esquilos perseguiam um ao outro em volta de uma pedra.

A princípio, para Eragon, aquele parecia um lugar onde veados poderiam passar a noite. Mas, ao prosseguir sua observação, começou a perceber trilhas escondidas entre os arbustos e as árvores, uma luz suave e quente onde normalmente haveria sombras castanho-avermelhadas, um feitio estranho nas formas dos galhos, dos ramos e das flores, tão sutil que quase escapou à sua percepção - pistas de que o que via não era inteiramente natural. Ele piscou e sua visão subitamente mudou, como se uma lente tivesse sido colocada sobre os seus olhos, reduzindo tudo a formas reconhecíveis. Aquelas eram trilhas, sim. E aquelas eram flores, ora. Mas o que ele havia tomado como uma moita cheia retorcida de protuberâncias era de fato um monte de construções graciosas que se erguiam a partir dos pinheiros.

Uma das árvores tornava-se saliente na base para formar uma casa de dois andares antes de afundar suas raízes na greda. Cada um deles era hexagonal, embora o de cima tivesse a metade do tamanho do primeiro, o que dava à casa a impressão de que havia sido montada em camadas. Os tetos e as paredes eram feitos de chapas de madeira dispostas uma sobre as outras tais como membranas. Musgo e líquen amarelo debruçavam-se no beirai e se dependuravam nas janelas enfeitadas dispostas uma de cada lado. A porta da frente era uma silhueta preta misteriosa oculta debaixo de uma arcada ornada com símbolos.

Outra casa estava aninhada entre três pinheiros, que se uniam a ela uma série de galhos curvados. Reforçada por tais suportes aéreos, a estava disposta em cinco níveis, leves e arejados. Ao seu lado havia um caramanchão feito com madeira de salgueiro e de comiso, no qual estavam penduradas lanternas sem chamas disfarçadas de cecídios.

Cada construção realçava e complementava seus arredores, misturando-se sem emendas com o resto da floresta, até que fosse impossível dizer onde terminavam os artefatos e começava a natureza. Ambos estavam em perfeito equilíbrio. Em vez de controlar o seu meio, os elfos optaram por aceitar o mundo como era e se adaptaram a ele.

Os habitantes de Ellesméra acabaram se revelando num movimento

rápido que passou pela visão periférica de Eragon, não mais do que agulhas se mexendo no meio da brisa. Até que ele vislumbrou mãos, um rosto pálido, um pé calçando sandálias, um braço levantado. Um por um, os elfos precavidos foram aparecendo, com seus olhos amendoados fixados em Saphira, Arya e Eragon.

As mulheres usavam seus cabelos soltos. Eles ondulavam pelas suas costas em cachos negros e prateados, trançados com flores frescas, como se fossem quedas d'água de um jardim. Todas possuíam uma beleza delicada e etérea que não correspondia à sua força inabalável, para Eragon, pareciam perfeitas. Os homens eram igualmente notáveis, com seus malares altos, narizes lindamente modelados e sobrancelhas espessas. Ambos os sexos vestiam túnicas rústicas, verdes e marrons, cujas franjas ostentavam tons de laranja, vermelho e dourado.

De fato é um povo bonito, pensou Eragon. Ele tocou os lábios para cumprimentá-los.

Como se fossem um só, os elfos se curvaram da cintura para baixo. Depois sorriram e gargalharam numa felicidade irrestrita. Do meio deles, uma mulher cantou:

Gala O Wyrda brunhvittr, Abr Berundal vandr-jóáhr, Burthro laufsblādar ekar unâir, Eom kona dauthleikr...

Eragon colocou as mãos nos ouvidos, temendo que a melodia fosse um encanto como o que ele ouvira em Sílthrim, mas Arya balançou a cabeça e levantou as mãos dele.

- Isso não é magia. - Depois ela falou com seu cavalo: - Ganga. - O garanhão relinchou suavemente e se afastou trotando. - Soltem os seus cavalos também. Não vamos mais precisar deles, que merecem descansar em nossos estábulos.

A canção foi crescendo e ficando mais forte enquanto Arya seguia por uma trilha de pedras arredondadas, adornada com pedaços de turmalina esverdeada, que cercava as malvas-rosas, as casas e as árvores, antes de finalmente cruzar um riacho. Os elfos dançavam em volta do grupo enquanto este andava. Passavam rapidamente de um lado para o outro, rindo, e ocasionalmente pulavam de um galho para o outro, sobre suas cabeças. Elogiavam Saphira com nomes como "Garras longas", "Filha do Ar e do Fogo" e

"Poderosa".

Eragon sorria encantado e satisfeito. *Eu poderia viver aqui*, pensou com uma sensação de paz. Entocado em Du Weldenvarden, tanto fora como dentro de casa, protegido do resto do mundo... Sim, ele de fato gostava muito de Ellesméra, mais do que qualquer cidade dos anões. Apontou para uma moradia situada dentro de um pinheiro e perguntou para Arya:

- Como isso é feito?

- Cantamos para a floresta na velha língua e damos a nossa força para que ela cresça do tamanho que desejamos. Todas as nossas construções e ferramentas são feitas dessa maneira.

A trilha terminou numa rede de raízes que formavam degraus, como se fossem meras piscinas de terra. Subiram até uma porta encaixada no meio de uma parede de rebentos. O coração de Eragon acelerou quando a porta se abriu, aparentemente por iniciativa própria, e revelou um corredor de árvores. Centenas de galhos combinados para formar um teto de favos de mel. Abaixo, doze cadeiras estavam dispostas ao longo de cada parede.

Nelas, estavam sentados quatro lordes e vinte damas elfas.

Eram todos sábios e belos, com rostos lisos, sem as marcas dos anos, com olhos penetrantes que cintilavam de excitação. Eles se inclinaram para a frente, agarrando os braços de suas cadeiras, e olharam para o grupo de Eragon com franca admiração e esperança. Ao contrário dos outros elfos, possuíam espadas embainhadas em suas cinturas - cabos enfeitados com berilos e granadas - e argolas enfeitando suas sobrancelhas.

Na cabeceira da assembléia havia um pavilhão branco que protegia um trono de raízes entrelaçadas. A rainha Islanzadí estava sentada nele. Ela era linda como um pôr-do-sol de outono, altiva e soberba, com duas sobrancelhas escuras inclinadas como se fossem asas erguidas, lábios tão brilhantes e vermelhos quanto bagas de azevinho, e um cabelo da meia-noite preso sob um diadema de diamantes. Sua túnica era carmesim. Em volta dos seus quadris havia uma faixa de ouro trançado. E, preso a seu pescoço havia um manto aveludado que caía até o chão em dobras suaves. Apesar de seu semblante imponente, a rainha parecia frágil, como se estivesse ocultando uma grande dor.

Na sua mão esquerda havia um bastão curvo com uma travessa

incrustada. Um corvo de um branco cintilante estava nela empoleirado, arrastando os pés impacientemente. Ele levantou a cabeça e examinou Eragon valendo-se de uma inteligência misteriosa, para depois grasnar longamente em tom baixo e guinchar:

- *Wyrda!* - Eragon estremeceu devido à força daquela única palavra dita de um jeito crepitante.

A porta se fechou atrás dos seis enquanto adentravam o salão e se aproximavam da rainha. Arya se ajoelhou no chão coberto de musgos e se curvou primeiro, seguida por Eragon, Orik, Lifaen e Nari. Até mesmo Saphira, que nunca havia se curvado para ninguém, nem mesmo para Ajihad ou Hrothgar, baixou a cabeça.

Islanzadí se levantou e desceu do trono, com o manto se arrastando às suas costas. Ela parou em frente a Arya, colocou as mãos trêmulas sobre os seus ombros e disse num *vibrato* carregado:

- Levante-se.

Arya o fez, e a rainha examinou o seu rosto com uma intensidade cada vez maior, até que parecesse que ela estava tentando decifrar um texto obscuro.

Finalmente, Islanzadí deu um grito e abraçou Arya, dizendo:

- Oh, minha filha, eu fui injusta com você!

RAINHA ISLANZADÍ

Eragon se ajoelhou na frente da rainha dos elfos e seus conselheiros num salão fantástico feito de troncos de árvores vivas num reino quase mítico, e a única coisa que preenchia sua mente era o choque. *Arya é uma princesa!* De uma certa forma isso fazia sentido - ela sempre possuía um ar de comando -, mas ele lamentava amargamente o fato, pois este colocava mais outra barreira entre ambos, justo quando Eragon pensava em derrubá-las. A informação deixou sua boca com o gosto de cinzas. Lembrava-se da profecia de Angela de que iria amar alguém de estirpe nobre... e do seu aviso de que não conseguia ver se as coisas iriam acabar bem ou mal.

Ele pôde sentir a surpresa da própria Saphira, e depois o seu deleite. Ela disse: *Parece que andamos viajando junto com a realeza sem saber. Por que ela não nos contou? Talvez isso a fosse colocar num perigo ainda maior.*

- Islanzadí Dröttningu - disse Arya formalmente.

A rainha se afastou como se estivesse atormentada e depois repetiu na língua antiga:

- Oh, minha filha, eu fui injusta com você. - Ela cobriu o rosto. - Desde que você desapareceu, eu mal dormi ou comi. Estava preocupada com seu destino e temia jamais vê-la novamente. Bani-la da minha presença foi o maior erro que eu já cometi... Você pode me perdoar?

Os elfos reunidos se agitaram, estupefatos.

A resposta de Arya demorou a vir, mas finalmente ela se pronunciou:

- Durante setenta anos, eu vivi e amei, lutei e matei sem sequer falar com você, minha mãe. Nossas vidas são longas, mas mesmo assim, esse não foi um período curto.

Islanzadí se levantou, erguendo o queixo. Um tremor se espalhou por toda a extensão de seu corpo.

- Eu não posso desfazer o passado, Arya, não importa o quanto eu possa querer fazê-lo.

- E eu não consigo esquecer o que passei.

- Nem deve. - Islanzadí fechou as mãos da filha. - Arya, eu a amo. Você é a minha única família. Vá embora se tiver de ir, mas, a não ser que

queira renunciar a mim, eu me reconciliarei com você.

Durante um momento infinito, parecia que Arya não iria responder, ou pior, rejeitaria a proposta. Eragon a viu hesitando e rapidamente olhou para a sua platéia. Depois, ela baixou os olhos e disse:

- Não mãe. Eu não poderia partir. - Islanzadí deu um sorriso e abraçou a filha novamente. Desta vez, Arya retribuiu o gesto, e sorrisos brotaram entre os elfos que estavam reunidos.

O corvo branco ficou dando saltos em seu poleiro, tagarelando:

- E na porta estava gravado, o que se tornou uma tradição familiar: *Vamos não fazer nada a não ser amar!*

- Quietos, Blagden - disse Islanzadí para o corvo. - Guarde seus versos de pé quebrado para si próprio. - Ao se soltar do abraço, a rainha se voltou para Eragon e Saphira. - Vocês me desculpem por ter sido tão indelicada e ignorá-los, nossos convidados mais importantes.

Eragon tocou seus lábios e depois virou a mão direita sobre o esterno, como Arya lhe havia ensinado.

- Islanzadí Dröttningu. Atra esterní ono thelduin. - Ele não tinha dúvida de que deveria falar primeiro.

Os olhos escuros de Islanzadí se arregalaram.

- Atra du evarínya ono varda.

- Un atra mor'ranr lífa unin hjarta onr - respondeu Eragon, completando o ritual. Ele podia dizer que os elfos foram pegos de surpresa com o conhecimento que ele tinha de seus costumes. Em sua mente, ele ouvia enquanto Saphira repetia seu cumprimento para a rainha.

Quando ela terminou, Islanzadí perguntou:

- Dragão, qual é o seu nome? *Saphira*.

Um lampejo de reconhecimento apareceu na expressão da rainha, mas ela não fez nenhum comentário.

- Bem-vinda à Ellesméra, Saphira. E o seu, Cavaleiro?

- Eragon Matador de Espectros, Vossa Majestade. - Desta vez, um movimento audível fez com que os elfos sentados atrás deles se agitassem, ate mesmo Islanzadí parecia surpresa.

- Você carrega um nome poderoso - disse ela suavemente -, um daqueles que raramente conferimos às nossas crianças... Bem-vindo à

Ellesméra, Eragon Matador de Espectros. Esperamos muito tempo por você. - Ela foi até Orik, cumprimentou-o, depois voltou para o trono e cobriu seu braço com o manto de veludo. - Pela sua presença aqui, Eragon, tão pouco tempo depois do ovo de Saphira ter sido capturado, e pelo anel na sua mão e a espada no seu quadril, suponho que Brom esteja morto e que seu treinamento com ele tenha ficado incompleto. Gostaria de ouvir sua história inteira, incluindo como foi a queda de Brom e como você veio a encontrar minha filha ou como ela o encontrou, tanto faz. Depois vou querer saber da sua missão aqui, anão, e das suas aventuras, Arya, desde a sua emboscada em Du Weldenwarden.

Eragon havia narrado suas experiências antes, por isso ele não tinha nenhum problema em repeti-las para a rainha. Nas poucas ocasiões em que sua memória falhou, Saphira conseguiu oferecer uma descrição precisa dos acontecimentos. Em vários trechos, ele simplesmente deixava a tarefa de contar as histórias para a parceira. Quando terminaram, Eragon retirou o pergaminho de Nasuada de sua saca e o deu para Islanzadí.

Ela o pegou, quebrou o selo de cera vermelha e, assim que terminou de ler a missiva, suspirou e fechou os olhos por um breve instante.

- Vejo agora a verdadeira profundidade da minha insensatez. Meu pesar teria terminado muito antes se eu não tivesse retirado os nossos guerreiros e ignorado as mensagens de Ajihad depois de descobrir que Arya havia caído numa emboscada. Jamais devia ter culpado os Varden por sua morte. Para alguém com tanta idade, eu ainda sou muito, mas muito tola.

Um longo silêncio se seguiu, já que ninguém ousava concordar ou discordar. Criando coragem, Eragon afirmou:

- Como Arya voltou com vida, vocês concordarão em ajudar os Varden, como antes? Nasuada não será bem-sucedida de outro modo, e estou comprometido com sua causa.

- Minha briga com os Varden virou poeira ao vento - disse Islanzadí.
- Não tema, nós os ajudaremos como fizemos antes, e mais, por sua causa e por sua vitória contra os Urgals. - Ela se inclinou para a frente apoiada num dos braços. - Você poderia me dar o anel de Brom, Eragon? - Sem hesitar, ele o tirou de seu dedo e o ofereceu para a rainha, que o arrancou de sua palma com seus dedos finos. - Você não devia ter usado isso, Eragon, pois não foi

feito para você. No entanto, por causa da ajuda que deu aos Varden e à minha família, eu agora o nomeio Amigo dos Elfos e concedo este anel, Aren, a você, para que todos os elfos, em qualquer lugar para onde vá, saibam que devem confiar na sua palavra e ajudá-lo.

Eragon a agradeceu e colocou o anel de volta em seu dedo, notadamente atento ao olhar da rainha, que permaneceu sobre ele com uma perspicácia perturbadora, estudando-o e analisando-o. O Cavaleiro se *sentia como se ela soubesse tudo que ele podia dizer ou fazer*. E Islanzadí afirmou:

- Novidades como as que você trouxe nós não temos aqui em Du Weldenvarden há mais de um ano. Estamos acostumados com um dia-a-dia mais lento do que no resto da Alagaësia, e me preocupa que tanta coisa esteja ocorrendo de forma tão dinâmica sem que nada chegue aos meus ouvidos.

- E quanto ao meu treinamento? - Eragon lançou um olhar furtivo sobre os elfos que estavam sentados, imaginando se algum deles podia ser Togira Ikonoka, o ser que havia acessado a sua mente e o livrado da influência sórdida de Durza depois da batalha em Farthen dūr... e que também havia encorajado Eragon a viajar para Ellesméra.

- Irá começar na plenitude do tempo. Contudo, temo que instruí-lo seja em vão enquanto sua enfermidade persistir. A não ser que consiga superar a magia dos Espectros, você será reduzido a nada além de um fantoche. Poderá ainda ser útil, mas apenas como uma sombra da esperança a qual nutrimos por mais de um século. - Islanzadí falou sem repreendê-lo, contudo suas palavras atingiram Eragon como se fossem marteladas. Ele sabia que a elfa tinha razão. - A culpa não é sua, e me dói ter que verbalizar tais coisas, mas você precisa entender a gravidade da sua inabilidade... Lamento.

Depois disso, Islanzadí se dirigiu a Orik:

- Já faz muito tempo que ninguém da sua raça entra nos nossos salões, anão. Eragon-finiarel já explicou a sua presença, mas você tem alguma coisa a acrescentar?

- Apenas cumprimentos reais do meu rei, Hrothgar, e um apelo, agora desnecessário, para que retome os contatos com os Varden. Além disso, estou aqui para garantir que o pacto que Brom forjou entre vocês e os

humanos seja honrado.

- Honramos nossas promessas sejam elas proferidas nesta língua ou na língua antiga. Aceito os cumprimentos de Hrothgar e os retribuo da mesma forma. - Finalmente, como Eragon presumia que ela ansiava por fazer desde que chegaram, Islanzadí olhou para Arya e perguntou: - E quanto a você, minha filha, o que sucedeu com você?

Arya começou a falar num ritmo lento e monótono, primeiro sobre a captura e depois sobre o longo período em que passou aprisionada e sendo torturada em Gil'ead. Saphira e Eragon haviam, deliberadamente, evitado saber os detalhes dos abusos que sofreu, mas a própria Arya pare- não ter dificuldades para repassar tudo ao que ela havia sido submetida. Sua descrição destituída de emoções incitou Eragon a sentir a mesma fúria de quando viu seus ferimentos pela primeira vez. Os elfos permaneceram no mais completo silêncio enquanto Arya contava a sua história, embora tivessem apertado os cabos de suas espadas e seus rostos ganhado linhas de expressão da mais pura raiva, como se tivessem sido entalhadas com uma navalha. Uma única lágrima rolava pelo rosto de Islanzadí.

Depois disso, um ágil lorde elfo correu ao longo da relva musgosa entre as cadeiras.

- Sei que falo por todos nós, Arya Dröttningu, quando digo que meu coração arde de sofrimento por causa da provação pela qual você teve de passar. É um crime além de qualquer desculpa, mitigação ou reparação, e Galbatorix tem de ser punido por isso. Além disso, estamos em débito por você não ter revelado a localização das nossas cidades para os Espectros. Poucos entre nós teriam resistido a eles por tanto tempo.

- Obrigado, Däthedr-vor.

Agora era a vez de Islanzadí falar, e sua voz repicaria como um sino no meio das árvores.

- Chega. Nossos convidados já estão cansados de esperar em pé, e já falamos de coisas malignas por muito tempo. Não farei com que esta ocasião seja arruinada porque estamos nos alongando sobre feridas do passado. - Um sorriso esfuziante fez com que sua expressão ficasse mais radiante. - Minha filha voltou, um dragão e seu Cavaleiro apareceram, e me certificarei de que todos celebrem da maneira adequada! - Ela se levantou, alta e magnífica em

sua túnica vermelha, e bateu as mãos. Ao som, as cadeiras e o pavilhão foram inundados com centenas de lírios e rosas que apareceram seis metros acima de suas cabeças e caíram como se fossem flocos de neve coloridos, espalhando no ar sua inebriante fragrância.

Ela não usou a linguagem antiga, observou Eragon.

Ele notou que, enquanto todo mundo estava ocupado com as flores, Islanzadí tocou suavemente no ombro de Arya e murmurou, num volume quase inaudível:

- Você jamais teria sofrido tanto se tivesse seguido o meu conselho. Eu estava certa em me opor a sua decisão de aceitar o yawè.

- A decisão era minha.

A rainha se deteve, depois acenou com a cabeça e estendeu o braço.

- Blagden. - Com um adejar de asas, o corvo saiu voando de seu poleiro e pousou no seu ombro esquerdo. Toda a assembléia se curvou enquanto Islanzadí seguia até o final do corredor e abria a porta para as centenas de elfos do lado de fora, ao que fez uma breve declaração na língua antiga não entendida por Eragon. Os elfos explodiram em gritos de aplauso e começaram a entrar apressadamente.

- O que ela disse? - sussurrou Eragon para Narí.

Narí sorriu.

- Mandou abrir nossos melhores barris e acender os fogões, pois hoje será uma noite de festejos e canções. Venham! - Ele segurou a mão de Eragon e o puxou para que seguisse a rainha enquanto ela passava com dificuldade entre os pinheiros felpudos e em meio às barreiras de samambaias viçosas. Durante o tempo que passaram abrigados, o sol havia descido inundou a floresta com uma luz âmbar que se aferrava às árvores e plantas como uma camada de óleo reluzente.

Você percebeu, não percebeu, disse Saphira, *que o rei ao qual Lifaen se referiu, Evandar, deve ser o pai de Arya?*

Eragon quase cambaleou. *Você tem razão... E isso significa que ele foi morto por Galbatorix ou pelos Renegados.*

Círculos dentro de círculos.

Eles pararam na crista de uma pequena colina, onde um grupo de elfos havia colocado uma longa mesa montada sobre cavaletes e cadeiras. A

sua volta, a floresta zumbia por causa da atividade. À medida que a noite se aproximava, o brilho vivo das fogueiras parecia disperso por toda Ellesméra, incluindo uma que havia sido acesa perto da mesa.

Alguém passou para Eragon um cálice feito da mesma madeira estranha que ele havia notado em Ceris. Ele bebeu o licor claro da taça e ofegou assim que este desceu pela sua garganta. O gosto era de cidra açucarada misturada com mulso. A poção fez a ponta dos seus dedos e ouvidos formigarem e lhe deu uma maravilhosa sensação de clareza.

- O que é isso? - perguntou ele para Nari. O elfo riu.

- Faelnirv? Nós o destilamos de cerejas de sabugueiro esmigalhadas e banhadas com raios lunares. Se levar mosto, um homem forte pode viajar durante três dias sem consumir mais nada.

Saphira, você tem que provar isso. Ela cheirou a taça e depois abriu a boca e permitiu que o resto do faelnirv fosse derramado em sua garganta. Seus olhos se arregalaram e seu rabo se contraiu.

Isso é uma delícia! Tem mais?

Antes que Eragon pudesse responder, Orik andou pesadamente até onde eles estavam.

- Filha da rainha - murmurou o anão, balançando a cabeça. - Quem me dera pudesse contar agora para Hrothgar e Nasuada. Eles gostariam de saber.

Islanzadí se sentou numa cadeira com encosto alto e bateu palmas novamente. De dentro da cidade, surgiu um quarteto de elfos trazendo instrumentos musicais. Dois portavam harpas de cerejeira, o terceiro um confronto de foles de bambu, e o quarto integrante, precisamente uma elfa, nada além de sua voz, que ela começou a usar imediatamente com uma canção divertida que dançava em volta dos ouvidos de todos.

Eragon só conseguia entender um terço do que era dito, mais ou menos, mas era o bastante para fazê-lo sorrir. Era a história de um sujeito que não podia beber num açude porque um tagarela não parava de atormentá-lo.

Enquanto Eragon escutava, seu olhar ficou vagando até pousar numa garotinha que perambulava atrás da rainha. Quando olhou novamente, viu que seu cabelo emaranhado não era prateado, como era o da maior parte

dos elfos, mas branco por causa da idade, e que seu rosto era enrugado e cheio de marcas de expressão como uma maçã seca e murcha. Ela não era elfa, nem anã, nem mesmo - Eragon achava - humana. Ela lhe dirigiu um sorriso, e ele pôde avistar fileiras de dentes afiados.

Quando a cantora terminou e os foles e os alaúdes executavam o silêncio, Eragon se viu assediado por um grande número de elfos que queriam conhecê-lo e - mais importante, ele percebia - a Saphira.

Os elfos se apresentaram curvando-se suavemente e tocando os lábios com seus dedos indicadores e médios, gesto que Eragon respondeu da mesma forma, junto com intermináveis repetições do seu cumprimento na língua antiga. Assediaram Eragon com perguntas educadas sobre suas façanhas, mas reservaram a parte principal da conversa para Saphira.

A princípio, Eragon ficou contente por deixar Saphira falar, já que este era o primeiro lugar onde alguém estava interessado em manter uma conversa só com ela. Mas logo ficou incomodado por ser ignorado, estava acostumado a ter gente ouvindo quando falava. Ele sorriu pesaroso, consternado porque havia se acostumado a contar com a atenção das pessoas desde que se juntou aos Varden, e se forçou a relaxar e aproveitar a celebração.

Logo o cheiro de comida permeou a clareira e os elfos apareceram carregando travessas cheias de iguarias. Além de bisnagas de pão quente e da abundância de pequenos e redondos bolos de mel, os pratos estavam cheios de frutas, vegetais e bagas. Estas últimas predominavam, já que vinham das mais diferentes formas em sopas de mirtilo, molhos de framboesa e geléias de anêmona. Uma tigela de maçãs fatiadas cobertas de mel e salpicadas de morangos silvestres estava ao lado de uma torta de cogumelos recheada de espinafre, tomilho e groselha.

Não se via carne alguma, nem mesmo peixe ou ave, coisa que ainda deixava Eragon intrigado. Em Carvahall e em toda parte no Império, carne era um símbolo de status e luxo. Quanto mais ouro você tinha, mais você podia comprar bife e vitela. Fazer ao contrário indicava um déficit financeiro. Contudo, os elfos não concordavam com esta filosofia, apesar de sua evidente riqueza e a facilidade que tinham para caçar usando magia.

Os elfos correram para a mesa com um entusiasmo que

surpreendeu Eragon. Logo, todos estavam sentados: Islanzadí na cabeceira com Blagden, o corvo, Dâthedr à sua esquerda, Arya e Eragon à direita, Orík em frente a estes, e depois todos os outros elfos, incluindo Narí e Lifaen. Não havia cadeira na outra ponta da mesa, apenas uma baixela grande, feita sob medida para Saphira.

Enquanto a refeição prosseguia, tudo se transformou em volta de Eragon em muita conversa e alegria. Ele ficou tão arrebatado com as festividades que perdeu a noção do tempo, consciente apenas das gargalhadas e das palavras estrangeiras que giravam por sobre a sua cabeça, e do ardor deixado em seu estômago pelo faelnirv. A música indefinível tocada pela harpa era capturada sutilmente pela sua audição e provocava arrepios de excitação em seu corpo. De vez em quando, ele se via distraído pela visão dos olhos preguiçosos e semicerrados da mulher-criança, que continuavam focados nele com franca intensidade, mesmo durante a refeição.

Durante uma calmaria na conversa, Eragon se virou para Arya, que não havia pronunciado mais do que uma dúzia de palavras. Ele não disse nada, apenas olhou e pensou consigo mesmo sobre quem ela era de verdade.

Arya se agitou.

- Nem mesmo Ajihad sabia. - O quê?

- Fora de Du Weldenvarden, não falei para ninguém da minha identidade. Brom sabia de tudo, afinal me conheceu aqui, mas ao meu pedido manteve-a em segredo.

Eragon se questionava se ela lhe havia explicado tudo para ter a sensação do dever cumprido ou porque se sentia culpada por decepcionar a ele e a Saphira.

- Brom disse uma vez que aquilo que os elfos *não* dizem é normalmente mais importante do que aquilo que dizem.

- Ele nos entendeu bem.

- Por que, aliás? Teria alguma importância se alguém soubesse de tudo?

Desta vez Arya hesitou.

- Quando deixei Ellesméra, não tinha o menor desejo de ser lembrada da minha condição. Nem parecia relevante para a minha missão com os Varden e os anões. Não tinha nada a ver com o que eu me tornei...

com o que eu sou. - Ela olhou para a rainha.

- Você poderia ter contado para mim e Saphira.

Arya parecia ter se refreado com o tom de reprovação na sua voz.

- Eu não tinha motivos para suspeitar que meu prestígio com Islanzadí havia aumentado, e lhe contar isso não iria mudar nada. Os meus pensamentos são meus, Eragon. - Ele ficou ruborizado com o que havia de subentendido naquilo: Por que *ela*, que era uma diplomata, uma princesa, uma elfa, e muito mais velha que seu pai ou seu avô, fossem quem fossem, confiava nele, um rapaz humano de dezesseis anos de idade?

- Pelo menos - murmurou ele -, você se reconciliou com sua mãe.

Ela sorriu de um jeito estranho.

- E eu tinha escolha?

Naquele momento, Blagden pulou do ombro de Islanzadí e andou de um jeito pomposo até o meio da mesa, balançando a cabeça para a esquerda e para a direita, curvando-se, zombeteiro. Parou na frente de Saphira, tossiu asperamente e depois cantou, grasnando:

Dragões, como carro, Têm línguas Dragões, como jarros, Têm pescoços Enquanto dois deles gostam de beber, O outro gosta de veados comer!

Os elfos congelaram com expressões aflitas enquanto esperavam pela reação de Saphira. Depois de um longo silêncio, Saphira levantou os olhos acima de sua torta de marmelo e soltou uma baforada de fumaça que envolveu Blagden. *E de pássaros pequenos também*, disse ela, projetando seus pensamentos para que todos pudessem ouvir. Os elfos enfim enquanto Blagden cambaleava para trás, crocitando indignado e batendo as asas para afastar a fumaça.

- Tenho de pedir desculpas pelos versos infelizes de Blagden - disse Islanzadí - Ele sempre teve uma língua afiada, apesar das nossas tentativas de domesticá-lo.

Desculpas aceitas, disse Saphira calmamente, e voltou para a sua torta.

- De onde ele veio? - perguntou Eragon, ansioso para retomar uma relação mais cordial com Arya, mas também genuinamente curioso.

_ Blagden - disse Arya - em certa ocasião salvou a vida do meu pai.

Evandar estava enfrentando um Urgal quando deu um passo em falso e perdeu sua espada. Antes que o Urgal pudesse atacar, um corvo voou em sua direção e picou seus olhos. Ninguém sabe por que o pássaro fez isso, mas tal distração permitiu que Evandar recuperasse seu equilíbrio e, com isso, vencesse a batalha. Meu pai sempre foi generoso, por isso agradeceu ao corvo, abençoando-o com encantos para que ganhasse inteligência e uma vida longa. No entanto, a mágica teve dois efeitos que ele não podia antever: Blagden perdeu toda a cor das suas penas e ganhou a habilidade de prever certos acontecimentos.

- Ele pode enxergar o futuro? - perguntou Eragon, surpreso.

- Enxergar mesmo? Não. Mas talvez possua uma sensibilidade para o que está por vir. De qualquer maneira, ele sempre fala através de enigmas, e grande parte deles possui um quê de absurdo. Lembre-se apenas que, se Blagden vier até você e lhe disser algo que não for uma piada ou um trocadilho, será de bom tom prestar atenção em suas palavras.

Assim que a refeição terminou, Islanzadí se levantou - provocando uma certa agitação, já que todo mundo se apressou em fazer o mesmo - e disse:

- Está tarde, estou cansada, e gostaria de voltar para o meu quarto. Venham comigo, Saphira e Eragon, que vou lhes mostrar onde podem dormir esta noite. - A rainha acenou com uma das mãos para Arya e deixou a mesa. Arya a seguiu.

Enquanto Eragon dava a volta em torno da mesa com Saphira, acabou parando ao lado da mulher-criança, capturado pelo seu olhar selvagem. Todos os elementos de sua aparência, dos seus olhos até seu cabelo emaranhado e seus caninos brancos, desencadearam algo nas lembranças do rapaz.

- Você é uma menina-gata, não? - Ela piscou uma vez e depois mostrou os dentes num sorriso perigoso. - Encontrei alguém da sua espécie. Solembum, em Teirm e em Farthen Dûr.

Seu sorriso se alargou.

- Sim. Ele é dos bons. Os humanos me cansam, mas *ele* acha divertido viajar com a bruxa Angela. - Depois disso, seu olhar se voltou para Saphira e ela deu um meio-rugido, meio-ronronar, ambos guturais, de

simpatia.

Qual é o seu nome?, perguntou Saphira.

- Nomes são coisas poderosas no coração de Du Weldenwarden, dragão, e como são. No entanto... entre os elfos, sou conhecida como A Vigia, Pata Ligeira e A Dançarina Sonhadora, mas você pode me chamar de Maud. - Ela jogou para trás sua juba de mechas brancas e firmes. - É melhor ficarem junto da rainha, meninos, ela não tolera nem um pouco tolos ou retardatários.

- Foi um prazer conhecê-la, Maud - disse Eragon. Ele se curvou e Saphira inclinou a cabeça. Eragon olhou para Orik, perguntando-se para onde o anão seria levado, e depois seguiu Islanzadí.

Alcançaram a rainha assim que ela chegou na base de uma árvore. O tronco estava sulcado com uma escadaria delicada em espiral e dava em uma série de cômodos globulares em forma de xícara e suspensos na copa da árvore por uma série de galhos.

Islanzadí ergueu uma das mãos elegantes e apontou para um ninho.

- Você precisa voar até ali, Saphira. Nossas escadas não foram feitas para dragões. - E depois ela se virou para Eragon: - É aqui que o líder dos Cavaleiros de Dragões ficava quando vinha a Ellesméra. Eu lhe concedo essas acomodações, pois você é o herdeiro legítimo de tal título... E a sua herança. - Antes que Eragon pudesse agradecê-la, a rainha partiu rapidamente com Arya, que permaneceu presa ao olhar dele por um bom tempo antes de sumir cidade adentro.

Será que devíamos ver as acomodações que nos foram dadas?, perguntou Saphira. Ela saltou para o ar e contornou a árvore, balançando a ponta de uma das asas, perpendicularmente ao chão.

Assim que Eragon deu o primeiro passo, viu que Islanzadí havia falado a verdade, as escadas e a árvore eram uma coisa só. A madeira sob os seus pés era lisa e plana por causa dos muitos elfos que a haviam atravessado, mas ainda assim era parte do tronco, assim como os balaústres de teias retorcidas ao seu lado e o corrimão curvo que deslizava sob a sua mão direita.

Pelo fato das escadas terem sido desenhadas com a força da mente dos elfos, elas eram mais íngremes do que Eragon estava acostumado, e logo suas coxas e panturrilhas começaram a arder. Ele respirava tão fundo quando

chegou no topo - depois de atravessar um alçapão no chão de um dos cômodos- que teve de pôr as mãos nos joelhos e se curvar para arfar. Assim que se recuperou, se ergueu e examinou os arredores.

Estava num vestíbulo circular com um pedestal no centro, a partir do 1 se formava uma escultura em espiral de duas mãos e antebraços pálidos que se entrelaçavam sem se tocar. Três portas de tela eram acessos ara que se saísse do vestíbulo - uma desembocava numa austera sala de jantar na qual cabiam dez pessoas no máximo, outra num armário com um buraco vazio no chão, para o qual Eragon não conseguiu discernir uma utilidade, e a última num quarto que tinha uma vista ampla e aberta para toda a imensidão de Du Weldenvarden.

Depois de pegar uma lanterna pendurada num gancho no teto, Eragon entrou no quarto, projetando um monte de sombras que pulavam e giravam como dançarinas malucas. Uma abertura em forma de lágrima bastante grande para um dragão recortava a parede externa. Dentro do quarto havia uma cama, situada de modo que ele pudesse observar o céu e a lua enquanto estivesse deitado de costas, uma lareira feita com uma madeira cinza que sentiu ser tão dura e fria quanto aço quando a tocou, como se o madeiramento tivesse sido prensado a uma insuperável densidade, e uma enorme gamela com a borda baixa posicionada no chão, guarnecida com cobertores macios, onde Saphira poderia dormir.

Enquanto ele reconhecia o ambiente, ela desceu rapidamente e aterrisou na borda da abertura com suas escamas brilhando como uma constelação de estrelas azuis. Atrás de Saphira, os últimos raios de sol listravam toda a floresta, pintando as várias cordilheiras e morros com uma bruma âmbar, que fazia as folhas dos pinheiros incandescer como ferro em brasa, e perseguindo o retorno das sombras em direção ao horizonte violeta. Da altura em que estavam, a cidade parecia uma série de desfiladeiros na abóbada volumosa, como ilhas de paz num oceano revolto. O real tamanho de Ellesméra agora era revelado. Ela se estendia por vários quilômetros a oeste e ao norte.

Eu respeito os cavaleiros ainda mais, se era assim como Vrael normalmente vivia, disse Eragon. *É mais simples do que eu supunha.* A estrutura inteira girou levemente devido a uma lufada de vento.

Saphira farejou suas cobertas. *Ainda temos de ver Vroengard*, avisou ela, embora ele sentisse que ela concordava com ele.

Ao fechar a porta de tela do quarto, Eragon viu algo no canto que não havia observado na sua primeira inspeção: uma escada em espiral que terminava numa chaminé de madeira escura. Pondo a lanterna à sua frente, subiu cautelosamente um degrau de cada vez. Após cerca de seis metros, Eragon emergiu numa sala de estudos mobiliada com uma escrivaninha - provida de penas, tinta e papel, mas sem pergaminho - e outra gamela acolchoada para um dragão se enroscar. A parede oposta também possuía uma abertura por onde se podia passar voando.

Saphira venha ver isto.

Como? perguntou Saphira.

Pelo lado de fora. Eragon recuava à medida que as camadas de casca de árvore estilhaçavam e quebravam sob as garras de Saphira, enquanto ela rastejava para fora do quarto e para cima, da borda do conjugado para a sala de estudos. *Satisfeita?* perguntou quando ela chegou. Saphira sondou-lhe com seus olhos safira e depois examinou as paredes e a mobília.

Queria saber, disse Saphira, como você pode ficar aquecido quando os cômodos são abertos para o ambiente externo?

Não sei. Eragon verificou as paredes de cada lado da abertura, percorrendo a mão pelas formas abstratas assumidas pela árvore em decorrência das canções lisonjeiras dos elfos.

Ele parou quando sentiu um sulco vertical embutido na casca da árvore. Puxou-o e uma película diáfana desenrolou-se de dentro da parede. Puxando-a transversalmente pelo portal, identificou uma segunda ranhura para segurar a bainha do tecido. Assim que ela foi fixada, o ar ficou mais denso e mais quente. *Aí está a resposta*, disse ele. Eragon soltou o tecido e ele chicoteou para trás e para a frente ao ser reenrolado.

Quando regressaram ao quarto, Eragon foi desfazer a sua saca, enquanto Saphira se enrascava sobre sua cama. Ele arrumou cuidadosamente seu escudo, braçadeiras, grevas, coifa e elmo. Despiu a túnica e tirou a camisa de cota de malha com forro de couro. Sentou na cama com o peito nu e estudou os elos lubrificados, surpreso pela semelhança com as escamas de

Saphira.

Conseguimos, disse ele confuso.

Foi uma longa viagem... mas, sim, conseguimos. Tivemos sorte que o infortúnio não caiu sobre nós no caminho.

Ele assentiu com a cabeça. Agora, vamos descobrir se valeu a pena. Algumas vezes me pergunto se o nosso tempo poderia estar sendo melhor gasto ajudando os Varden.

Eragon! Você sabe que precisamos de mais ensinamentos. Era o que Brom queria.

Além disso, Ellesméra e Islanzadí certamente valem todo esse caminho que percorremos para encontrá-las.

Talvez. Finalmente, perguntou: O que você acha de tudo isto?

Saphira separou ligeiramente suas mandíbulas deixando seus dentes à mostra. Eu não sei. Os elfos guardam mais segredos do que Brom e podem fazer coisas com a magia que nunca imaginei. Não faço idéia sobre quais métodos usam para suas árvores crescerem com tais formas, nem como Islanzadí despertou aquelas flores. Está além dos meus conhecimentos.

Eragon ficou aliviado em saber que ele não era o único a sentir-se subjugado. E Arya?

O que tem ela?

Você sabe, me refiro a quem realmente ela é.

Ela não mudou, foi apenas a maneira de percebê-la.

Saphira disfarçou o riso.

Enquanto apoiava a cabeça nas suas duas patas dianteiras, Saphira conteve o riso no fundo da garganta e acabou por liberar sons soluçantes como pedras friccionando-se umas às outras.

As estrelas agora brilhavam no céu e os pios suaves das corujas ecoavam por toda Ellesméra. Todo o mundo estava calmo e silencioso enquanto a noite suave transcorria.

Eragon entrou debaixo dos lençóis felpudos, se esticou para apagar a lanterna e depois parou, com a mão a poucos centímetros da trava. Ele estava na capital dos elfos, a cerca de trinta metros do chão, dormindo na antiga cama de Vrael.

Aquele pensamento era demais para ele.

Rolando para se levantar, pegou a lanterna com uma das mãos,

Zar'roc com a outra, e surpreendeu Saphira ao chegar lentamente em sua gamela e se aconchegar contra o flanco de seu corpanzil quente. Ela sibilou e deixou uma de suas asas aveludadas cair sobre ele, que apagou a luz e fechou os olhos.

Juntos, os dois dormiram longa e profundamente em Ellesméra.

DO PASSADO

Eragon acordou ao amanhecer depois de uma noite bem dormida. Bateu de leve nas costelas de Saphira e ela levantou a asa. Depois de passar a mão no cabelo, andou até o precipício do quarto e se apoiou num dos lados, a casca de árvore bruta roçava o seu ombro. Lá embaixo, a floresta brilhava como um campo de diamantes enquanto cada árvore refletia a luz da manhã em milhares de quilômetros de gotas de orvalho.

Pulou surpreso quando Saphira passou por ele, retorcendo-se como uma broca na direção da copa da árvore, antes de alçar vôo e dar uma volta no céu, rugindo de alegria. *Bom-dia, pequenino.* Ele sorriu, feliz por ela estar feliz.

Eragon abriu a tela do seu quarto, onde encontrou duas bandejas de comida - principalmente frutas - que haviam sido colocadas perto da padieira durante a noite. Perto das bandejas havia uma trouxa de roupas com um bilhete. Eragon teve dificuldade para decifrar os manuscritos, já que não lia nada há mais de um mês e havia se esquecido de algumas letras, mas pelo menos entendeu o seu conteúdo:

Bem-vindos, Saphira Bjartskular e Eragon Matador de Espectros.

Eu, Bellaen da Casa Miolandra, venho a você, Saphira, para me desculpar pela refeição insatisfatória. Elfos não caçam e não é permitido servir carne em Ellesméra nem em nenhuma das nossas cidades. Se você quiser, pode fazer o que os dragões do passado tinham como costume, e capturar o que quiser em Du Weldenwarden. Só pedimos que você deixe suas presas na floresta para que nosso ar e nossa água não sejam maculados por sangue.

Eragon, estas roupas são suas. Foram costuradas por Niduen da

Casa de Islanzadí e são seu presente para você.

Que a boa sorte impere sobre a sua vida, Que a paz viva no seu coração, E que as estrelas zelem por você.

Bellaen du Hljôdhr Quando Eragon leu a mensagem para Saphira, ela disse: *Isso não, não vou precisar comer por um bom tempo depois do banquete de ontem. No entanto ela comeu alguns bolos de sementes. Só para que eu não pareça descortês, explicou.*

Depois que Eragon terminou o café da manhã, ele trouxe a trouxa A roupas para a sua cama e as estendeu cuidadosamente, encontrando duas túnicas avermelhadas de corpo inteiro, enfeitadas com framboesas verdes um jogo de perneiras cor de creme, para envolver suas panturrilhas e três pares de meias tão macias, que pareciam líquidas quando eram manuseadas. A qualidade dos tecidos envergonharia as costureiras em Carvahall, da mesma forma que punha no chinelo as roupas dos anões que ele estava usando naquele momento.

Eragon se sentiu grato pelo novo vestuário. Sua própria túnica e seus culotes já estavam gastos depois de tantas viagens e de ficarem expostos à chuva e ao sol desde Farthen dûr. Depois que se despiu, pôs uma daquelas túnicas luxuosas, saboreando sua textura macia.

Ele havia acabado de amarrar suas botas quando alguém bateu na tela do seu quarto.

- Entre - disse ele, enquanto pegava Zar'roc.

Orik enfiou sua cabeça para dentro e depois penetrou cautelosamente no recinto, testando o chão com seus pés. Ele olhou para o teto.

- Dê-me uma caverna qualquer dia desses em vez de um ninho de passarinho como este. Como você passou a noite, Eragon? Saphira?

- Muito bem. E você? - perguntou Eragon.

- Dormi como uma pedra. - O anão riu furtivamente da sua própria galhofa, então seu queixo afundou em sua barba e ele tocou os dedos na cabeça do seu machado. - Vejo que você já comeu, por isso lhe peço para que me acompanhe. Arya, a rainha e um bando de outros elfos o esperam na base da árvore. - Ele fitou Eragon como se estivesse impaciente. - Está acontecendo algo que eles não nos falaram. Não sei ao certo o que querem de você, mas é

importante. Islanzadí estava tão tensa quanto um lobo encurralado... achei que devia avisá-lo de antemão.

Eragon o agradeceu e depois os dois desceram os degraus enquanto Saphira flutuou até o chão. Ambos foram recebidos na base da árvore por Islanzadí, vestida com um manto de penas de cisne franzidas, que parecia neve do inverno acumulada sobre o peito de um cardeal. Ela os cumprimentou e disse:

- Sigam-me.

O grupo se dirigiu para os arredores de Ellesméra, onde havia poucas construções e as trilhas eram indistintas por serem pouco percorridas. Na base de um outeiro arborizado, Islanzadí parou e disse num tom de voz terrível.

- Antes de seguirmos em frente, vocês três têm de jurar, na língua antiga, que jamais falarão para forasteiros do que estão prestes a ver, não sem a minha permissão, a da minha filha, ou de quem quer que venha a nos suceder no trono.

- Por que eu deveria me calar? - perguntou Orik.

De fato, por quê?, perguntou Saphira. *Você não confia em nós?*

- Não é uma questão de confiança, mas de segurança. Temos que proteger esse conhecimento a todo custo... é a nossa grande vantagem sobre Galbatorix... e se vocês estiverem comprometidos pela língua antiga, jamais revelarão nosso segredo de livre e espontânea vontade. Você veio para supervisionar o treinamento de Eragon, Orik-vodhr. A menos que me dê a sua palavra, vocês terão de voltar imediatamente para Farthen dūr.

Finalmente, Orik afirmou:

- Acredito que você não deseje o mal para os anões ou para os Varden, caso contrário eu jamais concordaria com isso. E acredito, pela honra de sua dinastia e do seu clã, que isso não é uma manobra para nos enganar. Diga-me o que devo falar.

Enquanto a rainha ensinava a Orik a pronúncia correta da frase desejada, Eragon perguntou a Saphira: *Será que eu devo fazer isso?*

E temos escolha? Eragon se lembrou de que Arya havia feito a mesma pergunta no dia anterior, e ele começou a ter uma idéia do que ela quis dizer: a rainha não dava espaço para manobras.

Quando Orik terminou, Islanzadí olhou com um ar esperançoso para Eragon. Ele hesitou, mas depois proferiu o juramento, assim como Saphira.

- Obrigada - disse Islanzadí. - Agora podemos continuar.

No topo do outeiro, as árvores foram substituídas por um canteiro de trevos vermelhos que se alastrava por vários metros até a beira de um rochedo íngreme. O despenhadeiro se estendia por uma légua, em cada direção, e estava a uns trezentos metros acima da floresta lá embaixo, que aparentemente se prolongava até se fundir com o céu. Parecia que eles estavam na beira do mundo, olhando para uma interminável extensão de mata.

Conheço este lugar, percebeu Eragon, lembrando-se da sua visão de Togira Ikonoka.

Bum. O ar tremia devido à força do abalo. *Bum.* Outro golpe pesado fez com que os dentes de Eragon batessem. *Bum.* Ele enfiou os dedos nas orelhas, tentando protegê-los das pontadas dolorosas devido à pressão. Os elfos permaneciam parados. *Bum.* Os trevos se curvaram devido a uma súbita rajada de vento.

Bum. De debaixo da margem do precipício, ergueu-se um enorme dragão dourado com um Cavaleiro em suas costas.

CONVICÇÃO

Roran encarou Horst.

Eles estavam no quarto de Baldor. Roran estava sentado e ereto na cama, ouvindo o que o ferreiro dizia:

- O que você esperava que eu fizesse? Não pudemos mais atacar depois que você desmaiou. Além do mais, os homens não estavam preparados para lutar. Também não podemos culpá-los. Quase cortei a minha língua com uma mordida quando vi aqueles monstros. - Horst sacudiu seu cabelo comprido e revoltado. - Fomos enganados e caímos num velho conto, Roran, e não gosto nem um pouco disso. - O rapaz manteve sua expressão impassível. - Olha, você pode matar os soldados se quiser, mas precisa recuperar a sua força antes. Terá vários voluntários, as pessoas confiam na sua habilidade

como guerreiro, especialmente depois que derrotou os soldados que estavam aqui na noite passada. - Como Roran permanecia em silêncio, Horst suspirou, bateu em seu ombro bom e saiu do quarto, fechando a porta.

Roran nem sequer piscou. Até agora, em toda a sua vida, ele só havia se importado verdadeiramente com três coisas: sua família, seu lar no vale Palancar e Katrina. Sua família fora aniquilada no ano passado. Sua fazenda havia sido destruída e incendiada, embora a terra ainda estivesse no lugar, o que realmente era importante.

Mas agora Katrina havia sumido.

Um soluço sufocado escapou pelo nó de ferro em sua garganta. Ele estava num dilema que dilacerava sua própria essência: a única maneira de resgatar Katrina seria perseguir os Ra'zac de algum modo e deixar o vale Palancar, contudo ele não podia abandonar Carvahall para os soldados. Nem poderia se esquecer de Katrina.

Meu coração ou meu lar, pensou amargamente. Um não valia nada sem o outro. Se ele matasse os soldados, só iria evitar que os Ra'zac - e talvez Katrina - voltassem. De qualquer maneira, a carnificina não faria o menor sentido se houvesse reforços por perto, pois a chegada desses reforços certamente sinalizaria o fim de Carvahall.

Roran apertou os dentes assim que uma nova explosão de dor emanou do seu ombro enfaixado. Fechou os olhos. *Espero que Sloan seja devorado como Quimby*. Nenhum destino poderia ser terrível demais para aquele traidor. Roran o amaldiçoou com as pragas mais negras que conhecia.

Mesmo se eu estivesse livre para deixar Carvahall, como poderia encontrar os Ra'zac? Quem saberia onde eles vivem? Quem ousaria dar alguma informação sobre os servos de Galbatorix? O desespero o assolava enquanto ele enfrentava o problema. Ele se imaginava numa das grandes cidades do Império, buscando vagamente, em meio a construções sujas e turbas de estranhos, uma pista, um vislumbre, uma evidência do seu amor.

Era impossível.

Um rio de lágrimas veio em seguida, enquanto ele se curvava, sofria por causa da intensidade de sua agonia e de seu medo. Ele se balançava de um lado para o outro, cego para tudo exceto para a degradação do mundo.

Uma quantidade interminável de tempo reduziu os soluços de Roran

a fracos suspiros de protesto. Esfregou os olhos e forçou-se a respirar longa e profundamente. E estremeceu. Seus pulmões pareciam cheios de cacos de vidro.

Tenho de pensar, disse a si próprio.

Recostou-se contra a parede e - por pura força de vontade - começou a dominar, gradualmente, cada uma das suas emoções turbulentas, vencendo-as a ponto de submetê-las à única coisa que poderia salvá-lo da insanidade: a razão. Seu pescoço e seus ombros tremiam por causa da violência do seu esforço.

Assim que recuperou o controle, Roran arrumou cuidadosamente seus pensamentos, como se fosse um mestre artesão organizando suas ferramentas numa ordem precisa. *Deve haver uma solução escondida no meio da minha mente, se ao menos eu fosse criativo o bastante.*

Ele não podia rastrear os Ra'zac. Isso estava claro. Alguém teria de lhe dizer onde encontrá-los e, de todas as pessoas a que ele podia perguntar, os Varden eram os que mais poderiam saber. No entanto, encontrá-los seria uma tarefa tão árdua quanto achar os profanadores, e ele não podia perder tempo procurando os rebeldes. *Embora...* Uma vozinha em sua cabeça o fez lembrar dos rumores que ouvira dos caçadores e dos comerciantes de que Surda apoiava os Varden secretamente.

Surda. A região ficava ao sul do Império, ou pelo menos foi isso que Roran ouvira dizer, já que nunca vira um mapa da Alagaësia. Sob condições ideais, levaria várias semanas para chegar lá a cavalo, e muito mais se tivesse que se esquivar de soldados. Evidentemente, o meio de transporte mais rápido seria navegar pelo sul ao longo da costa, mas isso significaria ter de viajar por todo o rio Toark e depois se dirigir a Teirm para encontrar um navio. Seria uma jornada longa demais. E ainda poderia ser pego por soldados.

- Se, poderia, iria, *deveria* - murmurou ele, apertando repetidamente a mão esquerda. Ao norte de Teirm, o único porto que ele conhecia era o de Narda, mas para alcançá-lo, teria de cruzar toda a extensão da Espinha... Um feito ainda não realizado, nem mesmo por caçadores.

Roran praguejou em silêncio. A conjectura não fazia sentido. *Eu devia estar tentando salvar Carvahall, não devia pensar em abandoná-la.* O problema era que ele já havia concluído estar o vilarejo e todos que nele

permanecessem condenados. Lágrimas se acumularam nos cantos dos seus olhos novamente. *Todos que permanecessem...*

E... e se todos em Carvahall me acompanhassem até Narda e depois até Surda? Ele realizaria ambos os seus desejos simultaneamente.

A audácia da idéia o deixou estupefato.

Era uma heresia, uma blasfêmia, pensar que ele poderia convencer os fazendeiros a abandonarem seus campos e os comerciantes suas lojas... e contudo... e contudo qual era a alternativa além da escravidão ou da morte? Os Varden eram o único grupo capaz de acolher fugitivos do Império, e Roran tinha certeza de que os rebeldes ficariam felizes em ter todo um vilarejo de recrutas, especialmente aqueles que já haviam se mostrado capazes numa batalha. Além disso, ao lhes trazer os habitantes do vilarejo, ele ganharia a confiança dos Varden, de modo que lhe confidenciariam a localização dos Ra'zac. *Talvez possam me explicar por que Galbatorix está tão desesperado para me capturar.*

Entretanto, se fosse para o plano dar certo, ele teria de ser implementado antes de as novas tropas alcançarem Carvahall, o que deixava apenas uns poucos dias - se muito - para organizar a partida de umas trezentas pessoas. Cogitar a logística era assustador.

Roran sabia que a mera razão não poderia persuadir ninguém a partir, isso requereria um fervor messiânico para mexer com as emoções das pessoas, para fazê-las *sentir*, no fundo de seus corações, a necessidade de renunciar aos emblemas de suas identidades e vidas. Nem seria suficiente o simples instilar de medo - pois ele sabia que o medo normalmente fazia aqueles em perigo lutarem ainda mais. Em vez disso, Roran tinha que instilar um senso de desígnio e de destino, para fazer os habitantes do vilarejo acreditarem, assim como ele, que se unir aos Varden e resistir à tirania de Galbatorix era a ação mais nobre do mundo.

Requereria uma paixão que não poderia ser intimidada pela privação dissuadida pelo sofrimento ou sufocada pela morte.

Em sua mente, Roran via Katrina em pé na sua frente, pálida e espectral com olhos solenes e âmbar. Ele se lembrava do calor da sua pele, do aroma adocicado do seu cabelo, e de como era estar ao seu lado sob o manto da escuridão. Depois, numa longa fila atrás dela, apareciam sua

família, amigos e todos que ele havia conhecido em Carvahall, mortos ou vivos. *Se não fosse por Eragon... e por mim... os Ra'zac jamais teriam vindo aqui. Tenho de livrar o vilarejo do Império tão certamente quanto devo salvar Katrina daqueles profanadores.*

Evocando a força de sua visão, Roran se levantou da cama, fazendo seu ombro ferido queimar e arder. Cambaleou e se recostou numa parede. *Será que algum dia irei recuperar o uso do meu braço direito?* Esperou a dor diminuir. Como não cedeu, Roran cerrou os dentes, tomando impulso, aprumou-se e saiu.

Elain estava dobrando toalhas no corredor. Ela gritou estupefata...

- Roran! O que você...

- Venha - murmurou ele, enquanto cambaleava.

Com uma expressão preocupada, Baldor apareceu em uma porta.

- Roran, você não devia estar andando por aí. Você perdeu muito sangue. Vou ajudar...

- Venha.

Roran ouviu-os segui-lo enquanto descia a escada em curva que dava na entrada da casa, onde Horst e Albriech estavam em pé conversando. Os dois levantaram os olhos, perplexos.

- Venham.

Ele ignorou as perguntas balbuciadas, abriu a porta da frente e saiu no meio da luz mortiça do crepúsculo da tarde. Acima deles havia uma coluna de nuvens imponente com manchas douradas e púrpura.

Liderando o pequeno grupo, Roran foi andando a duros passos até o limite de Carvahall - repetindo sua mensagem monossilábica sempre que passava por um homem ou uma mulher -, pegou uma tocha que estava fixada numa estaca na lama, deu meia-volta e traçou novamente seu caminho até o centro da cidade. Lá ele cravou a estaca entre os seus pés, e depois levantou o braço esquerdo e berrou:

- VENHAM!

Sua voz ressoou pelo vilarejo. Continuou a convocar as pessoas enquanto saíam de suas casas e das passagens estreitas e sombrias e começavam a se aglomerar a seu redor. Muitas estavam curiosas, outras solidárias, algumas amedrontadas e algumas furiosas. Repetidamente, o canto

de Roran ficou ecoando pelo vale. Loring chegou com seus filhos a reboque. Do lado oposto vieram Birgit, Delwin e Fisk com sua esposa, Isold. Morn e Tara deixaram a taverna juntos e se juntaram à multidão de espectadores.

Quando a maior parte de Carvahall estava em pé à sua frente, Roran se calou e apertou seu punho esquerdo até as unhas cortarem a palma da mão. *Katrina*. Ele levantou a mão, abriu-a e mostrou a todos as lágrimas vermelhas que pingavam pelo seu braço.

- Esta - disse ele - é a minha dor. Vejam bem, pois ela será de vocês a não ser que vençamos a maldição e o destino cruel que se abateu sobre nós. Seus amigos e familiares viverão acorrentados e estarão condenados à escravidão em terras estrangeiras ou serão assassinados diante de seus olhos, pelas espadas impiedosas dos soldados que rasgarão as carnes deles. Galbatorix semeará nossas terras com sal para que elas fiquem eternamente improdutivas. Isso eu já vi. Disso eu sei. - Ele andava como se fosse um lobo enjaulado, olhando furiosamente e balançando a cabeça. Tinha a atenção de todos. Agora tinha de atiçá-los para ficarem num furor comparável ao seu.

- Meu pai foi morto pelos profanadores. Meu primo fugiu. Minha fazenda foi destruída. E minha noiva foi raptada pelo seu próprio pai, que assassinou Byrd e nos traiu! Quimby foi devorado, o celeiro de feno foi queimado junto com as casas de Fisk e Delwin. Parr, Wyglif, Ged, Bardrick, Farold, Hale, Garner, Kelby, Melkolf, Albem e Elmund: todos assassinados. Muitos de vocês foram feridos, assim como eu, de modo que não têm mais como sustentar sua família. Já não chega de labutarmos cada dia de nossas vidas para tirarmos nosso sustento da terra e estarmos sujeitos aos caprichos da natureza? Já não chega sermos forçados a pagar os impostos cruéis de Galbatorix, e mesmo assim ter de passar por esses tormentos absurdos? - Roran ria como se fosse um maníaco, uivando para o céu e ouvindo a loucura em sua própria voz. Ninguém se mexeu na multidão.

- Agora sei qual é a verdadeira natureza do Império e de Galbatorix, eles são *malignos*. Galbatorix é uma praga antinatural no mundo. Ele destruiu os Cavaleiros e acabou com a maior onda de paz e prosperidade que já tivemos. Seus servos são demônios hediondos nascidos em qual inferno ancestral. Mas será que Galbatorix está satisfeito por poder esmagar sob os seus calcanhares? Não! Ele pretende envenenar toda Alagaësia, nos sufocar

com seu manto de desgraça. Nossas crianças e seus descendentes terão que viver sob a sombra das suas trevas até o fim dos tempos, reduzidos a escravos, bichos, *vermes* para que ele possa torturar a seu bel-prazer. A não ser...

Roran contemplou os olhos arregalados dos moradores do vilarejo, consciente do controle que tinha sobre eles. Ninguém jamais ousara dizer o que ele estava prestes a falar. Por isso, deixou que sua voz viesse rascante, bem do fundo de sua garganta:

- A não ser que tenhamos coragem para resistir ao mal. Já lutamos contra os soldados e os Ra'zac, mas isso não significará nada caso venhamos a morrer sozinhos e esquecidos... ou formos transportados para longe como se fôssemos coisas. Não podemos ficar aqui, e não permitirei que Galbatorix destrua tudo pelo qual vale a pena viver. Preferia ter meus olhos arrancados ou minhas mãos cortadas do que vê-lo triunfar! Opto por lutar! Prefiro me afastar do meu túmulo e deixar que meus inimigos sejam enterrados nele! Opto por deixar Carvahall.

Roran fez uma pausa e logo prosseguiu.

- Atravessarei a Espinha e pegarei um navio de Narda para Surda, onde me juntarei aos Varden, que têm lutado há décadas para nos livrar desta opressão. - A população parecia chocada com a idéia. - Mas não quero ir sozinho. Venham comigo. Venham comigo e agarrem essa chance de forjar uma vida melhor para vocês. Joguem fora as algemas que os prendem aqui. - Roran apontou para seus ouvintes, movendo o dedo de um alvo para o seguinte. - Daqui a cem anos, que nomes irão brotar dos lábios dos bardos? Horst... Birgit... Kiselt... Thane, eles irão recitar as nossas sagas. Cantarão "O Épico de Carvahall", por termos sido o único vilarejo bravo o bastante para desafiar o Império.

Lágrimas de orgulho inundavam os olhos de Roran.

- O que poderia ser mais nobre do que varrer da Alagaësia a mancha deixada por Galbatorix? Não iríamos mais viver com medo de termos nossas fazendas destruídas, ou de sermos mortos e devorados. Os grãos que plantarmos serão nossos para guardar e economizar para alguma eventualidade que até poderíamos mandar de presente para o rei legítimo. Os rios e córregos estariam espessos de tanto ouro. Ficaríamos seguros, felizes e

gordos!... É o nosso destino.

Roran ergueu a mão, colocou-a em frente ao rosto e lentamente fechou os dedos sobre as feridas que sangravam. Ficou arqueado sobre o seu braço ferido - crucificado por uma grande quantidade de olhares -esperando uma resposta para o seu discurso. Não veio nenhuma. Até que, finalmente, percebeu que eles *queriam* que continuasse, queriam ouvir mais sobre a causa e o futuro que ele havia descrito.

Katrina.

Então, enquanto a escuridão cercava a chama que brotava de sua tocha, Roran se ergueu e recomeçou o seu discurso. Não escondeu nada, só labutou para fazer a população entender seus pensamentos e sentimentos, a fim de que também pudesse partilhar da determinação que o compelia.

- Nossa era está no fim. Temos que dar um passo à frente e arriscar a nossa sorte com os Varden, se quisermos que nossos filhos vivam com liberdade. - Ele falou em tons furiosos e melífluos na mesma proporção, mas sempre com uma convicção fervorosa que manteve sua platéia arrebatada.

Quando seu estoque de imagens se exauriu, Roran olhou para os rostos de seus amigos e vizinhos e disse:

- Vou embora daqui a dois dias. Acompanhem-me se quiserem, mas eu irei de qualquer maneira. - Curvou a cabeça e saiu do meio da luz. Mais acima, a lua em quarto minguante brilhava por trás de uma massa de nuvens. Uma leve brisa soprava por Carvahall. Um cata-vento de ferro rangia sobre um telhado ao girar na direção da corrente.

Do meio da multidão, Birgit seguiu até onde estava a luz, segurando a barra de sua saia para não ter que dar passos curtos. Com uma expressão suave, ajeitou seu xale.

- Hoje nós vimos um... - Ela parou, balançou a cabeça, e riu de um jeito atrapalhado. - Acho difícil falar depois de Roran. Não gosto do seu plano, mas acredito que ele seja necessário, embora por uma razão diferente: eu iria caçar os Ra'zac e vingar a morte do meu marido. Irei com ele. E levarei os meus filhos. - Ela também se afastou da tocha.

Um minuto silencioso se passou até que Delwin e sua esposa, Lenna, avançaram abraçados. Lenna olhou para Birgit e disse:

- Entendo a sua necessidade, irmã. Também queremos a nossa

vingança, mas mais do que isso, queremos que o resto das nossas crianças esteja seguro. Por esse motivo, nós também iremos. - Várias mulheres cujos maridos foram assassinados avançaram e concordaram com ela.

Os moradores do vilarejo murmuraram entre si, para depois ficarem em silêncio e parados. Ninguém parecia disposto a falar sobre a questão, muito grave. Roran entendeu. Ele mesmo ainda estava tentando digerir as conseqüências.

Finalmente, Horst andou até a tocha e olhou para a chama com o rosto cansado.

- Não vale mais a pena falar... Precisamos de tempo para pensar. Cada homem deve decidir por si só. Amanhã... amanhã será um outro dia. Talvez as coisas fiquem mais claras depois. - Ele balançou a cabeça e levantou a tocha, para depois colocá-la de cabeça para baixo e apagá-la no chão, deixando que todos encontrassem o caminho de casa usando apenas o luar.

Roran se juntou a Albriech e Baldor, que seguiram seus pais a uma distância prudente, dando-lhes privacidade para conversar. Nenhum dos dois irmãos ousou olhar para Roran. Inseguro por causa do silêncio deles, Roran perguntou:

- Vocês acham que mais alguém irá? Será que eu me saí bem? Albriech soltou uma gargalhada em voz alta.

- Bem demais!

- Roran - disse Baldor num tom de voz estranho -, você poderia ter convencido um Urgal a se tornar fazendeiro hoje à noite.

-

Não!

- Quando você terminou, eu estava pronto para pegar minha lança e me embrenhar na Espinha com você. Eu não estaria sozinho nisso. A questão não é quem *irá*, e sim quem *não irá*. O que você disse... nunca tinha ouvido algo assim antes.

Roran franziu a testa. Seu objetivo era persuadir as pessoas a aceitarem o seu plano, não que o seguissem por causa de sua eloqüência. *Se tiver que ser assim, que seja*, pensou, encolhendo os ombros. Ainda assim, a perspectiva havia lhe pego de surpresa. Num momento anterior, aquilo o teria perturbado, mas agora se sentia simplesmente grato por qualquer coisa que pudesse ajudá-lo a resgatar Katrina e salvar os moradores do vilarejo.

Baldor se inclinou em direção ao seu irmão.

- Papai perderia a maior parte de suas ferramentas. - Albriech acenou solenemente com a cabeça.

Roran sabia que os ferreiros fabricavam o instrumento que fosse necessário para a tarefa à mão, e que estas ferramentas de uso prático formavam uma herança que era transmitida de pai para filho, ou de mestre para artífice. Uma das maneiras de se medir a riqueza e a habilidade de um ferreiro é ver o número de ferramentas que ele possui. O fato de Horst renunciar às suas significava... *Não seria mais difícil do que aquilo que todos os outros terão de fazer*, pensou Roran. Ele só lamentava que isso fosse impor a Albriech e Baldor a renúncia à sua herança de direito.

Quando chegaram em casa, Roran se retirou para o quarto de Baldor e caiu na cama. Pelas paredes, ele ainda podia ouvir o leve rumor da conversa de Horst com Elain. E pegou no sono imaginando discussões semelhantes ocorrendo em toda Carvahall, decidindo o seu destino - e o deles.

REPERCUSSÕES

Na manhã seguinte ao seu discurso, Roran olhou pela janela e viu doze homens deixando Carvahall, seguiam em direção às cataratas Igualda. Ele bocejou e desceu as escadas mancando até a cozinha.

Horst estava sentado sozinho à mesa, apertando uma caneca de cerveja nas mãos.

- Bom-dia - disse ele.

Roran grunhiu, arrancou um pedaço do pão que estava em cima do balcão e depois se sentou na outra ponta da mesa. Enquanto comia, notou que Horst estava com os olhos vermelhos e a barba desgrenhada. Roran supôs que o ferreiro passou a noite inteira acordado.

- Você sabe por que um grupo está subindo...

- Eles têm que falar com suas famílias - disse Horst abruptamente.

- Estão subindo a Espinha desde o amanhecer. - Ele bateu a caneca com força na mesa. - Você não tem idéia do que fez, Roran, ao pedir para que partíssemos. O vilarejo inteiro está em polvorosa. Você nos encurralou e só

ficamos com uma saída: a sua. Algumas pessoas estão detestando-o por isso. E claro que alguns já o detestavam por ter trazido tudo isso para cima de nós.

O pão na boca de Roran estava com gosto de serragem ao passo que o ressentimento explodia em seu interior. *Foi Eragon que trouxe a pedra para cá, não eu.*

- E os outros?

Horst deu um gole em sua cerveja e fez uma careta.

- Os outros o adoram. Jamais pensei que veria o dia em que o filho de Garrow iria incitar meu ânimo com palavras, mas você conseguiu, garoto, você conseguiu. - Ele passou uma das mãos ásperas sobre sua cabeça. - Tudo isso? Eu construí essa casa para Elain e para os meus filhos. Levei sete anos para terminá-la. Está vendo aquela viga bem ali em cima da porta? Quebrei três dedos do pé para colocá-la no lugar. E quer saber. Vou desistir de tudo por causa do que você disse na noite passada.

Roran permaneceu em silêncio, era o que ele queria. Deixar Carvahall era a coisa certa a fazer, e como ele havia se comprometido com tal empreitada, não tinha motivos para ficar se atormentando com culpa e remorso. *A decisão está tomada. Aceitarei as conseqüências sem reclamar, não importa o quanto elas possam ser medonhas, pois essa é a única maneira de escapar do Império.*

- Mas - disse Horst antes de se inclinar para frente apoiado no cotovelo, seus olhos negros ardiam sob sua testa - lembre-se de que, se a realidade divergir dos sonhos etéreos que você conjurou, haverá dívidas a pagar. Dê esperanças às pessoas e depois as tire, que elas o acabarão destruindo.

Aquela perspectiva não preocupava Roran. *Se chegarmos a Surda, seremos recebidos como heróis pelos rebeldes. Se não, nossas mortes findarão com todas as dívidas.* Quando ficou claro que o ferreiro havia terminado de falar, Roran perguntou:

- Onde está Elain?

Horst franziu a testa por causa da mudança de assunto.

- Lá atrás. - Ele se levantou e ajeitou sua túnica por sobre seus ombros pesados. - Tenho que ir esvaziar a ferraria e decidir quais ferramentas vou levar. Vou esconder ou destruir o resto. O Império não se beneficiará do

meu trabalho.

- Vou ajudar. - Roran empurrou sua cadeira para trás.

- Não - retrucou Horst asperamente. - Essa é uma tarefa que só posso fazer com Albriech e Baldor. Aquela oficina foi toda a minha vida, e a deles... De qualquer maneira, você não ajudaria muito com esse seu braço. Fique aqui. Elain pode precisar de você.

Depois que o ferreiro saiu, Roran abriu a porta lateral e encontrou Elain conversando com Gertrude ao lado do enorme monte de lenha armazenada para o ano. A curandeira foi até Roran e colocou a mão em sua testa.

- Temia que você pudesse ter pegado uma febre depois de toda a excitação de ontem. Sua família sara dos males com uma velocidade extraordinária. Mal pude acreditar quando Eragon começou a andar depois de ter suas pernas esfoladas e passar dois dias na cama. - Roran enrijeceu-se à simples menção do nome do seu primo, mas ela pareceu não notar. - Vamos ver como está o seu ombro, podemos?

Roran curvou o pescoço para que Gertrude alcançasse suas costas e desamarrasse o nó da tipóia. Assim que o fez, ela baixou cuidadosamente seu antebraço direito - que estava imobilizado numa tala - até seu braço ficar reto. Gertrude deslizou seus dedos sob o cataplasma que havia sido colocado no ferimento e o arrancou.

- Oh, nossa - disse ela.

Um cheiro denso e rançoso encheu o ar. Roran cerrou os dentes enquanto seu estômago se revirava e depois olhou para baixo. A pele sob cataplasma havia ficado branca e esponjosa, como se fosse uma gigantesca cicatriz em forma de larva, como carne em decomposição. A ferida assim dizer havia sido costurada quando ele estava inconsciente, por isso tudo que Roran viu foi uma linha rosa denteada e endurecida com sangue na parte da frente do seu ombro. O inchaço e a inflamação forçaram os fios trançados de categut a penetrarem bem fundo na carne, enquanto gotas líquidas e claras se esvaíam do ferimento.

Gertrude mexia a língua enquanto o examinava, depois recolocou as bandagens e encarou Roran.

- Você está indo bem, mas o tecido pode ficar infeccionado. Não dá

para dizer ainda. Se isso acontecer, teremos de cauterizar o seu ombro.

Roran acenou com a cabeça.

- Meu braço vai voltar ao normal assim que a ferida cicatrizar?

- Contanto que os pontos restaurem seus músculos apropriadamente. Também depende do uso que quiser fazer dele. Você...

- Eu terei como lutar?

- Se quiser lutar - disse Gertrude lentamente -, sugiro que você aprenda a usar sua mão esquerda. - Ela deu alguns leves tapinhas em seu rosto e voltou correndo para a sua cabana.

Meu braço. Roran olhou para o braço como se ele não mais lhe pertencesse. Até aquele momento, ainda não havia percebido o quanto o seu senso de identidade estava ligado às condições do seu corpo. Qualquer ferimento em sua carne podia ferir a sua alma e vice-versa. Roran tinha orgulho do seu corpo, e a perspectiva de vê-lo deficiente o deixava em pânico, ainda mais sabendo que o dano poderia ser permanente. Mesmo se recuperasse o uso do braço, carregaria para sempre uma enorme cicatriz como lembrança do seu ferimento.

Pegando a sua mão, Elain conduziu Roran para os fundos da casa, onde ela esmigalhou menta numa chaleira e depois colocou-a no fogão para ferver.

- Você realmente a ama, não?

- O quê? - Ele a encarou, surpreso. Elain pousou uma mão sobre seu ventre.

- Katrina. - Ela sorriu. - Não sou cega. Sei o que você fez por ela e estou orgulhosa. Nenhum homem iria tão longe.

- Não significa nada, já que não posso libertá-la.

A chaleira começou a apitar.

- Você conseguirá, estou certa disso... de um jeito ou de outro. - Elain serviu o chá. - É melhor começarmos a nos preparar para a viagem. Vou separar as coisas de cozinha antes. Enquanto isso, você poderia ir lá em cima e me trazer todas as roupas, roupas de cama e qualquer coisa que julgue útil?

- Onde posso colocá-las? - perguntou Roran.

- Na sala de jantar está ótimo.

Como as montanhas eram muito íngremes e a floresta muito densa para as carroças, Roran percebeu que seus suprimentos estavam limitados ao que eles poderiam carregar e ao que pudessem empilhar sobre os dois cavalos de Horst, embora um desses tivesse de andar parcialmente descarregado para que Elain pudesse cavalgá-lo sempre que a trilha ficasse difícil demais para a sua gravidez.

Acrescentado a isso, estava o fato de que algumas famílias em Carvahall não possuíam montarias suficientes para as provisões e para os jovens, para os idosos e para os enfermos que não tivessem condições de seguir no mesmo ritmo dos outros a pé. Todos teriam de compartilhar recursos. A questão, no entanto, era com quem? Eles ainda não sabiam quem mais iria, além de Birgit e Delwin.

Assim sendo, quando Elain terminou de empacotar os itens que ela julgava serem essenciais - principalmente comida e agasalhos -, pediu para Roran descobrir quem mais precisava de espaço extra para guardar suas coisas e se, pelo contrário, alguém tivesse espaço de sobra se poderia emprestar-lhe, pois havia várias coisas secundárias que ela queria levar mas, se não fosse possível, as abandonaria.

Apesar das pessoas que corriam pelas ruas, Carvahall estava triste por causa de uma lentidão forçada, uma calma artificial que não correspondia à agitação que se dava no interior das casas. Quase todos estavam em silêncio e andavam cabisbaixos, ocupados com seus próprios pensamentos.

Quando Roran chegou à casa de Orval, ele teve de bater a argola da porta durante quase um minuto antes do fazendeiro atender.

- Oh, é você, Martelo Forte. - Orval saiu para a varanda. - Desculpe pela demora, mas eu estava ocupado. Como posso ajudá-lo? - Ele bateu com o longo cachimbo negro na palma da mão e depois começou a rolá-lo nervosamente entre os dedos. Dentro da casa, Roran ouviu correntes sendo arrastadas pelo chão, e panelas e frigideiras batendo umas nas outras.

Roran explicou rapidamente a oferta e o pedido de Elain. Orval se voltou para o céu com os olhos meio fechados.

- Calculo que tenho espaço suficiente para minhas próprias coisas. pergunte por aí e, se ainda precisar de espaço, eu tenho uma parelha de dois bois que podem levar algo a mais.

- Então você *está* indo?

Orval mudou de posição, ostentando um certo desconforto.

- Bem, eu não diria isso. Estamos apenas... nos preparando no caso de um outro ataque.

- Ah. - Confuso, Roran caminhou penosamente até a casa de Kiselt. Logo ele descobriu que ninguém estava disposto a revelar se havia decidido partir. Mesmo quando seus preparativos estavam notadamente à vista.

E todos tratavam Roran com uma deferência que ele achou perturbadora. Ela se manifestava em pequenos gestos: ofertas de condolência pela sua desgraça, silêncio respeitoso sempre que ele falava, e murmúrios de aprovação quando ele fazia uma afirmação. Era como se as suas proezas houvessem aumentando seu valor e intimidado as pessoas que ele conhecia desde a infância, distanciando-o delas.

Estou marcado, pensou Roran, enquanto mancava no meio da lama. Parou na beira de uma poça e se curvou a fim de olhar seu reflexo, curioso para saber se podia discernir o que o tornava tão diferente.

Ele viu um homem usando roupas esfarrapadas e manchadas de sangue, com uma corcunda e um braço amarrado ao peito. Seu pescoço e suas bochechas estavam protegidos por uma barba iminente, enquanto seu cabelo emaranhado estava enrolado numa espécie de auréola em volta da cabeça. O mais apavorante, no entanto, eram os seus olhos, que haviam afundado profundamente nas órbitas, dando-lhe uma aparência assustadora. De dentro daquelas duas cavernas mórbidas, seu olhar fervia como se fosse aço derretido, cheio de perdas, fúria e obsessão.

Um sorriso assimétrico se formava no rosto de Roran, fazia seu semblante ficar ainda mais chocante. Ele gostava da sua aparência. Combinava com os seus sentimentos. Agora ele entendia como havia conseguido influenciar os habitantes do vilarejo. Ele cerrou os dentes. *Posso usar esta imagem. Posso usá-la para destruir os Ra'zac.*

Levantando a cabeça, passou a andar de um jeito mais relaxado no meio da rua, feliz consigo mesmo. Naquele exato instante, Thane se aproximou e agarrou seu antebraço esquerdo vigorosamente.

- Martelo Forte! Você não sabe como estou feliz em vê-lo.

- Está mesmo? - Roran queria saber se o mundo inteiro havia

mudado completamente durante a noite.

Thane acenou vigorosamente com a cabeça.

- Desde que atacamos os soldados, tudo parecia impossível para mim. Dói muito admitir isso, mas as coisas estavam assim. Meu coração batia forte o tempo todo, como se eu estivesse prestes a cair no fundo de um poço, minhas mãos tremiam, e eu me sentia terrivelmente doente. Achava que alguém havia me envenenado! Era pior do que a morte. Mas o que você me disse ontem me curou instantaneamente e me fez ver sentido no mundo novamente! Eu... eu não tenho nem como explicar como era o horror do qual você me salvou. Estou em dívida com você. Se precisar ou quiser alguma coisa, é só pedir que eu venho ajudá-lo.

Abalado, Roran retribuiu o aperto de mão do fazendeiro e disse:

- Obrigado, Thane. Obrigado. - Thane curvou sua cabeça, com lágrimas nos olhos, e depois soltou a mão de Roran e o deixou em pé, sozinho, no meio da rua.

O que eu fiz?

ÊXODO

Uma muralha de fumaça engoliu Roran assim que ele entrou no Sete Roldanas, a taverna de Morn. Parou embaixo dos chifres de Urgal que estavam presos acima da porta e deixou seus olhos se adaptarem ao interior embaçado.

- Olá? - gritou.

A porta para os quartos dos fundos se abriu com um estrondo enquanto Tara vinha lentamente na frente, seguida por Morn. Ambos encararam Roran emburrados. Tara plantou os punhos carnudos nos quadris- e *perguntou*:

- O que você quer aqui?

Roran a encarou por um instante, tentando determinar a origem de sua animosidade.

- Vocês já decidiram se atravessarão a Espinha comigo?

- Isso não lhe diz respeito - vociferou Tara.

- *Diz sim*. No entanto, ele se conteve e disse:

- Sejam quais forem as suas intenções, e se *estiverem* indo, Elain gostaria de saber se há lugar sobrando nas suas bagagens para alguns itens, ou se vocês estão precisando de espaço para levar alguma coisa. Ela tem...

- Espaço a mais! - irrompeu Morn. Ele apontou para uma muralha atrás do bar, onde havia tonéis de carvalho enfileirados. - Eu tenho, envoltos em palha, doze barris da mais *clara* cerveja de inverno, que têm sido mantidos na mais perfeita temperatura durante os últimos cinco meses. Faziam parte do último lote de Quimby! O que devo fazer com eles. Ou com meus barris de cerveja leve e escura? Se eu os abandonar, os soldados os consumirão em uma semana, ou irão furá-los com pregos e derramar a bebida no chão, onde as únicas criaturas que as degustarão serão as larvas e os vermes. Oh! - Morn se sentou e apertou as mãos, balançando a cabeça. - Doze anos de trabalho! Desde que meu pai morreu, eu toco a taverna do mesmo jeito que ele, dia a dia. E então vêm você e Eragon e causam todo esse problema. Isso... - Ele parou, respirando com dificuldade, e secou o rosto molhado com a barra da manga.

- Está vendo? - perguntou Tara. Ela colocou o braço em volta de Morn e apontou para Roran. - Quem deu licença para você agitar Carvahall com suas palavras bonitas? Se partirmos, como o meu pobre marido vai ganhar a vida? Ele não pode levar seu negócio a tiracolo como Horst ou Gedric. Não pode se agachar num campo vazio e cultivá-lo como você! Impossível! Todos irão e ficaremos aqui morrendo de fome. Ou então iremos e *mesmo assim* morreremos de fome. Você nos arruinou! Roran desviou os olhos de seu rosto furioso e ruborizado, se voltou para a expressão mais perturbada de Morn e depois se virou e abriu a porta. Ele fez uma pausa na soleira e disse num tom de voz baixo:

- Sempre considereí vocês meus amigos. Eu não os deixaria serem mortos pelo Império. - Assim que saiu puxou seu manto e o apertou em torno de si, e saiu rapidamente da taverna, meditando no caminho.

No poço de Fisk, parou para beber água e logo Birgit apareceu. Ela o viu lutando para virar a manivela com apenas uma das mãos, então tomou para si a tarefa e içou o balde cheio d'água, o qual lhe passou sem dar um gole sequer. Ele bebeu o líquido gelado e disse:

- Fico feliz que vocês estejam vindo. - E lhe devolveu o balde. Birgit o

observou.

- Reconheço a força que o impulsiona, Roran, pois ela também me impele, ambos queremos encontrar os Ra'zac. Assim que o fizermos, você me compensará a morte de Quimby. Nunca se esqueça disso. - Ela empurrou o balde para dentro do poço novamente e o deixou cair solto, enquanto a manivela girava de forma desenfreada. Um segundo depois, ecoou pelo poço o som oco de um esguicho de água.

Roran sorriu enquanto a via se afastando. Estava mais feliz do que perturbado com a sua declaração, sabia que mesmo se mais alguém em Carvahall fosse abandonar a causa ou morresse, Birgit ainda o ajudaria a caçar os Ra'zac. Depois, no entanto - se é que existia um depois -, ele teria de pagar seu preço ou matá-la. Essa era a única maneira de resolver tais questões.

Lá pela noite, Horst e seus filhos haviam voltado para casa, carregando dois pequenos pacotes envoltos em oleado.

- Isso é tudo? - perguntou Elain. Horst respondeu afirmativamente, colocou os pacotes em cima da mesa da cozinha e os abriu, expondo quatro martelos, três pinças, um torno, um fole de tamanho médio e uma bigorna de um quilo e 300 gramas.

Assim que os cinco se sentaram para jantar, Albriech e Baldor conversaram sobre as várias pessoas que viram fazendo preparativos secretos. Roran escutou a tudo atentamente, tentando guardar quem havia estado burros para quem, quem não demonstrou a intenção de partir e quem talvez precisasse de ajuda para poder partir.

- O maior problema - disse Baldor - é a comida. Só podemos carregar até um certo limite, e será bastante difícil caçar o suficiente na Espinha para alimentar duzentas ou trezentas pessoas.

- Hum. - Horst balançou o dedo, com a boca cheia de grãos de feijão e depois engoliu. - Caça não vai dar certo. Temos que levar nossos rebanhos conosco. Combinados, temos carneiros e bodes suficientes para alimentar todos nós por um mês ou mais.

Roran ergueu sua faca.

- Lobos.

- Estou mais preocupado em impedir que os animais fiquem

vagando pela floresta - respondeu Horst. - Arrebanhá-los será uma tarefa à-toa.

Roran passou o dia seguinte ajudando a quem quer que fosse, falando pouco e geralmente permitindo que as pessoas o vissem trabalhando pelo bem do vilarejo. Mais tarde naquela noite, caiu na cama exausto, porém esperançoso.

A chegada do amanhecer trespassou os sonhos de Roran e o despertou com uma significativa sensação de expectativa. Ele se levantou e desceu a escada na ponta dos pés, depois saiu da casa e olhou para as montanhas, consumido pelo silêncio da manhã. Sua respiração formava uma coluna branca no ar, mas ele se sentia quente por dentro, pois seu coração carregava medo e ansiedade.

Depois de um rápido café da manhã, Horst trouxe os cavalos para a parte da frente de sua casa, lá Roran ajudou Albriech e Baldor a carregá-los com alforjes e mais pacotes de suprimentos. Em seguida, Roran pegou a sua própria saca e chiou quando a alça de couro pendurada no ombro apertou o seu ferimento.

Horst fechou a porta de casa. Continuou segurando a maçaneta de aço por um instante, depois pegou a mão de Elain e disse:

- Vamos.

Enquanto andavam por Carvahall, Roran viu famílias melancólicas reunidas em frente às suas casas com pilhas de pertences e animais domésticos se queixando. Viu carneiros e cães com sacas amarradas nas costas, crianças montadas em burros e com os olhos cheios de lágrimas, carroças amarradas a cavalos com engradados cheios de galinhas agi-as Penduradas nas laterais. Viu os frutos do seu sucesso, e não sabia se devia rir ou chorar.

Eles pararam na extremidade norte de Carvahall e esperaram para ver quem iria acompanhá-los. Um minuto se passou e logo Birgit se aproximou, vinha pela lateral, acompanhada por Nolfavrell e seus irmãos mais novos. Birgit cumprimentou Horst e Elain, e esperou.

Ridley e sua família chegaram atravessando as matas, conduziam mais de cem ovelhas vindo do lado leste do vale Palancar.

- Imaginei que fosse melhor deixá-los fora de Carvahall - gritou

Ridley sobrepondo-se aos animais.

- Pensou bem! - respondeu Horst.

Em seguida vieram Delwin, Lenna e seus cinco filhos, Orval e sua família, Loring com seus filhos, Calitha e Thane - que deu um largo sorriso para Roran - e o clã de Kiselt. As mulheres que haviam enviuvado há pouco, como Nolla, se agruparam em volta de Birgit. Antes de o sol iluminar os picos das montanhas, a maior parte do vilarejo já havia se agrupado ao longo da muralha. Mas nem todo mundo.

Morn, Tara e alguns outros ainda estavam por aparecer e, quando Ivor chegou, não carregava nenhum suprimento.

- Você ficará - observou Roran. Ele deu um passo para o lado desviando-se de um grupo de bodes impacientes que Gertrude tentava segurar.

- Sim - afirmou Ivor, deixando escapar a palavra numa confissão extenuada. Ele estremeceu e cruzou os braços magros em busca de calor, para depois encarar o sol que nascia, levantando a cabeça como se quisesse pegar os raios transparentes. - Svart se recusou a partir. Eê! Fazer com que ele entre na Espinha é como obrigá-lo a agir contra a sua natureza. Alguém tem que cuidar dele e, como eu não tenho filhos, então... - Ele encolheu os ombros. - De qualquer maneira, duvido que eu conseguisse desistir da fazenda.

- O que você fará quando os soldados chegarem?

- Vou enfrentá-los de um jeito que eles jamais esquecerão. Roran riu com a voz rouca e bateu no braço de Ivor, fazendo o melhor possível para ignorar o destino impronunciável que, ambos sabiam, esperava todos que ficassem.

Um homem magro e de meia-idade, Ethlbert, marchou até a beira do comboio e gritou:

- Vocês são todos uns idiotas! - Com um murmúrio nefasto, as pessoas se viraram para olhar na direção de seu acusador. - Consegui conservar a minha paz no meio de toda essa loucura, mas não seguirei um lunático com uma conversa fiada! Se as suas palavras não os tivessem cegado, veriam que ele os está levando à destruição! Bem, eu não irei!

Correrei riscos passando às escondidas pelos soldados para me

refugiar em Therinsford. Eles ainda são gente decente e não os bárbaros que vocês encontrarão em Surda. - Cuspiu no chão, girou nos calcanhares e saiu batendo os pés.

Temendo que Ethlbert pudesse convencer outros a desistir de tudo, Roran olhou a multidão e ficou aliviado ao não ver nada além de murmúrios nervosos. Ainda assim, ele não queria perder tempo e dar às pessoas uma chance de mudar de idéia. E perguntou a Horst em voz baixa:

- Quanto tempo devemos esperar?

- Albriech, você e Baldor dêem uma volta por aí e vejam se tem mais alguém vindo. Caso contrário, partiremos.

Os irmãos partiram depressa em direções opostas.

Meia hora mais tarde, Baldor voltou com Fisk, Isold e o cavalo que haviam pego emprestado. Largando seu marido, Isold correu em direção a Horst, afastando todos que estavam em seu caminho, esquecendo-se que grande parte do seu cabelo havia se soltado do coque e se salientava na forma de uns tufo estranhos. Ela parou, respirando com dificuldade.

- Lamento termos demorado tanto, mas Fisk teve problemas para fechar a loja. Ele não conseguia escolher que plainas ou formões devia levar. - Ela riu num tom estridente, quase histérico. - Era como se eu estivesse vendo um gato cercado por ratos, tentando decidir qual deles perseguiria. Primeiro este, depois aquele.

Um sorriso torto fez os lábios de Horst se apertarem.

- Entendo perfeitamente.

Roran se esforçou para avistar Albriech, mas foi em vão. E apertou os dentes.

- Onde ele está?

Horst bateu em seu ombro.

- Bem ali, acredito eu.

Albriech avançou entre as casas com três barris de cerveja amarrados nas suas costas e um olhar aflito que era hilário o bastante para fazer Baldor e vários outros caírem na gargalhada. Ao lado de Albriech andavam Morn e Tara, que cambaleavam por causa do peso das suas enormes sacas, assim como o burro e os dois bodes que eles puxavam. Para a surpresa de Roran, os animais carregavam ainda mais barris.

- Eles não vão agüentar nem um quilômetro - disse Roran, cada vez mais furioso com a tolice do casal. - E eles não possuem comida suficiente. Será que estão esperando que os alimentemos ou...

Com uma risadinha, Horst o interrompeu.

- Eu não me preocuparia com a comida. A cerveja de Morn será boa para elevar a moral da turma, e isso vale mais do que umas poucas refeições. Você vai ver.

Assim que Albriech se livrou dos barris, Roran perguntou a ele e a seu irmão:

- Esses são todos? - Quando responderam afirmativamente, Roran disse um palavrão e deu um soco na coxa. Tirando Ivor, três famílias estavam determinadas a ficar no vale Palancar: as de Ethlbert, Parr e Knute. *Não posso forçá-los a vir.* Ele suspirou. - Tudo bem. Não há mais sentido em esperar.

O alvoroço se espalhou pela população, o momento finalmente havia chegado. Horst e cinco outros homens abriram a muralha de árvores, e colocaram tábuas em cima da trincheira para que as pessoas e os animais pudessem atravessá-la.

Horst gesticulou.

- Acho que você devia ir na frente, Roran.

- Espere! - Fisk correu e, com um orgulho evidente, deu para Roran um bastão negro de madeira de espinheiro, com um metro e oitenta de comprimento e um nó de raízes polidas no topo, além de uma virola de aço azulado que se afilava até virar um ferrão áspero na base. -Eu o fiz na noite passada - disse o carpinteiro. - Achei que você poderia precisar de algo assim.

Roran passou sua mão direita pela madeira, maravilhado com sua maciez.

- Não poderia querer algo melhor. Você é um mestre... Obrigado. - Fisk sorriu e se afastou.

Consciente do fato de que estava sendo observado por toda a multidão, Roran encarou as montanhas e as cataratas Igualda. Seu ombro latejava sob a alça de couro. Para trás ficaram a ossada de seu pai e tudo que ele conhecera na vida. A sua frente estavam os picos recortados que se avolumavam em direção ao céu pálido e bloqueavam seu caminho e sua vontade. Ele não seria impedido. E não iria olhar para trás.

Katrina.

Levantando o queixo, Roran começou o caminho. Seu bastão batia nas tábuas pesadas enquanto ele atravessava a trincheira e saía de Carvahall, liderando os moradores selva adentro.

NOS ROCHEDOS DE TEL'NAEÍR

Bum. Luminoso como um sol radiante, o dragão pairou perante Eragon e todos que estavam reunidos nos rochedos de TEL'NAEÍR, golpeava-os com rajadas de suas poderosas asas. O corpo do dragão parecia estar pegando fogo em virtude da manhã cintilante que iluminava suas escamas douradas e cobria o solo e as árvores com raios de sol ofuscantes. Era bem maior do que Saphira, grande o bastante para ter centenas de anos de idade, e tinha, proporcionalmente, pescoço, membros e um rabo mais grossos. Sobre seu dorso sentava-se o Cavaleiro, cujo manto era surpreendentemente branco em contraste com o brilho das escamas.

Eragon caiu de joelhos, com o rosto voltado para cima. *Não estou sozinho...* O medo e o alívio percorreram seu interior. Não teria mais que assumir a responsabilidade pelos Varden e por Galbatorix sozinho. Aqui estava um dos guardiões do passado, renascido das profundezas do tempo para guiá-lo, um símbolo vivo e uma evidência das lendas com as quais ele havia sido criado. Aqui estava o seu mestre. Aqui *estava* uma lenda!

Quando o dragão se virou para aterrissar, Eragon ficou sem fôlego, a perna da criatura havia sido mutilada por uma terrível explosão, deixando um toco branco e inerte no lugar de um outrora poderoso membro. Lágrimas encheram seus olhos.

Um redemoinho de galhos e folhas secas envolveu o cume da montanha enquanto o dragão se assentava na relva de trevos-de-cheiro e dobrava suas asas. O Cavaleiro desceu cuidadosamente de sua montaria pela intacta perna direita do dragão e se aproximou de Eragon, com as mãos fechadas à sua frente. Ele era um elfo de cabelo prateado, um velho cuja idade estava além de qualquer medida, embora o único sinal dela fosse a expressão de grande compaixão e tristeza em seu rosto.

- Osthato Chetowä - disse Eragon. - O Sábio Pesaroso... Como você

pediu, eu vim. - Com um susto, ele se lembrou do cerimonial e tocou os seus lábios. - Atra esterní ono thelduin.

O Cavaleiro sorriu. Segurou Eragon pelos ombros e o ergueu até que ficasse de pé, encarando-o com uma doçura que não permitiu a Eragon olhar para mais ninguém, preso à profundidade infinita dos olhos do elfo.

- Oromis é o meu nome, Eragon Matador de Espectros.

- Você sabia - sussurrou Islanzadí com uma expressão ferida que rapidamente se transformou num acesso de fúria. - Você sabia da existência de Eragon e ainda assim não me disse? Por que você me traiu, Shur'tugal?

Oromis libertou Eragon de seu olhar e se voltou para a rainha.

- Mantive o silêncio porque não tinha certeza se Eragon ou Arya sobreviveriam tempo suficiente para vir até aqui, não tinha a menor intenção de lhe dar uma esperança frágil que poderia ser frustrada a qualquer instante.

Islanzadí girou o corpo e sua capa de penas de cisne se ergueu como se fossem asas.

- Você não tinha o direito de esconder essa informação de mim! Eu poderia ter enviado guerreiros para proteger Arya, Eragon e Saphira em Farthen dūr e escoltá-los até aqui com segurança.

Oromis sorriu com tristeza.

- Não escondi nada de você, Islanzadí, a não ser o que você já havia optado por não ver. Se tivesse rastreado o reino através de cristalomancia, como é o seu dever, teria identificado a fonte do caos que se espalhou pela Alagaësia e descobriria a verdade sobre Arya e Eragon. Que pudesse se esquecer dos Varden e dos anões na sua dor é compreensível, mas de Brom? Vinr Älfakyn? O último dos Amigos dos Elfos? Você andou cega para o mundo, Islanzadí, e relaxou no seu trono. Eu não poderia correr o risco de desviá-la ainda mais, a sujeitaria a outra perda.

A raiva de Islanzadí esgotou-se, deixando seu rosto pálido e seus ombros caídos.

- Sinto-me diminuída - sussurrou ela.

Uma nuvem de ar quente e úmido roçou Eragon enquanto o dragão dourado se curvava para examiná-lo com seus olhos brilhantes e faiscantes. *Já estamos bem apresentados, Eragon Matador de Espectros. Sou Glaedr.* Sua voz - inequivocamente masculina - ressoou e fez estremecer a mente de

Eragon, como o rosnado de uma avalanche.

Tudo o que Eragon pôde fazer foi tocar em seus lábios e dizer:

- Sinto-me honrado.

Glaedr desviou sua atenção para Saphira. Ela permaneceu imóvel, com o pescoço levemente arqueado enquanto Glaedr cheirava o contorno de sua asa. Eragon viu os músculos da perna de Saphira se apertarem, alvoroçados com um tremor involuntário. *Você cheira a humanos*, disse Glaedr *e tudo que conhece da sua própria raça é o que os instintos a ensinaram, mas tem o coração de um verdadeiro dragão.*

Durante essa troca silenciosa, Orik se apresentou a Oromis.

- Sinceramente, isto está além de qualquer coisa que eu poderia esperar. Você é uma surpresa agradável nestes tempos tenebrosos, Cavaleiro.

- Ele bateu com o punho bem no coração. - Se não for muita presunção da minha parte, vou lhe pedir uma gentileza em nome do meu rei e do meu clã, como era costume entre nossa gente.

Oromis assentiu com um aceno de cabeça.

- Irei concedê-la se estiver dentro dos limites do meu poder.

- Então me diga: Por que você permaneceu escondido durante todos esses anos? Você era extremamente necessário, Argetlam.

- Ah - disse Oromis. - Existem muitas tristezas no mundo, e uma das maiores é não ter como ajudar aqueles que sofrem. Não podia correr o risco de deixar este santuário pois, se eu tivesse morrido antes que um dos ovos de Galbatorix rompessem, então não haveria ninguém para passar os nossos segredos para o novo Cavaleiro, e seria ainda mais difícil derrotar Galbatorix.

- Esse foi o seu motivo? - botou para fora Orik. - Essas são as palavras de um covarde! Os ovos poderiam nunca ter rompido.

Todos fizeram um silêncio mortal, exceto por um leve rosnado que emanava por entre os dentes de Glaedr.

- Se você não fosse nosso convidado - disse Islanzadí -, eu o teria agredido com as minhas próprias mãos por este insulto.

Oromis estendeu as mãos.

- Não estou me sentindo ofendido. É uma reação apropriada. Entenda, Orik, que eu e Glaedr não podemos lutar. Glaedr tem a sua

incapacidade, e eu - tocou a lateral de sua cabeça - também estou mutilado. Os Renegados destruíram algo dentro de mim quando fui prisioneiro deles, e ao passo que ainda posso ensinar e aprender, não posso mais controlar a magia, exceto os menores encantos. O poder me escapa, não importa o quanto eu me esforce. Seria menos do que inútil numa batalha, uma fraqueza e uma desvantagem, alguém que poderia facilmente ser capturado e manipulado. Por isso me afastei da influência de Galbatorix para o bem de muitos, muito embora ansiasse por enfrentá-lo abertamente.

- O Imperfeito Que É Perfeito - murmurou Eragon.

- Perdoe-me - disse Orik. Ele parecia surpreso.

- Não tem importância. - Oromis colocou a mão no ombro de Eragon. - Islanzadí Dröttningu, com sua licença.

- Vá - disse ela num tom enfadonho - e acabe logo com isso. Glaedr se agachou até bem perto do chão e Oromis subiu em sua perna com agilidade para depois se ajeitar na sela que estava em seu dorso. - Venham, Eragon e Saphira. Temos muito para conversar. - O dragão dourado pulou do penhasco e começou a voar em círculos, subindo numa corrente de ar quente.

Eragon e Orik abraçaram-se solenemente.

- Traga honra para o seu clã - disse o anão.

Enquanto Eragon montava em Saphira, era como se estivesse prestes a embarcar numa longa viagem, devia dizer adeus para aqueles que ficariam para trás. Em vez disso, o jovem simplesmente olhou para Arya e sorriu, deixando o seu fascínio e sua alegria à mostra. Ela franziu um pouco a testa, parecendo perturbada, mas logo ele sumiu, varrendo o céu por conta da impetuosidade do voo de Saphira.

Juntos, os dois dragões seguiram por alguns quilômetros até o despenhadeiro branco mais ao norte, acompanhados apenas pelo som de suas asas. Saphira voou ao lado de Glaedr. Seu entusiasmo fervilhava dentro da mente de Eragon, intensificando suas próprias emoções.

Pousaram em outra clareira, situada na beira do despenhadeiro, exatamente antes da muralha de pedras expostas que já estava em processo de decomposição. Uma trilha à vista ia do precipício até a porta de uma cabana baixa erguida entre os troncos de quatro árvores, um dos quais se estendia sobre um riacho proveniente das profundezas sombrias da floresta.

Glaedr não cabia em seu interior, a cabana podia facilmente ficar acomodada entre suas costelas.

- Bem-vindos à minha casa - disse Oromis enquanto desmontava com uma facilidade incomum. - Eu moro aqui, na beira dos rochedos de Tel'naeír, porque me dá a oportunidade de pensar e estudar em paz. Minha mente funciona melhor quando estou longe de Ellesméra e das distrações causadas pelas outras pessoas.

Ele sumiu dentro da cabana e depois voltou com dois banquinhos e jarros cheios de uma água limpa e fresca para si próprio e para Eragon. O rapaz tomou um gole e ficou apreciando a vasta paisagem de Du Weldenvarden, numa tentativa de ocultar a admiração e o nervosismo, enquanto esperava o elfo falar. *Estou na presença de outro Cavaleiro!* Atrás dele, Saphira se agachava com os olhos fixos em Glaedr, amassando lentamente a lama entre as suas garras.

O hiato em sua conversa começou a se alongar cada vez mais. Dez minutos se passaram... meia hora... e então uma hora. Chegou ao ponto em que Eragon começou a medir o tempo que transcorria observando o movimento do sol. A princípio, sua mente fervilhava de perguntas e pensamentos, mas estes aos poucos foram diminuindo até uma calma aceitação. Bastava, para ele, ficar observando o dia. Só então Oromis se pronunciou:

- Você aprendeu bem o valor da paciência. Isso é bom. Eragon levou um instante para conseguir se expressar.

- Você não pode se aproximar silenciosamente de um veado se estiver com pressa.

Oromis baixou seu jarro.

- É verdade. Deixe-me ver suas mãos. Acho que elas dizem muito sobre a pessoa. - Eragon retirou suas luvas e permitiu que o elfo apertasse o seu pulso com dedos magros e secos. Ele examinou os calos do jovem e prosseguiu: - Corrija-me se eu estiver errado. Você manejou uma foice e um arado durante mais tempo do que brandiu uma espada, embora esteja acostumado com um arco.

- Sim.

- E você pouco escreveu e desenhou, talvez nunca tenha se dedicado

a isso.

- Brom ensinou-me as letras em Teirm.

- Hum. Afora sua escolha de ferramentas, me parece óbvio que você tende a ser negligente e a descuidar da sua própria segurança.

- O que o faz dizer isso, Oromis-elda? - perguntou Eragon, usando a honraria mais respeitosa e formal da qual ele podia se lembrar.

- *Elda* não - corrigiu Oromis. - Você pode me chamar de mestre nesta língua e ebrithil na língua antiga, nada mais. E estenderá a mesma cortesia para Glaedr. Somos os seus professores, vocês são os nossos alunos, e agirão com o respeito e a deferência apropriados. - Oromis falou educadamente, mas com a autoridade de alguém que espera a mais absoluta obediência.

- Sim, mestre Oromis.

- Você também, Saphira.

Eragon podia sentir como era difícil para Saphira deixar o orgulho e lado para dizer: *Sim, mestre*.

Oromis acenou positivamente.

- Agora. Qualquer um que tenha tal coleção de cicatrizes foi inacreditavelmente azarado, lutou como um louco enfurecido ou procura o perigo deliberadamente. Você luta como um louco enfurecido?

-Não.

- Nem me parece azarado, muito pelo contrário. Com isso, só resta uma explicação. A não ser que você pense de forma diferente?

Eragon lembrou de suas experiências em casa e na estrada, numa tentativa de categorizar seu comportamento.

- Diria, mais exatamente, que, uma vez que me dedico a um certo projeto ou objetivo, procuro levá-lo até o fim, não importa o custo... especialmente se alguém que eu amo estiver em perigo. - Seu olhar se moveu em direção a Saphira.

- E você se dedica a projetos desafiadores?

- Gosto de ser desafiado.

- Então você sente a necessidade de enfrentar adversidades para testar as suas habilidades.

- Gosto de superar desafios, mas já encarei muito sofrimento para

saber que é uma tolice tornar as coisas mais difíceis do que elas são. E tudo que eu posso fazer para sobreviver nessas circunstâncias.

- Contudo você optou por seguir os Ra'zac quando teria sido mais fácil permanecer no vale Palancar. E veio para cá.

- Era a coisa certa a fazer... Mestre.

Durante alguns minutos, ninguém falou. Eragon tentou adivinhar o que o elfo estava pensando, mas não conseguiu retirar nenhuma informação do seu semblante que mais parecia uma máscara. Finalmente, Oromis se moveu.

- Você, por acaso, ganhou alguma espécie de berloque em Tarnag, Eragon? Uma jóia, armadura ou até mesmo uma moeda?

- Sim. - Eragon enfiou a mão dentro de sua túnica e puxou o colar com o pequeno martelo de prata. - Gannel fez isto para mim obedecendo ordens de Hrothgar, para impedir que qualquer um veja a mim ou Saphira por cristalomancia. Eles temiam que Galbatorix pudesse descobrir como estou... Como você sabe?

- Porque - disse Oromis - eu não podia mais senti-lo.

- Alguém tentou me observar por Silthrim há cerca de uma semana. Foi você?

Oromis balançou a cabeça de modo afirmativo.

- Depois que observei você com Arya pela primeira vez, não tive necessidade de usar tais métodos grosseiros para encontrá-lo. Eu podia tocar a sua mente com a minha, como fiz quando você estava ferido em Farthen dûr. - Levantando o amuleto, murmurou algumas frases na língua antiga, e depois o largou. - Ele não contém nenhum outro encanto que eu consiga detectar. Fique com ele o tempo todo, é um presente valioso. - Ele pressionou as pontas dos seus longos dedos umas contra as outras, cujas unhas eram tão arredondadas e brilhantes quanto escamas de peixe, e olhou entre os arcos que eles formavam na direção do horizonte branco.- Por que você está aqui, Eragon?

- Para completar o meu treinamento.

- E o que você acha que esse processo requer? Eragon mudou de posição inquietamente.

- Aprender mais sobre magia e luta. Brom não teve como terminar

de me ensinar tudo o que sabia.

- Magia, a arte do manejo da espada, e outras habilidades são inúteis a não ser que você saiba como e quando aplicá-las. Isso eu lhe ensinarei. No entanto, como Galbatorix já demonstrou, o poder sem direção moral é a força mais perigosa do mundo. Minha tarefa principal, então, é ajudar vocês, Eragon e Saphira, a entender que princípios os guiam, para que não façam as escolhas certas pelas razões erradas. Vocês têm de aprender mais sobre si próprios, quem são, e o que são capazes de fazer. É por isso que estão aqui.

Quando começamos?, perguntou Saphira.

Oromis começava a responder quando se enrijeceu e deixou cair seu jarro. Seu rosto ficou vermelho e os dedos se apertaram até virarem garras que se prendiam ao seu manto como se fossem carrapichos. A mudança foi assustadora e instantânea. Antes que Eragon pudesse fazer algo mais do que hesitar, o elfo havia relaxado novamente, embora seu corpo inteiro agora acusasse um certo cansaço.

Preocupado, Eragon ousou perguntar.

- Você está bem?

Um traço de deleite levantou o canto da boca de Oromis.

- Menos do que eu poderia desejar. Nós elfos nos imaginamos imortais, mas nem mesmo nós podemos escapar de certas doenças da carne, que estão além do nosso conhecimento de magia, o que não nos permite fazer algo mais do que protelá-las. Não se preocupe... não é contagioso, mas tampouco eu consigo me livrar dela. - Ele suspirou. - Passei décadas me ligando a centenas de encantos fracos e pequenos que, dispostos um sobre o outro, duplicam o efeito dos encantos que agora estão além do meu alcance. Ligo-me a eles para que possa viver tempo o suficiente para testemunhar o nascimento dos últimos dragões e fomentar a ressurreição dos Cavaleiros a partir da ruína dos nossos erros.

- Quanto tempo resta até... Oromis levantou a sobrancelha.

- Quanto tempo resta até eu morrer? Temos tempo, mas é pequeno e precioso para você e para mim, especialmente se os Varden decidirem cobrar sua ajuda. Como resultado, respondendo à sua pergunta, Saphira, começaremos a sua instrução imediatamente, e treinaremos mais rápido do

que qualquer Cavaleiro já fez ou jamais fará, pois tenho que condensar décadas de conhecimento em meses e semanas.

- Você sabe - disse Eragon, lutando contra o embaraço e a vergonha que faziam suas bochechas arderem - da minha *enfermidade*. - Ele abafou a última palavra, odiando a sua sonoridade. - Estou tão estropiado quanto você.

Um olhar de compaixão suavizava a expressão de Oromis, embora sua voz fosse firme.

- Eragon, você só será um aleijado caso se considere assim. Entendo como se sente, mas você deve permanecer otimista, pois uma perspectiva negativa é um obstáculo maior do que qualquer ferimento físico. Falo por experiência própria. A autopiedade não servirá a você nem a Saphira. Eu e os outros usuários de magia estudaremos a sua enfermidade para ver se podemos desenvolver uma maneira de aliviá-la mas, enquanto isso, seu treinamento prosseguirá como se não houvesse nada diferente.

As entranhas de Eragon se contraíram e ele ficou sentindo o gosto da bÍlis enquanto pensava nas implicações. *Com certeza Oromis não me faria passar por todo aquele sofrimento novamente!*

- A dor é insuportável - disse ele furiosamente. - Irá me matar. Eu...

- Não, Eragon. Ela não irá matá-lo. Isso eu sei sobre a sua maldição. No entanto, ambos temos os nossos deveres, você para com os Varden e eu para com você. Não podemos nos esquivar deles por conta de uma mera dor. Há muita coisa em risco e mal podemos nos permitir falhar. -Tudo que Eragon pôde fazer foi balançar sua cabeça enquanto o pânico ameaçava subjugá-lo. Ele tentou renegar as palavras de Oromis, mas era impossível escapar à verdade que elas continham. - Eragon. Você deve aceitar esse fardo de boa vontade. Você não tem ninguém ou nada por que esteja disposto a se sacrificar?

Seu primeiro pensamento foi para Saphira, mas ele não estava fazendo isso por ela. Nem para Nasuada. Nem mesmo para Arya. O que o impulsionava, então? Quando ele prometeu lealdade para Nasuada, o fez pelo bem de Roran e das outras pessoas que estavam presas nos domínios do Império. Mas será que elas significavam tanto para ele a ponto de fazer com que ele sofresse tanta angústia? *Sim*, concluiu ele. *Sim, é claro, porque sou o único que tem uma chance de ajudá-los, e porque não ficarei livre da sombra de*

Galbatorix até que eles também estejam. E porque esse é o meu único objetivo na vida. O que mais eu faria? Ele estremeceu enquanto pronunciava a frase assustadora.

- Eu aceito em nome daqueles pelos quais luto: o povo da Alagaësia, de todas as raças, que sofreu com a brutalidade de Galbatorix. Não importa a dor, juro que estudarei com mais afinco do que qualquer outro aluno que você já teve.

Oromis assentiu solenemente com a cabeça.

- Não peço nada mais. - Ele olhou para Glaedr por um instante e prosseguiu. - Levante-se e tire a sua túnica. Deixe-me ver do que você é feito.

Espere, disse Saphira. *Brom estava a par de sua existência aqui, mestre?* Eragon fez uma pausa, chocado com a possibilidade.

- É claro - disse Oromis. - Ele foi meu pupilo quando era menino em Ilirea. Fico feliz por vocês terem lhe propiciado um enterro decente, pois ele teve uma vida dura e poucos chegaram a lhe demonstrar alguma consideração. Espero que tenha encontrado a paz antes de adentrar o vazio.

Eragon franziu a testa lentamente.

- Você também conhecia Morzan?

- Ele foi meu aprendiz antes de Brom.

- E Galbatorix?

- Fui um dos Anciãos que lhe negou outro dragão depois que o primeiro foi morto, mas não, não tive o azar de ser seu professor. Ele se certificou, pessoalmente, de caçar e assassinar cada um dos seus mentores.

Eragon queria inquirir mais, entretanto o melhor seria esperar, por isso se levantou e desatou o nó que amarrava o topo de sua túnica. *Parece, Parece*, disse para Saphira, *que jamais saberemos todos os segredos de Brom*. Ele estremeceu enquanto tirava a túnica no ar frio e depois endireitou os ombros e levantou o peito.

Oromis o circundou e parou com uma exclamação de espanto assim que viu a cicatriz que atravessava as costas de Eragon.

- Arya e nenhum dos curandeiros dos Varden se ofereceram para remover esse vergão? Você não devia carregá-lo.

- Arya se ofereceu, mas... - Eragon fez uma pausa, incapaz de articular seus sentimentos. Finalmente, ele disse. - Ele agora é uma parte de

mim, assim como a cicatriz de Murtagh é uma parte dele.

- A cicatriz de Murtagh?

- Murtagh carregava uma marca semelhante. Ela lhe foi infligida por seu pai, Morzan, ao jogar Zar'roc em cima dele quando era apenas uma criança.

Oromis o encarou seriamente durante um longo tempo antes de acenar com a cabeça e seguir em sua direção.

- Você tem uma boa quantidade de músculos e não é tão torto quanto a maior parte dos arqueiros. Você é ambidestro?

- De fato não, mas tive de aprender como lutar com a minha mão esquerda depois que quebrei meu pulso em Teirm.

- Bom. Isso fará com que economizemos algum tempo. Segure as mãos atrás das costas e levante-as o mais alto possível. - Eragon fez o que lhe foi pedido, mas a posição provocou dor em seus ombros e ele mal pôde fazer suas mãos se tocarem. - Agora incline-se para frente enquanto mantém seus joelhos retos. Tente tocar o chão. - Isso foi ainda mais difícil para Eragon, acabou curvado como um corcunda, com os braços dependurados inutilmente ao lado da cabeça, enquanto sentia pontadas nos tendões da perna que queimavam. Seus dedos ainda estavam a uns vinte ou vinte e cinco centímetros do chão. - Pelo menos você consegue se alongar sem sentir dor. Eu não esperava tanto. Você consegue fazer uma série de exercícios de flexibilidade sem se cansar muito. Sim.

Depois, Oromis se dirigiu a Saphira:

- Quero checar as suas habilidades também, dragão. - Ele lhe passou uma série de poses complexas que contorceram cada centímetro de sua sinuosa extensão de uma maneira fantástica, culminando numa série de acrobacias aéreas de um tipo que Eragon jamais vira antes. Apenas algumas coisas iam além da sua capacidade, como executar um *loop* para trás ao mesmo tempo em que serpenteava pelo ar.

Quando ela aterrissou, foi Glaedr que falou: *Temo que tenhamos mimado os Cavaleiros. Se nossos iguais recém-nascidos fossem forçados a tomar conta de si próprios em meio à natureza - como aconteceu com você e com os nossos ancestrais - então talvez eles possuiriam a sua habilidade.*

- Não - disse Oromis -, mesmo se Saphira tivesse sido criada em

Vroengard usando os métodos estabelecidos, ainda assim voaria extraordinariamente. Raras vezes vi um dragão que se adaptasse de forma tão natural ao céu. - Saphira piscou, depois arrastou as asas e se mostrou ocupada limpando uma de suas garras de um jeito que deixava a sua cabeça condida. - Você tem o que melhorar, como todos sempre têm, mas pouco, muito pouco. - O elfo se sentou novamente, com as costas perfeitamente retas.

Durante as cinco horas seguintes, pelos cálculos de Eragon, Oromis sondou cada aspecto de seu saber e do de Saphira, de botânica até marcenaria, de metalurgia até medicina, embora tivesse se concentrado principalmente no conhecimento deles acerca da história e da linguagem antiga. O interrogatório deixou Eragon reconfortado, pois o lembrava de como Brom costumava sabatiná-lo durante suas longas viagens, lembrou das viagens para Teirm e Dras-Leona.

Quando pararam para o almoço, Oromis convidou Eragon a entrar em sua casa, deixaram os dois dragões sozinhos. O quartel-general do elfo não tinha nada, exceto aqueles poucos bens essenciais necessários à alimentação, higiene e à busca de uma vida intelectual. Duas paredes inteiras estavam repletas de cubículos que continham centenas de pergaminhos. Ao lado da mesa, havia uma bacia de ouro pendurada - da mesma cor das escamas de Glaedr - e uma espada combinando, cuja lâmina era de um bronze iridescente.

Na almofada interna da porta, localizada bem no centro da madeira, havia um painel plano com um palmo de altura e dois de largura. Nele estava pintada uma cidade bela e muito alta edificada sobre uma escarpa e capturada pela luz rosada de uma lua cheia ascendente. A face lunar repleta de buracos era dividida em duas partes pela linha do horizonte e parecia estar acomodada no chão como um domo maculado tão grande quanto uma montanha. O quadro era tão claro e perfeitamente detalhado, que Eragon a princípio o tomou como uma janela mágica, foi só quando notou ser a imagem de fato estática que pôde aceitá-la como uma peça de arte.

- Onde é isso? - perguntou.

As feições oblíquas de Oromis se contraíram por um instante.

- Você faria bem se memorizasse esse cenário, Eragon, pois lá está o centro da sua desgraça. Você vê o que foi outrora a nossa cidade de Ilirea.

Ela foi incendiada e abandonada durante a Du Fyrn Skulblaka e se tornou a capital do reino Broddring e agora é a cidade tenebrosa de Uru'baen. Eu fiz essa fairth na noite em que eu e os outros fomos forçados a abandonar nossos lares antes de Galbatorix chegar.

- Você pintou essa... fairth?

- Não foi bem assim. Uma fairth é uma imagem fixada por magia sobre uma lousa plana quadrada e polida, que é preparada antes com várias camadas de pigmentos. O cenário que está gravado naquela porta é exatamente como Ilirea se apresentava a mim no momento em que fiz meu encanto.

- E - perguntou Eragon, incapaz de interromper o turbilhão de perguntas - o que era o reino Broddring?

Os olhos de Oromis se arregalaram com espanto.

- Você não sabe? - Eragon balançou negativamente a cabeça. - Como pode não saber? Considerando as suas circunstâncias e o medo que Galbatorix inflige à sua gente, posso entender que você tenha sido criado na escuridão, ignorando a sua herança. Mas não posso crer que Brom tenha relaxado tanto com sua instrução a ponto de negligenciar assuntos que até mesmo os elfos e anões mais novos dominam. Os filhos dos Varden poderiam me falar muito mais sobre o passado.

- Brom estava mais preocupado em me manter vivo do que em falar sobre pessoas mortas - retrucou Eragon.

Tal afirmação deixou Oromis em silêncio. Até que, finalmente, ele disse:

- Perdoe-me. Eu não tinha a intenção de contestar a decisão de Brom, o problema é que sou impaciente além de qualquer medida, temos tão pouco tempo, e cada coisa nova que você tem de aprender reduz aquilo que estava programado para você aperfeiçoar durante a sua estada aqui. - Ele abriu uma série de armários escondidos no interior da parede curva e retirou pãezinhos e travessas com frutas, os quais enfileirou sobre a mesa. Parou por um momento sobre a comida, com os olhos fechados, antes de começar a comer. - O reino Broddring era a terra dos humanos antes da queda dos Cavaleiros. Depois que Galbatorix matou Vrael, voou sobre Ilirea com os Renegados e depôs o rei Angrenost, tomou o seu trono e seus títulos para si

próprio. O reino Broddring, então, converteu-se no núcleo das conquistas de Galbatorix. Ele anexou Vroengard e outras terras ao leste e ao sul aos seus domínios, criando o Império com o qual você está familiarizado. Tecnicamente, o reino Broddring ainda existe, embora, a essa altura, duvido que seja muito mais do que um nome em decretos reais.

Temendo que fosse importunar o elfo com mais indagações, Eragon se concentrou em sua comida. No entanto, seu rosto deve tê-lo traído, pois Oromis disse:

- Você me lembra Brom quando o escolhi para ser o meu aprendiz. Ele era mais jovem do que você, tinha apenas dez anos, mas tinha uma curiosidade tão grande quanto a sua. Duvido muito ter ouvido dele, ao longo de um ano, algo além de *como*, *o quê*, *quando* e, acima de tudo, *por quê*. Não se sinta acanhado para perguntar aquilo que se aloja dentro do seu coração.

- Quero saber tanta coisa - sussurrou Eragon. - Quem é você? De onde você vem?... De onde veio Brom? Como era Morzan? Como, o quê, quando, *por quê*? E quero saber tudo sobre Vroengard e os Cavaleiros. Talvez então o meu próprio caminho fique mais claro.

O silêncio caiu sobre ambos, enquanto Oromis abria meticulosamente uma amora-preta, arrancando um gomo de cada vez. Quando o último glóbulo desapareceu no meio dos seus lábios cor de vinho, ele esfregou as mãos - "polindo as palmas", como Garrow costumava dizer - e afirmou:

- Guarde então algumas informações sobre mim: nasci há alguns séculos em nossa cidade de Luthivíra, situada na floresta perto do lago Tüdosten. Aos vinte anos de idade, como todas as crianças elfas, fui apresentado aos ovos que os dragões haviam dado para os Cavaleiros, e Glaedr saiu da casca para mim. Fomos treinados como Cavaleiros e, durante quase um século, viajamos por todo o mundo, fazendo a vontade de Vrael. Finalmente, chegou o dia que julgamos apropriado para nos aposentarmos e passarmos nossa experiência para a geração seguinte, por isso assumimos uma posição em Ilirea e começamos a treinar novos Cavaleiros, um ou dois de cada vez, até Galbatorix nos destruir.

- E Brom?

- Brom veio de uma família de iluminadores em Kuasta. Sua mãe chamava-se Nelda e seu pai, Holcomb. Kuasta está tão isolada do resto da Alagaësia pela Espinha que se tornou um lugar peculiar, cheio de costumes e superstições estranhos. Quando ele ainda era novo em Ilirea, Brom costumava bater em portas três vezes antes de entrar ou deixar um recinto. Os estudantes humanos caçoaram dele até que resolveu abandonar a prática junto com alguns dos seus outros hábitos.

Morzan foi o meu maior fracasso. Brom o idolatrava. Nunca saiu do seu lado, nunca o contradisse e jamais acreditou que pudesse superar

Morzan numa aventura qualquer. Morzan, tenho vergonha de admitir, pois estava dentro do meu alcance detê-lo, estava a par disso e tirava vantagem da devoção de Brom de centenas de maneiras diferentes. Foi ficando tão orgulhoso e cruel que pensei em separá-lo de Brom. Mas antes que eu pudesse fazê-lo, Morzan ajudou Galbatorix a roubar um dragão Shruikan, recém-nascido, para substituir o que Galbatorix havia perdido ajudou a matar o Cavaleiro daquele dragão no processo. Morzan e Galbatorix, então, fugiram juntos, selando o nosso destino. Você não pode começar a perceber o efeito que a traição de Morzan provocou em Brom sem antes entender a profundidade da afeição que ele tinha pelo colega. “E quando Galbatorix finalmente se revelou e os Renegados mataram o dragão de Brom, este projetou toda a sua raiva e dor naquele que julgava ser o responsável pela destruição do seu mundo: Morzan.” Oromis fez uma pausa, com uma expressão solene no rosto.

- Você sabe por que o fim do dragão, ou do Cavaleiro, normalmente causa a morte do parceiro sobrevivente?

- Posso imaginar - respondeu Eragon. Ele tremeu ao pensar.

- A dor já é um choque imenso, embora nem sempre seja suficiente, mas o que realmente causa danos é sentir que parte da sua mente e da sua identidade morrem. Quando isso aconteceu com Brom, temi por um tempo que ele enlouquecesse. Depois que fui capturado e escapei, trouxe-o para Ellesméra por segurança, mas ele se recusou a ficar, e resolveu marchar com o nosso exército para a planície de Ilirea, onde o rei Evandar foi assassinado.

"A confusão àquela altura era indescritível. Galbatorix estava ocupado consolidando o seu poder, os anões estavam recolhidos, o sudoeste

era uma massa em guerra enquanto os humanos se rebelavam e lutavam para criar Surda, e havíamos acabado de perder o nosso rei. Movido pelo desejo de vingança, Brom tentou se aproveitar do estado de desordem. Juntou muitos daqueles que haviam sido exilados, libertou outros que haviam sido aprisionados, e junto com esses formou os Varden. Ele os liderou durante alguns anos e depois entregou a posição a uma outra pessoa para prosseguir no seu principal intento, que era provocar a ruína de Morzan. Brom matou, pessoalmente, três dos Renegados, incluindo Morzan, e foi responsável indireto pelas mortes de outros cinco. Raramente sentiu-se feliz durante sua vida, mas era um bom Cavaleiro e um bom homem, e sinto-me honrado por tê-lo conhecido.”

- Nunca ouvi seu nome associado às mortes dos Renegados - contestou Eragon.

- Galbatorix não quis divulgar o fato de que ainda existia alguém capaz de matar os seus servos. Grande parte do seu poder reside na invulnerabilidade aparente.

Mais uma vez, Eragon foi forçado a rever seu conceito sobre Brom, do contador de histórias, que Eragon supôs que ele fosse a princípio, ao cavaleiro e mágico com o qual havia viajado, ao Cavaleiro que finalmente- lhe foi revelado ser e, agora, ao ativista, líder revolucionário e assassino. *Va difícil conciliar todos esses papéis. Sinto-me como se mal o conhecesse. Gostaria que tivéssemos a chance de conversar sobre tudo isso pelo menos uma vez.*

- Ele era um bom homem - concordou Eragon.

O jovem Cavaleiro olhou para fora através de uma das janelas redondas de frente para a beira do penhasco que permitiam ao calor da tarde se espalhar pela sala. Ele observou Saphira, notando como ela agia com Glaedr, parecendo ao mesmo tempo tímida e reservada. Num dado instante, ela serpeava para examinar alguns recantos na clareira, e no seguinte arrastava as asas e avançava sutilmente em direção ao dragão maior, balançando a cabeça de um lado para o outro, com a ponta da cauda se contraindo como se estivesse prestes a se lançar sobre um veado. Para Eragon, lembrava uma gatinha tentando seduzir um macho mais velho para brincar, só que Glaedr permanecia impassível a todas as suas manobras.

Saphira, chamou ele. Ela respondeu com um palpite distraído dos

seus pensamentos, quase não reconhecendo-o. *Saphira, responda-me.*

O quê?

Sei que você está excitada, mas não faça papel de boba.

Você fez papel de bobo diversas vezes, retrucou ela.

Sua resposta foi tão inesperada que o deixou atordoado. Era o tipo de observação casualmente cruel que os humanos normalmente faziam, mas que ele jamais esperava que fosse um dia ouvir dela. Finalmente conseguiu se pronunciar. *Assim não nos ajudamos.* Ela resmungou e fechou sua mente, embora ele ainda conseguisse sentir um resquício das emoções da parceira conectando-os.

Eragon voltou a si para encontrar os olhos cinzentos de Oromis voltados intensamente em sua direção. O olhar do elfo era tão perceptivo que Eragon estava certo de que seu tutor entendeu o que havia acontecido. Eragon forçou um sorriso e acenou em direção a Saphira.

- Muito embora estejamos ligados, jamais consigo prever o que ela fará. Quanto mais aprendo sobre ela, mais percebo como somos diferentes.

Então Oromis fez a sua primeira afirmação realmente sábia, segundo a avaliação de Eragon.

-Aqueles que nós amamos são normalmente os seres mais estranhos para nós. - O elfo hesitou. - Ela é muito jovem, assim como você. Eu e Glaedr levamos décadas até conhecermos totalmente um ao outro. O vínculo de um Cavaleiro com o seu dragão é igual a qualquer outro relacionamento... ou seja, um trabalho em desenvolvimento. Você confia nela?

- Com a minha vida.

- E ela confia em você?

- Sim.

- Então seja condescendente. Você foi criado como órfão. Ela foi criada acreditando que era o último espécime vivo de toda a sua raça. E acabou de descobrir que estava errada. Não fique surpreso se levar mais alguns meses para ela parar de importunar Glaedr e voltar novamente sua atenção para você.

Eragon ficou segurando um mirtilo entre o polegar e o indicador, seu apetite havia desaparecido.

- Por que os elfos não comem carne?

- Por que deveríamos? - Oromis segurou um morango e ficou girando-o de modo que a luz refletisse sua casca cheia de covinhas e iluminasse os pêlos finíssimos. - Tudo de que precisamos e desejamos nós extraímos das plantas, incluindo a nossa alimentação. Seria uma barbaridade fazer os animais sofrerem para que pudéssemos ter pratos adicionais sobre a mesa... Nossa opção lhe fará mais sentido em breve.

Eragon franziu a testa. Ele sempre comera carne e não pensava em se alimentar apenas de frutas e vegetais enquanto estivesse em Ellesméra.

- Você não sente falta do gosto?

- Não se pode sentir falta daquilo que nunca se teve.

- E quanto a Glaedr? Ele não pode se alimentar só de grama.

- Não, mas nem ele inflige dor desnecessariamente. Cada um de nós faz o melhor que pode com o que nos é dado. Você não pode deixar de ser quem é ou o que nasceu para ser.

- E Islanzadí? Sua capa foi feita com penas de cisne.

- Penas soltas se acumulam ao longo de muitos anos. Nenhum pássaro foi morto para que fosse feita sua vestimenta.

Terminaram a refeição e Eragon ajudou Oromis a limpar os pratos com areia. Enquanto o elfo os empilhava no guarda-louças, perguntou:

- Você tomou banho hoje de manhã? - A pergunta surpreendeu Eragon, que respondeu negativamente. - Por favor, faça-o amanhã e todo dia de hoje em diante.

- Todo dia! A água é fria demais para isso. Vou pegar uma febre. Oromis o encarou de um jeito indefinível.

- Então faça-a ficar mais quente.

Agora era a vez de Eragon ficar desconfiado.

- Não tenho poder suficiente para esquentar um rio inteiro com magia - protestou.

A casa ecoou as gargalhadas de Oromis. Lá fora, Glaedr balançou sua cabeça em direção à janela, olhou para o elfo, e depois retornou para a posição em que estava antes.

- Suponho que você tenha explorado os seus aposentos na noite passada. - Eragon acenou positivamente. - E viu um quartinho com uma depressão no chão?

- Achei que fosse para lavar roupas ou lençóis.

- E para você se lavar. Há duas mangueiras escondidas ao lado, na parede que fica acima do buraco. Abra-as que você poderá se banhar com água de qualquer temperatura. Além disso - ele apontou para o queixo de Eragon -, enquanto for meu aluno, espero que você se barbeie até ficar com uma barba mais cheia, se for essa a sua vontade, e não fique parecendo uma árvore com metade das folhas arrancadas. Elfos não se barbeiam, mas encontrarei uma navalha e um espelho para lhe mandar.

Com o orgulho mais do que abalado, Eragon concordou. Assim que os dois saíram, Oromis olhou para Glaedr e o dragão disse: *Resolvemos adotar um plano de estudo para Saphira e você.*

O elfo disse:

- Vocês começarão...

- ... *uma hora depois do nascer do sol amanhã, na hora do Lírio Vermelho. Retornem para cá nesse horário.*

- E traga a sela que Brom fez para você, Saphira - prosseguiu Oromis. - Façam o que quiserem até lá, Ellesméra possui muitas maravilhas para os forasteiros, se vocês desejarem vê-las.

- Vou me lembrar disso - afirmou Eragon, curvando a cabeça. - Antes de ir, mestre, gostaria de agradecê-lo por ter me ajudado em Tronjheim depois que eu matei o Espectro. Duvido que tivesse sobrevivido sem o seu auxílio. Estou em débito.

Ambos estamos em débito, acrescentou Saphira. Oromis sorriu levemente e inclinou a cabeça.

AS VIDAS SECRETAS DAS FORMIGAS

Assim que se afastaram de Oromis e Glaedr, Saphira disse: *Eragon, existe outro dragão! Dá para acreditar?* Ele acariciou seu ombro. *É maravilhoso.* Bem acima de Du Weldenvarden. o único sinal de que havia alguma moradia no meio da floresta era uma ou outra coluna de fumaça que brotava da copa de uma árvore e logo sumia do céu claro.

Nunca acreditei que pudesse encontrar outro dragão, tirando

Shruikan. Talvez pudéssemos recuperar os ovos que estão com Galbatorix, sim, mas minhas esperanças eram mínimas. E agora essa! Ficou se retorcendo sob o seu Cavaleiro, toda feliz. Glaedr é incrível, não? E tão velho e forte, e suas escamas são tão brilhantes. Ele deve ter o dobro, não, o triplo do meu tamanho. Você viu suas garras? Elas...

Prosseguiu falando assim durante mais alguns minutos, cada vez mais eloqüente no que dizia respeito aos atributos de Glaedr. Mais fortes que suas palavras, no entanto, eram as emoções que Eragon sentia embriagando-a: ansiedade e entusiasmo juntos, o que ele só podia identificar como uma ardente adoração.

Eragon tentou contar para Saphira o que havia descoberto com Oromis - percebera que ela não havia prestado atenção em nada - mas viu que era impossível mudar de assunto. Ficou, então, sentado em silêncio nas costas do dragão, o mundo lá embaixo era um oceano verde-esmeralda, e sentiu-se o homem mais solitário existente.

De volta aos seus aposentos, Eragon decidiu recolher-se, estava muito cansado por causa dos acontecimentos do dia e das semanas de viagem. E Saphira estava mais do que contente por poder ficar sentada em sua cama, falando sobre Glaedr, enquanto ele examinava os mistérios da banheira dos elfos.

A manhã chegou e com ela veio um pacote embrulhado em papel fino contendo a navalha e o espelho que Oromis havia prometido. A lâmina havia sido feita à maneira dos elfos, por isso não precisava ser amolada nem afiada. Fazendo caretas, Eragon tomou o seu primeiro banho em água quente, e logo ergueu o espelho e se defrontou com seu semblante.

Pareço mais velho. Mais velho e cansado. Não só isso, mas suas feições haviam ficado mais angulosas, com uma ascética aparência aquilina. Ele era elfo, mas ninguém o identificaria como um humano puro-sangue o examinasse atentamente. Puxando seu cabelo para trás, ele expôs as orelhas agora afiladas em ligeiras pontas, era uma evidência a mais de como vínculo com Saphira o havia mudado. Tocou uma de suas orelhas, deixou seus dedos percorrerem aquela forma peculiar.

Era difícil aceitar aquela transformação. Muito embora soubesse que ela aconteceria - e de vez em quando aceitava bem tal perspectiva como a

última confirmação de que ele era um Cavaleiro -, a realidade o deixou completamente confuso. Ressentia-se do fato de não ter nenhum controle sobre as alterações em seu corpo, contudo ao mesmo tempo estava curioso em relação ao destino deste processo. Além disso, tinha consciência de que ainda estava no meio de sua adolescência humana em todo o seu reino de mistérios e dificuldades.

Quando finalmente saberei quem e o que sou?

Ele encostou o fio da lâmina no seu rosto, como vira Garrow fazer, e a arrastou pela pele. Os pêlos se soltaram, mas eram longos e desiguais. Eragon alterou o ângulo da navalha e tentou novamente, desta vez fez melhor.

Quando chegou no queixo, no entanto, a lâmina escorregou de sua mão e o cortou do canto da boca até a parte inferior do maxilar. Ele gritou e largou a navalha, tentava estancar o corte com a mão, mas fez o sangue escorrer pelo seu pescoço. Cuspindo as palavras pela boca semicerrada, ele disse:

- Waíse heill! - A dor rapidamente sumiu enquanto a magia fazia a pele se fechar, embora seu coração ainda palpitasse por causa do susto.

Eragon!, gritou Saphira. Ela forçou a cabeça e os ombros para dentro do vestibulo e usou o nariz para abrir a porta do banheiro, chamejando as narinas ao cheiro de sangue.

Vou viver, garantiu ele.

Ela ficou olhando para a água cheia de sangue. *Tenha mais cuidado. Preferia você roto como um cervo novo do que decapitado por causa de um barbear rente.*

Eu também. Pode sair, estou bem.

Saphira resmungou e, relutante, se retirou.

Eragon se sentou e ficou olhando para a lâmina. Até que, finalmente, murmurou:

- Pode esquecer. - Composto-se, reviu seu vocabulário da língua antiga, selecionou algumas palavras e deixou que o encanto inventado fluísse de sua boca. Um leve jato de pó preto caiu do seu rosto e sua barba rala se desintegrou, deixando suas bochechas perfeitamente lisas.

Satisfeito, Eragon saiu e selou Saphira, que imediatamente voou e seguiu na direção dos rochedos de Tel'naeír. Aterrissaram em frente à cabana

e foram recebidos por Oromis e Glaedr.

Oromis examinou a sela de Saphira. Passou o dedo por cada correia, parando nas costuras e nas fivelas, e depois avaliou que se tratava de um trabalho manual passável, considerando como e quando foi feito.

- Brom sempre foi hábil com as mãos. Use esta sela quando tiver que viajar em grande velocidade. Mas quando for permitido algum conforto - ele adentrou a cabana por um instante e reapareceu carregando uma sela densa e moldada, decorada com desenhos dourados ao longo do assento e das peças de apoio para as pernas -, use isso. Foi fabricada em Vroengard e está impregnada com tantos encantos que ela jamais irá lhe falhar nas horas de necessidade.

Eragon cambaleou com o peso da sela assim que a recebeu de Oromis. Assemelhava-se à de Brom, com uma fiada de fivelas - destinadas a imobilizar as pernas - penduradas dos dois lados. O assento profundo foi modelado no couro de uma maneira a permitir que ele pudesse voar, à vontade, por horas a fio, tanto sentado com a coluna ereta quanto deitado no pescoço de Saphira. Além disso, as correias que envolviam o peito de Saphira tinham nós e carreiras que podiam se estender para acomodar anos de crescimento. Uma série de laços largos em cada lado da cabeça da sela chamaram a atenção de Eragon. Ele perguntou qual era a sua finalidade.

Glaedr resmungou. *Eles seguram os seus pulsos e braços para que você não seja morto como um rato quando Saphira fizer uma manobra complexa.*

Oromis ajudou Eragon a tirar a sela que Saphira estava usando.

- Saphira, você irá com Glaedr hoje, enquanto eu ficarei aqui com Eragon.

Como você quiser, disse ela exultante. Levantando seu corpanzil dourado do chão, Glaedr voou para o norte, Saphira ia logo atrás.

Oromis não deu a Eragon muito tempo para pensar na partida de Saphira, o elfo o conduziu até um quadrado de terra bem batida, debaixo de um salgueiro, bem nos fundos da clareira. Em pé à sua frente no quadrado, Oromis disse:

- O que estou prestes a lhe mostrar é chamado de Rimgar, ou a Dança da Cobra e do Grou. É uma série de posturas que desenvolvemos a fim

de preparar nossos guerreiros para o combate, embora todos os elfos as usem para manter sua forma e sua saúde. O Rimgar consiste em quatro níveis, cada um mais difícil do que o anterior. Começaremos com o primeiro A apreensão pela tarefa que estava por vir deixou Eragon enjoado a ponto de ele mal conseguir se mover. Ele apertou os punhos e arqueou ombros, fazendo sua cicatriz nas costas se repuxar enquanto ele olhava para o espaço entre seus pés.

- Relaxe - aconselhou Oromis. Eragon abriu suas mãos num espasmo e deixou que elas pendessem na extremidade dos seus braços rígidos. Pedi para você relaxar, Eragon. Você não pode fazer o Rimgar assim tão duro quanto um pedaço de couro cru.

- Sim, Mestre. - Eragon fez uma careta e, relutando, afrouxou os músculos e as juntas, embora um nó de tensão continuasse sensível em sua barriga.

- Junte os seus pés e estenda os braços ao longo do corpo. Olhe para a frente. Agora respire fundo e levante os braços por sobre a cabeça de modo que as palmas das mãos se encontrem... Isso, assim. Expire e curve - se para baixo o mais rápido que puder, ponha as palmas da mão no chão, respire novamente... e pule para trás. Bom. Inspire e erga-se, olhando na direção do céu... e expire, levantando os quadris até formar um triângulo. Inspire pela parte de trás da garganta... e expire. Inspire... e expire. Inspire...

Para completo desafo de Eragon, as posições se mostraram suficientemente fáceis, não inflamaram a dor nas costas, contudo eram desafiadoras o bastante para que o suor gotejasse em sua testa e ele arfasse. O jovem se viu sorrindo de alegria e de alívio. Sua cautela evaporou e ele fluía pelas posições - em sua maioria elas sobrepujavam sua flexibilidade - agora tinha mais energia e confiança do que possuía desde antes da batalha em Farthen dûr. *Talvez eu tenha me curado!*

Oromis fez o Rimgar com ele, demonstrando um nível de força e flexibilidade que impressionou Eragon, especialmente para alguém com tanta idade. O elfo conseguia encostar a testa nos dedos dos pés. Ao longo do exercício, Oromis permaneceu impecavelmente composto, como se estivesse apenas passeando por um jardim. Suas instruções eram mais calmas e pacientes do que as de Brom, embora fossem totalmente firmes. Nenhuma

desatenção seria permitida.

- Vamos limpar o suor dos nossos corpos - disse Oromis quando ambos terminaram.

Enquanto iam para o riacho ao lado da casa, rapidamente tiraram as roupas. Eragon ficou olhando discretamente para o elfo, curioso para saber como era a sua aparência despido. Oromis era muito magro, contudo seus músculos eram perfeitamente definidos, gravados debaixo de sua pele como as linhas proeminentes de uma xilogravura. Não crescia nenhum pêlo no seu peito ou nas pernas, nem mesmo na virilha. Seu corpo parecia quase esquisito para Eragon, comparado aos dos homens que ele estava acostumado a ver em Carvahall - embora tivesse uma certa elegância refinada, como a de um gato selvagem.

Quando ambos estavam limpos, Oromis levou Eragon para o interior de Du Weldenvarden, até uma clareira cercada por árvores escuras, projetadas para dentro, que ocultavam o céu atrás de galhos e véus de líquen emaranhados. Seus pés se afundavam no musgo acima dos tornozelos. Tudo estava silencioso à volta deles.

Apontando para uma tora branca cujo topo era liso e polido, de uns três metros de comprimento, posicionada no meio da clareira, Oromis disse:

- Sente-se aqui. - Eragon fez o que ele mandou. - Cruze as suas pernas e feche os olhos. - O mundo ficou escuro em torno dele. Da sua direita, ouviu Oromis sussurrar. - Abra a sua mente, Eragon. Abra a sua mente e ouça o mundo à sua volta, os pensamentos de cada ser desta clareira, das formigas nas árvores aos vermes no chão. Ouça até conseguir escutar a todos e entender seu propósito e sua natureza. Ouça e, quando não conseguir escutar mais nada, venha me dizer o que aprendeu.

Depois disso a floresta ficou em silêncio.

Sem saber ao certo se Oromis havia saído, Eragon tentou reduzir as barreiras em volta da sua mente e se ampliar usando sua consciência, como fez quando tentava contatar Saphira a uma grande distância. No início, apenas um vácuo o cercava, até que clarões de luz e ondas de calor começaram a aparecer na escuridão, aumentaram até ele estar sentado no meio de uma galáxia em turbilhão, cada ponto brilhante representava uma vida. Sempre que ele havia entrado em contato com outros seres usando a

mente, como Cadoc, Fogo na Neve ou Solembum, focava sempre naquele com quem queria se comunicar. Mas isso... aqui era como se ele tivesse se mantido surdo no meio de uma multidão e agora pudesse ouvir toda a conversa girando à sua volta.

Subitamente sentiu-se vulnerável, estava completamente exposto ao mundo. Qualquer um ou qualquer coisa que se aproximasse dele e de sua mente poderia controlá-lo. Ele se retesou inconscientemente, retraindo - se, e sua consciência da multidão sumiu. Lembrando-se de uma das lições de Oromis, Eragon diminuiu sua respiração e controlou o movimento dos seus pulmões até que relaxasse o suficiente para reabrir sua mente.

De todas as vidas que podia sentir, a maioria era, sem dúvida, de insetos. A quantidade surpreendeu. Dezenas de milhares se espalhavam por uns trinta centímetros quadrados de musgo, enquanto milhões se multiplicavam por toda a pequena clareira e multidões incontáveis estavam mais além. Sua abundância, de fato, assustou Eragon. Ele sempre soube que os humanos eram raros e viviam sitiados na Alagaësia, mas jamais poderia imaginar que existiam em número tão menor do que o de *insetos*.

Um dos poucos insetos com o quais ele estava familiarizado, e que Oromis também havia mencionado eram as formigas vermelhas. Eragon concentrou sua atenção nas filas que marchavam pelo chão e subiam pelo caule e galhos de uma roseira selvagem. O que ele pôde perceber não podia ser descrito como pensamentos - seus cérebros eram muito primitivos - eram instintos: o instinto de encontrar comida e evitar ferimentos, o instinto de defender o seu território, o instinto de copular. Ao examinar os instintos das formigas, ele pôde começar a decifrar o comportamento delas.

Ficou fascinado ao descobrir que - exceto alguns poucos espécimes que faziam expedições além das fronteiras de seu território - as formigas sabiam exatamente para onde estavam indo. Ele não tinha como determinar que mecanismo as guiava, mas seguiam por trajetos claramente 1 definidos, do ninho para a comida e de volta para casa. Sua fonte de alimento era outra surpresa. Como ele esperava, as formigas matavam e se alimentavam de outros insetos, mas grande parte dos seus esforços estavam dirigidos para a cultura de... de *algo* que vivia na roseira. Seja qual fosse tal forma de vida, estava no limite para que Eragon pudesse senti-la. Ele focou toda a sua força

nela, numa tentativa de identificá-la e satisfazer sua curiosidade.

A resposta era tão simples que ele riu alto quando a compreendeu: *pulgões*. As formigas pastoravam para os pulgões, conduzindo-os e protegendo-os, assim como extraíam alimento deles ao massagear seus estômagos com as pontas das antenas. Eragon mal podia acreditar. Quanto mais ficava observando, mais se convencia de que estava certo.

Ele rastreou as formigas debaixo da terra, dentro de seu manancial complexo de labirintos e estudou como elas cuidavam de um certo membro de sua espécie que era muito maior do que uma formiga normal. No entanto, não tinha condições de determinar as intenções do inseto, tudo que podia ver eram servos aglomerados à sua volta, rodeando-o, e removendo as partículas de matéria que ele produzia em intervalos regulares.

Depois de um tempo, Eragon concluiu que havia recolhido todas as informações que podia das formigas - a não ser que estivesse disposto a ficar ali sentado durante o resto do dia - e estava prestes a voltar para o seu corpo, quando um esquilo pulou dentro da clareira. Sua aparição foi como uma rajada de luz, harmonizado que estava com os insetos. Atordoado, ele foi assolado pela torrente de sensações e sentimentos vindos do animal. O esquilo sentiu o cheiro da floresta com o seu focinho, sentiu a casca da árvore sob suas garras crispadas e o ar sibilar em consequência do balanço do rabo erguido e emplumado. Comparado a uma formiga, ele ardia de tanta energia e possuía uma inteligência inquestionável.

De repente, pulou para um outro galho e desapareceu de sua consciência.

A floresta parecia muito mais escura e tranqüila do que antes quando Eragon abriu os olhos. Respirou bem fundo e olhou em volta, percebeu o valor, pela primeira vez, da quantidade de vida existente no mundo. Depois de desdobrar e estender suas pernas cheias de câimbras, andou até a roseira.

O Cavaleiro se agachou e examinou os galhos e os ramos. Com certeza havia pulgões e seus guardiões vermelhos vigilantes. E perto da base da planta estava o monte de folhas de pinheiro que marcavam a entrada do formigueiro. Era estranho vê-la com seus próprios olhos, nada nela denunciava as sutis e numerosas interações das quais ele agora estava a par.

Absorto em seus pensamentos, Eragon voltou para a clareira, imaginando o que ele poderia estar esmagando sob os seus pés a cada passo. Quando emergiu do abrigo das árvores, ficou assustado ao ver o quanto o sol havia descido. *Eu devo ter ficado ali sentado por pelo menos umas três horas.*

Ele encontrou Oromis na cabana, escrevendo com uma pena de ganso. O elfo terminou seu bilhete, secou o bico da pena, tampou sua tinta e perguntou:

- E o que você ouviu, Eragon?

Eragon estava ansioso para partilhar. Enquanto descrevia a sua experiência, ouviu sua voz se erguer com entusiasmo acerca dos detalhes da sociedade das formigas. Recontou tudo de que podia se lembrar, até a observação mais minuciosa e inconseqüente, orgulhoso das informações que havia recolhido.

Quando terminou, Oromis levantou uma sobrancelha.

- Isso é tudo?

- Eu... - O desânimo se apossou de Eragon enquanto ele percebia que, de algum modo, não havia entendido direito o exercício. - Sim, Ebrithil.

- E os outros organismos na terra e no ar? Você pode me dizer o que eles estavam fazendo enquanto as suas formigas conduziam seus rebanhos?

- Não, Ebrithil.

- Nisso reside o seu erro. Você deve ficar consciente de todas as coisas igualmente e não fechar os olhos a fim de se concentrar num assunto em particular. Essa é uma lição essencial e, até que a aprenda a fundo, você meditará na tora uma hora por dia.

- Como saberei que aprendi?

- Quando você puder olhar para um e saber de todos.

Oromis gesticulou para que Eragon se juntasse a ele na mesa e depois colocou uma folha de papel em branco à sua frente, junto com uma pena e um frasco de tinta.

-Até agora você não se comprometeu a utilizar seu conhecimento incompleto da língua antiga. Não que todos nós conheçamos todas as palavras da língua, mas você deve se familiarizar com a sua gramática e estrutura para que não morra por causa de um verbo colocado de maneira inadequada ou um erro semelhante. Não espero que você fale a nossa língua como um elfo...

isso levaria a vida inteira... mas espero que alcance uma competência inconsciente. Quer dizer, você deve ser capaz de usá-la sem se esforçar.

"Além disso, você deve aprender a ler e escrever na língua antiga. Isso não só o ajudará a memorizar palavras, trata-se de uma habilidade essencial caso precise fazer um encanto especialmente longo e não esteja confiando em sua memória, caso encontre um encanto anotado e queira usá-lo. Cada raça desenvolveu seu sistema próprio de escrita na língua antiga. Os anões usam seu alfabeto rúnico, assim como os humanos. No entanto, são apenas técnicas provisórias, incapazes de expressar as verdadeiras sutilezas da língua assim como nosso Liduen Kvaedhí, o Roteiro Poético. O Liduen Kvaedhí foi desenvolvido para ser o mais elegante, bonito e preciso possível. Ele é composto de quarenta e dois caracteres rentes que representam vários sons. Esses caracteres podem ser combinados num número quase infinito de glifos que representam tanto palavras individuais quanto frases inteiras. O símbolo no seu anel é um desses glifos. O símbolo em Zar'roc é outro... Vamos começar: Quais são os sons básicos de vogais na língua antiga?"

- O quê?

A ignorância de Eragon acerca dos fundamentos da língua antiga ficou rapidamente aparente. Quando ele viajou com Brom, o velho contador de histórias se concentrara em fazer com que Eragon memorizasse listas de palavras das quais ele poderia precisar para sobreviver, assim como aperfeiçoar sua pronúncia. Nessas duas áreas ele se sobressaiu, mas não conseguia nem explicar a diferença entre um artigo definido e um indefinido. Se as lacunas em sua educação frustraram Oromis, o elfo não o demonstrou através de palavras e atitudes, mas trabalhou com persistência para preenchê-las.

Num certo ponto durante a lição, Eragon comentou:

- Nunca precisei de muitas palavras nos meus encantos, Brom disse que era um dom eu poder fazer tanto só com *brisingr*. O máximo que já disse na língua antiga foram os diálogos mentais com Arya e a bênção que dei a uma órfã em Farthen dūr.

- Você abençoou uma criança na língua antiga? - perguntou Oromis, subitamente alerta. - Lembra-se de como verbalizou essa bênção?

- Sim.

- Recite-a para mim. - Eragon o fez, e um olhar de puro horror engolfou Oromis. Ele exclamou: - Você usou *skölirl*? Tem certeza? Não foi *skóliro*?

Eragon franziu a testa.

- Não, *skölir*. Por que não devia ter usado tal palavra? *Skölir* significa *protegido*, "...e que você seja protegido contra a desgraça." Foi uma boa bênção.

- Isso não foi uma bênção, e sim uma maldição. - Oromis estava mais agitado do que em todas as vezes anteriores que Eragon o vira. - O sufixo *o* forma o pretérito perfeito de verbos que terminam com *r* e *i*. *Skóliro* significa *protegido*, mas *skölir* significa *escudo*. O que você disse foi: "Que a sorte e a felicidade o acompanhem e que você possa ser um *escudo* de desgraça." Ao invés de proteger essa criança dos caprichos das venetas do destino, você a condenou a ser uma vítima dos outros, a absorver a desgraça e o sofrimento deles de modo que possam viver em paz.

Não, não! Não pode ser! Eragon rechaçou tal possibilidade.

- O efeito que um encanto possui não é apenas determinado pelo sentido da palavra, mas também pela sua intenção, e eu não tive a intenção de lhe causar mal...

- Você não pode negar a natureza inerente a uma palavra. Pode distorcê-la. Pode guiá-la. Mas não contradizer sua definição para indicar exatamente o sentido oposto. - Oromis apertou os dedos e olhou para a mesa, seus lábios estavam reduzidos a uma linha branca e reta. - Vou acreditar que você *não* quis causar mal, caso contrário me recusaria a continuar orientando-o. Se você foi honesto e seu coração foi puro, então essa bênção pode ter provocado menos mal do que temo, embora saiba que ela ainda virá a ser o núcleo de mais dor que qualquer um de nós poderia desejar.

Uma tremedeira violenta se apossou de Eragon enquanto ele percebia o que havia feito com a vida da criança.

- Isso não apagará o meu erro - disse ele - mas talvez o alivie, Saphira marcou a testa da menina, assim como ela marcou a palma da minha mão com a *gedwëy ignasia*.

Pela primeira vez em sua vida, Eragon testemunhou o emudecer de um elfo. Os olhos cinzentos de Oromis se arregalaram, sua boca se abriu, e ele

apertou os braços da cadeira até a madeira gemer em protesto.

- Alguém que carrega o sinal dos Cavaleiros, contudo ainda não é um Cavaleiro - murmurou ele. - Em todos os meus anos de vida, jamais encontrei ninguém como vocês dois. Cada decisão que tomam parece ter um impacto que vai muito além do que qualquer um poderia antecipar. Vocês mudam o mundo com seus caprichos. - Isso é bom ou mau?

- Nem uma coisa nem outra, simplesmente é. Onde está a criança agora?

Eragon levou um instante para se recompor com seus pensamentos.

- Com os Varden, em Farthen dûr ou Surda. Você acha que a marca de Saphira irá ajudá-la?

- Não sei - disse Oromis. - Não há precedente a que eu possa recorrer em busca desse sábio esclarecimento.

- Deve haver maneiras de remover essa bênção, de anular um encanto. - Eragon estava quase implorando.

- Há sim. Mas para que elas tenham o máximo de eficácia, você é que deve aplicá-las, e não pode se isentar disso. Mesmo nas melhores circunstâncias, resquícios da sua magia irão assombrar essa garota para todo o sempre. Tal é o poder da língua antiga. - Ele fez uma pausa. - Vejo que você entende a gravidade da situação, por isso vou dizer isso uma vez só: toda a responsabilidade pelo destino dessa garota é sua e, por causa do seu erro, e sua incumbência ajudá-la caso apareça a oportunidade. Pela lei dos Cavaleiros, ela é, com certeza, a sua vergonha, como se ela fosse sua filha bastarda, uma desgraça entre os humanos, se eu me lembro corretamente.

- Sim - sussurrou Eragon. - Entendo. *Entendo que forcei um bebê indefeso a seguir um certo destino sem lhe dar escolha. Será que alguém pode ser verdadeiramente bom se nunca teve a oportunidade de agir de forma errada? Fiz dela uma escrava.* Ele também sabia que se tivesse sido aprisionado da mesma maneira, sem ter dado permissão, odiaria seu carcereiro com todas as fibras do seu ser.

- Então não iremos mais falar disso.

- Sim, Ebrithil.

Eragon ainda se sentia subjugado, até deprimido, ao final do dia.

Mal olhou para cima quando ambos saíram da cabana para encontrar Saphira e Glaedr que retornavam. As árvores balançaram devido à fúria da ventania criada pelas asas dos dois dragões. Saphira parecia orgulhosa de si, ela curvou seu pescoço e se empinou na direção de Eragon, abrindo seus lábios com um sorriso lupino.

Uma pedra rachou sob o peso de Glaedr enquanto o velho dragão voltou um dos seus olhos gigantes - tão grande quanto uma travessa de jantar - para Eragon e perguntou: *Quais são as regras número três para o caso de se avistar correntes de ar descendentes, e as regras número cinco para escapar delas?*

Surpreso com tal devaneio, Eragon só conseguiu piscar em silêncio.

- Não sei.

Então Oromis confrontou Saphira e perguntou:

- Que seres as formigas criam e como fazem para extrair comida delas?

Eu não saberia, declarou Saphira. Ela parecia afrontada. Um brilho de raiva se apossou dos olhos de Oromis, que cruzou os braços, embora sua expressão permanecesse calma.

- Depois de tudo que vocês dois fizeram juntos, eu pensei que haviam aprendido a lição fundamental de um Shur'tgal: partilhar tudo com o seu parceiro. Você cortaria o seu braço direito? Você voaria só com uma asa? Nunca. Então por que ignorariam o vínculo que os liga? Ao fazê-lo, vocês rejeitam o seu maior dom e a vantagem que possuem sobre qualquer oponente. Vocês não só deviam falar mentalmente um com o outro, como misturar suas consciências até agir e pensar como um só. Espero que ambos saibam o que cada um de vocês aprendeu.

- E quanto a nossa privacidade? - alegou Eragon.

Privacidade?, disse Glaedr. *Guardem seus pensamentos para si próprios. Ao saírem daqui, se isso lhes agrada, mas enquanto formos os seus tutores, vocês não terão privacidade.*

Eragon olhou para Saphira, sentindo-se pior do que antes. Ela evitou o seu olhar, depois bateu o pé e o encarou diretamente. *O quê?*

Eles têm razão. Temos sido negligentes.

Mão é minha culpa.

Não disse que foi. No entanto, ela havia adivinhado a sua opinião. Ele se ressentia da atenção que ela dispensava para Glaedr, o que fez os dois se afastarem. *Faremos melhor, não?*

É claro!, vociferou Saphira.

Ela se negou a pedir desculpas a Oromis e Glaedr e deixou a tarefa para Eragon.

- Não os decepcionaremos novamente.

- Usem de cautela para não fazê-lo. Vocês serão testados amanhã acerca do que o outro aprendeu. - Oromis mostrou uma bugiganga redonda de madeira que estava na palma de sua mão. - Desde que vocês tenham o cuidado de girá-lo regularmente, este dispositivo os acordará na hora certa toda manhã. Voltem aqui assim que tiverem se banhado e alimentado.

A bugiganga era surpreendentemente pesada. Eragon percebeu quando a pegou. Do tamanho de uma noz, havia sido entalhada com espirais profundas em volta de um botão forjado à imagem de uma rosa musgosa. Ele virou o botão experimentalmente e ouviu três estalidos enquanto uma engrenagem avançava.

- Obrigado - disse ele.

DEBAIXO DA MENOA

Depois que Eragon e Saphira se despediram, voaram de volta para a sua casa na árvore com a nova sela de Saphira sacolejando entre as suas patas dianteiras. Inconscientemente, ambos gradualmente foram abrindo suas mentes e permitiram que sua conexão se alargasse e se aprofundasse. As emoções tumultuadas de Eragon devem ter sido fortes o suficiente para que Saphira as percebesse de qualquer jeito, pois ela perguntou: *O que aconteceu, então?*

Uma dor palpitante começou a aumentar atrás dos seus olhos enquanto ele explicava o crime terrível que havia cometido em Farthen dûr. Saphira ficou igualmente horrorizada. Ele disse: *Seu presente pode ajudar aquela menina, mas o que eu fiz é indesculpável e só irá feri-la.*

A culpa não é só sua. Partilho do mesmo conhecimento que você tem da língua antiga e, da mesma forma, não vi o erro assim como você. Quando

Eragon permaneceu em silêncio, ela acrescentou: *Pelo menos as suas costas não doeram hoje. Fique grato por isso.*

Ele resmungou, e não parecia disposto a sair do humor lúgubre em que estava. *E o que você aprendeu neste belo dia?*

Como identificar e evitar eventos climáticos perigosos. Ela fez uma pausa, aparentemente pronta para partilhar suas lembranças com o parceiro, mas ele estava muito ocupado, preocupado com a maldição, para prosseguir no interrogatório. Nem podia ele suportar a idéia de partilhar de tanta intimidade naquele momento. No momento em que ele se calou, Saphira se recolheu num silêncio taciturno.

De volta ao seu quarto, ele encontrou uma bandeja de comida perto da porta de tela, da mesma forma que na noite passada. Carregou a bandeja até a sua cama - que havia sido refeita com lençóis limpos -, se ajeitou para comer, amaldiçoando a ausência de carne. Cansado por causa do Rimgar, ele se escorou nos travesseiros e estava prestes a dar sua primeira mordida quando ouviu uma batida suave na abertura de seu aposento.

- Entre - murmurou e tomou um gole d'água.

Eragon quase ficou sufocado quando Arya atravessou o vão da porta. Ela havia trocado as roupas de couro comuns por uma túnica verde macia, apertada na cintura, e um espartilho enfeitado com pedras-da-lua. Também havia removido a costumeira faixa que usava na cabeça, permitindo que seu cabelo caísse sobre o rosto e os ombros. A maior mudança, no entanto, não estava no seu vestuário mas em sua conduta, a frágil tensão que permeava o seu comportamento desde que Eragon a viu pela primeira vez havia sumido.

Ela parecia ter finalmente relaxado.

Ele arrastou os pés no intuito de se levantar, e notou que ela estava descalça.

- Arya! Por que você está aqui?

Tocando os lábios com seus dois primeiros dedos, ela disse:

- Você pretende passar mais uma noite aqui trancafiado? -Eu...

- Você já está em Ellesméra há três dias e ainda não viu nada da nossa cidade. Sei que você sempre quis explorá-la. Deixe logo esse cansaço de lado e me acompanhe. - Deslizando em sua direção, ela pegou Zar'roc que

estava ao lado dele e o chamou com um aceno.

Ele se levantou da cama e a seguiu até o saguão, desceram pelo alçapão e pela escadaria íngreme que girava em torno do tronco espesso da árvore. No céu, as nuvens reunidas brilhavam com os últimos raios de sol, antes que ele se escondesse atrás da beira do mundo. Um pedaço da casca da árvore caiu na cabeça de Eragon, ele olhou para cima e viu Saphira se inclinando para fora de seu quarto, segurando a madeira com suas garras. Sem abrir as asas, saltou no ar e desceu os trinta e tantos metros até o chão, aterrissando numa nuvem ensurdecadora de poeira. *Também vou.*

- É claro - disse Arya, como se não esperasse nada menos do que isso. Eragon franziu a testa, queria ficar sozinho com a elfa, mas não seria tão estúpido para reclamar.

Andaram sob as árvores, onde a escuridão já estendia suas gavinhas a partir do interior de toras ocas - fendas escuras em pedras grandes arredondadas - e debaixo dos beirais nodoados. Aqui e acolá, uma lanterna que mais parecia uma pedra preciosa cintilava dentro das laterais das árvores ou na ponta de um galho, projetando suaves focos de luz em cada um dos lados da trilha.

Os elfos se dedicavam a várias atividades dentro e nas proximidades do raio das lanternas, geralmente sozinhos, exceto por algumas raras P as. Vários elfos se sentavam no alto das árvores, tocavam melodias doces em suas flautas pastoris, enquanto outros olhavam para o céu com expressões pacíficas - nem acordados nem adormecidos. Um dos elfos estava sentado de pernas cruzadas em frente a uma roda de oleiro que girava sem parar num ritmo constante, enquanto um vaso delicado tomava forma em suas mãos. A menina-gata, Maud, estava agachada ao seu lado no meio das sombras, observando o seu progresso. Seus olhos prateados cintilaram ao se voltarem para Eragon e Saphira. O elfo acompanhou seu olhar e acenou com a cabeça na direção deles sem parar de trabalhar.

Por entre as árvores, Eragon olhou rapidamente para um elfo -homem ou mulher, não dava para dizer - agachado sobre uma pedra no meio de um riacho, murmurando um encanto sobre a esfera de vidro que trazia em suas mãos. Ele virou o pescoço na tentativa de obter uma visão clara da cena, mas o espetáculo já havia desaparecido na escuridão.

- O que... - perguntou Eragon num tom de voz bem baixo para não incomodar ninguém - a maioria dos elfos faz para sobreviver ou como profissão?

Arya respondeu com a mesma serenidade.

- O nosso poder de magia permite que tenhamos as horas livres que desejamos. Não caçamos nem plantamos e, como resultado, passamos o dia trabalhando para dominar a fundo os nossos interesses, sejam eles quais forem. Existem pouquíssimas coisas pelas quais temos de lutar.

Atravessaram um túnel de cornisos cobertos de trepadeiras, depois adentraram o átrio fechado de uma casa que se originou de um grupo de árvores. Uma cabana sem paredes ocupava o centro do átrio, que abrigava uma forja e uma grande variedade de ferramentas. Este arsenal, Eragon percebeu, Horst jamais poderia possuir.

Uma elfa segurava uma tenaz num braseiro, ela soprava o fole com a mão direita. Com uma velocidade impressionante, ela tirou a tenaz do fogo - revelou um anel de aço incandescente preso na torquês -, prendeu o anel na ponta de um corselete incompleto de cota de malha em cima da bigorna, pegou um martelo e soldou as pontas do anel com um golpe e uma explosão de faíscas.

Só nessa hora Arya se aproximou.

- Atra esterní ono thelduin.

A elfa os encarou, tinha o pescoço e o rosto iluminados pela luz sangüínea dos carvões. Como os músculos sob sua pele, seu rosto estava marcado pelo contorno delicado de linhas de expressão - era a maior evidência da idade que Eragon já vira num elfo. Ela não respondeu a Arya, o que ele sabia que era algo descortês e ofensivo, especialmente pelo fato da filha de a rainha tê-la honrado falando primeiro.

- Rhunön-elda, eu lhe trouxe o mais novo Cavaleiro, Eragon Matador de Espectros.

- Ouvi dizer que vocês estavam mortos - disse Rhunön para Arya. A voz de Rhunön era rascante, diferente de qualquer outro elfo. Ela lembrava os velhos em Carvahall que se sentavam nas varandas de suas casas fumando cachimbos e contando histórias.

Arya sorriu.

- Quando você saiu de sua casa pela última vez, Rhunön?

- Você devia saber. Foi naquela festa do solstício de verão que me forçou a comparecer.

- Isso foi há três anos.

- Foi? - Rhunön franziu a testa e refez o braseiro debaixo da grelha. - Bem, e daí? Acho as reuniões sociais enfadonhas. Um bando de pessoas numa conversa fiada que... - Ela olhou para Arya. - Por que estamos falando nessa língua asquerosa? Suponho que você quer que eu forje uma espada para ele? Você sabe que jurei nunca mais criar instrumentos de morte outra vez, não depois daquele Cavaleiro traidor e da destruição que causou com a minha espada.

- Eragon já tem uma espada - disse Arya. Ela levantou o braço e mostrou Zar'roc para a ferreira.

Rhunön pegou Zar'roc com uma expressão de encantamento. Ela acariciou a bainha avermelhada, deteve-se no símbolo negro, limpou uma sujeirinha que havia no punho e, por fim, segurou o cabo e desembainhou a espada com toda a autoridade de um guerreiro. Olhou para baixo na direção de cada um dos gumes de Zar'roc e vergou a espada entre as mãos até Eragon ficar temeroso de que ela pudesse se partir. Então, num só movimento, Rhunön girou Zar'roc por sobre a sua cabeça e a arremeteu contra a tenaz que estava em cima da bigorna, partindo-a ao meio com um som ressonante.

- Zar'roc - disse Rhunön. - Lembro-me de você. - Ela afagou a arma como uma mãe faria com seu primogênito. - Tão perfeita quanto no dia em que ficou pronta.- Rhunön lhes deu as costas e levantou os olhos na direção dos galhos entrelaçados enquanto observava as curvas do botão do punho da espada. - Passei minha vida inteira fabricando essas espadas a partir do minério bruto. Até que *ele* veio e as destruiu. Séculos de esforço apagados num instante. Até onde eu sei, só existiam quatro exemplos da minha arte. A espada dele, a de Oromis, e duas outras que são guardadas por famílias que os resgataram dos Wyrdfell. *Wyrdfell?* Eragon ousou perguntar mentalmente para Arya.

Um outro nome para os Renegados. Rhunön se virou na direção de Eragon.

- Agora Zar'roc voltou para mim. De todas as minhas criações, esta

era a que eu menos esperava segurar novamente. Como você veio a possuir a espada de Morzan?

- Ela me foi dada por Brom.

- Brom? - Ela ergueu Zar'roc. - Brom... Lembro-me de Brom. Ele me implorou para substituir a espada que havia perdido. Para falar a verdade, eu queria ajudá-lo, mas já havia feito o meu juramento. Minha recusa o fez perder a razão e o deixou enfurecido. Oromis teve de deixá-lo inconsciente antes de partir.

Eragon ouvia com interesse.

- Seu trabalho manual me serviu bem, Rhunön-elda. Eu estaria morto há muito tempo se não fosse por Zar'roc. Matei o Espectro Durza com ela.

- Foi mesmo? Então algum bem veio disso. - Embainhando Zar'roc, Rhunön a devolveu para seu dono, embora relutante, para depois se voltar na direção de Saphira. - Ah. Muito prazer, Skulblaka.

Muito prazer, Rhunön-elda.

Sem se importar de pedir permissão, Rhunön subiu no ombro de Saphira e bateu numa escama com uma das suas unhas ásperas, virando a cabeça de um lado para o outro numa tentativa de perscrutar o couro translúcido.

- Bela cor. Não é como aqueles dragões marrons, todos turvos e escurecidos. Propriamente falando, a espada de um Cavaleiro deve combinar com a cor do seu dragão, e esse azul daria uma bela espada... - Tal pensamento parecia estar exaurindo sua energia. Ela voltou para a bigorna e olhou para a tenaz destruída, como se a vontade de substituí-la a tivesse abandonado.

Eragon sentiu que seria errado terminar uma conversa tão emocionada, mas não conseguia pensar numa maneira diplomática de mudar o assunto. O corselete luzente chamou sua atenção e, enquanto o estudava, surpreendeu-se ao notar que cada anel havia sido fechado com solda. Pelo fato dos pequenos elos resfriarem tão rapidamente, sempre tinham de ser soldados antes de serem afixados à peça de malha principal, o que significava que a cota de malha de melhor qualidade - como a de Eragon - era composta de elos que eram, alternadamente, soldados e rebitados. A não ser, pelo que

parecia, que o ferreiro possuísse a velocidade e a precisão de um elfo.

Eragon disse:

- Eu nunca vi nada parecido com a sua cota de malha, nem mesmo os anões. Como você tem a paciência para soldar cada elo? Por que não usa simplesmente a magia e economiza trabalho?

Ele não esperava tamanha explosão de entusiasmo como a que animou Rhunön. Ela balançou seu cabelo curto e afirmou:

- E me roubar todo o prazer de realizar essa tarefa? Ora, todos os outros elfos e eu poderíamos usar a magia para satisfazer nossos desejos...

alguns o fazem. Mas, dessa forma, qual o sentido que há na vida? Como você preencheria o seu tempo? Diga-me.

- Não sei - confessou ele.

- Indo atrás daquilo que você mais ama. Quando você pode ter tudo o que quer pronunciando umas poucas palavras, a meta não significa mais nada, só a jornada. É uma grande lição. Você enfrentará o mesmo dilema um dia, se viver tempo suficiente... Agora vão embora! Já estou cansada desta conversa. - Com isso, Rhunön puxou a tampa da fornalha, pegou uma tenaz nova e enfiou um anel no meio do carvão enquanto trabalhava nos foles com intensidade e concentração.

- Rhunön-elda - disse Arya -, lembre-se: voltarei aqui na noite do Agaeti Blödhren. - Sua única resposta foi um resmungo.

O repicar rítmico do aço no aço, tão solitário quando o grito de uma ave moribunda no meio da noite, os acompanhou enquanto voltavam pelo túnel de cornisos e retomavam a trilha. Atrás deles, Rhunön não passava de uma figura negra curvada sobre o brilho de sua fornalha.

- Ela fez as espadas de todos os Cavaleiros? - perguntou Eragon. - Cada uma das últimas?

- Essas e mais. É a maior ferreira que já existiu. Achei que você devia conhecê-la, para o seu bem e o dela.

- Obrigado.

Ela é sempre tão áspera?, perguntou Saphira. Arya riu.

- Sempre. Para ela, nada importa a não ser o seu trabalho e ela é famosa por ser impaciente com qualquer coisa... ou qualquer um... que interfira nele. Porém, suas excentricidades são bem toleradas, por

causa de seus feitos e de sua habilidade incrível.

Enquanto ela falava, Eragon tentou decifrar o significado de *Agaeti Blödhren*. Ele estava certo de que *blödh* significava *sangue* e, conseqüente- mente *blöhdren* era *juramento de sangue*, mas jamais ouvira falar de *agaeti*.

- *Celebração* - explicou Arya quando ele perguntou. - Fazemos uma razão do Juramento de Sangue uma vez a cada século para honrar o nosso pacto com os dragões. Vocês dois tem sorte de estar aqui neste momento, porque o evento está muito próximo... - Suas sobrancelhas inclinadas se uniram enquanto ela franzia a testa. - O destino de fato armou uma coincidência auspiciosa.

Ela surpreendeu Eragon ao levá-los cada vez mais para dentro de Du Weldenvarden, caminhavam nas trilhas enredadas por arbustos de urtigas e groselheiras, até as luzes ao redor sumirem e eles adentrarem a selva agitada. Na escuridão, Eragon precisou da visão noturna de Saphira para não se perder. As árvores robustas tinham mais largura, se amontoavam cada vez mais, e ameaçavam formar uma barreira impenetrável. Quando parecia impossível ir mais longe, a floresta acabou e os três entraram numa clareira banhada pela luz da lua crescente já baixa no céu a leste.

Um pinheiro solitário estava no meio da clareira. Não era mais alto do que outros da mesma espécie, era mais espesso do que cem árvores normais juntas, em comparação, estas pareciam tão insignificantes quanto mudas levadas pelo vento. Um manto de raízes irradiava-se do tronco pesado da árvore, cobria o solo com veios revestidos de casca, fazia com que toda a floresta parecesse fluir da árvore, como se fosse o próprio centro de Du Weldenvarden. A árvore ocupava uma posição de destaque sobre a floresta qual uma matriarca benevolente a proteger seus habitantes sob o abrigo dos seus galhos.

- Debaixo da Menoa - sussurrou Arya. - Celebramos o Agaeti Blödhren sob a sua sombra.

Um formigamento tomou o corpo de Eragon assim que ele reconheceu o nome. Depois que Angela previu o seu futuro em Teirm, Solembum veio a ele e disse: *quando chegar a hora e você precisar de uma arma, olhe embaixo das raízes da árvore Menoa. Depois, quando tudo parecer*

perdido e o seu poder não for suficiente, vá até a pedra de Kuthian e diga o seu nome para abrir o cofre das Almas. Eragon não podia imaginar que tipo de arma poderia estar enterrada embaixo da árvore, nem como faria para encontrá-la.

Você vê alguma coisa?, perguntou para Saphira.

Não, mas duvido que as palavras de Solembum façam algum sentido antes da nossa necessidade se tornar clara.

Eragon falou para Arya sobre ambas as partes do conselho do menino-gato, embora - como havia feito com Ajihad e Islanzadí - tivesse mantido segredo sobre a profecia de Angela por causa de sua natureza pessoal, e porque temia que ela pudesse levar Arya a perceber sua atração pela elfa.

Quando ele terminou, Arya disse:

- Meninos-gato raramente oferecem ajuda e, quando o fazem, não é coisa para ser ignorada. Até onde sei, não há nenhuma arma escondida aqui, nem mesmo em lendas ou canções. Quanto à pedra de Kuthian... nome ecoa na minha cabeça como a voz de um sonho meio esquecido, familiar porém esquisito. Já o ouvi antes, embora não consiga me lembrar de onde.

Enquanto se aproximavam da Menoa, a atenção de Eragon foi desviada para a turba de formigas que se arrastavam sobre as raízes. Tudo o que dava para ver dos insetos eram leves manchas negras, mas as tarefas que lhe foram dadas por Oromis o haviam deixado sensível para as vidas à sua volta, e ele podia sentir as consciências primitivas das formigas com sua mente. Baixou suas defesas e permitiu que sua consciência se expandisse, tocou levemente Saphira e Arya, e depois se expandiu para além das duas para ver o que mais vivia na clareira.

Com uma rapidez inesperada, encontrou uma entidade imensa, um ser sensitivo de uma natureza que, de tão colossal, não dava para medir os limites de sua mente. Até mesmo o vasto intelecto de Oromis, com o qual Eragon esteve em contato em Farthen dûr, era pequeno em comparação a essa presença. O próprio ar parecia zumbir com a energia e a força que emanavam... *da árvore!*

A fonte era inconfundível.

Deliberada e inexoravelmente, os pensamentos da árvore se moviam

num compasso medido, tão lento quanto efeito da pressão do gelo sobre o granito. Ela não dava a menor importância para a presença de Eragon nem, como ele tinha certeza, de nenhum indivíduo em particular. Estava totalmente voltada para os assuntos das coisas que cresciam e floresciam sob a luz do sol, para o mato, o lírio, a primula noturna, a dedaleira sedosa e a mostarda amarela bem alta, ao lado da macieira silvestre com suas flores da cor da púrpura.

- Está acordada! - exclamou Eragon, tão chocado que deu a falar. - Quer dizer... ela é inteligente. - Ele sabia que Saphira sentia a mesma coisa, ela levantou a cabeça na direção da Menoa, como se estivesse escudo, depois voou para um dos seus galhos, que eram tão largos quanto a estrada de Carvahall para Therinsford. Lá ela ficou empoleirada, com rabo pendurado livremente, acenando sua ponta de um lado para o outro, muito graciosamente. Era uma visão das mais estranhas, um dragão numa árvore, tanto que Eragon quase caiu na gargalhada.

- E claro que ela está acordada - disse Arya. Sua voz era baixa e suave no meio do ar noturno. - Posso lhe contar a história da Menoa?

- Sim, eu gostaria de ouvir.

Um clarão branco riscou o céu, como se fosse um espectro, e se substanciou ao lado de Saphira na forma de Blagden. Os ombros estreitos e o pescoço torto do corvo lhe deram a aparência de um sovina se aquecendo com o resplendor de uma pilha de ouro. O corvo levantou sua cabeça descorada e deu seu grito agourento: *Wyrda!!*

- O que aconteceu foi o seguinte: outrora uma mulher vivia lá, Linnëa, nos anos de vinhos e temperos, antes da nossa guerra com os dragões e antes de nos tornarmos tão imortais quanto quaisquer seres ainda compostos de carne vulnerável podem ser. Linnëa havia envelhecido sem o conforto de um parceiro ou de filhos, nem sentia a necessidade de buscá-los, preferia ocupar-se com a arte de cantar para as plantas, ela era mestra. Quer dizer, ela o fez até um homem jovem vir à sua porta e seduzi-la com palavras amorosas. Sua afeição despertou uma parte de Linnëa que ela jamais suspeitou que existisse, um desejo ardente de experimentar as coisas que havia sacrificado sem saber. Uma segunda chance era uma oportunidade muito grande para que ela ignorasse. Largou seu trabalho e se dedicou ao

jovem e, durante um tempo, foram felizes.

"Mas o rapaz era jovem demais e começou a desejar uma parceira cuja idade estivesse mais próxima da sua. Seus olhos caíram sobre uma jovem mulher, ele a cortejou e conquistou. E, durante um tempo, eles dois também foram felizes. Quando Linnëa descobriu que fora rejeitada, desprezada e abandonada, acabou enlouquecendo de tristeza. O jovem cometeu o pior pecado, lhe deu uma amostra da plenitude na vida e depois a arrancou sem pensar em nada mais do que um galo pensa quando deixa uma galinha e passa a flertar com outra. Ela o encontrou com a tal mulher e, em sua fúria, o apunhalou até a morte".

"Linnëa sabia que cometera um crime. Também sabia que, mesmo se fosse inocentada do assassinato, não poderia retornar à sua existência anterior. A vida havia perdido toda a alegria. Por isso ela foi até a árvore mais antiga de Du Weldenvarden, encostou seu corpo nela e começou a cantar para entrar em seu interior, abandonava assim toda a fidelidade a própria raça. Durante três dias e três noites ela cantou e, quando terminou, ela e suas amadas plantas haviam se tornado uma só. E, desde então, por todo o milênio, ela tem vigiado a floresta... Foi assim que a Menoa foi criada."

Depois que concluiu sua história, Arya se sentou ao lado de Eragon o topo de uma enorme raiz, a uns três metros e meio do chão. Eragon bateu com o calcanhar na árvore e ficou se perguntando se Arya havia contado a história com a intenção de lhe dar um aviso, ou se ela não passava de um conto inocente.

Sua dúvida aumentou e deu lugar à incerteza quando ela perguntou:

- Você acha que o jovem deve ser culpado pela tragédia?

- Acho - respondeu, sabendo que uma resposta grosseira poderia colocá-la contra ele - que o que ele fez foi cruel... e que Linnëa reagiu violentamente. Ambos erraram.

Arya o encarou, até ele se sentir forçado a evitar seu olhar.

- Eles não serviam um para o outro.

Eragon começou a discordar, mas depois se deteve. Ela tinha razão. E o manipulara para que ele admitisse em voz alta, e o fizesse para *ela*.

- Talvez - admitiu.

O silêncio formou-se entre ambos, como a areia que se empilhava em cima de uma muralha, nenhum dos dois estava disposto a romper. O zumbido agudo das cigarras ecoou da beira da clareira. Finalmente ele disse:

- O fato de estar em casa parece lhe fazer bem.

- Faz mesmo. - Com uma naturalidade inconsciente, ela se curvou e pegou um galho fino que havia caído da Menoa e começou a trançar as folhas pontiagudas delineando uma pequena cesta.

O sangue quente subiu até o rosto de Eragon enquanto a observava. Ele esperava que a lua não estivesse brilhante o suficiente para revelar que suas bochechas estavam matizadas de tão rubras.

- Onde... onde você vive? Você e Islanzadí têm um palácio ou um castelo...?

- Moramos no castelo Tialdarí, uma construção ancestral da nossa família, que fica na zona oeste de Ellesméra. Adoraria mostrar nossa casa para você.

- Ah. - Uma pergunta simples subitamente invadiu os pensamentos confusos de Eragon, afastando o seu embaraço. - Arya, você tem irmãos? - Ela balançou negativamente a cabeça. - Então você é a única herdeira do trono dos elfos?

- É claro. Por que você pergunta? - Ela parecia estupefata com a curiosidade do rapaz.

- Não entendo por que permitiram que você se tornasse uma embaixadora dos Varden e dos anões, e que transportasse o ovo de Saphira daqui até Tronjheim. É uma missão perigosa demais para uma princesa, quanto mais para a sucessora da rainha.

- Você quer dizer que é perigosa demais para uma mulher *humana*. Já lhe disse antes que não sou uma das suas fêmeas indefesas. O que você não percebe é que vemos nossos monarcas de uma maneira diferente de vocês ou dos anões. Para nós, a maior responsabilidade de um rei ou de uma rainha é servir ao seu povo sempre e quando for possível. Se isso significa que seremos privados da nossa vida, aceitaremos bem a oportunidade de provar nossa devoção, como dizem os anões, ao lar, à linhagem e à honra. Se eu tivesse morrido no cumprimento do meu dever, um sucessor substituto teria sido escolhido entre nossas várias Casas. Mesmo agora eu não seria obrigada

a me tornar rainha se julgasse a perspectiva desagradável. Não escolhemos líderes que não estão dispostos a se devotar sinceramente ao seu dever. - Ela hesitou e depois abraçou os joelhos contra o peito, apoiando seu queixo sobre ambos. - Tive muitos anos para aprofundar esse assunto com a minha mãe. - Durante um minuto, o *bzzzz* das cigarras continuou inalterado no meio da clareira. Até que ela perguntou: - Como vão os seus estudos com Oromis?

Eragon resmungava enquanto seu mau humor voltava pelas lembranças desagradáveis, azedando um pouco o prazer de estar com Arya. Tudo que ele queria fazer era rastejar até sua cama, ir dormir e se esquecer daquele dia.

- Oromis-elda - disse ele, elaborando cada palavra dentro da boca antes de deixá-la escapar - é bastante radical.

Ele estremeceu quando ela agarrou seu braço com uma força exagerada.

- O que foi que deu errado? Tentou soltar a mão da elfa.

- Nada.

- Viajei com você tempo o suficiente para saber quando você está feliz, furioso... ou magoado. Aconteceu alguma coisa entre você e Oromis? Se tiver acontecido, você tem que me dizer para que possa ser retificado o mais rápido possível. Ou foram as suas costas? Nós poderíamos...

- Não tem a ver com o meu treinamento! - Apesar do seu ressentimento, Eragon notou que ela parecia estar genuinamente preocupada, o que o deixou feliz. - Pergunte a Saphira. Ela pode lhe dizer.

- Quero ouvir de você - disse a elfa calmamente.

Os músculos no maxilar de Eragon se contraíam trincando seus dentes. Num tom de voz baixo, apenas um sussurro, ele descreveu, a princípio como havia falhado em sua meditação na clareira, e depois falou sobre o incidente que envenenava seu coração como uma víbora enrolada no seu peito: sua bênção.

Arya soltou seu braço e agarrou a raiz da Menoa, como se quisesse se firmar.

- Barzûl. - A imprecação dos anões o deixou alarmado, ele jamais a ouvira usar palavras profanas antes, e esta era especialmente adequada, pois significava *desgraça*. - Sabia do seu gesto em Farthen dûr, com certeza, mas

jamais pensei... Jamais *suspeitava* que tal coisa pudesse ocorrer. Rogo pelo seu perdão, Eragon, por ter forçado você a deixar o seu quarto esta noite. Não compreendi o seu desconforto. Você deve querer ficar sozinho.

- Não - disse ele. - Não, eu estou gostando da sua companhia e das coisas que você me mostrou. - Ele lhe dirigiu um sorriso e, depois de algum tempo, ela sorriu de volta. Juntos, os dois se acomodaram tímida e silenciosamente, ainda na base da velha árvore, e ficaram vendo a lua cruzar a floresta serena antes de se esconder atrás das nuvens. - Só fico pensando no que vai acontecer com a criança.

Bem acima de suas cabeças, Blagden agitou suas penas brancas como ossos e gritou:

- *Wyrda!*

UM LABIRINTO DE RESISTÊNCIA

Nasuada cruzou os braços sem disfarçar sua impaciência e examinou os dois homens à sua frente.

O da direita tinha um pescoço tão grosso que forçava sua cabeça para a frente, num ângulo quase reto em relação aos seus ombros, dando-lhe uma aparência lerda e teimosa. Isso era intensificado pelas pesadas sobrelanceiras com seus dois tufo de fios emaranhados -quase longos o bastante para cobrirem os olhos - e pelos lábios bulbosos que permaneciam franzidos na forma de um cogumelo rosa, mesmo quando ele falava. Porém, ela não foi tão estúpida a ponto de dar importância ao seu aspecto repulsivo. Não importa sua aparência grotesca, sua língua era tão mordaz quanto a de um bufão.

A única característica identificável do segundo homem era sua pele clara, branca mesmo sob o sol implacável de Surda, muito embora os Varden já estivessem em Aberon, a capital, há algumas semanas. Pela sua cor, Nasuada imaginou que ele tivesse nascido na região norte do Império. Ele retorcia uma boina de tricô como se fosse uma corda resistente nas mãos.

- Você - disse ela, apontando em sua direção. - Quantas das suas galinhas ele matou novamente?

- Treze, senhora.

Nasuada voltou sua atenção para o homem grotesco.

- Um número infeliz, sob todos os aspectos, mestre Gamble. Está evidente. Você é culpado por roubo e também por ter destruído propriedade alheia sem oferecer uma indenização apropriada.

- Eu nunca neguei isso.

- Só fico me perguntando como você comeu treze galinhas em quatro dias. Você *nunca* fica satisfeito, mestre Gamble?

Ele lhe dirigiu um sorriso jocosos e coçou a lateral do seu rosto. O roçar de suas unhas compridas na barba a incomodou, e foi só com força de vontade que ela se absteve de pedi-lo para parar.

- Bem, não quero ser rude, senhora, mas encher o meu estômago não seria problema se você nos alimentasse apropriadamente, com todo o trabalho que fazemos. Sou um homem robusto e preciso de um pouco de carne na barriga depois de passar metade do dia quebrando pedras com uma picareta. Fiz o máximo que pude para resistir à tentação, sei que fiz. Mas, três semanas apenas alimentado com pequenas rações, vendo esses fazendeiros conduzindo seus animais gordos que não compartilhariam nem se vissem alguém morrendo de fome... Bem, admito, isso me venceu. Não sou um homem muito forte quando o assunto é comida. Gosto dela quente e em bastante quantidade. E não gosto de imaginar que sou o único disposto a conquistá-la.

E este é o âmago do problema, refletiu Nasuada. Os Varden não tinham condições de alimentar os seus membros, nem mesmo com a ajuda do rei de Surda, Orrin. Ele lhes havia aberto o seu erário, mas timidamente Galbatorix estava acostumado a se apropriar dos suprimentos dos seus compatriotas quando andava com seu exército pelo Império, sem pagar por eles. *Seu sentimento é nobre, mas torna a minha tarefa mais difícil*. Contudo, ela sabia que gestos como esse ajudaram a separar ela, Orrin, Hrothgar e Islanzadí da tirania de Galbatorix. *Seria fácil cruzar essa fronteira sem notar*.

- Entendo os seus motivos, mestre Gamble. No entanto, embora os Varden não sejam uma nação e não respondamos à autoridade de ninguém a não ser a nossa própria, isso *não* dá a você ou a qualquer um o direito de ignorar a regra da lei, como foi estabelecido pelos meus predecessores ou como é observado aqui em Surda. Por essa razão, eu o ordeno a pagar uma

moeda de cobre por cada galinha que você roubou.

Gamble a surpreendeu concordando sem protestar.

- Como quiser, senhora - disse ele.

- É isso? - exclamou o homem pálido. Ele torceu ainda mais o seu boné. - Esse preço não é justo. Se eu as vendesse em qualquer mercado, elas...

Ela não pôde mais se conter.

- Sim! Você ganharia mais. Mas acabo de saber que o mestre Gamble não tem como lhe pagar o preço total das galinhas, pois sou eu que pago o seu salário! Assim como pago o seu. Você se esquece de que se eu decidisse confiscar as suas aves para o bem dos Varden, você não conseguiria nem uma moeda de cobre por cada galinha e ainda teria sorte por isso. Está entendido?

- Ele não pode...

- Está entendido?

Depois de um instante, o homem pálido acalmou-se e murmurou:

- Sim, senhora.

- Muito bem. Ambos estão dispensados. - Com uma expressão de sarcástica admiração, Gamble tocou na sobrancelha e se curvou na direção de Nasuada antes de sair do salão de pedra ao lado do seu oponente mal-humorado. - Vocês também - disse ela para os guardas que estavam um de cada lado da porta.

Assim que todos se foram, ela afundou-se em sua cadeira, deu um sorriso típico de quem estava exausta e se esticou para pegar o leque, agitando-o sobre o seu rosto numa tentativa fútil de dissipar as marcas de suor que se acumulavam na sua testa. O calor incessante drenava a sua força e tornava árdua até mesmo a menor tarefa.

Suspeitava que se sentiria cansada mesmo no inverno. Estava familiarizada com os segredos mais íntimos dos Varden, mesmo assim foi necessário mais trabalho do que ela esperava para transportar toda a organização de Farthen dūr pelas montanhas Beor, e levá-la para Surda e Aberon. Ela estremeceu, lembrando-se dos dias longos e desconfortáveis que passou em cima de uma sela. Planejar e executar sua partida havia sido excessivamente difícil, da mesma forma que integrar os Varden ao seu novo

ambiente enquanto um ataque contra o Império era preparado simultaneamente. *Cada dia não é suficiente para resolver todos esses problemas*, lamentava ela.

Até que finalmente ela deixou cair o leque e tocou o cordão da campainha, chamando sua criada, Farica. O estandarte que estava pendurado à direita da escrivaninha de cerejeira balançou assim que a porta escondida atrás dela se abriu. Farica saiu rapidamente e ficou em pé com o olhar baixo na altura do cotovelo de Nasuada.

- Tem mais alguém? - perguntou Nasuada.

- Não, senhora.

Tentou não demonstrar seu alívio. Uma vez por semana ela estabelecia uma espécie de tribunal sumário para resolver as várias contendas dos Varden. Todos que julgavam ter sido injustiçados poderiam pedir uma audiência com ela e conseguir seu julgamento. Nasuada não conseguia pensar numa tarefa mais difícil e ingrata. Como seu pai costumava dizer depois de negociar com Hrothgar:

- Um bom acordo deixa todo mundo furioso. - Parecia verdade.

Voltando sua atenção para a questão em curso, ela afirmou para Farica:

- Quero que aquele tal de Gamble seja designado para uma nova função. Dê a ele um trabalho no qual o seu talento com as palavras seja de alguma utilidade. Intendente, talvez, contanto que seja um trabalho no qual ele venha a receber refeições completas. Não quero mais vê-lo novamente por causa de algum furto.

Farica acenou com a cabeça e foi até a escrivaninha, onde escreveu as instruções de Nasuada num códice de pergaminho. Apenas essa prática já a tornara indispensável. Farica perguntou:

- Onde posso encontrá-lo?

- Numa das frentes de trabalho na pedreira.

- Sim, senhora. Oh, enquanto estava ocupada, o rei Orrin pediu para que o encontrasse no laboratório dele.

- O que ele fez lá agora, ficou cego? - Nasuada lavou os pulsos e o pescoço com água de lavanda, depois deu uma olhada no cabelo em um espelho de prata polido que Orrin lhe presenteara e puxou sua veste até as mangas ficarem retas.

Satisfeita com sua aparência, saiu de seus aposentos com Farica a reboque. O sol estava tão radiante hoje que dispensava as tochas para iluminar o interior do castelo Borromeo, nem o calor adicional que elas provocam poderia ser tolerado. Feixes de luz caíam e atravessavam as aberturas, em forma de cruzeta, destinadas aos disparos de flechas, e brilhavam sobre a parede interna do corredor, rasgando o ar com barras de poeira dourada em intervalos regulares. Nasuada olhou por uma seteira em direção ao barbacã, onde cerca de trinta soldados da cavalaria alaranjada de Orrin estavam partindo para mais uma de suas intermináveis rondas pela zona rural que cercava Aberon.

Não adiantará muito, caso Galbatorix decida ele mesmo nos atacar, pensou ela amargamente. Suas únicas proteções eram o orgulho de Galbatorix e, esperava ela, o medo que o soberano tinha de Eragon. Todos os líderes sabiam do risco de usurpação, mas os próprios usurpadores estavam duplamente temerosos da ameaça que um único indivíduo poderia representar. Nasuada tinha ciência de que participava de um jogo extremamente perigoso contra o louco mais poderoso da Alagaësia. Se ela julgasse mal até que ponto poderia pressioná-lo, ela e o resto dos Varden seriam destruídos, junto com qualquer esperança que pudessem ter de acabar com o reinado de Galbatorix.

O cheiro limpo do castelo a lembrava dos tempos em que ficava lá quando era pequena, quando o pai de Orrin, o rei Larkin, ainda governava. Ela não via Orrin com tanta frequência naquela época. Ele era cinco anos mais velho e já havia assumido o seus deveres como príncipe. Hoje em dia, no entanto, ela normalmente se sentia como se fosse mais velha.

Na porta do laboratório de Orrin, ela teve de parar para esperar os guarda-costas, que estavam sempre postados do lado de fora, anunciarem sua presença ao rei. Logo a voz de Orrin se expandiu pela escadaria:

- Lady Nasuada! Fico feliz que você tenha vindo. Tenho algo para lhe mostrar.

Preparando-se mentalmente, ela entrou no laboratório com Farica. Logo as duas se depararam com um labirinto de mesas repletas de arranjos fantásticos de alambiques, provetas e retortas, era uma moita de vidro aguardando prender suas vestes em qualquer um dos seus incontáveis galhos

frágeis. O odor forte de vapores metálicos fizeram com que os olhos de Nasuada lacrimejassem. Levantava as barras de suas vestes para que não tocassem no chão, ela e Farica seguiram em fila indiana em direção aos fundos do salão, passaram por ampulhetas e pratos de balança, por livros grossos arcanos encadernados com ferro negro, por astrolábios para anões e pilhas de prismas de cristal fosforescentes que produziam luzes azuis espasmódicas.

Encontraram Orrin perto de uma bancada coberta de mármore, onde ele mexia num cadinho contendo mercúrio com um tubo de vidro que estava fechado numa ponta, aberto na outra, e devia ter pelo menos um metro de extensão, embora tivesse apenas meio centímetro de espessura.

- Majestade - disse Nasuada. Como condizia para alguém que, hierarquicamente, era do mesmo nível do rei, ela permaneceu ereta enquanto Farica fazia uma reverência. - Você parece que se recuperou bem da explosão da semana passada.

Orrin fez uma careta suave.

- Aprendi que não é inteligente combinar fósforo e água num espaço fechado. O resultado pode ser bem violento.

- A sua audição voltou inteiramente?

- Não totalmente, mas... - Sorrindo como um garoto com sua primeira adaga, acendeu uma vela de cera com a brasa de um braseiro. Ela não podia entender como ele conseguia manter aceso o braseiro naquele ambiente abafado. Ele carregou a vela acesa até a bancada e a usou para acender um cachimbo cheio de erva de cardo.

- Não sabia que você fumava.

- De fato não fumo - confessou ele -, mas descobri que, até o meu tímpano sarar, eu posso fazer isso... - Deu uma tragada no cachimbo e encheu as bochechas de fumaça até um filete escapar da sua orelha esquerda, como se fosse uma cobra saindo da toca. Era tão inesperado que Nasuada caiu na gargalhada e, um instante depois, Orrin se juntou a ela soltando uma coluna de fumaça pela boca. - E uma sensação das mais peculiares - confessou ele. - Coça loucamente quando está saindo. Tornando-se séria novamente, Nasuada perguntou:

- Havia mais alguma coisa que você queria discutir comigo,

majestade?

Ele estalou os dedos.

- É claro. - Depois de mergulhar seu longo tubo de vidro no cadinho, ele o encheu de mercúrio, depois tapou a ponta aberta com um dedo e mostrou o conjunto para ela. - Você concordaria que a única coisa que há nesse tubo é mercúrio?

- Sim. - *É por isso que ele queria me ver?*

- E quanto a agora? - Com um rápido movimento, ele inverteu o tubo e, removendo o dedo enfiou a ponta aberta no interior do cadinho. Em vez de entornar todo, como Nasuada esperava, o mercúrio no tubo caiu até a metade, depois parou e manteve a sua posição. Orrin apontou para a parte que ficou vazia acima do metal suspenso. E perguntou:

- O que ocupa esse espaço?

- Deve ser ar - afirmou Nasuada.

Orrin sorriu e balançou a cabeça.

- Se isso fosse verdade, como o ar iria passar pelo mercúrio ou se dissipar pelo vidro? Não há rota disponível pela qual a atmosfera possa entrar.

- Ele acenou na direção de Farica. - Qual é a sua opinião, criada?

Farica olhou para o tubo, depois encolheu os ombros e disse:

- Não pode ser nada, majestade.

- Ah, mas isso é exatamente o que eu acho que é: *nada*. Acredito que resolvi um dos mais antigos enigmas da filosofia natural ao criar e provar a existência de um vácuo! Ele invalida completamente as teorias de Vacher e indica que Ládin era, de fato, um gênio. Os malditos elfos sempre parecem ter razão.

Nasuada se esforçou para permanecer cordial quando perguntou:

- Para que propósito isso serve então?

- Propósito? - Orrin a encarou com um espanto genuíno. - Nenhum, é claro. Pelo menos nenhum no qual eu possa pensar. No entanto, isso nos ajudará a entender os mecanismos do nosso mundo, como e por que as coisas acontecem. É uma descoberta extraordinária. Quem sabe onde chegará? - Enquanto falava, foi esvaziando o tubo e o colocou cuidadosamente numa caixa forrada com veludo, específica para instrumentos delicados. - A perspectiva que realmente me entusiasma, no entanto, é usar a magia para

desvendar os segredos da natureza. Ora, ontem mesmo, com um único encanto, Trianna me ajudou a descobrir dois gases inteiramente novos. Imaginem o que poderia ser descoberto se a magia fosse sistematicamente aplicada às disciplinas da filosofia natural. Eu mesmo estou considerando aprender a mexer com magia, se tiver talento para tal, e se puder convencer alguns usuários de magia a divulgar seu conhecimento. É uma pena que o seu Cavaleiro de Dragões, Eragon, não a tenha acompanhado até aqui, tenho certeza de que ele poderia me ajudar.

Olhando para Farica, Nasuada disse:

- Espere por mim lá fora. - A mulher fez uma reverência e depois saiu. Assim que Nasuada ouviu a porta do laboratório se fechar, ela disse: - Orrin. Você perdeu a noção das coisas?

- O que você quer dizer?

- Enquanto passa o seu tempo trancado aqui, conduzindo experiências que ninguém entende, colocando em risco o seu bem-estar, seu reino se agita com a iminência de guerra. Inúmeras questões aguardam a sua decisão e você fica aqui soprando fumaça e brincando com mercúrio?

Seu rosto endureceu.

- Estou a par dos meus deveres, Nasuada. Você pode liderar os Varden, mas eu ainda sou o rei de Surda e você faria bem ao lembrar disso antes de se dirigir a mim de forma tão desrespeitosa. Será que eu preciso lembrá-la de que o seu refúgio aqui depende da minha boa vontade?

Ela sabia que se tratava de uma ameaça inútil, muitos dos habitantes de Surda tinham parentes entre os Varden e vice-versa. Estavam muito intimamente ligados para que uns abandonassem os outros. Não, a verdadeira razão que fez Orrin se sentir ofendido era a autoridade. Como era quase impossível manter grandes grupos de guerreiros armados de prontidão durante longos períodos - como Nasuada havia aprendido, alimentar tal quantidade de pessoas era um pesadelo de logística - os Varden haviam começado a pegar trabalhos, estabelecer fazendas e também a se incorporar à região que os hospedava. *Onde isso irá me levar? Serei líder de um exército inexistente? Serei general ou conselheiro hierarquicamente abaixo de Orrin?* Sua posição era precária. Se ela fosse muito diligente ou tomasse iniciativas demais, Orrin entenderia como uma ameaça e se voltaria contra sua

autoridade, especialmente agora que ela estava recoberta pelo manto do *glamour* depois da vitória dos Varden em Farthen dûr. Mas se ela esperasse muito tempo, perderiam a chance de explorar a fraqueza momentânea de Galbatorix. Sua única vantagem sobre o labirinto da oposição resumia-se ao poder que tinha sobre os elementos que haviam instigado este ato da trama: Eragon e Saphira. Ela disse:

- Não desejo minar o seu comando, Orrin. Essa nunca foi a minha intenção e peço desculpas se deixei transparecer isso. - Ele curvou o pescoço como se fosse um pêndulo. Sem saber como continuar, ela se apoiou sobre as pontas dos dedos na aba da bancada. - É só que... muitas coisas têm que ser feitas. Eu trabalho dia e noite... mantenho um bloco de papel ao lado da minha cama para fazer anotações... contudo nunca consigo me superar, sinto-me como se estivéssemos o tempo todo à beira de um desastre.

Orrin pegou um pilão que já estava manchado de preto devido ao uso excessivo e o rolou entre as mãos num ritmo constante e hipnótico.

- Antes de você vir para cá... Não, isso não está certo. Antes do seu Cavaleiro se materializar dos pés à cabeça vindo do nada, assim como Moratensis originou-se de sua fonte, esperava viver a minha vida tal qual meu pai e meu avô que me antecederam. Ou seja, me opondo a Galbatorix em segredo. Desculpe-me se demorou para me acostumar a essa nova realidade.

Era o máximo de arrependimento que ela poderia esperar.

- Entendo.

Ele parou de agitar o pilão por um breve instante.

- Você acabou de ascender ao poder enquanto eu detenho o meu há alguns anos. Se você me permite ser arrogante o bastante para lhe dar um conselho, descobri que é essencial para a minha sanidade guardar uma certa parte do dia para os meus próprios interesses.

- Eu jamais poderia fazer isso - opôs-se Nasuada. - Cada momento que desperdiço pode ser o momento de esforço necessário para se derrotar Galbatorix.

O pilão parou novamente.

- Você presta um desserviço aos Varden quando insiste em trabalhar excessivamente. Ninguém pode funcionar apropriadamente sem momentos de paz e tranqüilidade. Não precisam ser pausas muito longas, bastam apenas

cinco ou dez minutos. Você poderia até a praticar sua arte de manejar arco e flecha, e ainda assim continuaria voltada para as suas metas, embora de uma maneira diferente... Foi por isso que construí este laboratório em primeiro lugar. É por isso que sopro fumaça e brinco com mercúrio, como você disse... para que eu não grite de frustração todo dia.

Apesar de sua relutância em abandonar a percepção que tinha de Orrin como um sujeito fútil e preguiçoso, Nasuada não pôde deixar de reconhecer a legitimidade da sua argumentação.

- Vou considerar sua recomendação.

Parte da sua antiga frivolidade voltou quando ele sorriu.

- Isso é tudo que peço.

Depois de andar até a janela, ela empurrou ainda mais a cortina e olhou para baixo na direção de Aberon, ouviu os gritos de ágeis mercadores vendendo suas mercadorias para clientes insuspeitos, viu a eterna poeira amarela soprada pela estrada que vem do oeste enquanto uma caravana se aproxima dos portões da cidade, viu o ar que emitia uma luz trêmula sobre os telhados com telhas de argila e carregava o aroma da erva de cardo e do incenso dos templos de mármore e os campos que cercavam Aberon como se fossem as pétalas estendidas de uma flor.

Sem se virar, ela perguntou:

- Você já recebeu cópias dos últimos relatórios vindos do Império?

- Sim - respondeu ele enquanto se juntava à Nasuada na janela.

- Qual é a sua opinião sobre eles?

- Que são muito pobres e incompletos para que se possa tirar conclusões significativas.

- Porém eles são o melhor que temos. Diga-me quais são suas suspeitas e suas apostas. Interprete e parta dos fatos conhecidos como faria se isso fosse uma das suas experiências. - Ela sorriu. - Prometo que não tentarei racionalizar o que você disser.

Ela teve que esperar a resposta dele e, quando veio, foi com o peso doloroso de uma profecia apocalíptica.

- Aumento de impostos, tropas esvaziadas, cavalos e gado confiscados por todo o Império... Parece que Galbatorix reúne as suas forças como se estivesse se preparando para nos enfrentar, embora não possa dizer

se ele pretende fazer isso como ataque ou defesa. - Sombras esfriaram seus rostos enquanto uma nuvem de estorninhos passava em frente ao sol. - A pergunta que pesa sobre mim agora é quanto tempo ele levará para se mobilizar? Isso determinará o curso de nossas estratégias.

- Semanas. Meses. Anos. Não dá para prever suas ações. Ele acenou com a cabeça.

- Os seus agentes continuam a espalhar informações sobre Eragon?

- Isso se tornou cada vez mais perigoso, mas sim. Minha esperança é de que se inundarmos cidades como Dras-Leona com rumores sobre os feitos de Eragon, quando chegarmos lá e seus habitantes o virem, eles se juntem a nós por iniciativa própria e possamos evitar um cerco.

- A guerra raramente é fácil.

Ela deixou o comentário passar sem contestação.

- E como vai a mobilização do seu próprio exército? Os Varden, como sempre, estão prontos para lutar.

Orrin abriu as mãos num gesto conciliador.

- E difícil incitar uma nação, Nasuada. Há nobres que eu preciso convencer a me apoiarem, armas e armaduras a serem fabricadas, suprimentos a serem reunidos...

- E enquanto isso, como alimento o meu povo? Precisamos de mais terras do que você nos cedeu...

- Bem, eu sei disso.

- ... e só as conseguiremos invadindo o Império, a não ser que você queira fazer com que os Varden se liguem permanentemente à Surda. Se for isso, você terá que encontrar lares para as milhares de pessoas que eu trouxe de Farthen dūr, vai desagradar os cidadãos que já vivem aqui. Seja qual for a sua escolha, faça-a rapidamente, porque temo que, se você continuar a adiar tal decisão, os Varden se tornarão uma horda incontrolável. - Ela tentou fazer com que isso não soasse como uma ameaça.

Entretanto, Orrin obviamente não gostou da insinuação. Seu lábio superior se curvou e ele disse:

- Seu pai jamais perdeu o controle de seus homens. Acredito que você também não deixará que isso aconteça, se pretende continuar sendo a líder dos Varden. Quanto aos nossos preparativos, há limites para um tempo

tão curto, você simplesmente terá de esperar até estarmos prontos.

Ela agarrou o peitoril da janela até as suas veias saltarem dos pulsos e suas unhas afundarem nas fendas entre as pedras, contudo não deixou que nem uma parte da sua raiva transparecesse em sua voz.

- Nesse caso, você me daria mais ouro para que os Varden possam comprar comida?

- Não, já lhe dei todo o dinheiro de que podia dispor.

- Como comeremos, então?

- Sugiro que você levante os fundos por conta própria.

Furiosa, ela lhe dirigiu seu sorriso mais largo e luminoso - segurando - o tempo suficiente para deixar Orrin inquieto - e depois fez uma reverência como se fosse um criado, sem desarmar sua expressão demente.

- Adeus então, Majestade. Espero que o resto do seu dia seja tão agradável quanto foi a nossa conversa.

Orrin murmurou uma resposta ininteligível enquanto ela voltava para a entrada do laboratório. Em sua fúria, Nasuada prendeu sua mansa direita numa garrafa de jade e a derrubou, rachou a pedra e liberou uma grande quantidade de um líquido amarelo que se espalhou por sua manga e deixou sua saia ensopada. Ela girou o pulso em sinal de aborrecimento, mas não parou.

Farica se uniu novamente a ela na escadaria, e juntas atravessaram a série de corredores que levavam até as dependências de Nasuada.

PENDURADA POR UM FIO

Abrindo as portas dos seus aposentos, Nasuada andou a passos largos até sua escrivaninha e depois caiu numa cadeira, sem olhar para o que estava à sua volta. Sua coluna estava tão rígida que seus ombros não tocavam o encosto. Ela se sentia impotente para resolver o dilema que os Varden enfrentavam. O sobe e desce do seu peito diminuiu até ficar imperceptível. *Eu falhei, era.* tudo no que ela conseguia pensar.

- Senhora, a sua manga!

Retirada com uma sacudidela do seu devaneio, Nasuada olhou para baixo e viu Farica batendo no seu braço direito com um pano de limpeza. Uma

coluna de fumaça subia pela manga bordada. Alarmada, Nasuada se levantou da cadeira e virou o braço, tentando descobrir o que havia provocado aquela fumaceira. Sua manga e sua saia estavam se desintegrando em teias gredosas que soltavam gases ardentes.

- Tire isso daqui - disse ela.

Ela manteve o braço afastado do corpo e permaneceu firme para que Farica pudesse desamarrar sua veste. Os dedos da criada se arrastavam pelas costas de Nasuada desvairadamente, enrolando-se com os nós, até que finalmente conseguiu soltar a casca de algodão que revestia o torso de Nasuada. Assim que a veste caiu, Nasuada puxou seus braços para fora das mangas e se livrou do manto.

Ofegante, ela ficou em pé ao lado da escrivaninha, usando apenas seus chinelos e uma camisa de linho. Para seu alívio, o tecido fino e sofisticado não havia sofrido danos, embora tivesse adquirido um forte cheiro repugnante.

- Isso a queimou? - perguntou Farica. Nasuada balançou a cabeça, sem confiar em sua língua para dar uma resposta. Farica cutucou a veste com a ponta do sapato. - Que diabo foi isso?

- Uma daquelas misturas fedorentas de Orrin - disse Nasuada com uma voz áspera. - Eu a derramei em seu laboratório. - Acalmando-se com longos respiros, ela olhou triste para a veste arruinada. Ela fora tecida e dada de presente pelas mulheres anãs de Dûrgrimst Ingeitum no seu último aniversário e era uma das peças mais finas do seu guarda-roupa.

Não havia nada que pudesse substituí-la, nem podia justificar a autorização para se fazer um novo vestido, considerando as dificuldades financeiras dos Varden. *De algum modo terei de me virar sem ela.* Farica balançou a cabeça.

- É uma desgraça perder um vestido tão bonito. - Ela contornou a escrivaninha até uma cesta com apetrechos de costura e voltou com um par de tesouras afiadas. - Podemos também tentar salvar o máximo de pano que pudermos. Vou cortar as partes que se estragaram e farei com que sejam incineradas.

Nasuada franziu a testa e andou compassadamente por toda a extensão do salão, fervendo de raiva, e por ter mais um problema na sua já

esmagadora lista de preocupações.

- O que irei usar na corte agora? - perguntou ela.

A tesoura cortou o algodão macio com uma autoridade enérgica.

- Talvez a sua saia de linho.

- Ela é informal demais para usar na frente de Orrin e dos seus nobres.

- Dê-me uma chance de ajustar esta veste, senhora. Estou certa de que poderei modificá-la e torná-la aproveitável. Na hora em que eu terminar, ela ficará duas vezes mais grandiosa do que a peça original jamais ficou.

- Não, não. Não vai dar certo. Eles simplesmente rirão de mim. Já é bem difícil exigir o respeito deles quando estou vestida de forma apropriada, e muito menos se estiver usando vestidos remendados que serão indícios de nossa pobreza.

A mulher mais velha encarou Nasuada fixa e severamente.

- *Vai* dar certo, contanto que você não peça desculpas pela sua aparência. Não só isso, garanto que as outras damas ficarão tão arrebatadas pela sua nova moda que acabarão imitando-a. É só esperar e ver. - Ela foi até a porta, a abriu com um rangido e deu o tecido estragado para um dos guardas que estavam lá fora. - Sua soberana quer que isso seja queimado. Faça-o em segredo e não sussurre uma só palavra sobre isso para outra alma ou terá que dar satisfação a mim. - O guarda lhe fez uma continência.

Nasuada não pôde deixar de sorrir.

- Como eu iria funcionar sem você, Farica?

- Muito bem, acredito eu.

Depois de pôr seu traje verde para caçadas - que oferecia, em função de uma saia mais leve, algum alívio para o calor do dia - , Nasuada resolveu que, muito embora estivesse irritada com Orrin, seguiria o seu conselho: daria uma pausa em sua agenda e apenas ajudaria Farica a arrancar malhas da sua veste. Ela julgou que uma tarefa repetitiva seria uma maneira excelente de focar seus pensamentos. Enquanto puxava linhas de costura conversou sobre a situação difícil dos Varden com Farica, na esperança de que a criada pudesse enxergar uma solução que havia escapado a Nasuada.

No fim das contas, a única ajuda que Farica deu foi fazer a seguinte observação:

- Parece que grande parte das questões do mundo têm sua origem no ouro. Se tivéssemos ouro suficiente, poderíamos subornar Galbatorix para que largasse o seu trono negro... poderíamos até mesmo nos livrarmos de enfrentar seus homens.

Será que eu realmente esperava que alguém fosse fazer o meu trabalho por mim?, perguntou Nasuada para si própria. *Eu conduzi nossa gente para esta tocaia e agora tenho de tirar todos daqui.*

Na intenção de abrir uma costura, ela estendeu o braço e rasgou, com a ponta de sua faca, uma franja da renda de bilros, cortando-a ao meio. Nasuada olhou para aquele rasgo andrajoso na renda, para as pontas esfiapadas das linhas cor de pergaminho contorcidas por toda a veste, como se fossem um monte de minhocas retorcidas, e sentiu uma gargalhada histérica arranhar sua garganta na mesma hora em que uma lágrima se formava em seu olho. Será que sua sorte poderia ser pior?

A renda de bilros era a parte mais valiosa do vestido. Muito embora a renda exigisse uma certa habilidade para ser tecida, sua raridade e seu custo se devia principalmente a seu ingrediente central: quantidades vastas, abundantes, monótonas e mortais de tempo. Ela levava tanto tempo para ser produzida que se você tentasse criar um véu de renda sozinho, seu progresso não seria medido em semanas mas em meses. Onça por onça, a renda valia mais do que o ouro ou a prata.

Ela passou seus dedos pelas linhas, parou no rasgo que ela havia cria- do. *A renda não consome tanta energia, apenas tempo.* Ela detestava produzi- la sozinha. *Energia... energia...* Naquele momento, uma série de imagens reluziram em sua mente: Orrin falando em usar a magia para pesquisa,

Trianna, a mulher que dirigia Du Vrangr Gata desde as mortes dos Gêmeos, ela mesma levantando os olhos para ver um dos curandeiros dos Varden enquanto ele lhe explicava os princípios da magia quando Nasuada tinha cinco ou seis anos de idade. Aquelas experiências discrepantes formavam uma corrente de raciocínio tão excessiva e inverossímil, que ela finalmente soltou a gargalhada que estava presa em sua garganta.

Farica lhe dirigiu um olhar estranho e esperou uma explicação.

De pé, Nasuada deixou metade da veste deslizar do seu colo e cair no chão.

- Traga-me Trianna neste instante. Não me importa o que esteja fazendo, traga-a aqui.

A pele em torno dos olhos de Farica se apertou, mas a criada fez uma reverência e afirmou:

- Como quiser, senhora. - E saiu pela porta reservada dos criados.

- Obrigada - sussurrou Nasuada na sala vazia.

Entendeu a relutância da empregada, ela também se sentia desconfortável sempre que tinha de interagir com usuários de magia. De fato, só confiava em Eragon porque ele era um Cavaleiro - embora isso não fosse nenhuma prova de virtude, como Galbatorix havia demonstrado - e por causa do seu juramento de fidelidade, Nasuada sabia que ele jamais a trairia. Tinha medo de pensar nos poderes de mágicos e feiticeiros. A idéia de que uma pessoa aparentemente normal podia matar com uma palavra, invadir a sua mente caso ele ou ela desejassem, trapacear, mentir e roubar sem ser pego, e por outro lado desafiar a sociedade com uma quase impunidade...

Seu coração acelerou.

Como poderia fazer com que se cumprisse a lei quando um certo segmento da população possuía poderes especiais? Basicamente, a guerra dos Varden contra o Império era uma tentativa de levar à Justiça um homem que havia abusado dos seus poderes mágicos e de evitar que ele cometesse mais crimes. *Toda essa dor e destruição porque ninguém tinha forças para derrotar Galbatorix. Ele não irá nem mesmo morrer depois de um período curto e normal de tempo!*

Embora não gostasse de magia, Nasuada sabia que seu uso seria fundamental para depor Galbatorix e que ela não teria condições de alienar magos e feiticeiras até a vitória estar garantida. Uma vez que isso ocorresse, ela pretendia resolver o problema que tal quadro apresentava.

Uma batida forte na porta do seu aposento interrompeu seus pensamentos. Com um sorriso armado e protegendo a sua mente como lhe haviam ensinado, Nasuada disse:

- Entre! - Era importante que ela parecesse educada depois de convocar Trianna de uma maneira tão rude.

A porta se abriu com um empurrão e a feiticeira morena adentrou o

salão a passos largos. Seus cachos desgrenhados se avolumavam acima de sua cabeça, pois ela havia, obviamente, se arrumado com pressa. Parecia ter acabado de se levantar da cama. Curvando-se à moda dos anões, ela perguntou:

- Você me chamou, lady?

- Sim. - Relaxada numa cadeira, Nasuada olhou Trianna da cabeça aos pés, lentamente. A feiticeira levantou o queixo enquanto era examinada por Nasuada. - Preciso saber: qual é a regra mais importante da magia?

Trianna franziu a testa.

- Que qualquer coisa que se faça com magia requer a mesma energia necessária para fazê-la sem magia.

- E o que você *pode* fazer só é limitado pela sua habilidade e pelo seu conhecimento da língua antiga?

- Outras restrições também se aplicam, mas em geral sim. Por que pergunta, lady? Esses são os princípios básicos da magia que, ao mesmo tempo em que não estão totalmente disseminados, estou certa de que a senhora está familiarizada.

- E estou. Gostaria de me certificar de que os entendia apropriadamente. - Sem se mover da sua cadeira, Nasuada se abaixou e ergueu a veste para que Trianna pudesse ver a renda rasgada. - Então, dentro desses limites, você deve ter como formular um encanto que consegue fabricar renda usando a magia.

Um riso de mofa desdenhoso e condescendente distorceu os lábios escuros da feiticeira.

- Du Vrangr Gata tem deveres mais importantes do que reparar as suas roupas, lady. Nossa arte não é tão comum a ponto de ser empregada para meros caprichos. Estou certa de que você descobrirá que suas costureiras e alfaiates serão mais do que capazes de atender ao seu pedido. Agora, se me dá licença, eu...

- Quieta aí, mulher - disse Nasuada num tom de voz firme. A perplexidade fez Trianna emudecer no meio da frase. - Vejo que tenho que ensinar a Du Vrangr Gata a mesma lição que ensinei ao Conselho dos Anciãos: posso ser jovem, mas não sou criança para ser tratada de forma paternalista. Estou fazendo perguntas sobre renda, porque se você puder

fabricá-la rápida e facilmente usando a magia, então poderemos apoiar os Varden vendendo renda de bilros e crochê baratos por todo o Império. A própria gente de Galbatorix nos dará os fundos dos quais precisamos para sobreviver.

- Mas isso é ridículo - protestou Trianna. Até mesmo Farica parecia cética. - Você não pode pagar uma guerra com *renda*. Nasuada ergueu uma sobrancelha.

- Por que não? As mulheres que de outra forma não podem comprar sua própria renda irão dar pulos de alegria pela chance de poder comprar a nossa. Todas as esposas dos fazendeiros, que anseiam por aparentar serem mais ricas do que são, quererão. Até mesmo mercadores e nobres mais abastados nos darão o seu ouro, porque nossa renda terá mais qualidade do que qualquer uma fiada ou costurada por mãos humanas. Vamos juntar uma fortuna para rivalizar com a dos anões. Quer dizer, se você for hábil o bastante para fazer o que eu quero.

Trianna jogou o seu cabelo para trás.

- Você duvida das minhas habilidades?

- Posso vir a duvidar!

Trianna hesitou e depois pegou a veste de Nasuada e estudou a tira de renda por um bom tempo. Até que finalmente ela se pronunciou:

- Talvez seja possível, mas terei de fazer alguns testes antes de ter certeza.

- Faça-os imediatamente. De agora em diante, esta é a sua atribuição mais importante. E procure um fabricante de renda experiente para lhe falar sobre os moldes.

- Sim, lady Nasuada.

Nasuada permitiu que sua voz fosse mais suave.

- Muito bem. Também quero que você selecione os membros mais brilhantes da Du Vrangr Gata e trabalhe com eles para inventar outras técnicas mágicas que possam ajudar os Varden. Essa é sua responsabilidade, não minha.

- Sim, lady Nasuada.

- *Agora* você está dispensada. Traga-me um relatório amanhã de manhã.

- Sim, lady Nasuada.

Satisfeita, Nasuada ficou vendo a feiticeira partir, depois fechou os olhos e se permitiu aproveitar um momento de orgulho pelo que havia conseguido. Ela sabia que nenhum homem, nem mesmo o seu pai, teria pensado em tal solução.

- Essa é a minha contribuição para os Varden - disse a si mesma enquanto desejava que Ajihad pudesse ter testemunhado tudo aquilo. Num tom de voz mais estridente, ela perguntou: - Eu a surpreendi, Farica?

- Você sempre o faz, senhora.

ELVA

- Senhora?... Você é necessária, senhora.

- O quê? - Relutando para se mover, Nasuada abriu os olhos e viu Jörmundur entrar no quarto. O mago veterano tirou seu elmo, prendeu-o na dobra do seu braço direito, e andou em sua direção, com a mão esquerda plantada no botão do punho de sua espada.

Os elos de sua cota tiniram quando ele se curvou.

- Minha lady.

- Bem-vindo, Jörmundur. Como está o seu filho hoje? - Ela estava feliz por ele ter vindo. De todos os membros do Conselho de Anciãos, ele foi o que aceitou a sua liderança com mais facilidade, servindo-a com a mesma lealdade, obstinação e determinação que dispensara a Ajihad. *Se todos os meus guerreiros fossem como ele, ninguém poderia nos deter.*

- Sua tosse passou.

- Fico feliz em ouvir isso. Agora, o que o traz aqui?

Marcas de expressão apareceram na testa de Jörmundur. Ele passou a mão no cabelo, amarrado num rabo-de-cavalo, refreou-se e desceu a mão de volta ao lado do corpo.

- Magia, do tipo mais estranho. - Oh?

- Você se lembra do bebê que Eragon abençoou?

- Sim. - Nasuada só a vira uma vez, mas estava bem a par das histórias exageradas sobre a criança que circulavam entre os Varden, assim

como das esperanças que os Varden tinham em relação ao que a garota poderia conseguir assim que crescesse. Nasuada era mais pragmática em relação ao assunto. O que quer que a criança se tornasse, não o seria ainda por muitos anos, e a tal altura a batalha contra Galbatorix já estaria Perdida ou ganha.

- Pediram-me para que eu a levasse até ela.

- Pediram? Quem? E por quê?

- Um garoto no campo de treinamento me disse que você devia visitar a criança. Disse que você acharia interessante. Ele se recusou a me o seu nome, mas tinha a aparência que aquele menino-gato da feiticeira deve ter ao se transformar em um menino, por isso pensei... Bem achei que você devia saber. - Jörmundur parecia embaraçado. - Fiz perguntas aos meus homens sobre a garota, e ouvi coisas... que ela é *diferente*.

- De que maneira?

Ele encolheu os ombros.

- O suficiente para acreditar que você devia fazer o que o menino-gato disse.

Nasuada franziu a testa. Ela sabia que, de acordo com velhas histórias, ignorar um menino-gato era o máximo da insensatez e normalmente leva à desgraça. No entanto, sua parceira - Angela, a herbolária - era outra usuária de magia na qual Nasuada não confiava inteiramente, ela era muito independente e imprevisível.

- Magia - disse ela, tornando-a uma maldição.

- Magia - concordou Jörmundur, embora tivesse usado a palavra para indicar medo e intimidação.

- Muito bem, vamos visitar a tal criança. Ela está dentro do castelo?

- Orrin deu a ela e ao seu tutor quartos na ala oeste do castelo.

- Leve-me até ela.

Levantando as suas anáguas, Nasuada ordenou a Farica que adiasse o resto dos compromissos do dia e depois deixou seus aposentos. Mais atrás, ouviu Jörmundur estalar os dedos enquanto orientava quatro guardas para que assumissem posições em volta dela. Alguns instantes depois, ele se posicionou ao seu lado, apontando a direção a seguir.

O calor dentro do castelo Borromeo havia aumentado ao ponto de

eles sentirem que estavam presos dentro de uma fornalha gigante. O ar tremeluzia como vidro liqüefeito nos peitoris das janelas.

Embora não estivesse à vontade, Nasuada sabia que lidava melhor com o calor do que a maior parte das pessoas por causa da sua pele escura. Aqueles que tinham mais dificuldade para agüentar altas temperaturas eram homens como Jörmundur e seus guardas, que tinham de usar suas armaduras o dia inteiro, mesmo que estivessem de plantão sob o incessante olhar abrasador do sol.

Nasuada ficou atenta aos cinco homens enquanto o suor se acumulava em sua pele exposta e sua respiração ficava cada vez mais debilitada. Desde que chegaram a Aberon, um grande contingente dos Varden havia desmaiado devido à insolação - dois deles morreram uma ou duas horas depois - e ela não tinha a intenção de perder mais nenhum dos seus subordinados por levá-los além de seus limites físicos.

Quando julgou que eles precisavam descansar, ela ordenou-lhes que parassem - ignorando sua objeção - e fossem pedir água a um criado.

- Não posso deixá-los tombar como garrafas de boliche. Eles tiveram que parar mais duas vezes antes de chegar ao seu destino, uma porta oculta na parede interna do corredor. O chão ao redor estava cheio de presentes espalhados.

Jörmundur bateu e uma voz trêmula vinda de dentro perguntou: _ Quem é?

- Lady Nasuada veio ver a criança - disse ele.

- Você tem o coração sincero e firme determinação? Desta vez, Nasuada respondeu:

- O meu coração é puro e a minha determinação é de ferro.

- Cruze o limiar da porta então e seja bem-vinda.

A porta se abriu para uma passagem iluminada por uma única lanterna vermelha de anão. Não havia ninguém na porta. Enquanto prosseguia entrando, Nasuada viu que as paredes e o teto estavam cobertos com camadas de pano preto, dando ao lugar a aparência de uma caverna ou de um covil. Para a sua surpresa, o ar estava bastante frio, quase gelado, como uma noite fresca de outono. A apreensão afundou garras venenosas no seu estômago. *Magia.*

Uma cortina preta bloqueava o seu caminho. Ao afastá-la, Nasuada percebeu que estava no que antes fora uma sala de estar. A mobília havia sido removida, exceto por um jogo de cadeiras que havia sido empurrado para as paredes cobertas. Um castiçal feito por anões, que pouco iluminava o ambiente, estava pendurado numa ondulação do tecido pendente acima, projetava sombras esquisitas e multicoloridas em todas as direções.

Uma mulher idosa e curvada a olhava das profundezas de um dos cantos, era ladeada por Angela e pelo menino-gato, que estava em pé com seus pêlos eriçados. No centro do salão, havia uma garota pálida ajoelhada, que Nasuada julgou ter entre três e quatro anos de idade. A menina comia numa travessa que estava em seu colo. Ninguém falava.

Confusa, Nasuada perguntou:

- Onde está o bebê?

A menina olhou para cima.

Nasuada ofegou assim que viu a marca do dragão brilhando na testa da criança enquanto encarava profundamente seus olhos lilases. A garota armou, com seus lábios, um sorriso terrível e astuto.

- Eu sou Elva.

Nasuada recuou sem pensar, segurando a adaga que mantinha presa ao antebraço esquerdo. Era uma voz adulta, cheia da experiência e do cinismo de um adulto. Parecia profano vindo da boca de uma criança.

- Não corra - disse Elva. - Sou sua amiga. - Ela colocou a travessa de lado, que agora estava vazia. Para a velha, ela disse: - Mais comida. - A anciã saiu correndo da sala. Então Elva bateu no chão ao seu lado. - Por favor, sente-se. Estava esperando você desde que aprendi a falar.

Ainda segurando a sua adaga, Nasuada se agachou até as pedras.

- Quando foi isso?

- Semana passada. - Elva cruzou as mãos no seu colo. Ela fixou seus olhos medonhos em Nasuada, prendendo-a no lugar, através da força sobrenatural do seu olhar. Nasuada sentia como se uma lança violeta tivesse furado o seu crânio e estivesse se mexendo dentro de sua mente, dilacerando seus pensamentos e suas memórias. Ela lutou contra o desejo de gritar.

Inclinando-se para a frente, Elva se esticou e segurou o rosto de Nasuada com uma mão macia.

- Sabe, Ajihad não poderia liderar os Varden melhor do que você. Você escolheu o caminho certo. Seu nome será louvado por séculos a fio por ter a coragem e a precaução de mudar os Varden para Surda e atacar o Império quando todo mundo achava que era uma insanidade fazê-lo.

Nasuada olhou pasmada para a garota. Como uma chave se encaixa numa fechadura, as palavras de Elva referiam-se perfeitamente aos medos mais básicos de Nasuada, as dúvidas que a mantinham acordada à noite, suando na escuridão. Uma onda involuntária de emoção a atravessou, encorajando-a com uma sensação de confiança e paz que ela não possuía desde antes da morte de Ajihad. Lágrimas de alívio irrompiam dos seus olhos e rolavam pela sua face. Era como se Elva soubesse exatamente o que dizer para confortá-la.

Nasuada a detestava por isso.

Sua euforia brigava contra seu desgosto por causa de como e de quem provocara o momento de fraqueza. Ela também não acreditava na motivação da garota.

- O que é você? - ela exigiu saber.

- Sou o que Eragon fez de mim.

- Ele a abençoou.

Os olhos temíveis e remotos ficaram enevoados por um instante enquanto Elva piscava.

- Ele não entendeu as suas ações. Desde que Eragon me enfeitiçou, sempre que vejo uma pessoa, sinto todas as dores que a perturbam ou que estão prestes a perturbá-la. Quando eu era menor, não podia reagir. Até que cresci.

- Por que iria...

- A magia no meu sangue me impulsiona a proteger as pessoas da dor... não importa o sofrimento que produz em mim ou se quero ajudar não. - Seu sorriso se retorceu amargamente. - Custa-me caro resistir à natureza.

Enquanto Nasuada digeriria as implicações, ela percebeu que o aspecto perturbador de Elva era um produto derivado do sofrimento ao qual ela havia sido exposta. Nasuada estremeceu ao pensar no que a garota passou. *Essa magia deve tê-la dilacerado para que ela tivesse essa compulsão e se tornasse incapaz de reagir.* Embora não achasse sensato, começou a

sentir alguma simpatia por Elva.

- Por que você me disse isso?

- Achava que você devia saber quem e o que sou. - Elva fez uma pausa e o fogo no seu olhar se intensificou. - E que irei lutar por você sempre que puder. Use-me como usaria um assassino... escondido, no escuro, e sem piedade. - Ela gargalhou num tom de voz alto e indiferente. - Você se pergunta por quê, dá para ver. Porque, a não ser que essa guerra termine, mais cedo ao invés de mais tarde, ela me deixará louca. Já é muito difícil lidar com as agonias da vida cotidiana sem ter que confrontar as atrocidades da batalha. Use-me para acabar com ela e garantirei que sua vida seja tão feliz quanto nenhum humano já teve o privilégio de experimentar.

Naquele momento, a anciã voltou apressada para o salão, curvou-se na direção de Elva e lhe deu uma nova bandeja de comida. Foi um alívio físico para Nasuada quando Elva olhou para baixo e atacou uma perna de carneiro, empurrando a carne para dentro da boca com ambas as mãos. Ela comeu com a intensidade voraz de um lobo esfomeado, demonstrando uma completa falta de decoro. Com seus olhos violeta escondidos e sua marca do dragão coberta pela franja negra, ela mais uma vez parecia não ser nada além de uma criança inocente.

Nasuada esperou até que Elva não tivesse mais nada a falar. Então a um aceno de Angela, ela acompanhou a herbolária até uma porta lateral, deixando a garota pálida sentada sozinha no meio do salão escuro e coberto de panos, como se fosse um feto medonho aninhado em seu ventre, esperando o momento certo para sair.

Angela se certificou de que a porta estava fechada e sussurrou: - Tudo o que ela faz é comer e comer. Não podemos saciar seu apetite com as rações que temos no momento. Você pode...

- Ela será alimentada. Vocês não precisam se preocupar com isso. Nasuada esfregou os braços, tentando erradicar a lembrança daqueles olhos horríveis e medonhos.

- Obrigada.

- Isso já aconteceu com mais alguém?

Angela balançou a cabeça até seu cabelo ondulado tocar de leve nos seus ombros.

- Não, em toda a história da magia. Tentei traçar o seu futuro, mas ele é um pântano sem esperança - palavra adorável, pântano -, pois sua vida interage com muitas outras.

- Ela é perigosa?

- Todos somos perigosos.

- Você sabe o que eu quero dizer. Angela encolheu os ombros.

- Ela é mais perigosa do que alguns e menos do que outros. A pessoa que ela está mais propensa a matar, no entanto, é ela mesma. Se ela encontrar alguém que está prestes a se ferir e o encanto de Eragon a pegar desprevenida, então ela ficará no lugar da pessoa condenada. É por isso que ela fica trancada a maior parte do tempo.

- Com quanta antecedência ela pode prever acontecimentos?

- Duas ou três horas, no máximo.

Recostando-se na parede, Nasuada pensou na mais nova complicação em sua vida. Elva podia ser uma arma potente se fosse usada corretamente. *Através dela, posso discernir os problemas e as fraquezas dos meus oponentes, assim como o que irá agradá-los e torná-los suscetíveis aos meus desejos.* Numa emergência, a garota também poderia agir como um guarda infalível, se um dos Varden, Eragon ou Saphira, tivesse que ser protegido.

Ela não pode ficar sozinha. Preciso de alguém para vigiá-la. Alguém que entenda de magia e esteja suficientemente satisfeito com sua própria identidade para resistir à influência de Elva... e que eu possa acreditar que será confiável e honesta. Ela descartou Trianna imediatamente.

Nasuada olhou para Angela. Embora ela tivesse muita cautela para lidar com a herbolária, ela sabia que Angela havia ajudado os Varden em questões da maior delicadeza e importância - como na cura de Eragon - e não pediu nada em troca. Nasuada não conseguia pensar em mais ninguém que tivesse tempo, inclinação e habilidade para cuidar de Elva.

- Sei - afirmou Nasuada - que isso é muita arrogância da minha parte, pois você não está sob o meu controle e eu conheço muito pouco da sua vida ou de seus deveres, mas preciso lhe pedir.

- Prossiga. - Angela fez um aceno com a mão. Nasuada hesitou, embaraçada, mas depois prosseguiu.

_ Você estaria disposta a vigiar Elva por mim? Eu necessito...

- É claro! Vou ficar com os meus dois olhos grudados nela, se eu puder passar sem eles. É um grande prazer ter a oportunidade de poder estudá-la mais a fundo.

- Você terá que me fazer relatórios - avisou Nasuada.

- O dardo envenenado escondido dentro da torta de passas. Bem, suponho que eu possa lidar com isso.

- Tenho a sua palavra então?

- Tem a minha palavra.

Aliviada, Nasuada deu um suspiro e afundou na cadeira que estava mais próxima.

- Oh, que confusão. Que situação complicada. Como suserana de Eragon, sou responsável por suas façanhas, mas jamais poderia imaginar que ele fosse fazer algo tão horrível quanto isso. É algo que mancha a minha honra assim como mancha a dele.

Uma reverberação de estampidos agudos encheu a sala enquanto Angela estalava os nós dos dedos.

- Sim, eu pretendo falar com ele sobre esse assunto, assim que voltar de Ellesméra.

Sua expressão era tão feroz que deixou Nasuada alarmada.

- Bem, não o machuque. Nós precisamos dele.

- Não machucarei... certamente.

RESSURGIMENTO

Uma violenta rajada de vento fez Eragon acordar. Os cobertores se agitavam sobre ele e uma tempestade rasgava o seu quarto, lançava seus pertences pelos ares e fazia as lanternas baterem nas paredes. Lá fora, o céu era negro e as nuvens formavam uma massa espessa.

Saphira observava como Eragon cambaleava, lutava para manter o equilíbrio e a árvore balançava como um navio no oceano. Ele abaixou a cabeça para se proteger da ventania e seguiu contornando o quarto, agarrado à parede até alcançar o portal em forma de lágrima, através do qual a

tempestade uivava.

Eragon olhou para além do piso suspenso, para o chão lá embaixo, que parecia balançar de um lado para o outro. Ele tentou ignorar a agitação em seu estômago.

Tateando, ele encontrou a beira da membrana de pano embutida na madeira para cobrir a abertura. Ele se preparou para saltar de um lado do vão para o outro apoiado pelo pano. Se escorregasse, nada o impediria de cair sobre as raízes da árvore.

Espere, disse Saphira.

Ela se afastou do pedestal baixo onde estava dormindo e estendeu seu rabo ao lado dele, para que pudesse usá-lo como um corrimão.

Segurando o pano apenas com a mão direita, o que exigiu toda a sua força, Eragon usou as saliências do rabo de Saphira para atravessar a extensão do portal. Assim que chegou à outra extremidade, agarrou o pano com ambas as mãos e pressionou sua extremidade dentro do sulco que o mantinha preso.

O quarto ficou em silêncio.

A membrana inchou para dentro sob a força da natureza furiosa, mas resistia. Eragon a cutucou com o dedo. O tecido estava tão esticado quanto a pele de um tambor.

É incrível o que os elfos conseguem fazer, disse ele.

Saphira levantou a cabeça e a manteve suspensa, de modo que ficou encostada no teto enquanto ela escutava. *É melhor você fechar a sala de estudos, ela está sendo destruída.*

Enquanto ele seguia na direção da escada, a árvore balançou e sua perna se dobrou, fazendo-o cair pesadamente sobre um dos joelhos.

- Maldição - rosnou o Cavaleiro.

A sala de estudos era um redemoinho de papéis e penas, que se moviam pelo ar como se tivessem vida. Ele mergulhou no aguaceiro com os braços envolvendo a cabeça. Parecia que estava recebendo uma saraivada de pedras quando as pontas das penas o atingiam.

Eragon se esforçou para fechar o portal superior sem a ajuda de Saphira. No momento em que o fez, a dor - infindável e desnorteante dor - rasgou suas costas.

Ele gritou uma vez e ficou rouco por causa da intensidade do berro. Viu luzes vermelhas e amarelas até ficar tudo escuro quando ele caiu para o lado. Lá de baixo, ele ouviu Saphira urrando de frustração, a escadaria era muito pequena e, lá fora, o vento era muito feroz para que ela o alcançasse. Sua conexão com a parceira sumiu. E ele se rendeu à escuridão que o esperava como uma forma de se libertar de sua agonia.

Um gosto amargo enchia a boca de Eragon quando acordou. Não soube precisar quanto tempo ficara deitado no chão, mas os músculos em seus braços e pernas estavam retesados por ele ter permanecido curvado na forma de uma bola compacta. A tempestade ainda investia contra a árvore, vinha acompanhada por uma chuva ensurdecadora que se equiparava a um martelar dentro de sua cabeça.

Saphira...?

Estou aqui. Você pode descer?

Vou tentar.

Ele estava fraco demais para ficar em pé no piso inclinado, por isso resolveu rastejar até a escada e deslizou por um degrau de cada vez, estremecendo a cada impacto. No meio da descida, encontrou Saphira, que enfiou a cabeça e o pescoço escada acima o mais que pôde, entalhando a madeira na sua fúria.

Pequenino. Ela pôs a língua para fora e pegou em sua mão com sua ponta áspera. Ele sorriu. Depois, ela arqueou o pescoço e tentou recuar, mas sem sucesso.

O que há de errado?

Estou presa.

Você está... Ele não pôde evitar, dava gargalhadas apesar da dor. A situação era muito absurda.

Ela rosnava e erguia seu corpo inteiro, balançando a árvore com seu esforço e derrubando-o. Até que ela perdeu as forças, ofegante. Ora, *não fique sentado e rindo como uma raposa idiota. Ajude-me!*

Esforçando-se para não rir, ele colocou o pé em seu nariz e empurrou com toda a força enquanto Saphira se revirava e se contorcia na tentativa de se libertar.

Levou mais de dez minutos até ela conseguir. Só então foi que

Eragon viu a extensão dos danos na escadaria. Ele deu um suspiro. As escamas do dragão haviam rasgado a casca da árvore e destruíram as formas delicadas entalhadas na madeira.

Opa, disse Saphira.

Pelo menos foi você que o fez, não eu. Os elfos devem lhe perdoar. Eles cantariam canções românticas dos anões dia e noite se você lhes pedisse.

Ele se juntou a Saphira em sua plataforma e se aconchegou nas escamas lisas da sua barriga, escutando o quanto a tempestade rugia acima de ambos. A proteção na janela ficava translúcida sempre que um relâmpago pulsava na forma de fragmentos de luz recortados.

Que horas você acha que são?

Algumas horas antes do nosso encontro obrigatório com Oromis. Vá em frente, durma e tente se recuperar. Ficarei de guarda.

Foi exatamente isso que ele fez, apesar da agitação que se espalhava por toda a árvore.

POR QUE VOCÊ LUTA?

O relógio de Oromis zumbia como uma vespa gigante, berrava nos ouvidos de Eragon, até ele ir buscar a bugiganga e parar o mecanismo. Seu joelho machucado havia ficado roxo, estava dolorido tanto por causa do seu ataque súbito quanto devido à Dança da Cobra e do Grou, e não podia fazer nada a não ser gemer. O pior ferimento, no entanto, estava no pressentimento de que aquela não seria a última vez em que o ferimento de Durza iria prejudicá-lo. Tal perspectiva o deixava doente, drenava sua força e sua vontade.

Tantas semanas se passaram depois das crises, disse ele, que comecei a pensar que talvez, apenas talvez, eu estivesse curado... Suponho que a pura sorte seja a única razão que explique por que estou sendo poupado há tanto tempo.

Estendendo seu pescoço, Saphira o aninhou em seu braço. *Você sabe que não está sozinho, pequenino. Farei tudo que for possível para ajudar.*

Ele respondeu com um leve sorriso. Depois ela lhe lambeu o rosto e acrescentou: *Você deve se preparar para sair.*

Eu sei. Ele olhou para o chão, sem coragem para se mover, e depois se arrastou até o banheiro, onde se esfregou até ficar bem limpo e usou a magia para se barbear.

Estava se secando quando sentiu uma presença tocar sua mente. Sem parar para pensar, Eragon começou a fortificá-la, concentrando-se numa imagem do seu dedão, expulsando tudo o mais. Até que ouviu Oromis dizer: *Admirável, porém desnecessário. Traga Zar'roc consigo hoje.* A presença desapareceu.

Eragon respirou de forma vacilante. *Preciso ficar mais alerta,* disse para Saphira. *Estaria vulnerável caso ele fosse um inimigo.*

Não se estiver comigo por perto.

Quando terminou sua higiene, Eragon desenganchou a membrana parede e montou em Saphira, levava Zar'roc debaixo do braço.

Saphira levantou vôo com uma rajada de ar, fez uma curva em direção aos rochedos de Tel'naeír. Daquele ponto extremamente privilegiado, dava para ver os danos que a tempestade havia causado a Du Weldenvarden. Nenhuma árvore havia caído em toda Ellesméra porém, mais além, onde a magia dos elfos era mais fraca, inúmeros pinheiros haviam tombado. O vento que restou fazia os galhos e as árvores que se cruzavam se esfregarem uns nos outros, produzindo um coro frágil de rangidos e suspiros. Nuvens de pólen dourado, espessas como se fossem de poeira, jorravam das árvores e das flores.

Enquanto voavam, Eragon e Saphira trocavam lembranças sobre as aulas individuais do dia anterior. Ele lhe contou o que havia aprendido sobre as formigas e a língua antiga e ela lhe falou sobre correntes de ar frias e quentes e eventos climáticos perigosos e a forma de evitá-los.

Desse modo, quando os dois aterrissaram e Oromis interrogou Eragon sobre as lições de Saphira e Glaedr interrogou Saphira sobre as de Eragon, ambos estavam aptos a responder todas as perguntas.

- Muito bem, Eragon-vodhr.

Sim. Isso mesmo, Bjartskular, acrescentou Glaedr para Saphira.

Como no dia anterior, Saphira saiu com Glaedr enquanto Eragon

permaneceu no despenhadeiro, embora desta vez ele e Saphira tivessem tido o cuidado de manter seu elo mental para poderem absorver as instruções de um e de outro.

Enquanto os dragões partiam, Oromis observou:

- Sua voz está mais áspera hoje, Eragon. Você está doente?
- Minhas costas doeram novamente hoje de manhã.
- Ah. Você tem a minha solidariedade. - Ele mexeu um dedo. - Espere aqui.

Eragon ficou observando enquanto Oromis seguia a passos largos na direção de sua cabana, para depois reaparecer parecendo impetuoso e belicoso, com sua cabeleira prateada ondulando ao vento e sua espada de bronze na mão.

- Hoje - disse ele - temos que deixar o Rimgar de lado e, ao invés disso, cruzar as nossas duas espadas, Naegling e Zar'roc. Saque a sua espada e proteja o fio, como o seu primeiro mestre lhe ensinou.

Tudo que Eragon queria naquele momento era recusar o embate. No entanto, ele não tinha a intenção de quebrar seu juramento ou fraquejar na frente de Oromis. Engoliu sua tremedeira. *Isso é o que significa ser um Cavaleiro*, pensou.

Evocando as suas reservas, localizou o nó que ficava bem no fundo de sua mente e que o conectava ao fluxo indômito de magia. Ele o sondou e a energia o preencheu.

- Géuloth du knifr - disse ele, e uma estrela azul cintilante surgiu entre o seu polegar e o indicador, pulando de um dedo para o outro, enquanto ele os corria pela perigosa extensão de Zar'roc.

No instante em que suas espadas se cruzaram, Eragon soube que ria sobrepujado por Oromis, assim como o foi por Durza e Arya. Eragon era um espadachim humano exemplar, mas não podia competir com guerreiros cujo sangue era mais forte por causa da magia. Seu braço estava muito fraco e seus reflexos lentos demais. Ainda assim, isso não o intimidou. Lutou até o limite das suas habilidades, mesmo que, no fim, tudo não passasse de uma um treinamento.

Oromis o testou de todas as maneiras concebíveis, forçava Eragon a usar o seu arsenal de golpes, contragolpes e truques. Nada adiantou. Ele não

conseguia tocar no elfo. Como último recurso, tentou alterar seu estilo de luta, que poderia desestabilizar até o veterano mais calejado. Tudo que isso lhe rendeu foi uma pancada na coxa.

- Mova os seus pés com mais rapidez - gritou Oromis. - Aquele que fica em pé como se fosse um pilar acaba morrendo na batalha. Aquele que se inclina como um bambu triunfa!

O elfo em ação era glorioso, mistura perfeita de controle e violência. Lançava-se sobre o oponente como se fosse um gato, golpeava como uma garça e retornava com a graça de uma doninha.

Lutavam há quase vinte minutos quando Oromis vacilou e suas feições se apertaram numa breve careta. Eragon reconheceu os sintomas da misteriosa enfermidade de Oromis e o atacou com Zar'roc. Era desonesto, mas Eragon estava tão frustrado que queria tirar vantagem de qualquer oportunidade, não importava o quão fosse desonesto, só para ter a satisfação de marcar Oromis pelo menos uma vez.

Zar'roc não chegou a atingir o seu alvo. Enquanto Eragon se virava, acabou se estendendo além dos limites e forçou as costas.

A dor veio sem avisar.

A última coisa que ouviu foi Saphira gritando: *Eragon!*

Apesar da intensidade do espasmo, Eragon permaneceu consciente durante a sua provação. Não que estivesse a par do que lhe cercava, só do rogo que queimava em sua carne e prolongava cada segundo transformando-o numa eternidade. A pior parte era que ele não podia fazer nada para acabar com seu sofrimento a não ser esperar...

... e esperar...

Eragon ficou deitado e ofegante na lama fria. Ele piscava tentando enxergar e via Oromis sentado numa almofada ao seu lado. Esforçou-se para ficar de joelhos, Eragon olhou para a sua túnica nova com um misto de arrependimento e desgosto. O tecido fino e vermelho estava sujo de lama por causa das convulsões que teve no chão. A lama se espalhava pelo seu cabelo também.

Ele podia sentir Saphira em sua mente, irradiando preocupação enquanto esperava que seu parceiro a notasse. *Como você poderá continuar assim?*, disse ela aflita. *Isso destruirá você.*

Sua apreensão minou a resistência que ainda restava em Eragon. Antes Saphira jamais havia expressado dúvida sobre se ele iria levar a melhor antes, não em Dras-Leona, Gil'ead ou Farthen dûr, nem em relação a nenhum dos outros perigos que ambos enfrentaram. Sua confiança havia lhe dado coragem. Sem ela, ele estava realmente temeroso.

Você deve se concentrar na sua lição, disse ele.

Devo me concentrar em você.

Deixe-me em paz! Vociferou como se fosse um animal ferido desejoso de cuidar das suas chagas em silêncio e na escuridão. Ela silenciou, deixando apenas o seu elo intacto o suficiente para que ele pudesse ficar vagamente a par dos ensinamentos de Glaedr sobre ervas que brotam depois de incêndios na floresta, que ela poderia mastigar para ajudar em sua digestão.

Eragon tirou a lama do cabelo com os dedos e depois cuspiu uma bola de sangue.

- Mordi minha língua.

Oromis acenou positivamente como se fosse esperado.

- Você precisa se restabelecer? -Não.

- Muito bem. Cuide de sua espada, depois vá se lavar e siga para o tronco no meio da clareira e escute os pensamentos da floresta. Ouça, e quando não estiver mais ouvindo nada, venha me dizer o que aprendeu.

- Sim, mestre.

Assim que se sentou na tora, Eragon descobriu que seus pensamentos e emoções turbulentas atrapalhavam a concentração necessária para abrir sua mente e sentir as criaturas no vazio. Não estava mesmo interessado em fazê-lo.

Ainda assim, a condição serena dos arredores foi aos poucos fazendo diminuir o seu ressentimento, a confusão e a raiva. Aquilo não o fez feliz, mas lhe trouxe uma certa conformação. *Esta é a minha sina na vida, e é melhor eu me acostumar, pois ela não está prestes a melhorar.*

Quinze minutos depois, suas faculdades recuperaram sua acuidade. A praxe, pois voltou a estudar a colônia de formigas vermelhas que havia descoberto no dia anterior. Também tentou perceber tudo o mais que estava acontecendo na clareira, do jeito que Oromis lhe havia instruído.

Eragon avançava aos poucos. Se ele relaxasse e se permitisse

absorver tudo que entrava e vinha da percepção que lhe avizinhou, milhares de imagens e sentimentos investiriam dentro de sua cabeça, sobrepondo-se uns aos outros em rápidos flashes de som e cor, toque e cheiro, dor e prazer. A quantidade de informação era esmagadora. Por puro hábito, sua mente selecionava um assunto ou outro da torrente, excluindo todo o resto, antes de ele notar seu lapso e voltar para um estado de receptividade passiva. O ciclo se repetia de segundo em segundo.

Apesar disso, ele teve como melhorar o seu conhecimento sobre o mundo das formigas. Conseguiu a primeira pista sobre o sexo delas, quando deduziu que a formiga maior no centro do formigueiro subterrâneo estava botando ovos a cada minuto ou coisa parecida, o que fazia dela uma fêmea. Quando acompanhou um grupo de formigas vermelhas pelo caule de sua roseira, teve uma demonstração vívida do tipo de inimigos que enfrentavam: uma *coisa* se lançou de debaixo de uma folha e matou uma das formigas às quais ele estava ligado. Era difícil para ele adivinhar exatamente o que era a criatura, já que as formigas só viam fragmentos do ser e ainda, colocavam mais ênfase no cheiro do que na visão. Se fossem pessoas, ele teria dito que elas foram atacadas por um monstro terrível do tamanho de um dragão, com mandíbulas tão poderosas quanto as portas levadiças e cheias de ferrões de Teirm e céleres como uma chicotada.

As formigas cercaram o monstro como se fossem cavaleiros trabalhando para capturar uma montaria fugitiva. Elas se lançaram contra o oponente totalmente destemidas, beliscavam suas pernas nodosas e se afastavam um instante antes de serem pegas pela tenaz do monstro. Mais e mais formigas se juntaram à multidão. Empenhavam-se para superar o invasor, sem vacilar, mesmo quando duas foram capturadas e mortas e quando vários dos seus irmãos caíram do galho no chão abaixo.

?E batalha desesperada, nenhum dos lados estava disposto a ceder terreno ao adversário. Só a fuga ou a vitória salvariam os combatentes de uma morte terrível. Eragon acompanhou o combate acirrado expectativa, impressionado com a bravura e a persistência das formigas apesar dos ferimentos que poderiam incapacitar um ser humano. Seus feitos eram heróicos o suficiente para serem cantados por bardos por todo o mundo.

Eragon ficou tão absorto pela contenda que quando as formigas

finalmente ganharam, ele deu um grito tão alto de felicidade que assustou os pássaros empoleirados nas árvores.

Por curiosidade, ele se concentrou, e depois andou até a roseira para ver com os seus próprios olhos o monstro vencido. O que ele viu foi uma simples aranha marrom com as pernas arqueadas sendo transportada pelas formigas até o seu ninho para servir de alimento.

Era fantástico.

Ele começou a sair, mas então percebeu que mais uma vez ignorou a miríade de outros insetos e animais que viviam na clareira. Fechou os olhos e vagou pelas mentes de várias dezenas de seres, fazia o melhor que podia para memorizar o máximo de detalhes interessantes. Era uma alternativa pobre para uma observação prolongada, mas ele estava faminto e já havia esgotado o seu horário predeterminados.

Quando Eragon se reuniu a Oromis na cabana, o elfo perguntou:

- Como foi?

- Mestre, eu poderia ficar escutando noite e dia durante os próximos vinte anos e ainda assim não saberia de tudo que se passa na floresta.

Oromis levantou uma das sobrancelhas.

- Você fez progressos. - Depois que Eragon descreveu o que havia testemunhado, Oromis se pronunciou. - Mas ainda temo que não seja o suficiente. Você deve se esforçar mais, Eragon. Sei que pode. Você é inteligente e persistente, e possui potencial para ser um grande Cavaleiro. Por mais difícil que seja, você deve aprender a esquecer os seus problemas e se concentrar totalmente na tarefa que tem à mão. Encontre a paz dentro de si próprio e deixe que seus atos partam dela.

- Estou fazendo o melhor que posso.

- Não, isso não é o melhor que você pode. Reconheceremos o melhor de você quando ele emergir. - Ele fez uma pausa depois de pensar mais um pouco. - Talvez valesse a pena você ter um colega estudante para com ele competir. Então poderíamos ver o seu melhor... Vou pensar no assunto.

Do seu guarda-louças, Oromis tirou um pão assado ainda quente, uma jarra de madeira com manteiga de avelã - que os elfos usavam no lugar da manteiga propriamente dita - e um par de tigelas que ele encheu com uma concha de um ensopado de vegetais fervente numa panela pendurada acima

de um braseiro na lareira do canto da sala. Eragon olhou para o ensopado com repugnância, ele já não agüentava mais a comida dos elfos. O rapaz ansiava por carne, peixe ou ave, algo substancioso no qual ele pudesse afundar os dentes, não esse cortejo interminável de plantas.

- Mestre - acrescentou Eragon para se distrair -, por que você me faz meditar? É para que eu entenda os animais e os insetos ou há mais outro motivo?

- Você consegue pensar num outro motivo? - Oromis suspirou quando Eragon balançou negativamente a cabeça. - As coisas sempre são assim com os meus alunos novos, especialmente com os humanos, a mente é a última parte que eles treinam ou usam, é subvalorizada. Pergunte-os sobre como manejar a espada que listarão cada golpe que deram num duelo há um mês, e depois peça a eles para resolver um problema ou fazer uma declaração coerente e... bem, eu teria sorte se recebesse mais do que um olhar estupefato de volta. Você ainda é novo no mundo da necromancia... como a magia é propriamente chamada... mas você deve começar a considerar todas as suas implicações.

- Como assim?

- Imagine por um instante que você é Galbatorix, que tem todos os vastos recursos sob seu comando. Supondo que os Varden acabaram com o seu exército de Urgals com a ajuda de um Cavaleiro de Dragão rival, certamente educado pelo menos em parte, por um dos seus mais perigosos e implacáveis inimigos, Brom. Você também está a par de que seus inimigos estão se concentrando em Surda para uma possível invasão. Assim, qual seria a maneira mais fácil de lidar com todas essas várias ameaças, exceto começar você mesmo a batalha?

Eragon mexia o seu ensopado até esfriar enquanto pensava na questão.

- Me parece - disse ele lentamente - que a maneira mais fácil seria treinar uma tropa de mágicos... eles não precisariam ser tão poderosos assim... forçá-los a me jurar lealdade na língua antiga, e então fazê-los se infiltrar em Surda, sabotar os esforços dos Varden, envenenar poços e assassinar Nasuada, o rei Orrin e os outros líderes da resistência.

- E por que Galbatorix ainda não fez isso? Porque, até agora, Surda

possui uma importância desprezível para ele e porque os Varden já estão em Farthen dŭr há décadas, onde podiam examinar a mente de todo recém-chegado para sondar alguma traição, coisa que não podem fazer em Surda, já que suas fronteiras e sua população são muito grandes.

- Essas também são as minhas conclusões - disse Oromis. - A não ser que Galbatorix desista do seu covil em Urŭ'baen, o maior perigo que vocês estarão propensos a encontrar, durante a campanha dos Varden, virá dos mágicos aliados. Você sabe tão bem quanto eu como é difícil se proteger da magia, especialmente se o seu oponente jurou na língua antiga que iria matá-lo, não importa a que custo. Em vez de tentar conquistar sua mente antes, tal inimigo irá simplesmente evocar um encanto para destruí-lo, muito embora - no instante que antecede a sua destruição - você ainda esteja livre para retaliar. No entanto, você não pode abater o seu assassino se não souber quem é ele ou onde está.

- Então, às vezes, não é necessário assumir o controle da mente do seu oponente?

- Às vezes, mas é um risco que deve ser evitado. - Oromis fez uma pausa para tomar algumas colheradas de ensopado. - Agora, já nos dirigindo ao âmago da questão, como você se defenderá de inimigos anônimos resistentes a quaisquer precauções físicas e capazes de assassinar seu oponente com uma simples palavra murmurada?

- Não vejo como, a não ser que... - Eragon hesitou e depois sorriu. - A não ser que eu estivesse a par da consciência de todas as pessoas em torno de mim. Daí eu poderia sentir se elas quisessem me causar algum mal.

Oromis parecia satisfeito com a resposta.

- Isso mesmo, Eragon-finiarel. E esta é a resposta para a sua pergunta. Suas meditações condicionam a sua mente para descobrir e explorar falhas no armamento mental dos seus inimigos, não importa o quanto elas sejam pequenas.

- Mas será que um outro usuário de magia não ficaria sabendo que eu toquei a sua mente?

- Sim, eles saberiam, mas a maior parte das pessoas não. Quanto aos mágicos, eles saberão, temerão e protegerão suas mentes de você por causa do medo, assim você saberá quem são eles.

- Não é perigoso deixar a sua consciência desprotegida? Se você for atacado mentalmente, será facilmente dominado.

- É menos perigoso do que ficar cego para o mundo.

Eragon acenou com a cabeça. Ele batia com sua colher na tigela num intervalo de tempo constante, elaborou seus pensamentos e disse:

- Parece errado.

- Oh? Explique-se.

- E quanto à privacidade das pessoas? Brom me ensinou a nunca invadir a mente de alguém a não ser que seja absolutamente necessário... Acho que não estou à vontade com a idéia de invadir os segredos das pessoas... segredos que elas têm todo o direito de guardar para si próprias. - Ele levantou a cabeça. - Por que Brom não me falou sobre isso se era tão importante? Por que ele mesmo não me treinou para fazer isso?

- Brom lhe falou - disse Oromis - o que era apropriado lhe dizer naquelas circunstâncias. Mergulhar no poço de mentes pode se tornar um vício para aqueles que têm uma personalidade maliciosa ou o gosto pelo poder. Isso não foi ensinado para futuros Cavaleiros - embora façamos com que eles meditem como você faz no seu treinamento - até nos convencermos de que eles já estavam maduros o suficiente para resistir à tentação. É uma invasão de privacidade, e você aprende muitas coisas que nunca quis saber. No entanto, isso é para o seu próprio bem e para o bem dos Varden. Posso dizer por experiência própria, e por ter observado outros Cavaleiros experimentando a mesma sensação, que isso, acima de tudo, irá ajudá-lo a entender o que move as pessoas. E compreensão gera solidariedade e compaixão, mesmo que seja pelo mendigo mais pobre da cidade mais pobre da Alagaësia.

Os dois ficaram quietos por um instante, comendo, até que Oromis perguntou:

- Você pode me dizer qual é a ferramenta mental mais importante que uma pessoa pode possuir?

Era uma pergunta séria e Eragon ficou pensando por um bom tempo antes de se aventurar a dizer:

- Determinação.

Oromis partiu o pão ao meio com seus dedos longos e brancos.

- Posso entender por que você chegou a essa conclusão... a determinação lhe serviu bem nas suas aventuras... mas não. Refiro-me a ferramenta mais necessária para que se possa escolher a melhor rota de ação em qualquer situação que é apresentada. A determinação é tão comum entre homens que são tolos e estúpidos como o é entre os mais brilhantes intelectos. Então, não, a determinação não pode ser o que estamos procurando.

Desta vez,, Eragon tratou da questão como se fosse uma charada, contando o número de palavras, sussurrando-as em voz alta para ver se rimavam, e por outro lado examinando-as para descobrir algum significado oculto. O problema era que ele não passava de um adivinho medíocre, que nunca ficou muito bem colocado nos concursos anuais de charadas em Carvahall. Pensava de forma literal e mal podia decifrar charadas desconhecidas, era um legado da formação prática de Garrow.

- Sabedoria - finalmente disse Eragon. - A sabedoria é a ferramenta mais importante que uma pessoa pode possuir.

- Um bom chute, porém, mais uma vez, não. A resposta é lógica. Ou, para colocar de outra maneira, a capacidade de raciocinar analiticamente. Caso seja aplicada apropriadamente, ela pode superar qualquer falta de sabedoria, que a pessoa ganha através da idade e da experiência.

Eragon franziu a testa.

- Sim, mas ter um bom coração não é mais importante do que a lógica? A lógica pura pode levá-lo a tirar conclusões que são eticamente erradas. Ao passo que se tiver moral e for justo, isso lhe garantirá não vir a agir de forma vergonhosa.

Um sorriso fino como uma navalha fez os lábios de Oromis se curvarem.

- Você está confundindo as coisas. Tudo o que eu queria era saber qual é *a ferramenta* mais útil que uma pessoa pode ter, independente de ela ser má ou boa. Concordo que é importante ter uma natureza virtuosa, mas eu também discutiria isso se você tivesse que escolher entre dar a um homem um caráter nobre ou ensiná-lo a pensar claramente, você faria melhor em ensiná-lo a pensar claramente. Muitos problemas neste mundo são causados por homens nobres de mentes obscuras.

“A história nos mostra inúmeros exemplos de pessoas convencidas de que estavam fazendo a coisa certa e cometeram crimes terríveis por causa disso”. Tenha em mente, Eragon, que ninguém pensa em si próprio como um vilão, e poucos tomam decisões que julgam ser erradas. Uma pessoa pode não gostar de sua escolha, mas a defenderá o tempo todo porque, mesmo nas piores circunstâncias, acredita que é a melhor opção disponível no momento.

"Por iniciativa própria, ser uma pessoa decente não é garantia de que você agirá bem, o que nos traz de volta à única proteção que temos contra demagogos, malandros e as loucuras das multidões, e o nosso guia mais seguro para superar os obstáculos incertos que enfrentamos ao longo da vida: o pensamento claro e razoável. A lógica jamais falhará com você, a não ser que você não saiba - ou ignore deliberadamente -as conseqüências dos seus feitos.”

- Se os elfos são tão lógicos - disse Eragon -, então todos vocês devem concordar no que deve ser feito em qualquer situação.

- Raramente - asseverou Oromis. - Como todas as raças, aderimos a uma ampla gama de princípios e, como resultado, normalmente chegamos a conclusões divergentes, mesmo em situações idênticas. Conclusões que, devo acrescentar, são lógicas de acordo com o ponto de vista de cada pessoa. E embora gostaria que as coisas fossem de outro jeito, nem todos os elfos treinaram suas mentes de forma apropriada.

- Como você pretende me ensinar essa lógica? Oromis deu um largo sorriso.

- Através do método mais antigo e eficiente: debatendo. Irei lhe fazer uma pergunta e então você responderá e defenderá sua posição. - Ele esperou enquanto Eragon enchia sua tigela novamente com o ensopado. - Por exemplo, por que você luta contra o Império?

A súbita mudança de tópico pegou Eragon desprevenido. Ele tinha a sensação de que Oromis apenas agora falava o pretendia abordar o tempo todo.

- Como já disse antes, para ajudar aqueles que sofrem com o domínio de Galbatorix e, em segundo lugar, por causa de uma vingança pessoal.

- Então você luta por razões humanitárias?

- O que você quer dizer?

- Que você luta para ajudar as pessoas que Galbatorix maltratou e evitar que ele prossiga com isso.

Exatamente - disse Eragon.

- Ah, então me responda isso, meu jovem Cavaleiro: Será que a sua guerra contra Galbatorix não causará mais dor do que evitará? A maioria das pessoas no Império tem vidas normal e produtiva, elas permanecem livres da loucura do rei. Como você pode justificar uma invasão às suas terras, a destruição de seus lares e a morte de seus filhos e filhas?

Eragon ficou pasmo e atordoado por Oromis ter coragem de fazer tal pergunta - Galbatorix era *mau* - e nenhuma resposta fácil lhe vinha à mente. Ele sabia que estava do lado certo, mas como poderia provar?

- Você não acredita que Galbatorix deveria ser destronado?

- Essa não é a pergunta.

- Porém você *tem de* acreditar - insistiu Eragon. - Veja o que ele fez com os Cavaleiros.

Molhando um pedaço de pão no ensopado, Oromis voltou a comer deixando Eragon se irritar em silêncio. Quando terminou, Oromis cruzou as mãos sobre o seu colo e perguntou:

- Eu o decepcionei?

- Sim, decepcionou.

- Entendo. Muito bem, continue a refletir sobre a questão até encontrar uma resposta. Espero que seja uma bem convincente.

IPOMÉIA NEGRA

Eles esvaziaram a mesa e levaram a louça para fora, onde a arearam.

Oromis esmigalhou o que havia restado do pão e espalhou em volta da casa para que as aves pudessem comer, e depois voltaram para dentro.

Oromis trouxe penas e tinta para Eragon, e os dois retomaram seus estudos do Liduen Kvaedhí, a forma escrita da linguagem antiga, muito mais elegante do que as runas dos humanos e dos anões. Eragon se perdeu nos

glifos arcanos, feliz por ter uma tarefa que não exigia nada mais vigoroso do que memorização.

Depois de passar horas curvado sobre folhas de papel, Oromis fez um aceno com a mão e disse:

- Chega. Continuaremos amanhã. - Eragon se recostou e sacudiu os ombros enquanto Oromis escolhia cinco pergaminhos que estavam nos cantos da parede. - Dois desses estão na língua antiga, três no seu idioma nativo. Eles irão ajudá-lo a dominar ambos os alfabetos, assim como dar-lhe-ão informações valiosas que seriam entediantes caso eu resolvesse vocalizá-las.

- Vocalizá-las?

Com uma precisão infalível, a mão de Oromis se moveu bruscamente e arrancou um sexto pergaminho da parede, o qual acrescentou à pirâmide que já estava nas mãos de Eragon.

- Isto é um dicionário. Duvido que consiga, mas tente lê-lo inteiro. Quando o elfo abriu a porta para que ele saísse, Eragon disse:

- Mestre?

- Sim, Eragon?

- Quando começaremos a trabalhar com magia? Oromis apoiou um braço contra o vão da porta, parecia estar prestes a cair, como se não possuísse mais a vontade de permanecer em posição vertical. Até que ele suspirou e disse:

- Você precisa confiar em mim para guiar o seu treinamento, Eragon. Contudo, suponho que seria uma tolice adiarmos mais. Venha, deixe os pergaminhos em cima da mesa e vamos explorar os mistérios da necromancia.

No gramado em frente à cabana, Oromis ficou em pé, de frente para os rochedos de Tel'naeír, de costas para Eragon, com os pés separados segurava as mãos atrás das costas. Sem se virar, ele perguntou:

- O que é magia?

- A manipulação da energia através do uso da língua antiga. Fez-se uma pausa antes de Oromis responder.

- Tecnicamente você está certo e muitos encantadores nunca entendem mais do que isso. No entanto, sua definição falha ao não capturar a essência da magia. A magia é a arte do *pensamento*, não da força ou da

linguagem... você já sabe que um vocabulário limitado não é obstáculo para o uso da magia. Como tudo o mais que você tem de dominar, a magia se fia no fato de se ter um intelecto disciplinado.

Oromis fez uma pausa e prosseguiu:

- Brom ignorou o regime normal de treinamento e as sutilezas da magia para garantir que você teria as habilidades necessárias para permanecer vivo. Eu também tenho que distorcer o regime para me concentrar nas habilidades que provavelmente lhe serão exigidas nas batalhas futuras. No entanto, considerando que Brom lhe ensinou os mecanismos brutos da magia, irei lhe ensinar suas aplicações mais refinadas, os segredos reservados para o mais sábio dos Cavaleiros: como matar sem gastar mais energia do que no movimento de um dedo, o método para transportar instantaneamente um item de um ponto ao outro, um encanto que lhe permitirá identificar venenos na sua comida e na sua bebida, uma variação da cristalomancia para ouvir e ver, como se pode sugar energia dos arredores e com isso preservar a sua própria força, e como maximizá-la de todas as maneiras possíveis. Essas técnicas são tão potentes e perigosas que nunca foram compartilhadas com Cavaleiros novatos como você, mas as circunstâncias impõem que eu as revele e confie em que você não abusará delas. - Levantando seu braço direito, fazendo a sua mão assumir a forma de uma garra em gancho, Oromis proclamou: - Adurna!

Eragon ficou observando enquanto uma esfera d'água crescia e se erguia do riacho perto da cabana e flutuava pelo ar até que ficasse pairando entre os dedos esticados de Oromis.

O riacho era escuro e marrom sob os galhos da floresta, mas a esfera, que dele havia se desprendido, era tão incolor quanto vidro. Manchas de musgo, lama e outras partículas de detritos flutuavam dentro da esfera.

Ainda olhando na direção do horizonte, Oromis disse:

- Pegue. - Ele lançou a esfera para trás por cima do ombro na direção de Eragon.

Ele tentou pegar a bola, mas assim que ela tocou em sua pele, a água perdeu coesão e estourou no seu peito.

- Pegue-a usando magia - disse Oromis. Mais uma vez ele gritou: -Adurna! - E outra esfera d'água se formou na superfície do riacho e pulou em

sua mão como um gavião treinado obedecendo ao seu mestre.

Desta vez Oromis jogou a bola sem avisar. No entanto, Eragon estava preparado e disse:

- Reisa du adurna. - Ela diminuiu de velocidade até parar a uma distância, equivalente à espessura de um fio de cabelo, da palma de sua mão.

- Que escolha estranha de palavras - disse Oromis -, mas funciona, apesar disso.

Eragon sorriu e sussurrou:

- Thrysta.

A bola mudou o seu curso e voou na direção da base da cabeça prateada de Oromis. No entanto, a esfera não aterrissou onde ele pretendia, mas em vez disso passou como um raio pelo elfo, fez uma curva e voltou para Eragon numa velocidade ainda maior.

A água continuou dura e sólida como mármore polido quando atingiu Eragon, produzindo um baque surdo na hora em que colidiu com o seu crânio. O golpe o fez se estatelar na relva, ficou ali atordoado, pestanejando enquanto luzes pulsantes deslizavam pelo céu.

- Sim - disse Oromis. - Uma palavra melhor teria sido *letta* ou *kodthr*. - Ele finalmente se virou para encarar Eragon e levantou a sobancelha com aparente surpresa. - O que você está fazendo? Levante-se. Não podemos ficar deitados o dia inteiro.

- Sim, mestre - gemeu Eragon.

Quando o jovem conseguiu se levantar, Oromis o fez manipular a água de várias maneiras - moldava-a na forma de nós complexos, mudava a cor da luz que ela absorvia ou refletia, e congelava-a em certas seqüências predeterminadas -, nenhuma lhe pareceu difícil.

Os exercícios continuaram por tanto tempo que o interesse inicial de Eragon se desvaneceu e foi substituído por impaciência e perplexidade. Ele agia de forma cautelosa para não ofender Oromis, mas não via sentido no que o elfo estava fazendo, como se seu mentor evitasse quaisquer encantos que exigissem mais força. *Já demonstrei a extensão das minhas Habilidades. Por que ele persiste em repassar esses fundamentos?* Ele disse:

- Mestre, eu já entendi. Não podemos seguir em frente?

Os músculos no pescoço de Oromis endureceram, e seus ombros

Pareciam granito apesar de terem se movido, até mesmo a respiração do elfo parou antes de ele dizer:

- Você nunca vai aprender a respeitar, Eragon-vodhr? Então que seja assim! - Em seguida ele pronunciou quatro palavras na língua antiga num tom de voz tão grave que seu significado fugiu a Eragon.

O jovem Cavaleiro gritou enquanto sentia cada uma de suas pernas envolvidas por uma pressão que ia até o joelho, apertando e comprimindo suas panturrilhas de um jeito que tornava impossível caminhar. Suas coxas e o restante do seu corpo estavam livres para se mover, mas exceto essa parte, era como se ele tivesse sido jogado em cal de argamassa.

- Liberte-se - disse Oromis.

Este desafio jamais fora enfrentado por Eragon: como agir contra os encantos feitos por outros. Ele podia romper suas algemas invisíveis usando um de dois métodos diferentes. O mais eficiente seria se ele soubesse *como* Oromis o imobilizara - fosse afetando seu corpo direta ou indiretamente - para então redirecionar o elemento ou a força para dispersar o poder do elfo. Ou poderia usar um encanto vago e genérico para bloquear o que quer que o elfo estivesse fazendo. O aspecto negativo da tática era que ela levaria a uma disputa direta de poder entre os dois. *Teria que acontecer alguma hora*, pensou Eragon. Ele não cogitava que pudesse ter alguma esperança de levar a melhor contra um elfo.

Convocando a frase exigida, ele disse:

- Losna kalfya iet. - Solte as minhas panturrilhas.

A onda de energia que abandonou Eragon era maior do que previra, ele deixou de ficar moderadamente cansado por causa das dores e dos esforços do dia e passou a se sentir como se tivesse marchado sobre terreno acidentado desde o amanhecer. Até que a pressão sumiu de suas pernas, fazendo-o cambalear enquanto recuperava o equilíbrio.

Oromis balançou a cabeça.

- Que tolice - disse ele -, muita tolice. Se eu tivesse me comprometido a manter o meu encanto, ele o teria matado. Nunca use absolutos.

- Absolutos?

- Jamais verbalize os seus encantos de modo que só dois resultados

sejam possíveis: o sucesso ou a morte. Se um inimigo tivesse prendido as suas pernas e fosse mais forte do que você, então toda a sua força teria se esgotado enquanto tentava quebrar tal encanto. Você teria morrido sem ter a chance de abortar a tentativa assim que percebesse que ela era inútil.

- Como faço para evitar isso? - perguntou Eragon.

- É mais seguro fazer o encanto tornar-se um *processo* que possa ser terminado discretamente. Em vez de dizer *solte as minhas panturrilhas*, que é um absoluto, você poderia dizer *reduza a mágica que aprisiona as minhas panturrilhas*. É um pouco prolixo, mas você então poderia decidir o quanto queria que o encanto do seu oponente diminuísse e se era seguro removê-lo inteiramente. Vamos tentar novamente.

A pressão voltou para as pernas de Eragon assim que Oromis pronunciou sua evocação inaudível. Eragon estava tão cansado que duvidava que pudesse criar muita oposição. Não obstante, ele se esforçou para usar a magia.

Antes que a língua antiga deixasse a boca de Eragon, ele ficou a par de uma sensação curiosa que brotava enquanto o peso que confinava suas pernas ia diminuindo até se estabilizar. Ela coçava e o fazia sentir como se estivesse sendo puxado para fora de um atoleiro de lama fria e escorregadia. Ele olhou para Oromis e viu a aflição traçada no rosto do elfo, como se ele estivesse agarrado a algo precioso que não poderia suportar perder. Uma veia pulsava em uma das têmporas de Oromis.

Quando os grilhões misteriosos de Eragon sumiram, Oromis recuou como se tivesse sido picado por uma vespa e ficou em pé com o olhar fixo em suas duas mãos enquanto o peito magro arfava. Durante talvez um minuto ele ficou desse jeito, então se levantou e andou até a beirada dos rochedos de Tel'naeír, uma figura solitária cuja silhueta se projetava contra o céu opaco.

A tristeza e o pesar brotavam em Eragon - as mesmas emoções que dele se apoderaram quando viu pela primeira vez a pata mutilada de Glaedr. Ele se amaldiçoou por ter sido tão arrogante com Oromis, tão alheio às suas fraquezas, e por não ter confiado mais no julgamento do elfo. *Não sou o único que tem que lidar com feridas do passado*. Eragon ainda não havia entendido totalmente o que Oromis disse quando afirmou que tudo menos a mágica mais sutil estava fora do seu alcance. Agora ele conseguia avaliar a profundidade

da situação de Oromis e da dor que ela deve ter-lhe causado, especialmente para um de sua raça, que nasceu e foi criado com magia.

Eragon foi até onde Oromis estava, ajoelhou-se e curvou-se à moda dos anões, encostando a testa no chão.

- Ebrithil, me perdoe.

O elfo não deu o menor sinal de que havia escutado.

Os dois permaneceram em suas respectivas posições enquanto o sol se punha atrás de ambos, os pássaros cantavam suas canções noturnas e o ar ia tornando-se úmido e frio. Do norte, vinham os baques sutis e descompassados das asas de Saphira e Glaedr, enquanto voltavam depois de passar o dia distantes.

Num tom de voz baixo e distante, Oromis falou:

- Vamos começar tudo de novo amanhã, com esse e outros assuntos. - Pelo seu perfil, Eragon podia dizer que Oromis havia recuperado sua expressão costumeira de reserva impassível. - Tudo bem para você?

- Sim, mestre - respondeu Eragon, satisfeito por ter sido perguntado.

- Acho que seria melhor se, de agora em diante, você se esforçasse para só falar na língua antiga. Temos pouco tempo, e essa é a maneira mais rápida para você aprender.

- Mesmo quando eu falar com Saphira?

- Mesmo assim.

Adotando a língua dos elfos, Eragon fez um juramento:

- Então trabalharei incessantemente até não só pensar, como sonhar, na sua língua.

- Se você conseguir - disse Oromis, respondendo da mesma forma -, nossa aventura pode vir a ser bem-sucedida. - Ele fez uma pausa. - Em vez de voar direto para cá pela manhã, você acompanhará o elfo que eu mandar para guiá-lo. Ele irá levá-lo para um lugar onde os habitantes de Ellesméra praticam o manejo da espada. Fique lá por uma hora, depois continue normalmente.

- Não será você que me ensinará? - perguntou Eragon, sentindo-se desprezado.

- Não tenho nada para ensinar. Você é um dos melhores

espadachins que encontrei. Não sei lutar mais do que você e aquilo que possuo e que você não tem, eu não posso lhe dar. Tudo que lhe resta é preservar sua habilidade atual.

- Por que não posso fazer isso com você... Mestre?

- Porque não gosto de começar o dia com sobressaltos e conflitos. - Ele olhou para Eragon, então abrandou sua fala e acrescentou: - E porque será bom para você se entrosar com as outras pessoas que vivem aqui. Eu não represento a minha raça. Mas chega disso. Veja, eles estão se aproximando.

Os dragões deslizavam em frente ao sol poente. Primeiro veio Glaedr com um rugir de vento, encobrindo o céu com seu corpanzil, antes de se acomodar em cima da grama e dobrar suas asas douradas, e depois Saphira, tão rápida e ágil quanto um pardal atrás de uma águia.

Como haviam feito na manhã anterior, Oromis e Glaedr fizeram uma série de perguntas para se certificar de que Eragon e Saphira haviam prestado atenção nas lições de um e de outro. Nem sempre eles o tinham feito, mas ao cooperar e partilhar informações entre si, os dois conseguiram responder todas as perguntas. Seu único obstáculo foi a língua antiga que lhes foi exigida para manter contato.

Melhor, ressoou Glaedr depois. Bem melhor. Ele curvou seu olhar na direção de Eragon. *Você e eu teremos que treinar juntos em breve.*

- É claro, Skulblaka.

O velho dragão bufou e se arrastou ao lado de Oromis, meio que pulando com a perna da frente para compensar a que não tinha. Lançando-se para a frente, Saphira mordeu a ponta do rabo de Glaedr, jogando-o para o ar com o girar de sua cabeça, como faria para quebrar o pescoço de um gamo. Ela recuou assim que Glaedr se virou e abocanhou seu pescoço, expondo seus enormes caninos.

Eragon estremeceu e, um pouco tarde demais, cobriu seus ouvidos para protegê-los do rugido de Glaedr. A velocidade e a intensidade da reação de Glaedr sugeriram a Eragon que não havia sido a primeira vez que Saphira o perturbara ao longo do dia. Em vez de remorso, Eragon percebeu que ela na verdade estava excitada, se divertia - como se fosse uma criança com um brinquedo novo - e demonstrava uma devoção quase cega pelo outro dragão.

- Contenha-se, Saphira! - disse Oromis. Saphira se empinou para

trás e se acomodou sobre seus quadris, embora nada em sua conduta expressasse arrependimento. Eragon murmurou débeis desculpas até que Oromis fez um aceno com a mão e disse: - Fora, os dois.

Sem discutir, Eragon montou sobre Saphira. Ele teve de apressá-la para decolarem logo e, assim que o fez, ela insistiu em girar três vezes sobre a clareira até o Cavaleiro conseguir fazê-la virar na direção de Ellesméra.

O que deu em você para mordê-lo?, perguntou. Ele achava que sabia, mas queria que ela confirmasse.

Eu só estava brincando.

Era a verdade, visto que eles falaram na língua antiga, contudo Eragon suspeitava de que se tratava de apenas um pedaço de uma verdade maior. *Sim, mas de quê?* Ela ficou tensa embaixo do parceiro. *Você se esquece do seu dever. Ao...* Ele buscava a palavra certa. Incapaz de encontrá-la voltou a falar sua língua nativa. *Ao provocar Glaedr, você distraiu a ele, a Oromis e a mim... e retardou aquilo que temos de concluir. Você nunca foi tão descuidada antes.*

Não se atreva a ser minha consciência.

Ele riu então, e por um instante foi negligente com o fato de estar sentado entre as nuvens, rolando para o lado até quase cair da ponta dos ombros do dragão. *Oh, que grande ironia, depois de todo o tempo que você passou me dizendo o que fazer. Sou a sua consciência, Saphira, tanto quanto você é a minha. Você teve bons motivos para me castigar e me dar conselhos no passado e agora devo fazer o mesmo por você: pare de importunar Glaedr com seus galanteios.*

Ela permaneceu em silêncio.

Saphira?

Estou ouvindo.

Espero que sim.

Depois de um minuto voando em paz, ela disse: *Dois ataques em um dia. Como você está agora?*

Dolorido e indisposto. Ele fez uma careta. *Parte por causa do Rimgar e dos embates, mas principalmente devido aos efeitos secundários da dor. E como um veneno, enfraquece os meus músculos e nubla a minha mente. Eu só espero continuar são tempo suficiente para o treinamento. Depois, no entanto... não sei o que farei. Certamente não posso lutar pelos Varden assim. Não pense*

nisso, ela aconselhou-o. Você não pode alterar sua condição, não se culpe. Viva no presente, lembre-se do passado e não tema pelo futuro, pois ele não existe e nunca existirá. Só existe o agora.

Ele bateu no ombro de Saphira e sorriu com uma gratidão resignada. A sua direita, um milhafre pegava uma corrente de ar quente enquanto patrulhava a floresta descontínua em busca de sinais de presas peludas ou cheias de penas. Eragon observava a cena, refletia sobre a pergunta que Oromis havia lhe feito: Como ele poderia justificar a guerra contra o Império quando ela iria causar tanto pesar e agonia?

Tenho uma resposta, disse Saphira.

Qual é?

Que Galbatorix tem... ela hesitou, mas depois disse: *Não irei lhe dizer nada. Você deve descobrir isso sozinho.*

Saphira! Seja razoável.

Estou sendo razoável. Se você não sabe por que nós fazemos a coisa certa, pode muito bem se render a Galbatorix por todo o bem-estar que você propiciará. Não importou o quão eloqüentes foram os argumentos, ele não conseguia arrancar mais nada de Saphira, ela bloqueou aquela parte de sua mente.

De volta aos seus aposentos, Eragon fez uma refeição leve e estava prestes a abrir um dos pergaminhos de Oromis quando uma batida na porta de tela o interrompeu.

- Entre - disse ele desejando ver Arya novamente. E era ela.

Arya cumprimentou Eragon e Saphira e depois disse:

- Achei que você poderia apreciar a oportunidade de visitar a Mansão Tialdarí e seus jardins, já que expressou interesse neles ontem. Isso se você não estiver muito cansado. - Ela usava uma saia vermelha e leve decorada com desenhos intrincados bordados com linha preta. O desenho colorido repetia o padrão dos mantos da rainha e enfatizava a forte semelhança entre mãe e filha.

Eragon abandonou os pergaminhos.

- Ficaria encantado em vê-los.

Ele quer dizer que ficaríamos encantados, acrescentou Saphira. Arya pareceu surpresa ao ver que ambos falaram na língua antiga, por isso Eragon explicou a ordem de Oromis.

- Excelente idéia - disse Arya, falando na mesma língua. - E será mais apropriado vocês falarem assim enquanto estiverem por aqui.

Assim que os três desceram da árvore, Arya os guiou para oeste, em direção a outra face de Ellesméra. Encontraram muitos elfos no caminho, todos pararam e se curvaram perante Saphira.

Eragon notou mais uma vez que não havia crianças elfas à vista. Ele mencionou tal fato para Arya e ela disse:

- Sim, temos algumas crianças. Só duas estão em Ellesméra no momento, Dusan e Alanna. Estimamos as crianças acima de tudo pelo fato de elas serem tão raras. Ter uma criança é a maior honra e responsabilidade que pode ser concedida a qualquer ser vivo.

Finalmente chegaram a uma arcada alta e pontiaguda, cheia de suportes - fixada entre duas árvores -, era a entrada para um amplo complexo. Ainda falando na língua antiga, Arya entoou:

- Raiz da árvore, fruto da videira, deixe-me passar pelo meu sangue que há nessa clareira.

As duas portas da arcada estremeceram, depois abriram, liberaram cinco borboletas soberanas que esvoaçaram rumo ao céu sombrio. Do outro lado da arcada havia um vasto jardim de flores planejado para parecer tão imaculado e natural quanto uma campina selvagem. O único elemento destoante era a variedade de plantas, muitas das espécies estavam vicejando fora da estação, ou vinham de climas mais quentes ou frios e jamais teriam florescido sem a magia dos elfos. A cena era iluminada pelas lanternas sem chamas que mais pareciam jóias, acrescida por constelações de pirilampos.

Para Saphira, Arya disse:

- Tenha cuidado com o seu rabo, para que ele não roce nos canteiros.

Avançando, os três atravessaram o jardim pela trilha de árvores dispersas. Antes que Eragon soubesse bem onde estava, as árvores tornaram-se mais numerosas até se aglomerarem ao ponto de formar uma muralha. Ele percebeu, então, a soleira da porta de uma mansão, de madeira polida, sem sequer tomar consciência de que havia entrado.

A mansão era quente e acolhedora - lugar de paz, reflexão e conforto. Sua forma era determinada pelos troncos das árvores descascadas e

polidas com óleo até a madeira brilhar como âmbar. Vãos regulares entre os troncos serviam de janelas. O aroma das folhas de pinheiro esmagadas perfumava o ar. Um certo número de elfos ocupava a mansão, liam, escreviam e, num canto escuro, tocavam uma série de foles de bambu. Todos pararam e inclinaram suas cabeças, reconheciam a presença de Saphira.

- Vocês ficariam aqui - disse Arya - caso não fossem Cavaleiro e dragão.

- E magnífico - respondeu Eragon.

Arya os guiou por todos os cantos do complexo que era acessível a dragões. Cada nova sala era uma surpresa, não havia duas iguais, e cada câmara revelava maneiras diferentes para incorporar a floresta em sua construção. Em uma sala, um córrego prateado escorria pela muralha antiga, fluía pelo chão sobre um veio de seixos, depois saía para o ar livre. Em outra sala, trepadeiras, de uma espécie de verde e frondosa, adornavam com flores em forma de trombeta nos tons mais delicados de rosa e branco todo o ambiente, exceto o chão. Arya a chamava de Vinha Lianí.

Viram muitas grandes obras de arte, de desenhos e pinturas a esculturas e mosaicos radiantes de vitrais - todos baseados nas formas naturais de plantas e animais.

Islanzadí os encontrou brevemente num pavilhão aberto que se unia a dois outros prédios através de passagens cobertas. Ela perguntou sobre os progressos no treinamento de Eragon e sobre como estavam suas costas, e o Cavaleiro respondeu a ambas as indagações com frases curtas e educadas. Isso pareceu ter deixado a rainha satisfeita, ela trocou algumas palavras com Saphira e depois partiu.

No fim, voltaram para o jardim. Eragon andou ao lado de Arya - Saphira ia atrás - arrebatado pelo som de sua voz enquanto ela lhe falava sobre as espécies diferentes de flores, de onde elas se originaram, como foram cultivadas e manipuladas pela magia. Ela também apontou as flores que só abriam suas pétalas durante a noite, como um estramonio branco.

- Qual é a sua favorita? - perguntou ele.

Arya sorriu e o conduziu até uma árvore que ficava no canto do jardim, perto de uma lagoa cercada por juncos. Em volta do galho mais baixo da árvore, havia uma ipoméia com três flores negras e aveludadas,

hermeticamente fechadas.

Soprando sobre elas, Arya sussurrou:

- Abram.

As pétalas farfalhavam enquanto se expandiam, abanaram seus mantos negros para expor o néctar acumulado em seus centros. Raios de luz azul-escura encheram o cálice das flores, espalharam-se pela corola negra como os vestígios do dia dentro da noite.

- Não é a flor mais linda e perfeita? - perguntou Arya.

Eragon a encarou, deliciosamente consciente de sua proximidade, e disse:

- Sim... é verdade. - Antes que sua coragem o abandonasse, ele acrescentou: - Assim como você.

Eragon!, exclamou Saphira.

Arya fixou seus olhos sobre ele, observando-o atentamente até que se sentisse forçado a desviar o olhar. Quando ousou encará-la novamente, o rapaz ficou aflito ao vê-la sorrindo levemente, como tivesse se divertido com sua reação.

- Você é muito gentil - murmurou ela. Levantando o braço, a elfa tocou na pétala de uma flor e olhou para ele de onde estava. - Faölin criou essa aqui especialmente para mim durante um solstício de verão há muito tempo atrás.

Ele mudou de lugar e respondeu com algumas palavras ininteligíveis, magoado e ofendido por ela não ter levado seu elogio mais a sério. Eragon bem que gostaria de desaparecer, e até mesmo considerou a possibilidade de fazer um encanto exatamente para isso.

Por fim, ele se levantou e disse:

- Por favor, desculpe, Arya Svit-kona, mas está tarde e temos de voltar para a nossa árvore.

O sorriso da elfa ficou mais intenso.

- É claro, Eragon. Entendo. - Ela os acompanhou até a arcada principal, lhes abriu as portas e disse: - Boa-noite, Saphira. Boa-noite, Eragon.

Boa-noite, respondeu Saphira.

Apesar do embaraço, Eragon não pôde deixar de perguntar.

- Será que veremos você amanhã? Arya inclinou a cabeça.

- Provavelmente estarei ocupada. - Depois disso as portas se fecharam, impedindo que ele a visse voltando para o complexo principal.

Agachando-se bastante para poder passar pela trilha, Saphira cutucou Eragon. *Pare de sonhar acordado e suba nas minhas costas.* Depois de subir, ele tomou seu lugar de praxe, agarrou o espinho do pescoço em frente a ele, e Saphira se ergueu. Assim que se afastaram um pouco, ela se pronunciou: *Como você pode criticar a minha conduta com Glaedr e depois Jaz algo parecido? No que estava pensando?*

Você sabe o que sinto em relação a ela, murmurou.

Bah! Se você é a minha consciência e eu sou a sua, então é meu dever alertá-lo quando estiver agindo como um dândi iludido. Você não está usando a lógica, como Oromis fica dizendo para que façamos. que você realmente espera que aconteça entre você e Arya? Ela é uma princesa!

E eu sou um Cavaleiro.

Ela é uma elfa, você é um humano!

A cada dia que passa eu me pareço cada vez mais com um elfo.

Eragon, ela tem mais de cem anos de idade!

Viverei tanto tempo quanto ela ou qualquer outro elfo.

Ah, mas ainda não viveu, e esse é o problema. Você não pode superar tal vasta diferença. Ela é uma mulher adulta, tem um século de experiência, enquanto você é...

O quê? O que eu sou?, perguntou rispidamente. *Uma criança? É isso que você quer dizer?*

Você não é uma criança. Não depois do que viu e fez desde que nos unimos. Mas é jovem, mesmo aos olhos da sua raça jovem - muito mais aos olhos dos duendes, dragões e elfos.

Assim como você.

Sua réplica a silenciou por um instante. Até que: *Eu só estou tentando protegê-lo, Eragon. Só isto. Quero que você seja feliz e temo que não o será se insistirem em importunar Arya.*

Os dois estavam prestes a se recolher quando ouviram a porta do alçapão no vestíbulo bater ao ser aberta e o retinir da cota enquanto alguém subia por dentro da árvore. Com Zar'roc na mão, Eragon afastou a porta de tela, pronto para lutar.

Sua mão caiu assim que ele viu Orik no chão. O anão tomou um bom gole da garrafa que trazia na mão esquerda, e depois olhou de soslaio para Eragon e falou de forma enrolada por culpa da quantidade absurda de álcool ingerida.

- E aí, garoto, cadê você? Ah, aí está voche... Estava querendo saber onde você estava. Não conseguia encontrá-lo, por isso pensei que dada essa bela e dolorosa noite, eu podia encontrá-lo... e aqui está você! O que podemos conversar, você e eu, agora que estamos juntos neste agradável ninho de passarinho?

Segurando o braço livre do anão, Eragon o puxou e o colocou em pé, ficou surpreso, como sempre, ao constatar como Orik era pesado, igual a um seixo em miniatura. Quando Eragon deixou de segurá-lo, Orik balançou de um lado para o outro, ficando em ângulos tão instáveis que ameaçava tombar à menor provocação.

- Entre - disse Eragon em sua própria língua. Ele fechou o alçapão. - Você vai acabar ficando resfriado se continuar aí.

Orik piscou seus olhos arredondados e profundos para Eragon.

- Eu não o vi perto do meu retiro frondoso, não vi mesmo. Você me abandonou na companhia dos elfos... eles são enfadonhos e são péssima companhia, e como são.

Um leve sentimento de culpa fez Eragon disfarçar um sorriso desajeitado. Ele havia se esquecido do anão em meio a tudo que vinha acontecendo.

- Lamento não tê-lo visitado, Orik, mas meus estudos têm me mantido ocupado. Venha, dê-me o seu manto. - Enquanto ajudava o anão a tirar seu manto marrom, ele perguntou: - O que você está bebendo?

- Faelnirv - declarou Orik. - Uma dose fantástica, dá para virar facilmente de uma vez só. A melhor e a maior de todas as invenções dos elfos, ela lhe dá o dom da tagarelice. As palavras fluem da sua boca como se fossem cardumes de peixes fluviais, como bandos de beija-flores excitados, como rios de cobras em compulsão. - Ele hesitou, aparentemente tomado pela magnificência única de suas analogias. Eragon o conduziu até o quarto, Orik saudou Saphira com sua garrafa e disse: - Saudações, ó Dente de Ferro. Que suas escamas brilhem tanto quanto os carvões da fundição de Morgothal.

Saudações, Orik, disse Saphira, deitando a cabeça na beirada de sua cama. *O que o deixou nesse estado? Você não é assim.* Eragon repetiu a mesma pergunta.

- O que me deixou nesse estado? - repetiu Orik. Ele caiu na cadeira que Eragon havia providenciado, os pés pendiam a alguns centímetros acima do chão, e começou a balançar a cabeça. - Gorros vermelhos, gorros verdes, elfos aqui e acolá. Já estou por aqui com os elfos e sua cortesia triplamente maldita. Eles não têm energia. E não falam nada. Sim senhor, não senhor, não dá para arrancar nada desses chatos. - Ele olhou para Eragon com uma expressão triste. - O que ficarei fazendo enquanto durar o seu aprendizado? Será que vou ter de ficar aqui sentado girando os polegares enquanto viro pedra e me junto aos espíritos dos meus ancestrais? Diga-me, ó chagaz Cavaleiro.

Você não possui habilidades ou hobbies com os quais possa se ocupar?, perguntou Saphira.

- Sim - disse Orik. - Sou um ferreiro bom o suficiente para qualquer um que queira julgar. Mas por que devo fabricar armas e armaduras brilhantes para quem não lhes dá valor? Sou inútil aqui. Tão inútil quanto um Feldünost de três pernas.

Eragon estendeu uma das mãos em direção à garrafa.

- Posso? - Orik olhou para ele e para a garrafa, depois fez uma careta e desistiu. O faelnirv estava gelado ao descer pela garganta de Eragon, ardendo e pungindo. Ele piscou e seus olhos marejaram. Depois que se deliciou com um segundo gole, ele devolveu a garrafa para Orik, já desapontado pelo pouco que sobrou da bebida.

- Que travessuras - perguntou Orik - vocês têm aprontado com Oromis em sua bucólica floresta?

O anão alternava risadas suspiros. Eragon descrevia o seu treinamento, a bênção mal aplicada em Farthen dūr, a Menoa, suas costas e tudo o mais nos últimos dias. O jovem terminou com o assunto que lhe era mais precioso no momento: Arya. Encorajado pelo licor, confessou seu afeto pela elfa e descreveu como ela havia rechaçado a sua investida. Balançando o dedo, Orik disse:

- A rocha abaixo de você está rachada, Eragon. Não provoque o

destino. Arya... - Ele parou, depois resmungou e tomou outro gole de faelnirv.
- Ah, é tarde demais para isso. Quem sou eu para dizer o que é sabedoria e o que não é?

Saphira já havia fechado os seus olhos há algum tempo. Sem os abrir, ela perguntou. *Você é casado, Orik?* A pergunta surpreendeu Eragon, ele jamais havia parado para pensar na vida pessoal de Orik.

- Eta - respondeu Orik. - Embora esteja comprometido com Hvedra, filha de Thorgerd Um-olho e Himinglada. Éramos para ter casado nesta primavera, até que os Urgals atacaram e Hrothgar me mandou fazer essa maldita viagem.

- Ela é do Dürgrimst Ingeitum? - perguntou Eragon.

- É claro! - bradou o anão, batendo com o punho na lateral da cadeira. - Você acha que eu iria me casar com alguém de fora do meu clã? Ela é neta da minha tia Vardrûn, prima de segundo grau de Hrothgar, com panturrilhas roliças e macias como cetim, bochechas vermelhas como maçãs, e é a donzela anã mais linda que já existiu.

Sem dúvida, disse Saphira.

- Estou certo de que não demorará muito para você vê-la novamente - disse Eragon.

- Humpf - disse Orik enquanto olhava de soslaio para o Cavaleiro. - Você acredita em gigantes? Gigantes altos, fortes, corpulentos e barbados com dedos que parecem pás?

- Nunca vi nem ouvi falar deles - disse Eragon -, exceto em histórias. Se eles existem, não é na Alagaësia.

- Ah, mas existem! Existem sim! - exclamou Orik, agitando a garrafa sobre a sua cabeça. - Diga-me, oh, Cavaleiro, se um gigante medonho o encontrasse na trilha do jardim, do que ele o chamaria se não fosse de jantar?

- Eragon, presumo.

- Não, não. Ele o chamaria de anão, pois aos olhos dele você seria um anão. - Orik deu uma gargalhada e cutucou as costelas de Eragon com seu cotovelo duro. - Está vendo você agora? Humanos e elfos são os gigantes. Este lugar está cheio deles, aqui, acolá e em toda parte, batendo seus pés enormes e projetando sobre nós suas sombras intermináveis. - Ele continuou a rir, balançando a cadeira onde estava até que ela virou, fazendo-o cair no

chão com um baque surdo. Enquanto o ajudava a se levantar, Eragon disse:

- Acho melhor você ficar aqui esta noite. Não está em condições de descer esses degraus no escuro.

Orik concordou com uma alegre indiferença. Ele permitiu que Eragon removesse a sua cota e o colocasse num dos lados da cama. Depois de tudo o jovem suspirou, apagou as luzes e deitou ao seu lado no colchão.

Adormeceu ouvindo o anão murmurar:

- Hvedra... Hvedra... Hvedra...

A NATUREZA DO MAL

Amanhã cintilante chegou cedo demais. Acordado pelo zumbido do relógio vibrante, Eragon agarrou seu punhal e pulou da cama, esperando um ataque. Ele arfou enquanto seu corpo reclamava do abuso dos dois últimos dias. Piscava os olhos para enxergar melhor e deu corda novamente no relógio. Orik havia sumido, o anão deve ter se mandado nas primeiras horas da manhã. Eragon gemeu e andou claudicante até o banheiro para sua higiene matinal, como se fosse um velho acometido de reumatismo. Ele e Saphira ficaram esperando perto da árvore durante dez minutos até que apareceu um elfo todo pomposo, de cabelos negros. O elfo fez uma reverência, tocou os lábios com dois dedos - que Eragon respondeu - e depois se antecipou ao Cavaleiro ao dizer:

- Que a boa sorte recaia sobre você.

- E que as estrelas zelem por você - respondeu Eragon. - Foi Oromis que o enviou?

O elfo o ignorou e se dirigiu para Saphira.

- Muito prazer, dragão. Sou Vanir da Casa Haldthin. - Eragon franziu a testa, incomodado.

Muito prazer, Vanir.

Só então foi que o elfo se dirigiu a Eragon.

- Irei lhe mostrar onde pode treinar com sua espada. - Ele se afastou a passos largos, sem esperar que Eragon o acompanhasse.

A área de treinamento estava salpicada de elfos de ambos os sexos, lutavam em pares ou em grupos. Seus dotes físicos extraordinários

resultavam em golpes tão ágeis e rápidos, que soavam como rajadas de granizo caindo sobre um sino de ferro. Debaixo das árvores que debruavam a área, determinados elfos executavam o Ringar com mais graça e flexibilidade que Eragon achava que um dia iria alcançar.

Depois que todos no campo pararam e se curvaram para Saphira, Vanir desembainhou sua espada curta.

- Se você ficar em guarda com a sua espada, Mão de Prata, podemos começar.

Eragon reparou amedrontado na perícia inumana que os outros elfos tinham com a espada. *Por que tenho que fazer isso?*, perguntou. *Serei simplesmente humilhado.*

Você vai ficar bem, disse Saphira, contudo ele podia sentir a preocupação de sua parceira.

Certo.

Enquanto preparava Zar'roc, as mãos de Eragon tremiam por insegurança. Ao invés de se mergulhar no combate, ele lutou contra Vanir a uma certa distância, desviando-se, andando para o lado e fazendo todo o possível para evitar outro corte. Apesar das fugas de Eragon, Vanir o tocou quatro vezes numa rápida sucessão - na caixa torácica, na canela e nos dois ombros.

A expressão inicial impassível e estóica de Vanir logo passou a ser de nítido desprezo. Num ataque, ele deslizou sua espada por toda a extensão de Zar'roc e ao mesmo tempo a fez rodopiar, torcendo o pulso de Eragon. O Cavaleiro permitiu que Zar'roc voasse para longe de sua mão em vez de resistir à força superior do elfo.

Vanir deixou sua espada cair contra o pescoço de Eragon e disse:

- Morto. - Livrando-se da espada, o jovem recuou para reaver Zar'roc. - Morto - repetiu Vanir. - Como você espera derrotar Galbatorix dessa maneira? Esperava coisa melhor, mesmo de um humano fraco.

- Então por que você mesmo não vai lá e enfrenta Galbatorix em vez de se esconder em Du Weldenvarden?

Vanir se retesou, furioso.

- Porque - respondeu ele, calmo e arrogante - não sou um Cavaleiro. E se fosse, não seria tão covarde quanto você.

Ninguém se moveu ou falou no campo.

De costas para Vanir, Eragon se curvou sobre Zar'roc e alçou o pescoço na direção do céu, rosnando para si próprio. *Ele não me conhece. Isto é apenas mais um teste para ser superado.*

- Covarde, posso afirmar. Seu sangue é tão ralo quanto o do resto da sua raça. Acho que Saphira foi confundida pelas maldades de Galbatorix e escolheu o Cavaleiro errado. - Os elfos que observavam a tudo ofegaram com as palavras de Vanir e murmuraram entre si, desaprovando abertamente sua atroz atitude.

Eragon rangeu os dentes. Ele podia agüentar insultos contra a sua pessoa, mas não contra Saphira. Ela já estava se mexendo quando a frustração reprimida, o medo e a dor explodiram dentro do rapaz, fazendo-o se virar rapidamente, a ponta de Zar'roc zunindo pelo ar.

O golpe teria matado Vanir se este não o tivesse bloqueado no último segundo. Ele parecia surpreso com a ferocidade do ataque. Sem nenhuma reserva, Eragon empurrou Vanir para o meio do campo, batendo e golpeando como se fosse um louco - determinado a ferir o elfo de qualquer maneira possível. Ele cortou Vanir na altura do quadril com força suficiente para tirar sangue, mesmo tendo sido com o fio bloqueado de Zar'roc.

Naquele instante, as costas de Eragon se romperam numa explosão de agonia tão intensa que ele a experimentou com todos os cinco sentidos: como se fosse o som uma catarata ensurdecadora, um gosto metálico revestiu sua língua, um fedor pungente e de fazer os olhos lacrimejarem invadiu suas narinas, cheiro de vinagre, cores pulsantes, e, acima de tudo, a sensação de que Durza havia acabado de rasgar suas costas.

Eragon podia ver Vanir em pé sobre ele, rindo com desprezo. Ocorreu-lhe que o elfo era bem jovem.

Depois da crise, Eragon limpou o sangue da boca com a mão e o mostrou para Vanir, perguntando:

- E ralo o bastante? - Vanir não se permitiu responder, mas ao invés disso guardou sua espada e se afastou. - Para onde você está indo? - perguntou Eragon. - Temos um negócio inacabado, você e eu.

- Você não está em condições de duelar - zombou o elfo.

- Experimente. - Eragon podia ser inferior aos elfos, mas se recusava

a lhes dar o prazer da confirmação. O Cavaleiro ganharia o respeito deles com pura persistência, nada mais.

Ele insistia em completar a hora que Oromis havia determinado, depois da qual Saphira foi até Vanir e tocou em seu peito com a ponta de uma de suas garras de marfim. *Morto*, disse ela. Vanir empalideceu. Os outros elfos se afastaram dele pouco a pouco.

Assim que estavam no ar, Saphira disse: *Oromis tinha razão.*

Sobre o quê?

Você dá mais de si quando tem um oponente.

Na cabana de Oromis, o dia retomou a rotina: Saphira acompanhou Glaedr para suas instruções enquanto Eragon ficou com Oromis.

O rapaz ficou horrorizado quando descobriu que Oromis o esperava para fazer o Rimgar como complemento dos seus exercícios anteriores. Ele precisou de toda a sua coragem para obedecer. Sua apreensão, no entanto, se mostrou infundada, pois a Dança da Cobra e do Grou era muito delicada para cansá-lo.

Isso, aliado à meditação na clareira isolada, deram a Eragon a primeira oportunidade desde o dia anterior para organizar seus pensamentos e pensar na questão que Oromis havia lhe proposto.

Enquanto o fazia, observou suas formigas vermelhas invadirem um formigueiro menor e rival, elas aniquilaram seus habitantes e roubaram suas provisões. Ao final do massacre, apenas um punhado de formigas rivais ficaram vivas, sozinhas e desorientadas na terra estéril, vasta e hostil coberta pelas folhas dos pinheiros.

Como os dragões na Alagaësia, pensou Eragon. Sua ligação com as formigas desapareceu assim que pensou no destino infeliz dos dragões. Pouco a pouco, uma resposta para o seu problema ia se revelando, uma resposta fundamental e verdadeira.

Ele terminou sua meditação e voltou para a cabana. Desta vez, Oromis pareceu razoavelmente satisfeito com o que Eragon havia realizado.

Enquanto Oromis servia a refeição do meio-dia, Eragon disse:

- Sei por que lutar com Galbatorix vale a pena, embora milhares de pessoas possam morrer.

- Oh? - Oromis se sentou. - Então me diga.

- Porque Galbatorix já causou mais sofrimento ao longo dos últimos cem anos do que jamais poderíamos causar em uma única geração. E, ao contrário de um tirano normal, não podemos esperar que ele morra. Ele pode vir a governar por séculos ou milênios, pode perseguir e torturar gente o tempo todo, a não ser que o detenhamos. Se ele se tornasse forte o suficiente, iria marchar sobre os anões e vocês aqui em Du Weldenvarden e aniquilaria ou escravizaria ambas as raças. E... - Eragon esfregou a beirada da mesa - ... precisamos lutar para resgatar os dois ovos que estão com Galbatorix, pois é a única maneira de salvar os dragões.

O trinar estridente da chaleira de Oromis os interrompeu, até zumbir nos ouvidos de Eragon. Depois de se levantar, Oromis tirou a chaleira do fogo e verteu a água para o chá de mirtilo. As rugas em volta dos seus olhos ficaram mais suaves.

- Agora - disse ele - você entende.

- Eu entendo, mas não me dá o menor prazer.

- Nem devia. Mas agora podemos confiar que você não irá se desviar do caminho quando se confrontar com as injustiças e as atrocidades que os Varden inevitavelmente cometerão. Não podemos permitir que você seja consumido por dúvidas quando a sua força e o seu foco são mais necessários do que nunca. - Oromis estalou os dedos e olhou no espelho escuro do seu chá, contemplando o que quer que tenha visto no reflexo tenebroso. - Você acredita que Galbatorix é mal?

- É claro!

- Você acredita que ele se considera mal?

Não, duvido.

Oromis bateu seus dedos indicadores, um contra o outro.

- Então você também deve acreditar que Durza era maligno?

As lembranças fragmentadas que Eragon recolhera de Durza quando ambos lutaram em Tronjheim lhe retornaram naquele instante, lembrou como o jovem Espectro - Carsaib, então - fora subjugado pelas aparições que ele havia evocado para vingar a morte do seu mentor, Haeg.

- Ele mesmo não era mau, mas os espíritos que o controlavam eram.

- E quanto aos Urgals? - perguntou Oromis bebericando seu chá.

-Eles são malignos?

As juntas dos dedos de Eragon embranqueceram quando ele segurou sua colher.

- Quando penso na morte, vejo o rosto de um Urgal. Eles são piores do que bestas. As coisas que fizeram... - Ele balançou a cabeça, incapaz de prosseguir.

- Eragon, que tipo de conceito você formaria sobre os humanos se tudo que soubesse deles fossem as ações de seus guerreiros no campo de batalha?

- Isso não... - Ele respirou bem fundo. - É diferente. Os Urgals merecem ser eliminados, cada um deles.

- Até mesmo suas mulheres e crianças? Aquelas que não o feriram e que provavelmente jamais o farão? Os inocentes? Você os mataria e condenaria uma raça inteira à desgraça?

- Eles não iriam nos poupar, caso tivessem a chance.

- Eragon! - exclamou Oromis num tom cortante. - Não quero nunca mais ouvir você usando esse tipo de desculpa novamente. Não é porque alguém fez - ou faria - algo, que significa que você deve fazer também. Isso é uma atitude indolente, repugnante e indicativa de uma mente inferior. Estou sendo claro?

- Sim, mestre.

O elfo levou sua caneca aos lábios e bebeu, tinha os olhos brilhantes fixos em Eragon o tempo todo.

- O que de fato você sabe sobre os Urgals?

- Conheço suas forças, fraquezas e sei matá-los. É tudo de que preciso saber.

- Por que então eles odeiam e atacam os humanos? E quanto à sua história e suas lendas, ou o jeito como vivem?

- Isso importa? Oromis suspirou.

- Apenas se lembre - disse ele gentilmente - que numa certa altura, seus inimigos podem vir a se tornar seus aliados. Essa é a natureza da vida.

Eragon resistiu à ânsia de argumentar. Ele girou o chá que estava em sua caneca, o líquido rodopiava num redemoinho negro, fazia uma lente branca de espuma no vórtice.

- Foi por isso que Galbatorix recrutou os Urgals?

- Isso não é um exemplo que eu teria escolhido, mas sim.

- Parece estranho o fato de ele os ter favorecido. Afinal de contas, foram eles que mataram seu dragão. Veja o que ele fez conosco, os Cavaleiros, e não fomos nem responsáveis pela sua perda.

- Ah - disse Oromis -, louco Galbatorix pode ser, mas ainda assim é tão esperto quanto uma raposa. Acho que ele pretendia usar os Urgals para destruir os Varden e os anões... e outros, se tivesse triunfado em Farthen Dûr... e com isso eliminaria dois dos seus inimigos, enquanto, simultaneamente, enfraqueceria os Urgals para que pudesse descartá-los quando quisesse.

O estudo da língua antiga tomou toda a tarde, só depois começaram a prática de magia. A maior parte das preleções de Oromis dizia respeito à maneira apropriada de controlar várias formas de energia: luz, calor, eletricidade e até mesmo a gravidade. Ele explicou que essas potências consumiam força mais rápido do que qualquer outro tipo de encanto, por isso era mais seguro já encontrá-las na natureza e moldá-las com magia, em vez de tentar criá-las.

Abandonando o assunto, Oromis perguntou:

- Como você mataria com magia?

- Já o fiz de muitas formas - disse Eragon. - Já cacei com seixos movendo-os e mirando-os com magia -, assim como usei a palavra *jierda* para quebrar as pernas e os pescoços dos Urgals. Uma vez, com *thrysta*, eu parei o coração de um homem.

- Há métodos mais eficientes - revelou Oromis. - O que é necessário para matar um homem? Uma espada atravessando o peito? Um pescoço quebrado? A perda de sangue? Basta apenas que uma única artéria no cérebro seja arrancada ou que certos nervos sejam cortados. Com o encanto certo, você pode destruir um exército.

- Devia ter pensado nisso em Farthen Dûr - disse Eragon, desgostoso consigo mesmo. *Não só em Farthen Dûr, mas também quando os Kull nos afugentaram do deserto Hadarac.* - Mais uma vez, por que Brom não me ensinou isso?

- Porque ele não esperava que você fosse encarar um exército durante os meses ou anos próximos, essa não é uma ferramenta que é

concedida para Cavaleiros jovens.

- Se é tão fácil matar as pessoas, então, para que nós ou Galbatorix recrutamos um exército?

- Para ser sucinto, *tática*. Os mágicos são vulneráveis a ataques físicos, quando estão envolvidos em seus embates mentais. Por essa razão, precisam de guerreiros para protegê-los. E os guerreiros devem estar protegidos, pelo menos em parte, dos ataques mágicos, caso contrário seriam assassinados em minutos. Essas limitações significam que, quando os exércitos enfrentam um ao outro, seus mágicos estão junto das tropas, perto das extremidades, mas não tão perto a ponto de ficarem em perigo. Os mágicos em ambos os lados abrem suas mentes e tentam sentir se alguém está usando ou está prestes a usar magia. Como seus inimigos podem estar fora do seu alcance mental, os mágicos também erguem defesas em torno de si e de seus guerreiros, para parar ou reduzir ataques distantes, como o de um seixo que voa na direção de suas cabeças, vindo de um quilômetro e meio de distância.

- Com certeza, um homem não pode defender um exército inteiro - disse Eragon.

- Não sozinho, mas com mágicos em número suficiente, você pode se munir de uma quantidade razoável de proteção. O maior perigo neste tipo de conflito é que um mágico inteligente pode pensar num ataque único que possa desviar suas defesas sem tropeçar nelas. Isso por si só poderia ser o bastante para decidir uma batalha.

"Além do mais", prosseguiu Oromis, "você deve ter em mente que a habilidade de usar a magia é extremamente rara entre as raças. Nós elfos não somos exceção, embora tenhamos uma quantidade maior de encantadores do que a maioria, como resultado dos juramentos aos quais nos amarramos há séculos. A maioria daqueles que são abençoados com a magia possuem pouco ou nenhuma inteligência apreciável, lutam para curar da mesma forma que batalham para ferir."

Eragon entendeu. Ele havia encontrado mágicos desse tipo entre os Varden.

- Mas ainda assim é necessária a mesma quantidade de energia para realizar uma tarefa.

- Energia sim, mas mágicos menos dotados acham mais difícil sentir o fluxo de magia e mergulhar nela do que eu ou você. Poucos mágicos são fortes o bastante para ameaçar um exército inteiro. E aqueles que o são, sempre gastam grande parte do seu tempo durante as batalhas iludindo, rastreando ou lutando contra seus oponentes, o que é uma sorte do ponto de vista dos guerreiros normais, caso contrário todos eles seriam mortos logo.

Confuso, Eragon disse:

- Os Varden não têm muitos mágicos.

- Esse é um dos motivos de você ser tão importante.

Passou-se um momento enquanto Eragon refletia sobre o que Oromis havia lhe dito.

- Essas defesas, elas só drenam energia da pessoa quando são ativadas?

- Sim.

- Então, com tempo suficiente, você poderia adquirir incontáveis camadas de defesas. Você poderia se tornar... - Ele sofria com o uso da língua antiga enquanto tentava se expressar. - ... intocável?... invencível?... invencível contra qualquer ataque, mágico ou físico.

- Defesas - disse Oromis - se fiam na força do seu corpo. Se essa força é superada, você morre. Não importa a quantidade de defesas que tenha, você só terá como bloquear ataques enquanto o seu corpo puder sustentar a produção de energia.

- E a força de Galbatorix tem aumentado a cada ano... Como é possível?

Era uma pergunta retórica, mas no que Oromis permaneceu em silêncio, com seus olhos amendoados fixos num trio de andorinhas que faziam piruetas mais acima, Eragon percebeu que o elfo estava pensando na melhor resposta para lhe dar. Os pássaros perseguiram uns aos outros durante alguns minutos. Quando sumiram de vista, Oromis disse:

- Não é apropriado termos essa discussão no momento presente.

- Então você sabe? - exclamou Eragon, surpreso.

- Sei. Mas essa informação deve ser dada mais adiante, ao longo do seu treinamento. Você não está pronto para recebê-la. - Oromis olhou para Eragon, como se esperasse sua objeção.

Eragon se curvou.

- Como desejar, mestre. - Ele jamais poderia arrancar a informação de Oromis, até o elfo se dispor a compartilhá-la, então por que tentar? Ainda assim se perguntava o que poderia ser tão perigoso a ponto de Oromis não ousar lhe revelar, e por que os elfos esconderam dos Varden? Outro pensamento lhe ocorreu e ele disse: - Se batalhas com mágicos são orquestradas do jeito que você disse, então por que Ajihad me deixou lutar sem defesas em Farthen Dûr? Eu nem ao menos sabia que precisava manter minha mente aberta para os inimigos. E por que Arya não matou a maioria ou todos os Urgals? Não havia mágicos para se opor a ela exceto Durza, mas ele não podia defender suas tropas quando estava debaixo da terra.

- Será que Ajihad não fez com que Arya ou alguém da Du Vrangr Gata colocasse defesas à sua volta? - perguntou Oromis.

- Não, mestre.

- E você lutou assim mesmo?

- Sim, mestre.

Os olhos de Oromis perderam o foco e se retraíram para dentro de si enquanto ele permanecia imóvel em pé no gramado. Ele falou sem avisar:

- Consultei Arya e ela disse que os Gêmeos dos Varden receberam a ordem de avaliar as suas habilidades. Disseram a Ajihad que você era competente no que dizia respeito a qualquer tipo de magia, incluindo defesas. Nem Ajihad nem muito menos Arya duvidaram do julgamento deles em relação a essa questão.

- Aqueles cachorros de língua solta, carecas, cheios de carrapatos e traiçoeiros - praguejou Eragon. - Eles tentaram me matar! - Voltando a falar na sua própria língua, ele se perdeu em mais algumas pragas pungentes.

- Não suje o ar - disse Oromis delicadamente. - Isso lhe trará um certo mal-estar... De qualquer maneira, suspeito que os Gêmeos tenham permitido que você entrasse na batalha desprotegido *não* para que morresse, mas para que Durza pudesse capturá-lo.

- O quê?

- De acordo com seu próprio relato, Ajihad suspeitou que os Varden haviam sido traídos quando Galbatorix começou a perseguir seus aliados no Império com uma precisão quase perfeita. Os Gêmeos estavam a par das

identidades dos colaboradores dos Varden. Além do mais, os Gêmeos o atraíram até o centro de Tronjheim, e com isso o separaram de Saphira e o colocaram ao alcance de Durza. A explicação lógica é que eles eram traidores.

- Se *eram* traidores - disse Eragon - isso não importa mais, eles já estão mortos há muito tempo.

Oromis inclinou a cabeça.

- Sim. Arya disse que os Urgals tinham mágicos em Farthen Dûr e que ela enfrentou muitos deles. Nenhum deles o atacou?

- Não, mestre.

- Mais uma evidência de que você e Saphira foram deixados para que Durza os capturasse e os levasse para Galbatorix. A armadilha foi bem montada.

Na hora seguinte, Oromis ensinou a Eragon doze métodos para matar, sendo que nenhum deles exigia mais energia do que a necessária para levantar uma pena carregada de tinta. Enquanto ele terminava de memorizar a última, um pensamento veio a Eragon e o fez sorrir.

- Os Ra'zac não terão chance alguma na próxima vez em que cruzarem o meu caminho.

- Mesmo assim, ainda é preciso que você tenha cuidado com eles -preveniu Oromis.

- Por quê? Três palavras e eles estarão mortos.

- O que as águias-pescadoras comem? Eragon piscou.

- Peixes, é claro.

- E se um peixe fosse levemente mais rápido e inteligente do que seus irmãos, seria ele capaz de fugir de uma delas?

- Duvido - disse Eragon. - Pelo menos não por muito tempo.

- Da mesma forma que as águias-pescadoras foram criadas para serem as melhores caçadoras de peixes, os lobos foram criados para serem os melhores caçadores de gamos e outras presas maiores, e todos os animais são dotados do que melhor serve para seu objetivo. Da mesma forma, os Ra'zac foram criados para serem predadores de humanos. Eles são os monstros na escuridão, os pesadelos que assombram a sua raça.

A nuca de Eragon formigou de medo.

- Que espécie de criatura eles são?

- Não são elfos, humanos, anões, dragões, feras cobertas de pêlos, escamas ou penas, répteis ou insetos. Não se encaixam em nenhuma outra categoria de animal.

Eragon forçou um sorriso.

- Eles são plantas, então?

- Isso também não. Eles se reproduzem pondo ovos, como os dragões. Quando eles os chocam, os jovens, ou pupas, ganham exoesqueletos negros que imitam as formas humanas. É uma imitação grotesca, mas convincente o bastante para permitir que os Ra'zac se aproximem de suas vítimas sem alarmá-las. Em todas as áreas nas quais os humanos são fracos, os Ra'zac são fortes. Podem enxergar numa noite turva, farejar como um sabujo, pular mais alto e se mover com mais rapidez. No entanto, a luz intensa lhes é dolorosa e eles têm um pavor mórbido de águas profundas, pois não conseguem nadar. Sua maior arma é seu bafo maligno, que confunde as mentes dos homens (e incapacita muitos), embora seja menos potente sobre os anões, e os elfos sejam totalmente imunes.

Eragon estremeceu ao lembrar da primeira visão que teve dos Ra'zac em Carvahall e como fora incapaz de fugir assim que eles o notaram.

- Parecia com um sonho no qual eu queria correr mas não conseguia me mover, não importava o quanto eu tentasse.

- É uma descrição razoável - disse Oromis. - Embora os Ra'zac não possam se valer de magia, eles não devem ser subestimados. Se sabem que você os persegue, não se revelarão e permanecerão na sombra, onde são fortes, e conspirarão para lhe criar uma emboscada como fizeram perto de Dras-Leona. Nem mesmo a experiência de Brom conseguiu protegê-lo deles. Nunca fique confiante demais, Eragon. Jamais seja arrogante, pois aí você estará agindo de forma displicente e seus inimigos explorarão suas fraquezas.

- Sim, mestre.

Oromis encarou Eragon com um olhar firme.

- Os Ra'zac continuam sendo pupas durante vinte anos enquanto vão amadurecendo. Na primeira lua cheia de seu vigésimo aniversário, eles se desprendem de seus exoesqueletos, expandem suas asas e emergem como adultos prontos para caçar todas as criaturas, não se limitam a seres humanos.

- Então, as montarias dos Ra'zac, aquelas nas quais eles voam, são de fato...

- Sim, seus genitores.

A IMAGEM DA PERFEIÇÃO

Finalmente entendo a natureza dos meus inimigos, pensou Eragon. Ele rezeira os ra'zac desde que apareceram pela primeira vez em Carvahall, não só por causa dos seus feitos abomináveis, mas porque sabia muito pouco sobre as criaturas. Em sua ignorância, ele atribuía aos Ra'zac mais poder do que eles de fato possuíam e os temia com um medo quase supersticioso. *Pesadelos de fato*. Mas agora que a explicação de Oromis havia despido a aura de mistério, eles não pareciam mais tão terríveis. O fato de serem vulneráveis à luz e à água reforçava a convicção de Eragon de que na próxima vez em que se encontrassem, ele destruiria os monstros assassinos de Garrow e Brom.

- E seus genitores se chamavam Ra'zac também? - perguntou ele. Oromis balançou a cabeça.

- Nós os chamávamos de Lethrblaka. E considerando que sua prole é meio tacanha, quando é astuto, Lethrblaka têm toda a inteligência de um dragão. Um dragão cruel, malévolo e perturbado.

- De onde eles vêm?

- De qualquer terra que seus ancestrais abandonaram. Suas depredações podem ter sido o que forçou o rei Palancar a emigrar. Quando nós, os Cavaleiros, ficamos a par da presença irregular dos Ra'zac na Alagaësia, fizemos o melhor possível para exterminá-los, como se estivéssemos nos livrando de uma influência maligna. Infelizmente, fomos apenas parcialmente bem-sucedidos. Dois Lethrblaka escaparam, e eles, junto com sua pupa, são os que lhes causaram tanto sofrimento. Depois que mataram Vrael, Galbatorix os buscou e fez uma barganha. Em troca dos serviços deles, ofereceu sua proteção e uma quantidade garantida da comida favorita deles. É por isso que Galbatorix permite que vivam perto de Dras-Leona, uma das maiores cidades do Império.

O maxilar de Eragon se contraiu.

- Eles têm muito por que responder. *E irão, se tudo sair como eu*

espero.

- Irão sim - concordou Oromis. Enquanto voltava para a cabana, ele passou pela sombra negra do vão da porta, e depois reapareceu carregando meia dúzia de placas de lousa com cerca de quinze centímetros de largura e trinta de altura. E deu uma para Eragon. - Vamos abandonar tais assuntos desagradáveis por um tempo. Achei que você gostaria de aprender como se faz uma fairth. É um excelente artifício para focar os seus pensamentos. A lousa está impregnada com tinta suficiente para cobri-la com qualquer combinação de cores. Tudo o que você precisa fazer é se concentrar na imagem que deseja reter e depois dizer: "Deixe aquilo que eu vejo no meu olho da mente ser replicado na superfície desta placa." -Enquanto Eragon examinava a placa de cerâmica, Oromis gesticulou na direção da clareira. - Olhe à sua volta, Eragon, e encontre alguma coisa que valha a pena ser preservada.

Os primeiros objetos que Eragon observou pareciam óbvios demais, banais demais para ele: um lírio amarelo aos seus pés, a cabana excessivamente pequena de Oromis, o riacho branco e a própria paisagem. Nada era único. Nada daria a um observador uma compreensão clara do objeto da fairth ou de quem a havia criado. *Coisas que mudam e estão perdidas, isso é o que vale a pena preservar*, pensou ele. Seu olho deparou com os nós lívidos e esverdeados de brotos da primavera na ponta dos galhos de uma árvore, e depois com a ferida estreita e profunda que rasgava o tronco, onde uma tempestade havia quebrado um ramo, arrancando uma lasca da casca. Esferas translúcidas de seiva incrustavam o sulco, atraindo e retratando a luz.

Eragon se posicionou ao longo do tronco de modo que as intumescências arredondadas da seiva congelada da árvore se projetassem de perfil e ficassem emoldurados por um cacho de novas folhas de pinheiro cintilantes. Então fixou a cena em sua mente o melhor que pôde e proferiu o encanto.

A superfície da placa cinzenta ficou iluminada enquanto uma profusão de cores a fazia brilhar, combinando-se e misturando-se para produzir um arranjo de matizes apropriado. Quando os pigmentos finalmente pararam de se mover, Eragon se viu olhando para uma cópia estranha do que ele queria reproduzir. A seiva e as folhas foram reproduzidas com detalhes

vibrantes e minuciosos, enquanto tudo o mais era indistinto e turvo, como se fosse visto por olhos entreabertos. Estava bem distante da limpidez total da fairth de Ilirea feita por Oromis.

A um sinal de seu Mestre, Eragon lhe passou a placa. O elfo a estudou por um minuto e depois disse:

- Você possui uma maneira invulgar de pensar, Eragon-finiarel. A maior parte dos humanos tem dificuldades para atingir o nível apropriado de concentração para criar uma imagem reconhecível. Você, por outro lado, parece observar quase tudo naquilo que o interessa. É um foco restrito, no entanto. O problema que você tem aqui é igual ao da sua meditação. Você deve relaxar, alargar o seu campo de visão e se permitir absorver tudo ao seu redor sem julgar o que é importante ou não. - Colocando o quadro de lado, Oromis pegou uma segunda placa vazia que estava em cima do gramado e a deu para Eragon. - Tente novamente com o que eu...

- Salve, Cavaleiro!

Assustado, Eragon se virou e viu Orik e Arya emergindo lado a lado do meio da floresta. O anão levantou o braço em sinal de cumprimento. Sua barba havia acabado de ser aparada e trançada, seu cabelo estava amarrado num belo rabo-de-cavalo, e ele usava uma túnica nova - cortesia dos elfos - vermelha e marrom, bordada com fios dourados. Sua aparência não dava a menor pista do seu estado na noite anterior.

Eragon, Oromis e Arya se cumprimentaram da maneira tradicional e, depois, abandonando a língua antiga, o elfo perguntou:

- A que posso atribuir essa visita? Ambos são bem-vindos à minha cabana, mas como vocês podem ver, estou no meio do meu trabalho com Eragon, e isso é de suprema importância.

- Peço desculpas por incomodá-lo, Oromis-elda - disse Arya - mas...
- A culpa é minha - disse Orik. Ele olhou para Eragon antes de prosseguir. - Fui mandado até aqui por Hrothgar para garantir que Eragon receba a educação que lhe é devida. Não tenho dúvidas de que isso esteja acontecendo, mas sou obrigado a ver seu treinamento com meus próprios olhos para que, quando voltar a Tronjheim, possa dar ao meu rei um relatório verdadeiro dos eventos. Oromis disse:

- Aquilo que eu ensino a Eragon não deve ser compartilhado com mais

ninguém. Os segredos dos Cavaleiros são só para ele.

- E eu entendo isso. No entanto, vivemos em tempos incertos, a pedra que outrora estava fixa e sólida agora está instável. Temos que nos adaptar para sobreviver. Há tantas coisas que dependem de Eragon, que nós anões temos o direito de verificar se seu treinamento está prosseguindo como foi prometido. Você acha que o nosso pedido é injusto?

- Bem falado, mestre Anão - disse Oromis. Ele bateu os dedos de leve um no outro, inescrutável como sempre. - Posso supor, então, que isso é uma questão de dever para você?

- Dever e honra.

- E nenhum dos dois permitirá que você desista?

- Temo que não, Oromis-elda - respondeu Orik.

- Muito bem. Você pode ficar e assistir ao resto desta lição. Isso o deixará satisfeito?

Orik franziu a testa.

- Vocês já estão no final?

- Começamos agora.

- Então, sim, ficarei satisfeito. Por enquanto, pelo menos. Enquanto eles falavam, Eragon tentou atrair a atenção de Arya, mas ela se manteve centrada em Oromis.

- ... Eragon!

Ele piscou e, num susto, largou seu devaneio de lado.

- Sim, mestre.

- Não fique vagando, Eragon. Quero que você faça uma nova fairth. Mantenha a sua mente aberta, como lhe disse antes.

- Sim, Mestre. - Eragon levantou a placa, com as mãos levemente úmidas por conta da idéia de ter Orik e Arya ali para julgar o seu desempenho. Ele queria se sair bem para provar que Oromis era um bom professor. Ainda assim, ele não conseguia se concentrar nas folhas de pinheiro e na seiva, Arya o puxava como se fosse um magneto, chamando sua atenção sempre que ele pensava em outra coisa.

Finalmente percebeu que era inútil resistir à atração dela. Por isso, compôs sua imagem na mente - o que levou menos tempo que um batimento cardíaco, já que conhecia as feições da elfa melhor do que as suas - e proferiu

o encanto na língua antiga, vertendo toda a adoração, o amor e o medo que sentia por ela nos movimentos caprichosos da magia.

O resultado o deixou mudo.

A fairth mostrava a cabeça de Arya e seus ombros contra um fundo escuro e indistinto. Seu rosto era iluminado pela luz do fogo do lado direito e fitava o observador com um olhar astuto, parecendo não apenas ser o que era, mas a imagem que ele tinha da elfa: misteriosa, exótica e a mulher mais bonita que o jovem já havia visto. Era um quadro borrado e imperfeito, mas possuía uma intensidade e uma paixão tais que evocaram uma reação visceral de Eragon. *É assim que eu realmente a vejo?* Quem quer que fosse aquela mulher, era tão sábia, poderosa e hipnótica que poderia consumir qualquer homem inferior.

De uma grande distância, ele ouviu Saphira sussurrar: *Tenha cuidado...*

- O que você fez, Eragon? - indagou Oromis.

- Eu... eu não sei. - O rapaz hesitou enquanto o elfo estendia a mão Para pegar a fairth, relutando em deixar os outros examinarem o seu trabalho, especialmente Arya. Depois de uma hesitação longa e apavorante, Eragon tirou os dedos da placa e a liberou para Oromis.

A expressão do elfo tornou-se inflexível quando olhou para a fairth, e depois para Eragon, que tremia sob o peso do seu olhar. Sem dizer uma palavra, Oromis passou a placa para Arya.

O cabelo da elfa escondeu o seu rosto quando ela se curvou sobre a placa, mas Eragon viu tendões e veias sulcando suas mãos enquanto ela segurava com força a lousa, que tremia enquanto era apertada.

- Bem, o que é isso? - perguntou Orik.

Erguendo a fairth por sobre a sua cabeça, Arya a jogou no chão, quebrando a figura em milhares de pedaços. Depois, ela se ergueu e, com grande dignidade, passou por Eragon, atravessou a clareira, e adentrou as profundezas de Du Weldenwarden.

Orik pegou um dos fragmentos da lousa. Estava vazio. A imagem havia desaparecido quando a placa quebrou. Ele puxou sua barba.

- Em todas as décadas desde que a conheço, nunca tinha visto Arya perder a calma assim. Nunca. O que você fez, Eragon?

Pasmo, Eragon respondeu:

- Um retrato dela.

Orik franziu a testa, obviamente confuso. - Um retrato? Por que isso...

- Acho que seria melhor se você partisse agora - disse Oromis. - A lição acabou, de qualquer maneira. Volte amanhã ou daqui a dois dias se quiser ter uma idéia melhor do progresso de Eragon.

O anão olhou de soslaio para Eragon, depois concordou e tirou a sujeira das mãos.

- Sim, acho que vou fazer isso. Obrigado por me dispensar o seu tempo, Oromis-elda. Fico muito grato. - Enquanto ele seguia de volta para Ellesméra, virou a cabeça para trás e se dirigiu a Eragon: - Estarei no quarto de hóspedes da Mansão Tialdarí se você quiser conversar.

Quando Orik sumiu, Oromis levantou a bainha de sua túnica, agachou-se e começou a recolher os restos da placa. Eragon ficou olhando-o, incapaz de se mover.

- Por quê? - perguntou ele na língua antiga.

- Talvez - disse Oromis - Arya estivesse com medo de você.

- Medo? Ela nunca fica com medo. - Na hora em que disse isso, Eragon percebeu que não era verdade. Ela simplesmente escondia o seu medo melhor do que a maior parte das pessoas. Ele curvou um dos joelhos, ele pegou um pedaço da fairth e o pôs na mão de Oromis. - Por que eu iria amedrontá-la? Por favor, diga-me.

Oromis se levantou e andou até a beira do riacho, onde espalhou os fragmentos da lousa pela margem, deixando as lascas cinzentas escorrerem aos poucos pelos seus dedos.

- As fairths só mostram o que você quiser. É possível mentir com elas criar uma imagem falsa, mas fazê-lo requer mais habilidade do que você possui. Arya sabe disso. E também sabe que a sua fairth era uma representação precisa dos seus sentimentos para com ela.

- Mas por que isso iria amedrontá-la? Oromis sorriu com tristeza.

- Porque isso revelou a profundidade da sua paixão. - Ele apertou as pontas dos dedos, formando uma série de arcos. -Vamos analisar a situação, Eragon. Enquanto você tem idade o suficiente para ser considerado um

homem entre sua gente, aos nossos olhos você não passa de uma criança. - Eragon franziu a testa, ouvindo ecos das palavras de Saphira na noite anterior. - Normalmente eu não compararia a idade de um homem com a de um elfo, mas como você partilha da nossa longevidade, você também deve ser julgado pelos nossos padrões.

"E você é um Cavaleiro". Contamos com sua ajuda para derrotarmos Galbatorix, seria desastroso para todos na Alagaësia se você se desviasse dos seus estudos.

"Ora, como Arya deveria ter reagido a sua fairth? É óbvio que você a vê sob uma luz romântica, contudo - embora eu não tenha dúvida de que Arya gosta muito de você -, uma união entre vocês dois é impossível devido à sua juventude, cultura, raça e responsabilidades. Seu interesse colocou Arya numa posição desconfortável. Ela não ousa defrontá-lo, por medo de interromper o seu treinamento. Mas, como filha da rainha, ela não pode ignorá-lo e correr o risco de ofender um Cavaleiro, especialmente um no qual tanta coisa recai... Mesmo que você fosse um companheiro adequado, Arya se absteria de encorajá-lo para que pudesse dedicar toda a sua energia à tarefa que tem nas mãos. Ela sacrificaria sua felicidade por um bem maior." A voz de Oromis engrossou: "Você tem que entender, Eragon, que matar Galbatorix é mais importante do que qualquer outra pessoa. Nada mais importa." Ele fez uma pausa, seu olhar suavizou-se, e depois acrescentou: "Dadas as circunstâncias, é muito estranho Arya temer que seus sentimentos por ela possam pôr em perigo tudo para o qual trabalhamos?"

Eragon balançou a cabeça. Ele se sentia envergonhado pelo fato de seu comportamento ter deixado Arya angustiada, e consternado por ter agido de forma tão negligente e imatura. *Eu poderia ter evitado toda essa confusão se tivesse simplesmente me controlado melhor.*

Tocando-o no ombro, Oromis o conduziu de volta para a cabana.

- Não pense que não sou solidário, Eragon. Todo mundo vivencia fervores como o seu durante suas vidas. Isso faz parte do crescimento. Também sei como é difícil para você abdicar dos prazeres da vida, mas isso é necessário caso queiramos ser bem-sucedidos.

- Sim, mestre.

Eles se sentaram à mesa da cozinha e Oromis começou a dispor o

material de escrita para que Eragon praticasse o Liduen Kvaedhi.

- Seria pouco razoável da minha parte esperar que você se esquecesse da fascinação que tem por Arya, mas gostaria que a deixasse de lado para impedir que interfira novamente no meu treinamento. Você pode me prometer isso?

- Sim, mestre. Eu prometo.

- E Arya? Qual seria a coisa mais honrada para se fazer em relação a situação desagradável que ela vive no momento?

Eragon hesitou.

- Não quero perder a sua amizade. -Não.

- Por essa razão... irei até ela, pedirei desculpas, e irei lhe garantir que nunca mais a farei sofrer tanto novamente. - Era difícil para ele dizer aquilo, mas assim que o fez, teve uma sensação de alívio, como se o fato de reconhecer o seu erro o tivesse purificado. Oromis parecia satisfeito.

- Só por isso, você prova que amadureceu.

Eragon sentia a maciez das folhas de papel sob suas mãos ao pressioná-las contra o tampo da mesa. Ele olhou para a espaço branco e vazio por um instante, depois mergulhou uma pena na tinta e começou a reproduzir uma coluna de glifos. Cada linha marcada era como um raio noturno contra o papel, um abismo no qual ele poderia se perder e tentar esquecer seus sentimentos confusos.

O OBLITERADOR

Na manhã seguinte, Eragon foi atrás de Arya para pedir desculpas. Procurou-a durante mais de uma hora sem obter sucesso. Parecia que ela havia desaparecido por entre os muitos recantos de Ellesméra. Ele a viu de relance assim que parou na entrada da Mansão Tialdarí e gritou chamando-a, mas ela sumiu antes que o rapaz pudesse se aproximar. *Ela está me evitando*, percebeu Eragon enfim.

Os dias iam passando e Eragon abraçou o treinamento de Oromis com um zelo que o Cavaleiro mais velho não cansava de elogiar, se dedicava aos seus estudos para desviar seus pensamentos de Arya.

Dia e noite, Eragon se esforçava em suas lições. Memorizou as

palavras que serviam para criar, atar e invocar, aprendeu os nomes verdadeiros das plantas e dos animais, e estudou os riscos da transmutação, sabia recorrer ao vento e ao mar, e possuía as incontáveis habilidades necessárias para se entender as forças do mundo. Nos encantos que lidavam com grandes energias - como luz, calor e magnetismo - ele se sobressaía, porque tinha talento para julgar exatamente quanta força era necessária para realizar uma tarefa e sabia inclusive se teria esta força.

Ocasionalmente, Orik vinha, observava tudo de pé, na beira da clareira, calado enquanto Oromis instruía Eragon, ou enquanto o rapaz se esforçava sozinho com um encanto particularmente difícil.

Oromis apresentou muitos desafios a ele. Fez Eragon cozinhar refeições com magia, com o intuito de lhe ensinar a ter mais controle da sua necromancia. As primeiras tentativas de Eragon resultaram num banquete enegrecido. O elfo mostrou ao jovem como detectar e neutralizar venenos de todo tipo e, daí em diante, Eragon teve que examinar sua comida por causa dos venenos diferentes que Oromis estava propenso a misturar nela. Por mais de uma vez, o Cavaleiro ficou com fome por não conseguir encontrar o veneno ou por não ter a capacidade de neutralizá-lo. Por duas vezes ele ficou tão doente que Oromis teve de curá-lo. E o elfo obrigava seu aluno a fazer múltiplos encantos simultaneamente, o que exigia uma tremenda concentração pela direção e pelos objetivos que Eragon queria atingir.

Oromis devotava longas horas à arte de impregnar a matéria com energia, tanto para que fosse liberada mais tarde quanto para dar certos atributos a um objeto. Ele disse:

- Essa era a forma como Rhunön encantava as espadas dos Cavaleiros para nunca quebrar ou perder o fio, é como cantamos para fazer as plantas crescerem do jeito que queremos, uma armadilha pode estar numa caixa, de modo que seja acionada quando esta for aberta, como nós e os anões fazemos o Erisdar, nossas lanternas, e como se pode fazer para curar alguém que está ferido, para citar alguns poucos usos. Esses são os encantos mais potentes que existem, pois podem ficar adormecidos durante uns mil anos ou mais e são difíceis de serem percebidos ou evitados. Eles permeiam grande parte da Alagaësia, moldam a terra e o destino daqueles que vivem aqui.

Eragon perguntou:

- Você poderia usar essa técnica para alterar o seu corpo, não poderia? Ou isso é muito perigoso?

Os lábios de Oromis formaram, inesperadamente, um leve sorriso.

- Ai de nós elfos, você encontrou nossa maior fraqueza: a vaidade. Amamos a beleza em todas as suas formas e buscamos este ideal em nossa aparência. É por isso que somos conhecidos como o Povo Belo. Todo elfo ou elfa aparenta ser exatamente o que deseja. Quando os elfos aprendem os encantos para crescer e moldar coisas vivas, normalmente optam por modificar sua aparência para melhor refletir suas personalidades. Alguns poucos elfos foram além de meras mudanças estéticas e alteraram sua anatomia para se adaptar a vários ambientes, como você verá durante a Celebração de Juramento ao Sangue. Muitas vezes eles são muito mais animais do que elfos.

Oromis hesitou e logo prosseguiu:

- No entanto, transferir poder para uma criatura viva é diferente de transferir poder para um objeto inanimado. São muito poucos os materiais adequados para armazenar energia, muitos deles, ao mesmo tempo, permitem-na se dissipar ou ficam tão carregados que quando você toca o objeto, um raio acaba percorrendo o seu corpo. Os melhores materiais encontrados para esse propósito foram pedras preciosas e semipreciosas. Quartzos, ágatas e outras de valor inferior não são tão eficientes quanto, digamos, um diamante, mas qualquer gema serve. É por isso que as espadas dos Cavaleiros sempre possuem uma jóia incrustada no punho de suas espadas. E também por essa razão que o seu colar de anão, que é inteiramente de metal, precisa sugar a sua força para alimentar o seu encanto, já que não tem energia própria.

Quando não estava com Oromis, Eragon completava sua educação lendo os muitos pergaminhos que o elfo lhe deu, um hábito ao qual ele logo passou a se dedicar. A infância de Eragon - limitada como foi pela tutela de Garrow - só o expusera ao conhecimento necessário para tocar uma fazenda. A informação que descobria nos quilômetros de papel chegavam como chuva num deserto ressecado, saciavam uma sede anteriormente desconhecida. Ele devorava textos sobre geografia, biologia, anatomia, filosofia e matemática, assim como memórias, biografias e histórias. Mais importante do que meros

fatos, foi sua introdução a modos alternativos de pensar. Eles desafiavam suas crenças e o forçavam a reexaminar suas noções em relação a tudo, dos direitos de um indivíduo dentro da sociedade até o que fazia com que o sol se movesse pelo céu.

O rapaz notou que um certo número de pergaminhos diziam respeito aos Urgals e sua cultura. Eragon os leu e não os mencionou nenhuma vez, nem Oromis perguntou.

A partir dos seus estudos, Eragon aprendeu muito sobre os elfos, era um assunto que ele pesquisava avidamente na esperança de que pudesse ajudá-lo a entender Arya. Para a sua surpresa, descobriu que os elfos não se casavam, ao invés disso se uniam a parceiros e ficavam com eles o tempo que desejassem, fosse por um dia ou um século. As crianças eram 375 raras e ter um filho era considerado como jura de amor suprema.

Eragon também aprendeu que desde o primeiro encontro entre as duas raças, poucos casais formados por um elfo e um humano existiram: principalmente Cavaleiros humanos que encontraram companheiras apropriadas entre as elfas. No entanto, por mais que pesquisasse nos registros ocultos, a maior parte de tais relacionamentos acabava em tragédia, tanto porque os amantes eram incapazes de se relacionar um com o outro, ou porque os humanos envelheciam e morriam antes que os elfos envelhecessem.

Além dos textos ensaísticos, Oromis presenteou Eragon com cópias das melhores canções, poemas e épicos dos elfos, eles capturavam a imaginação do rapaz, já que as únicas histórias com as quais ele estava familiarizado eram as recitadas por Brom em Carvahall. Ele devorou os épicos da mesma forma como fazia com uma refeição bem preparada, demorava-se na leitura das narrativas *O Feito de Gëda* ou *A Balada de Umhoda*, como a prolongar seu deleite.

O treinamento de Saphira, por sua vez, prosseguia a passos largos. Ligado como estava à mente dela, Eragon acabava vendo Glaedr submetê-la a um regime de exercícios tão vigoroso quanto o seu. Ela praticava suspensão no ar ao mesmo tempo em que levantava pedras grandes arredondadas, assim como corridas de curta distância, mergulhos e outras acrobacias. Para aumentar sua resistência, Glaedr a fazia soprar fogo durante horas sobre um pilar de pedra natural, na tentativa de derretê-lo. No começo, Saphira só

conseguia manter as chamas durante alguns minutos de cada vez, mas em pouco tempo o facho ardente brotava de seu estômago durante mais de meia hora sem parar, esquentava o pilar até ele ficar branco de tão aquecido. Eragon também aprendia a cultura dos dragões que estava sendo transmitida para Saphira, ouvia detalhes sobre as vidas e a história dos dragões que complementaram o conhecimento instintivo dela. Grande parte disso era incompreensível para o Cavaleiro, e ele suspeitava que Saphira ocultava muitas outras coisas, os segredos partilhados apenas entre dragões. Uma informação que ele conseguiu colher, guardada por Saphira, era o nome de seu pai, Iormúngr, e sua mãe, Vervada, que significava no modo antigo de falar Aquela Que Rasga As Tempestades. Ao passo que Iormúngr estava ligado a um Cavaleiro, Vervada era um dragão selvagem que havia botado muitos ovos, mas só entregou um deles aos cuidados dos Cavaleiros: Saphira. Ambos os dragões pereceram durante a Queda.

Em alguns dias, Eragon e Saphira voavam junto com Oromis e Glaedr, praticavam combate aéreo ou visitavam ruínas, escondidas em Du Weldenvarden. Noutros, eles revertiam a ordem, e Eragon saía com Glaedr enquanto Saphira permanecia nos rochedos de Tel'naeír com Oromis.

Toda manhã, Eragon duelava com Vanir que, sem exceção, instigava um ou mais espasmos do Cavaleiro. Para piorar as coisas, o elfo continuava a tratar Eragon com uma condescendência arrogante. Ele fazia gestos indiretos de desprezo que, aparentemente, nunca excediam os limites da boa educação e se recusava a se enfurecer não importava o quanto Eragon o atazanasse. O Cavaleiro odiava a ele e a sua conduta ponderada e afetada. Parecia que Vanir o estava insultando a cada movimento. E os companheiros do elfo - que na melhor das hipóteses de Eragon, eram de uma geração mais jovem - compartilhavam da mesma aversão velada por Eragon, embora jamais tivessem demonstrado nada a não ser respeito por Saphira.

Sua rivalidade chegou ao auge quando, depois de derrotar Eragon seis vezes seguidas, Vanir baixou a espada e disse:

- Morto novamente, Matador de Espectros. Que repetitivo. Você quer continuar? - Seu tom indicava o enfado.

- Sim - resmungou Eragon. Ele já havia tido uma crise de dor nas costas e não estava a fim de brigar.

Ainda assim, quando Vanir disse:

- Diga-me, estou curioso: como você matou Durza sendo assim tão lento? Não consigo entender como conseguiu.

Eragon se sentiu compelido a responder:

- Eu o peguei de surpresa.

- Desculpe, eu devia ter imaginado que havia algum tipo de trapaça por trás disso.

O Cavaleiro conteve o impulso de ranger os dentes.

- Se eu fosse um elfo ou você um humano, aposto que não teria como medir forças com a minha espada.

- Talvez - disse Vanir. Ele ficou em posição e, em três segundos e dois golpes, desarmou Eragon. - Mas acho que não. Você não deve se gabar para um espadachim melhor, senão ele pode decidir punir a sua audácia.

Naquele instante Eragon perdeu a calma e mergulhou dentro de si mesmo, na torrente de magia. Acabou liberando a energia contida com uma das doze palavras menores de ligação, gritando "Malthinae!" para prender as pernas e os braços de Vanir e manter seu maxilar fechado para que não pudesse proferir um encanto contrário. Os olhos do elfo incharam, enfurecidos.

E Eragon retrucou:

- E você não deve ficar se gabando para alguém que é mais versado em magia do que você.

As sobranceiras negras de Vanir se encontraram.

Sem avisar e sem um único sussurro, uma força invisível atingiu Eragon em cheio no peito e o jogou dez metros para trás no meio da grama e o fez cair de lado, soltando muito ar pelos pulmões. O impacto fez Eragon perder o controle da magia e libertou Vanir.

Como ele fez isso?

Avançando em sua direção, Vanir afirmou:

- Sua ignorância o trai, humano. Você não sabe do que fala. Pensar que foi escolhido para suceder Vrael, que recebeu seus aposentos, que teve a honra de servir o Sábio Pesaroso... - Ele balançou a cabeça. - Fico irritado ao ver que tais dádivas estão sendo concedidas a alguém tão indigno. Você nem ao menos entende o que é magia ou como ela funciona.

A raiva de Eragon veio à tona novamente como se fosse uma maré vermelha.

- O que eu já fiz para ofendê-lo? Por que você me despreza tanto? Você preferiria que não houvesse Cavaleiro nenhum para se opor a Galbatorix?

- Minhas opiniões são de menor importância.

- Concorde, mas gostaria de ouvi-las.

- Ouvir, como Nuala escreveu em *Convocações*, é o caminho para a sabedoria só quando é resultado de uma decisão consciente e não um vácuo de percepção.

- Endireite a sua língua, Vanir, e dê-me uma resposta honesta! Vanir sorriu friamente.

- Como quiser, ó Cavaleiro. - Chegando-se mais para perto de modo que só Eragon pudesse ouvir sua voz suave, o elfo disse: - Durante oitenta anos depois da Queda dos Cavaleiros, não alimentávamos nenhuma esperança de vitória. Sobrevivemos escondidos usando truques e magia, o que não passa de uma medida temporária pois, no fim das contas, Galbatorix será forte o bastante para marchar sobre nós e sobre nossas defesas. Depois, muito tempo depois que já havíamos nos resignado com nosso destino, Brom e Jeod resgataram o ovo de Saphira, e mais uma vez passou a existir uma chance de derrotar o infame usurpador. Imagine o quanto celebramos e ficamos felizes. Sabíamos que, para resistir a Galbatorix, o novo Cavaleiro teria que ser mais poderoso do que qualquer um dos que o precederam, mais poderoso até do que Vrael. No entanto, como a nossa paciência foi recompensada? Com outro humano como Galbatorix. Pior... um aleijado. Você nos condenou a todos, Eragon, no instante em que tocou no ovo de Saphira. Não espere que saudemos a sua presença. - Vanir tocou em seus lábios com o primeiro e o segundo dedos, depois se afastou de Eragon e saiu andando do campo de embates, deixando o jovem parado onde estava.

Ele tem razão, pensou Eragon. Não sou apropriado para essa tarefa. Qualquer um desses elfos, até mesmo Vanir, seria um Cavaleiro melhor do que eu.

Emanando fúria, Saphira intensificou o contato com seu parceiro. *Por que você faz tão pouco caso do meu julgamento, Eragon? Você se esquece*

de que quando eu estava no meu ovo, Arya me expôs a cada um desses elfos - assim como a muitas crianças Varden - e que rejeitei a todos. Jamais teria escolhido alguém para ser o meu Cavaleiro a não ser que pudesse ajudar a sua raça, a minha e aos elfos, pois nós três partilhamos de um destino que está interligado. Você era a pessoa certa, no lugar certo, na hora certa. Nunca se esqueça disso.

Se em algum momento isso for verdade, disse ele, foi antes de Durza me ferir. Agora não vejo nada a não ser escuridão e infortúnio no nosso futuro. Não desistirei mas fico desesperado ao ver que podemos não ser bem-sucedidos. Talvez nossa tarefa não seja derrotar Galbatorix e sim preparar o caminho para o próximo Cavaleiro escolhido pelos ovos restantes.

Nos rochedos de Tel'naeír, Eragon encontrou Oromis à mesa de sua cabana, pintando um cenário com tinta negra na parte de baixo de um pergaminho que ele havia acabado de escrever.

Eragon se curvou e ajoelhou.

- Mestre.

Quinze minutos se passaram antes de Oromis terminar de pintar os tufos de folhas de pinheiro num junípero sulcado, deixar sua tinta de lado, limpar seu pincel de zibelina com a água que estava numa caçarola de barro e depois se dirigir a Eragon, dizendo:

- Por que você veio tão cedo?

- Peço desculpas por perturbá-lo, mas Vanir abandonou nosso duelo no meio e eu não sabia o que devia fazer.

- Por que Vanir partiu, Eragon-vodhr?

Oromis cruzou os dedos das mãos no seu colo enquanto Eragon descrevia o encontro, terminando com:

- Eu não devia ter perdido o controle, mas o fiz, e me senti ainda mais idiota por causa disso. Eu falhei com você, mestre.

- Falhou sim - concordou Oromis. - Vanir pode ter lhe provocado, mas isso não era motivo para responder na mesma moeda. Você precisa controlar melhor suas emoções, Eragon. Se você permitir que o seu animo influencie o seu julgamento durante uma batalha, pode ser fatal. Além do mais, tais demonstrações de infantilidade apenas justificam os elfos que se opõem a você. Nossas maquinações são sutis e dão pouco espaço para tais erros.

- Lamento, mestre. Isso não acontecerá novamente.

Oromis parecia esperar sentado a hora na qual eles normalmente executavam o Rimgar, Eragon aproveitou a oportunidade para perguntar:

- Como Vanir pôde fazer mágica sem falar?

- Ele o fez? Talvez outro elfo tenha decidido ajudá-lo. Eragon balançou a cabeça.

- Durante o meu primeiro dia em Ellesméra, também vi Islanzadí evocar uma chuva de flores ao bater as mãos, nada mais. E Vanir disse que eu não entendo como a magia funciona. O que ele quis dizer?

Mais uma vez - disse Oromis, resignado -, você quer alcançar um conhecimento para o qual não está preparado. Contudo, por força das nossas circunstâncias, não posso negá-lo para você. Só fique sabendo disso: aquilo que você pergunta não foi ensinado aos Cavaleiros... e não é ensinado aos nossos mágicos... até que eles tenham dominado todos os outros aspectos da magia, pois isso é o segredo para a verdadeira natureza da magia e a língua antiga. Aqueles que o conhecem podem adquirir um grande poder sim, mas a um grande risco. - Por um instante ele fez uma pausa. - Como a língua antiga está ligada à magia, Eragon-vodhr?

- As palavras da língua antiga podem liberar a energia acumulada dentro do seu corpo e com isso ativam um encanto.

- Ah. Então você quer dizer que certos sons e vibrações no ar, de algum modo, estão ligados a essas energias? Sons que podem ser produzidos ao acaso por qualquer criatura ou coisa?

- Sim, mestre.

- Isso não lhe parece absurdo? Confuso, Eragon respondeu:

- Não importa se parece absurdo, mestre, simplesmente o é. Será que eu devia achar absurdo a lua ficar minguante ou cheia, ou as mudanças de estações, ou os pássaros que voam para o sul no inverno?

- É claro que não. Mas como um mero som poderia fazer algo assim? Será que alguns padrões de tom e volume realmente desencadeiam reações que nos permitem manipular a energia?

- Mas eles o fazem.

- O som não exerce nenhum controle sobre a magia. Dizer uma palavra ou frase nesta língua não é o mais importante, é *pensar* nelas nesta

língua. - O elfo movimentou seu pulso e uma chama dourada apareceu sobre a palma de Oromis para depois desaparecer. - No entanto, a não ser que haja uma necessidade urgente, nós ainda proferimos nossos encantos em voz alta para evitar que pensamentos dispersos os anulem, é perigoso até mesmo para os usuários de magia mais experientes.

As implicações deixaram Eragon tonto. Voltou o pensamento até o dia em que quase afundou sob a queda d'água do lago Kósthá-mérna e como fora incapaz de recorrer à magia por causa da quantidade de água que o cercava. *Se eu soubesse disso então, poderia ter me salvado*, pensou.

- Mestre - disse ele -, se o som não afeta a magia, por que, então, os pensamentos o fazem?

Agora Oromis sorriu.

- Por que na verdade? Devo assinalar que não somos nós mesmos a fonte da magia. Ela pode existir por conta própria, independente de qualquer encanto, assim como as luzes nos pântanos perto de Aroughs, a *fonte* de sonhos nas grutas de Mani nas montanhas Beor e o cristal flutuante sobre Eoam. A magia natural como essa é traiçoeira, imprevisível e normalmente mais poderosa do que qualquer coisa que possamos evocar.

"Épocas atrás, toda a magia era assim. Para usá-la era necessário apenas a capacidade de sentir a magia com a sua mente, coisa que qualquer mágico deve possuir, também o desejo e a força para usá-la. Sem a estrutura da língua antiga, os mágicos não podiam controlar seu talento e, como resultado, libertavam muitos demônios terra afora, matavam milhares de pessoas. Com o tempo, eles descobriram que a linguagem os ajudava a ordenar seus pensamentos e evitar grandes erros. Mas isso não era um método à prova de falhas. No fim das contas, acabou ocorrendo um acidente tão horrendo que quase destruiu todos os seres vivos do mundo. Sabemos deste episódio por causa dos fragmentos de manuscritos do período que sobreviveram até os dias de hoje, mas quem ou o quê evocou aquele encanto fatal ainda é um mistério. Os manuscritos dizem que, posteriormente, uma raça chamada de Povo Pardo (não se tratavam de elfos, pois naquela época ainda éramos muito bisonhos) juntou os seus recursos e trabalhou num encanto, talvez o maior que já foi feito ou que para sempre será. Unido, o Povo Pardo mudou a natureza da própria magia. Eles o fizeram para que sua

língua, a língua antiga, pudesse controlar o que um encanto faz... pudesse de fato limitar a magia de modo que, se você dissesse *queime aquela porta* e por acidente olhasse para mim e pensasse em mim, a magia ainda assim faria a porta se incendiar, não eu. E eles deram à língua antiga suas duas únicas peculiaridades, a capacidade de evitar que aqueles que a usam para se comunicar mintam e a capacidade de descrever a verdadeira natureza das coisas. Como eles o fizeram permanece um mistério.

Os manuscritos diferem no que diz respeito ao que aconteceu com o Povo Pardo quando completou o seu trabalho, mas parece que o encanto consumiu todo o seu poder e fez os seus integrantes se resumirem a uma sombra do que eram. Eles desapareceram, optaram por viver em suas cidades até as pedras virarem poeira e por arrumar companheiras em meio às raças mais jovens e assim se ocultaram.”

- Então - disse Eragon - ainda é possível usar a magia sem a língua antiga?

- Como você acha que Saphira cospe fogo? E, de acordo com os próprios relatos, ela não usou palavra alguma quando transformou o o de Brom em diamante, nem quando abençoou a criança em Farthen Dûr. As mentes dos dragões são diferentes das nossas, não precisam de proteção contra a magia. Eles não podem usá-la conscientemente, com exceção de seu fogo, mas quando o dom lhes é concedido, sua força não tem paralelo... Você parece confuso, Eragon. Por quê? O jovem olhou para suas mãos.

- E o que significa isso para minha vida, mestre?

- Significa que você continuará estudando a língua antiga, para que possa ter muitas conquistas, coisa que seria muito complexa ou perigosa de outro modo. Isso quer dizer que se você for capturado e amordaçado, ainda poderá recorrer à magia para se libertar, como fez Vanir. Significa que se você for capturado e drogado e não puder evocar a língua antiga, poderá, mesmo assim, fazer um encanto, embora apenas na mais grave das circunstâncias. Isso significa que se fizer um feitiço para aquilo que não tem nome na língua antiga, você poderá fazê-lo. - Oromis hesitou. - Mas tome cuidado para não cair na tentação de usar esses poderes. Até mesmo os mais sábios entre nós hesitam em esbanjá-los por medo de morrer ou coisa pior.

Na manhã seguinte, e em todas as manhãs que se seguiram

enquanto permaneceu em Ellesméra, Eragon duelou com Vanir, mas jamais perdeu a compostura novamente, não importaram as provocações do elfo, em palavras ou atos.

Nem Eragon se ressentia pela rivalidade. Suas costas doíam com mais frequência, levava-o aos limites de sua resistência. Os ataques debilitantes o sensibilizavam, as atitudes que antes não lhe causavam nenhum problema podiam agora deixá-lo no chão se contorcendo. Até mesmo o Rimgar começou a desencadear convulsões enquanto ele avançava para posições mais vigorosas. Não era incomum vê-lo ter três ou quatro crises num só dia.

O rosto de Eragon ficou fatigado. Andava se arrastando, fazia movimentos lentos e cuidadosos porque ele tentava preservar sua força. Ficou difícil para ele raciocinar ou prestar atenção nas lições de Oromis, e lacunas começavam a aparecer em sua memória das quais não podia dar conta. No seu tempo livre, o rapaz costumava pegar o anel enigmático de Orik, preferia se concentrar nos aros entrelaçados do que em sua condição física. Quando estava com ele, Saphira insistia para que subisse em suas costas e fazia todo o possível para deixá-lo confortável e relaxado.

Numa manhã, enquanto ele se agarrava a um ressaltado do pescoço dela, Eragon disse: *Tenho um nome novo para a dor.*

Qual e?

O Obliterador. Porque quando sentimos dor, nada mais pode existir.

Nenhum pensamento. Nenhuma emoção. Apenas o impulso para se livrar dela.

Quando ela é forte o suficiente, o Obliterador nos despe de tudo que faz de nós o que somos até sermos reduzidos a criaturas menores do que animais, criaturas com um único desejo e meta: fugir.

Um bom nome, então.

Estou definhando, Saphira, como um velho cavalo que já vagou por muitos campos. Segure-me com a sua mente, ou posso acabar vagando por aí e me esquecer de quem sou.

Jamais irei abandoná-lo.

Mais tarde, Eragon foi vitimado por três surtos de agonia enquanto enfrentava Vanir e mais dois durante o Rimgar. Enquanto se recompunha da posição fetal em que ficara, Oromis disse:

- De novo, Eragon. Você precisa melhorar o seu equilíbrio. Eragon balançou a cabeça e rosnou em voz baixa.

- Não. - Ele cruzou os braços para esconder seus tremores.

- O quê? -Não.

- Levante-se, Eragon, e tente novamente.

- Não! Faça a pose você mesmo, eu não a farei.

Oromis se ajoelhou ao lado de Eragon e colocou a mão fria em seu rosto. Mantendo-a ali, ele olhou para o rapaz com tanta doçura, que Eragon entendeu o tamanho da compaixão do elfo por ele e que, se fosse possível, Oromis assumiria de boa vontade a dor do jovem para aliviar seu sofrimento.

- Não abandone a esperança - disse Oromis. - Nunca. - Uma extensão de força parecia fluir dele para Eragon. - Somos os Cavaleiros. Ficamos entre a luz e a escuridão e mantemos seu equilíbrio. Ignorância, medo, ódio: esses são os nossos inimigos. Negue-os com toda a sua força, Eragon, ou falharemos com certeza. - Ele se levantou e estendeu uma das mãos na direção de Eragon. - Agora erga-se, Matador de Espectros, e prove que pode dominar os instintos da sua carne!

Eragon respirou bem fundo e se ergueu apoiado num dos braços, estremecendo por causa do esforço. Acocorou-se, parou por um instante, depois se levantou totalmente e encarou Oromis bem nos olhos.

O elfo acenou positivamente em sinal de aprovação.

Eragon permaneceu em silêncio até terminarem o Rimgar e depois foram se banhar no riacho, onde ele disse:

- Mestre.

- Sim, Eragon?

- Por que tenho de passar por essa tortura? Você podia usar de magia para me dar as habilidades das quais preciso, para moldar o meu corpo como faz com as árvores e as plantas.

- Eu poderia, mas se o fizesse, você não entenderia como conseguiu a força, suas próprias habilidades, e o modo de mantê-las. Não há atalhos para o caminho que está trilhando, Eragon.

A água fria correu por toda a extensão do corpo de Eragon enquanto ele se abaixava dentro do rio. Ele mergulhou a cabeça sob a superfície, segurando uma pedra a fim de que não fosse arrastado para longe dali, e ficou

deitado e esticado ao longo do fundo do córrego, sentindo-se como uma flecha voando pela água.

A Roran se curvou sobre um dos joelhos e coçou sua nova barba enquanto olhava lá para baixo, para Narda. A pequena cidade era escura e compacta, era como uma crosta de pão de centeio, e estava socada numa fenda ao longo da costa gelada. Mais além, o mar cor de vinho luzia com os últimos raios do sol poente. A água o fascinava, aquilo era completamente diferente da paisagem com que estava acostumado.

Conseguimos.

Ao deixar o promontório, Roran retornou a sua tenda improvisada, deleitando-se enquanto respirava a maresia. Eles acamparam no alto, bem no contraforte da Espinha, para evitar que fossem detectados por espiões do Império.

Enquanto caminhava a passos largos em meio aos grupos de aldeões que se acotovelavam sob as árvores, Roran avaliava suas condições com tristeza e raiva. A trilha que os levava para fora do vale Palancar havia deixado às pessoas doentes, e exaustas, seus rostos estavam magros por causa da falta de comida e suas roupas esfarrapadas. Quase todo mundo usava trapos amarrados nas mãos para se precaver contra a ulceração provocada pelas noites geladas da montanha. As semanas carregando pacotes pesados haviam curvado ombros outrora orgulhosos. A pior visão era a das crianças: magras e estranhamente quietas.

Elas merecem coisa melhor, pensou Roran. Eu estaria nas mãos dos Ra'zac agora se todos não tivessem me protegido.

Inúmeras pessoas se aproximavam de Roran, grande parte delas queria apenas um toque no ombro ou uma palavra de conforto. Alguns ofereciam-lhe nacos de comida, os quais ele recusava ou, quando eles insistiam, dava para uma outra pessoa. Aqueles que permaneciam à distância observavam com olhos pálidos e arregalados. Ele sabia o que diziam a seu respeito, que ele era louco, que espíritos o haviam possuído, que nem mesmo os Ra'zac poderiam derrotá-lo numa batalha.

Cruzar a Espinha foi ainda mais difícil do que Roran esperava. As trilhas na floresta eram rotas de caça, estreitas, íngremes e sinuosas demais para o seu grupo. Por conta disso, os aldeões eram normalmente forçados a

cortar caminho em meio às árvores e à vegetação rasteira, uma manobra meticulosa e desprezível, tornava mais fácil para o Império a tarefa de localizá-los. A única vantagem da situação foi que o exercício acabou restabelecendo o ombro ferido de Roran, ele recuperou sua antiga força, embora ainda tivesse dificuldade para levantar o braço em certos ângulos.

Outras privações ainda fizeram o grupo sofrer mais. Uma tempestade súbita os encurralou numa trilha exposta bem no topo das montanhas. Três pessoas congelaram na neve: Hida, Brenna e Nesbit, todos bastante idosos. Foi naquela noite que Roran se convenceu, pela primeira vez, que o vilarejo inteiro iria morrer por ele. Logo depois, um garoto quebrou um braço numa queda, e em seguida Southwell se afogou num rio que brotava de uma geleira. Lobos e ursos atacavam regularmente seus animais domésticos, ignorando as fogueiras dos aldeões. A fome se apegava a eles como se fosse um parasita implacável, corroía os seus estômagos, consumia as suas forças e minava a vontade de prosseguir.

Contudo eles sobreviveram, demonstraram a mesma obstinação e coragem que mantiveram seus ancestrais no vale Palancar, apesar da falta de comida, da guerra e da peste. A gente de Carvahall podia demorar uma era e meia para tomar uma decisão, mas assim que o fazia, nada podia impedir que seguisse o seu rumo.

Agora que haviam alcançado Narda, uma sensação de esperança e de missão cumprida se espalhou pelo acampamento. Ninguém sabia do futuro, mas o fato de eles terem chegado tão longe lhes deu confiança.

Não estaremos seguros até deixarmos o Império, pensou Roran. *E é minha responsabilidade garantir a proteção. Tornei-me responsável por todos aqui...* Foi uma responsabilidade abraçada com todo o coração, pois tanto permitia que protegesse os aldeões de Galbatorix, como prosseguisse à meta de resgatar Katrina. *Já faz tanto tempo que ela foi capturada. Será que ainda está viva?* Estremeceu e afastou tais pensamentos. Uma loucura de verdade o aguardava caso se permitisse pensar no destino de Katrina.

Ao amanhecer, Roran, Horst, Baldor, os três filhos de Loring e Gertrude seguiram em direção a Narda. Desceram pelo contraforte até a estrada principal da cidade, tomaram cuidado para ficarem escondidos até alcançar a via. Ali, na planície, o ar parecia denso para Roran, era como se

estivesse tentando respirar debaixo d'água.

Roran segurou o martelo em seu cinto enquanto o grupo se aproximava do portão de Narda. Dois soldados guardavam a entrada. Ambos examinaram o grupo de Roran com olhos firmes, demoraram-se em suas esfarrapadas, e depois baixaram suas machadinhas e barraram a entrada.

- De onde vocês são? - perguntou o homem da direita. Ele não devia ter mais de vinte e cinco anos, mas seu cabelo já era completamente branco.

Enchendo o peito, Horst cruzou os braços e disse:

- De todos os lados de Teirm, se você quer saber.

- O que os traz aqui?

- Comércio. Fomos enviados por lojistas que querem comprar mercadorias diretamente de Narda, em vez de passar pelos mercadores de praxe.

- É verdade? Que mercadorias?

No que Horst hesitou, Gertrude disse:

- Da minha parte, são ervas e remédios. As plantas que recebi daqui ou estavam muito velhas ou estavam mofadas e estragadas. Tenho de obter um suprimento fresco.

- E eu e meus irmãos - afirmou Darmmen - viemos fazer um acordo com os seus sapateiros. Os sapatos feitos no estilo do norte estão na moda em Dras-Leona e Urû'baen. - Ele fez uma careta. - Pelo menos estavam quando partimos.

Horst acenou positivamente, com a confiança renovada.

- Sim. E eu estou aqui para juntar uma remessa de ferro ornamental para o meu mestre.

- Assim você diz. E quanto aquele ali? O que ele faz? - perguntou o soldado, seguindo na direção de Roran com seu machado.

- Cerâmica - disse Roran.

- Cerâmica?

- Cerâmica.

- Por que o martelo então?

- Como você acha que se quebra o esmalte de uma garrafa ou de uma jarra? Isso não acontece do nada, você sabe. É preciso golpeá-lo. -Roran

devolveu o olhar de descrença do sujeito de cabelo branco com ma expressão estupefata, desafiando-o a questionar suas afirmações. O soldado resmungou e os olhou de cima a baixo novamente. Vocês podem ser o que quiserem, mas para mim não parecem comerciantes. Estão mais para gatos de beco famintos.

- Tivemos dificuldades na estrada - disse Gertrude.

- Nisso eu acredito. Se vocês vieram de Teirm, onde estão os seus cavalos?

- Nós os deixamos no nosso acampamento - completou Hamund. Ele apontou para o sul, o lado oposto onde os aldeões estavam de fato escondidos.

- Não têm dinheiro para ficar na cidade, hã? - Com uma risadinha de desdém, o soldado levantou a sua machadinha e gesticulou para que seu parceiro fizesse o mesmo. - Tudo bem, vocês podem passar, mas não criem problemas ou irão acabar presos ou coisa pior.

Assim que atravessaram o portão, Horst puxou Roran para a lateral da rua e resmungou em seu ouvido.

- Isso foi uma tolice, fazer algo ridículo como isso. Quebrar o esmalte! Você *quer* brigar? Não podemos... - Ele parou assim que Gertrude puxou a sua manga.

- Veja - murmurou a curandeira.

A esquerda da entrada, havia um quadro de avisos com quase dois metros de extensão e uma cobertura de telha fina para proteger o pergaminho amarelado que havia por baixo. Metade do quadro tinha notificações e proclamações oficiais afixadas. Na outra metade havia um bloco de pôsteres que mostravam retratos de vários criminosos. O mais destacado era um desenho de Roran sem barba.

Assustado, Roran olhou em volta para se certificar de que ninguém na rua estava perto o suficiente para comparar seu rosto com a ilustração e depois voltou sua atenção para o pôster. Ele imaginava que o Império estava em seu encalço, mas ainda era um choque encontrar uma prova disso. *Galbatorix deve estar gastando uma quantidade enorme de recursos para tentar nos pegar.* Quando estavam na Espinha, era fácil se esquecer do mundo lá fora. *Aposto que há pôsteres meus pregados por todo o Império.* Ele sorriu, feliz por ter deixado a barba crescer e por ele e os outros terem concordado em usar nomes falsos enquanto estivessem em Narda.

Havia uma recompensa escrita à tinta na parte de baixo do pôster. Garrow jamais ensinou Roran e Eragon a ler, mas os ensinou a identificar os algarismos. Como ele dizia: "você precisa saber quanto tem, quanto vale o seu trabalho e quanto lhe pagam por ele, para que não seja roubado por um safado com duas caras." Com isso, Roran pôde ver que o Império havia oferecido dez mil coroas por ele, o suficiente para alguém confortavelmente durante muitos anos. De uma maneira estranha, o valor da recompensa o deixou feliz, pois o fez se sentir importante.

Depois seu olhar se voltou para o pôster que estava ao lado.

Era o retrato de Eragon.

Roran se sentiu como se tivesse levado um soco na boca do estômago e por alguns segundos se esqueceu de respirar.

Ele está vivo!

Após a sensação de alívio inicial, Roran voltou a sentir raiva de Eragon por causa da morte de Garrow. A destruição de sua fazenda passou a ocupar os seus pensamentos assim como o desejo ardente de saber por que o Império caçava Eragon. *Deve ter algo a ver com aquela pedra azul e a primeira visita dos Ra'zac a Carvahall.* Mais uma vez, Roran quis saber em que tipo de tramas diabólicas ele e o resto de Carvahall haviam se metido.

Em vez de uma recompensa, o pôster de Eragon trazia duas linhas de runas.

- De que crime ele é acusado? - perguntou Roran para Gertrude. A pele em volta dos olhos de Gertrude enrugava enquanto ela fitava o quadro.

- Traição, ambos vocês. Aqui diz que Galbatorix entregará um condado para qualquer pessoa que capturar Eragon, mas que aqueles que tentarem fazê-lo devem tomar cuidado, pois ele é extremamente perigoso.

Roran piscou, admirado. *Eragon?* Parecia inconcebível até Roran perceber o quanto ele mesmo havia mudado nas últimas semanas. *O mesmo sangue corre nas nossas veias. Quem sabe, talvez Eragon tenha conseguido tantas ou mais coisas do que eu desde que partiu.*

Em voz baixa, Baldor disse:

- Se matar os homens de Galbatorix e desafiar os Ra'zac só faz com que a sua cabeça valha dez mil coroas, por maior que ela seja, o que o faria valer um condado?

- Importunar o rei pessoalmente - sugeriu Larne.

- Já chega disso - disse Horst. - Guarde sua língua melhor, Baldor, ou vamos acabar atrás das grades. E Roran, não chame atenção para si próprio novamente. Com uma recompensa dessas, as pessoas estarão propensas a confundir estranhos com qualquer um que se encaixe na sua descrição. - Ao passar a mão no cabelo, Horst puxou o seu cinto para cima e afirmou: - Certo. Todos nós temos trabalhos a fazer. Voltem aqui ao meio-dia para fazerem um relatório do progresso de cada um.

O grupo se dividiu em três. Darmmen, Larne e Hamund foram juntos pegar comida para os aldeões, tanto para atender a necessidades urgentes, quanto para sustentá-los ao longo da próxima etapa da viagem. Gertrude - como havia dito para o guarda - saiu para reabastecer seu estoque de ervas, ungüentos e tinturas. E Roran, Horst e Baldor seguiram pelas ruas enviesadas até as docas, onde esperavam poder fretar um navio para levar os aldeões para Surda ou, pelo menos, até Teirm.

Quando eles alcançaram o cais na praia, Roran parou e contemplou o oceano, agora cinzento por causa das nuvens baixas e pontilhado com cristas de onda devido ao vento irregular. Jamais imaginara o quão perfeitamente plano poderia ser o horizonte. O estrondo oco da água batendo contra as estacas sob os seus pés fazia ele se sentir sobre a superfície de um enorme tambor. O cheiro de peixe - fresco, pungente e apodrecido - se sobrepunha a todos os outros odores.

Olhando de Roran até Baldor, que estava igualmente arrebatado, Horst disse:

- Bela visão, não?

- Sim - afirmou Roran.

- Faz você se sentir muito pequeno, não é?

- É - concordou Baldor.

Horst acenou positivamente com a cabeça.

- Lembro-me de quando vi o oceano pela primeira vez, teve um efeito semelhante sobre mim.

- Quando foi isso? - perguntou Roran. Junto com os bandos de gaivotas que rodopiavam sobre a angra, ele notou um tipo estranho de pássaro que estava empoleirado sobre o quebra-mar. O animal era meio

desajeitado e seu corpo tinha um bico listrado, que ele mantinha encolhido contra o seu peito como se fosse um homem velho e pomposo, tinha a cabeça e o pescoço brancos e torso preto. Uma das aves levantou o seu bico, revelando uma bolsa por baixo que parecia ser de couro.

- Bartram, o ferreiro que veio antes de mim - afirmou Horst -, morreu quando eu tinha quinze anos, um ano antes do final do meu aprendizado. Tive que encontrar um ferreiro que estivesse disposto a terminar o trabalho de outro homem, por isso viajei para Ceunon, que se erguia ao longo do Mar do Norte. Lá encontrei Kelton, um velho desprezível, mas competente. Ele concordou em me dar umas aulas. - Horst deu uma gargalhada. - Na hora em que terminamos, não sabia se devia agradecê-lo ou amaldiçoá-lo.

- Devia agradecê-lo, creio - disse Baldor. - Você jamais teria casado com mamãe de outra maneira.

Roran franzia a testa enquanto estudava a areia.

- Não há muitos navios - observou. Tinha duas embarcações atracadas na extremidade sul do porto e uma terceira no lado oposto, havia barcos de pesca e escaleres entre estes. Um dos navios mais ao sul portava o mastro quebrado. Roran não tinha experiência com navios mas, para ele, nenhuma das naus parecia grande o suficiente para carregar quase trezentos passageiros.

Eles foram de um navio para o outro. Roran, Horst e Baldor logo descobriram que todas as embarcações estavam de algum modo ocupadas. Levaria um mês ou mais para consertar o navio com o mastro quebrado. A embarcação seguinte, o *Mensageiro das Ondas*, era equipado com velas de couro e estava prestes a seguir para o norte até as ilhas traiçoeiras onde as plantas Seithr cresciam. E o *Albatroz*, a última nau, havia acabado de chegar da distante Feinster e fazia reparos e costuras antes de partir novamente com uma carga de lã.

Um sujeito que trabalhava nas docas riu das perguntas de Horst.

- Você chegou tarde e cedo ao mesmo tempo. A maior parte dos navios que saem e chegam durante a primavera não estão mais aqui há duas ou três semanas. Mais outro mês e os ventos do noroeste começarão a soprar, daí os caçadores de focas e leões-marinhos voltarão e receberemos

embarcações de Teirm e do resto do Império para levar as peles, a carne e o óleo. Só então vocês terão uma chance de contratar um capitão. Até lá, não veremos mais tráfego do que isso.

Desesperado, Roran perguntou:

- Não há outra maneira de levar mercadorias daqui até Teirm? Não precisa ser um navio rápido e confortável.

- Bem - disse o sujeito, erguendo a caixa sobre o ombro -, se não precisa ser rápido e vocês só vão até Teirm, então poderiam falar com o Clóvis que está logo ali. - Ele apontou para um galpão flutuante entre dois píeres, onde podia haver barcos guardados. - Ele é dono de algumas chatas nas quais transporta grãos no outono. No resto do ano, Clóvis ganha a vida pescando, como quase todo mundo em Narda. - Então o sujeito franziu a testa. - Que tipo de carga vocês têm? As ovelhas já foram tosquiadas e não há safra nessa época do ano.

Varias coisas - afirmou Horst, que jogou uma moeda de cobre Para o homem das docas.

Ele a guardou no bolso com uma piscadela e uma cutucada.

- O senhor tem razão. Várias coisas. Sei o que é uma evasiva quando escuto uma. Mas não temam o velho Ulric, vou guardar segredo. Vejo o senhor depois. - Ele saiu andando dali, assobiando.

Como eles logo puderam constatar, Clóvis não estava nas docas. Depois de perguntarem, ainda levaram meia hora para andar até sua casa, do outro lado de Narda, onde o encontraram plantando bulbos de íris na trilha que dava na sua porta da frente. Era um homem robusto com o rosto queimado pelo sol e a barba bastante grisalha. Uma hora a mais se passou até convencerem o marinheiro de que estavam realmente interessados em suas chatas, apesar da estação, e depois voltaram em conjunto para os galpões, os quais ele abriu para revelar três barcas idênticas: *Merrybell*, *Edeline* e *Javali Vermelho*.

Cada uma das embarcações media pouco mais de vinte metros de extensão por seis de largura e estava pintada num tom de ferrugem. Tinham porões de carga que podiam ser cobertos com lonas, um mastro que podia ser erguido no centro, para segurar uma única vela quadrada, e um bloco de cabines logo acima do convés na traseira - ou popa, como Clóvis a chamava -

da embarcação.

- Elas são um pouco mais fundas do que uma barça fluvial - explicou Clóvis - por isso não costumam virar durante um temporal, mas vocês fariam bem em evitar tempestades de verdade. Essas barças não foram feitas para o mar aberto. Foram feitas para andar à vista de quem está em terra firme. E agora é a pior época do ano para lançá-las. Palavra de honra, temos temporais consecutivos há um mês.

- Você possui tripulação para todas as três? - perguntou Roran.

- Bem, agora... veja, há um problema. A maior parte dos homens que emprego partiram há semanas para caçar focas, como é de praxe. Como só preciso deles depois da colheita, eles ficam livres durante o resto do ano... Estou certo de que vocês, cavalheiros, entendem a minha posição. - Clóvis tentou sorrir, depois passou o olhar por Roran, Horst e Baldor, como se não soubesse para quem devia se dirigir.

Roran andou ao longo de toda a extensão da *Edeline*, examinava para ver se havia algum dano. A chata parecia velha, mas a madeira parecia bem conservada e a pintura, nova.

- Se substituirmos os homens que estão faltando em suas tripulações, quanto custaria para irmos a Teirm com todas as três barças?

- Isso depende - disse Clóvis. - Os marujos ganham quinze moedas de cobre por dia, sem contar com toda a boa comida que puderem e um trago de uísque por fora de vez em quando. O que os seus ganharão é problema de vocês. Não os colocarei na minha folha pagamento. Normalmente, também contratamos guardas para ficar em cada chata, mas eles estão...

- Eles saíram para caçar, sim - afirmou Roran. - Vamos providenciar guardas também.

O pomo na garganta bronzeada de Clóvis pulou enquanto ele engolia em seco.

- Isso seria mais do que razoável... seria mesmo. Além do soldo da tripulação, eu cobro uma taxa de duzentas coroas, além do quê, vocês ficarão responsáveis por qualquer dano que os seus homens causem às chatas e, como dono e capitão, também fico com doze por cento do lucro total que vocês obtiverem com a venda da carga.

- Nossa viagem não terá nenhum lucro.

Isso, mais do que qualquer coisa, desagradou Clóvis. Ele esfregou a covinha do queixo com o polegar esquerdo, começou a falar duas vezes e parou, até que finalmente disse:

- Se esse é o caso, então quero mais quatrocentas coroas até o final da viagem. O que vocês querem transportar, se me permitem a pergunta?

Nós o deixamos assustado, pensou Roran.

- Rebanhos.

- Ovelhas, gado, cavalos, bodes, bois...?

- Nossos rebanhos possuem todo sortimento de animais.

- E por que vocês querem levá-los para Teirm?

- Temos nossos motivos. - Roran quase sorriu com a confusão de Clóvis. - Você cogitaria navegar para além de Teirm?

- Não! Teirm é o meu limite. Não conheço as águas longínquas, nem gostaria de ficar mais distante do que isso da minha mulher e da minha filha.

- Quando você ficaria pronto? Clóvis hesitou e deu mais dois passos.

- Talvez em cinco ou seis dias. Não... não, é melhor esperar uma semana, tenho questões que preciso resolver antes de partir.

- Pagariamos dez coroas a mais para partir depois de amanhã. - Eu não...

- Doze coroas.

- Depois de amanhã então - prometeu Clóvis. - De um jeito ou de outro estarei pronto até lá.

Passando a mão na amurada da chata, Roran acenou positivamente sem olhar para trás na direção de Clóvis e perguntou:

- Posso trocar idéias por um minuto a sós com meus parceiros?

- Como quiser, senhor. Vou dar uma volta nas docas enquanto vocês resolvem tudo. - Clóvis correu para a porta. Assim que deixou o galpão, ele perguntou: - Desculpe, mas você podia me dizer o seu nome novamente? Temo que o tenha esquecido, minha memória é terrível.

- Martelo Forte. Meu nome é Martelo Forte.

- Ah, é claro. Bom nome esse.

Quando a porta se fechou, Horst e Baldor foram para cima de Roran. Baldor foi logo falando:

- Não temos condições de pagá-lo.

- Não temos condições de desistir - respondeu Roran. - Não temos o ouro para comprar as barcas, nem eu me imagino tentando aprender a guiá-las quando a vida de todos depende disso. Será mais rápido e seguro pagar por uma tripulação.

- Ainda assim é tudo muito caro - disse Horst. Roran ficou tamborilando com os dedos na amurada.

- Podemos pagar as despesas iniciais de duzentas coroas. Assim que alcançarmos Teirm, no entanto, sugiro que roubemos as chatas usando as habilidades que aprendermos durante a viagem ou então devemos prender Clóvis e seus homens até que possamos escapar por outros meios. Dessa maneira, não teremos que pagar as quatrocentas coroas a mais, bem como os soldos dos marujos.

- Não gosto de enganar um homem que está fazendo um trabalho honesto - disse Horst. - Isso vai contra os meus princípios.

- Também não gosto, mas você consegue pensar numa alternativa?

- Como você vai fazer para que todos embarquem nas chatas?

- Farei com que eles encontrem Clóvis a uma légua ou mais costa abaixo, longe de Narda.

Horst suspirou.

- Muito bem, vamos lá, mas isso está deixando um gosto ruim na minha boca. Chame Clóvis de volta, Baldor, e vamos selar esse pacto.

Naquela noite, os aldeões se juntaram em volta de uma pequena fogueira para ouvir o que havia transcorrido em Narda. De onde estava ajoelhado no chão, Roran olhou para as brasas pulsantes enquanto ouvia Gertrude e os três irmãos contando suas aventuras em separado. As notícias sobre os pôsteres de Roran e Eragon provocaram murmúrios de inquietação no meio da platéia.

Quando Darmmen terminou, Horst assumiu o relato e, com frases curtas e rápidas, contou sobre a falta de navios apropriados em Narda, como o trabalhador das docas recomendou Clóvis, e o acordo que foi feito depois. Porém, no momento em que Horst mencionou a palavra *barcas*, os gritos de ira e descontentamento dos aldeões abafaram a sua voz.

Enquanto se aproximava da vanguarda do grupo, Loring levantou os braços, chamando a atenção.

- Barcaças? - disse o sapateiro. - Barcaças? Não queremos barcaças *fétidas!*. - Cuspiu perto dos seus pés enquanto as pessoas berravam, concordando.

- Quietos, todos vocês! - exclamou Delwin. - Seremos ouvidos se continuarmos fazendo barulho. - Assim que o estalido da madeira no fogo tornou-se o barulho mais alto, ele prosseguiu calmo: - Concordo com Loring. Barcaças são inaceitáveis. Elas são lentas e vulneráveis. E ficaríamos apertados numa total falta de privacidade e sem nenhum abrigo por sei lá quanto tempo. Horst, Elain está no sexto mês de gravidez. Você não pode esperar que ela e os outros doentes e enfermos fiquem sob o sol ardente durante semanas a fio.

- Podemos cobrir os porões de carga com lonas - respondeu Horst. - Não é muito, mas isso irá nos proteger do sol e da chuva.

A voz de Birgit irrompeu no meio dos murmúrios da multidão:

- Tenho uma outra preocupação. - As pessoas abriram caminho para ela se aproximar da fogueira. - E quanto às duzentas coroas a que Clóvis faz jus e o dinheiro que Darmmen e seus irmãos gastaram? Já usamos a maior parte do nosso dinheiro. Ao contrário do que acontece nas cidades, nossa riqueza não está no ouro e sim nos nossos animais e nossas propriedades. Essas últimas se foram e restam poucos animais. Mesmo se virarmos piratas e roubarmos essas chatas, como poderemos comprar suprimentos em Teirm ou continuar a viagem?

- O mais importante - resmungou Horst - é chegar em Teirm. Ao chegarmos lá, então poderemos nos preocupar com o futuro... É provável que tenhamos de recorrer a medidas mais drásticas.

O rosto magro de Loring começou a se enrugar.

- Drásticas? O que você quer dizer com *drásticas*? Já tomamos medidas drásticas. Toda essa *aventura* é uma medida drástica. Não me importa o que você diga, não viajarei nessas malditas chatas, não depois de tudo o que passamos na Espinha. Barcaças são para grãos e animais. O que queremos é um navio com cabines e beliches, onde possamos dormir confortavelmente. Por que não esperamos mais uma semana para ver se chega um navio para o qual possamos comprar passagens? Que perigo há nisso, hã? Ou por que não... - Ele continuou a ralhar durante mais de quinze minutos,

acumulando uma montanha de objeções antes de passar a palavra para Thane e Ridley, que sustentaram os seus argumentos.

A conversa parou quando Roran desdobrou as pernas e se levantou, silenciando os aldeões com sua presença. Eles ficaram esperando, aflitos, esperando por mais um dos seus discursos visionários.

- É aceitar a barca ou andar mais - disse ele.

E depois foi para a cama.

O MARTELO CAI

A lua flutuava alto entre as estrelas quando Roran saiu da tenda que dividia com Baldor, montada na beira do acampamento, e substituiu Albriech na vigília. - Nada a relatar - sussurrou Albriech e depois escapuliu.

Roran amarrou o cordão no seu arco e enfiou três flechas com penas de ganso na argila, logo à frente, depois se enrolou com um cobertor e se agachou contra a face rochosa à esquerda. Sua posição lhe dava uma boa visão para baixo e além dos contrafortes sombrios.

Como era de hábito, Roran dividiu a paisagem em quadrantes, examinava cada um durante um minuto inteiro, sempre alerta para um movimento ou sinal luminoso que pudesse indicar a aproximação de inimigos. Sua mente logo começou a vagar, passava de assunto em assunto com a irracionalidade dos sonhos, distraíndo-o de sua tarefa. Ele mordeu a parte interna da bochecha para se concentrar. Permanecer acordado era difícil num clima como aquele...

Roran estava feliz porque tivera a sorte de escapar das duas vigílias que precediam o amanhecer, elas não davam oportunidade de recuperar o sono perdido e você se sentia cansado durante o resto do dia.

Uma rajada de vento passou por ele, fez cócegas em sua orelha e fez a pele da nuca arrepiar-se com uma percepção do mal. Aquele toque intrusivo apavorou Roran, removeu tudo menos a convicção de que ele e o resto dos aldeões estavam em perigo mortal. O rapaz tremia como se estivesse com calafrio, seu coração batia forte e ele tinha de lutar para resistir à tentação de levantar acampamento e fugir.

O que há de errado comigo? Tinha de se esforçar sobremaneira até

para encaixar uma flecha no arco.

Ao leste, uma sombra se destacou no horizonte. Era visível apenas como um vazio no meio das estrelas, e se movia feito um véu rasgado pelo céu, até que cobriu a lua, onde permaneceu, pairando. Iluminado por trás, Roran pôde ver as asas translúcidas de uma das montarias dos Ra'zac.

A criatura negra abriu o seu bico e soltou um grito longo e lancinante. Roran fez uma careta de dor por conta da intensidade e da frequência do berro. Foi como uma punhalada nos seus tímpanos, que fez seu sangue gelar, e substituiu a esperança e a alegria pelo desespero. O grito acordou a floresta inteira. Pássaros e feras por quilômetros a fio explodiram num coro de pânico, incluindo, para o sobressalto de Roran, o que restou dos rebanhos.

Cambaleando de árvore em árvore, Roran voltou para o acampamento, sussurrando para todos que encontrava:

- Os Ra'zac estão aqui. Fiquem quietos e calados. - Ele viu os outros sentinelas movendo-se entre os assustados aldeões, espalhando a mesma mensagem.

Fisk saiu de sua tenda com uma lança na mão e bradou:

- Estamos sob ataque? O que desencadeou esses malditos... - Roran se atracou com o carpinteiro para silenciá-lo, dando um berro abafado quando ele caiu sobre seu ombro direito, trazendo de volta a dor do seu antigo ferimento.

- Ra'zac - suspirou Roran para Fisk.

Fisk ficou calmo e perguntou num tom de voz baixo:

- O que eu devo fazer?

- Ajude-me a acalmar os animais.

Juntos atravessaram o acampamento até a campina adjacente onde os bodes, as ovelhas, os burros e os cavalos estavam acomodados. Os fazendeiros que eram donos da maior parte do rebanho dormiam perto do seu patrimônio e já estavam acordados e trabalhando para acalmar os bichos. Roran agradeceu a sua paranóia de ter insistido em manter os animais espalhados na campina, onde as árvores e os arbustos ajudavam a camuflá-los dos olhares inimigos.

Enquanto tentava tranquilizar um grupo de ovelhas, Roran levantou

os olhos na direção da sombra negra terrível que ainda ocultava a lua, como se fosse um morcego gigante. Para o seu horror, ela começou a se mover na direção do esconderijo deles. *Se aquela criatura gritar novamente, estaremos condenados.*

Na hora em que os Ra'zac começaram a voejar, a maior parte dos animais já havia se acalmado, exceto um burro, que insistia em ficar zurrando. Sem hesitar, Roran se apoiou num dos joelhos, encaixou a flecha no arco e atirou no meio das costelas do asno. Sua mira foi perfeita e o animal caiu sem fazer som algum.

Porém era tarde demais, os zurros haviam alertado os Ra'zac. O monstro virou a cabeça na direção da clareira e desceu rumo a ela com as garras estendidas e era precedido por um fedor insuportável.

Agora chegou a hora de vermos se podemos assassinar um pesadelo, pensou Roran. Fisk, que estava agachado ao seu lado na grama, ergueu sua lança, preparando-se para lançá-la assim que as aberrações chegassem.

Assim que Roran puxou seu arco - numa tentativa de começar e terminar a batalha com uma seta bem colocada - ele foi distraído por uma comoção na floresta.

Um grande número de gamos irrompeu da vegetação rasteira e fugiu em debandada pela campina, ignorando aldeões e animais domésticos em seu desejo frenético de escapar dos Ra'zac. Durante quase um minuto, os veados saltaram sobre Roran, esmagando a argila com seus cascos afiados, e refletindo o luar em seus olhos com bordas esbranquiçadas. Os animais passaram tão perto que deu para ouvir os ofegos suaves de sua respiração forçada.

A turba de veados deve ter ocultado os aldeões porque, depois de um último giro pela campina, o monstro alado virou para o sul e planou para bem longe, Espinha abaixo, misturando-se com a noite.

Roran e seus companheiros permaneceram congelados, como se fossem coelhos acuados, temiam que a partida dos Ra'zac pudesse ser um artifício para forçá-los a sair ou que o irmão gêmeo da criatura pudesse estar logo atrás. Eles ficaram esperando durante horas, tensos e ansiosos, mal se moviam exceto para colocarem cordas nos arcos.

Quando a lua estava prestes a se pôr, o grito apavorante dos Ra'zac

ecoou bem ao longe... até desaparecer.

Tivemos sorte, concluiu Roran assim que acordou na manhã seguinte. *E não vamos poder contar com a sorte para nos salvar na próxima vez.*

Depois da aparição dos Ra'zac, nenhum dos aldeões reclamou de viajar na barcaça. Pelo contrário, todos estavam ansiosos para partir, e muitos deles perguntaram para Roran se era possível velejar naquele dia ao invés de no seguinte.

- Gostaria que pudéssemos - disse ele -, mas ainda há muito a ser feito.

Sem tomar o café da manhã, ele, Horst e um grupo de outros homens caminharam até Narda. Roran sabia que ao acompanhá-los corria o risco de ser reconhecido, mas a missão deles era muito importante para que a negligenciasse. Além do mais, ele estava confiante de que sua aparência atual era tão diferente do retrato no pôster do Império, que ninguém iria comparar um com o outro.

Não tiveram dificuldade alguma para conseguir entrar, já que outro grupo de soldados guardava o portão principal, e depois foram para as docas e deram as duzentas coroas para Clóvis, que estava ocupado inspecionando um bando de homens, enquanto estes preparavam as barcaças para ganhar o mar.

- Obrigado, Martelo Forte - agradeceu e amarrou o saco de moedas ao seu cinto. - Não há nada como o ouro amarelo para iluminar o dia de um homem. - Ele os levou para uma mesa de trabalho e desenrolou um mapa das águas que cercavam Narda, estava cheio de anotações sobre a força de várias correntes, tinha a localização das rochas, dos bancos de areia e de outros obstáculos, e tinha medições de profundidade. Enquanto traçava uma linha com o dedo, de Narda até uma pequena angra bem ao sul, Clóvis disse: - É aqui que vamos encontrar o seu rebanho. As marés são suaves nesta época do ano, mas ainda assim não queremos enfrentá-las, não tenha dúvida disso, por isso vamos seguir nosso caminho logo depois da maré alta.

- Maré alta? - perguntou Roran. - Não seria mais fácil esperar a maré baixa e deixar que ela nos leve para fora daqui?

Clóvis bateu de leve no nariz, piscando o olho.

- Sim, seria, e foi assim que comecei muitas viagens. O que não quero, porém, é ficar içado à praia, embarcando os seus animais, quando a maré se lançar de volta, empurrando-nos mais para dentro do continente. Não haverá perigo nenhum se fizermos as coisas assim, mas teremos que ser muito hábeis para não ficarmos encalhados quando as águas recuarem. Supondo que consigamos, o mar fará o trabalho para nós, hein?

Roran acenou positivamente. Ele confiava na experiência de Clóvis.

- E de quantos homens você precisará para preencher a tripulação?

- Bem, consegui reunir sete sujeitos, todos eles marinheiros de verdade, bons e fortes, que concordam em participar dessa jornada, por mais estranha que ela pareça. Pode acreditar, a maior parte dos rapazes estava acabando de tomar suas últimas canecas de cervejas quando os encontrei na noite passada, bebendo o soldo de sua última viagem, mas estarão sóbrios como solteironas pela manhã, isso posso lhe prometer. Visto que só consegui encontrar sete homens, gostaria de mais quatro.

- Quatro você já tem - afirmou Roran. - Meus homens não entendem muito de navegação, mas são fisicamente capazes e estão dispostos a aprender.

Clóvis resmungou.

- Eu costumo empregar um reforço de novos homens a cada viagem que faço, de qualquer maneira. Contanto que eles obedeçam ordens, vão acabar servindo, caso contrário, vou pregar malaguetas em suas cabeças, guarde minhas palavras. Quanto aos guardas, gostaria de ter nove, três por barco. E é melhor que eles não sejam tão verdes quanto os seus marinheiros, ou não sairei das docas, nem por todo o uísque do mundo. Roran se permitiu dar um sorriso meio fechado.

- Todos os homens que viajam comigo já provaram o seu valor em muitas batalhas ao meu lado.

- E todos responderão a você, hein, jovem Martelo Forte? - disse Clóvis. Ele coçou o queixo, enquanto olhava para Gedric, Delwin e os outros que eram novos em Narda. - Quantos estão com vocês?

- O bastante.

- O bastante, é o que você diz. Posso imaginar. - Ele fez um aceno com a mão. - Não ligue para mim, minha língua fala mais alto do que o bom

senso, ou pelo menos era o que o meu pai costumava me dizer. Meu imediato, Torson, está no fornecedor agora, supervisionando a compra de mantimentos e equipamentos. Acredito que vocês tenham comida para o seu rebanho.

- Entre outras coisas.

- Então é melhor ir buscá-las. Podemos acomodá-las nos porões assim que os mastros estiverem erguidos.

Durante o resto da manhã e da tarde, Roran e os aldeões que estavam ao seu lado trabalharam para transportar os suprimentos - que os filhos de Loring haviam obtido - do armazém onde estavam estocados até os galpões das chatas.

Enquanto Roran se arrastava pela prancha até o *Edeline* e baixava sua saca de farinha para o marujo que aguardava no porão, Clóvis fez uma observação:

- Grande parte disso não serve para alimentar um rebanho, Martelo Forte.

- Não - disse Roran. - Mas é necessário. - Ele ficou feliz por Clóvis ter percebido que não devia prolongar o interrogatório.

Depois que o último item havia sido estocado, Clóvis fez um gesto para Roran.

- Vocês podem ir. Eu e os rapazes lidaremos com o resto. Só se lembrem de estar nas docas três horas depois do amanhecer com todos os homens que me prometeu, ou perderemos a maré.

- Estaremos lá.

De volta ao contraforte, Roran ajudou Elain e os outros a se prepararem para a partida. Não demorou muito tempo, eles já estavam acostumados a levantar acampamento toda manhã. Depois, escolheu doze homens para acompanhá-lo até Narda no dia seguinte. Todos eram bons lutadores, mas ele pediu para que os melhores, como Horst e Delwin, ficassem com o resto dos aldeões no caso dos soldados os encontrarem ou os Ra'zac retornarem.

Assim que a noite caiu, os dois grupos partiram. Roran se agachou perto de uma pedra grande e arredondada e viu Horst liderando a coluna de gente que descia pelo contraforte na direção da angra onde todos deveriam esperar pelas barcaças.

Orval veio por trás dele e cruzou os braços.

- Você acha que eles estarão seguros, Martelo Forte? - Sua ansiedade estava na voz como uma corda de arco esticada.

Embora também estivesse preocupado, Roran afirmou:

- Sim. Aposto um barril de cidra que eles ainda estarão dormindo quando desembarcarmos amanhã. Você poderá ter o prazer de acordar Nolla. Que tal? - Orval sorriu à menção de sua esposa e acenou positivamente, parecendo tranqüilo.

Tomara que eu esteja certo. Roran permaneceu sobre a pedra, agachado como uma gárgula, açoitado pelos ventos, até a linha escura de aldeões sumir da sua vista.

Eles acordaram uma hora antes de o sol nascer, o céu já havia começado a se iluminar com um verde pálido e o ar úmido da noite deixou seus dedos dormentes. Roran molhou o rosto com água e depois se equipou com seu arco e aljava, seu martelo sempre presente, um dos escudos de Fisk e uma das lanças de Horst. Os outros fizeram a mesma coisa, com o acréscimo de espadas obtidas durante os confrontos em Carvahall.

Corriam o mais rápido que ousavam pelas montanhas acidentadas. Os treze homens logo chegaram à estrada para Narda e, em seguida, ao portão principal da cidade. Para o desânimo de Roran, os mesmos dois soldados do primeiro dia estavam de guarda na entrada. Como antes, ambos baixaram suas machadinhas para bloquear a passagem.

- Há mais alguns de vocês desta vez - observou o homem de cabelo branco. - E também não são os mesmos. Exceto por você. - Ele se concentrou em Roran. - Suponho que você espere que eu acredite que a lança e o escudo sejam para trabalhar com cerâmica também.

- Não. Fomos contratados por Clóvis para proteger suas barcaças de ataques no caminho até Teirm.

- Vocês? Mercenários? - Os soldados caíram na gargalhada. - Você disse que eram comerciantes.

- Isso paga melhor.

O sujeito de cabelo branco franziu a testa.

- Você está mentindo. Eu já tentei ser aventureiro uma vez. Passei mais noites esfomeado do que o contrário. Afinal, qual é o tamanho da sua

companhia de *comerciantes*? Sete ontem e doze hoje... treze contando com você. Parece muito grande para ser uma expedição de um bando de donos de loja. - Seus olhos se apertaram enquanto ele escrutinava o rosto de Roran. - Você me parece familiar. Qual seria o seu nome, hã?

- Martelo Forte.

- Por acaso não seria Roran, seria...

Roran deu uma estocada com uma de suas lanças, atingindo o soldado de cabelo branco na garganta. O sangue escarlate jorrou. Largando a lança, Roran sacou seu martelo e o girou no ar enquanto bloqueava a machadinha do segundo com seu escudo. Girando seu martelo para cima, Roran esmagou o elmo do sujeito.

Ele ficou arfando entre os dois cadáveres. *Agora já matei dez.*

Orval e os outros homens encararam Roran chocados. Incapaz de suportar seus olhares, Roran lhes deu as costas e gesticulou na direção do aqueduto que passava sob a estrada.

- Escondam os corpos antes que alguém veja - ordenou ele, brusca e severamente. Enquanto se apressavam para obedecer, examinou o parapeito no topo da muralha em busca de sentinelas. Felizmente, não havia ninguém ali ou na rua que cruzava o portão. Ele se curvou e apanhou sua lança solta no chão, limpou a lâmina num tufo de capim.

- Pronto - disse Mandel, enquanto escalava o fosso. Apesar de sua barba, o jovem parecia pálido.

Roran acenou com a cabeça e, endurecendo, encarou seu bando.

- Ouçam. Vamos andar até as docas num ritmo rápido porém comedido. Não podemos correr. Quando o alarme soar, já que alguém deve ter ouvido os sons da luta, mostrem-se surpresos e interessados mas não assustados. O que quer que façam, não dêem às pessoas motivos para suspeitar de nós. As vidas de suas famílias e amigos dependem disso. Se formos atacados, seu único dever é garantir que as barcaças sejam lançadas. Nada mais importa. Estou sendo claro?

- Sim, Martelo Forte - responderam. - Então me sigam.

Enquanto caminhava a passos largos por Narda, Roran estava tão tenso que temia explodir em mil pedaços. O *que eu fiz de mim mesmo?*, perguntava. Ele olhava de homens para mulheres, de crianças para homens,

de homens para cães, se esforçava por identificar inimigos em potencial. Tudo à sua volta parecia irradiar um brilho artificial e ostentar uma grande riqueza de detalhes, parecia que ele conseguia enxergar as costuras nas roupas das pessoas.

Alcançaram as docas sem incidentes, então Clóvis afirmou:

- Você chegou cedo, Martelo Forte. Gosto disso num homem. Isso nos dará a oportunidade de organizar as coisas antes de seguirmos em frente.

- Podemos partir agora? - perguntou Roran.

- Você devia saber. Temos de esperar até a maré encher, então partiremos. - Clóvis hesitou, deu sua primeira boa olhada nos treze sujeitos, e disse: - Ora, qual é o problema, Martelo Forte? Vocês parecem que viram o fantasma do velho Galbatorix com os próprios olhos.

- Nada que algumas horas no mar não saiem - afirmou Roran. No seu estado era impossível sorrir, mas tentou assumir uma expressão mais calma com o intuito de tranquilizar o capitão.

Com um assobio, Clóvis convocou dois marinheiros nos botes.

Ambos eram tão bronzeados que a pele tinha a cor de avelãs.

- Este aqui é Torson, meu imediato - indicou Clóvis, apontando para o homem à sua direita. O ombro de Torson estava decorado com a tatuagem em espiral de um dragão voador. - Ele será o capitão do *Merrybell*. E este safado aqui é Flint, que ficará no comando do *Edeline*. Enquanto vocês estiverem a bordo, a palavra desses homens é a lei, assim como a minha no *Javali Vermelho*. Vocês responderão a eles e a mim, não ao Martelo Forte... Bem, dêem-me um *sim* apropriado, *sim* caso tenham me escutado.

- Sim, sim - responderam os homens.

- Agora, quais de vocês serão meus ajudantes e quais serão meus soldados? Não dá para distingui-los por nada nesse mundo.

Ignorando os avisos de Clóvis de que ele era o seu comandante, não Roran, os aldeões o olharam para ver se deviam obedecer. Ele acenou positivamente e o grupo se dividiu em duas facções, que Clóvis posteriormente separou em grupos ainda menores enquanto designava um certo número de aldeões para cada chata.

Durante a meia hora seguinte, Roran trabalhou ao lado dos marujos a fim de terminar os preparativos para a partida do *Javali Vermelho*, tinha

ouvidos alertas a qualquer indício de alarme. *Seremos capturados ou mortos se ficarmos mais tempo aqui*, pensou ele, checando a altura da água que batia nos píeres. Ele limpou o suor que jorrava de sua frente. Roran começou a trabalhar quando, de repente, Clóvis agarrou seu antebraço.

Antes que pudesse se conter, Roran puxou seu martelo pela metade para fora do cinto. O ar espesso travou sua garganta.

Clóvis ergueu a sobrancelha ao ver sua reação.

- Tenho observado você, Martelo Forte, e ficaria interessado em saber como você fez para merecer tanta confiança dos seus homens. Já servi com mais capitães do que consigo me lembrar, e nenhum deles impunha um nível de obediência como você faz sem erguer a voz.

Roran não conseguiu se segurar e acabou dando uma gargalhada.

- Vou lhe contar como fiz: eu os salvei da escravidão e de serem devorados.

As sobrancelhas de Clóvis se ergueram até quase o topo de sua testa.

- Sêrio? Essa é uma história que eu gostaria de ouvir.

- Acho que não.

Depois de um minuto, Clóvis disse:

- Não, talvez não goste mesmo. - Ele se voltou para o mar. - Ora, vamos acabar nos atrasando. Creio que podemos partir. Ah, e aqui está a minha pequena Galina, pontual como sempre.

O homem corpulento saltou sobre a prancha e, de lá, sobre as docas, onde ele abraçou uma garota de cabelos escuros de uns treze anos e uma mulher que parecia sua mãe. Clóvis afagou os cabelos da menina e disse:

- Comporte-se bem enquanto eu estiver longe, certo, Galina?

- Sim, pai.

Enquanto via Clóvis se despedindo de sua família, Roran pensou nos dois soldados mortos perto do portão. *Eles também deviam ter famílias. Deviam ter mulheres e filhos que os amavam e um lar para onde retornavam todo dia...* Sentiu o gosto de fel e voltou seus pensamentos novamente para o Pier evitando ficar nauseado.

Nas chatas, os homens pareciam ansiosos. Temia que pudessem perder a calma, por isso Roran tentou chamar a atenção para si andando pelo

convés, alongando-se e fazendo o possível para parecer relaxado, Finalmente, Clóvis voltou ao *Javali Vermelho* e gritou:

- Soltem os cabos, meus homens. A maré já está alta para nós.

Rapidamente, as pranchas foram recolhidas, as espias desamarradas e as velas içadas nas três chatas. O ar ressoou com as ordens gritadas e os cantos de faina enquanto os marinheiros puxavam os cabos.

Atrás deles, Galina e sua mãe ficaram vendo as chatas partir calmas e silenciosas, cobertas e solenes.

- Estamos com sorte, Martelo Forte - disse Clóvis, batendo em seu ombro. - Temos um pouco de vento para nos empurrar hoje. Pode ser que não tenhamos de remar para chegar na angra antes da maré mudar!

Quando o *Javali Vermelho* estava no meio da baía de Narda e ainda a uns dez minutos do mar aberto, aquilo que Roran temia ocorreu: o som de sinos e trombetas ribombou vindo das construções de pedra.

- O que foi isso? - perguntou ele.

- Não sei ao certo - disse Clóvis. Ele franziu a testa enquanto olhava para a cidade com as mãos nos quadris. - Pode ser algum incêndio, mas não há sinal de fumaça no ar. Talvez alguns Urgals tenham sido descobertos rondando a área... - Um ar de preocupação brotou em seu rosto. - Vocês por acaso não viram ninguém na estrada hoje de manhã?

Roran balançou a cabeça, sem confiança para falar. Flint encostou e gritou do convés do *Edeline*.

- Será que não devíamos voltar, senhor? - Roran agarrou a amurada com tanta força que começou a arrancar lascas com as unhas, estava pronto para interceder mas temia parecer muito ansioso.

Desviando seu olhar de Narda, Clóvis berrou de volta:

- Não. Acabariamos perdendo a maré.

- Sim, sim, senhor! Mas daria um dia de pagamento para descobrir o que provocou tal alarido.

- Eu também - murmurou Clóvis.

Enquanto as casas e os prédios ficavam para trás, Roran se agachou na popa da barça, abraçando os joelhos, e se inclinou na direção das cabines. Ele olhou para o céu, tocado por sua intensidade, clareza e cor, e depois para a esteira verde e turva do *Javali Vermelho*, onde faixas de algas

marinhas ondulavam. A oscilação da chata o acalmava como o balançar de um berço. *Que dia lindo está fazendo*, pensou ele, grato por poder observá-lo.

Depois que escaparam da angra - para o seu alívio -, Roran subiu a escada até o tombadilho atrás das cabines, lá Clóvis estava de pé, tinha a mão na cana do leme e orientava o seu curso. O capitão, então, disse:

- Ah, há algo interessante no primeiro dia de uma viagem, até que você percebe a comida ruim e começa a sentir saudades do lar.

Atento à sua necessidade de aprender o máximo sobre a nau, Roran perguntou a Clóvis sobre vários objetos a bordo, e naquele instante ganhou uma lição entusiasmada sobre chatas, navios e sobre a arte da navegação em geral.

Duas horas depois, Clóvis apontou para uma estreita península à sua frente.

- A angra está na outra ponta. - Roran se ergueu sobre a amurada e estendeu o pescoço, ansioso para confirmar se os aldeões estavam seguros.

Enquanto o *Javali Vermelho* contornava a ponta rochosa, uma praia branca se revelou na extremidade da angra, lá estavam reunidos os refugiados do vale Palancar. A multidão saudou e acenou assim que as chatas despontaram por detrás das rochas.

Roran relaxou.

Atrás dele, Clóvis proferiu uma praga terrível.

- Eu sabia que algo estava errado no momento em que bati os olhos em você, Martelo Forte. Que rebanho, que nada. Bah! Você me fez de idiota, isso sim.

- Você me entendeu mal - respondeu Roran. - Eu não menti, este é o meu rebanho e eu sou o seu pastor. Não estou no direito de chamá-los de rebanho, se eu quiser?

- Pode chamá-los do que quiser, mas não concordei em levar pessoas para Teirm. Você não me disse qual era a verdadeira natureza da sua carga, e a única razão que me vem à mente é que qualquer aventura na qual você esteja envolvido significa problemas... problemas para você e problemas para mim. Devia jogar vocês todos ao mar e voltar para Narda.

- Mas não o fará - disse Roran, numa calma mortal.

- Ah, é? Por que não?

- Porque eu preciso dessas chatas, Clóvis, e farei qualquer coisa para ficar com elas. Qualquer coisa. Honre o seu acordo e você terá uma viagem segura e poderá ver Galina novamente. Se não... - A ameaça soava pior do que era, Roran não tinha a intenção de matar Clóvis, mas, se não houvesse alternativa, o abandonaria em algum lugar ao longo da costa.

O rosto de Clóvis ficou vermelho, mas ele surpreendeu Roran ao dizer:

- Esta certo, Martelo Forte. - Feliz consigo mesmo, Roran voltou sua atenção para a praia.

Atrás dele, ouviu um estalido.

Por instinto, Roran recuou, agachou-se, virou o corpo e cobriu sua cabeça com o escudo. Seu braço vibrava enquanto uma malagueta caía sobre o escudo. Ele baixou sua proteção e olhou para um espantado Clóvis, já recuado sobre o convés.

Roran balançou a cabeça, sem tirar os olhos do seu oponente.

- Você não pode me derrotar, Clóvis. Vou perguntar novamente: Você honrará o nosso acordo? Se não, ficará na praia, tomarei as chatas e forçarei sua tripulação a trabalhar para mim. Não quero arruinar o seu sustento, mas se você me forçar... Vamos. Esta pode ser uma viagem normal e sossegada se você optar por nos ajudar. Lembre-se, você já foi pago.

Erguendo-se com grande dignidade, Clóvis afirmou:

- Se eu concordar, então você me faça a gentileza de explicar por que todo esse plano foi necessário, por que essas pessoas estão aqui e de onde elas vêm. Não importa quanto ouro você me ofereça, não o ajudarei num empreendimento que contrarie meus princípios, de jeito nenhum. Vocês são bandidos? Ou servem àquele maldito rei?

- Este conhecimento o colocará em grande perigo.

- Eu insisto.

- Você já ouviu falar de Carvahall no vale Palancar? - perguntou Roran.

Clóvis acenou com a mão.

- Uma ou duas vezes. E daí?

- Você a está vendo na praia. Os soldados de Galbatorix nos atacaram sem que os provocássemos. Reagimos e, quando nossa posição ficou

insustentável, atravessamos a Espinha e continuamos até chegar em Narda. Galbatorix prometeu que todo homem, mulher e criança de Carvahall seria morto ou escravizado. - Roran não fez nenhuma menção aos Ra'zac, ele não queria deixar Clóvis mais apavorado.

O marujo bronzeado ficou pálido.

- Vocês ainda estão sendo perseguidos?

- Sim, mas o Império não sabe onde estamos.

- E foi por sua causa que o alarme soou? Num tom de voz bem delicado, Roran afirmou:

- Matei dois soldados que me reconheceram. - A revelação deixou Clóvis assustado: seus olhos se arregalaram, ele deu um passo para trás, e os músculos de seus antebraços tremeram quando ele fechou os punhos. - Faça a sua escolha, Clóvis, a costa se aproxima.

Roran percebeu que tinha vencido quando os ombros do capitão se inclinaram e ele parou com as bravatas.

- Ah o diabo que o carregue, Martelo Forte. Não sou amigo do rei, levá-los para Teirm,. Mas depois não quero ter mais nada com você.

- Você me dá a sua palavra de que não tentará escapar durante a noite e que não irá me enganar de outra maneira qualquer?

- Sim. Eu lhe dou.

A areia e as rochas faziam o fundo do casco do *Javali Vermelho* ranger, enquanto a chata se dirigia para a praia, seguida pelas outras duas naus. O movimento inexorável e ritmado das águas arremetendo contra o continente soava como a respiração de um monstro gigantesco. Assim que as velas foram enroladas e as pranchas estendidas, Torson e Flint subiram a bordo do *Javali Vermelho* e abordaram Clóvis, querendo saber o que estava acontecendo.

- Houve uma mudança de planos - afirmou Clóvis.

Roran deixou que ele explicasse a situação - descreveu as razões exatas que levaram os aldeões a deixar o vale Palancar - pulou para a areia e logo saiu atrás de Horst em meio à multidão. Quando avistou o ferreiro, Roran o puxou para o lado e lhe contou sobre as mortes em Narda.

- Se descobrirem que eu parti com Clóvis, poderão mandar soldados a cavalo atrás de nós. Temos de embarcar todo mundo nas chatas o mais

rápido possível.

Horst o encarou durante um longo minuto.

- Você se tornou um homem duro, Roran, mais duro do que eu jamais serei.

- Fui forçado.

- Tenha o cuidado de não esquecer quem você é.

Roran passou as três horas seguintes deslocando e embarcando os pertences dos aldeões no *Javali Vermelho* até Clóvis demonstrar sua satisfação. Os pacotes tiveram que ser fixados e bem distribuídos para que a barcaça não ficasse desnivelada dentro d'água, o que não era uma tarefa fácil, possuíam tamanhos e densidades irregulares. Depois os animais orçados a subir nas tábuas - foram imobilizados por correntes presas a argolas de ferro no porão de carga.

Em último lugar, vieram as pessoas que, como o resto da carga, tiveram que ser organizadas dentro da chata para impedir que ela emborcasse. Clóvis, Torson e Flint acabaram em pé na proa de suas barcaças, gritando ordens para a massa de aldeões abaixo.

E agora?, pensou Roran enquanto ouvia uma discussão na praia. Abrindo caminho até a origem do distúrbio, ele viu Calitha ajoelhada ao lado do seu padraсто, Wayland, tentando acalmar o velho.

- Não! Eu não vou entrar nessa *banheira*. Você não pode me forçar - gritava Wayland. Ele se debatia mesmo frágil e batia com os calcanhares para se livrar do abraço de Calitha. Cusparadas saíam dos seus lábios. -Deixe-me ir, estou dizendo. Deixe-me ir.

Estremecendo com seus golpes, Calitha disse:

- Ele está assim, fora de si, desde a noite passada quando estávamos acampados.

Teria sido melhor para todos os envolvidos se ele tivesse morrido na Espinha, percebendo agora os problemas que causou, pensou Roran. Ele se juntou a Calitha, e conseguiram tranquilizar Wayland de modo que o velho parou de gritar e se debater. Como recompensa para o seu bom comportamento, Calitha lhe deu um pedaço de carne-seca, e o distraiu. Enquanto Wayland se concentrava em mastigar a carne, ela e Roran conseguiram conduzi-lo para o *Edeline*, e o acomodaram num canto deserto

onde não incomodaria ninguém.

- Mexam os seus traseiros, seus desajeitados - gritou Clóvis. - A maré está prestes a virar. Vamos. Vamos, vamos.

Depois de um último alvoroço, as pranchas foram recolhidas e um bando de vinte homens ficou na praia atrás de cada barça. Os três grupos se reuniram atrás das proas e se prepararam para empurrá-las de volta para a água.

Roran liderou o esforço no *Javali Vermelho*. Cantando em uníssono, ele e seus homens se esforçaram para agüentar o peso da grande chata, a areia cinzenta cedia sob seus pés, as vigas e os cabos rangiam e o cheiro de suor empestava o ar. Durante algum tempo, parecia que seus esforços eram em vão, até que o *Javali Vermelho* deu uma guinada e escorregou uns trinta centímetros para ré.

- Novamente! - gritou Roran. De metro em metro, avançaram mar adentro, até a água gelada oscilar próxima às suas cinturas. Uma onda arrebentou sobre Roran e encheu sua boca de água, ele cuspiu vigorosamente, enfasiado com o gosto de sal, era bem mais intenso do que esperava.

Quando a barça flutuou, liberada do fundo do mar, Roran nadou ao lado do *Javali Vermelho* e subiu a bordo por um dos cabos que caía da a. Enquanto isso, os marujos posicionaram longas varas que usavam impelir o *Javali Vermelho* para as águas mais profundas, da mesma forma que as tripulações do *Merrybell* e do *Edeline*.

No momento em que já estavam a uma distância razoável da costa, Clóvis ordenou que largassem as varas e pegassem os remos. Assim, os marinheiros apontaram a proa do *Javali Vermelho* na direção da entrada, içaram a vela, alinharam-na com o vento brando e, na dianteira do trio de chatas, seguiram para Teirm, rumo à imprevisibilidade do alto-mar.

O PRINCÍPIO DA SABEDORIA

Os dias que Eragon passava em Ellesméra aconteciam sem novidades: o tempo parecia não passar na cidade dos pinheiros. As estações não envelheciam ninguém, mesmo que as tardes e as noites se alongassem, apenas marcavam a floresta com sombras suntuosas. As flores de todos os

meses vicejavam por causa do influxo da magia dos elfos, sempre fomentada pelos encantos que percorriam o ar.

Eragon acabou se apaixonando pela beleza e tranquilidade de Ellesméra, pelas construções graciosas que brotavam das árvores, pelas canções pungentes que ecoavam no crepúsculo, pelas obras de arte escondidas dentro das moradias misteriosas e pela introspecção dos próprios elfos, à qual misturavam acessos de uma alegria ruidosa.

Os animais selvagens de Du Weldenvarden não temiam os caçadores. Constantemente, Eragon olhava dos seus aposentos e via um elfo a acariciar um veado ou uma raposa cinzenta, ou murmurar para um urso tímido que rolava pela beira de uma clareira, relutando em se expor. Alguns animais eram mistos. Eles apareciam durante a noite, moviam-se e grunhiam nos arbustos e fugiam quando Eragon ousava se aproximar. Uma vez ele avistou uma criatura que parecia uma cobra peluda e noutra vez encontrou uma mulher com um manto branco cujo corpo se agitava até desaparecer e revelar uma loba.

Eragon e Saphira continuaram a explorar Ellesméra sempre que podiam. Saíam sozinhos ou com Orik, já que Arya não mais os acompanhava, nem Eragon falava com a elfa desde que ela quebrou sua fairth. Ele a via furtivamente, ao passar por entre as árvores, mas sempre que se aproximava - com o intuito de pedir desculpas - ela se afastava, deixava-o sozinho em meio aos velhos pinheiros. Afinal Eragon percebeu que teria de tomar a iniciativa se é que teria um dia alguma chance de restabelecer seu relacionamento com ela. Então, numa noite, ele fez um buquê com as flores da trilha ao lado de sua árvore e foi embarçado até a Mansão Tialdarí, onde pediu para um elfo no saguão lhe indicar os aposentos de Arya.

A porta de tela estava aberta quando ele alcançou os tais aposentos. Ninguém respondeu quando o rapaz bateu na porta. Ele acabou entrando, atento para qualquer aproximação enquanto olhava em volta da espaçosa sala de estar coberta de vinhas, que ela abria para um pequeno quarto num dos lados e para uma sala de estudos no outro. Duas fairths decoravam as paredes: o retrato de um elfo sério e orgulhoso de cabelo grisalho o qual Eragon supôs ser o rei Evandar, e o de outro elfo mais jovem, que não reconheceu.

Eragon vagou pelo apartamento, olhando tudo sem tocar em nada, saboreava o vislumbre acerca da vida de Arya, absorvia o que podia em relação aos seus hobbies e interesses. Ao lado da cama, viu uma esfera de vidro com uma flor preservada da ipoméia negra incrustada em seu interior em sua estante, havia prateleiras de pergaminhos com títulos como: *Osílon: Relatório da Colheita e Sinais de Atividade Vistos da Torre de Observação de Gil'ead*, no peitoril de uma janela ogival, havia três árvores em miniatura no formato de glifos da língua antiga cujos significados eram *paz, força e sabedoria*, e, perto delas, um pedaço de papel com um poema inacabado, cheio de palavras riscadas e outros rabiscos. Nele se lia:

Sob a lua, a lua branca e cintilante, Há uma poça, uma poça plana e prateada, Entre as moitas e as moráceas, E pinheiros com seus núcleos enegrecidos.

Cai uma pedra, uma pedra viva, Racha a lua, a lua branca e cintilante, Entre as moitas e as moráceas, E pinheiros com seus núcleos enegrecidos.

Fragmentos de luz, espadas de luz, Agitam-se sobre a poça A lagoa tranqüila, o charco parado, O lago ali abandonado.

Na noite, na noite escura e pesada, Flutuavam sombras, desordenadas sombras. Onde outrora...

Eragon foi até a mesinha perto da entrada, largou seu buquê sobre ela e se virou para partir. Congelou assim que viu Arya em pé no vão da porta. Parecia assustada com sua presença, mas depois escondeu suas emoções por trás de uma expressão indiferente.

Os dois se encararam em silêncio.

Ele ergueu o buquê, meio que o oferecendo à elfa.

- Não sei como fazer uma flor para você, como Fäolin fez, mas estas são flores naturais e as melhores que pude encontrar.

- Não posso aceitá-las, Eragon.

- Elas não são... elas não são esse tipo de presente. - Ele fez uma pausa. - Não é desculpa, mas não percebi de antemão que minha fairth iria deixá-la numa situação tão difícil. Lamento muito por isso e rogo pelo seu perdão... Só estava tentando fazer uma fairth, não queria causar um problema. Entendo a importância dos meus estudos, Arya, e você não precisa temer que eu vá descuidar deles para andar atrás de você. -Ele oscilou e se

recostou contra a parede, tonto demais para continuar em pé sem apoio algum. - Isso é tudo.

Ela o observou atentamente por um longo instante, até que estendeu lentamente o braço e pegou o buquê, o qual segurou perto do nariz. Seus olhos não largaram os dele.

- São flores naturais - admitiu ela. Seu olhar se voltou para os pés do rapaz e depois se ergueu novamente. - Você esteve doente?

- Não. Foram as minhas costas.

- Eu ouvi, mas não achava... Ele desencostou-se da parede.

- Tenho de ir.

- Espere. - Arya hesitou, mas depois o guiou até a janela ogival, onde ele se sentou no banco acolchoado da parede em curva. Depois de retirar dois cálices de um guarda-louça, Arya esmigalhou folhas secas de urtiga em seu interior, depois encheu as taças com água e, disse "Ferva", fazia chá.

Ela deu uma taça para Eragon, ele a segurou com ambas as mãos para receber o calor. O Cavaleiro olhou pela janela para o chão que ficava a uns seis metros abaixo, para os elfos que andavam pelos jardins reais, conversando e cantando, e para os vaga-lumes que flutuavam pelo ar sombrio.

- Gostaria... - disse Eragon. - Gostaria que pudesse ser sempre assim. E tão perfeito e tranquilo.

Arya mexeu o chá.

- Como está Saphira?

- Na mesma. E você?

- Tenho me preparado para voltar aos Varden.

Um alarme soou em seu interior.

- Quando?

- Depois da Celebração de Juramento ao Sangue. Já fiquei tempo A mais por aqui, mas estava relutando para partir e Islanzadí queria que ficasse. Além do mais... nunca participei de uma Celebração de Juramento ao Sangue, que é o mais importante dos nossos ritos. - Ela o contemplou por sobre a borda de seu cálice. - Não há nada que Oromis possa fazer por você?

Eragon forçou um encolher de ombros como se estivesse enfasiado.

- Ele tentou tudo o que sabe.

Ambos deram goles em suas taças e ficaram vendo os grupos e

casais passeando pelas trilhas do jardim.

- Seus estudos vão bem, pelo menos? - perguntou ela.

- Vão indo. - Na calmaria que se seguiu, Eragon pegou o pedaço de papel que estava entre as árvores e examinou suas estrofes, como se as estivesse lendo pela primeira vez. - Você sempre escreve poesia?

Arya estendeu a mão para pegar o papel e, quando ele lhe deu, enrolou-o e colocou-o dentro de um tubo para as palavras não ficarem à mostra.

- De acordo com a tradição, todos que participam da Celebração de Juramento ao Sangue devem levar um poema, uma canção, ou qualquer outra obra de arte que produziram para partilhar com aqueles que estão reunidos. Eu mal comecei a trabalhar na minha.

- Acho que está boa.

- Se você conhecesse poesia... - Eu já conheço.

Arya hesitou, depois abaixou a cabeça e disse:

- Perdoe-me. Você não é mais a pessoa que eu encontrei pela primeira vez em Gil'ead.

- Não. Eu... - Ele parou e girou a taça entre suas mãos enquanto buscava as palavras certas. - Arya... você partirá em breve. Para mim será uma pena se esta for a última vez que nos encontramos antes de sua viagem. Será que não poderíamos passear ocasionalmente, como fazíamos, para que você mostre a mim e a Saphira um pouco mais de Ellesméra?

- Isso não seria sábio - disse ela num tom de voz suave, porém firme.

Ele levantou os olhos em sua direção.

- Será que o preço da minha indiscrição é a nossa amizade? Não evitar o que sinto por você, mas preferiria que Durza me ferisse novamente a permitir que minha insensatez destruísse o companheirismo que existia entre nós. Eu a estimo demais.

Arya ergueu a sua taça e tomou o seu último gole de chá antes de responder.

- Nossa amizade perdurará, Eragon. Mas para passar o tempo juntos... - Seus lábios se curvaram num esboço de sorriso. - Talvez seja possível. No entanto, teremos de esperar para ver o que o futuro reserva, pois

agora estou ocupada e não posso prometer nada.

Ele sabia que suas palavras eram o máximo que ele provavelmente conseguiria como conciliação, e estava grato por elas.

- E claro, Arya Svit-kona - disse ele, curvando a cabeça.

Os dois trocaram mais alguns gracejos, mas estava claro que Arya chegara ao limite para aquele dia. Por isso, Eragon voltou para Saphira, renovado pela reconciliação. *Agora está na mão do destino decidir quais serão as conseqüências*, pensou enquanto se acomodava para ler o último pergaminho de Oromis.

Ao enfiar a mão na algibeira em seu cinto, Eragon retirou um recipiente de pedra-sabão que continha nalgask - cera de abelha misturada com óleo de avelã - e passou-o sobre os lábios para se proteger do vento frio. Fechou a bolsa, depois abraçou o pescoço de Saphira e enterrou seu rosto no dobramento do seu cotovelo para reduzir o incômodo causado pelo clarão das nuvens mais abaixo. Dominava a sua audição o bater incansável das asas de Saphira, mais alto e rápido do que o de Glaedr, a quem ela seguia.

Voaram para sudoeste do amanhecer até o começo da tarde, pararam eventualmente para entusiasmadas contendas entre Saphira e Glaedr, durante as quais Eragon teve de amarrar seus braços à sela para que não caísse durante as acrobacias. Depois ele se livrava desatando os nós com os dentes.

A viagem terminou num agrupamento de quatro montanhas mais altas que a floresta, as primeiras que Eragon havia visto em Du Weldenvarden. Estavam cobertas de neve e expostas ao vento, trespassavam o véu das nuvens e expunham os picos cheios de fendas geladas ao sol incidente, que naquela altitude não aquecia.

Elas parecem tão pequenas em comparação com as montanhas Beor, disse Saphira.

Pelo hábito durante suas semanas de meditação, Eragon expandiu a mente em todas as direções, tocava as consciências à sua volta, em busca de qualquer um que tivesse a intenção de feri-lo. Sentiu o calor emanado por uma marmota em sua toca, os corvos, os pica-paus e os falcões, os inúmeros esquilos correndo entre as árvores e, descendo um pouco mais a montanha, sentiu as serpentes ondulando em meio aos arbustos busca dos ratos que

seriam suas presas, assim como hordas de insetos onipresentes.

Quando Glaedr desceu até o cume da primeira montanha, Saphira teve de esperar até ele dobrar suas asas enormes a fim de que houvesse espaço para ela pousar. O campo de seixos rolados e dispersos na base do penhasco no qual eles pousaram era de um amarelo brilhante devido a uma camada de líquens duros e crenulados. Acima deles, se assomava um despenhadeiro totalmente negro. Ele agia como suporte e represa já que uma cornija de gelo azul vergava e rachava sob o vento, soltava lascas que se estilhaçavam no granito logo abaixo.

Este pico é conhecido como Fionula, disse Glaedr. E seus irmãos são Ethmndir, Merogoven e Grimínsmal. Cada um deles tem sua própria história, que contarei no voo de volta. Por enquanto, devo me voltar ao objetivo deste passeio, isto é, o vínculo forjado entre dragões, elfos e, mais tarde, humanos. Ambos sabem algo sobre isso - e eu tenho feito alusões relativas a todas as suas implicações para Saphira - mas chegou a hora de aprender o significado solene e profundo da sua parceria, para que vocês a preservem quando Oromis e eu não estivermos mais aqui.

- Mestre? - perguntou Eragon, enrolando-se no seu manto para permanecer com o corpo quente. *Sim, Eragon.*

-Por que Oromis não está aqui conosco?

Porque - entouou Glaedr - é meu dever, como sempre foi o dever de um dragão mais velho nos séculos passados, garantir que a mais nova geração de Cavaleiros entenda a verdadeira importância do posto que assumiram. E porque Oromis não está tão bem quanto parece.

As rochas crepitavam com estrondos abafados enquanto Glaedr se enroscava, aninhando-se em meio às pedras que se acumulavam e postando sua cabeça majestosa longitudinalmente em relação a Eragon e Saphira. Ele os examinou com um olho dourado tão grande quanto um escudo arredondado e duas vezes mais brilhante. Uma grande quantidade de fumaça escura saía de suas narinas e era espalhada pelo vento. *Partes do que eu estou prestes a revelar eram de conhecimento público entre os elfos, Cavaleiros e humanos instruídos, mas grande parte disso só era sabida pelo líder dos Cavaleiros, por um mero punhado de elfos, pelo potentado de humanos da época e, claro, pelos dragões.*

Ouçam agora, meus animais recém-nascidos. Quando a paz foi

estabelecida entre dragões e elfos no fim da nossa guerra, os Cavaleiros foram criados para garantir que tal conflito jamais brotasse novamente entre nossas duas raças. A rainha Tarmunora dos elfos e o dragão que foi selecionado para nos representar, cujo nome - ele fez uma pausa e passou uma série de dados para impressionar Eragon: os dentes eram longos, brancos e escavados, tive lutas ganhas e perdidas, incontáveis Shrrg e Nagra devorados, teve setecentos e vinte ovos de ascendência e dezenove descendentes que cresceram até atingir a maturidade - não pode ser expresso em nenhuma língua, decidiram que um acordo não seria o suficiente. Papéis assinados não querem dizer nada para um dragão. Nosso sangue corre quente e grosso e, passado tempo suficiente, era inevitável que enfrentássemos os elfos novamente, como fizemos com os anões ao longo dos milênios. Mas, ao contrário dos anões, nem nós nem os elfos poderiam agüentar uma outra guerra. Ambos éramos muito poderosos e teríamos destruído uns aos outros. A única maneira de evitar isso e forjar um acordo significativo era ligar nossas duas raças através da magia.

Eragon estremecia e, para dar uma relaxada, Glaedr disse: *Saphira, se você for esperta, irá aquecer uma daquelas rochas com o fogo do seu estômago para que o seu Cavaleiro não acabe congelando.*

Na mesma hora, Saphira arqueou o pescoço e um jato de chama azul emanou por entre suas presas serrilhadas e espirrou nas pedras do penhasco, escurecendo os líquens, que soltavam um cheiro amargo enquanto queimavam. O ar foi ficando tão quente que Eragon foi forçado a se virar. Ele sentia os insetos por baixo das pedras como se estivessem torrando no inferno. Depois de um minuto, Saphira fechou sua mandíbula, deixou um círculo de pedras com um metro e meio de diâmetro brilhando num tom vermelho-cereja.

Obrigado, disse Eragon. Agachou-se ao lado das pedras chamuscadas e esquentou suas mãos.

Lembre-se, Saphira, de usar sua língua para orientar o fogo, preveniu Glaedr. *Agora... levou nove anos para que os mágicos mais sábios entre os elfos inventassem o encanto necessário. Quando o fizeram, eles e os dragões se reuniram em Ilirea. Os elfos forneceram a estrutura do encanto, os dragões a força, e juntos fundiram as almas das duas raças.*

A junção nos mudou. Nós dragões ganhamos o uso da linguagem e outras pompas da civilização, enquanto os elfos partilharam da nossa

longevidade já que, antes daquele momento, suas vidas eram tão curtas quanto as dos humanos. No final das contas os elfos foram os mais afetados. Nossa magia, a magia dos dragões - que permeia cada fibra do nosso ser -, foi transmitida para os elfos e, a tempo, lhes deu suas muito alardeadas força e graça. Os humanos não chegaram a ser tão influenciados já que vocês foram acrescentados ao encanto depois de sua conclusão, e ele não teve tanto tempo para agir sobre a sua raça como sobre a dos elfos. Contudo - e nesse instante o olho de Glaedr brilhou - ele já havia suavizado a sua raça, se formos considerar os bárbaros toscos que primeiro desembarcaram na Alagaësia, embora vocês tenham começado a regredir depois da Queda. - Os anões chegaram a fazer parte desse encanto? - perguntou Eragon.

Não e é por isso que nunca houve um Cavaleiro anão. Eles não ligam para dragões nem nós para eles, e julgam repelente a idéia de nos unirmos. Talvez seja uma sorte o fato de eles não terem entrado no nosso pacto, pois acabaram escapando do declínio de humanos e elfos.

Declínio, mestre?, indagou Saphira. Eragon teria jurado se tratar de um tom de voz provocante.

Sim, declínio. Se uma ou outra de nossas três raças sofrer, sofreremos todos. Ao matar dragões, Galbatorix prejudicou tanto a sua própria raça quanto a dos elfos. Vocês dois não viram isso, pois são novos em Ellesméra, mas os elfos estão à míngua, seu poder não é mais o mesmo de tempos atrás. E os humanos perderam muito de sua cultura e foram consumidos pelo caos e pela corrupção. Só ao corrigir o equilíbrio entre nossas três raças é que a ordem poderá voltar ao mundo.

O velho dragão esmigalhou as rochas com suas garras, transformando-as em pedregulhos para que pudesse ficar mais confortável. O mecanismo que permite a um dragão recém-nascido se ligar ao seu Cavaleiro fazia parte do encanto que a rainha Tarmunora supervisionou. Quando um dragão decide dar um ovo aos Cavaleiros, certas palavras são ditas por sobre o próprio ovo - que irei lhes ensinar mais tarde - para evitar que o dragão em seu interior saia de dentro até que esteja em contato com a pessoa a qual decidiu se ligar. Como os dragões podem ficar dentro dos seus ovos indefinidamente, o tempo não é um motivo de preocupação nem o bebê pode ser ferido. Você mesmo é um exemplo disso, Saphira.

O vínculo que se forma entre um Cavaleiro e um dragão é uma

ampliação do vínculo que já existe entre nossas raças. O humano ou elfo se torna mais forte e enquanto parte das feições mais violentas dos dragões são temperadas com uma perspectiva mais racional... Vejo que tem uma reflexão mordendo a sua língua, Eragon. O que é?

- É só... - Ele hesitou. - Tenho dificuldade para imaginar você ou Saphira mais violentos. Não - acrescentou, ansioso - que isso seja uma coisa ruim.

O chão tremeu como se estivesse havendo uma avalanche assim que Glaedr começou a rir, revirando seus olhos fixos e enormes por trás de sua testa cheia de calosidades. *Se tivesse ao menos encontrado um dragão sem vínculos, você não diria isso. Um dragão sozinho não responde a nada nem a ninguém, pega o que ele quer e não nutre pensamentos gentis por nada a não ser por seus amigos e parentes. Ferozes e orgulhosos eram os dragões selvagens, chegavam a ser arrogantes... As fêmeas eram tão terríveis que se ligar a uma delas era tido como um grande feito entre os Cavaleiros de Dragões.*

A falta desse vínculo é o que faz da parceria de Galbatorix com Shruikan, seu segundo dragão, uma união tão deturpada. Shruikan não escolheu Galbatorix como parceiro, ele foi envolvido por certas magias negras para servir a loucura do tirano. Galbatorix construiu uma imitação depravada da relação que você, Eragon, e você, Saphira, possuem e que ele perdeu quando os Urgals assassinaram o seu dragão original.

Glaedr hesitou e olhou no meio dos dois. Seu olho era tudo o que se movia. *Aquilo que liga vocês excede qualquer conexão simples entre as mentes. Suas próprias almas, suas identidades - chamem do que quiserem -, foram unidas. Seu olhar se voltou para Eragon. Você acha que a alma de uma pessoa é desvinculada do seu corpo?*

- Não sei - disse o rapaz. - Uma vez Saphira me tirou de dentro do meu corpo para que eu visse o mundo pelos seus olhos... *Parecia que eu não estava mais conectado ao meu corpo. E se os espíritos que um feiticeiro invoca existem de fato, então talvez a nossa consciência seja independente da carne também.*

Estendendo a ponta afiadíssima de sua garra dianteira, Glaedr virou uma pedra e deixou à mostra um roedor escondido em seu ninho. Ele abocanhou o bicho com um ataque de sua língua vermelha. Eragon estremeceu ao sentir a vida do animal se extinguindo.

Quando a carne é destruída, o mesmo acontece com a alma, afirmou Glaedr.

- Mas um animal não é uma pessoa - protestou Eragon.

Depois das suas meditações, você realmente acredita que qualquer um de nos seja muito diferente de um rato como esse? Que somos dotados de uma qualidade miraculosa que outras criaturas não possuem e que de algum modo preserva os nossos seres depois da morte?

- Não - murmurou o Cavaleiro.

Eu achava que não. Pelo fato de estarmos tão intimamente ligados, quando um dragão ou um Cavaleiro se ferem, eles devem endurecer seus corações e cortar a conexão que há entre ambos para proteger o outro de um sofrimento desnecessário, até mesmo da insanidade. E como a alma não pode ser separada da carne, você deve resistir à tentação de tentar atrair a alma do parceiro para dentro do seu corpo e de alojá-la ali já que isso resultará na morte dos dois. Mesmo se isso fosse possível, seria abominável ter múltiplas consciências em um só corpo.

Como deve ser terrível - disse Eragon - morrer sozinho, separado até mesmo da pessoa que é mais próxima a você.

- *Todo mundo morre sozinho, Eragon. Seja você um rei num campo de batalha ou um humilde camponês deitado na cama junto com sua família, ninguém pode acompanhá-lo quando você morre... Agora, vou fazer com que vocês pratiquem a separação das suas consciências. Começando por...*

Eragon olhou para a bandeja de jantar na ante-sala da casa da árvore. Ele catalogou o seu conteúdo: pão com manteiga de avelã, grãos, feijões, uma tigela de verduras, dois ovos cozidos - que, de acordo com as crenças dos elfos, não eram fertilizados - e um jarro de água fresca e primaveril. Ele sabia que cada prato era preparado com o máximo de cuidado, que os elfos esbanjavam toda a sua habilidade culinária nas suas refeições, e que nem mesmo Islanzadí comia melhor do que ele. Ele não agüentava a visão daquela bandeja.

Quero carne, resmungou, e bateu o pé enquanto voltava para o quarto. Saphira olhou para o parceiro da plataforma em que estava. *Eu até aceitaria comer peixe ou ave, qualquer coisa diferente desse festival interminável de vegetais. Eles não enchem a minha barriga. Não sou um cavalo, por que tenho que ser alimentado como se fosse um?*

Saphira desdobrou as pernas, andou até a beira da janela de onde se tinha uma bela visão de Ellesméra, e disse: *Eu precisei comer nesses últimos dias. Você gostaria de se juntar a mim? Pode cozinhar quanta carne quiser e os elfos jamais saberão.*

Adoraria, disse ele, cada vez mais radiante. *Preciso pegar a sela? Não iremos longe.*

Eragon foi buscar seu suprimento de sal, ervas e outros temperos que estavam na sua bagagem e depois, tomando cuidado para não se esticar demais, subiu no vão entre os espinhos de Saphira.

Lançando-se do chão, Saphira deixou que uma corrente de ar ente a levasse para bem acima da cidade, e depois ela planou, deslizava para baixo e para o lado enquanto seguia o leito sinuoso de um rio que atravessava Du Weldenvarden até um lago que ficava a alguns quilômetros dali. Aterrissou e ficou bem curvada no chão a fim de que Eragon não tivesse dificuldade para desmontar.

Ela disse:

Há coelhos no gramado perto da beira do lago. Veja se consegue pegá-los Enquanto isso, vou caçar veados.

Espera aí, você não quer compartilhar a sua própria presa?

Não mesmo, respondeu ela irritada. *Só precisarei se esses ratos enormes o deixarem frustrado.*

Ele sorriu enquanto ela decolava, depois fitou as moitas entrelaçadas e as chirivias que cercavam o lago e saiu para procurar o seu jantar.

Menos de um minuto depois, Eragon pegou um par de coelhos mortos na toca. Levou nada além de um instante para localizar os coelhos com a mente e assassiná-los com uma das dez palavras mortais. O que ele havia aprendido com Oromis eliminou o desafio e a emoção da caçada. *Eu nem tive que tocaiar,* pensou, lembrando-se dos anos em que passou aprimorando suas habilidades de rastreamento. Ele fez uma careta de amargo deleite. *Posso finalmente caçar o que quiser e agora parece sem graça. Pelo menos, quando eu caçava com um pedregulho ao lado de Brom, havia um desafio, mas isso... é carnificina.*

O aviso da ferreira Rhunön lhe voltou naquele exato instante:

"Quando você pode ter tudo o que quer pronunciando umas poucas

palavras, a meta não importa mais, só a jornada para atingi-la.”

Devia ter prestado mais atenção nela, concluiu Eragon.

Com movimentos experientes, sacou sua velha faca de caçar, tirou a pele e destripou os coelhos, e depois - separando corações, pulmões, rins e fígados - enterrou as vísceras para que o cheiro não atraísse animais predadores. Em seguida, cavou um buraco, encheu-o de madeira e acendeu uma pequena labareda valendo-se de magia, pois esqueceu de trazer sua pedra de sílex. Alimentou o fogo até a lenha ficar em brasa. De uma vara de corniso, tirou a casca e deixou secar a madeira sobre as brasas para queimar a seiva amarga. Depois, espetou as carcaças com a vara e as suspendeu entre dois galhos em forquilha enfiados no solo. Para os órgãos, ele colocou uma pedra chata em cima de uma parte da brasa e a untou com gordura para improvisar uma frigideira.

Saphira o encontrou agachado perto do fogo, lentamente assava a carne. Ela pousou com um veado morto dependurado em sua mandíbula, e os restos de um segundo presos em suas garras. Deitada na grama perfumada, ela se pôs a devorar sua presa, comeu o veado inteiro, incluindo a pele. Ossos se partiam no meio de seus dentes cortantes, como se fossem galhos se quebrando numa tempestade.

Quando os coelhos ficaram prontos, Eragon os sacudiu no ar para que esfriassem um pouco e depois ficou olhando para a carne dourada e cintilante, cujo cheiro lhe era quase que insuportavelmente tentador, Ao abrir a boca para dar a primeira mordida, seus pensamentos sem se voltaram para suas meditações. Ele se lembrou das excursões às das aves, dos esquilos e dos ratos, como pareciam todos cheios de energia e como lutavam vigorosamente pelo direito de existir em face do perigo. *E se essa vida é tudo que eles têm...*

Tomado pela repugnância, Eragon jogou a carne para longe, tão horrorizado com o fato que, por ter matado dois coelhos, sentia-se como se tivesse assassinado dois seres humanos. Seu estômago se revirou e aquilo tudo quase o fez vomitar.

Saphira interrompeu o seu banquete para observá-lo, preocupada.

Respirando longamente, Eragon pressionou os joelhos com os punhos numa tentativa de se controlar e entender por que se sentia tão

fortemente afetado. Ele comera carne, peixe e ave ao longo de toda a sua vida. E *adorava*. Agora, contudo, ele se sentia fisicamente mal só por pensar em jantar os coelhos. O rapaz olhou para Saphira. *Não posso fazer isso*, disse ele.

As coisas no mundo são assim: todos comem todos. Por que você resiste à ordem natural das coisas?

Eragon refletiu sobre a sua pergunta. Não condenava os que comiam carne - ele sabia que aquele era o único alimento para muitos fazendeiros pobres. Mas não poderia fazer o mesmo a não ser que estivesse passando fome. Por ter estado dentro de um coelho e sentido o que um coelho sente... comer um deles seria a mesma coisa que devorar a si próprio. *Porque podemos melhorar a nós mesmos*, respondeu para Saphira. *Será que devemos ceder aos nossos impulsos deferir ou matar qualquer um que nos enfureça, tomar o que quer que desejemos daqueles que são mais fracos e, no geral, desconsiderar os sentimentos dos outros? Somos imperfeitos e devemos nos precaver contra as nossas falhas para que elas não nos destruam*. Ele acenou para os coelhos. *Como Oromis disse, por que devemos causar um sofrimento desnecessário?*

Você abdicaria de todos os seus desejos então?

Negaria todos aqueles que são destrutivos.

Você tem certeza disso?

Sim.

Nesse caso, disse Saphira, avançando em sua direção, *agradeço, ótima sobremesa*. Num piscar de olhos, engoliu os coelhos e depois limpou a pedra com os órgãos, raspando a lousa com as farpas de sua língua. *Eu, pelo menos, não consigo viver só de plantas - isso é comida para presa, não para um dragão. Recuso-me a ficar envergonhada de minha alimentação. Tudo tem o seu lugar no mundo. Até um coelho sabe disso.*

Não estou tentando fazer com que você se sinta culpada, disse ele, batendo de leve na perna dela. *Essa é uma decisão pessoal. Não forcarei ninguém a pensar da mesma forma que eu.*

Muito sábio, disse ela com um toque de sarcasmo.

OVO QUEBRADO E NINHO DISPERSO

- Concentre-se, Eragon - ordenou Oromis, embora não indelicadamente. Eragon piscou e esfregou os olhos numa tentativa de focalizar os glifos que decoravam o pergaminho espiralado diante dele.

- Desculpe, mestre. - O cansaço o travava como se houvessem pesos de chumbo amarrados às suas pernas. Olhou para os glifos curvos e pontudos meio de soslaio, ergueu sua pena de ganso e começou a copiá-los novamente.

Pela janela atrás de Oromis, a plataforma verde que ficava no topo dos rochedos de Tel'naeír estava listrada de sombras projetadas pelo sol poente. Mais além, nuvens leves e suaves pareciam faixas esticadas no céu.

A mão de Eragon tremeu de forma intensa e abrupta quando uma dor muito forte se espalhou por sua perna, fazendo-o quebrar o bico da pena e espalhar tinta por todo o papel, estragando-o. Do outro lado da mesa, Oromis também começou a sentir algo parecido, ele apertava seu braço direito.

Saphira!, gritou Eragon. Ele a alcançou com sua mente e, para o seu espanto, foi desviado por barreiras impenetráveis que ela erguera em torno de si própria. Ele mal podia senti-la. Era como se estivesse tentando agarrar uma esfera de granito polido lambuzada com óleo. Ela não parava de escapular dele.

Ele olhou para Oromis.

- Algo aconteceu a eles, não?

- Não sei. Glaedr retorna, mas se recusa a falar comigo. - Logo depois de pegar sua espada Naegling, que estava na parede, Oromis saiu a passos largos para fora e ficou em pé na beira dos rochedos, com a cabeça levantada, como se estivesse esperando pelo aparecimento do dragão dourado.

Eragon se juntou ao seu mestre, pensando em tudo - no provável e no improvável - que poderia ter ocorrido com Saphira. Os dois dragões haviam partido ao meio-dia e voaram para o norte, rumo a um lugar chamado Pedra dos Ovos Quebrados, onde os dragões selvagens colocavam os seus ovos há muitas eras. Era uma viagem tranqüila. *Não podiam ser Urgals, os elfos não permitem que entrem em Du Weldenvarden*, lembrou.

Até que finalmente Glaedr apareceu no alto, como se fosse uma mancha no meio das nuvens escuras. Enquanto descia para pousar, Eragon viu um ferimento na parte de trás da pata dianteira direita do dragão, uma lágrima do tamanho da mão de Eragon descia pelas suas escamas. Um

sangue escarlate penetrava pelos entalhes no meio das escamas que o cercavam.

No instante em que Glaedr tocou no chão, Oromis saiu correndo em sua direção e só parou quando o dragão rosnou. Pulando com a sua pata ferida, Glaedr se arrastou até a beira da floresta, onde se curvou sob os galhos esticados, de costas para Eragon, e começou a lamber seu ferimento no intuito de limpá-lo.

Oromis se aproximou e se agachou com facilidade perto de Glaedr, mantendo distância com calma e paciência. Era óbvio que ele iria esperar o quanto precisasse. Eragon ia se inquietando enquanto os minutos se passavam. Finalmente, mudo, Glaedr permitiu que Oromis se aproximasse e examinasse a sua perna. A magia ardia da gedwêy ignasia de Oromis enquanto ele colocava sua mão por cima da fenda nas escamas do dragão.

- Como ele está? - perguntou Eragon assim que Oromis se afastou.

- Parece um ferimento terrível, mas não passa de um arranhão para alguém tão grande quanto Glaedr.

- E quanto a Saphira? Ainda não consigo contatá-la.

- Você deve ir até onde ela está - disse Oromis. - Ela está ferida, de muitas maneiras. Glaedr falou pouco sobre o que transcorreu, e estou fazendo muitas conjecturas, por isso você faria bem em se apressar.

Eragon olhou em volta em busca de algum meio de transporte e deu um gemido angustiado ao constatar que não havia nenhum.

- Como posso alcançá-la? É muito longe para correr, não há trilha e eu não posso...

- Tenha calma, Eragon. Qual era o nome do cavalo que o trouxe de Sílthrim até aqui?

Eragon levou um instante para se lembrar.

- Folkvír.

- Então convoque-o usando as suas habilidades mágicas. Chame-o pelo nome e diga qual é a sua necessidade na mais poderosa das linguagens, que ele virá em seu auxílio.

Deixava a magia encher a sua voz, Eragon gritou por Folkvír, seu pedido ecoou pelas montanhas arborizadas na direção de Ellesméra, com toda a urgência que ele podia transmitir. Oromis acenou com a cabeça, satisfeito.

- Excelente.

Doze minutos depois, Folkvír emergiu das sombras entre as árvores, como se fosse um fantasma prateado, jogava sua crina de um lado para o outro e resfolegava de entusiasmo. As laterais das selas do garanhão se erguiam no ar, tamanha a velocidade de sua jornada.

Jogando uma perna por sobre o pequeno cavalo elfo, Eragon disse:

- Retornarei assim que puder.

- Faça o que tiver que fazer - disse Oromis.

Então Eragon tocou as costelas de Folkvír com seus calcanhares e gritou:

- Corra, Folkvír! Corra! - O cavalo deu um salto para frente e seguiu aos pulos por Du Weldenvarden, costurava o seu caminho com incrível destreza entre os pinheiros retorcidos. Eragon o guiou na direção de Saphira com imagens da mente dele.

Por falta de uma trilha no meio da vegetação rasteira, um cavalo como Fogo na Neve teria levado de três a quatro horas para alcançar a Pedra dos Ovos Quebrados. Folkvír conseguiu fazer o percurso em pouco mais de uma hora.

Na base da montanha de basalto - que se elevava do terreno da floresta como um pilar sarapintado de verde a uns bons trinta metros acima das árvores - Eragon murmurou:

- Alto - depois deslizou até o chão. Olhou para o cume distante da Pedra dos Ovos Quebrados. Saphira estava lá em cima.

O rapaz contornou a montanha, buscava um meio de chegar ao cume, mas foi em vão, pois aquela formação erodida era inexpugnável. Não possuía fissuras, fendas ou outras falhas perto o suficiente do chão que ele pudesse usar para escalar suas laterais.

Isso pode doer, pensou.

- Fique aqui - disse para Folkvír. O cavalo olhou para ele com um olhar inteligente. - Vá pastar se quiser, *mas fique aqui*, tudo bem? - Folkvír relinchou e, com seu focinho aveludado, cutucou o braço de Eragon. - Isso, garoto. Você se saiu bem.

Fixando o olhar na crista do monólito, Eragon juntou suas forças e depois disse na língua antiga:

- Para cima!

Ele percebeu depois que, se não estivesse acostumado a voar com Saphira, tal experiência poderia ter se mostrado perturbadora o bastante para fazê-lo perder o controle do encanto e cair para a morte. O chão estava bem abaixo dos seus pés e os troncos das árvores iam ficando menores ao flutuar na direção do lado inferior do dossel e do céu noturno e transitório mais além. Os galhos finos como dedos que queriam tocar seu rosto e seus ombros enquanto o jovem subia rumo ao céu aberto. Era diferente do que acontecia em um dos mergulhos de Saphira, aqui ele retinha a sensação de peso, como se ainda estivesse sobre a argila lá embaixo.

Erguendo-se sobre a beirada da Pedra dos Ovos Quebrados, Eragon avançou, relaxando um pouco seu controle da magia, e pousou num trecho de musgo. Curvou-se devido à exaustão e esperou para ver se o esforço faria suas costas doerem. Então, suspirou de alívio quando isso não ocorreu.

O topo do monólito era composto de torres recortadas separadas por sulcos vastos e profundos onde nada a não ser umas poucas flores silvestres cresciam. Cavernas escuras pontilhavam as torres, algumas naturais, e outras cavadas no basalto com garras tão grossas quanto as pernas de Eragon. O piso tinha uma camada espessa de ossos repletos de líquens, remanescentes de antigas presas de dragões. Os pássaros agora estavam aninhados onde os dragões ficavam antigamente - falcões e águias, nos ninhos, prontos para atacar caso ele ameaçasse seus ovos.

Eragon seguiu seu caminho pela paisagem proibida, cuidou para não torcer o tornozelo nas lascas de pedra soltas ou não se aproximar muito das fendas ocasionais que dividiam a coluna. Se caísse em uma delas, acabaria tombando no vazio. Por várias vezes ele teve que escalar altos espinhaços, e por duas outras vezes teve que se erguer usando a magia.

As evidências da habitação dos dragões eram visíveis em toda parte, das marcas profundas de garras no basalto, atoleiros de rochas fundidas, até uma certa quantidade de escamas descoradas largadas nos cantos, junto com outros detritos. O jovem chegou até a pisar num objeto afiado, o qual, depois que se agachou para ver, provou ser um fragmento de um ovo de dragão verde.

Na face leste do monólito estava a torre mais alta, no centro dela, tal

como um poço escuro virado de lado, estava a maior caverna. Foi ali que Eragon finalmente conseguiu enxergar Saphira, encolhida no canto, de costas para a entrada. Tremia em todo o seu corpo. As muralhas da caverna traziam marcas de queimaduras recentes, e as pilhas de ossos quebradiços estavam espalhados como se ali tivesse havido uma briga.

- Saphira - disse Eragon, gritando, já que a mente do dragão estava fechada.

Sua cabeça deu uma guinada e ela o encarou como se o Cavaleiro fosse um estranho. Suas pupilas tornaram-se finas fendas negras enquanto seus olhos se acostumavam com a luz que vinha do sol atrás dele. Ela rosnou uma vez, como se fosse um cachorro feroz, e depois se virou. No que o fez, Saphira levantou a asa esquerda e expôs um corte longo e profundo na parte superior da coxa. O coração dele parou com aquela visão.

Eragon sabia que ela não o deixaria se aproximar, por isso fez o mesmo que Oromis havia feito com Glaedr: ajoelhou no meio dos ossos moídos e esperou. Esperou sem dizer nenhuma palavra ou se mover até que suas pernas estivessem dormentes e suas mãos endurecessem por causa do frio. Contudo ele não se ressentiu do desconforto. Pagou o preço confiante, pois aquilo podia ser a salvação de Saphira.

Depois de um tempo ela disse: *Fui uma tola.*

Todos somos tolos de vez em quando.

Isso não torna as coisas mais fáceis quando é a sua vez de fazer papel de bobo.

Suponho que não.

Eu sempre soube o que fazer. Quando Garrow morreu, sabia de ir atrás dos Ra'zac era a coisa certa. Quando Brom morreu, sabia que tínhamos de ir para Gil'ead e, por assim dizer, para os Varden. E quando Ajihad morreu, sabia que você devia se comprometer com Nasuada. O caminho sempre esteve claro para mim. Exceto agora. No que diz respeito a esse problema em particular, estou perdida.

O que é, Saphira?

Em vez de responder, ela mudou de assunto e disse: *Você sabe por que esta aqui é chamada de Pedra dos Ovos Quebrados?*

Não.

Porque durante a guerra entre os dragões e os elfos, estes últimos nos

localizaram aqui e nos mataram enquanto dormíamos. Destruíram nossos ninhos e quebraram nossos ovos com sua magia. Naquele dia, choveu sangue na floresta lá embaixo. Nenhum dragão vivia aqui desde então.

Eragon permaneceu em silêncio. Não era por isso que ele estava ali. O jovem esperaria até que ela pudesse dar atenção à situação presente.

Diga alguma coisa!, exigiu Saphira.

Você vai me deixar tratar da sua perna?

Pode ir embora sozinho.

Então vou ficar aqui sentado e mudo como uma estátua até virar poeira, pois aprendi com você a ter a paciência de um dragão.

Quando vieram, suas palavras foram hesitantes, amargas e ainda zombavam de si própria: *Envergonho-me em admitir. Quando viemos para cá pela primeira vez e vimos Glaedr, fiquei muito feliz por ver que outro membro da minha raça havia sobrevivido além de Shruikan. Eu nem mesmo havia visto outro dragão antes, exceto nas lembranças de Brom. E pensei... achava que Glaedr ficaria tão feliz com a minha existência quanto eu com a dele.*

Mas ele ficou.

Você não entende. Achava que ele seria o parceiro que eu jamais esperava ter e que juntos poderíamos reconstruir nossa raça. Ela bufou e uma rajada de chama escapou pelas suas narinas. Eu estava enganada. Ele não me quer.

Eragon escolheu com cuidado sua resposta para evitar ofendê-la e lhe dar um pequeno alívio. *Isso é porque ele sabe que você está destinada para um outro alguém: um dos dois ovos que restam. Também não seria apropriado que ele se juntasse a você quando na verdade é o seu mentor.*

Ou talvez ele não me ache atraente o bastante.

Saphira, nenhum dragão é feio, e você é a mais formosa dos dragões.

Eu sou uma tola, insistiu ela. Mas levantou a asa esquerda e a manteve no ar como permissão para que ele fosse até lá cuidar do seu ferimento.

Eragon chegou com dificuldade até onde Saphira estava e examinou a ferida inchada, feliz por Oromis ter-lhe dado tantos pergaminhos sobre anatomia para ler. A pancada - dada por garra ou dente, ele não tinha certeza - havia rasgado o músculo quadríceps sob a pele de Saphira, mas não o suficiente para expor o osso. Fechar o corte superficialmente, como Eragon

havia feito tantas vezes, não seria o bastante. O músculo teria que ser costurado.

O feitiço que Eragon usou era longo e complexo, e mesmo ele não entendia todas as suas partes, pois o havia memorizado a partir de um texto remoto com poucas explicações, além dos ensinamentos, caso não houvesse ossos quebrados e os órgãos internos estivessem inteiros, "este encanto irá curar qualquer doença de origem violenta, exceto a morte". Assim que o proferiu, Eragon ficou observando, fascinado, o músculo de Saphira se retorcer abaixo de suas mãos - veias, nervos e fibras se entrelaçavam - e ficar inteiro mais uma vez. O ferimento era tão grande que, em seu estado enfraquecido, ele não ousava curá-lo apenas com a energia do seu corpo, por isso se valeu da força de Saphira também.

Está coçando, disse Saphira quando ele terminou.

Eragon suspirou e encostou-se no basalto rígido, olhava para o pôr-do-sol através dos seus cílios. *Temo que você precisará me carregar para longe desta rocha. Estou cansado demais para me mover.*

Com um murmúrio seco, ela se virou e colocou a cabeça nos ossos que estavam ao lado do jovem. *Tenho lhe tratado mal desde que chegamos a Ellesméra. Ignorei o seu conselho quando devia ter escutado. Você me avisou sobre Glaedr mas eu estava muito orgulhosa para ver a verdade nas suas palavras... Falhei - eu, sua parceira, trai o que significa ser um dragão e manchei a honra dos Cavaleiros.*

Não nunca, retrucou ele veementemente. *Saphira, você não falhou com o seu dever. Pode ter cometido um erro, mas foi um erro natural, que qualquer um na sua posição poderia ter cometido.*

Isso justifica o meu comportamento com você.

Eragon tentou encará-la, mas ela evitou o seu olhar até que ele a tocasse no pescoço e dissesse: *Saphira, membros de uma mesma família perdoam um ao outro, mesmo que nem sempre entendam suas atitudes... Você é tão minha família quanto Roran... mais até. Nada que você faça irá mudar isso. Nada.* E não respondeu, ele foi por trás de sua mandíbula e fez cócegas no pedaço de pele dura abaixo de um dos seus ouvidos. *Você está me ouvindo, hã? Nada!*

Ela tossiu baixo, deleitando-se de um jeito relutante, depois arqueou

o pescoço e levantou a cabeça para escapar daqueles dedos irrequieten. *Como poderei encarar Glaedr novamente? Ele estava muito enfurecido... A pedra inteira tremeu com a força de sua raiva.*

Pelo menos você se conteve quando ele a atacou.

Foi ao contrário.

Pego de surpresa, Eragon ergueu as sobrancelhas.

Bem, de qualquer maneira, a única coisa a fazer é pedir desculpas.

Desculpas!

Sim. Vá lhe dizer que lamenta muito, que isso não irá acontecer novamente e que quer continuar seu treinamento com ele. Estou certo de que Glaedr será compreensivo se você lhe der a chance.

Muito bem, disse ela num tom de voz baixo.

Você se sentirá melhor assim que o fizer. Ele sorriu. Sei por experiência própria.

Ela resmungou e andou até a beira da caverna, onde se agachou e vasculhou a floresta que balançava lá embaixo. *Temos de ir já. Logo ficará escuro.* Rangendo os dentes, ele fez força para se erguer - cada movimento lhe exigia um grande esforço - e subiu nas costas da parceira, levando o dobro do tempo normal. *Eragon?... Obrigada por ter vindo. Sei o risco que você correu por causa das suas costas.*

Ele bateu em seu ombro. Somos um novamente?

Somos um.

O PRESENTE DOS DRAGÕES

Os dias que se seguiram até o Agaetí Blödhren foram os melhores e os piores para Eragon. Suas costas incomodavam-no mais do que nunca, minavam a sua saúde e resistência e destruíam a sua paz de espírito, ele vivia num medo constante de desencadear uma crise. Contudo, por outro lado, ele e Saphira nunca estiveram tão próximos. Viviam tanto nas mentes do outro como em suas próprias. E a todo instante Arya aparecia para visitar a casa da árvore a fim de caminhar por Ellesméra com Eragon e Saphira. No entanto, nunca vinha sozinha, trazia sempre Orík ou Maud, a menina-gata.

Em seus passeios, Arya apresentou Eragon e Saphira aos elfos mais distintos: grandes guerreiros, poetas e artistas. Ela os levou para concertos sob as copas dos pinheiros. E lhes mostrou várias maravilhas ocultas de Ellesméra.

Eragon aproveitava cada oportunidade para conversar com ela. Contou-lhe sobre a sua criação no vale Palancar, sobre Roran, Garrow e sua tia Marian, histórias de Sloan, Ethlbert e dos outros aldeões, e sobre o seu amor pelas montanhas que cercavam Carvahall e os lençóis luminosos e flamejantes que adornavam o céu invernal durante a noite. Falou da vez em que uma raposa caiu num dos tonéis do curtume de Gedric e de ser pescada com uma rede. Contou-lhe da alegria que sentia quando plantava uma muda, cuidava dela e afastava ervas daninhas, além de ficar observando os brotos verdes e tenros crescendo sob seus cuidados - uma alegria que sabia que ela, mais do que todas as outras pessoas, seria capaz de apreciar.

Por sua vez, Eragon compreendeu algumas questões íntimas referentes à vida da elfa. Ele ouviu lembranças da sua infância, amigos e família e de suas experiências entre os Varden, das quais falou com a maior liberdade, descrevendo ataques e batalhas de que ela participou, pactos que ajudou a negociar, suas disputas com os anões e os eventos graves que ela testemunhou durante o seu mandato como embaixadora.

Pela ligação entre ela e Saphira, uma certa paz entrou no coração de Eragon, mas era um equilíbrio precário que o ato mais insignificante poderia quebrar. O próprio tempo era um inimigo, pois Arya estava destinada a deixar Du Weldenvarden depois do Agaetí Blödhren. Por isso, Eragon estimava os momentos em que estava ao seu lado e temia a celebração que estava por vir.

A cidade inteira estava em verdadeira turbulência uma vez que os elfos se preparavam para o Agaetí Blödhren. Eragon nunca os vira tão entusiasmados antes. Decoraram a floresta com tiras de pano coloridas e lanternas, especialmente em torno da Menoa, enquanto a própria árvore estava enfeitada com uma lanterna na ponta de cada galho, onde se penduravam como se fossem lágrimas brilhantes. Até mesmo as plantas, como Eragon notou, haviam assumido uma aparência festiva com uma nova coleção de flores frescas e radiantes. Ele freqüentemente ouvia os elfos cantando para elas tarde da noite.

A cada dia, centenas de elfos chegavam a Ellesméra vindos de suas cidades espalhadas pela floresta, nenhum deles ousaria perder a cerimônia secular que celebrava o pacto com os dragões. Eragon imaginou que muitos deles também haviam vindo para conhecer Saphira. *É como se eu não fizesse nada a não ser repetir o cumprimento deles*, pensou ele. Os elfos que estavam ausentes por causa de suas responsabilidades fariam suas próprias festividades simultaneamente e participariam das cerimônias em Ellesméra valendo-se da cristalomancia, através de espelhos encantados que mostravam a imagem dos que estavam observando, para que ninguém se sentisse espionado.

Uma semana antes do Agaetí Blödhren, quando Eragon e Saphira estavam prestes a voltar dos rochedos de Tel'naeír para os seus aposentos, Oromis disse:

— Vocês dois devem pensar como contribuir para a Celebração de Juramento ao Sangue. A não ser que suas criações requeiram magia para serem feitas ou funcionarem, sugiro que evitem usar necromancia. Ninguém respeitará o seu trabalho se for o produto de um feitiço e não das suas próprias mãos. Também sugiro que cada um de vocês apresente algo diferente. É o costume.

No ar, Eragon perguntou para Saphira: Você tem alguma idéia?

Tenho uma. Mas, se você não se importa, gostaria de ver se funciona antes de lhe falar.

Ele capturou parte de uma imagem antes dela ocultar-lhe. Era uma pedra lisa de arestas vivas que sobressaía do chão da floresta.

Ele sorriu.

Você não me dará uma idéia?

Fogo. Muito fogo.

De volta à casa da árvore, Eragon catalogou suas habilidades e pensou: *Sei mais sobre lavoura e cultivo do que qualquer um, mas não sei como fazer para tirar alguma vantagem disso. Nem posso esperar usar a magia para competir com os elfos ou igualar seus feitos valendo-me das habilidades com as quais estou familiarizado. Seu talento supera o dos melhores artífices do Império.*

Mas você possui uma qualidade que mais ninguém possui, disse Saphira.

Hã?

Sua identidade. Sua história, feitos e situação. Use-as para moldar a sua criação, e você produzirá algo único. Seja lá o que for fazer, baseie no que lhe é mais importante. Só então terá profundidade e significado, e só dessa maneira repercutirá nas outras pessoas.

Ele a olhou com surpresa. *Jamais havia percebido que você entendia tanto de arte.*

Eu não, disse ela. *Você se esquece de que passei uma tarde vendo Oromis pintando seus pergaminhos enquanto você voava com Glaedr. Oromis discutiu bastante o assunto.*

Ah, sim. Eu havia esquecido.

Depois que Saphira saiu para resolver seu projeto, Eragon ficou andando na beirada do portal, refletia sobre o que ela havia dito. *O que é importante para mim?*, perguntou-se. *Saphira, Arya, é claro, e ser um bom Cavaleiro, mas o que posso dizer sobre aqueles temas que não são tão óbvios assim? Aprecio a beleza na natureza porém, mais uma vez, os elfos já expressaram tudo o que é possível em relação a esse tópico. A própria Ellesméra é um monumento a sua devoção.* Ele pensou e escrutinou a si próprio para determinar o que o atingia mais fundo. O que o agitava com paixão suficiente -- de amor ou de ódio - a ponto de deixá-lo ansioso para partilhar com os outros?

Três coisas se apresentavam para ele: o ferimento que sofreu nas mãos de Durza, seu medo de um dia enfrentar Galbatorix e os épicos dos elfos que tanto o fascinavam.

Uma torrente de entusiasmo se acendeu dentro de Eragon quando uma história combinando esses elementos tomou forma em sua mente. Lérido e fagueiro, ele subiu as escadas curvas - dois degraus de cada vez - até a sala de estudos, onde se sentou à escrivaninha, mergulhou a pena na tinta e a segurou tremendo sobre uma folha de papel em branco.

O bico da pena fazia um ruído estridente já na primeira penada.

No reino perto do mar, Nas montanhas cobertas de azul...

Aparentemente, as palavras fluíam de sua pena por iniciativa própria. Ele se sentia como se não estivesse inventando sua história, era apenas o instrumento dela. Pelo fato de nunca ter escrito antes, Eragon estava fascinado pela emoção da descoberta que acompanha novas aventuras -

especialmente jamais imaginar que poderia gostar de ser um bardo.

Ele trabalhava num verdadeiro frenesi, sem comer ou beber, com as mangas de sua túnica enroladas até acima dos cotovelos, para protegê-la da tinta que esvoaçava de sua pena devido à ferocidade do seu escrever. Era tão intensa a sua concentração que ele não ouvia nada a não ser o ritmo do seu poema, não via nada a não ser o papel vazio e não pensava em nada a não ser nas frases gravadas a fogo atrás dos seus olhos.

Uma hora e meia depois, deixou a pena cair de sua mão rígida, afastou a cadeira da mesa e se levantou. Havia catorze páginas à sua frente. Era o máximo que ele já havia escrito de uma vez só. Eragon sabia que o seu poema não poderia se equiparar aos dos grandes autores elfos e anões, mas esperava que fosse sincero o suficiente para que os elfos não rissem do seu esforço.

Ele recitou o poema quando Saphira retornou. Depois de ouvir, ela disse: *Ah, Eragon, você mudou muito desde que deixamos o vale Palancar. Até você não reconheceria o garoto inexperiente que partiu para se vingar, creio. Aquele Eragon jamais poderia ter escrito uma linha inspirado no estilo dos elfos. Gostaria muito de ver quem você se tornará daqui a cinquenta ou cem anos.*

Ele sorriu. *Se eu viver tanto assim.*

Tosco porém verdadeiro - foi o que Oromis disse quando Eragon leu o poema para ele.

- Então você gostou?

- E um belo retrato do seu estado mental no presente e uma leitura insinuante, mas não é uma obra-prima. Você esperava que fosse?

- Suponho que não. - No entanto, estou surpreso por você ter dado voz a isso nesta língua. Não existe barreira para se *escrever* ficção na língua antiga. A dificuldade brota quando alguém tenta falá-la, pois isso exige que se conte verdades, coisa que a magia não permite.

- Posso dizer este texto - respondeu Eragon - porque acredito que seja verdade.

- E isso dá à sua escrita muito mais poder... Estou impressionado Eragon-finiarel. Seu poema será uma valiosa contribuição para a Celebração de Juramento ao Sangue. - Levantando um dedo, Oromis enfiou a mão dentro

do seu manto e deu-lhe um pergaminho amarrado com um laço apertado para o rapaz. - Gravados nesse papel estão nove encantos defensivos que quero que coloque em volta de você e do anão Orik. Como você descobriu em Sílthrim, nossas festividades são vigorosas e não destinam-se àqueles cujas constituições sejam mais fracas do que as nossas. Desprotegidos, vocês correm o risco de se perder na teia da nossa magia. Já vi isso acontecer. Mesmo com essas precauções, vocês devem tomar cuidado para que não sejam influenciados por fantasias trazidas pelo vento. Fique em guarda, pois durante esse tempo, nós elfos estamos aptos a enlouquecer... maravilhosa e gloriosamente loucos, mas loucos do mesmo jeito.

Na noite do Agaetí Blödhren - que estava prevista para durar três dias -Eragon, Saphira e Orik acompanharam Arya até a Menoa, onde uma multidão de elfos estava reunida, seus cabelos negros e prateados tremeluziam à luz dos lampiões. Islanzadí estava em uma raiz elevada na base do tronco, tão alta, pálida e formosa quanto uma bétula. Blagden estava empoleirado no ombro esquerdo da rainha, enquanto Maud, a menina-gata, ficava atrás dela, à espreita. Glaedr estava lá, assim como Oromis, vestido de vermelho e preto, e outros elfos que Eragon reconheceu, como Lifaen e Narí e, para o seu desgosto, Vanir. Mais acima, as estrelas brilhavam no céu aveludado.

- Espere aqui - disse Arya. Ela se enfiou no meio da multidão e voltou trazendo Rhunön. A ferreira pestanejava como uma coruja em seu habitat. Eragon a cumprimentou e ela acenou a cabeça para ele e Saphira.

- Olá, Escamas Brilhantes e Matador de Espectros. - Depois disso ela avistou Orik e se dirigiu a ele na língua dos anões, ao que Orik reagiu com entusiasmo, obviamente feliz por poder conversar com alguém à maneira de sua terra natal.

- O que ela disse? - perguntou Eragon, curvando-se.

- Ela me convidou para ir até sua casa a fim de ver seu trabalho e conversar sobre a arte. - A admiração se espalhou pelo rosto de Orik. - Eragon, ela aprendeu a trabalhar com o próprio Fùthark, um dos lendários grimstborithn do Dürgrimst Ingeitum! O que eu não daria para Tê-lo conhecido.

Juntos eles esperaram até a badalada de meia-noite, quando

Islanzadí ergueu seu braço esquerdo nu para que pudesse apontá-lo para a lua nova fosse uma lança de mármore. Uma esfera branca e suave se formou sobre a palma de sua mão a partir da luz emitida por lanternas que salpicavam a Menoa. Então Islanzadí andou ao longo da raiz do enorme colocou a esfera num espaço vazio na casca, onde ela permaneceu, pulsando.

- Eragon se voltou para Arya.

-Já começou?

-Começou! - riu ela. - E terminará quando a aura se consumir.

Os elfos se dividiram em acampamentos informais espalhados pela floresta e pela clareira em volta da Menoa. Aparentemente do nada, eles produziram banquetes fantásticos, vistos em sua aparência sobrenatural, eram fruto do trabalho tanto de feiticeiros quanto de cozinheiros.

Então, os elfos começaram a cantar com suas vozes claras e aflautadas. Cantaram muitas canções, contudo cada uma compunha outra melodia maior que tecia um encanto sobre a noite de sonho, intensificava os sentidos, removia inibições e lustrava os festejos com uma magia extremamente alegre. Seus versos falavam de feitos heróicos e buscas em barcos ou cavalos a terras esquecidas e a tristeza da beleza perdida. A música pulsante envolveu Eragon, que sentiu uma profunda despreocupação em si, o desejo de se livrar de sua vida e sair dançando pelas clareiras nas matas elfas para todo o sempre. Ao seu lado, Saphira cantava a melodia com os lábios fechados, seus olhos vítreos estavam semicerrados.

Eragon nunca mais conseguiria se recordar adequadamente do que transcorreu depois. Era como numa febre em que se perde e recupera a consciência alternadamente. Ele conseguia se lembrar de certos episódios com uma clareza vivida - lampejos brilhantes e pungentes cheios de uma alegria ruidosa - mas estava além de suas forças repassar a ordem em que estes ocorreram. Ele havia perdido a noção de dia e noite pois, independente da hora, a escuridão parecia impregnar a floresta. Da mesma forma não podia dizer se havia dormido ou precisado dormir durante a celebração...

Lembrava-se de ter girado em círculos enquanto segurava as mãos de uma donzela elfa com lábios de cereja, o gosto do mel na língua dele e o cheiro de zimbro no ar...

Lembrava-se de elfos empoleirados nos galhos estendidos da

Menoa, como se fossem um bando de estorninhos. Dedilhavam harpas douradas e gritavam enigmas para Glaedr lá embaixo e, de vez em quando apontavam um dedo para o céu, onde depois apareciam rajadas de brasas coloridas em várias formas, antes de desaparecerem...

Lembrava-se de estar sentado num pequeno vale isolado, escorado em Saphira, e de ver a mesma donzela dançar em frente a uma platéia arrebatada enquanto cantava:

*Longe, longe, você voará para longe,
Sobre os picos e vales
Para os mundos distantes.
Longe, longe, você voará para longe,
E jamais voltará para mim.
Longe! Longe você ficará de mim,
E eu jamais o verei novamente.
Longe! Longe você ficará de mim,
Embora eu vá esperá-lo para sempre.*

Lembrava-se de inúmeros poemas, alguns pesarosos, outros jubilosos - a maioria ostentava ambos os sentimentos. Ele ouviu e gostou do poema inteiro de Arya, assim como do de Islanzadí, que era mais longo, mas possuía o mesmo mérito. Todos os elfos se reuniram para ouvir estes dois trabalhos...

Lembrava-se das maravilhas que os elfos haviam preparado para a celebração, muitas julgaria impossíveis anteriormente, mesmo com o auxílio da magia. Quebra-cabeças e brinquedos, artes e armas, e itens cujas funções lhe fugiam. Um elfo havia enfeitado uma bola de vidro de modo que, de segundos em segundos, uma flor diferente brotava do seu centro. Outro elfo passou décadas viajando por Du Weldenvarden, memorizou os sons dos elementos, e os mais bonitos que ele agora tocava eram os provenientes das gargantas de centenas de lírios brancos.

Rhunön contribuiu com um escudo inquebrável, um par de luvas tecido com fios de aço que permitia a quem as vestisse manipular chumbo derretido e outros itens sem se queimar, e uma escultura delicada que mostrava uma cambaxirra voando, entalhada a partir de um bloco maciço de metal e pintada com tanto esmero que o pássaro parecia vivo.

Uma pirâmide de madeira em quebra-cabeça, tinha vinte

centímetros de altura e foi construída usando 58 peças encaixadas e foi a oferta de Orik, para o deleite dos elfos, que insistiam em desmontar e montar a pirâmide tantas vezes quanto ele permitiu. Eles o chamaram de "Mestre Barba Longa" e disseram:

- Dedos inteligentes significam uma mente inteligente...

Ele se lembrou de Oromis puxando-o para o lado, para longe da música, e dele perguntando para o elfo: - O que há de errado?

- Você precisa clarear a sua mente. - Oromis o conduziu até um tronco caído e o fez se sentar. - Fique aqui por alguns minutos. Você se sentirá melhor.

- Estou bem. Não preciso descansar - protestou Eragon.

- Você não está em posição de decidir neste instante. Fique aqui até que possa listar os encantos de mudança, grandes e pequenos, e depois poderá se juntar a nós novamente. Prometa-me isso...

Lembrava-se de criaturas obscuras e estranhas pairando, vinham das profundezas da floresta. A maioria eram animais que haviam sido alterados pelos feitiços acumulados em Du Weldenvarden e estavam agora sendo atraídos para o Agaetí Blödhren como um homem faminto é atraído pela comida. Eles pareciam se nutrir da presença da magia dos elfos. A maioria ousava se revelar como pares de olhos cintilantes nas cercanias da luz das lanternas. Um animal que se expôs foi a loba - na forma de uma mulher com manto branco - que Eragon havia encontrado antes. Ela estava à espreita, atrás de uma cornácea, tinha os dentes como adagas, expostos num sorriso largo de quem se divertia, seus olhos amarelos corriam de um ponto a outro.

Mas, nem todas as criaturas eram animais. Algumas poucas eram elfos que haviam alterado suas formas originais por funcionalidade ou em busca de um ideal de beleza diferente. Um elfo coberto de pele malhada pulou por cima de Eragon e continuou a dar cambalhotas, ficava de quatro com frequência em vez de ficar de pé. Sua cabeça era estreita e alongada, tinha orelhas parecidas com as de um gato, seus braços ficaram pendurados até os joelhos e suas mãos de dedos longos eram polpudas nas palmas. Depois, duas mulheres elfas idênticas se apresentaram para Saphira. Elas se moviam com uma graça lânguida e, quando tocaram os lábios com as mãos fazendo o cumprimento tradicional, Eragon viu que seus dedos estavam unidos por uma

teia translúcida. “Nós chegamos do fundo, sussurraram”. Quando falaram, três fileiras de guelas pulsaram cada lado de seus pescoços delgados, expondo a pele rosa que havia por baixo. Suas peles brilhavam como se fossem oleosas. Seus cabelos lisos caíam abaixo de seus ombros estreitos.

Ele encontrou um elfo coberto por escamas sobrepostas como as de um dragão, tinha uma crista óssea sobre a cabeça e uma fileira de espinhos descia pelas suas costas, duas chamas pálidas tremeluziam constantemente nas profundezas de suas narinas resplandecentes.

E ele encontrou outros que não eram tão reconhecíveis: elfos cujos contornos oscilavam como se vistos através da água, elfos que, quando não se moviam, eram indistinguíveis das árvores, elfos altos com olhos totalmente negros, mesmo onde deviam ser brancos, que possuíam uma beleza incômoda que atemorizava Eragon e, quando tinham a chance de tocar em algo, o atravessavam como se fossem sombras.

O exemplo máximo desse fenômeno era a Menoa, que outrora foi a elfa Linnëa. A árvore parecia excitar-se com a vida manifestada na atividade que transcorria na clareira. Seus galhos se mexiam, embora nenhuma brisa os tocasse, os rangidos do seu tronco às vezes podiam ser ouvidos para combinar com o fluxo da música, e um ar de suave benevolência emanava da árvore e caía sobre aqueles que estavam na vizinhança...

E lembrava-se de duas crises nas suas costas: ele gritou e gemeu nas sombras, enquanto os elfos enlouquecidos continuavam seus festejos à sua volta e só Saphira vinha para protegê-lo...

No terceiro dia do Agaeti Blödhren, e como Eragon soube mais tarde, ele recitou seus versos para os elfos. Levantou-se e disse:

- Não sou ferreiro, nem possuo habilidades de escultor, tecelão, ceramista, pintor ou de qualquer tipo de arte. Nem posso equiparar os meus feitos encantados aos seus. Com isso, tudo o que me resta são as minhas próprias experiências, tentei contá-las pela lente de uma história, embora não seja nenhum bardo. - Então, à maneira de Brom, quando recitava suas baladas em Carvahall, Eragon entoou:

*No reino perto do mar,
Nas montanhas cobertas de azul,
No último dia de um inverno frígido*

*Nasceu um homem com uma única tarefa:
Matar o inimigo em Durza,
No reino das sombras.
Criado pelos sábios e gentis
Sob carvalhos tão velhos quanto o tempo,
Ele corria com gamos e enfrentava ursos,
E com os mais velhos se aprimorava,
Para matar o inimigo em Durza
No reino das sombras.
Ensinado a espionar o ladrão de preto
Quando agarra os fracos e fortes,
A bloquear seus golpes e enfrentar o demônio
Com trapos, rochas, plantas e ossos,
E matar o inimigo em Durza No reino das sombras.
Rápidos como o pensamento,
os anos se passaram,
Até o homem atingir a maioridade,
Seu corpo ardendo com uma fúria febril
Enquanto a impaciência da juventude queimava suas veias.
Então ele encontrou uma donzela formosa,
Que era alta, forte e sábia,
Cuja frente era enfeitada pela Luz de Gëda,
Que brilham sobre seu vestido rastejante.
Em seus olhos de um azul de meia-noite,
Naquelas poças enigmáticas,
Apareceu para ele um futuro brilhante,
Juntos, onde não teriam
Que temer o inimigo em Durza
No reino das sombras.*

Daí Eragon falou sobre como o homem viajou até o reino de Durza, encontrou e enfrentou seu inimigo, apesar do medo gélido em seu coração. Contudo, acabou triunfando, o homem impediu o golpe fatal, gora que havia derrotado o seu inimigo, não temia a condenação do mortais. Ele não precisou matar seu adversário em Durza. Então o homem embainhou sua espada, voltou para casa e se casou com seu amor numa noite de verão. Ao seu lado,

passou seus muitos dias feliz até sua barba ficar longa e branca. Mas:

*Na escuridão antes do amanhecer
No quarto onde dormia o homem,
O inimigo se arrastou e se assomou
Agora que seu poderoso rival estava tão fraco.
Do seu travesseiro, o homem
Levantou a cabeça e fitou
A face fria e vazia do Fim,
O rei da noite eterna.
Uma calma aceitação encheu
O coração velho do homem,
Pois há muito ele perdera o medo do abraço da Morte
O último abraço que um homem conhecerá
Suave como a brisa da manhã
Curvou-se o inimigo e do homem
Seu espírito ardente e pulsante tomou, E
dai em paz eles ficaram
Para todo o sempre em Durza,
No reino das sombras.*

Eragon ficou quieto e, consciente dos olhares que sobre ele pairavam, abaixou a cabeça e logo encontrou o seu lugar. Sentia-se embaraçado por ter revelado tanto de si próprio.

O lorde elfo, Däthedr, disse:

- Você se subestima, Matador de Espectros. Parece que você descobriu um novo talento.

Islanzadí ergueu uma de suas mãos pálidas.

- Seu trabalho será anexado à grande biblioteca na Mansão Tialdarí, Eragon-finiarel, para que todos que quiserem possam apreciá-lo. Embora o seu poema seja uma alegoria, acredito que tenha ajudado a muitos de nós a entender melhor as dificuldades enfrentadas por você, desde que o ovo de Saphira apareceu em sua vida, pelas quais nós somos, de uma maneira nada insignificante, responsáveis. Você devia lê-lo novamente para nós a fim de que possamos pensar mais profundamente em seu conteúdo. Feliz Eragon inclinou a cabeça e fez o que ela mandou. Depois, foi de Saphira apresentar seu trabalho para os elfos. Voou pela noite e ou com uma pedra negra, ela

tinha o triplo do tamanho de um homem de grande estatura. Aterrissando com as patas traseiras, colocou a pedra no meio do gramado, para que pudesse ser vista por todos. A rocha brilhante havia sido fundida e de algum modo moldada em curvas intrincadas, uma envolvendo a outra, como ondas congeladas. As línguas de rocha esfriadas se retorciam de tal maneira que o olho tinha dificuldade de acompanhar um único risco da base até a ponta, e, em vez disso, passava rapidamente de uma espiral para a seguinte.

Como essa era a primeira vez em que via a escultura, Eragon a contemplou com o mesmo interesse dos elfos. *Como você fez isso?*

Os olhos de Saphira piscaram de alegria. *Lambi a pedra derretida.* Depois ela se agachou e soltou fogo sobre a pedra, banhando-a dentro de um pilar dourado que ascendia na direção das estrelas e se agarrava a elas com dedos luzentes. Quando Saphira fechou sua mandíbula, as extremidades da escultura, que eram finas como papel, brilhavam num tom vermelho vivo. enquanto pequenas chamas bruxuleavam nas cavidades escuras e nas reentrâncias espalhadas pela rocha. Os filetes de rocha que fluíam pareciam se mover sob uma luz hipnótica.

Os elfos exclamaram maravilhados, batendo palmas e dançando em volta da obra. Um deles gritou:

- Muito bem forjado, Escamas Brilhantes! É *lindo*, disse Eragon.

Saphira tocou em seu braço com o focinho. *Obrigado, pequenino.*

Então Glaedr trouxe a sua oferenda: uma tora de carvalho vermelho que ele havia entalhado com a ponta de uma de suas garras, deu forma a uma espécie de visão aérea de Ellesméra. E Oromis revelou a sua contribuição: o pergaminho completo que Eragon o vira ilustrando constantemente durante suas lições. Ao longo da metade superior do pergaminho bordejavam colunas de glifos - uma cópia de “A Balada de Vestarí, o Marinheiro - enquanto que na metade de baixo havia o panorama de uma paisagem fantástica, representado com detalhes, um nível artístico e uma habilidade de tirar o fôlego”.

Arya pegou Eragon pela mão e o arrastou pela floresta na direção da Menoa, onde lhe disse:

- Veja como a esfera de luz criada por Islanzadí está enfraquecendo. Nos restam apenas umas poucas horas antes da chegada do amanhecer e

temos que voltar para o mundo da fria razão.

Em volta da árvore, uma multidão de elfos estava reunida, seus rostos brilhavam de tanta ansiedade. Com grande dignidade, Islanzadí emergiu de dentro de seu âmago e andou por uma raiz, tão larga quanto uma vereda, até ela formar um ângulo ascendente e voltar a dobrar-se sobre si mesma. Ela ficou em pé sobre a plataforma retorcida, contemplava os pequenos elfos que esperavam.

- Como é de nosso costume, e como foi acordado no final da Guerra dos Dragões pela rainha Tarmunora, o primeiro Eragon, e o dragão que representava sua raça (aquele cujo nome não pode ser pronunciado nesta ou em qualquer outra língua) quando uniram os destinos de elfos e dragões, nos encontramos para honrar nosso juramento ao sangue com canções, danças e o fruto do nosso trabalho. Da última vez que esta celebração ocorreu, há muitos e longos anos atrás, nossa situação era realmente desesperadora. Ela melhorou um pouco como resultado dos nossos esforços, como também por causa do empenho dos anões e dos Varden. embora a Alagaësia ainda paire sob a sombra negra dos Wyrdfell e ainda tenhamos de viver com a vergonha que sentimos por termos falhado com os dragões.

"Dos Cavaleiros de antigamente, só Oromis e Glaedr ainda sobrevivem. Brom e muitos outros foram para o vácuo neste último século. No entanto, uma nova esperança nos foi concedida na forma de Eragon e Saphira, e é certo e apropriado que ambos estejam aqui agora, quando reafirmamos o pacto que existe entre as nossas três raças."

Ao sinal da rainha, os elfos desobstruíram uma grande área na base da Menoa. Em torno do perímetro, fixaram uma série de lanternas em círculo, montadas sobre estacas entalhadas, enquanto músicos com flautas, harpas e tambores reuniam-se ao longo do sulco de uma raiz longa. Guiado por Arya até a beira do círculo, Eragon se viu sentado entre ela e Oromis, enquanto Saphira e Glaedr estavam agachados, cada um de um lado, como se fossem dois promontórios cravejados de jóias.

Para Eragon e Saphira, Oromis disse:

- Observem tudo atentamente, pois isto é de grande importância para a sua herança como Cavaleiros.

Quando todos os elfos estavam acomodados, duas donzelas elfas

andaram até o centro do espaço na multidão e ficaram em pé de costas uma para a outra. Eram excessivamente lindas e idênticas em todos os aspectos, exceto pelo seu cabelo: uma tinha cachos tão negros quanto uma poça esquecida, enquanto a da outra cintilava como arame prateado e polido.

- São as Vigilantes, Iduna e Nēya - sussurrou Oromis. Do ombro de Islanzadí, Blagden gritou:

- *Wyrda!*

Movendo-se concomitantemente, as duas elfas ergueram as mãos até os broches em seus pescoços, desabotoaram-nos, permitindo que seus mantos brancos caíssem. Embora não usassem roupas por baixo, as mulheres estavam cobertas por uma tatuagem iridescente de dragão. A tatuagem começava com a cauda do dragão envolvendo o tornozelo esquerdo de Iduna, subia por sua perna e coxa, chegava ao torso e depois atravessava para as costas de Nēya finalizando com a cabeça do dragão no peito desta. Cada escama do dragão estava pintada de uma cor diferente, as nuances vibrantes davam à tatuagem a aparência de um arco-íris.

As donzelas entrelaçavam suas mãos e braços para que o dragão parecesse um todo contínuo, ondulando de um corpo para o seguinte sem interrupção. Então, cada uma delas levantou um pé descalço e o trouxe de volta para o chão cheio de gente com um leve baque: *bum*.

E mais uma vez: *bum*.

No terceiro *bum*, os músicos bateram nos seus tambores no mesmo ritmo. Um *bum* depois, os harpistas puxaram as cordas de seus instrumentos dourados e, no instante seguinte, os elfos com as flautas se juntaram à pulsante melodia.

Lentamente a princípio, mas com uma velocidade cada vez maior, Iduna e Neva começaram a dançar, marcando o tempo com o bater dos seus pés na lama, e ondulando para que não parecesse que elas é que estavam se movendo e sim o dragão sobre as duas. Ambas ficaram girando sem parar e o dragão voava em círculos intermináveis por suas peles.

Depois, as gêmeas acrescentaram suas vozes à música, dando mais força à batida com seus gritos ferozes. As letras eram versos de um encanto tão complexo que Eragon não conseguiu captar seu significado. Como o vento que se levanta e precede uma tempestade, os elfos acompanharam o

encantamento, cantando em uníssono, comungando o pensamento e a intenção. Eragon não sabia as letras, mas se viu cantando-as junto com os elfos, que passavam rapidamente com uma cadência inexorável - Ele ouviu Saphira e Glaedr murmurando também, com uma pulsação tão forte e profunda que vibrava dentro dos seus ossos, fazia sua pele formigar e o ar emitir uma luz trêmula.

Iduna e Nēya giravam cada vez mais rápido até seus pés se tornarem uma mancha empoeirada, seus cabelos ventilarem ao seu redor e brilharem com uma camada de suor. As donzelas aceleraram até uma velocidade inumana e a música chegar ao clímax. Num frenesi de frases entoadas. Até que um raio de luz correu por toda a extensão da tatuagem de dragão, da cabeça ao rabo, e o dragão se mexeu. A princípio, Eragon achou que seus olhos o estavam enganando, até que a criatura piscou, ergueu suas asas e apertou suas garras.

Uma rajada de fogo brotou do estômago do dragão enquanto ele soltava e se livrava da pele das elfas, subindo aos céus, onde ele pairou, batendo as asas. A ponta de sua cauda continuava conectada às gêmeas que estavam embaixo, como se fosse um cordão umbilical cintilante. A fera gigante se esforçava para seguir na direção da lua negra, soltou um rugido indomado de eras passadas e depois se virou para sondar os elfos reunidos.

Enquanto o olhar maligno do dragão caía sobre ele, Eragon sabia que a criatura não era uma mera aparição, mas um ser consciente determinado e sustentado pela magia. O canto abafado de Saphira e Glaedr foi ficando cada vez mais alto até que bloqueou todos os outros sons dos ouvidos de Eragon. Mais acima, o fantasma da raça fazia acrobacias sobre os elfos, roçando neles com uma asa irreal. Acabou parando diante de Eragon, envolvendo-o num turbilhão infinito com o olhar fixo. Guiado por algum instinto, Eragon levantou a mão direita, cuja palma formigava.

Em sua mente, ecoava uma voz de fogo: *E o nosso presente para que você possa fazer o que deve.*

O dragão dobrou o pescoço e, com seu focinho, tocou o centro da gedwéy ignasia de Eragon. Uma faísca saltou entre eles e Eragon ficou rígido enquanto um calor incandescente fluía pelo seu corpo, consumindo seu interior. Sua visão ardia em tons vermelhos e pretos, e a cicatriz em suas

costas queimava como se o estivesse marcando com ferro quente. Em busca de segurança, ele se internou profundamente dentro de si, onde as trevas o envolveram e o rapaz não teve forças para resistir.

Por fim, ele mais uma vez ouviu a voz de fogo dizer: *É o nosso presente para você.*

NUMA CLAREIRA ESTRELADA

Eragon estava sozinho quando acordou. Ele abriu os olhos e via o teto entalhado da casa da árvore. Lá fora, a noite ainda reinava e os sons dos festejos dos elfos pairavam oriundos da cidade que resplandecia lá embaixo.

Antes que ele notasse algo a mais do que isso, Saphira pulou para dentro de sua mente, irradiando preocupação e ansiedade. Passou para ele uma imagem dela ao lado de Islanzadí na Menoa, até que sua parceira lhe fez uma pergunta: *Como você está?*

Sinto-me... bem. Melhor do que tenho me sentido há um bom tempo. Por quanto tempo eu...

Só uma hora. Eu teria ficado com você, mas eles precisaram de Oromis, Glaedr e de mim para completar a cerimônia. Você devia ter visto a reação dos elfos quando desmaiou. Nada assim havia acontecido anteriormente.

Foi você que provocou isso, Saphira?

Não foi só um trabalho meu nem de Glaedr. As memórias da nossa raça, que receberam forma e substância através da magia dos elfos, o consagraram com seja lá qual for a destreza que nós dragões possuímos, por você ser a nossa melhor esperança para evitar a extinção.

Não entendo.

Olhe num espelho, sugeri eu. Depois descanse, se recupere, que eu irei me juntar a você novamente ao amanhecer.

Ela partiu e Eragon se levantou, alongou-se, pasmo com a sensação de bem-estar que o impregnava. Chegando ao banheiro, pegou o espelho que usava para se barbear e o colocou sob a luz de uma lanterna próxima.

Eragon congelou, surpreso.

Era como se as inúmeras mudanças físicas que, ao longo do tempo, alteram a aparência de um Cavaleiro humano - as quais Eragon já havia começado a experimentar desde que se uniu a Saphira - tivessem sido completadas enquanto ele estava inconsciente. Seu rosto agora era tão liso e anguloso quanto o de um elfo, tinha orelhas afiladas e olhos inclinados como os deles, e uma pele tão pálida quanto um alabastro e que parecia emitir um leve brilho, como se estivesse com o resplendor da magia. *Eu pareço com um jovem príncipe.* Eragon jamais havia aplicado tal termo a um homem antes, quanto mais a si próprio, mas a única palavra que podia descrevê-lo agora era *lindo*. Contudo ele não era inteiramente um elfo. Seu maxilar era mais forte, suas sobrancelhas mais grossas, seu rosto mais largo. Ele era mais belo do que qualquer humano e mais vigoroso do que qualquer elfo.

Com dedos trêmulos, Eragon tateou a região em torno da nuca em busca da sua cicatriz.

Não sentiu nada.

Eragon tirou sua túnica e se retorceu todo em frente ao espelho para examinar suas costas. Ela estava tão lisa quanto antes da batalha de Farthen dūr. As lágrimas brotaram dos olhos de Eragon enquanto ele deslizava a mão até o local onde Durza o havia aleijado. Ele sabia que suas costas nunca mais iriam incomodá-lo novamente.

Não foi apenas aquela marca brutal que ele optara por manter que havia sumido, todas as suas outras cicatrizes e imperfeições haviam desaparecido do seu corpo, deixando-o tão imaculado quanto um bebê recém-nascido. Eragon olhou seu pulso, onde havia se cortado enquanto amolava a foice de Garrow. Não havia mais nenhuma evidência do corte. As cicatrizes irregulares na parte interna de suas coxas, vestígios de seu primeiro voo com Saphira, também haviam desaparecido. Por um instante, ele sentiu falta delas como registros de sua vida, mas seu pesar não durou, assim que percebeu que os danos provocados por todos os ferimentos que já havia sofrido, independente do tamanho, haviam sido reparados.

Eu me tornei o que estava predestinado a ser, pensou ele antes de respirar fundo aquele ar inebriante.

Deixou o espelho cair em cima da cama e se vestiu com suas melhores roupas: uma túnica vermelha costurada com fios dourados, um

cinto enfeitado com uma pedra de jade branca, perneiras quentes de feltro, um par de botas de pano usadas pelos elfos, e sobre os antebraços, pulseiras de couro que os anões haviam lhe dado.

Descendo da árvore, Eragon vagou pelas sombras de Ellesméra e observou os elfos farreando no calor da noite. Nenhum deles o reconheceu, embora o tivessem cumprimentado como um dos seus e o convidado para partilhar de suas folias desregradas.

Eragon vagava num estado de consciência elevada, seus sentidos rufando com a multidão de novas imagens, sons, cheiros e sentimentos que o assaltavam. Ele podia enxergar na escuridão que o teria deixado cego antes. Podia tocar numa folha e, só pelo tato, contar os pêlos que nela cresciam. Podia identificar os odores que o vento trazia para perto de tão bem quanto um lobo ou um dragão. E podia ouvir os ruídos dos tos na vegetação rasteira, assim como o barulho que um pedaço de casca de árvore fazia quando caía na terra, a batida de seu coração era um tambor para ele.

Seu caminho incerto o levou até a Menoa, onde ele parou para observar Saphira em meio às festividades, embora não tivesse se revelado para aqueles que estavam na clareira.

Aonde você vai, pequenino?, perguntou ela.

Ele viu Arya se levantar de onde estava, ao lado da mãe, seguir por entre os elfos que estavam reunidos e então, como uma fada da floresta, deslizar por baixo das árvores mais distantes. *Eu ando entre a luz de vela e a escuridão*, respondeu ele antes de seguir Arya.

Eragon rastreou a elfa através do seu perfume delicado de folhas de pinheiro moídas, do toque suave de seu pé no chão e da tontura provocada por seu rastro no ar. Ele a encontrou em pé e solitária na beira de uma clareira, com a postura de uma criatura selvagem, enquanto observava as constelações mudando no céu.

Enquanto Eragon aparecia, Arya o olhou e ele sentiu como se ela o estivesse vendo pela primeira vez. Seus olhos se arregalaram e ela sussurrou:

- E você, Eragon?
- Sim.
- O que fizeram com você?
- Não sei.

Ele foi até onde estava a elfa e juntos os dois vagaram pela mata densa, que ecoava com os fragmentos de música e vozes procedentes das festividades. Mudado como estava, Eragon estava intensamente consciente da presença de Arya, do murmúrio de suas roupas sobre a pele, da exposição suave e pálida do seu pescoço, e de seus cílios, que estavam cobertos com uma camada de óleo que os fazia reluzir e encrespar como pétalas negras molhadas de chuva.

Pararam na margem de um córrego estreito de águas muito claras, invisível sob aquela luz sutil. A única coisa que denunciava a sua presença era o gorgolejo rouco da água correndo sobre as rochas. Em torno deles, os pinheiros grossos formavam uma caverna de galhos, escondendo Eragon e Arya do mundo e abafando o inerte ar fresco. O vale parece imutável, como se tivesse sido removido do mundo e protegido por alguma magia contra o destruidor sopro de tempo.

Naquele lugar secreto, Eragon se sentiu subitamente próximo a Arya e toda a sua paixão por ela veio à tona. Ele estava tão inebriado com a força e a vitalidade que corriam pelas suas veias - assim como pela magia indômita que enchia a floresta - que ignorou a cautela e disse:

- Como as árvores são altas, como as estrelas são brilhantes... e como você é linda, ó Arya Svit-kona. - Em circunstâncias normais ele teria considerado seu feito como o máximo da insensatez, mas naquela noite excitante e impulsiva, parecia uma atitude perfeitamente sã.

Ela foi firme.

- Eragon...

Ele ignorou seu aviso.

- Arya, eu faria qualquer coisa para ganhar a sua mão. Seguiria você até o fim do mundo. Construiria um palácio para você sem usar nada a não ser as minhas próprias mãos. Iria...

- Você pode parar de me perseguir? Dá para me prometer isso? - No que ele hesitou, ela se aproximou e disse, num tom de voz baixo e suave. - Eragon. não pode ser. Você é jovem e eu sou velha, e isso jamais mudará.

- Você não sente nada por mim?

- Meus sentimentos por *você* - disse ela - são os de uma amiga e nada mais. Estou grata por você ter me resgatado de Gil'ead e acho a sua

companhia muito agradável. Isso é tudo... Desista dessa sua investida... ela só lhe trará problemas... e encontre alguém da sua idade para passar os longos anos que estão por vir.

Os olhos do rapaz ficaram cheios de lágrimas.

- Como você pode ser tão cruel?

- Não estou sendo cruel e sim gentil. Eu e *você* não fomos feitos um para o outro.

No desespero, ele sugeriu:

- *Você* poderia me conceder as suas lembranças, e daí eu teria toda a sua experiência e conhecimento.

- Isso seria abominável. - Arya levantou o queixo, com uma expressão pesada, solene e prateada, por causa das estrelas que luziam. Uma certa dureza se apossou de sua voz. - Ouça-me bem, Eragon. Isso não pode e nunca acontecerá. E até que você consiga se controlar, nossa amizade deve acabar, as suas emoções apenas nos desviam do nosso dever. - Ela se curvou em direção ao Cavaleiro. - Adeus, Eragon Matador de Espectros. - Então, ela saiu a passos largos e sumiu Du Weldenvarden adentro.

Agora as lágrimas rolavam pelo rosto de Eragon e caíam sobre os musgos que estavam abaixo, onde ficaram sem ser absorvidas, como se fossem pérolas espalhadas por um cobertor de veludo esmeralda.

Estarrecido, Eragon se sentou num tronco apodrecido e afundou seu rosto nas mãos, chorando pelo fato do seu afeto por Arya estar condenado a permanecer não correspondido e por tê-la afastado ainda mais.

Poucos instantes depois, Saphira se juntou a ele. *Oh, pequenino.* Ela o aninhou. *Por que você tinha que infligir isso a si mesmo? Você sabia o que iria acontecer caso tentasse cortejar Arya novamente.*

Não consegui me conter. Ele abraçou sua barriga e ficou balançando de um lado para o outro sobre o tronco, reduzido a soluços por conta da intensidade de seu sofrimento. Colocando uma de suas asas quentes sobre ele. Saphira o trouxe para mais perto de si, como faria a mãe falcão com sua prole. Ele se recostou nela todo enroscado e permaneceu ali aconchegado enquanto a noite virava dia e o Agaetí Blödhren chegava ao fim.

TERRA À VISTA

Roran estava de pé no tombadilho do *Javali Vermelho*, tinha os braços cruzados na altura do peito e mantinha os pés separados para equilibrar-se no barco. O vento salgado deixava o seu cabelo ouriçado, puxava a sua barba espessa e fazia cócegas nos pêlos dos seus antebraços expostos.

Ao seu lado, Clóvis manobrava a cana do leme. O marinheiro bronzeado apontou na direção da costa, para uma pedra coberta de gaivotas, cuja silhueta aparecia no topo de uma colma que se estendia para dentro do oceano.

- Teirm está do outro lado daquele pico.

Roran, com os olhos semicerrados, encarou o sol da tarde, cujo reflexo se estendia pelo oceano numa faixa luminosa e ofuscante.

- Vamos parar aqui, por enquanto.

- Você não quer entrar logo na cidade?

- Não podemos ir todos nós de uma vez só. Chame Torson e Flint e faça com que eles conduzam as barcaças para aquela praia. Parece ser um bom lugar para acampar.

Clóvis fez uma careta.

- Arrgh. Estava esperando que fosse ter uma boa refeição quente hoje à noite. - Roran entendeu. A comida fresca de Narda já havia sido devorada há muito tempo, agora tinham apenas carne de porco salgada, arenque salgado, repolho salgado, bolachas que os aldeões haviam feito com a farinha comprada, vegetais conservados em salmoura e a carne fresca só quando os aldeões resolviam matar um dos poucos animais que restavam ou conseguiam caçar quando desembarcavam.

A voz áspera de Clóvis ecoou por sobre a água ao berrar para os capitães das outras duas chatas. Quando se aproximaram, ordenou que os dois seguissem para a praia, para seu gritante desprazer. Eles e os outros marujos estavam certos de que alcançariam Teirm naquele dia e que desperdiçariam o seu pagamento com os prazeres da cidade.

Depois que as chatas chegaram à praia, Roran andou entre os aldeões e os ajudou a montar tendas aqui e acolá, descarregaram equipamento e pegaram água num rio próximo, ele ofereceu sua ajuda até que dos estivessem acomodados. Deteve-se para dar a Morn e a Tara uma palavra

de estímulo, pois os dois pareciam estar desesperados, mas recebeu uma resposta comedida. O dono da taverna e sua esposa estavam mantendo uma certa distância dele desde que deixaram o vale Palancar. No todo, os aldeões estavam em melhores condições do que quando chegaram a Narda, devido ao tanto que puderam descansar nas barcas, mas a preocupação constante e a exposição a condições severas evitaram que eles pudessem se recuperar tão bem quanto Roran esperava.

- Martelo Forte, você vai cear conosco, na nossa tenda, hoje à noite?

- perguntou Thane, vindo na direção de Roran.

Roran declinou do convite da forma mais elegante possível, virou-se e se viu cara a cara com Felda, cujo marido, Byrd, havia sido assassinado por Sloan. Ela se curvou, numa rápida reverência, e depois disse:

- Posso falar com *você*, Roran Garrowson? Ele lhe sorriu.

- Sempre, Felda. *Você* sabe disso.

- Obrigada. - Com uma expressão furtiva, ela tateou a barra do seu xale e se voltou na direção de sua tenda. - Gostaria de lhe pedir um favor. Tem a ver com Mandel - Roran acenou com a cabeça, ele havia escolhido seu filho mais velho para acompanhá-lo na fatídica ida a Narda, na qual matou os dois guardas. Mandel havia se portado de maneira admirável, assim como o fez nas semanas em que tripulou o *Edeline* e aprendeu o que podia sobre como pilotar as chatas. - Ele se afeiçoou aos marinheiros da nossa barca e começou a jogar dados com aqueles homens sem lei. Não por dinheiro, pois não temos nenhum, mas por pequenas coisas. Coisas das quais precisamos.

- *Você* pediu para ele parar?

Felda começou a enroscar os fios da barra do xale.

- Temo que, desde que seu pai morreu, ele não me respeite mais, como antes. Meu filho se tornou um homem arredo e teimoso.

Todos nós ficamos arredos, pensou Roran.

- E o que *você* quer que eu faça em relação a isso? - perguntou ele, delicadamente.

- Você já agiu de forma generosa com Mandel. Ele o admira. Se você conversar com ele, vai escutá-lo.

Roran considerou o pedido, depois disse:

- Muito bem, farei o que puder. - Felda se curvou, aliviada. - Diga-

me, aliás, o que ele perdeu nos dados?

- Comida, principalmente. - Felda hesitou e depois acrescentou.
-Mas sei que ele colocou em risco o bracelete da minha avó, em troca de um coelho que aqueles homens haviam capturado.

Roran franziu a testa.

- Acalme seu coração, Felda. Vou resolver o assunto assim que puder.

- Obrigada. - Felda fez outra reverência, depois sumiu no meio das tendas improvisadas, deixou Roran refletindo sobre o que ela havia acabado de dizer.

Ele ficou coçando a barba distraidamente enquanto andava. O problema com Mandel e os marinheiros tinha duas faces, Roran havia notado que, desde que os barcos partiram de Narda, um dos homens de Torson. Frewin, havia ficado mais íntimo de Odeie - uma jovem amiga de Katrina. *Eles podem vir a causar problemas quando nos separarmos de Clóvis.*

Tomando cuidado para não atrair atenção indevida, Roran atravessou o acampamento, reuniu os aldeões nos quais ele mais confiava e os fez acompanharem-no até a tenda de Horst, onde disse:

- Os cinco sobre os quais concordamos partirão agora, antes que fique muito tarde. Horst irá ficar no meu lugar enquanto eu estiver distante. Lembrem-se de que sua tarefa mais importante é a de garantir que Clóvis não se vá com as barcaças ou as danifique de alguma maneira. Elas podem vir a ser o nosso único meio de alcançar Surda.

- Além disso, tomem cuidado para que não sejamos descobertos -comentou Orval.

- Exatamente. Se nenhum de nós tiver retornado ao cair da noite de depois de amanhã, aceitem que fomos capturados. Peguem as barcaças. Sigam para Surda, mas não parem em Kuasta para comprar mantimentos, pois o Império provavelmente estará por lá esperando. Vocês terão que encontrar comida em outro lugar.

Enquanto seus companheiros se preparavam, Roran foi até a cabine de Clóvis *no Javali Vermelho*.

- Só vão vocês cinco? - exigiu saber Clóvis depois que Roran explicou o seu plano.

- Isso mesmo. - Roran fitou Clóvis com seu olhar firme até o sujeito ficar inquieto. - E quando eu voltar, espero que você, estas barcaças e todos os seus homens ainda estejam aqui.

- Você ousa questionar a minha honra depois de tudo o que fiz para manter o nosso acordo?

- Não estou questionando nada, só estou lhe dizendo o que espero. Há muita coisa em jogo. Se você nos trair agora, condenará todo o nosso vilarejo à morte.

-Eu sei disso - murmurou Clóvis, evitando os seus olhos.

- Minha gente irá se defender durante a minha ausência. Enquanto houver ar em seus pulmões, eles não se renderão, não se enganarão nem serão abandonados. E se o infortúnio lhes sobreviesse, eu os vingaria mesmo se tivesse que andar mil léguas e enfrentar o próprio Galbatorix. Preste atenção nas minhas palavras, mestre Clóvis, pois falo a verdade.

- Não gostamos tanto do Império quanto você parece acreditar - protestou Clóvis. - Eu não lhes faria um favor maior do que ao meu vizinho.

Roran sorriu num deleite inflexível.

- Os homens farão tudo para proteger suas famílias e seus lares. Enquanto Roran levantava o trinco da porta, Clóvis perguntou:

- E o que *você* fará assim que chegarem a Surda?

- Nós iremos...

- Nós não: *você*. O que você fará? Eu o observei, Roran. Eu o ouvi. E você me parece ser um bom sujeito, mesmo que eu não goste do jeito com o qual lida comigo. Mas não consegue entrar na minha cabeça que você vá largar o seu martelo e pegar na enxada novamente, só porque chegou a Surda.

Roran apertou o trinco até suas articulações ficarem esbranquiçadas.

- Quando eu tiver deixado o vilarejo inteiro em Surda - disse com uma voz tão vazia quanto um deserto enegrecido - daí poderei sair para caçar.

- Ah. Vai sair atrás daquela sua namorada ruiva? Ouvi essa conversa circulando por aí, mas eu não...

A porta bateu atrás de Roran depois que ele saiu da cabine. Ele deixou sua raiva arder por um instante - aproveitando a liberdade da emoção - antes de começar a reprimir seus sentimentos rebeldes. Ele seguiu até a tenda

de Felda, onde Mandel estava jogando uma adaga numa tora.

Felda tem razão, alguém tem que botar algum juízo nesse garoto.

- Você está perdendo o seu tempo - disse Roran. Mandel se virou, surpreso.

- Por que *voce* está dizendo isso?

- Numa luta de verdade, você está mais propenso a perder o olho do que a ferir o seu inimigo. Se não souber a distância exata entre você e o alvo...

- Roran encolheu os ombros. - Você pode até mesmo arremessar pedras.

Ele observou meio desinteressado enquanto o homem mais jovem falava cheio de orgulho.

- Gunnar me falou de um homem que conheceu em Cithrí que podia acertar um corvo em pleno vôo oito em cada dez vezes com sua faca.

- E numa das duas outras vezes você é morto. Normalmente é uma péssima idéia jogar a sua arma durante uma batalha. - Roran fez um sinal com a mão, para se prevenir contra as objeções de Mandel. - Pegue o seu equipamento e me encontre na montanha perto do riacho daqui a quinze minutos. Decidi que você deve ir conosco até Teirm.

- Sim, senhor! - Com um sorriso entusiasmado, Mandel se enfiou dentro da tenda e começou a arrumar suas coisas.

Enquanto Roran saía, deu de cara com Felda, que carregava sua filha mais nova apoiada num dos quadris. Felda lançou o olhar para Roran e em seguida para a movimentação de Mandel dentro da tenda, e seu rosto se contraiu.

- Mantenha-o em segurança, Martelo Forte. - Ela pôs a sua filha no chão e depois saiu apressada para ajudar Mandel a juntar os itens de que iria precisar.

Roran foi o primeiro a chegar ao morro. Ele se acocorou numa pedra branca, grande e arredondada pela erosão e ficou olhando para o mar enquanto se preparava para a tarefa que tinha pela frente. Quando Loring, Gertrude, Birgit e Nolfavrell, filho de Birgit, chegaram, Roran pulou da pedra e disse:

- Temos de esperar por Mandel, ele se juntará a nós.

- Para quê? - perguntou Loring. Birgit também franziu a testa.

- Pensava que tínhamos concordado que ninguém deveria nos

acompanhar. Principalmente Mandel, já que ele foi visto em Narda. Já é bastante perigoso ter você e Gertrude por perto, e Mandel só aumentará as chances de que alguém venha a nos reconhecer.

- Vou correr o risco. - Roran fitou cada um deles de volta. - Ele precisa vir. - No fim das contas, todos o ouviram e, com Mandel, os seis seguiram para o sul, rumo a Teirm.

TEIRM

Naquela área, o litoral era composto de morros baixos, inclinados e verdejantes, com relva exuberante e eventuais arbustos espinhosos, salgueiros e choupos. A terra macia e enlameada cedia sob os seus pés e dificultava o caminhar. A sua direita havia o mar resplandecente. A esquerda dava para ver o contorno púrpura da Espinha. As fileiras de montanhas cobertas de neve estavam guarneçadas pelas nuvens e pela cerração.

Enquanto os companheiros de Roran se dirigiam para além das propriedades que rodeavam Teirm - algumas fazendas e alguns verdadeiros latifúndios -, faziam um grande esforço para passarem despercebidos. Quando encontraram a estrada que ligava Narda a Teirm, eles a atravessaram rapidamente e continuaram seguindo para o leste, na direção das montanhas, por mais alguns quilômetros antes de virarem para o sul novamente. Uma vez convictos de que haviam circundado a cidade, 457 tomaram novamente a direção do oceano até encontrarem a estrada meridional.

Durante o tempo que passou no *Javali Vermelho*, ocorreu a Roran que os oficiais de Narda deduziriam que o assassino dos dois guardas estava entre os homens que partiram nas chatas de Clóvis. Sendo assim, mensageiros teriam avisado os soldados de Teirm para ficarem de olho em qualquer um cujas descrições batessem com as dos aldeões em questão. E se os Ra'zac haviam visitado Narda, então os soldados também sabiam que não estavam procurando apenas um punhado de assassinos, mas sim Roran Martelo Forte e os refugiados de Carvahall. Teirm poderá ser uma enorme armadilha. Contudo eles não podiam evitar a cidade, os aldeões precisavam de suprimentos e transporte.

Roran havia decidido que a melhor precaução a tomar contra a captura era não mandar para Teirm ninguém que havia sido visto em Narda, exceto Gertrude e ele - Gertrude porque só ela sabia quais eram os ingredientes para os remédios e Roran porque, embora estivesse mais penso a ser reconhecido, não confiava em mais ninguém para fazer o necessário. Ele sabia que possuía a coragem quando os outros hesitavam, como na vez em que matou os guardas. O resto do grupo foi escolhido para minimizar suspeitas. Loring era velho, mas era um bom guerreiro e excelente mentiroso. Birgit havia se mostrado forte e sagaz, e seu filho, Nolfavrell, já havia matado um homem em combate, apesar de sua tenra idade. Com sorte, não pareceriam nada mais do que uma família grande viajando. *Quer dizer, se Mandel não jogar o plano por água abaixo*, pensou Roran.

Também foi idéia de Roran entrar em Teirm pelo sul, e com isso fazer parecer mais improvável que eles tivessem vindo de Narda.

A noite estava se aproximando quando Teirm apareceu no horizonte, branca e fantasmagórica no crepúsculo. Roran parou para analisá-la. A cidade murada estava isolada na beira de uma ampla baía, fechada e inexpugnável. Algumas tochas brilhavam entre os merlões das ameias, os arqueiros patrulhavam seus circuitos intermináveis. Além das muralhas se erguia uma cidadela, e mais no topo ainda um farol facetado, que movia seu feixe de luz enevoadado pelas águas escuras.

- É tão grande - disse Nolfavrell.

Loring virou a cabeça sem tirar os olhos de Teirm.

- Sim, e como.

Um navio amarrado em um dos quebra-mares de pedra chamou a atenção de Roran. A embarcação tinha três mastros, era maior do que qualquer uma que ele vira em Narda, tinha um castelo de proa alto, duas carreiras de toletes e doze poderosas balistas montadas em cada bordo do convés para lançar dardos. A magnífica embarcação parecia tão adequada ao comércio quanto à guerra. E o que era mais importante, Roran achava que ela poderia *-poderia-* abrigar toda o vilarejo.

- É daquilo que precisamos - disse ele, apontando. Birgit emitiu um grunhido amargo.

- Teríamos que nos vender como escravos para conseguirmos viajar naquele monstro.

Clóvis avisara que o portão de ferro de Teirm fechava ao cair do sol, por isso aceleraram o passo para evitar ter de passar a noite na zona rural. À medida que se aproximavam dos muros claros, a estrada foi ficando congestionada, havia dois fluxos acelerados de pessoas: uns entravam e outros saíam apressados de Teirm.

Roran não preverá tanto tráfego, mas logo percebeu que isso poderia proteger seu grupo de uma atenção indesejada. Acenando para Mandel, Roran disse:

- Fique um pouco para trás e siga uma outra pessoa quando atravessar o portão, para que os guardas não achem que você está conosco.

Esperaremos por você do outro lado. Se eles perguntarem, você veio até aqui buscar um emprego como marinheiro.

- Sim, senhor.

Enquanto Mandel ficava para trás, Roran curvou um dos ombros, fingiu mancar, e começou a ensaiar a história que Loring havia forjado para explicar sua presença em Teirm. Ele saiu da estrada e abaixou a cabeça, quando um sujeito passou conduzindo uma parelha de bois pesados, grato pelas sombras que ocultaram suas feições.

O portão assomava à frente, lavado num vago tom laranja, por causa das tochas laterais da entrada. Mais abaixo havia dois soldados com as chamas entrelaçadas de Galbatorix costuradas na parte da frente de suas túnicas vermelhas. Nenhum dos homens armados chegou ao menos a reparar em Roran e seus companheiros enquanto eles passaram arrastando os pés por baixo do portão de ferro e pelo pequeno túnel que vinha logo depois.

Roran ajeitou os ombros e sentiu parte da sua tensão diminuir. Ele e os outros se reuniram no canto de uma casa, onde Loring murmurou:

- Até agora, tudo bem.

Quando Mandel se juntou novamente a eles, o grupo saiu para encontrar uma estalagem barata onde pudessem alugar um quarto. Enquanto caminhavam, Roran estudou o desenho da cidade e de suas casas fortificadas - mais altas progressivamente quanto mais ao centro da cidadela - e as ruas gradeadas. Aquelas que iam do norte para o sul se projetavam da cidadela

como se fossem raios de luz, enquanto as que iam do leste para o oeste se curvavam transversalmente e formavam um desenho de teia de aranha, criavam inúmeros nichos para barreiras e guarnições de com soldados.

Se Carvahall tivesse sido construída assim, pensou ele, ninguém poderia nos derrotar além do próprio rei.

Ao anoitecer eles já haviam conseguido se acomodar no Castanheiro Verde, uma taverna absolutamente repulsiva com uma cerveja péssima e camas infestadas de pulgas. Sua única vantagem era o preço baixo. Foram dormir sem jantar para economizar seu precioso dinheiro e se amontoaram para evitar que suas bolsas fossem roubadas por um dos outros hóspedes da taverna.

No dia seguinte, Roran e seus companheiros deixaram o Castanheiro Verde antes do amanhecer para conseguir provisões e transporte. Gertrude disse:

- Ouvi histórias sobre uma herbolária notória chamada Angela, que vive aqui e supostamente trabalha com as curas mais fantásticas, usando até um toque de magia. Eu gostaria de ir vê-la, pois se alguém tem o que preciso, seria ela.

- Você não deve ir sozinha - disse Roran. Ele olhou para Mandel. - Acompanhe Gertrude, ajude-a com suas compras e faça o melhor possível para protegê-la caso sejam atacados. Se ficarem nervosos em alguns momentos, não façam nada que possa causar alarme, a não ser que vocês queiram denunciar seus amigos e sua família.

Mandel tocou no seu topete e acenou com a cabeça demonstrando obediência. Ele e Gertrude partiram traçando um ângulo reto ao descer por uma rua transversal, enquanto Roran e o resto retomavam a sua busca.

Roran tinha a paciência de um caçador, mas até mesmo ele começou a ficar inquieto quando a manhã e a tarde haviam se passado e o grupo ainda não havia encontrado um barco para levá-los a Surda. Descobriu que o navio com três mastros, o *Asa de Dragão*, era recém - construído e estava prestes a partir em sua viagem inaugural, eles não tinham a menor chance de alugá-lo da Companhia de Navegação Blackmoor, a não ser que pudessem pagar um quarto cheio com o ouro vermelho dos anões, e, na verdade, faltava dinheiro aos aldeões para pagar até mesmo a pior das

embarcações. Nem as chatas de Clóvis resolveriam os seus problemas, pois ainda ficariam sem alimento durante a viagem.

- Seria difícil - disse Birgit - muito difícil, roubar mantimentos deste lugar, ainda mais com todos esses soldados, as casas muito próximas umas das outras e as sentinelas no portão. Se tentássemos transportar tudo isso para fora de Teirm, iriam nos interrogar.

Roran acenou positivamente. E verdade.

Roran havia sugerido a Horst que, se os aldeões fossem forçados a fugir de Teirm apenas com suas provisões restantes, poderiam fazer um ataque repentino em busca de comida. No entanto, ele sabia que tal ato significaria que seus homens haviam se tornado tão monstruosos quanto seus inimigos. Não tinha estômago para isso. Uma coisa era enfrentar e matar aqueles que serviam a Galbatorix - ou até mesmo roubar as barcas de Clóvis, já que o dono das embarcações tinha outras maneiras de se manter - e era outra coisa totalmente diferente pegar os mantimentos de fazendeiros inocentes que lutavam para sobreviver tanto quanto os aldeões do vale Palancar. Seria assassinato.

Os fatos pesavam sobre Roran como pedras. Sua aventura sempre fora na melhor das hipóteses, parcial, sustentava-se em partes iguais de medo, desespero, otimismo e improvisação. Agora ele conduzia os aldeões para o covil dos seus inimigos e os atrelara à sua própria pobreza. *Eu poderia escapar sozinho e continuar minha busca por Katrina, mas que vitória eu teria se deixasse meu vilarejo ser escravizada pelo Império? Seja qual for nosso destino em Teirm, me mantereí firme com aqueles que confiaram em mim o suficiente para abandonar suas casas, por acreditarem em minhas palavras.*

Para aliviar sua fome, pararam numa padaria e compraram uma bisnaga de pão de centeio que havia acabado de sair do forno junto com um potinho de mel para nela passar. Enquanto pagava, Loring mencionou para o ajudante do padeiro que eles estavam atrás de barcos, equipamento e comida.

Bastou um tapa no ombro para Roran se virar. Um sujeito com cabelo negro e áspero, e uma barriga grande e dura disse:

- Perdoem-me por ficar escutando sua discussão com o jovem mestre, mas se vocês estão atrás de navios, e querem pagar um preço justo, então imagino que gostariam de participar do leilão.

- Que leilão é esse? - perguntou Roran.

- Ah, é uma história triste, muito, mas muito comum nos dias de hoje. Um dos nossos comerciantes, Jeod - Jeod Perna-de-pau, como é chamado à boca miúda -, é um dos sujeitos mais azarados que eu conheço. Em menos de um ano, ele perdeu quatro dos seus navios e, quando tentou enviar suas mercadorias por terra, a caravana caiu numa emboscada e foi destruída por alguns ladrões foragidos. Seus investidores o forçaram a declarar falência e agora venderão suas propriedades para recuperar as perdas. Não sei sobre comida, mas vocês com certeza encontrarão tudo o mais que estão querendo comprar no leilão.

Um leve suspiro de esperança se acendeu no peito de Roran.

- E quando o leilão será realizado?

- Ora, ele está afixado em todos os quadros de avisos espalhados pela cidade. Depois de amanhã, com certeza.

Isso explicava por que eles não sabiam do leilão, os aldeões evitaram os quadros de avisos, a fim de não correrem o risco de alguém reconhecer Roran.

- Muito obrigado - disse ele para o sujeito. - Você pode ter nos poupado de muitos problemas.

- O prazer foi meu.

Ao saírem da padaria, Roran e seus companheiros se amontoaram na beira da calçada. Ele disse:

- Vocês acham que devíamos ir lá?

E só o que podemos fazer - murmurou Loring.

- Birgit?

- Vocês não precisavam me perguntar, é óbvio. Não podemos esperar até depois de amanhã, contudo.

- Não. Acho que podíamos tentar nos encontrar com esse Jeod e ver se poderíamos fazer um acordo com ele antes do leilão começar. Estamos combinados?

Todos concordaram. Seguiram até a casa de Jeod, depois de receber dicas de um transeunte. A casa - melhor dizendo, mansão - estava erguida na zona oeste de Teirm, perto da cidadela, era vizinha de vários outros prédios opulentos adornados com belos arabescos, portões de ferro, estátuas e fontes.

Roran mal podia compreender tamanha riqueza, ficara perplexo em constatar como as vidas destas pessoas eram diferentes da sua.

Roran bateu na porta da frente da mansão de Jeod, situada ao lado de uma loja fechada. Pouco depois, a porta foi aberta por um mordomo roliço que ostentava dentes excessivamente brilhantes. Ele olhou para os quatro estranhos da entrada, com ar de desaprovação, para depois exhibir os dentes e perguntar:

- Como posso ajudá-los, senhores e senhora?
- Gostaríamos de falar com Jeod, caso ele possa nos receber.
- Vocês marcaram um encontro?

Roran achava que o mordomo sabia perfeitamente bem que não.

- Nossa estada em Teirm é breve demais para que possamos marcar um encontro apropriado.

- Ah, bem, então lamento dizer que o seu tempo teria sido melhor gasto em outra parte. Meu mestre tem muitos assuntos para resolver. Ele não pode dar atenção a tudo quanto é grupo de vagabundos esfarrapados que bate em sua porta, pedindo roupas e comidas - disse o mordomo. Ele mostrou mais alguns dos seus dentes vítreos e começou a fechar a porta.

- Espere! - gritou Roran. - Não estamos querendo roupas, temos uma proposta comercial para Jeod.

O mordomo levantou uma das sobrancelhas.

- E isso mesmo?

- Sim, claro. Por favor, peça-o para nos ouvir. Já percorremos mais léguas do que você jamais irá conhecer e é imperativo que vejamos Jeod hoje.

- Posso saber qual é a natureza da proposta?

- É confidencial.

- Muito bem, senhor. Levarei sua oferta, mas já aviso que Jeod está ocupado no momento e duvido que ele queira ser interrompido. Como devo anunciá-lo, senhor?

- Você pode me chamar de Martelo Forte. - A boca do mordomo se contraiu, como se ele tivesse achado o nome engraçado, e depois ele passou para trás da porta e a fechou.

- Se sua cabeça fosse um pouco maior, não poderíamos enfiá-la numa privada - murmurou Loring com o canto da boca. Nolfavrell deu uma

gargalhada.

Birgit disse:

- Vamos esperar que o servo não imite o mestre.

Um minuto depois, a porta abriu novamente e o mordomo anunciou, com uma expressão um tanto irritada:

- Jeod concordou em encontrá-los na sala de leitura. - Ele andou para o lado e gesticulou, com um dos braços, para que eles seguissem em frente. - Por aqui. - Depois que adentraram o recinto pela suntuosa passagem, o mordomo passou por eles, seguiu por um corredor de madeira polida e abriu uma de muitas portas, indicando para que entrassem.

JEOD PERNA-DE-PAU

Se Roran soubesse ler, teria ficado mais impressionado com aquele tesouro em forma de biblioteca. Nessas circunstâncias, ele reservou sua atenção para o homem alto e grisalho, atrás de uma mesa oval. O homem - que Roran supôs ser Jeod - parecia tão cansado quanto ele. Seu rosto estava enrugado, aflito e entristecido e, quando se voltou na direção do grupo, sua cicatriz horrorosa ficou visível, ia do couro cabeludo até a têmpora esquerda. Para Roran, aquilo era um sinal de coragem no sujeito. Talvez desgastada e escondida, contudo, coragem.

- Sentem-se - disse Jeod. - Não farei cerimônias dentro da minha própria casa. - Ele os observou com olhos curiosos enquanto se acomodavam nas poltronas de couro macias. - Vocês aceitam alguns doces e uma garrafa de conhaque de damasco? Não posso falar por muito tempo, mas vejo que vocês já estão na estrada há mais de uma semana e me lembro bem de como a minha garganta ficava seca depois de jornadas como essa.

Loring sorriu.

- Sim. Um pouco de conhaque cairia muito bem. O senhor é muito generoso.

- Só um copo de leite para o meu garoto - disse Birgit.

- É claro, senhora. - Jeod chamou o mordomo, deu suas instruções e depois se recostou. - Estou em desvantagem. Acredito que vocês saibam o meu nome, mas eu não sei o de vocês.

- Martelo Forte, ao seu dispor - disse Roran.
- Mardra, ao seu dispor - disse Birgit.
- Kell, ao seu dispor - disse Nolfavrell.
- E eu sou Wally, ao seu dispor - concluiu Loring.

- E eu ao de vocês - respondeu Jeod. - Agora, Rolf mencionou que vocês queriam fazer negócios comigo. É justo que saibam que eu não estou em posição de comprar ou vender mercadorias, não tenho ouro para investir, nem navios suntuosos para carregar lã e comida, jóias e temperos pelo mar agitado. O que, então, posso fazer por vocês?

Roran apoiou os cotovelos nos joelhos, depois entrelaçou os dedos e se concentrou para ordenar seus pensamentos. *Um vacilo pode matar a todos nós*, lembrou a si mesmo.

- Para ser direto, senhor, representamos um certo grupo de pessoas que por vários motivos, precisa comprar uma grande quantidade de suprimentos com pouco dinheiro. Sabemos que os seus pertences serão leiloados depois de amanhã para pagar suas dívidas, e gostaríamos de fazer um lance agora pelos itens dos quais precisamos. Nós esperaríamos até o leilão, mas as circunstâncias são urgentes e não podemos ficar aqui mais dois dias. Se vamos fazer algum negócio, tem que ser hoje à noite ou amanhã, não depois.

- De que tipo de suprimentos vocês precisam?

- Comida e seja lá o que for necessário para equipar um barco ou outra embarcação para uma longa viagem por mar.

Uma fagulha de interesse reluziu no rosto fatigado de Jeod.

- Você tem algum navio em mente? Eu conheço cada nau que navegou nessas águas nos últimos vinte anos.

- Ainda temos que decidir.

Jeod aceitou a resposta sem questionar.

- Entendo agora por que vocês vieram até a mim, mas temo que esteja havendo um mal-entendido. - Ele estendeu suas mãos envelhecidas, indicando a sala. - Tudo que você vê aqui não pertence mais a mim, e sim aos meus credores. Não tenho autorização para vender as minhas 465 posses, e se o fizesse sem permissão, provavelmente seria aprisionado por passar a perna nos meus credores.

Ele parou de falar enquanto Rolf voltava para a sala, carregando uma enorme bandeja de prata, havia doces, taças de cristal, um copo de leite e uma garrafa de conhaque. O mordomo colocou a bandeja num tamborete acolchoado e logo começou a servir o lanche. Roran pegou sua taça e deu uns goles no conhaque adocicado, enquanto se perguntava quando as regras da educação permitiriam aos quatro pedir desculpas e sair em sua busca, novamente.

Quando Rolf saiu do recinto, Jeod tomou todo o conteúdo de sua taça num gole só, e depois disse:

- Posso não ter nenhuma utilidade para vocês, mas conheço um bom número de pessoas no meu ramo que poderiam... *poderiam*... ajudar. Se vocês me derem um pouco mais de detalhes sobre o que querem comprar, então terei uma idéia melhor de quem recomendar.

Roran não viu nenhum perigo nisso, então começou a recitar uma lista de itens que os aldeões *precisavam* coisas possíveis e coisas desejáveis que jamais teriam condições de comprar a não ser que a fortuna lhes sorrisse. De vez em quando Birgit ou Loring mencionavam algo que Roran havia esquecido - como querosene - e Jeod os encarava por alguns instantes antes de voltar seu olhar perscrutador para Roran, em quem permanecia com uma intensidade cada vez maior. O interesse de Jeod preocupava Roran, era como se o comerciante soubesse (ou suspeitasse) o que ele estava escondendo.

- Parece - disse Jeod quando Roran completou seu inventário - que esse número de provisões seria o suficiente para transportar algumas centenas de pessoas para Feinster ou Aroughs... ou mais além. De fato, eu tenho andado bastante ocupado nas últimas semanas, mas não ouvi falar de nenhuma multidão parecida nesta área, nem posso imaginar de onde uma turba assim poderia ter vindo.

Com o rosto lívido, Roran encarou Jeod mas não disse nada. Por dentro, ele estava agitado, desdenhando de si próprio por ter permitido que Jeod acumulasse informações suficientes para chegar a essa conclusão.

Jeod encolheu os ombros.

- Bem, seja como for, isso é problema seu. Sugeriria que vocês fossem ver Galton. na rua do Mercado para tratar da comida e o velho Hamill

nas docas para tudo o mais. Ambos são homens honestos e os tratarão com sinceridade e justiça. - Esticando-se para frente, ele pegou um doce da bandeja, deu uma mordida e depois, quando terminou de mastigar, perguntou para Nolfavrell. - E então, jovem Kell, *you* gostou de sua estada em Teirm?

- Sim, senhor - disse o rapaz, sorrindo. - Nunca vi nada tão grande assim.

- Sêrio?

- Sim, senhor. Eu...

Sentindo que estavam começando a trilhar um território perigoso, Roran interrompeu a conversa.

- Estou curioso para saber qual é a natureza da loja ao lado da sua casa. Parece estranho que haja uma loja tão humilde no meio de todos esses grandes prédios.

Pela primeira vez, um sorriso, mesmo que fosse tímido, fez o rosto de Jeod ficar mais radiante, subtraindo anos da sua aparência.

- Bem, ela era administrada por uma mulher meio esquisita: Angela, a herbolária, uma das melhores curandeiras que eu já conheci. Ela cuidou daquela loja durante vinte e tantos anos e depois, há poucos meses atrás, vendeu-a e partiu para um destino desconhecido. -Jeod suspirou. - E uma pena, pois ela era uma vizinha interessante.

- Era ela que Gertrude queria encontrar, não? - perguntou Nolfavrell, levantando os olhos na direção de sua mãe.

Roran conteve uma bronca e lançou um olhar de advertência contundente o suficiente para fazer Nolfavrell tremer em sua cadeira. O nome nodia não significar nada para Jeod, mas a não ser que Nolfavrell fechasse a boca melhor, ele estaria propenso a deixar escapar algo ainda mais perigoso. *É hora de ir embora*, pensou Roran, enquanto largava a sua taça.

Foi aí que ele viu que o nome *de fato* significava algo para Jeod. Os olhos *do* comerciante se arregalaram, surpresos, e ele agarrou os braços de sua poltrona até a ponta de seus dedos ficarem brancos.

- Não pode ser! -Jeod se concentrou em Roran, estudando seu rosto como se estivesse tentando ver algo além da barba, até que respirou fundo e afirmou: - Roran... Roran Garrowson.

UM ALIADO INESPERADO

Roran já havia puxado o seu martelo do cinto e já estava para se levantar da cadeira quando ouviu o nome de seu pai. Foi a única coisa que o impediu de atravessar a sala com um salto para nocautear Jeod. *Como ele sabe quem é Garrow?* Ao seu lado, Loring e Birgit já tinham levantado num só pulo, sacaram facas de suas mangas, e até Nolfavrell já estava pronto para lutar com uma adaga na mão.

- Você é Roran, não? - perguntou Jeod calmamente. Ele não se mostrou nem um pouco alarmado com suas armas.

- Como *voce* adivinhou?

- Porque Brom trouxe Eragon até aqui, e você se parece com seu primo. Quando vi o seu pôster ao lado de Eragon, deduzi que o Império devia ter tentado capturá-lo e você escapou. Embora - o olhar de Jeod se voltou para os outros três - mesmo com toda a minha imaginação, jamais pudesse suspeitar que você fosse trazer o resto de Carvahall com você.

Atordoados, Roran caiu novamente na cadeira e colocou o martelo no meio dos joelhos, à mão.

- Eragon esteve aqui?

- Sim. E Saphira também.

- Saphira?

Mais uma vez, a surpresa ficou estampada no rosto de Jeod.

- Você não sabe, então?

- Sei do quê?

Jeod refletiu por algum tempo.

- Acho que é chegada a hora de pararmos de fingir, Roran Garrowson, e falar abertamente e sem disfarces. Posso responder muitas das perguntas que você deve ter, como por que o Império o está perseguindo. Mas, em troca, preciso saber o motivo que o trouxe até Teirm... o *verdadeiro* motivo.

- E por que deveríamos confiar em você, Perna-de-pau? - interpelou Loring. - Você poderia estar trabalhando para Galbatorix.

- Fui amigo de Brom por mais de vinte anos, antes de ele virar contador de histórias em Carvahall - disse Jeod - e fiz o melhor que pude para ajudar ele e Eragon quando estiveram sob o meu teto. Mas como nenhum

deles está aqui para atestar o meu caráter, coloco minha vida em suas mãos, para que façam o que quiserem. Poderia gritar por socorro, mas não o farei. Nem os enfrentarei. Tudo que lhes peço é que me contem sua história e escutem a minha. Então poderão decidir que maneira de agir será mais apropriada. Vocês não estão em perigo imediato, então qual é o problema em falar?

Birgit capturou o olhar de Roran com um movimento do queixo.

- Ele pode estar simplesmente tentando salvar sua pele.

- Talvez - respondeu Roran -, mas temos que descobrir o que ele sabe. - Com o braço por baixo da cadeira onde estava, ele a arrastou pela sala, colocou seu encosto contra a porta, e depois se sentou, para que ninguém pudesse irromper subitamente e pegá-los desprevenidos. Roran apontou seu martelo para Jeod. - Muito bem. Você quer falar? Então falemos, você e eu.

- Seria melhor se você falasse primeiro.

- Se eu o fizer e nós não ficarmos satisfeitos com suas respostas depois, teremos que matá-lo - avisou Roran.

Jeod cruzou os braços.

- Que seja assim, então.

Sem querer. Roran se impressionou com a firmeza do comerciante, Jeod parecia despreocupado com seu destino.

- Que seja assim - repetiu Roran.

Roran já havia revivido mentalmente os eventos que transcorreram desde a chegada dos Ra'zac em Carvahall muitas vezes, mas jamais os havia descrito detalhadamente para outra pessoa. Enquanto o fazia, ele ia ficando perplexo com tudo que acontecera a ele e aos outros aldeões em tão pouco tempo e como fora fácil para o Império destruir suas vidas no vale Palancar. Ressuscitar antigos horrores foi doloroso para Roran, mas ele pelo menos teve o prazer de ver Jeod demonstrar uma admiração genuína quando ouviu o relato sobre como os aldeões haviam expulsado os soldados e os Ra'zac do seu acampamento, o cerco de Carvahall depois disso, a traição de Sloan, o rapto de Katrina, como Roran havia convencido os aldeões a fugir e as privações que tiveram durante a jornada até Teirm.

- Pelos Reis Perdidos! - exclamou Jeod. - Essa é uma história das mais extraordinárias que já ouvi! Pensar que *você* conseguiu se opor a

Galbatorix e que neste momento o vilarejo inteiro de Carvahall está escondida nas cercanias de uma das maiores cidades do Império e o rei nem ao menos sabe disso... - Ele balançou a cabeça de admiração.

- Sim, essa é a nossa situação - resmungou Loring - e ela é, no máximo, precária, por isso é bom você explicar muito bem por que devemos correr o *risco* de deixá-lo viver.

- Isso me coloca numa situação um tanto...

Jeod parou assim que alguém balançou o trinco atrás da cadeira de Roran, tentando abrir a porta, e depois bateu nas tábuas de madeira. No corredor, uma mulher gritava:

- Jeod! Deixe-me entrar, Jeod! Você não pode se esconder nessa sua caverna.

- Posso? - murmurou Jeod.

Roran estalou os dedos para Nolfavrell, e o garoto lhe jogou a sua adaga. Ele deu a volta em torno da mesa e encostou o fio da lâmina na garganta de Jeod.

- Faça-a ir embora. Levantando a voz, Jeod disse:

- Não posso falar agora, estou no meio de uma reunião.

- Mentiroso! Você não tem negócio nenhum. Está falido! Venha para fora e me encare, seu covarde! *Você não é homem nem para encarar sua mulher de frente?* - Ela parou por um segundo, como se estivesse esperando uma resposta, e então seus berros aumentaram de volume: - Covarde! *Você é uma pessoa baixa e medrosa, um imbecil nojento e pusilânime que não tem juízo nem para tocar um frigorífico, quanto mais uma companhia de exportação. Meu pai jamais teria perdido tanto dinheiro!*

Roran estremeceu enquanto os insultos continuavam. *Não posso deter Jeod se ela continuar muito tempo.*

- Fique quieta, mulher! - ordenou Jeod, e fez-se o silêncio. - Nossa sorte pode estar prestes a mudar para melhor se *você* tiver o bom senso de conter a sua língua e não ficar me insultando como se fosse a mulher de um peixeiro.

Sua resposta foi fria:

- Eu esperarei como você quer na sala de jantar, querido marido, e, a não ser que você resolva me escutar na hora da refeição noturna, eu deixarei

esta maldita casa para nunca mais voltar. - O som dos seus passos foi sumindo à distância.

Quando ele se certificou de que a mulher havia partido, Roran tirou a adaga do pescoço de Jeod e devolveu a arma para Nolfavrell antes de se sentar novamente na cadeira encostada na porta.

Jeod esfregou o seu pescoço e depois, constrangidos, disse:

- Se *não* chegarmos a um entendimento, é melhor que você me mate, seria mais fácil do que explicar a Helen que eu gritei com ela a troco de nada.

- Você tem a minha compreensão, Perna-de-pau - disse Loring.

- Não é culpa dela... não mesmo. Ela simplesmente não entende por que tanto infortúnio se abateu sobre nós. - suspirou Jeod. - Talvez a culpa tenha sido minha por não ter ousado lhe contar.

- Contar o quê? - perguntou Nolfavrell.

- Que eu sou um agente dos Varden. - Jeod hesitou assim que percebeu suas expressões confusas. - Talvez eu deva começar do princípio. Roran, você ouviu rumores nos últimos meses da existência de um novo Cavaleiro que se opõe a Galbatorix?

-Murmúrios aqui e acolá, sim, mas nada a que eu possa dar algum crédito.

Jeod hesitou.

- Não sei outra maneira de lhe dizer isso, Roran... mas há um novo Cavaleiro na Alagaësia e ele é o seu primo, Eragon. A pedra que ele encontrou na espinha era de fato um ovo de dragão que eu ajudei os Varden a roubarem de Galbatorix há anos. O dragão saiu do ovo para Eragon e ele a batizou de Saphira. Foi por isso que os Ra'zac foram até o vale Palancar. Eles retornaram porque Eragon se tornou um inimigo temível do Império e Galbatorix esperava que, capturando você, pudesse colocá-lo num xeque-mate.

Roran jogou sua cabeça para trás e uivou de tanto gargalhar, até as lágrimas se amontoarem nos cantos dos seus olhos e seu estômago doer por causa das convulsões. Loring, Birgit e Nolfavrell o olharam com uma sensação parecida com a de medo, mas Roran não ligou para suas opiniões. Ele riu do absurdo da afirmação de Jeod. Riu da terrível possibilidade de Jeod ter contado a verdade.

Respirando de um jeito áspero, Roran foi aos poucos voltando ao

normal, apesar de um acesso ocasional de risos sem graça. Esfregou o rosto com a manga de sua camisa e depois observou Jeod atentamente, com um sorriso duro nos lábios.

- Isso explica aos fatos, vou lhe dizer. Mas assim como uma meia dúzia de outras explicações nas quais pensei.

Birgit disse:

- Se a pedra de Eragon era um ovo de dragão, então de onde ele veio?

- Ah! - respondeu Jeod - essa é uma questão sobre a qual eu estou muito bem informado...

Confortável em sua cadeira, Roran ouviu, meio descrente, Jeod contar uma história fantástica sobre como Brom - o velho e rabugento Brom! - havia outrora sido um Cavaleiro e supostamente havia ajudado a fundar os Varden, como Jeod havia descoberto uma passagem secreta para Urü'baen, como os Varden fizeram para surrupiar os três últimos ovos de dragão de Galbatorix, e como um único ovo foi salvo depois que Brom enfrentou e matou Morzan dos Renegados. Como se isso não fosse absurdo o bastante, Jeod prosseguiu descrevendo um pacto entre os Varden, os anões e os elfos, de que o ovo deveria ser levado para algum lugar entre Du Weldenwarden e as montanhas Beor, e fora por isso que o ovo e os encarregados de levá-lo estavam perto dos limites da grande floresta quando caíram numa emboscada armada por um Espectro.

Um Espectro... há!, pensou Roran.

Cético como era, Roran prestou atenção com interesse redobrado quando Jeod começou a falar sobre Eragon encontrara o ovo e cuidar do dragão Saphira na floresta próxima à fazenda de Garrow. Roran andava ocupado na época - estava se preparando para viajar para o moinho de Dempton em Therinsford - mas se lembrou de como Eragon estava distraído, como passava todos os momentos que podia fora de casa. fazendo sabe-se lá o quê...

Enquanto Jeod explicava como e por que Garrow morreu, a raiva começou a se apossar de Roran por Eragon ter ousado manter em segredo o dragão, quando era tão óbvio que isso colocava todos em perigo. *A culpa é dele por meu pai ter morrido!*

- O que ele estava pensando? - vociferou Roran.

Ele odiou o jeito que Jeod o encarou com ar calmo e compreensivo.

-Duvido que Eragon se entendesse naquela situação. Cavaleiros e dragões estão tão intimamente ligados que é normalmente difícil diferenciar um do outro. Era tão difícil para ele ver Saphira ferida quanto cortar fora sua própria perna.

- Ele poderia - murmurou Roran. - Por causa dele, tive que fazer coisas muito dolorosas e bem sei... ele poderia.

- Você tem o direito de se sentir assim - disse Jeod -, mas não se esqueça de que o motivo que levou Eragon a deixar o vale Palancar era o desejo de proteger você e todos que lá ficaram. Imagino que tenha sido uma escolha extremamente difícil para ele fazer. Do ponto de vista de Eragon, ele se sacrificou para garantir a sua segurança e vingar o seu pai. E, embora partir não tenha surtido o efeito desejado, as coisas certamente teriam sido muito piores se Eragon tivesse ficado.

Roran não disse nada mais até Jeod mencionar que o motivo que levou Brom e Eragon a visitar Teirm era ver se eles podiam usar os manifestos de carga dos navios da cidade para localizar o covil dos Ra'zac.

- Eles conseguiram? - gritou Roran, assustando-se ao ponto de se levantar.

- De fato, nós conseguimos.

- Bem, onde eles estão, então? Pelo amor de Deus, homem, diga logo, *você* sabe como isso é importante para mim!

- De acordo com os registros, parece claro que o antro dos Ra'zac está na formação conhecida como Helgrind, perto de Dras-Leona. Depois até recebi uma mensagem dos Varden dizendo que o relato de Eragon confirmava isso.

Roran agarrou seu martelo com entusiasmo. *É um longo caminho daqui até Dras-Leona, mas Teirm possui acesso para a única passagem aberta entre aqui e a extremidade sul da Espinha. Se eu conseguir fazer com que todos sigam com segurança pela costa, então poderia ir para essa tal de Helgrind, resgatar Katrina, caso ela esteja lá, e seguir pelo rio jiet até Surda.*

Uma parte dos pensamentos de Roran deve ter se revelado em seu rosto, pois Jeod disse:

- Isso não pode ser feito, Roran.

- O quê?

- Nenhum homem pode tomar Helgrind. É uma montanha de pedra maciça, negra, e impossível de ser escalada. Pense nas montarias pútridas dos Ra'zac, é bem provável que elas tenham um ninho perto do topo de Helgrind em vez de um leito no chão, onde ficam mais vulneráveis. Como, então, *você* os alcançaria? E, se conseguisse, será que realmente acredita que poderia derrotar ambos os Ra'zac e suas duas montarias, se é que não há mais deles? Não tenho dúvidas de que você é um guerreiro formidável. Afinal de contas, você e Eragon partilham do mesmo sangue. Mas esses adversários estão além de qualquer humano normal.

Roran balançou a cabeça.

- Não posso abandonar Katrina. Pode ser uma tentativa infrutífera, mas tenho que tentar libertá-la, mesmo que custe a minha vida.

- Não vai fazer bem algum a Katrina se *você* acabar morto - advertiu Jeod. - Se eu puder lhe dar um conselho: tente chegar a Surda como você planejou. Uma vez por lá, estou certo de que poderá pedir a ajuda a Eragon. Nem mesmo os Ra'zac poderão se equiparar a um Cavaleiro e seu dragão num combate aberto.

Em sua imaginação, Roran viu as enormes feras de pele cinzenta em que os Ra'zac montavam. Ele relutava em reconhecer isso, mas sabia que tais criaturas estavam além da sua capacidade de matar, não importava a força da sua motivação. No instante em que aceitou tal verdade, Roran finalmente acreditou na história de Jeod - pois se não o fizesse, Katrina estaria perdida para sempre.

Eragon, pensou ele. Eragon! Pelo sangue que derramei e que coagulou em minhas mãos, juro sobre o túmulo do meu pai que farei com que você repare o que fez atacando Helgrind comigo. Se foi você que causou essa confusão, então eu farei com que ponha tudo em ordem.

Roran gesticulou para Jeod.

- Continue o seu relato. Vamos ouvir o resto dessa trama lamentável antes que o dia se ponha.

Então Jeod falou da morte de Brom, de Murtagh, filho de Morzan, da captura e da fuga em Gil'ead, de um vôo desesperado para salvar um elfo,

de Urgals, anões e de uma grande batalha que ocorreu num lugar chamado Farthen dûr, onde Eragon derrotou um Espectro. E Jeod lhes falou sobre como os Varden deixaram as montanhas Beor e foram para Surda, e de como Eragon agora estava, naquele exato momento, metido no interior de Du Weldenvarden, aprendendo os segredos misteriosos da magia e das artes da guerra dos elfos, mas logo iria retornar.

Quando o comerciante silenciou, Roran se juntou a Loring, Birgit e Nolfavrell nos fundos da sala e pediu suas opiniões. Num tom de voz baixo, Loring disse:

- Não posso dizer se ele está mentindo ou não, mas qualquer homem capaz de contar uma história dessas sob a ameaça de uma faca merece viver. Um novo Cavaleiro! E Eragon, além disso! - Ele balançou a cabeça.

- Birgit? - perguntou Roran.

- Não sei. E tudo tão estranho... - hesitou. - Mas deve ser verdade. Outro Cavaleiro é a única coisa que poderia forçar o Império a nos perseguir de forma tão impetuosa.

- Sim - concordou Loring. Seus olhos cintilavam de entusiasmo. - Andávamos envolvidos em acontecimentos bem mais *significativos* do que imaginávamos. Um novo Cavaleiro. Pense nisso! A velha ordem está prestes a ser varrida, eu lhe digo... Você estava certo o tempo todo, Roran.

- Nolfavrell?

O garoto ficou todo sério quando lhe fizeram a pergunta. Ele mordeu o lábio e depois disse:

- Jeod está me parecendo honesto. *Acho* que podemos confiar nele.

- Muito bem - disse Roran. Ele andou novamente até onde Jeod estava, apoiou as articulações dos dedos na beirada da mesa e prosseguiu: - Duas últimas perguntas, Perna-de-pau. Como são Brom e Eragon? E como você reconheceu o nome de Gertrude?

- Sei de Gertrude porque Brom mencionou que deixou uma carta para você aos cuidados dela. Quanto à aparência dos dois: Brom era um pouco mais baixo do que eu. Ele tinha uma barba espessa, nariz curvo e carregava um bastão entalhado. E ousou dizer que ele ficava meio irritado de vez em quando. - Roran reconheceu, era Brom. - Eragon era... jovem. Cabelos e olhos castanhos, uma cicatriz no pulso, e nunca parava de fazer perguntas.

- Roran reconheceu novamente, era o seu primo.

Roran enfiou o martelo novamente debaixo do seu cinto. Birgit, Loring e Nolfavrell embainharam suas facas. Então, Roran afastou sua cadeira da porta e os quatro voltaram a se sentar como seres civilizados.

- E agora, Jeod? - perguntou Roran. - Você pode nos ajudar? Sei que você está numa situação difícil, mas nós... estamos desesperados e não temos ninguém para nos acudir. Como agente dos Varden, você pode nos garantir a proteção deles? Estamos dispostos a servi-los caso nos protejam da ira de Galbatorix.

- Os Varden - disse Jeod - ficariam mais do que felizes em ter vocês. Mais do que felizes. Suspeito que você já tivesse imaginado isso. Quanto à ajuda... - Ele passou a mão no rosto e se voltou para Loring e para as fileiras de livros nas prateleiras. - Já estou a par, há quase um ano, de que a minha verdadeira identidade, assim como as de muitos outros comerciantes aqui e acolá que já ajudaram os Varden, foi entregue para o Império. Por causa disso, nunca ousei fugir para Surda. Se tentasse, o Império poderia me prender, e quem sabe então por quais horrores eu poderia passar? Tive que testemunhar a destruição gradual do meu negocio sem poder tomar nenhuma atitude para evitar. O que é pior, agora que não posso mandar nada para os Varden pelo mar, e eles não ousam mandar enviados para cá, é que passei a temer que o lorde Risthrt me acorrentasse e me arrastasse para as masmorras, já que não interessa mais ao Império. Venho esperando por isso todo dia, desde que declarei falência.

- Talvez - sugeriu Birgit- eles queiram que você fuja para que possam capturar quem quer que você leve junto.

Jeod sorriu.

- Talvez. Mas agora que vocês estão aqui, tenho um meio de fugir que eles jamais poderiam prever.

- Então, *you* tem um plano? - perguntou Loring. A alegria se espalhou pelo rosto de Jeod.

- Oh, sim, eu tenho um plano. Vocês quatro viram o navio *Asa de Dragão* atracado no porto?

Roran lembrou-se da embarcação.

- Sim.

- O *Asa de Dragão* pertence à Companhia de Navegação Blackmoor, pertence ao Império. Ele carrega suprimentos para o exército, que se mobilizou num nível alarmante recentemente, recrutou soldados entre os camponeses e requisitou cavalos, asnos e bois. - Jeod levantou uma sobrancelha. - Não estou certo do que isso indica, mas é possível que Galbatorix tenha a intenção de marchar sobre Surda. De qualquer maneira, o *Asa de Dragão* irá para Femster durante a semana. E o melhor barco que já foi construído, foi feito a partir de um novo modelo idealizado pelo mestre e construtor naval Kinnell.

- E você quer tomá-lo - concluiu Roran.

- Sim. Não só para incomodar o Império ou porque o *Asa de Dragão* tenha a reputação de ser o mais rápido navio de sua tonelagem, mas porque ele já está totalmente abastecido para uma viagem longa. E como sua carga é comida, teríamos o suficiente para toda o vilarejo. Loring deu uma gargalhada forçada.

- Espero que você possa guiá-lo sozinho, Perna-de-pau, pois nenhum de nós sabe lidar com algo maior do que uma chata.

- Alguns homens das tripulações dos meus barcos ainda estão em Teirm. Eles estão na mesma posição que eu, incapazes de lutar e de fugir. Tenho certeza de que não pensarão duas vezes se tiverem uma chance de ir para Surda. Eles lhes poderão ensinar o que fazer no *Asa de Dragão*. Não será fácil, mas não vejo alternativas.

Roran sorriu. O plano era bem ao seu gosto: rápido, decisivo e inesperado.

- Você mencionou - disse Birgit - que no ano passado nenhum dos seus navios, nem os dos outros comerciantes que servem aos Varden, chegaram aos seus destinos. Por que então essa missão será bem sucedida quando tantas outras falharam?

Jeod respondeu rápido:

- Porque a surpresa está do nosso lado. A lei requer que os navios mercantes submetam o seu itinerário para autorização junto à autoridade portuária pelo menos duas semanas antes da partida. Leva um bom tempo para preparar um barco para zarpar, por isso, se partirmos sem dar aviso, pode demorar uma semana ou mais para Galbatorix armar

naus para interceptá-lo. Se a sorte estiver do nosso lado, veremos pouca coisa além do mastaréu dos nossos perseguidores. Então - prosseguiu Jeod - se vocês estiverem dispostos a fazer essa tentativa, isso é o que precisamos fazer...

FUGA

Depois que avaliaram a proposta de Jeod, de todos os ângulos possíveis, e concordaram em aceitá-la - com algumas poucas modificações - Roran mandou Nolfavrell pegar Gertrude e Mandel no Castanheiro Verde, pois Jeod havia oferecido sua hospitalidade para todo o grupo.

- Agora, se vocês me derem licença - disse Jeod, se levantando. -Tenho que revelar à minha esposa aquilo que nunca deveria ter escondido e preciso lhe pedir para me acompanhar até Surda. Vocês podem escolher um quarto no segundo andar. Rolf irá chamá-los quando o jantar estiver servido. - Com passos longos e lentos, ele saiu da sala.

- Será que é prudente deixar que ele conte tudo para aquela ogra? -perguntou Loring.

Roran encolheu os ombros.

- Prudente ou não, não podemos detê-lo. E não creio que ele ficará em paz até que o faça.

Em vez de ir para um quarto, Roran vagou pela mansão, evitava naturalmente os empregados enquanto ponderava sobre as coisas que Jeod havia dito. Ele parou numa sacada que estava aberta de frente para a estrebaria nos fundos da casa e encheu seus pulmões com o ar fresco, fumegante e carregado do cheiro de esterco.

- Você o odeia?

Ele se virou e deu de cara com a silhueta de Birgit no vão da porta. Ela ajustou seu xale em volta dos ombros enquanto se aproximava.

- Quem? - perguntou ele, sabendo muito bem de quem se tratava.

- Eragon. Você o odeia?

Roran olhou para o céu do crepúsculo.

- Não sei. Odeio-o por ter causado a morte do meu pai, mas ele ainda é a minha família e por isso eu o amo... Suponho que se não precisasse de Eragon para salvar Katrina, não teria nada que tratar com ele por um bom tempo.

- Da mesma forma que eu o odeio e preciso de você, Martelo Forte. Ele bufou com uma soturna descontracção.

- Sim, fomos unidos em face dos últimos acontecimentos, não? Você precisa me ajudar a encontrar Eragon para que eu possa vingar Quimby, acabando com os Ra'zac.

- E para que eu possa me vingar de você depois.

- Isso também. - Roran encarou seus olhos decididos por um instante e reconheceu o vínculo que ambos tinham. Ele achava estranhamente consolador saber que os dois partilhavam do mesmo ímpeto, a mesma fúria ardente que acelerava os seus passos quando os outros hesitavam. Nela, Roran reconhecia um espírito que se afinava com o seu.

Já dentro da casa, Roran parou perto da sala de jantar enquanto ouvia a cadência da voz de Jeod. Curioso, ele enfiou o olho numa fenda perto da dobradiça da porta central. Jeod estava em pé, de frente para uma mulher baixa e loira, a qual Roran supôs que fosse Helen.

- Se o que *você* diz é verdade, como *você* pode esperar que eu acredite em você?

- Não posso - respondeu Jeod.

- No entanto, você pede para que eu me torne uma fugitiva ao seu lado?

- Uma vez *você* se ofereceu para deixar sua família e vagar pelo mundo comigo. Você me implorou para que eu a fizesse sumir de Teirm.

- Uma vez. Eu achava que *você* era incrivelmente arrojado então, ainda mais com sua espada e sua cicatriz.

- Eu ainda as tenho - disse ele suavemente. - Cometi muitos erros com você, Helen, posso entender isso agora. Mas ainda a amo e quero que fique em segurança. Eu não tenho futuro aqui. Se ficar, só trarei aflicção para a sua família. *Você* pode voltar para o seu pai ou pode vir comigo. Faça o que lhe

fará mais feliz. No entanto, imploro para que me dê uma segunda chance, para que tenha coragem de deixar este lugar e se desprender das lembranças amargas da nossa vida aqui. Podemos recomeçar em Surda.

Ela ficou quieta por um bom tempo.

- Aquele jovem que esteve aqui, ele é realmente um Cavaleiro?

- Sim. Os ventos da mudança estão soprando, Helen. Os Varden estão prestes a atacar, os anões estão reunidos, e até mesmo os elfos estão agitando em seus velhos retiros. A guerra se aproxima e, se tivermos sorte, a queda de Galbatorix também.

Você é importante entre os Varden?

- Eles têm alguma consideração para comigo, por causa do meu papel no resgate do ovo de Saphira.

- Então você poderia almejar uma posição entre eles em Surda?

- Imagino que sim. - Ele colocou as mãos nos ombros da esposa, que não se afastou.

Ela sussurrou:

- Jeod, Jeod, não me pressione. Ainda não posso decidir nada.

- Você vai pensar? Ela estremeceu.

- É claro. Vou pensar sim.

O coração de Roran estava atormentado quando ele se afastou.

Katrina.

Naquela noite, durante o jantar, Roran notou que os olhos de Helen volta e meia o fitavam, estudava-o e julgava-o, comparava-o a Eragon, disso ele tinha certeza.

Depois da refeição, Roran chamou Mandel e o levou para o pátio atrás da casa.

- O que foi, senhor? - perguntou Mandel.

- Gostaria de falar com você em particular.

- Sobre o quê?

Roran ficou tateando a face do seu martelo cheia de depressões e refletiu sobre o quanto se sentia como Garrow, quando ele lhe dava uma lição sobre responsabilidade, o guerreiro podia até mesmo sentir as mesmas frases brotando em sua garganta. *E assim as gerações ensinam as seguintes*, pensou.

- Você ficou muito amigo dos marinheiros recentemente.

- Eles não são nossos inimigos - opôs-se Mandel.

- Todos são inimigos a essa altura. Clóvis e seus homens poderiam se voltar contra nós num só instante. Porém, não seria problema algum estar com eles se não fizesse com que você descuidasse dos seus deveres. - Mandel endureceu e suas bochechas se ruborizaram, mas ele não se rebaixou negando a acusação, em consideração a Roran. Satisfeito, este perguntou: - Qual é a coisa mais importante que podemos fazer neste momento, Mandel?

- Proteger nossas famílias.

- Sim. E o que mais?

Mandel hesitou, incerto, e depois confessou:

- Não sei.

- Ajudar um ao outro. E a única maneira que temos para que todos nós sobrevivamos. Fiquei especialmente decepcionado quando soube você estava usando comida para fazer apostas com os marinheiros, pois isso põe em perigo todo o vilarejo. Seu tempo seria bem melhor gasto em caçadas do que nos dados ou no arremesso de facas. Depois que seu pai se foi, cabe a você cuidar da sua mãe e dos seus irmãos. Eles contam com *você*. Estou sendo claro?

- Muito claro, senhor - respondeu Mandel com a voz abafada.

- Isso acontecerá novamente?

- Nunca mais, senhor.

- Muito bem. Mas eu não o trouxe aqui só para repreendê-lo. Você demonstra ser confiável e é por isso que estou lhe dando uma tarefa que não confiaria a ninguém a não ser a mim mesmo.

- Sim, senhor!

- Amanhã de manhã eu preciso que *você* volte para o acampamento e leve uma mensagem para Horst. Jeod acredita que o Império possui espiões observando esta casa, por isso é vital que você se certifique de que não está sendo seguido. Espere até sair da cidade e depois livre-se de quem quer que o esteja seguindo na zona rural. Mate-o se for preciso. Quando encontrar Horst, diga a ele para... - Enquanto Roran dava suas instruções, ele ficou vendo a expressão de Mandel mudando, de surpreso para chocado e depois para apavorado.

- E se Clóvis se opuser? - perguntou Mandel.

- Quebre as canas dos lemes das chatas à noite, para que elas não possam ser pilotadas. É um truque sujo, mas seria desastroso se Clóvis ou qualquer um de seus homens chegasse em Teirm antes de vocês.

- Não vou deixar que isso aconteça - prometeu Mandel. Roran sorriu.

- Muito bem. - Satisfeito por ter resolvido a questão relacionada ao comportamento de Mandel e por saber que o rapaz faria tudo que fosse possível para levar a mensagem até Horst, Roran retornou e deu boa-noite para o seu anfitrião antes de cair no sono.

Com exceção de Mandel, Roran e seus companheiros ficaram confinados na mansão durante todo o dia seguinte, aproveitando a pausa para descansar, afiar suas armas e repassar as estratégias.

Desde o amanhecer até o anoitecer, eles viram Helen algumas vezes, enquanto ela passava apressada de um quarto para o outro, um pouco mais Rolf com seus dentes que pareciam pérolas lustradas, e não viram Jeod, pois o comerciante grisalho saiu para andar pela cidade e - aparentemente por acidente - se encontrou com os poucos homens do mar em quem ele confiava para participar de sua expedição.

Assim que retornou, ele se dirigiu a Roran:

- Podemos contar com cinco pares de mãos a mais. Só espero que seja suficiente. - Jeod permaneceu em sua sala de leitura durante o resto da noite, redigia vários documentos legais e também cuidava dos seus negócios.

Três horas antes da alvorada, Roran, Loring, Birgit, Gertrude e Nolfavrell despertaram e, se esforçaram para conter bocejos prodigiosos, se reuniram na entrada da mansão, onde se cobriram com longos mantos para esconder seus rostos. Um florete estava pendurado na cintura de Jeod, quando este se juntou ao resto do grupo, e Roran achou que a espada estreita de algum modo completava aquele homem esguio, como se lembrasse a ele quem ele realmente era.

Jeod acendeu um lampião a óleo e o ergueu à frente deles.

- Estamos prontos? - perguntou ele. Todos acenaram positivamente. Então Jeod moveu o trinco e eles saíram pela rua vazia de pedras pavimentadas. Atrás deles, Jeod ficou mais algum tempo no corredor de

entrada, lançou um olhar ansioso na direção das escadas à direita, mas Helen não apareceu. Com um arrepio, Jeod deixou sua casa e fechou a porta.

Roran colocou a mão sobre o seu braço.

- O que está feito está feito.

- Eu sei.

Eles correram pela cidade escura, reduziu a velocidade para um caminhar rápido sempre que encontravam vigias ou uma criatura da noite qualquer, grande parte destes se afastavam ao vê-los. Uma vez ouviram passos no topo de um prédio próximo.

- O desenho da cidade - explicou Jeod - facilita aos ladrões que querem pular de um telhado para o outro.

Eles diminuíram a marcha e voltaram a caminhar novamente quando chegaram ao portão leste. Pelo fato do portão se abrir para o porto, ele ficava fechado apenas quatro horas durante a noite, para que fosse minimizada a interrupção nas operações comerciais. De fato, apesar da hora, vários homens já trabalhavam perto do portão.

Muito embora Jeod tivesse lhes avisado que isso poderia acontecer, Roran, ainda assim, sentiu uma pontada de medo quando os guardas baixaram seus piques e perguntaram o que vieram fazer ali. Ele molhou a boca e tentou não se inquietar, enquanto o soldado mais velho examinava um rolo que Jeod havia lhe passado. Depois de um longo minuto, o guarda acenou positivamente e devolveu o pergaminho.

- Vocês podem passar.

Assim que estavam no cais e suas vozes fora do alcance de quem estado outro lado da muralha da cidade, Jeod disse:

- Ainda bem que ele não sabe ler.

Os seis ficaram esperando no tablado encharcado até que, um a um, os homens de Jeod emergiram da névoa cinzenta que se assentava sobre a costa. Eles tinham uma aparência ameaçadora, eram silenciosos, ostentavam cabelos trançados que caíam até o meio das costas, suas mãos estavam manchadas de graxa e uma quantidade de cicatrizes que até Roran respeitou. Ele gostou do que viu e podia dizer que os sujeitos também o aprovaram. Eles, no entanto, não gostaram de ver Birgit.

Um dos marinheiros, um verdadeiro brutamontes, apontou o polegar

em sua direção e acusou Jeod:

- Você não disse que haveria uma mulher entre nós para a luta. Como vou conseguir me concentrar com uma vagabunda do mato no meu caminho?

- Não fale dela assim - disse Nolfavrell com os dentes cerrados.

- E com seu bezerrinho também? Num tom de voz calmo, Jeod disse:

- Birgit enfrentou os Ra'zac. E seu filho já matou um dos melhores soldados de Galbatorix. Você pode falar o mesmo de si próprio, Uthar?

- Não é apropriado — disse um outro homem. — Eu não me sentiria seguro com uma mulher ao meu lado, elas não fazem nada a não ser trazer má sorte. Uma dama não devia...

Seja lá o que ele fosse dizer havia se perdido pois, naquele instante, Birgit fez algo muito indigno de uma senhora. Depois de dar um passo para a frente, ela deu um chute entre as pernas de Uthar e em seguida agarrou o segundo sujeito e prensou sua faca contra a garganta dele. A aldeã o segurou por um instante, para que todos pudessem ver o que havia feito, e depois soltou seu cativo. Uthar rolava nas pranchas aos seus pés, tentava suportar a dor e murmurava uma avalanche de palavrões.

- Alguém mais tem alguma objeção? — perguntou Birgit. Ao seu lado, Nolfavrell olhou espantado e boquiaberto para sua mãe.

Roran abaixou o seu capuz para esconder o sorriso. Ainda bem que eles não notaram Gertrude, pensou.

Quando mais ninguém resolveu desafiar Birgit, Jeod perguntou:

- Vocês trouxeram o que eu queria? - Cada homem enfiou a mão dentro de seus mantos e revelaram uma clava pesada e longas cordas.

Assim armados, eles seguiram pelo porto na direção do Asa de Dragão, fizeram o possível para não serem detectados. Jeod manteve seu lampião apagado o tempo todo. Perto das docas, eles se esconderam atrás de um armazém e viram duas luzes carregadas por sentinelas circulando pelo convés do navio. A prancha de embarque fora retirada durante a noite.

- Lembrem-se - sussurrou Jeod -, a coisa mais importante é impedir que o alarme seja soado até que possamos partir.

- Dois homens acima, dois homens abaixo, certo? - perguntou Roran.

Uthar respondeu:

- O costume é esse.

Roran e Uthar se despiram até as nádegas, amarraram a corda e os porretes em volta de suas cinturas - Roran deixou seu martelo para trás - e correram pelo cais, longe da visão dos sentinelas, onde se abaixaram dentro da água gelada.

- Odeio quando tenho que fazer isso - disse Uthar.

- Você já fez isso antes?

- Quatro vezes com essa. Não pare de se mover ou irá congelar. Agarrando-se às estacas lodosas debaixo do desembarcadouro, eles nadaram pelo mesmo trecho pelo qual vieram até alcançar o molhe de pedra que dava no *Asa de Dragão*, e depois viraram à direita. Uthar encostou os lábios na orelha de Roran.

-Vou pegar a âncora de boroeste. - Roran acenou com a cabeça, autorizando.

Os dois mergulharam nas águas negras e lá se separaram. Uthar nadou como um sapo debaixo da proa do navio, enquanto Roran seguiu direto para a âncora a bombordo e se agarrou à sua enorme corrente. Ele tirou o porrete que estava amarrado em sua cintura, encaixou-o no meio dos dentes - tanto para impedir que eles batessem quanto para liberar suas mãos - e esperou. O metal áspero sugava o calor dos seus braços tão rapidamente quanto o gelo.

Menos de três minutos depois, Roran ouviu o arrastar das botas de Birgit acima dele enquanto caminhava até o final do quebra-mar, defronte ao centro do *Asa de Dragão*, seguido pelo leve som de sua voz enrolando os sentinelas numa conversa. Com sorte, ela conseguiria desviar a atenção deles da proa.

Agora!

Roran começou a subir, de mão em mão, pela corrente. Seu ombro direito ardia no local onde o Ra'zac o havia mordido, mas ele continuou. Da vigia onde a corrente da âncora entrava no navio, ele escalou as saliências que apoiavam a figura de proa, até pular a amurada e cair no convés. Uthar já estava lá, molhado e ofegante.

Com os porretes na mão, seguiram em direção à popa do navio,

escondiam-se onde podiam. Eles pararam menos de três metros atrás dos sentinelas. Os dois homens estavam encostados na amurada, trocando palavras com Birgit.

Num lampejo, Roran e Uthar irromperam e atingiram os sentinelas na cabeça, antes que pudessem sacar seus sabres. Lá embaixo, Birgit acenou para Jeod e o resto do grupo, que ergueu a prancha e deslizou uma de suas extremidades até o navio, onde Uthar a amarrou à amurada.

Quando Nolfavrell correu para dentro, Roran jogou sua corda para o garoto e disse:

- Amarre e amordace esses dois.

Então, todos, menos Gertrude, desceram para os conveses inferiores em busca dos sentinelas restantes. Encontraram quatro homens a mais o intendente naval, o contramestre, o cozinheiro e seu assistente - e todos foram arrancados da cama, os que resistiram levaram pancadas na cabeça ou foram amarrados com firmeza. Nisto, Birgit provou mais uma vez o seu valor, capturou dois homens sozinha.

Jeod colocou os infelizes prisioneiros enfileirados no convés para que pudessem ser vigiados o tempo todo e depois declarou:

- Temos muito o que fazer e pouco tempo. Roran, Uthar é o comandante do *Asa de Dragão*. Você e os outros acatarão as ordens dele.

Durante as duas horas seguintes, um frenesi se espalhou pela embarcação. Os marinheiros cuidaram do cordame e das velas, enquanto Roran e a gente de Carvahall trabalhou para livrar o porão de carga de suprimentos estranhos, como fardos de lã grossa. Estes foram baixados ao mar para evitar que alguém no cais ouvisse um esguicho. Se era para o povo todo caber dentro do *Asa de Dragão*, eles precisavam liberar o máximo de espaço possível.

Roran estava no meio da tarefa de amarrar um cabo em volta de um barril quando ouviu o alarme rouco:

- Alguém está vindo! - Todos no convés, exceto Jeod e Uthar, enfiaram as mãos nas cinturas e sacaram suas armas. Os dois homens que permaneceram em pé andavam pelo convés como se fossem sentinelas. O coração de Roran batia acelerado enquanto ele se mantinha imóvel, perguntava a si próprio o que estava prestes a acontecer.

Prendeu a respiração enquanto Jeod se dirigia ao intruso... até que seus passos ecoaram pelo passadiço.

Era Helen.

Ela usava uma saia simples, trazia um saco de aniagem pendurado num dos ombros e seu cabelo estava preso com um lenço. Não falou uma só palavra, mas guardou seus apetrechos na cabine principal e voltou para ajudar Jeod. Roran percebeu que nunca tinha visto um homem tão feliz.

O céu acima das montanhas distantes da Espinha havia apenas começado a clarear quando um dos marujos no cordame apontou para o norte e assobiou para indicar que havia avistado os aldeões.

Roran se moveu ainda mais rápido. O tempo que eles tinham havia se esgotado. Ele saiu apressado pelo convés e perscrutou a linha escura de gente avançando pela costa. Essa parte de seu plano dependia do fato de que, ao contrário das outras cidades costeiras, a muralha externa de Teirm não ficava aberta para o mar, mas cercava completamente grande parte da cidade no intuito de repelir ataques piratas constantes. Isso significava que as construções que margeavam o porto ficavam expostas - e que os aldeões podiam subir no *Asa de Dragão*.

- Rápido agora, rápido! - disse Jeod.

Ao comando de Uthar, os marinheiros trouxeram braçadas de dardos de arremesso para as grandes balistas que haviam no convés, assim como tonéis do alcatrão mais pútrido, eles o abriram e usaram para sujar a metade superior dos dardos. Depois, eles carregaram as balistas a boreste: foram necessários dois homens por arco para puxar as cordas até que elas ficassem enganchadas.

Os aldeões já haviam percorrido dois terços do caminho até o navio antes dos soldados que patrulhavam as muralhas de Teirm os avistarem e soarem o alarme. Mesmo antes daquela primeira nota terminar, Uthar deu um berro:

- Acendam e atirem!

Abrindo vigorosamente o lampião de Jeod, Nolfavrell correu de uma balista para a outra, segurava a chama na frente dos dardos até o alcatrão pegar fogo. No instante em que um projétil ficou pronto, o homem por trás do arco puxou a corda e o dardo sumiu com um *baque* pesado. No todo, doze

flechas ardentes saíram do *Asa de Dragão* e trespassaram os barcos e as edificações ao longo da baía como se fossem meteoros estrondosos e incandescentes vindos dos céus.

- Puxar cordas e recarregar! - gritou Uthar.

O rangido da madeira curvada encheu o ar, enquanto todos os homens puxavam as cordas de volta. Os dardos foram armados. Mais uma vez, Nolfavrell fez a sua ronda. Roran podia sentir a vibração em seus pés enquanto a balista à sua frente atirava seu projétil letal.

O fogo rapidamente se espalhou ao longo da cidade à beira-mar, formando uma barreira impenetrável, que impedia os soldados de alcançarem o *Asa de Dragão* pelo portão leste de Teirm. Roran contava com a cortina de fumaça para esconder o barco dos arqueiros que estavam na muralha, mas foi por pouco tempo, uma saraivada de flechas rasgou o cordame e uma delas se cravou no convés bem ao lado de Gertrude antes dos soldados perderem o barco de vista.

Da proa, Uthar gritou:

- Escolham seus alvos!

Os aldeões estavam agora correndo desordenadamente pela praia. Eles atingiram a ponta norte do cais, e um punhado cambaleou e caiu enquanto os soldados em Teirm redirecionavam sua mira. As crianças gritavam apavoradas. Então, os aldeões recuperaram suas forças. Eles correram pesadamente sobre as pranchas de madeira, passaram por um armazém em chamas e ao lado do quebra-mar. A multidão ofegante se lançou sobre o navio numa massa confusa de corpos se abalroando.

Birgit e Gertrude guiaram a torrente humana para as escotilhas na popa e na proa. Em poucos minutos, os vários patamares da embarcação estavam lotados, do porão de carga até a cabine do comandante. Aqueles que não couberam embaixo permaneceram amontoados no convés, segurando os escudos de Fisk sobre suas cabeças.

Como Roran havia pedido em sua mensagem, todos os homens fisicamente capazes de Carvahall se aglomeraram em torno do mastro principal, esperando instruções. Roran viu Mandel no meio da turba e o saudou orgulhosamente.

Então Uthar apontou para um marinheiro e vociferou:

- Você aí, Bonden! Traga esses lambazes para os cabrestantes, suspenda as âncoras e depois vá para os remos. No dobro da velocidade! -Para o resto dos homens que estavam nas balistas, ele deu outra ordem: -Quero que metade de vocês saia daí e vá para as balistas a bombordo. Afastem qualquer grupo que tente embarcar.

Roran foi um dos que trocou de bordo. Enquanto preparava as balistas, alguns retardatários saíram cambaleando do meio da fumaça malcheirosa e subiram no convés. Ao seu lado, Jeod e Helen erguiam os seis prisioneiros, um a um, sobre a prancha a fim de jogá-los para o quebra-mar.

Antes que Roran percebesse, as âncoras haviam sido içadas, a prancha de embarque recolhida, e um tambor ficou batendo sob os seus pés, marcando o tempo para os remadores. Bem lentamente, o *Asa de Dragão* virou para boreste - na direção do mar aberto - e então, com uma velocidade cada vez maior, se afastou das docas.

Roran acompanhou Jeod até o tombadilho onde ambos ficaram olhando o inferno escarlate devorar tudo o que era inflamável entre Teirm e o oceano. Em meio ao filtro da fumaça, o sol parecia um disco laranja plano, inchado e sangrento, a se erguer sobre a cidade.

Quantos eu matei agora?, perguntou-se Roran.

Ecoando seus pensamentos, Jeod observou.

- Isso vai ferir um grande número de pessoas inocentes.

A culpa fez Roran reagir com mais força do que pretendia: -*Você preferia ficar nas prisões do lorde Risthart? Duvido que muitos sejam feridos por causa das labaredas, e aqueles que não forem também não terão que encarar a morte, como aconteceria conosco se o Império nos pegasse.*

- Você não precisa me fazer uma preleção, Roran. Conheço muito bem os argumentos. Fizemos o que era necessário. Não queira ter prazer com o sofrimento que causamos para garantir a nossa própria segurança.

Por volta do meio-dia, os remos haviam sido guardados e o *Asa de Dragão* navegava com suas próprias forças, era impulsionado por ventos favoráveis do norte. As rajadas de ar faziam o cordame içado emitir um leve zunido.

O navio estava desgraçadamente superlotado, mas Roran estava confiante de que, com algum planejamento cauteloso, conseguiriam chegar a

Surda com um mínimo de desconforto. A pior inconveniência era o racionamento, se eles queriam evitar a fome, a comida teria que ser repartida em porções minúsculas. E, em alojamentos tão apertados, a doença era mais do que provável.

Depois que Uthar fez um breve discurso sobre a importância da disciplina num navio, os aldeões se aplicaram nas tarefas imediatas: cuidar dos feridos, desempacotar seus míseros pertences e decidir qual seria a organização mais eficiente para que todos pudessem dormir bem em cada convés. Também tinham que escolher pessoas para preencher as várias funções no *Asa de Dragão*, quem poderia cozinhar, quem treinaria para marujo sob o comando dos homens de Uthar e assim por diante.

Roran estava ajudando Elain a pendurar uma rede quando se envolveu numa briga acalorada entre Odeie, sua família e Frewin, que havia aparentemente abandonado a tripulação de Torson para ficar com Odeie. Os dois queriam se casar, mas os pais de Odeie se opunham veementemente, baseados no fato de que o marinheiro não possuía família, uma profissão respeitável, nem os meios para oferecer um mínimo de conforto à sua filha. Roran achou que seria melhor se o casal enamorado permanecesse unido - parecia impossível tentar separá-los enquanto estavam confinados no mesmo navio -, mas os pais de Odeie se recusavam a ouvir seus argumentos.

Frustrado, Roran disse:

- O que vocês farão, então? Não dá para mantê-la trancada e acredito que Frewin já provou sua dedicação...

- Ra'zac!

O grito veio do cesto de vigia da gávea.

Sem pensar outra vez, Roran puxou o martelo de seu cinto, o rodopiou e subiu as escadas da escotilha da proa, esfolando a canela no caminho. Correu a toda velocidade na direção da aglomeração concentrada na parte mais alta do tombadilho e parou ao lado de Horst.

O ferreiro apontou.

Uma das temíveis montarias dos Ra'zac flutuava como uma sombra esfarrapada sobre o contorno da costa, um dos Ra'zac estava nas suas costas. Ver os dois monstros expostos a luz do dia não diminuía de maneira alguma o horror arrepiante que eles inspiravam em Roran. Ele estremeceu quando a

criatura alada deu seu grito terrível, e então a voz de inseto do Ra'zac começou a pairar sobre a água, fraca porém evidente:

- *Vocêsss não essscaparão!*

Roran olhou para as balistas, mas elas não podiam ser viradas num ângulo razoável o bastante para atingir o Ra'zac ou sua montaria.

- Alguém tem um arco?

- Eu tenho - disse Baldor. Ele ajoelhou uma perna e começou a encordoar a sua arma. - Não deixe que eles me vejam. - Todos que estavam no tombadilho se uniram num círculo apertado em torno de Baldor, fazendo um escudo com seus corpos para evitar o olhar malévolo do Ra'zac.

- Por que ele não ataca? - resmungou Horst.

Intrigado, Roran buscou uma explicação mas não encontrou nenhuma. Foi Jeod que sugeriu:

- Talvez esteja muito claro para eles. Os Ra'zac caçam à noite e, até onde eu sei, não costumam se aventurar prontamente para fora de seus covis enquanto o sol ainda está no céu.

- Não é só isso - disse Gertrude lentamente. - Acho que eles têm medo do oceano.

- Medo do oceano? - zombou Horst.

- Observe-os, eles não voam mais de um metro afastados da costa em momento algum.

- Ela tem razão - disse Roran. *Finalmente, uma fraqueza que eu posso usar contra eles!*

Alguns segundos depois, Baldor disse:

- Pronto!

Assim que ele se pronunciou, as fileiras de pessoas que estavam na sua frente pularam para o lado, limpando a área para que ele pudesse disparar o seu arco. Baldor levantou-se num salto e, com um único movimento, puxou a pena até o seu rosto e soltou a flecha de bambu.

Foi um tiro heróico. O Ra'zac estava no limite extremo do raio de alcance de um arco longo de madeira - muito além de qualquer marca que Roran já vira um arqueiro atingir - e ainda assim a mira de Baldor foi precisa. Sua flecha atingiu a criatura alada no flanco direito e a besta deu um grito de dor tão grande que os vidros na embarcação se estilhaçaram e as pedras na

costa racharam até virarem fragmentos. Roran colocou as mãos nos ouvidos para se proteger daquela rajada sonora medonha. Ainda gritando, o monstro virou continente adentro e caiu atrás de uma fileira de morros enevoados.

- Você o matou? - perguntou Jeod, com o rosto pálido.

- Temo que não - respondeu Baldor. - Não foi nada além de um ferimento.

Loring, que havia acabado de chegar, observou satisfeito.

- Sim. Mas pelo menos *você* o feriu, e apostaria que eles pensarão duas vezes antes de nos incomodarem novamente.

O desalento se abateu sobre Roran.

- Guarde o seu triunfo para depois, Loring. Isso não representou vitória nenhuma.

- Por que não? - perguntou Horst.

- Porque agora o Império sabe exatamente onde estamos. - O tombadilho ficou em silêncio enquanto tentavam compreender as implicações do que ele havia acabado de dizer.

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

- Este - disse Trianna - é o último modelo que inventamos. Nasuada tirou o véu negro da feiticeira e o passou por suas mãos, maravilhada com sua qualidade. Não havia humano capaz de fiar renda tão pura. Ela olhou satisfeita para as fileiras de caixas na mesa, elas continham amostras dos muitos modelos que a Du Vrangr Gata produzia no momento.

- Você se saiu bem - disse ela. - Bem melhor do que eu esperava. Diga para os seus encantadores que fiquei muito feliz com seu trabalho. Isso significa muito para os Varden.

Trianna inclinou a cabeça por conta do seu elogio.

- Levarei a sua mensagem para eles, lady Nasuada.

- Eles já...

Uma agitação nas portas de seus aposentos interrompeu Nasuada. Ela ouviu seus guardas xingarem e erguerem as vozes, e depois um grito de dor. O som de metal se chocando com metal soou no corredor. Nasuada se

afastou da porta num sobressalto, sacando sua adaga da bainha.

- Corra, lady! - disse Trianna. A feiticeira se colocou na frente de Nasuada e puxou suas mangas para trás, deixando a mostra seus braços brancos, preparando-se para se valer da magia. - Pegue a entrada dos criados.

Antes que Nasuada pudesse se mover, as portas se abriram e uma pequena figura agarrou suas pernas, fazendo-a cair no chão. Assim que Nasuada caiu, um objeto prateado brilhou no espaço que ela havia acabado de ocupar, enterrando-se na parede mais distante e emitindo um som surdo e *pesado*.

Então os quatro guardas entraram e tudo virou uma confusão enquanto Nasuada sentia que eles a separavam de quem a atacara. quando ela conseguiu se levantar, viu Elva suspensa nas mãos deles.

- O que significa isso? - perguntou Nasuada.

A garota de cabelo escuro sorriu, depois se curvou e vomitou no tapete. Em seguida, fixou os olhos cor de violeta em Nasuada e - com sua voz terrível e conhecida - disse:

- Faça com que sua feiticeira examine a parede, ó Filha de Ajihad, e veja se eu não cumpri a promessa que lhe fiz.

Nasuada acenou para Trianna com a cabeça, que caminhou levemente até o buraco estilhaçado na parede e murmurou um encanto. Ela retornou segurando uma seta de metal.

- Isso estava enterrado na madeira.

- Mas de onde veio isso? - perguntou Nasuada, confusa. Trianna gesticulou em direção à janela aberta contemplando do alto a cidade de Aberon.

- De algum lugar lá fora, imagino.

Nasuada voltou sua atenção para a criança que esperava.

- O que *você* sabe sobre isso, Elva?

O sorriso horrível da garota se alargou.

- Era um assassino.

- Quem o enviou?

- Um assassino treinado pelo próprio Galbatorix nos usos tenebrosos da magia. - Seus olhos ardentes ficaram meio encobertos, como se ela estivesse num transe. - O homem odeia *você*. Ele veio ao seu encontro. E a

teria matado se eu não o impedisse. - Ela deu uma guinada para frente e vomitou outra vez, cuspidando fora comida digerida pela metade no chão. Nasuada também vomitou, enojada. - E está prestes a sofrer uma grande dor.

- Por quê?

- Porque vou lhe dizer que ele está numa hospedaria na rua Fane, no último quarto, no andar mais alto. E melhor *você* se apressar, ou ele irá rugir... fugir. - Ela gemeu como uma fera ferida e apertou sua barriga. -Corra, antes que o feitiço de Eragon me force a impedi-la. Você irá lamentar então!

Trianna já estava se movendo enquanto Nasuada dizia:

- Diga a Jörmundur o que aconteceu, depois pegue os seus melhores mágicos e vão atrás desse homem. Capturem-no se puderem. Matem-no se não conseguirem. - Depois que a feiticeira saiu, Nasuada olhou para os seus homens e viu que suas pernas estavam sangrando por causa de inúmeros pequenos cortes. Ela percebia o que devia ter custado a Elva para feri-los. - Vão - ordenou ela dirigindo-se aos seus comandados. - Encontrem um curandeiro que possa curar os seus ferimentos.

Os guerreiros balançaram suas cabeças e seu capitão disse:

- Não, senhora. Ficaremos ao seu lado até que tenhamos a certeza de que está segura novamente.

- Como você julgar adequado, capitão.

Os homens fizeram barricadas nas janelas - o que piorou o já sufocante calor que infestava o castelo Borromeo - depois retornaram aos aposentos de Nasuada para dar-lhe mais proteção.

A líder dos Varden caminhava com seu coração descompassado por conta do choque retardado, e meditava sobre o quanto esteve perto de ser morta. *O que seria dos Varden se eu tivesse morrido?*, perguntou a si mesma. *Quem me sucederia?* O desânimo se apoderou dela, que não havia tomado providência nenhuma para o caso do seu próprio óbito, uma omissão que agora lhe parecia uma falha monumental. *Não permitirei que os Varden sejam jogados no caos porque eu falhei ao não tomar precauções!* Ela hesitou:

- Estou em débito com *você*, Elva.

- Agora e para sempre.

Nasuada vacilou, desconcertada como sempre ficava com as respostas da garota, e depois continuou:

- Peço desculpas por não ter ordenado meus guardas a deixá-la passar. fosse dia ou noite. Devia ter previsto um evento como esse.

- *Você devia* - concordou Elva num tom zombeteiro.

Alisando a parte da frente de seu vestido, Nasuada voltou a andar, tanto para fugir do olhar esbranquiçado de Elva e do seu rosto marcado por um dragão, quanto para gastar sua própria energia nervosa.

- Como você escapou dos seus aposentos desacompanhada?

- Disse para minha vigia, Greta, o que ela queria ouvir.

- Só isso? Elva piscou.

- Ela ficou muito feliz.

- E quanto à Angela?

- Foi fazer um serviço hoje de manhã.

- Bem, seja como for, você tem a minha gratidão por ter salvado a minha vida. Peça o que quiser que eu lhe darei, caso esteja dentro da alçada do meu poder.

-Elva olhou em volta do quarto todo decorado e disse: - Você tem alguma comida? Estou com fome.

PREMONIÇÃO DE GUERRA

Duas horas depois, Trianna retornou, liderava uma dupla de guerreiros que carregava um corpo inerte. Assim que Trianna ordenou, os homens largaram o cadáver no chão. Então a feiticeira disse:

- Encontramos o assassino onde Elva informou que ele estaria. Seu nome era Drail.

Motivada por uma curiosidade mórbida, Nasuada examinou o rosto do homem que tentara matá-la. O assassino era baixo, barbado e tinha uma aparência normal, igual aos incontáveis homens que habitavam a cidade. Sentiu uma certa ligação com o sujeito, como se a tentativa dele de tirar sua vida e o fato de ela ter ordenado a sua morte os ligasse da maneira mais íntima possível.

- Como ele morreu? - perguntou ela. - Não vejo marcas em seu corpo.

- Ele cometeu suicídio com magia quando desarmamos suas defesas

e entramos em sua mente, mas antes que pudéssemos dominar suas ações.

- Vocês descobriram algo útil antes de ele morrer?

- Descobrimos. Drail fazia parte de uma rede de agentes baseados aqui em Surda que são leais a Galbatorix. São chamados de Mão Negra. Eles nos espiam, sabotam nossos esforços de guerra e - o melhor que pudemos concluir em nosso breve vislumbre das lembranças de Drail - são responsáveis por dezenas de assassinatos entre os Varden. Aparentemente, eles têm esperado por uma boa chance de matar *you* desde que chegamos de Farthen dūr.

- Por que essa Mão Negra ainda não assassinou o rei Orrin? Trianna encolheu os ombros.

- Não sei dizer. Pode ser que Galbatorix a considere uma ameaça maior do que Orrin. Se esse for o caso, uma vez que a Mão Negra perceba que você está protegida - nesse instante seu olhar se voltou na direção de Elva -, Orrin não viverá um mês a mais a não ser que seja protegido por mágicos dia e noite. Talvez Galbatorix tenha desistido dessa ação direta pois queria que a Mão Negra permanecesse secreta. Surda sempre existiu por causa de sua tolerância. Agora que se tornou uma ameaça...

- *You* também pode proteger Orrin? - perguntou Nasuada, virando-se para Elva.

Seus olhos cor de violeta pareciam brilhar.

- Talvez, se ele pedir delicadamente.

Os pensamentos de Nasuada dispararam na tentativa de impedir essa nova ameaça.

- Será que todos os agentes de Galbatorix podem se valer de magia?

- A mente de Drail estava confusa, por isso é difícil dizer - disse Trianna -, mas acredito que muitos possam.

Magia, amaldiçoou-se Nasuada. O maior perigo que os Varden enfrentaram com os mágicos - ou com qualquer pessoa treinada no uso da mente - não era assassinato, era espionagem. Os mágicos podiam invadir os pensamentos das pessoas e juntar informações capazes de destruir os Varden. Foi precisamente por isso que Nasuada e toda a estrutura de comando dos Varden aprendeu a reconhecer quando alguém tocava suas mentes e aprendeu se proteger de tais diligências. Nasuada suspeitava que Orrin e

Hrothgar contavam com precauções semelhantes dentro de seus próprios governos.

No entanto, era impraticável avisar todos os indivíduos conhecedores de informações potencialmente prejudiciais e protegê-los da espionagem. Uma das muitas responsabilidades da Du Vrangr Gata era, justamente, caçar qualquer um que estivesse espionando fatos assim nas mentes das pessoas. O custo de tal vigilância era que a Du Vrangr Gata acabava espionando os Varden tanto quanto os seus inimigos. Nasuada se certificou de esconder isso de grande parte dos seus seguidores, pois só iria semear ódio, desconfiança e dissidências. Ela não gostava da prática mas não via nenhuma alternativa.

O que ela havia aprendido sobre a Mão Negra fortaleceu sua convicção de que, de algum modo, os mágicos tinham de ser controlados.

- Por que - perguntou ela - você não descobriu isso antes? Posso entender que *você* tenha perdido um único assassino, mas uma rede inteira de encantadores dedicados à nossa destruição? Explique-se, Trianna.

Os olhos da feiticeira arderam de raiva com tal acusação.

- Porque aqui, ao contrário do que acontece em Farthen dūr, não podemos examinar as mentes de todos em busca de má-fe. Há simplesmente pessoas demais para que nós mágicos possamos rastrear. E por isso que não sabíamos da Mão Negra até agora, lady Nasuada. Nasuada hesitou e depois inclinou a cabeça.

- Entendido. Você descobriu as identidades de outros membros da Mão Negra?

- De alguns.

- Muito bem. Use-as para desmascarar o resto dos agentes. Quero que você destrua essa organização para mim, Trianna. Destrua-os como faria com uma praga de vermes. Dar-lhe-ei quantos homens *você* precisar.

A feiticeira se curvou.

- Como quiser, lady Nasuada.

Com uma batida na porta, os guardas sacaram suas espadas e se posicionaram nos dois lados da via de acesso, até que seu capitão abriu a porta com um puxão, sem avisar. Havia um jovem pajem do lado de fora, tinha o punho armado para bater novamente. Ele olhou com espanto para o

corpo no chão e depois despertou do transe quando o capitão lhe perguntou:

- O que foi garoto?
- Tenho uma mensagem do rei Orrin para lady Nasuada.
- Então fale e seja breve - disse Nasuada. O pajem levou um instante

para se compor.

- O rei Orrin requisita a sua presença urgente no gabinete do conselho, pois recebeu relatos vindos do Império que exigem a sua atenção imediata.

- Isso é tudo?

- Sim, senhora.

- Tenho que ver isso. Trianna, *você* já sabe o que deve fazer. Capitão, será que pode dispor de um de seus homens para se livrar de Drail?

- Sim, senhora.

- Além disso, por favor, me ajudem a localizar Farica, minha criada. Ela cuidará para que meu gabinete fique limpo.

- E quanto a mim? - perguntou Elva, inclinando a cabeça.

- Você - disse Nasuada - deve me acompanhar. Quer dizer, caso esteja se sentindo forte o suficiente para fazê-lo.

A garota jogou sua cabeça para trás e, da sua boa pequena e redonda, brotou uma gargalhada fria.

- Sou forte o bastante, Nasuada. Você é?

Ignorando a pergunta, Nasuada entrou no corredor cercado por guardas. As pedras do castelo exalavam um cheiro de terra no calor. Mais atrás ela ouvia os passos miúdos de Elva e se sentia perversamente satisfeita pelo fato da criança medonha ter que correr para acompanhar os passos mais longos dos adultos.

Os guardas permaneceram no vestíbulo do gabinete do Conselho, Nasuada e Elva entraram. O escritório era vazio ao ponto de ostentar severidade, refletia a natureza combativa da existência de Surda. Os reis do país haviam devotado seus recursos para a proteção de sua gente e a derrota de Galbatorix, não decoraram o castelo Borromeo com um cabedal inútil, como os anões haviam feito em Tronjheim.

Na sala principal, encontrava-se uma mesa rústica, tinha uns três metros e meio de comprimento, sobre ela havia um mapa da Alagaësia fixado

com adagas nas quatro pontas. Como era costume, Orrin estava sentado na cabeceira da mesa, enquanto seus vários conselheiros - muitos dos quais, como bem sabia Nasuada, contrários a ela - ocupavam as cadeiras mais afastadas. O Conselho de Anciãos também estava presente. Nasuada notou a preocupação no rosto de Jörmundur, quando ele a olhou, e deduziu que Trianna também havia lhe falado sobre Drail.

- Majestade, você me chamou? Orrin se levantou.

- Sim, chamei. Agora temos... - Ele parou no meio da frase assim que notou Elva. - Ah, sim, Fronte Luminosa. Eu ainda não havia tido a oportunidade de lhe conceder uma audiência antes, embora relatos dos seus feitos já tenham chegado aos meus ouvidos e, devo confessar, já estava curioso para conhecê-la. Você achou satisfatórios os aposentos que lhe arrumei?

- São muito bons, Majestade. Obrigada. - Ao som de sua voz misteriosa, a voz de um adulto, todos na mesa se encolheram.

Irwin o primeiro-ministro, levantou-se num pulo e apontou um dedo trêmulo para Elva.

- Por que você trouxe este... este ser *abominável* até aqui?

- Você está se esquecendo dos bons modos, senhor - respondeu Nasuada, embora entendesse o seu sentimento.

Orrin franziu a testa.

- Sim, contenha-se, Irwin. No entanto, sua observação é válida, Nasuada, não podemos ter essa criança presente nas nossas reuniões.

- O Império - disse ela - acabou de tentar me assassinar. - Gritos de surpresa ecoaram pelo salão. - Se não fosse pela atitude de Elva, eu estaria morta. Como consequência, agora deposito toda a minha confiança nela, aonde eu vou, ela vai. - *Deixe que eles imaginem o que exatamente Elva pode fazer.*

- São de fato notícias desoladoras! - exclamou o rei. - Você já conseguiu pegar o salafrário responsável?

Vendo as expressões ansiosas de seus conselheiros, Nasuada hesitou.

- Seria melhor esperar até que eu possa lhe dar um relato em particular, Majestade.

Orrin parecia desconcertado com sua resposta, mas não insistiu no tema.

- Muito bem. Mas sentem, sentem! Acabamos de receber uma notícia das mais preocupantes. - Depois que Nasuada ocupou o lugar oposto ao rei, com Elva à espreita atrás dela, ele prosseguiu: - Parece que nossos espiões em Gil'ead foram enganados em relação à posição do exército de Galbatorix.

- Como assim?

- Eles acreditam que o exército esteja em Gil'ead, enquanto temos aqui uma carta de um de nossos homens em Urü'baen, que dizem que ele testemunhou uma grande multidão marchando para o sul e passando pela capital há cerca de uma semana e meia. Era noite, por isso ele não pôde ter certeza dos números, mas estava certo de que a horda era bem maior do que os dezesseis mil que formam o núcleo das tropas de Galbatorix. Deve haver algo em torno de cem mil soldados, ou mais.

Cem mil soldados! Um arrepio de medo começou a se instalar na boca do estômago de Nasuada.

- Será que podemos confiar na sua fonte?

- Sua inteligência sempre foi confiável.

- Não entendo - disse Nasuada. - Como Galbatorix poderia mover tantos homens sem que soubéssemos de antemão? Só os vagões com suprimentos teriam quilômetros de comprimento. Era óbvio que o exército estava se mobilizando, mas o Império não estava em nenhum lugar por perto para se organizar para o combate.

Falberd falou então, bateu com sua mão pesada para dar ênfase às suas palavras:

- Eles foram mais espertos. Nossos espiões devem ter sido enganados com magia para pensar que o exército ainda estava em seu quartel de Gil'ead.

Nasuada sentiu o sangue se esvaír de seu rosto.

- A única pessoa com poder suficiente para sustentar uma ilusão deste tamanho e com tal duração...

- É o próprio Galbatorix - completou Orrin. - Esta foi a nossa conclusão. Significa que Galbatorix finalmente abandonou sua toca em

favor do combate aberto. Agora mesmo enquanto falamos, nosso maior inimigo está se aproximando. Irwin se inclinou.

- A questão agora é como devemos responder. Temos que enfrentar essa ameaça é claro, mas de que maneira? Onde, quando e como? Nossas próprias forças não estão preparadas para uma campanha desta magnitude, enquanto as suas, lady Nasuada, os Varden, já estão acostumados com o ardente clamor da guerra.

- O que está sugerindo? *Que devemos morrer por vocês?*

- Eu só fiz uma observação. Entenda como quiser. Então Orrin disse:

- Sozinhos, seremos esmagados por esse exército tão grande. Precisamos ter aliados, mas acima de tudo precisamos de Eragon, especialmente se formos enfrentar Galbatorix. Nasuada, você mandaria alguém buscá-lo?

- Eu o faria se pudesse, mas até que Arya retorne, não tenho como avisar os elfos ou convocar Eragon.

- Nesse caso - disse Orrin num tom de voz pesado -, temos que ter fé que ela chegará antes que seja tarde demais. Não suponho que possamos esperar a ajuda dos elfos para resolver esse problema. Ao mesmo tempo que um dragão pode atravessar as léguas que separam Aberon e Ellesméra com a velocidade de um falcão, seria impossível para os elfos se organizarem e cruzar a mesma distância antes do Império nos alcançar. Com isso só sobram os anões. Sei que vocês são amigos de Hrothgar há muitos anos, será que não poderiam lhes enviar um pedido de ajuda em nosso nome? Os anões sempre prometeram lutar quando a hora chegasse.

Nasuada assentiu.

- Du Vrangr Gata já tem um acordo com os mágicos anões que nos permitem transmitir mensagens instantaneamente. Irei lhes comunicar o seu, o nosso, pedido. E pedirei a Hrothgar para que mande um emissário a Ceris, a fim de informar aos elfos da situação para que estejam, pelo menos, precavidos.

- Muito bom. Estamos a uma boa distância de Farthen dûr, mas se ernos retardar o Império por uma semana, os anões conseguirão chegar aqui a tempo.

A discussão que se seguiu foi excessivamente desagradável. Havia várias táticas para derrotar uma força maior - mas não necessariamente superior -, mas ninguém à mesa podia imaginar como poderiam derrotar Galbatorix, especialmente por Eragon ainda ser tão impotente em comparação ao velho rei. A única manobra com chances de dar certo seria cercar Eragon de um grande número possível de mágicos, anões e humanos, e depois tentar fazer com que Galbatorix os enfrentasse sozinho. *O problema desse plano, pensava Nasuada, é que Galbatorix superou muitos mais inimigos terríveis durante o aniquilamento dos Cavaleiros, e sua força só cresceu desde então.* Ela estava certa de que isto havia ocorrido também com todos os outros que o rei enfrentou. *Se ao menos tivéssemos os encantadores dos elfos para aumentar as nossas tropas, então a vitória poderia estar ao nosso alcance. Sem eles... Se não pudermos derrotar Galbatorix, a única alternativa será deixar a Alagaësia e atravessar o mar até encontrar uma nova terra onde possamos construir uma nova vida. Lá poderíamos esperar até Galbatorix partir de vez. Sem mesmo ele pode durar para sempre. A única certeza é que, no fim das contas, todas as coisas acabam passando.*

Eles passaram da tática para a logística, e o debate ficou mais acirrado, já que o Conselho de Anciãos discutiu com os conselheiros de Orrin sobre a distribuição de responsabilidades entre os Varden e Surda: quem deveria pagar por isso ou aquilo, providenciar rações para os trabalhadores, administrar os mantimentos para seus respectivos guerreiros e tratar dos inúmeros outros assuntos correlatos que deviam ser abordados.

No meio da disputa verbal, Orrin puxou um rolo de pergaminho que estava em seu cinto e disse para Nasuada:

- No que diz respeito às finanças, vocês fariam o obséquio de me explicar uma questão bastante curiosa que me chamou a atenção?

- Farei o melhor que puder, Majestade.

- Seguro em minhas mãos uma queixa da associação dos tecelões, que garante que a classe, por toda Surda, perdeu boa parte dos seus lucros porque o mercado têxtil foi inundado com uma renda de péssima qualidade - renda que eles juram que é originária dos Varden. - Um olhar aflito invadiu o seu rosto. - Parece tolice perguntar isso, mas será que a alegação deles se baseia em fatos e, se esse for o caso, por que os Varden fariam *tal coisa*?

Nasuada não fez nenhum esforço para esconder o seu sorriso.

- Se você se lembra bem, Majestade, quando se recusou a dar mais ouro para os Varden, você me aconselhou a procurar outra maneira de nos sustentarmos.

- Assim fiz- E daí? - perguntou Orrin, apertando os olhos.

- Bem, me veio que, ao mesmo tempo em que a renda leva um bom o para ser feita a mão, o que explica o fato de ela ser tão cara, é bem fácil produzi-la valendo-se de magia, devido à pequena quantidade de energia envolvida. *Você*, de todas as pessoas, como filósofo nato, devia tender isso. Ao vender nossa renda aqui e no Império, nos sustentaremos totalmente. Os Varden não têm mais necessidade de mendigar comida e de abrigo.

Poucas coisas em sua vida deixaram Nasuada tão feliz quanto a expressão incrédula de Orrin naquele instante. O pergaminho congelado no meio do caminho entre seu queixo e a mesa, sua boca levemente aberta e o cômico olhar de reprovação em sua fronte conspiraram para lhe dar a aparência assustada de um homem que havia acabado de ver algo que não entendia. Ela saboreou a reação.

- *Renda?* - disse ele às pressas.

- Sim. Majestade.

- *Você* não pode enfrentar Galbatorix com renda!

- Por que não, majestade?

Ele se conteve por algum tempo mas acabou resmungando:

- Porque... porque isso não é uma atitude respeitável, é por isso. Que bardo iria compor um épico sobre nossos feitos e escrever sobre *rendas*?

- Não lutamos para inspirar épicos a nos louvar.

- Então, que se danem os épicos! Como devo responder à associação de tecelões? Ao vender sua renda por um preço tão barato, você acaba com o sustento das pessoas e enfraquece a nossa economia. Assim não dá. Assim não dá mesmo.

Deixando seu sorriso ficar mais doce e caloroso, Nasuada disse em seu tom mais amigável:

- Oh, querido. Se o prejuízo for grande demais para as suas finanças, os Varden estariam mais do que dispostos a lhes oferecer um empréstimo em troca da gentileza que vocês nos dispensaram... a uma taxa de juros adequada, é claro.

O Conselho dos Anciãos conseguiu manter o seu decoro, mas por trás de Nasuada, Elva se divertia dando uma rápida risada.

ESPADA VERMELHA, ESPADA BRANCA

No nascer do sol sobre o horizonte arborizado, Eragon respirou ainda mais fundo, acelerou seu batimento cardíaco e abriu os olhos ao retornar à consciência. Ele não esteve adormecido, pois não dormira desde sua transformação. Quando se sentia cansado e se deitava para descansar, entrava num estado próximo ao transe. Lá ele tinha muitas visões extraordinárias e andava entre as sombras cinzentas de suas memórias, contudo permanecia o tempo todo a par do que o cercava.

Ele via o nascer do sol e pensava sobre Arya, ela enchia a sua mente como em todas as horas, desde o Agaetí Blödhren dois dias atrás. Na manhã posterior à celebração, ele a procurou na Mansão Tialdarí - na intenção de explicar seu comportamento - só para descobrir que ela já havia partido para Surda. *Quando a verei novamente?* pensou incerto. Na luz clara do dia, percebeu como a magia dos dragões e dos elfos havia entorpecido sua razão durante o Agaetí Blödhren. *Posso ter agido como um idiota, mas a culpa não foi totalmente minha. Não fui mais responsável por minha conduta do que se estivesse bêbado.*

Ainda assim, tudo que ele havia dito para Arya era verdadeiro -mesmo que normalmente não fosse revelar tanto de si próprio. Sua rejeição feriu Eragon profundamente. Agora livre dos encantos que haviam enevoado a sua mente, foi forçado a admitir que ela provavelmente tinha razão, que a diferença de idade era grande demais para ser superada. Era difícil aceitar e, tão logo o fez, tal entendimento só aumentou a sua angústia.

Eragon já havia ouvido a metáfora "coração partido". Até então, ele sempre a considerou uma imagem, não um sintoma físico de fato. Mas, agora ele sentia uma dor profunda no peito - como a de um músculo dolorido - e cada batida do seu coração lhe doía.

Seu único consolo era Saphira. Naqueles dois dias, em nenhum instante ela criticou o que ele havia feito, tampouco o deixou sozinho por mais de alguns minutos, deu-lhe o suporte do seu companheirismo. Ela também

conversava bastante com o parceiro, fazia o máximo possível para tirá-lo de seu silêncio.

Para não ficar o tempo todo pensando em Arya, Eragon pegou o quebra-cabeça de anéis de Orík em sua mesa-de-cabeceira, e o rolou entre os dedos, maravilhado com o quão aguçados haviam ficado os seus sentidos. Ele podia sentir cada pequena falha no metal retorcido. Enquanto estudava o anel, notou um arranjo nos elos de metal, um padrão que lhe havia fugido antes. Confiando no seu instinto, manipulou os aros na sequência sugerida pela sua observação. Para a sua alegria, as oito peças se encaixaram perfeitamente, formaram enfim um todo sólido. Ele fez o anel escorregar sobre o quarto dedo da mão direita, admirando o quanto os aros entrelaçados refletiam a luz.

Você não podia fazer isso antes, observou Saphira da plataforma onde ela dormia.

Posso ver muitas coisas que antes estavam ocultas para mim.

Eragon foi até o banheiro e fez sua higiene matinal, incluía a remoção dos pêlos do rosto com um feitiço. Apesar do fato de agora estar extremamente parecido com um elfo, ele havia mantido a capacidade de ter uma barba, se quisesse.

Orík estava esperando por eles quando Eragon e Saphira chegaram ao campo de duelos. Seus olhos ficaram radiantes quando Eragon levantou a mão e mostrou o quebra-cabeça do anel.

- Você o resolveu, então!

- Isso demorou mais tempo do que eu esperava - disse Eragon -, mas, sim. Você também está aqui para treinar?

- É. Eu já treinei golpes de machado com um elfo que teve um prazer demoníaco em rachar a minha cabeça. Não... eu vim para ver você lutar.

- Você já me viu lutar anteriormente - indicou Eragon.

- Não vejo há um bom tempo.

- Você quer dizer que está curioso para ver o quanto eu mudei. -

Orík encolheu os ombros em resposta.

Vanir se aproximou vindo do outro lado do campo. Ele gritou:

- Está pronto, Matador de Espectros? - A conduta transigente do elfo se abrandou desde o seu último duelo, antes do Agaetí Blödhren, mas não

muito.

- Estou pronto.

Eragon e Vanir se posicionaram um de frente para o outro numa área aberta no campo. Esvaziando sua mente, Eragon agarrou e sacou Zar'roc o mais rápido que podia. Para sua surpresa, a espada parecia não pesar mais do que uma vara de salgueiro. Sem a esperada resistência, o braço de Eragon estalou na mesma hora, fazendo a espada sair de sua mão e voar para longe, girando, uns vinte metros para a direita, onde se enterrou no tronco de um pinheiro.

- Você não consegue nem segurar a sua espada, Cavaleiro? - perguntou Vanir.

- Desculpe, Vanir-vodhr - disse Eragon, ofegante. Ele apertou o cotovelo, esfregando a articulação machucada para diminuir a dor. - Julguei mal a minha força.

- Certifique-se de que isso não venha a acontecer novamente. - Indo até a árvore, Vanir agarrou o cabo da Zar'roc e tentou soltar a espada. A arma permanecia imóvel. As sobrançelas do elfo se encontraram enquanto ele franzia a testa para aquela lâmina vermelha inflexível, como se suspeitasse de alguma espécie de truque. Escorando-se, o elfo fez bastante força para trás e, com o estalar da madeira, conseguiu arrancar Zar'roc do pinheiro.

Eragon aceitou a espada de volta, dada por Vanir, e ergueu Zar'roc, incomodado com a sua leveza. *Algo está errado*, pensou.

- Tome o seu lugar!

Desta vez foi Vanir que iniciou a luta. Num único salto, cruzou a distância que os separava e deu uma estocada na direção do ombro direito de Eragon. Para Eragon, parecia que o elfo se movia mais lentamente do que o normal, como se os reflexos de Vanir tivessem sido reduzidos ao nível de um humano. Foi fácil para Eragon desviar o golpe do elfo, e faíscas azuis voaram do metal tão logo suas espadas se encontraram.

Vanir caiu, surpreso. Ele atacou novamente, e Eragon evitou a espada inclinando-se para trás, como se fosse uma árvore balançando ao vento. Numa rápida sucessão, Vanir disparou uma série de golpes pesados sobre Eragon, cada um dos quais o Cavaleiro bloqueou ou se esquivou, usava tanto a bainha como a própria espada, para frustrar os ataques violentos do

elfo.

Eragon logo percebeu que o dragão espectral do Agaetí Blödhren havia feito mais do que alterar sua aparência, ele também lhe concedera as habilidades físicas dos elfos. Em força e velocidade, Eragon agora se equiparava ao elfo mais atlético.

Inflamado por aquela percepção e pelo desejo de testar seus limites, Eragon pulou o mais alto que pôde. Zar'roc emitiu um brilho avermelhado à luz do sol, enquanto ele voava rumo ao céu, erguendo-se a mais de três metros do chão, como um acrobata, antes de cair atrás de Vanir, virado para a direção de onde ele havia começado a manobra.

Uma gargalhada ameaçadora brotou de Eragon. Ele não era mais indefeso perante os elfos, Espectros e outras criaturas da magia. Ele não sofreria mais com o desprezo dos elfos. Não teria mais que se fiar em Saphira ou Arya para salvá-lo de inimigos como Durza.

Ele atacou Vanir, e soou um estrondo no campo enquanto eles lutavam um contra o outro, movendo-se com gestos de extrema violência para trás e para frente, sobre a grama pisoteada. A força dos seus golpes criava rajadas de vento que açoitavam seus cabelos, deixava-os emaranhados. Mais acima, as árvores balançavam e soltavam suas folhas. O duelo tomou grande parte da manhã pois, mesmo com as recém-adquiridas habilidades de Eragon, Vanir ainda assim era um oponente formidável. Mas no fim das contas, Eragon não teria suas expectativas negadas. Girando com Zar'roc, passou pela guarda de Vanir e o atingiu na parte de cima do braço, quebrando o osso.

Vanir deixou sua espada cair, e seu rosto ficou pálido de susto.

- Como a sua espada é rápida - disse ele, e Eragon reconheceu o famoso verso de *A Balada de Umhoda*.

- Pelos deuses! - exclamou Orik. - Essa foi a melhor demonstração de manejo de espada que já vi, e eu estava lá quando você enfrentou Arya em Farthen dūr.

Então Vanir fez o que Eragon jamais poderia esperar: o elfo virou sua mão sadia no gesto de lealdade, colocou-a sobre o esterno e se curvou.

- Peço desculpas pelo meu comportamento anterior, Eragon-elda. Achava que você iria condenar minha raça à extinção e por conta do meu medo agi de forma vergonhosa. No entanto, me parece que a sua raça não

ameaça mais a nossa causa. - Num tom de voz relutante, ele acrescentou: - Agora *you* é merecedor do título de Cavaleiro.

Eragon se curvou, retribuindo o gesto.

- Você me honra. Lamento tê-lo deixado tão ferido. Você me permite curar o seu braço?

- Não, devo deixar a natureza cuidar dele no seu próprio ritmo, como lembrança de que uma vez cruzei espadas com Eragon Matador de Espectros. Você não precisa temer que isso venha a atrapalhar nosso duelo de amanhã, também sou muito bom com a minha mão esquerda.

Ambos se curvaram novamente e então Vanir partiu. Orik bateu em sua coxa e disse:

- Agora temos uma chance de vitória, uma chance de verdade! Posso sentir isso em meus ossos. Tendo ossos de pedra, como eles dizem. Ah, isso deixará Hrothgar e Nasuada imensamente felizes.

Eragon ficou quieto e se concentrou para limpar a bainha de Zar'roc, mas disse para Saphira: *Se bastasse força muscular para depor Galbatorix, os elfos já o teriam feito há muito tempo.* Ainda assim, ele não conseguia conter a felicidade por ter aumentado sua destreza, assim como por ter se livrado das dores em suas costas. Os constantes acessos de dor eram como uma névoa, agora dissipada de sua mente, permitia que ele pensasse com clareza mais uma vez.

Restavam alguns minutos para o encontro marcado com Oromis e Glaedr, por isso Eragon pegou seu arco e a aljava, que estavam pendurados nas costas de Saphira, ele andou até o campo onde os elfos praticavam arco e flecha. Como os arcos dos elfos eram bem mais poderosos que o seu, os alvos deles lhe pareciam, ao mesmo tempo, muito pequenos e distantes. Ele tinha que atirar do meio do caminho entre a marca e o alvo.

Em posição, Eragon encaixou uma flecha e lentamente puxou a corda, satisfeito com a facilidade. Ele mirou, soltou a flecha e manteve a sua posição, esperando para ver se atingiria o alvo. Como uma vespa enlouquecida, a seta seguiu zunindo em direção ao alvo e se enterrou bem no centro. Ele sorriu. Repetidas vezes, o cavaleiro atirou no alvo. Sua velocidade aumentava conforme sua confiança, até ele disparar trinta flechas num minuto.

Na trigésima primeira flecha, ele puxou a corda de um jeito levemente mais forte do que jamais havia feito - ou era capaz de fazer - antes. Com um estrondo, a madeira do arco quebrou ao meio sob a sua mão esquerda, arranhando seus dedos e disparando uma rajada de estilhaços da parte de trás do arco. Sua mão ficou dormente por causa do solavanco.

Eragon olhou para os restos de sua arma, consternado com a perda. Garrow a fizera como presente de aniversário há mais de três anos. Desde então, dificilmente uma semana se passava sem que Eragon não usasse seu arco. Ele o ajudara a trazer comida para casa em inúmeras ocasiões quando, de outra maneira, ficariam com fome. Com ele, matou seu primeiro cervo. Com ele, matou seu primeiro Urgal. E através dele, usou a magia pela primeira vez. Perder seu arco era como perder um velho amigo com o qual se podia contar até mesmo na pior das situações.

Saphira cheirou os dois pedaços de madeira que balançavam em suas mãos e disse: *Parece que você precisa de um novo lançador de varas.* Ele resmungou - não estava disposto a falar - e saiu para recuperar suas flechas.

Do campo aberto, ele e Saphira voaram para os brancos rochedos de Tel'naeír e se apresentaram a Oromis, que estava sentado num banco em frente à sua cabana, olhando montanha abaixo com seus olhos que enxergavam longe. Ele disse:

- Você já se recuperou totalmente, Eragon, da magia potente da Celebração de Juramento ao Sangue?

- Sim, mestre.

Um longo silêncio se seguiu enquanto Oromis bebia uma xícara de chá de amora silvestre e voltava a contemplar a velha floresta. Eragon esperou sem reclamar, ele estava acostumado com tais pausas quando lidava com o velho Cavaleiro. Finalmente, Oromis se pronunciou:

- Glaedr me explicou, o melhor que pôde, o que aconteceu com *você* durante a celebração. Tal coisa jamais havia ocorrido na história dos Cavaleiros... Mais uma vez, os dragões se provaram capazes de muito mais do que imaginávamos. - Ele tomou um gole de seu chá. - Glaedr estava incerto quanto às exatas mudanças que *você* iria experimentar, por isso gostaria que *você* descrevesse a extensão total da sua transformação, incluindo a sua aparência.

Eragon resumiu rapidamente como ele fora alterado, detalhou o aumento da sensibilidade na visão, no olfato, na audição, no tato e terminou com um relato de seu embate com Vanir.

- E como - perguntou Oromis - *você* está se sentindo em relação a tudo isso? Você se ressentido do fato de que o seu corpo foi manipulado sem a sua permissão?

- Não, não! De jeito nenhum. Eu poderia ter me ressentido antes da batalha de Farthen dûr, mas agora me sinto simplesmente grato por minhas costas não estarem doendo mais. Eu teria, de livre e espontânea vontade, me submetido a mudanças muito maiores para escapar da maldição de Durza. Não, minha única resposta é gratidão.

Oromis acenou positivamente a cabeça.

- Fico feliz por *você* ser sábio o bastante para tomar essa posição, pois seu dom vale mais do que todo o ouro que existe no mundo. Com isso, acredito que nossos pés estejam finalmente no caminho certo. -Mais uma vez ele sorveu o chá. - Vamos em frente. Saphira, Glaedr a espera na Pedra dos Ovos Quebrados. Eragon, hoje começará o terceiro estágio do Rimgar, se *você* puder. Gostaria de ter uma noção de tudo que *você* é capaz de fazer.

Eragon seguiu na direção do quadrado de terra batida onde eles normalmente executavam a Dança da Cobra e do Grou, mas hesitou ao ver que o elfo de cabelos prateados havia ficado para trás.

- Mestre, você não vem se juntar a mim? Um sorriso triste brotou no rosto de Oromis.

- Hoje não, Eragon. Os feitiços exigidos pela Celebração de Juramento ao Sangue exigiram demais de mim. Isso e a minha... doença. Usei as minhas últimas forças para vir me sentar aqui fora.

- Lamento, mestre. - *Será que ele se ressentido do fato de os dragões não terem optado por curá-lo também?*, pensou Eragon. Ele imediatamente deixou esse pensamento de lado, Oromis jamais seria tão mesquinho.

- Não fique assim. O fato de eu estar aleijado não é culpa sua. Enquanto Eragon lutava para completar o terceiro estágio do Rimgar. Ficou óbvio que ainda lhe faltava o equilíbrio e a flexibilidade dos elfos, dois atributos que até mesmo eles tinham que trabalhar para adquirir. De uma certa maneira, ele saudava essas limitações pois, se fosse perfeito, o que lhe

restaria para alcançar?

As semanas seguintes foram difíceis para Eragon. Por um lado ele fez um progresso enorme com seu treinamento, dominava conseqüências que outrora o confundiam. Ele ainda achava as lições de Oromis desafiadoras mas não se sentia inadequado, como se estivesse afundando no mar da sua própria incapacidade. Era mais fácil para Eragon ler e escrever, e sua força aumentada significava que ele agora podia invocar onze feitiços que exigiam muita energia e poderiam matar qualquer humano normal. Sua força também evidenciou quão fraco Oromis era, em comparação a outros elfos.

Contudo, apesar de todas essas habilidades, Eragon experimentou uma sensação crescente de descontentamento. Não importava o quanto ele se esforçava para esquecer Arya, cada dia que passava aumentava a sua saudade, a agonia só piorava pelo fato de saber que ela não queria vê-lo ou conversar com ele. Porém, mais do que isso, lhe parecia que uma tempestade agourenta estava se formando além do horizonte, uma tempestade que ameaçava cair a qualquer momento e se espalhar por todo o reino, devastando tudo e todos.

Saphira partilhava da sua inquietação. Ela disse: *O mundo está se esticando e ficando mais fino, Eragon. Logo ele se romperá e a loucura vai jorrar. O que você sente é o que os dragões sentem e o que os elfos sentem - a marcha inexorável do destino enquanto o fim da nossa era se aproxima. Chore por aqueles que morrerão no caos que deverá consumir a Alagaësia. E torça para que possamos ter um futuro mais brilhante com a força da sua espada, de seu escudo, das minhas presas e das minhas garras.*

VISÕES PRÓXIMAS E DISTANTES

Chegou o dia em que Eragon foi à clareira do outro lado da cabana de Oromis, sentou-se na tora branca e polida no centro daquele vazio musgoso e - quando abriu a mente e observou as criaturas ao seu redor - sentiu não apenas os pássaros, as feras e os insetos, sentiu também as plantas da floresta.

As plantas possuíam uma consciência diferente da dos animais:

lenta, deliberada e difusa, mas, à sua maneira, eram tão cientes do que estava no entorno quanto Eragon. O impulso leve de consciência das plantas banhava a galáxia de estrelas por trás dos seus olhos - cada faísca luminosa representava uma vida - tinha um brilho suave e onipresente. Até mesmo o solo mais improdutivo fervilhava de organismos, a própria terra estava viva e consciente.

A vida inteligente, concluiu ele, existe em toda parte.

Enquanto Eragon mergulhava nos pensamentos e sentimentos dos seres à sua volta, ele teve como alcançar um estado de paz interior tão profundo que durante aquele tempo, cessou de existir como indivíduo. Ele se permitia a fusão, era um vazio, era um receptáculo para as vozes do mundo. Nada escapava da sua atenção, pois esta não estava focada em nada.

Ele *era* a floresta e seus habitantes.

E assim que um deus se sente?, questionou-se Eragon enquanto voltava a si.

Ele deixou a clareira, procurou Oromis em sua cabana e se ajoelhou na frente do elfo, dizendo:

- Mestre, eu fiz como *você* me pediu. Fiquei ouvindo até não ouvir mais nada.

Oromis fez uma pausa em sua escrita e, com uma expressão pensativa, olhou para Eragon.

- Conte-me. - Durante uma hora e meia, Eragon discorreu de forma eloqüente sobre cada aspecto das plantas e dos animais que povoavam a clareira, até Oromis levantar a mão e se pronunciar. - Estou convencido, você ouviu tudo que há para se ouvir. Mas você entendeu tudo?

- Não, mestre.

- E assim que deve ser. A compreensão virá com a idade... Muito bem, Eragon-finiarel. Muito bem mesmo. Se você fosse meu aluno em Ilirea, antes de Galbatorix ascender ao poder, *você* teria acabado de se graduar no seu aprendizado, seria considerado um membro formado da nossa ordem e faria jus aos mesmos direitos e privilégios dos mais antigos Cavaleiros. - Oromis se levantou da cadeira onde estava sentado e permaneceu no lugar, oscilando. - Emprésteme o seu ombro, Eragon, e ajude-me a sair. Meus membros não obedecem à minha vontade.

Eragon correu para auxiliá-lo. Ao lado de seu mestre, Eragon sustentava o peso leve dele, enquanto Oromis mancava até o córrego que desaguava longe dos limites dos rochedos de Tel'naeír.

- Agora que você atingiu este estágio na sua educação, posso lhe ensinar um dos maiores segredos da magia, que nem mesmo Galbatorix deve saber. E a sua melhor esperança de poder equiparar o seu poder ao dele. - O olhar do elfo ficou mais penetrante. - Qual é o custo da magia, Eragon?

- Energia. Um encanto consome a mesma quantidade de energia que exigiria para completar a tarefa através de meios mundanos.

Oromis acenou positivamente.

- E de onde vem a energia?

- Do corpo de quem está invocando o feitiço.

- Sempre?

A mente de Eragon acelerou enquanto pensava nas implicações apavorantes da pergunta de Oromis.

- Você quer dizer que ela pode vir de outras fontes?

- Isso é exatamente o que acontece sempre que Saphira o ajuda num feitiço.

- Sim, mas ela e eu partilhamos de uma conexão única - protestou Eragon. - Nosso vínculo é a razão que explica por que posso requisitar a sua energia. Para fazer isso com outra pessoa eu teria que entrar... - Sua voz foi morrendo enquanto ele percebia o que Oromis estava insinuando.

- Você teria que entrar na consciência do ser, ou seres, que lhe forneceria a energia - disse Oromis, completando o pensamento de Eragon. - Hoje *você* provou que pode fazer isso até mesmo com a menor forma de vida. Agora... - Ele parou, colocou a mão no peito enquanto tossia e depois prosseguiu. - Quero que você extraia uma esfera d'água do riacho, usando apenas a energia que puder recolher da floresta que está em torno de você.- Sim, mestre.

Enquanto Eragon alcançava as plantas e os animais mais próximos, a mente de Oromis roçando na sua, o elfo observava e julgava o seu progresso. Franzindo a testa de tão concentrado, Eragon se esforçava a absorver a força necessária que havia no meio ambiente e retê-la dentro de si até que estivesse pronto para soltar a magia...

- Eragon! Não a tire de mim! Já estou fraco demais.

Assustado, Eragon percebeu que havia incluído Oromis em sua busca.

- Lamento, mestre - disse ele, sentindo-se repreendido. Ele retomou o processo, tomando cuidado para não sugar a vitalidade do elfo, e quando estava pronto, deu a ordem:

- Para cima!

Silenciosa como a noite, uma esfera d'água com uns trinta centímetros de diâmetro se ergueu do riacho, até flutuar no nível dos olhos de Eragon. E enquanto o jovem sentia a tensão normal resultante do esforço intenso, o encanto por si só não lhe causou fadiga alguma.

A esfera só estava no ar a um instante quando uma devastação mortal atingiu as criaturas menores com as quais Eragon estava em contato. Uma fileira de formigas virou para o lado e ficou imóvel. Um bebê rato ficou ofegante e morreu assim que perdeu as forças para manter o coração batendo. Inúmeras plantas murcharam, se desintegraram e ficaram inertes como poeira.

Eragon se retraiu, horrorizado com o que havia causado. Dado o seu novo respeito pela divindade da vida, ele achou o crime apavorante. O que o tornou pior era o fato de ele estar intimamente ligado a cada ser assim que este deixava de existir, era como se ele próprio estivesse morrendo repetidas vezes. Cortou o fluxo de magia - deixou a esfera d'água cair no chão - e depois se voltou para Oromis, furioso.

- Você sabia que isso ia acontecer!

Uma expressão de profunda tristeza trouxe o velho Cavaleiro.

- Era necessário - respondeu ele.

- Era necessário que tantos tivessem que morrer?

- Era necessário que você entendesse o preço terrível de se usar este tipo de magia. Meras palavras não podem transmitir o que é a sensação participar da morte daqueles cujas mentes *você* partilha. Você tinha que vivenciar isso.

- Não farei isso novamente - jurou Eragon.

- Nem terá que fazê-lo. Se for disciplinado, poderá optar por extrair o poder só das plantas e animais que possam resistir. É impraticável no meio de

uma batalha, mas você poderá fazê-lo em suas lições. - Oromis gesticulou em sua direção e, ainda atônito, Eragon permitiu que o elfo se apoiasse nele enquanto voltavam para a cabana. - *Você vê por que essa técnica não foi ensinada para Cavaleiros mais jovens. Caso se tornasse conhecida e disponível a um feiticeiro do mal, ele ou ela poderiam causar grande destruição, especialmente porque seria difícil deter alguém que tivesse acesso a tanto poder.* - Assim que os dois voltaram para dentro, o elfo suspirou, arriou em sua cadeira e apertou as pontas dos dedos. Eragon também se sentou.

- Já que é possível absorver energia da - ele fez um aceno com a mão - *da vida*, também é possível absorvê-la diretamente da luz, do fogo ou de qualquer uma das outras formas de energia?

- Ah, Eragon, se fosse assim, poderíamos destruir Galbatorix num instante. Podemos trocar energia com outros seres vivos, podemos usar tal energia para mover nossos corpos ou para capacitar um feitiço, e podemos até mesmo armazenar tal energia em certos objetos para um uso posterior, mas não podemos assimilar as forças fundamentais da natureza. A razão diz que isso pode ser feito, mas ninguém conseguiu inventar um encanto que permita isso.

Nove dias depois, Eragon se apresentou a Oromis e disse:

- Mestre, me ocorreu na noite passada que nem *você* nem as centenas de pergaminhos elfos que li mencionavam a sua religião. No que os elfos acreditam?

Um longo suspiro foi a primeira resposta de Oromis. Então:

- Acreditamos que o mundo se comporta de acordo com certas regras invioláveis e que, com um esforço persistente, podemos descobrir quais são tais regras e usá-las para prever eventos quando as circunstâncias se repetem.

Eragon piscou. Isso não lhe disse o que ele queria saber.

- Mas quem ou o que vocês cultuam?

- Nada.

- Vocês cultuam o conceito de nada?

- Não, Eragon. Não veneramos nada.

Tal pensamento era tão discrepante, que foram necessários alguns

instantes para Eragon compreender o que Oromis quis dizer. Faltava aos aldeões de Carvahall uma única doutrina dominante, mas eles partilhavam de uma coleção de superstições e rituais, grande parte deles apenas afastava a má sorte. Ao longo do seu treinamento, ficou evidente para Eragon que muitos dos fenômenos que os aldeões atribuíam às fontes sobrenaturais eram, de fato, processos naturais, como quando ele aprendeu em suas meditações que as larvas eram incubadas a partir de ovos de em vez de surgirem espontaneamente da sujeira, como ele pensava antes. Também não fazia sentido desperdiçar uma oferenda de comida para impedir que os duendes fizessem o leite ficar estragado, quando ele sabia que o leite estragava por causa da proliferação de pequenos organismos no líquido. Ainda assim, Eragon permanecia convencido de que forças do outro mundo influenciavam o planeta de maneiras misteriosas, uma crença que sua exposição à religião dos anões encorajou. Ele disse:

- De onde *você* pensa que o mundo veio, então, se não foi criado pelos deuses?

- Que deuses, Eragon?

- Os seus deuses, os deuses dos anões, os nossos deuses... alguém deve tê-lo criado.

Oromis ergueu uma sobrancelha.

- Eu não concordaria necessariamente com *você*. Mas seja como for. eu não posso provar que os deuses *não* existem. Tampouco posso provar que o mundo e tudo que há nele independem de uma entidade ou de diversas entidades ancestrais. Mas posso lhe dizer que nos milênios em que nós elfos estudamos a natureza, jamais testemunhamos uma instância na qual as regras que governam o mundo foram quebradas. Quer dizer, nunca vimos um milagre. Muitos eventos desafiaram a nossa habilidade analítica, mas estamos convencidos de que falhamos porque ainda somos desgraçadamente ignorantes em relação ao universo e não porque uma divindade alterou as obras da natureza.

- Um deus não teria que alterar a natureza para realizar a sua vontade - garantiu Eragon. - Ele poderia fazer isso dentro do sistema que já existe... Poderia usar a magia para afetar os eventos.

Oromis sorriu.

- É bem verdade. Mas faça uma pergunta para si próprio, Eragon: Se os deuses existissem, seriam eles bons zeladores da Alagaësia? Morte, doença, pobreza, tirania e inúmeras outras desgraças se espalham pelo e isso e trabalho de seres divinos, então é necessário que nos os contra eles e os derrubemos, não podemos lhes prestar reverência, obediência e homenagens.

- Os anões acreditam...

- Exatamente! Os anões *acreditam*. Quando se trata de certos assuntos, eles se valem mais da fé do que da razão. Além de também serem conhecidos por ignorar evidências que contradizem o dogma deles.

- Como o quê? - perguntou Eragon.

- Sacerdotes anões usam os corais como prova de que as pedras são seres vivos e podem crescer, o que também corrobora sua história de que Helzvog formou a raça dos anões a partir do granito. Mas nós elfos descobrimos que os corais são de fato animais celenterados providos de exoesqueletos de calcário, que abrigam outros animais. Qualquer mágico pode sentir os animais se abrir a sua mente. Explicamos isso para os anões, mas eles se recusaram a escutar dizendo que a vida que sentíamos residia em todo tipo de pedra, embora seus sacerdotes sejam os únicos que, supostamente, tenham como detectar vida em pedras cercadas de terra.

Durante um bom tempo, Eragon ficou olhando pela janela, matutando sobre as palavras de Oromis.

- Você não acredita na vida após a morte, então.

- Pelo que Glaedr disse, você já sabia disso.

- E você não valoriza deuses.

- Acreditamos apenas naquilo que podemos provar que existe.

Como não temos evidências de que deuses, milagres e outras coisas sobrenaturais são verdadeiras, não nos preocupamos com eles. Se isso mudasse, se Helzvog se revelasse para nós, então poderíamos aceitar a evidencia e rever a nossa posição.

- Parece-me que esse é um mundo muito frio sem algo... a mais.

- Pelo contrário - disse Oromis - é um mundo melhor. Um mundo onde somos responsáveis pelas nossas ações, onde podemos ser gentis com o próximo, porque queremos ou porque é correto, em vez de nos sentirmos ameaçados pelo castigo divino. Não vou lhe dizer no que acreditar. Eragon. É

bem melhor ser ensinado a pensar de forma crítica e poder tomar suas próprias decisões, do que ter as noções de um outro alguém jogadas nas suas costas. *Você nos perguntou sobre a nossa religião e eu lhe respondi a verdade. Faça com isso o que quiser.*

A discussão dos dois - junto com suas preocupações anteriores - deixou Eragon tão perturbado que teve dificuldades para se concentrar nos seus estudos nos dias seguintes, mesmo quando Oromis começou a lhe mostrar como cantar para as plantas, coisa que Eragon estava ansioso para aprender.

Eragon reconheceu que suas próprias experiências já o tinham levado a adotar uma atitude mais cética, a princípio, ele concordou com grande parte do que Oromis havia dito. O problema com o qual lutava, no entanto, era que, se os elfos estivessem certos, isso significava que quase todos os humanos e anões estavam enganados, algo que Eragon achava difícil de aceitar. *Todas essas pessoas não podem estar erradas*, insistia consigo mesmo.

Quando perguntou a Saphira sobre isso, ela disse: *Isso não me importa muito, Eragon. Dragões jamais acreditaram em forças superiores. Por que deveríamos pensar assim se os veados e outras presas nos consideram uma força superior?* Ele riu muito daquilo. *Só não ignore a realidade com o intuito de confortar a si própria, pois uma vez que você o fizer, permitirá aos outros iludi-lo.*

Naquela noite, as incertezas de Eragon explodiram em seus devaneios, tanto que se enfureciam como um urso ferido em sua mente, arrancava imagens discrepantes de suas lembranças e misturava-as num tal clamor, que parecia que ele estava sendo transportado de volta para a confusão da batalha em Farthen dūr. Ele viu Garrow caído e morto na casa de Horst, depois Brom morto na caverna de arenito abandonada, e depois o rosto de Angela, a herbolária, que sussurrava: "Cuidado, Argetlam, a traição está evidente. E virá de dentro da sua família. Cuidado, Matador de Espectros!" Então, o céu avermelhado se abriu e Eragon mais uma vez pôde ver os dois exércitos de sua premonição nas montanhas Beor. O formigueiro de guerreiros foi de encontro a um campo laranja e amarelo, acompanhado pelos gritos ásperos dos corvos de batalha e do zunido de flechas negras. A própria terra

parecia queimar: chamas verdes saiam de buracos espalhados pelo chão, carbonizavam os cadáveres mutilados que ficaram para trás com o levante do exército. Ele ouviu o rugido de uma fera gigantesca que apareceu rapidamente...

Eragon levantou da cama num pulo e apalpou o colar dos anões, que queimava em sua garganta. Usando a túnica para proteger a mão, ele arrancou o martelo de prata da pele e depois se sentou e ficou esperando na escuridão, seu coração estrondeava, assustado. Ele sentia sua força diminuir enquanto o feitiço de Gannel frustrava quem quer que estivesse tentando se valer de cristalomancia para observar a ele e Saphira. Mais uma vez ele se questionou se era o próprio Galbatorix que estava por trás do encanto, ou se era um dos mágicos favoritos do rei.

Eragon franziu a testa e largou o martelo enquanto o metal ia esfriando novamente. *Algo está errado. Eu venho percebendo isso há algum tempo, assim como Saphira.* Estava inquieto demais para voltar ao transe que havia lhe substituído o sono, saiu do quarto em silêncio, sem acordar Saphira, e subiu a escada em espiral até a sala de estudos. Lá, ele abriu uma lanterna branca e leu um dos épicos de Analísia até o sol nascer, numa tentativa de se acalmar.

Assim que Eragon pôs o pergaminho de lado, Blagden voou através do portal aberto na parede oriental e, com um adejar de asas, aterrissou na beirada da escrivaninha entalhada. O corvo branco fixou seus olhos grandes e redondos em Eragon e grasnou:

- *Wyrda!*

Eragon inclinou a cabeça.

- E que as estrelas zelem por você, mestre Blagden.

O corvo foi se chegando para mais perto, aos pulos. Ele levantou a cabeça para o lado e soltou uma tosse que mais parecia um latido, como se estivesse pigarreando, para depois recitar com sua voz rouca:

Com o bico e a ossatura

Minha pedra escura

Vê qualquer manguê

Como um rio de sangue!

- O que isso quer dizer? - perguntou Eragon.

Blagden encolheu os ombros e repetiu o verso. Enquanto Eragon ainda o pressionava em busca de uma explicação, o pássaro arrepiou suas penas, parecendo insatisfeito e riu como um cacarejo de galinha:

- Pai e filho iguais, ambos cegos como morcegos.

- Espere! - exclamou Eragon, erguendo-se aos solavancos. - Você conhece o meu pai? Quem é ele?

Blagden cacarejou novamente. Desta vez ele parecia estar às gargalhadas.

Ao passo que dois podem compartilhar dois E um de dois é certamente um, Um pode ser dois.

- Um nome, Blagden. Dê-me um nome! - No que o corvo permaneceu em silêncio, Eragon expandiu a mente, na intenção de arrancar a informação das lembranças da ave.

Blagden, no entanto, era muito esperto. Ele desviou a sondagem de Eragon com um pensamento. Gritando "*Wyrda!*", ele se lançou para arrancou a tampa de vidro de um tinteiro, e saiu voando com o troféu preso em seu bico. Ele mergulhou no ar e desapareceu antes que pudesse fazer um feitiço para trazê-lo de volta. "o estômago de Eragon deu um nó enquanto ele tentava decifrar os dois enigmas de Blagden. A última coisa que ele esperava era uma menção ao seu pai em Ellesméra. Finalmente, ele murmurou.

- É isso. *Encontrarei Blagden mais tarde e irei lhe arrancar a verdade à força. Mas, no momento... eu teria que ser um débil mental para ignorar esses presságios.* Ele se levantou num só pulo e desceu correndo as escadas, despertou Saphira mentalmente e lhe contou o que transcorreria durante a noite. Depois que tirou do banheiro o espelho que usava para fazer a barba. Eragon se sentou entre as duas patas da parceira assim ela poderia olhar sobre sua cabeça e ver o que ele via.

Arya não vai gostar nada se invadirmos a sua privacidade, avisou Saphira.

Tenho que saber se ela está segura.

Saphira aceitou sem discutir. *Como você a encontrará? Você disse que, depois do cativeiro, ela ergueu defesas que - assim como o seu colar-*

evitam que qualquer um a observe.

Se eu puder ver no cristal as pessoas com quem ela está andando, pode ser que consiga saber como Arya está. Concentrando-se na imagem de Nasuada, Eragon passou a mão sobre o espelho e murmurou a frase tradicional:

- Manifeste-se visão.

O espelho emitiu uma luz trêmula e ficou branco, exceto por nove pessoas reunidas em volta de uma mesa invisível. De todos eles, Eragon estava familiarizado com Nasuada e o Conselho de Anciãos. Mas, ele não conseguiu identificar uma garota estranha usando um capuz negro, que estava à espreita, atrás de Nasuada. Isso o deixou intrigado, pois um mágico só podia praticar a cristalomancia com coisas que ele já havia visto, e Eragon estava certo de que jamais havia posto os olhos na menina antes. No entanto, ele se esqueceu dela assim que notou que os homens, e até mesmo Nasuada, estavam armados para entrar em guerra.

Vamos ouvir o que eles dizem, sugeriu Saphira.

No instante em que Eragon fez a alteração necessária no encanto, a voz de Nasuada emanou do espelho:

- ... e a confusão irá nos destruir. Nossos guerreiros só podem ter um comandante durante esse conflito. Decida quem vai ser, Orrin, e seja rápido.

Eragon ouviu um suspiro desanimado.

- Como quiser, a função é sua.

- Mas, senhor, ela é inexperiente!

- Chega, Irwin - ordenou o rei. - Ela tem mais experiência com guerra do que qualquer um em Surda. E os Varden são a única força que já derrotou um dos exércitos de Galbatorix. Se Nasuada fosse um general surdo (o que seria de fato peculiar, admito), você não hesitaria em nomeá-la para o posto. Ficarei feliz ao lidar com questões de autoridade se elas vierem à tona depois, pois significarão que ainda poderei assumir a responsabilidade pelos meus atos e não estarei deitado num túmulo. Do jeito que as coisas vão, nossos números estão tão reduzidos que temo estarmos condenados, a não ser que Hrothgar consiga nos alcançar antes do final da semana. Agora, onde está aquele maldito pergaminho do vagão de mantimentos... Ah, obrigado,

Arya. Mais três dias sem...

Depois disso a discussão passou a girar em torno da falta de cordas de arco. e Eragon não pôde recolher mais nada que fosse útil, por isso ele terminou o encanto. O espelho clareou e ele se viu olhando para o seu próprio rosto.

Ela vive. murmurou o rapaz. Seu alívio foi ofuscado, no entanto, pelo significado maior do que havia escutado.

Saphira o encarou. *Somos necessários.*

Sim. Por que Oromis não nos falou sobre isso? Ele deve saber do que está acontecendo.

Talvez quisesse evitar que nosso treinamento fosse interrompido.

Preocupado, Eragon se perguntava o que mais de importante estava acontecendo na Alagaësia, de que ele não estava a par. *Roran.* Com uma pontada de culpa, Eragon percebeu que já fazia semanas que não pensava no primo, e muito mais tempo desde que o viu pelo cristal, no caminho para Ellesméra.

Ao comando de Eragon, o espelho revelou duas figuras em pé contra um fundo branco e puro. Levou um tempo para Eragon reconhecer o homem à direita como Roran. Ele estava usando roupas de viagem, trazia um martelo enfiado debaixo do cinto, tinha uma barba espessa que escondia o rosto e trazia uma expressão apavorada que evidenciava o desespero. A esquerda estava Jeod. O homem andava para cima e para baixo, acompanhado pelo bater ensurdecedor das ondas, que abafava tudo que eles diziam. Depois de um tempo, Roran se virou e andou ao longo do que Eragon supôs se tratar do convés de um navio, deixando a mostra dezenas de outros aldeões.

Onde estão eles, e por que Jeod os está acompanhando?, perguntou Eragon, confuso.

Pela magia, ele viu, em rápida sucessão, Teirm - ficou chocado ao ver que o cais da cidade havia sido destruído - Therinsford, a velha fazenda de Garrow, e depois Carvahall, ao que Eragon deu um grito como se houvesse se ferido.

O vilarejo havia desaparecido.

Cada construção, incluindo a magnífica casa de Horst, havia sido incendiada. Carvahall não existia mais, a não ser por um borrão coberto de

fuligem ao lado do rio Anora. Os únicos habitantes que restavam eram quatro lobos cinzentos que trotavam no meio dos destroços.

O espelho caiu da mão de Eragon e se estilhaçou no chão. Ele se inclinou sobre Saphira, com lágrimas ardendo nos olhos enquanto sofria mais uma vez por seu lar perdido. Saphira zumbia em seu peito e roçava no seu braço com a lateral de sua mandíbula, envolvendo-o num abraço quente de solidariedade. *Console-se, pequenino. Pelo menos os seus amigos ainda estão vivos.*

Ele estremeceu e sentiu um âmago de determinação crescendo no seu estômago. *Já ficamos isolados do mundo por tempo demais. E chegada a hora de deixarmos Ellesméra e enfrentar nosso destino, seja ele qual for. Por enquanto, Roran terá que brigar sozinho, mas os Varden... os Varden nós podemos ajudar. Chegou a hora de lutar, Eragon?*, perguntou Saphira, com um leve tom de formalidade na voz.

Ele sabia o que ela queria dizer: Será que era hora de desafiar o Império de frente, hora de matar e promover o caos até o limite de suas notáveis habilidades, hora de desencadear sua fúria até fazer Galbatorix cair morto aos seus pés? Será que era hora de se comprometer com uma campanha que poderia durar décadas para chegar a um fim?

Sim, chegou a hora.

PRESENTES

Eragon arrumou seus pertences em menos de cinco minutos. Pegou a sela que Oromis havia lhe dado, amarrou-a em Saphira, depois amarrou sua bagagem sobre as costas do dragão e a prendeu com uma fivela. Saphira jogou sua cabeça para cima, alargou as narinas e disse: *Vou esperar por você no campo.* Com um rugido, ela se jogou da casa da árvore, abriu suas asas azuis num ponto culminante do ar e saiu voando, deslizava sobre a cobertura da floresta.

Rápido como um elfo, Eragon correu para a mansão Tialdarí, onde encontrou Orik sentado no seu canto de costume, jogando runas. O anão o cumprimentou com um tapinha amigável no braço.

- Eragon! O que o traz aqui a essa hora da manhã? Achei que você estava batendo espadas com Vanir.

- Eu e Saphira estamos partindo - disse o Cavaleiro.

Orik parou com a boca aberta, depois estreitou os olhos, ficando sério.

- Você teve notícias?

- Falo sobre isso com *you* mais tarde. *You* quer vir?

- Para Surda?

- Sim.

Um sorriso escancarado brotou no rosto peludo de Orik.

- *You* teria que me prender com ferros antes que eu ficasse para trás. Não fiz nada em Ellesméra a não ser engordar e ficar indolente. Um pouco de agitação me fará bem. Quando partimos?

-O mais rápido possível. Junte as suas coisas e nos encontre no campo de duelos. Você poderia conseguir para nós provisões para uma semana?

- Uma semana? Mas isso não vai...

- Iremos voando sobre Saphira.

A pele acima da barba de Orik empalideceu.

- Nós, anões, não nos damos bem nas alturas, Eragon. Não mesmo. Seria melhor se pudéssemos seguir em cavalos, como fizemos para chegar até aqui.

Eragon balançou a cabeça.

- Isso levaria muito tempo. Além do mais, é fácil viajar sobre Ela o pegará se você cair. - Orik resmungou, parecendo ao o tempo nauseado e hesitante. Ao deixar a mansão, Eragon correu meio à cidade rústica até se juntar novamente a Saphira, e depois voou até os rochedos de Tel'naeír.

Oromis estava sentado no braço dianteiro direito de Glaedr quando eles aterrissaram na clareira. As escamas do dragão douravam o cenário com incontáveis lascas de luz áurea. Nem ele nem o elfo se mexeram. Descendo das costas de Saphira, Eragon se curvou.

- Mestre Glaedr. Mestre Oromis.

Glaedr disse: *Vocês resolveram que iriam voltar para os Varden, não?*

Sim. respondeu Saphira.

A sensação de que foi traído superou o autocontrole de Eragon:

- Por que vocês nos esconderam a verdade? Estão tão determinados a nos deixarem aqui, que tiveram que lançar mão de um artifício desleal. Os Varden estão prestes a serem atacados e vocês nem sequer mencionaram isso!

Calmo como sempre, Oromis perguntou.

- *Você quer saber por quê?*

Muito, mestre, disse Saphira antes que Eragon pudesse responder. Em particular, ela o repreendeu, rosnando: *Seja educado!*

- Nós seguramos as novidades por dois motivos. O principal deles era que nós mesmos não soubemos de nada até nove dias depois que os Varden foram ameaçados, e o real tamanho, a localização e os movimentos das tropas do Império permaneceram escondidos de nós até três dias depois disso, quando o lorde Däthedr rompeu as barreiras mágicas que Galbatorix usou para bloquear a nossa cristalomancia.

- Isso ainda não explica por que você não nos disse nada. - vociferou Eragon, franzindo a testa. - Não é só isso, mas assim que vocês descobriram que os Varden estavam em perigo, por que Islanzadí não incitou os elfos a lutar? Não somos aliados?

- Ela incitou os elfos, Eragon. A floresta ecoa com o bater dos martelos, o ruído das botas blindadas e a tristeza daqueles que estão prestes a se separar. Pela primeira vez em um século, nossa raça está pronta para sair de Du Weldenvarden e desafiar nosso maior inimigo. Chegou a hora dos elfos mais uma vez saírem para andar livremente na Alagaësia. - Delicadamente, Oromis acrescentou: - Ultimamente você tem andado distraído, Eragon, e eu sei por quê. Agora você deve olhar além de si próprio. O mundo exige a sua atenção.

Envergonhado, tudo o que Eragon pôde dizer foi:

- Desculpe, mestre. - Ele se lembrou das palavras de Blagden e se permitiu um sorriso amargo. - Estou tão cego quanto um morcego.

- Nem tanto, Eragon. Você se saiu bem, considerando as enormes responsabilidades que pedimos para que assumisse. - Oromis o encarou com um ar solene. - Estamos para receber uma missiva de Nasuada nos próximos dias, pedindo ajuda a Islanzadí e que você se junte novamente aos Varden. Pretendia informá-lo da situação desagradável dos Varden então, quando *você*

ainda teria tempo suficiente para chegar a Surda antes das espadas serem desembainhadas. Se eu tivesse lhe dito isso antes, *você* seria obrigado pela honra a abandonar o seu treinamento e correr para defender sua suserana. Foi por isso que eu e Islanzadí não abrimos as nossas bocas.

- Meu treinamento não irá significar nada se os Varden forem destruídos.

- Não. Mas *você* pode ser a única pessoa capaz de evitar que eles sejam destruídos, pois há uma chance, pequena porém terrível, de que Galbatorix esteja presente nessa batalha. Já está tarde demais para que nossos guerreiros possam ajudar os Varden, o que significa que, se Galbatorix de fato estiver lá, *você* deverá enfrentá-lo sozinho, sem a proteção dos nossos feiticeiros. Sob essas circunstâncias, era vital que o seu treinamento se prolongasse pelo máximo de tempo possível.

Num instante, a raiva de Eragon se desfez e foi substituída por uma razão fria, dura e brutalmente prática enquanto ele entendia a necessidade do silêncio de Oromis. Sentimentos pessoais eram irrelevantes numa situação tão medonha quanto a deles. Com a voz firme, ele falou:

- Você tinha razão. Meu juramento de lealdade me força a garantir a segurança de Nasuada e dos Varden. No entanto, não estou pronto para enfrentar Galbatorix. Ainda não, pelo menos.

- Minha sugestão - disse Oromis - é que, caso Galbatorix se revele, *você* faça tudo que puder para distraí-lo dos Varden até que a batalha esteja decidida em favor do bem ou do mal e evite um confronto direto com ele. Antes que parta, gostaria de lhe pedir uma coisa: que você e Saphira, assim que os eventos permitam, jurem que voltarão aqui para completar o seu treinamento, pois vocês ainda têm muito a aprender.

Nós voltaremos, prometeu Saphira, comprometendo-se na língua antiga.

- Sim, voltaremos - repetiu Eragon, selando o seu destino.

Parecendo satisfeito, Oromis enfiou a mão atrás de si e pegou uma bolsa vermelha bordada que ele abriu com um puxão.

- Previ a sua partida, por isso juntei três presentes para você, Eragon. - De dentro da bolsa, ele tirou uma garrafa prateada. - Em primeiro lugar, um pouco de faelnirv ao qual acrescentei os meus próprios encantos.

Essa poção poderá ajudá-lo quando tudo o mais falhar, e você provavelmente achará suas propriedades úteis em outras circunstâncias também. Beba-a com economia, pois eu só tive tempo de preparar um bocadinho.

Ele passou a garrafa para Eragon e depois tirou de dentro da bolsa um cinturão comprido, preto e azul, para pendurar espadas. O cinto parecia notadamente grosso e pesado quando o jovem o tateou. Era feito de fios de pano que, entrelaçados, mostravam uma liana em espiral. Orientado por Oromis, Eragon puxou uma espécie de borla na extremidade do cinto e ficou ofegante enquanto uma faixa em seu centro deslizava e exibia doze diamantes, cada um com dois centímetros e meio de diâmetro. Quatro diamantes eram brancos, quatro eram negros e os restantes tinham como cores o vermelho, o azul, o amarelo e o marrom. Eles resplandeciam frios e brilhantes, como gelo no amanhecer, projetavam um arco-íris de manchas multicoloridas sobre as mãos de Eragon.

- Mestre... - Eragon balançou a cabeça contido. - Será que é seguro dar isso para mim?

- Guarde isso muito bem para que ninguém fique tentado a roubá-lo. Esse é o cinto de Beloth, o Sábio - sobre quem *you* leu na sua história do Ano da Escuridão - e é um dos maiores tesouros dos Cavaleiros. Essas são as jóias mais perfeitas que os Cavaleiros poderiam encontrar. Algumas delas conseguimos em trocas com os anões. Outras nós ganhamos em batalhas ou encontramos garimpando. As pedras não são exatamente mágicas, mas *you* pode usá-las como repositórios para o seu poder e recorrer a tal reserva quando for necessário. Isso, junto com o arranjo de rubis no botão do punho de Zar'roc, permitirá que você acumule uma reserva de energia para que não se sinta indevidamente exausto invocando feitiços numa batalha, ou mesmo quando estiver em confronto com adversários mágicos.

Por fim, Oromis trouxe um rolo de pergaminho fino protegido por um tubo de madeira decorado com um entalhe em baixo relevo da Menoa. Desenrolando o pergaminho, Eragon viu o poema que ele havia recitado durante o Agaetí Blödhren. Estava escrito na melhor caligrafia de Oromis e fora ilustrado com as pinturas detalhadas do elfo. Plantas e animais se entrelaçavam dentro do contorno do primeiro glifo de cada quadra, e arabescos delicados delineavam as colunas de palavras e emolduravam as

imagens.

- Pensei - disse Oromis - que *você* gostaria de ter uma cópia. Eragon estava de pé com doze diamantes inestimáveis numa mão e com o pergaminho de Oromis na outra, e sabia que era este último que ele considerava mais precioso. O jovem Cavaleiro se curvou e, reduzido a linguagem mais simples pela profundidade de sua gratidão, disse:

- Obrigado, mestre.

Então Oromis surpreendeu Eragon ao iniciar o cumprimento tradicional dos elfos e, com isso, indicou o respeito que tinha pelo pupilo:

- Que a boa sorte esteja sobre *você*.

- Que as estrelas zelem por *você*.

- E que a paz viva em seu coração - concluiu o elfo de cabelos prateados. Ele repetiu a troca de cumprimentos com Saphira. - Agora vão e voem tão rápido quanto o vento norte, sabendo que vocês, Saphira Escamas Brilhantes e Eragon Matador de Espectros, levam a benção de Oromis, último descendente da casa Thrándurin, aquele que é, ao mesmo tempo, o Sábio Pesaroso e o Imperfeito Que É Perfeito.

E a minha também, acrescentou Glaedr. Estendendo seu pescoço, ele encostou a ponta do seu nariz no de Saphira, e seus olhos dourados brilhavam como se fossem poços de brasas. *Lembre-se de manter o seu coração em segurança, Saphira*. Ela respondeu com um zumbido.

Os dois partiram com despedidas formais. Saphira se ergueu sobre a floresta emaranhada enquanto Oromis e Glaedr iam ficando cada vez menores atrás deles, sozinhos nos rochedos. Apesar das privações de sua estada em Ellesméra, Eragon sentiria falta de estar entre os elfos, pois foi com eles que encontrou algo que se aproximava de um lar, desde que fugiu do vale Palancar.

Saio daqui como um novo homem, pensou e fechou os olhos, agarrado a Saphira.

Antes de encontrar Orik, os dois fizeram mais uma parada: mansão Tialdarí. Saphira aterrisou nos jardins anexos, cuidava para não danificar nenhuma das plantas com sua cauda ou garras. Sem esperar que ela se agachasse, Eragon deu um pulo e caiu no chão, um salto que antes o teria machucado.

Um elfo apareceu, tocou seus lábios com os dois primeiros dedos e perguntou se podia ajudá-los. Quando Eragon respondeu dizendo que queria pedir uma audiência com Islanzadí, o elfo disse:

- Por favor, espere aqui, Mão de Prata.

Não se passaram nem cinco minutos e a própria rainha emergiu das profundezas de madeira da mansão Tialdari, e sua túnica vermelha parecia uma gota de sangue no meio dos lordes e damas elfas que a acompanhavam vestidos de branco. Depois que se observaram as formas apropriadas de cumprimentos, ela se pronunciou:

- Oromis me informou da sua intenção de nos deixar. Isso me desagrada bastante, mas não se pode resistir ao chamado do destino.

- Não, Vossa Majestade, não se pode. Viemos aqui apresentar nossos cumprimentos antes de partir. Vocês tiveram muita consideração para conosco e agradecemos a sua casa pelas nossas roupas, acomodações e alimentação. Estamos em dívida com vocês.

- Vocês jamais estarão endividados conosco, Cavaleiro. Nós apenas pagamos um pouco do que devemos a vocês e aos dragões por nosso terrível fracasso durante a Queda. No entanto, estou grata por vocês terem apreciado a nossa hospitalidade. - Ela fez uma pausa. - Quando chegarem em Surda, transmitam minhas saudações reais para lady Nasuada e para o rei Orrin e informe a eles que nossos guerreiros logo atacarão a metade norte do Império. Se a sorte nos sorrir, pegaremos Galbatorix desprevenido e, na ocasião propícia, dividiremos as suas tropas.

- Como quiser.

- Além disso, saiba que despachei doze dos nossos melhores feiticeiros para Surda. Se *você* ainda estiver vivo quando eles chegarem, saiba que eles ficarão sob o seu comando e farão o melhor que puderem para protegê-lo do perigo, seja noite ou seja dia.

- Obrigado, majestade.

Islanzadí estendeu uma de suas mãos e um dos lordes elfos lhe passou uma caixa de madeira rasa e simples.

- Oromis tinha presentes para lhe dar e eu tenho os meus. Deixe que eles o lembrem do tempo que passou conosco sob os pinheiros umbrosos.

- Ela abriu a caixa, revelando um arco longo e escuro com orlas recurvadas e

pontas onduladas acomodado numa base de veludo.

Acessórios de prata com folhas de corniso entalhadas decoravam as abas o punho do arco. Do seu lado havia uma aljava com flechas novas com Penas brancas de cisne. - Agora que você compartilha da nossa força, parece mais do que apropriado que tenha um dos nossos arcos. Eu mesma o fiz, a partir da madeira de um teixo. A corda jamais se partirá, enquanto usar essas flechas, você terá dificuldades para errar o alvo, mesmo se houver uma rajada de vento durante o seu arremesso.

Mais uma vez, Eragon foi desarmado pela generosidade dos elfos. Ele se curvou.

- O que posso dizer, minha lady? Você me honra por ter julgado justo me dar um trabalho feito com suas próprias mãos.

Islanzadí acenou com a cabeça, como se estivesse concordando depois, passando por ele, disse:

- Saphira, eu não lhe trouxe nenhum presente porque não consegui pensar em nada que você pudesse querer ou de que necessitasse, mas se há alguma coisa em nossos domínios que deseje, diga o que é que logo será sua.

Dragões, disse Saphira, não precisam de posses para serem felizes. Que necessidade temos de propriedades, quando nossas peles são mais magníficas do que qualquer tesouro que existe? Não, estou contente com a amabilidade com que vocês trataram Eragon.

Então, Islanzadí lhes desejou uma viagem segura. Andando com pompa e com a capa vermelha se erguendo sobre os seus ombros, ela fez menção de deixar os jardins, antes parou e disse:

- E, Eragon?

- Sim, Vossa Majestade?

- Quando você encontrar com Arya, por favor, expresse o meu afeto por ela e diga-lhe que está fazendo muita falta aqui em Ellesméra. - As palavras foram frias e formais. Sem esperar resposta, ela se afastou e desapareceu no meio dos troncos sombrios que protegiam o interior da mansão Tialdarí seguida pelos lordes e damas elfas.

Saphira levou menos de um minuto para voar ao campo de disputas, onde Orik estava sentado em sua saca volumosa, jogando seu machado de guerra de uma mão para a outra e franzindo a testa

furiosamente.

- Você demorou - resmungou. Ele se levantou e enfiou o machado de volta no cinto. Eragon pediu desculpas pelo atraso, depois amarrou a bagagem de Orik na parte de trás de sua sela. O anão olhou para o ombro de Saphira, que se erguia bem acima dele. - E como é que eu, pela barba negra de Morgothal, vou conseguir subir aí em cima? Um penhasco tem mais pontos de apoio do que *você* Saphira.

Por aqui, disse ela. O dragão deitou sobre o seu estômago e empurrou sua perna traseira direita o máximo possível para a frente, formando uma rampa nodosa. Forçando-se ao subir em sua canela e *xingando* em voz alta, Orik escalou a perna do animal com as mãos e os joelhos. Uma pequena chama brotou das narinas de Saphira, enquanto ela resfolegava. *Rápido - isso está coçando!*

Orik fez uma pausa na beira das ancas de Saphira, depois colocou uma perna de cada lado da coluna do dragão e seguiu cuidadosamente pelas costas até o seu lugar em cima da sela. Ele deu u tapinha num dos espinhos de marfim que estavam entre suas pernas e disse:

- Essa é a melhor maneira de perder a masculinidade que eu já vi.

Eragon deu um sorriso.

- Não escorregue. - Quando Orik arriou na parte da frente da sela, Eragon montou em Saphira e se sentou atrás do anão. Para manter Orik lugar quando ela virava e revirava, Eragon deixou para lá as correias e supostamente deveriam segurar os seus braços e fez o anão enfiar suas pernas nelas.

Enquanto Saphira se levantava, Orik balançou e depois agarrou o espinho à sua frente.

- Aaargh! Eragon, não deixe que eu abra os meus olhos até chegarmos no céu, caso contrário temo que ficarei enjoado. Isso vai contra as leis da natureza, e como! Anões não foram feitos para andar em dragões. Isso nunca aconteceu antes.

- Nunca?

Orik balançou a cabeça sem responder.

Bandos de elfos saíam de Du Weldenvarden, se juntavam ao longo da beira do campo e, com expressões solenes, assistiam a Saphira levantar

suas asas translúcidas preparando-se para decolar.

Eragon apertou as rédeas com mais força ao sentir os músculos poderosos da parceira se retesarem sob suas pernas. Acelerando, Saphira se lançou no céu azul-celeste, bateu as asas rapidamente e com força para se erguer acima das árvores gigantes. Ela girava por sobre a vasta floresta - subia numa espiral enquanto ganhava altitude - e depois se lançou para o sul, na direção do deserto Hadarac.

Embora o vento fizesse barulho nos ouvidos de Eragon, ele ouviu uma elfa em Ellesméra erguer sua voz límpida com uma canção, como acontecera quando chegaram. Ela cantava:

*Longe, longe, você vai voar para longe,
Sobre os picos e vales
Para os mundos distantes.
Longe, longe, você vai voar para longe,
E jamais voltar para mim.*

A GARGANTA DO OCEANO

O mar obsidiano se erguia sob o *Asa de Dragão*, erguia bem alto o navio no meio do ar. Lá ele oscilava na crista íngreme e espumante de uma vaga, antes de se lançar à frente e descer pela face da onda até o cavado negro mais abaixo. Algumas nuvens de névoa gasosa lançavam-se através do ar frígido, enquanto o vento gemia e uivava como se fosse um espírito monstruoso.

Roran se agarrava ao cordame de boreste no poço do convés do navio e fazia esforço para vomitar pela amurada, mas nada saía a não ser bílis amarga. Ele se orgulhava do seu estômago não tê-lo perturbado enquanto estava nas chatas de Clóvis, mas a tempestade que enfrentavam agora era tão violenta que até mesmo os homens de Uthar - todos eles marujos experientes - tiveram dificuldade para reter o seu uísque.

Parecia haver um bloco enorme de gelo batendo entre as omoplatas de Roran quando uma onda atingia o barco, atravessando-o e inundando o convés antes de escoar pelos embornais para o oceano espumoso, sulcado e furioso de onde ela veio. Roran tirava a água salgada dos seus olhos com

dedos tão grosseiros quanto pedaços de madeira congelada e olhava em direção à popa para o horizonte sombrio.

Talvez a tempestade os retire de nosso rastro. Três chalupas de velas negras os vinham perseguindo desde que passaram pelos despenhadeiros de Ferro e contornaram o que Jeod apelidou de Edur Carthungavé e Uthar identificava como pontal de Rathbar.

- É o rabo final da Espinha, é isso que é - disse Uthar, sorrindo. As chalupas eram mais rápidas do que o *Asa de Dragão*, pesado que estava pela multidão de aldeões que nele viajava, e haviam rapidamente se aproximado do navio mercante até estarem perto o bastante para trocar salvas de flechas. O pior de tudo é que parecia que a chalupa da frente carregava um mágico, pois suas flechas eram incrivelmente precisas na pontaria, rasgava cabos, destruía balistas e obstruía roldanas. Baseado nos seus ataques, Roran deduziu que o Império não se importava mais em capturá-lo e só queria impedi-lo de chegar aos Varden. Ele havia acabado de preparar os aldeões para repelir a abordagem quando as nuvens acima assumiram um tom púrpura, pesadas de chuva, e uma tempestade voraz começou a soprar vindo do noroeste. Naquele instante, Uthar alinhou o *Asa de Dragão* transversalmente em relação ao vento, seguiu na direção A Ilhas do Sul, onde esperava que fosse se esquivar das chalupas em meio aos bancos de areia e angras da ilha de Beirland.

Um lençol de relâmpagos horizontais tremeluziu no meio de duas massas de nuvens bulbiformes, e o mundo se tornou um platô de mármore claro antes da escuridão se impor mais uma vez. Cada clarão ofuscante estampava uma cena inerte sobre os olhos de Roran, elas continuavam lá, gravadas, duravam até muito tempo depois de os raios brônzeos desaparecerem.

Então veio uma outra sequência de relâmpagos e Roran viu - como se fosse uma série de gravuras - o mastro da mezena se retorcer, rachar e cair no mar agitado, a meia-nau a bombordo. Agarrado a uma corda de segurança, Roran subiu até o tombadilho e, junto com Bonden, cortou os cabos que ainda ligavam o mastaréu ao *Asa de Dragão* e tragavam a popa para dentro d'água. Os cabos se debateram como cobras ao serem cortados.

Em seguida. Roran desceu para o convés. Seu braço direito o mantinha agarrado à amurada, enquanto o navio baixava seis... sete... oito...

nove metros entre as ondas. Uma vaga passou por cima de Roran e removeu o calor dos seus ossos. Calafrios atormentavam o seu corpo.

Não me deixe morrer aqui, implorou, embora não soubesse para quem estava se dirigindo. *Não nestas ondas cruéis. Minha tarefa ainda não está terminada.* Durante aquela noite longa, ele se ateve às suas lembranças de Katrina, usava-as para se consolar quando ficava esgotado e já estava perto de perder a esperança.

A tempestade durou dois dias inteiros e só parou nas primeiras horas da noite. A manhã seguinte trouxe consigo uma alvorada verde e pálida, um céu claro e três velas negras ilustravam o horizonte norte. Para o sudoeste, podia se ver o contorno da ilha de Beirland coroada por uma camada nuvens em torno da montanha escarpada que dominava a ilha.

Roran, Jeod e Uthar se encontraram numa pequena cabine -já que o camarote do comandante havia sido cedido para os enfermos -, lá Uthar desenrolou cartas marítimas em cima da mesa e colocou a ponta do dedo em cima da ilha de Beirland.

- É aqui que estamos agora - disse ele. Apanhou um mapa maior do litoral da Alagaësia e apontou para a foz do rio Jiet. - E este aqui é o nosso destino, já que a comida que temos não irá durar até Reavstone. Como chegaremos lá, no entanto, sem sermos alcançados, ultrapassa minha compreensão. Sem nossa mezena, aquelas malditas chalupas nos alcançarão por volta do meio-dia de amanhã, ou à noite, caso manobremos bem as velas.

- Será que não poderíamos substituir o mastro? - perguntou Jeod. -Naus desse tamanho carregam mastros sobressalentes justamente para que possam ser feitos esses tipos de reparos.

Uthar encolheu os ombros.

- Poderíamos fazê-lo, caso tivéssemos um carpinteiro naval. Como não o temos, prefiro não deixar que mãos inexperientes montem uma verga, só para que ela caia no convés depois e acabe machucando alguém.

Roran disse:

- Se não fosse pelo mágico ou mágicos, deveríamos levantar e lutar, pois nosso número excede em muito aos das tripulações das chalupas. Do jeito que as coisas estão, sinto que devemos ter muito cuidado antes de entrar numa batalha. Parece improvável vencer, considerando o número de navios

enviados para ajudar os Varden desaparecidos.

Resmungando, Uthar desenhou um círculo em volta de sua posição naquele instante.

- Esta aqui é a distância que conseguiremos percorrer até amanhã à noite, se o vento continuar a favor. Poderíamos parar em alguma parte de Beirland ou Níia se quiséssemos, mas não sei como isso poderia nos ajudar. Ficariamos encurralados. Os soldados naquelas chalupas, os Ra'zac ou até o próprio Galbatorix poderiam nos caçar quando quisessem.

Roran franzia a testa e considerava as suas opções, um embate contra as chalupas parecia inevitável.

Durante alguns minutos a cabine ficou silenciosa, exceto pelo bater das ondas contra o casco. Depois, Jeod colocou seu dedo no mapa, entre as ilhas de Beirland e Níia, olhou para Uthar e perguntou:

- Que tal o Olho do Javali?

Para surpresa de Roran, o marinheiro com a cicatriz ficou literalmente pálido.

- Eu não me arriscaria a fazer isso, mestre Jeod, pelo menos não nesta vida. Preferiria enfrentar as chalupas e morrer em mar aberto a ir para aquele lugar maldito. Ele já consumiu o dobro de naus que há na frota de Galbatorix.

- Lembro-me de ter lido - disse Jeod, recostando em sua cadeira, - que tal passagem é perfeitamente segura nas marés alta e baixa. Não é verdade?

Com grande e evidente relutância, Uthar admitiu:

- Sim. Mas o Olho é tão largo que requer o período mais preciso possível para ser atravessado, sem que o navio seja destruído. Seríamos apressados pelas chalupas no nosso encalço.

- Se pudéssemos, no entanto - insistiu Jeod -, se pudéssemos escolher o momento certo, as chalupas seriam destruídas ou, caso lhes falte paciência serão forçadas a contornar a ilha de Níia. Isso nos daria tempo para encontrar um esconderijo ao longo de Beirland.

- Se, se... Você nos mandaria para as profundezas, isso sim.

- Ora. Uthar, o seu medo não tem justificativa. O que eu proponho é perigoso, admito, mas não é nada pior do que foi a fuga de Teirm. Ou você

duvida da sua capacidade de conduzir a nau pela fenda? Você não é homem o bastante para fazer isso?

Uthar cruzou seus braços expostos.

- Você nunca viu o Olho, não é, senhor?

- Não posso dizer que vi.

- Não é que eu não seja homem o bastante, mas o fato é que o Olho excede a torça dos homens, envergonha nossos maiores navios, nossas torres mais altas, e qualquer coisa que *você* ousar citar. Provocá-lo seria como tentar apostar corrida com uma avalanche, você pode conseguir, mas também pode muito bem ser reduzido a pó.

- O que - perguntou Roran - é esse tal de Olho do Javali?

- A garganta do oceano que devora tudo - proclamou Uthar. Num tom mais suave, Jeod disse:

- E um redemoinho d'água, Roran. O Olho se forma como resultado de fluxos marítimos que se chocam entre as ilhas de Beirland e Nia. Quando a maré aumenta, o Olho gira do norte para o oeste. Quando baixa, gira do norte para o leste.

- Isso não me parece tão perigoso.

Uthar balançou a cabeça, fazendo o rabicho bater nas laterais do seu pescoço cheio de dermatoses provocadas pelo vento, e riu. - Ele diz que não é tão perigoso! Ah, ah!

- O que não se consegue compreender - prosseguiu Jeod - é o tamanho do vórtice. Em média, o centro do Olho possui uma légua de diâmetro, enquanto os braços da corrente devem se estender por algo era torno de quinze a vinte e cinco quilômetros. Barcos desafortunados o suficiente são tragados pelo Olho e levados para o fundo do mar e se chocam com as rochas pontiagudas que lá estão. Destroços de embarcações são constantemente encontrados nas praias das duas ilhas.

- Será que alguém espera que nós peguemos essa rota? - indagou Roran.

- Não, e por uma boa razão - resmungou Uthar. Jeod sacudiu a cabeça ao mesmo tempo.

- E é possível para nós cruzar o Olho?

- Seria uma verdadeira idiotice. Roran compreendeu.

- Sei que isso é um risco que você não quer correr, Uthar, mas nossas opções são limitadas. Não sou marujo, por isso tenho que confiar no seu julgamento: podemos cruzar o Olho?

O comandante hesitou. - Talvez sim, talvez não. *Você* tem que ser um verdadeiro louco varrido para ficar a oito quilômetros daquele monstro.

Sacando o seu martelo, Roran o bateu em cima da mesa, deixando uma marca com um centímetro de profundidade.

- Então eu sou um louco varrido! - Ele reteve o olhar de Uthar até o marinheiro tremer de desconforto. - Será que preciso lembrá-lo de que só chegamos até aqui fazendo o que aqueles que se preocupam exageradamente diziam que não podia, ou não devia ser feito? Nós de Carvahall ousamos abandonar nossos lares e cruzar a Espinha. Jeod ousou imaginar que poderíamos roubar o *Asa de Dragão*. O que *você* vai ousar. Uthar? Se conseguirmos enfrentar o Olho e viver para contar a história, você será saudado como um dos maiores marinheiros da história. Agora me responda e com bastante sinceridade: podemos passar?

Uthar passou a mão no rosto. Quando falou, foi num tom de voz baixo, como se a explosão de Roran afastasse dele todo o escarcéu.

- Não sei, Martelo Forte... Se esperarmos o Olho acalmar, as chalupas poderão ficar tão próximas de nós que, se escaparmos, elas escaparão também. E se o vento ceder, ficaremos presos na corrente, incapazes de nos libertarmos, comandante, *você* está disposto a tentar? Nem Jeod nem eu podemos comandar o *Asa de Dragão* no seu lugar. Uthar ficou olhando as cartas náuticas longamente, uma das mãos apertava a outra. Traçou uma ou duas linhas a partir da posição em que estavam e fez uma tabela de figuras que Roran não conseguiu entender. Finalmente ele se pronunciou:

- Temo que naveguemos para a morte, mas, sim, farei o melhor que puder para cruzar o Olho.

Satisfeito, Roran guardou o seu martelo.

- Então, que seja.

CRUZANDO O OLHO DO JAVALI

As chalupas continuaram a se aproximar do *Asa de Dragão* ao longo do dia. Roran observava seu progresso sempre que podia, preocupado com a aproximação suficiente para um ataque ao *Asa de Dragão* antes de chegar ao Olho. Ainda assim, Uthar parecia capaz de escapar da investida das embarcações inimigas, pelo menos por mais algum tempo.

As ordens de Uthar, Roran e os outros aldeões trabalharam para arrumar o navio depois da tempestade e se preparar para a prova seguinte. O trabalho terminou ao cair da noite, quando apagaram todas as luzes a bordo numa tentativa de confundir seus perseguidores em relação à direção que o *Asa de Dragão* estava seguindo. O ardil funcionou em parte pois, quando o sol nasceu, Roran viu que as chalupas haviam se desviado um quilômetro e meio para noroeste, embora logo recuperassem a distância perdida.

Mais tarde, naquela manhã, Roran subiu no mastro principal até o cesto de vigia, uns quarenta metros acima do convés, tão alto que os homens lá embaixo não pareciam maiores do que seu dedo mínimo. A água e o céu pareciam sacolejar perigosamente a sua volta enquanto o *Asa de Dragão* oscilava de um bordo para o outro.

Pela luneta que havia trazido, Roran podia ver as chalupas claramente a menos de seis quilômetros da popa e se aproximando mais rápido do que ele gostaria. *Eles devem ter percebido o que pretendemos fazer*, pensou. Varrendo os arredores com a luneta, vasculhou o oceano em busca de algum sinal do Olho do Javali. Roran parou assim que avistou um enorme disco de espuma do tamanho de uma ilha, girando do norte para o leste. *Chegamos tarde*, pensou, sentindo uma pontada na boca do estômago. A maré alta já havia passado e o Olho do Javali ganhava velocidade e força à medida que o oceano se afastava da terra. Roran colocou o monóculo sobre a beirada do cesto e viu que a corda cheia de nós que Uthar havia amarrado a boreste da popa - para detectar quando entrassem na área de tração do redemoinho - agora flutuava ao lado do *Asa de Dragão* em vez de ser arrastada para trás, como seria de costume. O único fator positivo era que eles estavam navegando a favor da corrente do Olho e não contra. Se fosse o contrário, precisariam esperar até a maré virar.

Lá embaixo, Roran ouviu Uthar gritar para os aldeões

guarnecerem os remos. Um instante depois, brotaram duas fileiras de varas dos dois bordos do *Asa de Dragão*, elas faziam a embarcação parecer com um gigantesco desbravador aquático. Na batida de um tambor feito com couro de boi, acompanhada pelo canto ritmado de Bonden enquanto ele marcava o tempo, os remos formavam arcos para frente, mergulhavam no mar verde e brotavam de volta pela superfície do mar, deixavam um rastro de espuma. O *Asa de Dragão* acelerava rapidamente, agora seguia mais rápido do que as chalupas, que ainda estavam longe da influência do Olho.

Roran observava a tudo que se desenrolava ao redor horrorizado e fascinado ao mesmo tempo. O elemento principal da trama, o ponto crucial do qual dependia o resultado de tudo, era o tempo. Embora estivessem atrasados, será que o *Asa de Dragão*, com seus remos e velas combinados, era rápido o suficiente para atravessar o Olho? E será que as chalupas - que haviam preparado seus remos naquele instante - conseguiriam diminuir a distância que as separava do *Asa de Dragão* para garantir sua própria sobrevivência? Ele não podia dizer. O tambor marcava os segundos: Roran estava intensamente ciente de cada momento enquanto este ia passando.

Ele se sobressaltou quando um braço alcançou a beira do cesto e o rosto de Baldor apareceu, levantando os olhos em sua direção.

- Dá para você me dar uma ajuda aqui? Sinto-me como se estivesse prestes a cair.

Segurando-se, Roran ajudou Baldor a entrar no cesto. Este último deu um biscoito e uma maçã para o amigo e disse:

- Achei que *você* fosse querer almoçar. - Com um aceno de gratidão, Roran aceitou o biscoito e voltou a olhar pela luneta. Quando Baldor perguntou "Você pode ver o Olho?", Roran lhe passou o monóculo e se concentrou em comer.

Durante a meia hora seguinte, o disco de espuma aumentou a velocidade de suas revoluções até girar como um pião. A água em volta da espuma inchava e começava a subir, e a própria espuma afundava e sumia a, sugada ao fundo de um poço gigante que não parava de se aprofundar e alargar. O ar sobre o vórtice se encheu com um ciclone de névoa, e da garganta marfim do abismo brotou um uivo atormentado como se fosse o de um lobo ferido.

A velocidade com a qual o Olho do Javali se formava deixou Roran estupefato.

- É melhor você ir falar com Uthar - disse ele. Baldor saiu de dentro do cesto.

- Amarre-se ao mastro para que você não seja jogado para longe.

- Vou fazer isso.

Roran deixou os seus braços livres quando se prendeu, certificando-se de que, se necessário, ele poderia alcançar a faca do cinto para se soltar. A ansiedade o invadia enquanto avaliava a situação. O *Asa de Dragão* estava a menos de um quilômetro do centro do Olho, as chalupas estavam a menos de três quilômetros de distância, e o próprio Olho estava crescendo e atingia a sua fúria máxima rapidamente. Pior, provocado pelo redemoinho, o vento cuspia e arfava, soprando primeiro de uma direção e depois da outra. As velas inchavam por um instante, depois murchavam, e depois inchavam novamente e o turbilhão girava em torno do barco.

Talvez Uthar estivesse certo, pensou Roran. Talvez eu tenha ido longe demais e tinha me colocado contra um oponente que não pode ser superado com a pura determinação. Talvez eu esteja enviando os aldeões para suas mortes. As forças da natureza eram imunes à intimidação.

O buraco do Olho do Javali estava agora com quase quinze quilômetros de circunferência, e ninguém saberia dizer quantas braças tinha de profundidade, exceto aqueles que dentro dele ficaram aprisionados. As faces do Olho se emborcavam num ângulo de quarenta e cinco graus: elas eram riscadas com sulcos rasos, como argila molhada moldada num torno de oleiro. O uivo grave ia ficando cada vez mais alto, até Roran se sentir como se o mundo inteiro tivesse que se desintegrar em pedaços devido à intensidade das vibrações. Um arco-íris magnífico emergiu da névoa que pairava sobre a fenda rodopiante.

A corrente se movia mais rápido do que nunca, fazia o *Asa de Dragão* navegar numa velocidade arriscada em volta da beira do redemoinho. diminuía em muito a probabilidade do barco sair ileso da extremidade sul do Olho. Sua velocidade era tão prodigiosa que o *Asa de Dragão* pendeu radicalmente para boreste, deixando Roran suspenso sobre a água que corria impetuosa.

Apesar do avanço do *Asa de Dragão*, as chalupas continuavam a se aproximar. Os navios inimigos navegavam no mesmo ritmo e já estavam menos de um quilômetro atrás do *Asa*, seus remos se moviam em perfeita coordenação, dois bigodes se formavam em cada proa enquanto singravam o oceano. Roran não conseguia deixar de admirar a visão.

Ele enfiou a luneta dentro da camisa, não precisava mais dela agora.

As chalupas já estavam visíveis a olho nu, o redemoinho ficava cada vez mais turvo em meio a nuvens de vapor brancas que eram lançadas das bordas do funil. À medida que era puxado para as profundezas, o vapor formava uma lente espiral sobre o golfo que imitava a aparência do redemoinho.

Então, o *Asa de Dragão* guinou para bombordo, desviava da corrente enquanto Uthar tentava ganhar o mar aberto. A quilha trepidava na água encrespada, e a velocidade do navio caía pela metade conforme o *Asa de Dragão* lutava para fugir do abraço mortal do Olho do Javali. Um estremecimento subiu pelo mastro, fez ranger os dentes de Roran, e o cesto balançou na nova direção, deixando-o tonto.

O medo se apoderou de Roran quando eles continuavam a perder velocidade. Ele cortou as cordas que o prendiam e - descuidando completamente de sua própria segurança - ficou balançando por sobre a beira do cesto, segurou as cordas que estavam na parte de baixo, e desceu tão rapidamente pelo cordame, que chegou a perder contato e caiu alguns centímetros antes que pudesse se segurar novamente. Aterrissou no convés, correu para a escotilha da proa e desceu até a primeira carreira de remos, onde se juntou a Baldor e Albriech num deles.

Eles não disseram uma só palavra, mas trabalharam ao som de suas próprias respirações desesperadas, a batida frenética do tambor, os berros roucos de Bonden e o rugido do Olho do Javali. Roran podia sentir o poderoso redemoinho resistindo a cada remada.

E contudo seus esforços não conseguiam impedir que o *Asa de Dragão* estancasse. *Não vamos conseguir*, pensou Roran. Suas costas e suas pernas ardiam por causa do esforço. Seus pulmões doíam como se estivessem recebendo punhaladas. No meio das batidas de tambor, ele ouvia Uthar ordenando às mãos que estavam sobre o convés para ajustarem as velas a fim

de tirarem toda a vantagem possível do vento inconstante. Dois lugares à frente de Roran, Darmmen e Hamund entregaram seu remo para Thane e Ridley, depois deitaram no meio do corredor, seus membros tremendo. Menos de um minuto depois, mais alguém desabou na passagem e foi imediatamente substituído por Birgit e outra mulher.

Se sobrevivermos, pensou Roran, será apenas porque temos gente suficiente- para sustentar este ritmo o tempo que for necessário.

Parecia que ele vinha remando há uma eternidade naquele ambiente escuro e esfumaçado, primeiro empurrava, depois puxava, fazia o máximo possível para ignorar a dor que ia aumentando em seu corpo. Seu pescoço doía de tanto tempo que passou curvado sob o teto baixo. A madeira escura da vara estava suja de sangue, onde sua pele havia se rompido em bolhas. Ele rasgou a camisa - deixando a luneta cair -, enrolou o pano em volta do remo e continuou a remar.

Até que, enfim, Roran não conseguia fazer mais nada. Suas pernas cederam e ele caiu para o lado, escorregando pelo corredor porque estava muito suado. Orval ocupou o seu lugar. Roran ficou deitado até sua respiração normalizar, depois se ergueu sobre suas mãos e joelhos e se arrastou até a escotilha.

Como um bêbado enlouquecido, ele se arrastou escada acima, balançava junto com o movimento do navio e freqüentemente caía contra a parede para descansar. Quando saiu para o convés, aproveitou um breve instante para desfrutar do ar fresco, depois cambaleou na direção da popa. perto do leme, enquanto suas pernas ameaçavam ter câimbras a cada passo.

- Como é que está? - perguntou ofegante para Uthar, que manobrava a roda do leme.

Uthar balançou a cabeça.

Olhando por cima da amurada, Roran avistou ao longe as três chalupas a talvez uns oitocentos metros de distância e um pouco mais para o oeste, mais perto do centro do Olho. As naus pareciam imóveis em relação ao *Asa de Dragão*.

A princípio, enquanto Roran observava, as posições dos quatro navios pareciam inalteradas. Depois sentiu uma mudança na velocidade do *Asa de Dragão*, como se o navio tivesse atravessado um ponto crucial e as

forças que o prendiam houvessem diminuído. Era uma diferença sutil e não chegava a pouco mais do que alguns centímetros adicionais por minuto - mas já era o suficiente para que a distância entre o *Asa de Dragão* e as chalupas começasse a aumentar. A cada remada, o navio ganhava força.

As chalupas, no entanto, não conseguiram superar a força espantosa do redemoinho. Suas remadas foram aos poucos diminuindo de intensidade até que, um a um, os navios ficaram para trás e foram tragados pela cortina de névoa, além da qual esperavam as muralhas giratórias de água marfim e as pedras que rangiam no fundo do oceano.

Eles não podem continuar a remar, percebeu Roran. *Suas tripulações são muito pequenas e eles estão muito cansados*. Ele não podia evitar de sentir uma pontada de angústia pelo destino dos homens nas chalupas. Naquele preciso instante, uma flecha voou da chalupa mais próxima dia em chamas verdes enquanto vinha na direção do *Asa de Dragão*. A devia estar sendo sustentada por magia para ter voado por tanto tempo. Ela atingiu a mezena e explodiu em glóbulos de fogo líquido que Grudavam em tudo que tocavam. Em segundos, vinte pequenas fogueiras queimaram ao longo do mastro da mezena, da própria vela e do convés abaixo.

- Não podemos apagá-las - gritou um dos marinheiros com uma expressão de pânico.

- Cortem o que estiver queimando e joguem no mar! - berrou Uthar em resposta.

Tirando a faca do cinto, Roran começou a trabalhar para extirpar uma massa de fogo verde das pranchas aos seus pés. Alguns minutos tensos se passaram antes das chamas artificiais serem removidas, e ficou claro que o incêndio não iria se espalhar para o resto do navio.

Assim que o grito de "Tudo em ordem!" soou, Uthar diminuiu a pressão que fazia na roda do leme.

- Se isso é o melhor que o mágico deles pode fazer, então diria que não há nada mais a temer.

- Vamos conseguir sair do Olho, não? - perguntou Roran, ansioso para confirmar sua esperança.

Uthar ajeitou os ombros e lançou um rápido sorriso ao mesmo tempo orgulhoso e descrente.

- Não exatamente neste ciclo, mas talvez. Não faremos progresso de verdade no sentido de deixar para trás aquele monstro escancarado até que a maré diminua de intensidade. Vá dizer a Bonden para que diminua um pouco o ritmo, não quero que eles desmaiem nos remos desnecessariamente.

E assim foi. Roran remou por mais um turno e, na hora que voltou para o convés, o redemoinho estava se apaziguando. O uivo medonho do vórtice sumia no meio do ruído normal que o vento fazia, a água assumia uma condição calma e plana que não dava nenhuma pista da violência daquele local, e o nevoeiro que se erguera sobre o abismo se dissipava sob os raios quentes do sol, deixava o ar tão claro quanto vidro untado de óleo. Do próprio Olho do Javali - como Roran viu quando recuperou a luneta - nada restava além do mesmo disco de espuma amarela que girava sobre a água.

E, no centro da espuma, ele achou que podia discernir, mais ou menos, três mastros quebrados e uma vela negra flutuando, girando, girando e girando sem parar num círculo interminável. Mas devia ter sido sua imaginação.

Pelo menos foi isso que ele quis acreditar.

Elain se aproximou de Roran, com uma mão pousada em sua barriga inchada. Com a voz baixa, ela disse:

- Tivemos sorte, Roran, mais sorte do que tínhamos motivo para esperar.

- Sim - concordou ele.

PARA ABERON

Embaixo de Saphira, a floresta virgem se estendia para cada horizonte esbranquiçado, corria-se do verde mais profundo a um violeta nebuloso e desbotado. Martinetes, gralhas e outras aves selvagens esvoaçavam sobre os pinheiros nodosos, emitiam gritos de alarme quando avistavam Saphira. Ela voou baixo sobre o teto da floresta, no intuito de proteger seus dois passageiros do frio das alturas.

Exceto quando Saphira fugiu dos Ra'zac seguindo na direção da

Espinha, esta era a primeira vez em que ela e Eragon tiveram a oportunidade de voar juntos uma grande distância sem terem que parar ou se deter para esperar companheiros que estavam no chão. Saphira sentia-se especialmente feliz com a viagem, e estava encantada por poder mostrar a Eragon como os ensinamentos de Glaedr haviam aumentado sua força e resistência.

Depois que seu desconforto inicial diminuiu, Orik disse para o Cavaleiro:

- Duvido que um dia eu consiga ficar à vontade no céu, mas posso entender por que *você* e Saphira gostam tanto disso. Voar faz vocês se sentirem livres e desimpedidos, como um falcão predador caçando a sua vítima! Isso faz com que o meu coração dispare, e como.

Para reduzir o tédio da viagem, Orik ficou brincando de charadas com Saphira. Eragon pediu licença da disputa já que não era particularmente perito em charadas, a manha necessária para decifrá-las parecia lhe escapar. Nisso, Saphira o superava de longe. Como a maior parte dos dragões, ela era fascinada por enigmas e os achava bem fáceis.

Orik disse:

- As únicas charadas que eu conheço são na língua dos anões. Farei o melhor possível para traduzi-las, mas os resultados podem ser toscos e canhestros. - E então perguntou:

Alta sou nova.

Baixa sou antiga.

Enquanto eu brilho com vida,

O bafo de Urûr é meu oponente.

Não é justo, rugiu Saphira. *Conheço pouco dos seus deuses.* Eragon não tinha nenhuma necessidade de repetir suas palavras, pois Orik havia dado permissão para que ela os projetasse direto em sua mente.

Orik riu.

- Você desiste?

Jamais. Durante alguns minutos, o único som foi o do bater de suas asas, até ela perguntar: *Seria uma vela?*

- Você está certa.

Uma baforada de fumaça flutuou na direção dos rostos de Orik e Eragon enquanto ela bufava. *Não me saio tão bem com esse tipo de charada.*

Nunca estive dentro de uma casa desde o dia em que eu saí do ovo, e acho que enigmas que lidam com temas domésticos são muito difíceis. Em seguida ela perguntou:

Que erva cura todas as pequenas doenças?

Isso provou ser uma pergunta terrível para Orik. Ele murmurou, suspirou e rangeu seus dentes, frustrado. Atrás dele, Eragon não conseguia conter o sorriso, pois podia ver a resposta claramente dentro da cabeça de Saphira. Enfim, Orik disse:

- Bem, qual é a resposta? *Você levou a melhor com essa.*

*Não é da galinha o milho,
mas pelo bem do meu filho,
a resposta seria tomilho.*

Agora era a vez de Orik gritar.

- Não é justo! Essa não é minha língua materna. Você não poderia esperar que eu fosse pegar esse jogo de palavras!

Justo é justo. Foi uma charada apropriada.

Eragon ficou vendo os músculos da nuca de Orik se agrupando e formando nós enquanto o anão projetava a cabeça para frente.

- Se você quer jogar *assim*, ó Dentes de Ferro, então quero que você resolva esta charada que toda criança anã conhece.

Sou chamado de Forja de Morgothal e

Ventre de Helzvog

Cubro a filha de Nordvig e trago uma morte cinza,

E crio o mundo mais uma vez com o sangue de Helzvog.

O que sou eu?

E assim eles prosseguiram trocando charadas de dificuldade crescente, enquanto Du Weldenvarden ia rapidamente ficando para trás.

Vão nos galhos de colmo revelavam ocasionalmente manchas prateadas, trechos dos muitos rios que rasgavam a floresta. Em volta de Saphira as nuvens davam forma a uma arquitetura fantástica: havia estruturas arqueadas, cúpulas e colunas, trincheiras fortificadas, torres do tamanho de montanhas, espinhaços e vales cobertos de uma luz incandescente que fazia Eragon se sentir como se estivesse voando no meio de um sonho.

Tão rápida ia Saphira que, quando veio o anoitecer, eles já haviam

deixado Du Weldenvarden para trás e entraram nos campos avermelhados que separavam a grande floresta do deserto Hadarac. Eles acamparam no meio na relva e se acocoraram em torno de uma pequena fogueira, completamente sozinhos sobre a face plana da terra. Estavam sérios e diziam pouca coisa, pois palavras só enfatizavam sua insignificância naquela terra vazia.

Eragon aproveitou a parada deles para armazenar parte da sua energia no rubi que adornava o botão do punho de Zar'roc. A jóia absorvia todo o poder que ele lhe dava, assim como o de Saphira quando ela lhe emprestava sua força. Demoraria, concluiu Eragon, alguns dias antes que eles pudessem saturar tanto o rubi quanto os doze diamantes escondidos dentro do cinto de Beloth, o Sábio.

Cansado do exercício, ele se enrolou em cobertores, deitou ao lado de Saphira e entrou em seu sono desperto, onde seus fantasmas noturnos se exauriram contra o mar de estrelas acima.

Logo depois que retomaram a viagem na manhã seguinte, a relva ondulante deu lugar a arbustos de tanino, apareciam cada vez mais espaçadamente, até que, por sua vez, veio o solo ressecado pelo sol, despido de tudo exceto as plantas mais robustas. As dunas douradas e avermelhadas apareceram. Da sua posição privilegiada sobre Saphira, elas pareciam, para Eragon, fileiras de ondas que seguiam eternamente na direção de uma praia distante.

Assim que o sol começou a descer, ele notou um grupo de montanhas no leste distante e sabia que contemplava Du Fells Nángoröth, onde os dragões selvagens iam namorar, criar seus filhos e posteriormente morrer. *Temos que ir lá algum dia*, disse Saphira, acompanhando seu olhar.

Sim.

Naquela noite, Eragon sentiu a solidão deles de forma muito mais intensa do que antes, estavam acampados na região mais despovoadas do deserto Hadarac, onde existia tão pouca umidade no ar que os lábios dele logo racharam, embora os cobrisse de nalgask de tantos em tantos minutos. Ele sentia pouca vida no solo, apenas um punhado de reles plantas e alguns poucos insetos e lagartos.

Como havia feito quando fugiram de Gil'ead atravessando o deserto,

Eragon extraiu água do solo para reabastecer seus odres, e antes de permitir que a água se esvaísse, ele usou a magia para ver Nasuada refletida numa poça e verificar se os Varden já haviam sido atacados. Para o seu alívio, ainda não.

No terceiro dia desde que deixaram Ellesméra, o vento aumentou por trás deles e levou Saphira mais do que ela poderia voar por conta própria, carregando-os totalmente para fora do deserto Hadarac.

Perto do limite do deserto, eles passaram por um certo número de nômades a cavalo, usavam mantos esvoaçantes para se protegerem do calor. Os homens gritaram em suas línguas rudimentares e balançaram as espadas e lanças para Saphira, embora nenhum deles ousasse atirar uma flecha em sua direção.

Eragon, Saphira e Orik passaram a noite acampados na região mais para o sul da floresta de que ficava ao longo do lago Tüdosten e foi batizada assim porque era quase totalmente composta de faias, salgueiros e choupos tremedores. Em contraste com o crepúsculo vespertino interminável que caía em meio aos pinheiros misteriosos de Du Weldenvarden, Silverwood estava cheia de raios solares, cotovias e do farfalhar delicado das folhas verdes. As árvores pareciam jovens e felizes para Eragon, e ele estava contente por estar lá. E embora todos os sinais do deserto houvessem desaparecido, a temperatura permanecia muito mais quente do que aquela com que ele estava acostumado nessa época do ano. Parecia mais com o verão do que com a primavera.

De lá, voaram direto para Aberon, capital de Surda, foram guiados pelas direções que Eragon captou das lembranças dos pássaros que encontraram no caminho. Saphira não fez nenhuma tentativa de se esconder ao longo do caminho, e o trio ouvia constantemente gritos de espanto e alarme dos vilarejos que sobrevoava.

Já era fim de tarde quando chegaram a Aberon. A cidade era baixa e cercada por muralhas, foi estabelecida em volta de uma costa íngreme, tinha uma paisagem que, em contradição, era plana. O castelo Borroeo ocupava o topo da costa. A cidadela sinuosa era protegida por três camadas concêntricas de muros, inúmeras torres e, como Eragon notou, centenas de balistas feitas para derrubar dragões. A luz âmbar e suntuosa do sol poente fazia os prédios

de Aberon sobressaírem e iluminavam uma de poeira que se erguia do portão oeste da cidade, onde uma fileira de soldados buscava autorização para entrar.

Saphira já descia na direção da ala interna do castelo e colocou Eragon em contato com o conjunto dos pensamentos das pessoas na capital. O barulho a princípio o dominou - como poderia ouvir inimigos e ainda trabalhar? - até ele perceber que, como sempre, estava se concentrando muito em coisas específicas. Tudo que tinha a fazer era sentir as intenções gerais das pessoas. Ele estendeu o seu foco e as vozes individuais que clamavam pela sua atenção, incidiram na continuidade das emoções que o cercavam. Era como um lençol d'água que caía sobre a paisagem próxima, assim como uma onda de elevação e de queda dos sentimentos das pessoas e era rompida sempre que alguém era fustigado pelos extremos da paixão.

Deste modo, Eragon estava atento para a sensação de alarme que se apoderou das pessoas lá embaixo quando se espalharam os rumores de que Saphira estava se aproximando. *Cuidado*, disse ele. *Não queremos que eles nos ataquem.*

A poeira no ar aumentava a cada batida das asas poderosas de Saphira enquanto ela pousava no meio do pátio, cravando suas garras no campo aberto a fim de se firmar. Os cavalos que estavam amarrados na área relinchavam de medo, criavam tal rebuliço que Eragon precisou se inserir em suas mentes e os acalmou com as palavras da língua antiga.

Eragon desceu depois de Orik, olhava para os muitos soldados que se enfileiravam nas balaustradas e olhava as balistas estiradas que manejavam. Ele não estava com medo das armas e não tinha o menor desejo de travar uma batalha contra seus aliados.

Um grupo de doze homens, alguns soldados, saíram correndo da torre em direção à Saphira. Eram liderados por um homem alto que tinha a mesma pele escura de Nasuada, era apenas a terceira pessoa que Eragon via com tal compleição. Parando a uns dez passos de distância, o sujeito fez uma reverência - assim como seus seguidores - e depois disse:

- Bem-vindo, Cavaleiro. Sou Dahwar, filho de Kedar. Sou o senescal do rei Orrin.

Eragon inclinou a cabeça.

- E eu, Eragon Matador de Espectros, filho de ninguém. - E eu, Orik, filho de Thrifk.

E eu, Saphira, filha de Vervada, disse ela, usando Eragon como seu porta-voz.

Dahwar se curvou novamente.

- Peço desculpas por não haver ninguém presente com uma patente maior do que a minha para receber convidados tão nobres quanto vocês mas o rei Orrin, lady Nasuada e todos os Varden já saíram há muito tempo para enfrentar o exército de Galbatorix. - Eragon acenou com a cabeça. Ele já esperava por isso. - Eles deixaram ordens dizendo que, caso você chegasse, que se juntasse a eles imediatamente, pois sua coragem será necessária se quisermos vencer.

- Você pode nos mostrar num mapa como faremos para encontrá-los? - perguntou Eragon.

- É claro, senhor. Enquanto vou buscá-lo, *você* não gostaria de sair do calor para fazer uma pequena refeição?

Eragon balançou a cabeça negativamente.

- Não temos tempo a perder. Além do mais, não sou eu que preciso ver o mapa e sim Saphira, e duvido que ela caiba nos seus salões.

Isso pareceu ter pego o senescal desprevenido. Ele piscou, passou os olhos por Saphira e depois disse:

- Tem razão, senhor. De qualquer maneira, nossa hospitalidade é sua. Se houver alguma coisa que você ou seus companheiros desejem, é só pedir.

Pela primeira vez, Eragon percebeu que poderia dar ordens e esperar que elas fossem cumpridas.

- Precisamos de provisões para uma semana. Para mim, apenas trutas, vegetais, farinha, queijo, pão, coisas assim. Também precisamos que encham nossos odres d'água. - Ele ficou impressionado por Dahwar não ter questionado o fato de ele não querer carne. Orik acrescentou ao seu pedido charque, toucinho e produtos semelhantes.

Estalando os dedos, Dahwar pediu para que dois empregados fossem correndo até a torre para trazer os suprimentos. Enquanto todos esperavam o retorno dos homens, ele perguntou:

- Será que eu poderia supor, pela sua presença aqui, Matador de Espectros, que você terminou o seu treinamento com os elfos?

- Meu treinamento jamais acabará enquanto eu estiver vivo.

-Entendo. - Então, depois de um instante, Dahwar disse: - Por favor, desculpe pela minha impertinência, senhor, pois sou ignorante em relação à vida dos Cavaleiros, mas você não é humano? Disseram-me que era.

- Mas ele é - resmungou Orik. - Ele foi... modificado. E você devia ficar feliz com isso, ou nossa situação estaria bem pior do que está. - *Dahwar* foi discreto o suficiente para não insistir no assunto, mas pelo Eragon pôde concluir dos seus pensamentos, o senescal pagaria qualquer preço por mais informações. Qualquer informação sobre Eragon ou Saphira era valiosa no governo de Orrin.

A comida, a água e o mapa logo foram trazidos por dois pajens de olhos arregalados. Ao comando de Eragon, eles largaram os itens ao lado de Saphira, pareciam terrivelmente apavorados, e depois voltaram para trás de Dahwar. Ajoelhado no chão, Dahwar desenrolou o mapa - que mostrava Surda e as terras vizinhas - e traçou uma linha a noroeste de Aberon até Cithrí. E disse:

- Na última vez que tive notícias, o rei Orrin e lady Nasuada pararam aqui para buscar provisões. No entanto, eles não pretendiam ficar, pois o Império está avançando pelo sul, ao longo do rio Jiet, e queriam estar no lugar certo para enfrentar o exército de Galbatorix quando chegasse. Os Varden podem estar em qualquer lugar entre Cithrí e o rio Jiet. Essa é apenas a minha humilde opinião, mas eu diria que o melhor lugar para procurá-los seria a Campina Ardente.

- A Campina Ardente? Dahwar sorriu.

- Você deve então conhecê-la pelo seu antigo nome, o nome que os elfos usam: Du Völlar Eldrvarya.

- Ah, sim. - Agora Eragon se lembrava. Ele havia lido sobre o lugar em um dos pergaminhos de Oromis. A campina - que continha grandes depósitos de turfa - ficava ao longo da região oriental do rio Jiet, onde a fronteira de Surda o cruzava, e fora cenário de uma escaramuça entre os Cavaleiros e os Renegados. Durante a luta, os dragões, inadvertidamente, acenderam a turfa com as chamas de suas bocas, e o fogo ficou retido no

subterrâneo, onde permaneceu em combustão desde então. O local ou ficando inabitável por causa dos gases nocivos que brotavam das aberturas incandescentes no solo chamuscado.

Um arrepio subiu pelo lado esquerdo do corpo de Eragon enquanto ele lembrava de sua premonição: legiões de guerreiros abalroavam umas as outras sobre um campo laranja e amarelo, acompanhados pelos ásperos dos urubus mais repugnantes e o zunido das flechas negras.

Ele estremeceu novamente. O *destino está convergindo sobre nós*, disse ele para Saphira. Então, gesticulando na direção do mapa, ele completou:

Você já viu o bastante?

Sim.

Rapidamente, ele e Orík empacotaram as provisões, montaram novamente em Saphira e, do seu dorso agradeceram a Dahwar pelo serviço. Quando Saphira estava prestes a decolar novamente, Eragon franziu a testa: uma nota de discórdia havia entrado nas mentes que ele estava monitorando.

- Dahwar, dois cavaleiros nos estábulos começaram uma briga e um deles. Tathal, pretende cometer um assassinato. *Você* poderá detê-lo, no entanto, se enviar homens imediatamente.

Dahwar arregalou os olhos com uma expressão de espanto e até mesmo Orík se voltou para encarar Eragon. O senescal perguntou:

- Como *você* sabe disso, Matador de Espectros? Eragon disse simplesmente:

- Sei por que sou um Cavaleiro.

Então Saphira abriu suas asas, e todos que estavam no chão se afastaram correndo para trás a fim de evitar que fossem jogados pelo fluxo de ar, enquanto ela as batia para baixo e voava rumo ao céu. Quando o castelo Borromeo ficou para trás, Orík disse:

- *Você* consegue ouvir meus pensamentos, Eragon?

- Quer que eu tente? Ainda não o fiz, *você* sabe.

- Tente.

Franzindo a testa, Eragon concentrou sua atenção na consciência do anão e ficou surpreso ao ver que a mente de Orík estava bem protegida por trás de espessas barreiras mentais. Ele podia sentir a presença de Orík, mas

não seus pensamentos e sentimentos.

- Nada. Orik sorriu.

- Ótimo. Queria me certificar de que não havia esquecido das minhas velhas lições.

Num entendimento tácito, eles não pararam para dormir e em vez disso resolveram avançar gradualmente pelo céu enegrecido. Da lua e das estrelas eles não viram sinal, nenhum clarão ou brilho pálido surgiu para romper as trevas opressivas. As horas mortas foram inchando e se curvando e, como parecia para Eragon, se agarravam a cada segundo como se relutassem em se render ao passado.

Quando o sol finalmente voltou - trazendo junto com ele sua luz - Saphira pousou na beira de um pequeno lago para que Eragon e Orik pudessem esticar as pernas, e tomar o café da manhã sem movimento constante que havia em suas costas.

Haviam acabado de decolar novamente quando uma nuvem marrom, longa e baixa apareceu no horizonte, como uma mancha de tinta da cor da nogueira numa folha de papel branca. A nuvem foi crescendo à medida que Saphira dela se aproximava, até que, no final da manhã, ela ocultou toda a terra sob uma cortina de vapores turvos.

Eles alcançaram a Campina Ardente da Alagaësia.

A CAMPINA ARDENTE

Eragon tossiu enquanto Saphira descia através das camadas de fumaça, seguiram na direção do rio Jiet, escondido no meio da cerração. Ele piscava e enxugava as lágrimas. Os gases irritavam seus olhos. Mais perto do chão, o ar ficou mais claro, dava a Eragon uma visão desobstruída de sua destinação. O véu ondulante de fumaça negra e vermelha filtrava os raios do sol de uma maneira tal, que tudo embaixo era banhado por um laranja lúrido. Fendas ocasionais no céu manchado permitiam a feixes pálidos de luz incidirem no chão, onde ficavam, como se fossem pilares de vidro translúcido, até serem truncados pelas nuvens agitadas.

O rio Jiet corria diante deles, largo e túrgido como uma cobra devoradora e sua superfície sombreada refletia as mesmas nuances

assustadoras que atravessavam a Campina Ardente. Mesmo quando uma mancha de luz direta acabava caindo no rio, a água parecia branca como calcário. Opaca e opalescente - quase como se fosse o leite de uma fera medonha - e parecia brilhar com uma luminescência lúgubre toda própria.

Dois exércitos estavam formados na margem oriental do rio lodoso. Ao sul estavam os Varden e os homens de Surda, entrincheirados atrás de múltiplas camadas de defesa, onde eles exibiam uma fina panóplia de estandartes trançados, fileiras de tendas suntuosas, e os animais da cavalaria do rei Orrin presos a estacas. Numerosos que eram, seu contingente diminuía em comparação com a força reunida no norte. O exército de Galbatorix era tão grande que o pelotão da vanguarda se estendia por quase cinco quilômetros, e era impossível dizer seu comprimento total, pois os homens, individualmente, se fundiam numa massa obscura à distância.

Entre os inimigos mortais havia um vão de, quem sabe, uns três quilômetros. Este terreno, e o território no qual os exércitos acampavam, estavam salpicados de incontáveis orifícios desiguais nos quais dançavam línguas verdes de fogo. Dessas tochas pálidas se erguiam as colunas de fumaça que turvavam o sol. Cada pedaço de vegetação daquele solo ressecado havia sido queimado, exceto os líquens negros, laranjas e verde - amarelados que, do ar, davam à terra uma aparência feridenta e infecta.

Era a vista mais repugnante na qual Eragon já havia posto os seus olhos.

Saphira surgiu sobre aquela terra de ninguém que separava os dois exércitos e agora virava e mergulhava na direção dos Varden o mais rápido que podia pois, enquanto permanecessem expostos ao Império, estavam vulneráveis aos ataques dos mágicos inimigos. Eragon estendeu sua consciência o máximo que podia em todas as direções, caçando mentes hostis que pudessem sentir sua sondagem e reagir a ela - as mentes dos mágicos e daqueles que foram treinados para agir defensivamente em relação à magia.

O que ele sentiu, porém, foi o pânico súbito que subjuguou os sentinelas dos Varden, muitos dos quais, como ele percebeu, nunca haviam visto Saphira anteriormente. O medo os fez ignorar seu bom senso e por isso dispararam uma revoada de flechas farpadas que traçaram arcos para

interceptá-la.

Levantando sua mão direita, Eragon gritou:

- Letta orya thorna! - As flechas congelaram onde estavam. Com um movimento do pulso e a palavra "Gánga", ele as redirecionou, enviando as setas na direção da terra de *ninguém*, onde podiam se enterrar no solo estéril sem causar danos. Ele só não conseguiu interceptar uma flecha, no entanto, que foi atirada alguns segundos depois da primeira salva.

Eragon se inclinou o máximo que podia para a direita e, mais rápido do que qualquer humano normal, apanhou a flecha no ar enquanto Saphira passava ao lado dela.

A apenas trinta metros do chão, Saphira abriu suas asas para reduzir sua velocidade de descida, antes de apear primeiro com as patas traseiras e depois com as da frente, enquanto freava em meio às tendas dos Varden.

- Werg - resmungou Orik, afrouxando as tiras de couro que mantinham suas pernas no lugar. - Prefiro lutar contra uma dúzia de Kull do que experimentar uma queda como essa novamente. - Ele esperou num dos lados da sela, depois escorregou pela perna dianteira de Saphira mais abaixo e, de lá, para o chão.

Mesmo quando Eragon desmontava do dragão, dezenas de guerreiros com expressões atemorizadas se reuniram em volta de Saphira. Do a aglomeração saiu, a passos largos, um homem enorme que Dûr reconheceu: Fredric, o mestre de armas dos Varden em Farthen Dûr ainda usando sua armadura peluda de couro de boi.

- Vamos, seus palhaços de queixo mole! - bradou Fredric. - Não fiquem aqui olhando, voltem para os seus postos ou farei com que todos vocês fiquem mofando, farão vigília em períodos extras! - Ao seu comando, os homens começaram a se dispersar, murmurando alguns impropérios e olhando para trás. Então Fredric se aproximou e, Eragon pôde notar, ficou espantado com as mudanças no semblante dele. O homem barbado fez o melhor que pôde para dissimular sua reação tocando em sua testa e dizendo: - Bem-vindo, Matador de Espectros. Você chegou bem na hora... Não dá para lhe dizer o quanto fiquei envergonhado pelo fato de você ter sido atacado. A honra de cada homem aqui foi difamada por causa desse erro. Vocês três se

machucaram?

- Não.

O alívio se espalhou pelo rosto de Fredric.

- Bem, isso é algo para agradecer. Fiz os homens responsáveis serem privados de suas obrigações. Cada um deles levará chibatadas e terá sua patente reduzida... Essa punição o deixará satisfeito, Cavaleiro?

- Quero vê-los - disse Eragon.

Uma súbita preocupação emanou de Fredric. Era óbvio que ele temia que Eragon quisesse dar alguma espécie de castigo terrível e abominável para os sentinelas. No entanto, Fredric não verbalizou sua preocupação, mas disse:

- Então siga-me, senhor.

Ele os guiou pelo acampamento até uma tenda de comando listrada, onde mais ou menos vinte homens com aparência infeliz estavam se livrando de suas armas e armaduras, sob o olhar vigilante de uma dúzia de guardas. Ao verem Eragon e Saphira, todos os prisioneiros se ajoelharam numa perna só e ficaram ali, olhando para o chão.

- Salve, Matador de Espectros! - gritaram.

Eragon não disse nada, mas andou ao longo da fila de homens enquanto estudava suas mentes. Suas botas afundavam em meio à crosta da terra ressecada, faziam um ruído agourento. Até que finalmente ele se pronunciou:

- Vocês deviam se orgulhar por terem reagido tão rapidamente a nossa aparição. Se Galbatorix atacar, isso é exatamente o que vocês devem fazer, embora duvide que flechas se provem mais eficientes contra ele do que foram contra mim e Saphira. - Os sentinelas o olharam com descrença, seus rostos virados para cima revelavam a cor de latão manchado por causa da luz multicolor. - Só peço para que, no futuro, vocês parem um instante para identificar o seu alvo antes de atirar. Da próxima vez eu posso estar distraído para deter os projéteis. Entendido?

- Sim, Matador de Espectros! - gritaram.

Parando na frente do penúltimo homem na fila, Eragon estendeu a flecha que havia pego quando estava nas costas de Saphira.

- Acho que isso aqui é seu, Harwin.

Com uma expressão de espanto, Harwin aceitou a flecha de Eragon.

- Isso mesmo! Ela tem a faixa branca que eu sempre pinto nas minhas setas, para que possa encontrá-las depois. Obrigado, Matador de Espectros.

Eragon acenou com a cabeça e depois se dirigiu a Fredric para que todos pudessem ouvir:

- Estes são homens bons e sinceros, e não quero que nenhuma desgraça recaia sobre eles por causa desse ocorrido.

- Vou cuidar disso pessoalmente - disse Fredric, e sorriu.

- Agora, você pode nos levar até lady Nasuada?

- Sim, senhor.

Enquanto deixava os sentinelas, Eragon soube que sua bondade havia feito dele merecedor da eterna lealdade daqueles homens, e que notícias sobre seu feito se espalhariam entre os Varden.

O caminho que Fredric traçou no meio das tendas fez Eragon entrar em contato com mais mentes do que já havia tocado antes. Centenas de pensamentos, imagens e sensações assediaram a sua consciência. Apesar do esforço que fazia para mantê-las a uma certa distância, ele não conseguia deixar de absorver detalhes ao acaso das vidas das pessoas. Algumas revelações ele achou chocantes, outras comuns, algumas tocantes, ou, inversamente, repulsivas e muitas embaraçosas. Algumas pessoas percebiam o mundo de forma tão diferente, que suas mentes lhe saltavam exatamente por causa dessa diferença.

Como é fácil ver esses homens como nada mais do que objetos que eu e alguns poucos podem manipular à vontade. Contudo cada um deles possui esperanças e sonhos, o potencial para o que eles podem vir a ser e as lembranças do que já realizaram.

E todos eles sentem dor, Algumas poucas mentes que ele tocou perceberam o contato e o rechaçaram, esconderam suas vidas interiores por trás de defesas de força variada. A princípio, Eragon ficou preocupado - imaginou que ele havia descoberto um grande número de inimigos infiltrados entre os Varden -mas então ele percebeu, num relance, que se tratavam de membros da Du Vrangr Gata.

Saphira disse: *Eles devem ter ficado apavorados, achando que*

estavam prestes a serem atacados por algum mágico estranha.

Não posso convencê-los do contrário enquanto me bloquearem dessa maneira.

Você deve encontrá-los pessoalmente e logo, antes que decidam se unir e atacar.

Sim, embora não creia que eles nos representem uma ameaça... Du Vrangr Gata - seu próprio nome evidencia a sua ignorância. Mais propriamente, na língua antiga, devia ser Du Gata Vrangr.

Sua caminhada terminou perto da retaguarda dos Varden, numa ampla tenda vermelha em que tremulava uma flâmula, havia um escudo negro e duas espadas paralelas na parte inferior. Fredric puxou a aba para trás, permitindo que Eragon e Orík adentrassem o pavilhão. Atrás deles, Saphira enfiou sua cabeça pela abertura e ficou olhando por um dos ombros dos dois.

Uma mesa grande ocupava o centro da tenda mobilada. Nasuada estava em pé numa das pontas, curvada e apoiada numa das mãos, estudava uma grande quantidade de mapas e pergaminhos. O estômago de Eragon deu um nó assim que viu Arya na outra ponta. As duas mulheres estavam em suas armaduras como homens para a batalha.

Nasuada voltou seu rosto amendoado em sua direção.

- Eragon? - sussurrou.

Ele estava despreparado para o quão feliz ficaria ao vê-la. Com um sorriso largo, virou a mão por sobre o esterno, fez o gesto de lealdade dos elfos, e se curvou.

- Às suas ordens.

- Eragon! - Desta vez Nasuada parecia feliz e aliviada. Arya, também, aparentava estar contente. - Como você recebeu a nossa mensagem com tanta rapidez?

- Não recebi, soube do avanço do exército de Galbatorix através das minhas visões e deixei Ellesméra no mesmo dia. - Ele lhe sorriu novamente. - E bom estar de volta aos Varden.

Enquanto ele falava, Nasuada o estudou com uma expressão de espanto.

- O que aconteceu com você, Eragon? *Arya não deve ter lhe contado*, disse Saphira.

Então Eragon fez um relato completo do que havia acontecido com ele e Saphira desde que deixaram Nasuada em Farthen dûr há tanto tempo. Dava para perceber que muito do que ele dizia ela já havia escutado, vindo dos anões ou de Arya, mas mesmo assim o deixou falar sem interrompê-lo. Eragon tinha de ser cauteloso em relação ao seu treinamento. Ele havia dado sua palavra de que não revelaria a existência de Oromis sem permissão, e muitas das suas lições não deveriam ser partilhada com estranhos, mas Eragon fez o melhor possível para dar a Nasuada uma boa idéia das suas habilidades e dos riscos resultantes. Sobre o Agaert Blödhren, ele simplesmente disse:

- ... e durante a celebração, os dragões promoveram em mim as mudanças que *você* está vendo, deram-me as habilidades físicas de um elfo e curaram as minhas costas.

- Sua cicatriz se foi, então? - perguntou Nasuada. Ele acenou positivamente. Algumas frases a mais serviram para terminar sua narrativa, mencionou brevemente o motivo que o levou a deixar Du Weldenwarden e depois resumiu sua viagem daí em seguida. Ela balançou a cabeça. - Que história. Você e Saphira devem ter passado por muitas experiências desde que deixaram Farthen dûr.

- Assim como *você*. - Ele gesticulou na direção da tenda. - E incrível o que você conseguiu realizar. Deve ter sido necessário trabalhar muito para levar os Varden para Surda... O Conselho de Anciãos criou muitos problemas?

- Um pouco, mas nada de extraordinário. Eles parecem ter se resignado em relação à minha liderança. - Com sua cota retinindo, Nasuada se sentou numa cadeira larga, de encosto alto e se virou para Orik, que ainda tinha de falar. Ela o saudou e perguntou se ele tinha algo a acrescentar a história de Eragon. Orik encolheu os ombros e contou alguns poucos casos sobre sua estadia em Ellesméra, embora Eragon suspeitasse que o amo estava guardando suas verdadeiras impressões para o seu rei. Quando ele terminou, Nasuada disse:

- Sinto-me encorajada ao saber que, se conseguirmos resistir a esse ataque, teremos os elfos ao nosso lado. Algum de vocês conseguiu ver os guerreiros de Hrothgar durante o vôo que fizeram de Aberon? Estamos contando com o seu reforço.

Não, respondeu Saphira através de Eragon. *Porém, estava escuro e eu normalmente passava por cima ou entre nuvens. Posso facilmente ter deixado de notar um acampamento nessas condições. De qualquer maneira, duvido que tenhamos cruzado nossos caminhos, pois voei direto de Aberon e me parece provável que os anões fossem optar por uma rota diferente - quem sabe seguiram por estradas já existentes - em vez de marchar pelo deserto.*

- Qual é - perguntou Eragon - a situação por aqui?

Nasuada suspirou e depois falou sobre como ela e Orrin haviam descoberto o exército de Galbatorix e suas medidas desesperadas para chegar na campina ardente antes dos soldados do rei. Ela terminou afirmando:

- O Império chegou há três dias. Desde então, trocamos duas mensagens. Primeiro eles pediram para que nos entregássemos, o que nos recusamos a fazer, e agora estamos esperando sua resposta.

- Quantos deles há por aqui? - murmurou Orik. - Vendo do dorso de Saphira parecia um número infinito.

- Sim. Estimamos que Galbatorix tenha reunido algo em torno de cem mil soldados.

Eragon não conseguiu se conter:

- Cem mil! De onde eles vieram? Parecia impossível que ele fosse encontrar mais do que um punhado de gente disposta a servi-lo.

- Eles foram recrutados. Só podemos esperar que os homens que foram arrancados de seus lares não estejam ansiosos para lutar. Se os assustarmos o suficiente, eles poderão sair da formação e fugir. Nosso contingente é maior do que em Farthen Dûr, pois o rei Orrin juntou forças conosco e recebemos um verdadeiro enxame de voluntários desde que começamos a espalhar as notícias da sua adesão, Eragon. embora ainda estejamos bem mais fracos do que o Império.

Então Saphira fez uma pergunta terrível, que Eragon foi forçado a repetir. *Quais você acha que são nossas chances de vitória?*

- Uso - respondeu Nasuada, colocando ênfase na palavra - depende bastante de *você* e Eragon e do número de mágicos que estão espalhados pelas tropas deles. Se você puder encontrar e exterminar esses mágicos. então nossos inimigos acabarão ficando desprotegidos e você poderá matá-los à vontade. Uma vitória total, creio, é improvável a essa altura. mas acredito que

possamos mantê-los em xeque até que seus suprimentos diminuam ou que Islanzadí possa vir para nos ajudar. Quer dizer... isso se o próprio Galbatorix não entrar na batalha. Nesse caso, temo que a retirada seja a nossa única opção.

Naquele instante, Eragon sentiu uma mente estranha se aproximando, uma que sabia que ele estava observando a tudo e contudo não evitou o contato. Que parecia ser fria, dura e calculista. Alerta para o perigo. Eragon se virou na direção da parte de trás da tenda, onde viu a mesma garota de cabelos negros que havia aparecido quando observou Nasuada de Ellesméra. A menina o encarou com seus olhos violeta e disse:

- Bem-vindo, Matador de Espectros. Bem-vinda, Saphira. Eragon estremeceu com o som de sua voz, a voz de um adulto. Ele molhou sua boca seca e perguntou:

- Quem é você?

Sem responder, a menina jogou para trás sua franja brilhante e expôs uma marca branca e prateada na testa, exatamente igual a gedwëy ignasia de Eragon. Ele soube então com quem estava falando. Ninguém se moveu enquanto Eragon ia na direção da garota, acompanhado por Saphira, que enfiou seu pescoço ainda mais para dentro da tenda. Agachando-se num dos joelhos, Eragon pegou a mão direita da menina e viu que sua pele queimava como se ela estivesse com febre.

Ela não resistiu ao seu toque, mas simplesmente deixou sua mão mole.

Na língua antiga - e também com sua mente, para que ela pudesse entender. Eragon disse:

- Lamento muito. *Você* poderia me perdoar pelo que lhe fiz?

Os olhos da garota se acalmaram, ela se inclinou para frente e beijou Eragon na testa.

- Eu o perdôo - sussurrou a menina, pela primeira vez soando como uma menina. - Como não poderia? *Você* e Saphira criaram o que eu sou. e sei que vocês não tinham a intenção de me causar nenhum mal. Eu perdôo vocês, mas devo deixar que esse conhecimento torture a sua consciência. Você me condenou a sentir todo o sofrimento que está à minha volta. Mesmo agora, o seu feitiço faz com que eu me apresse para socorrer um homem que está a

menos de três tendas daqui e acabou de cortar sua mão. para ajudar um jovem porta-bandeira que quebrou seu dedo indicador esquerdo no raio da roda de uma carroça, e para auxiliar inúmeras outras pessoas que se machucaram ou estão prestes a tal. Custa-me muito resistir a esses impulsos, e ainda mais se eu causo desconforto a alguém conscientemente, como estou fazendo ao dizer isso... Não consigo nem dormir durante a noite por causa da força da minha compulsão *Esse é o seu legado, ó Cavaleiro.* - No final, sua voz já havia recuperado sua aspereza amarga e zombeteira.

Saphira se interpôs entre os dois e, com seu focinho, tocou a garota no centro de sua marca. *Paz, criança adulterada. Você tem muita raiva em seu coração.*

- Você não tem que viver assim para sempre - disse Eragon. - Os elfos me ensinaram como fazer para anular um feitiço, e acredito que possa livrá-la dessa maldição. Não será fácil, mas pode ser feito.

Durante um instante, a garota pareceu ter perdido o seu formidável autocontrole. Um leve suspiro escapou dos seus lábios, sua mão tremia e Eragon, e seus olhos resplandeciam com uma névoa de lágrimas. Então, rapidamente, escondeu suas verdadeiras emoções por trás de uma máscara de cínico deleite.

- Bem, vamos ver. De qualquer maneira, você não devia tentar fazer isso antes da batalha que está por vir.

- Poderia poupá-la de uma grande dor.

- Eu não o deixaria esgotado agora, pois a nossa sobrevivência pode depender dos seus talentos. Não me engano, você é mais importante do que eu. - Um sorriso malicioso brotou em seu rosto. - Além do mais, se você remover o seu encanto agora, eu não terei como ajudar nenhum dos Varden caso sejam ameaçados. Você não gostaria que Nasuada morresse por causa disso, gostaria?

- Não - admitiu Eragon. Ele fez uma longa pausa, enquanto pensava na questão, e depois disse: - Muito bem, vou esperar. Mas juro a você: se vencermos essa batalha, irei corrigir esse erro.

A menina inclinou a cabeça para o lado.

- Farei com que você mantenha a palavra, Cavaleiro. Levantando-se de sua cadeira, Nasuada disse:

- Foi Elva que me salvou de um assassino em Aberon.

- Foi ela mesmo? Nesse caso, tenho uma dívida para com você... Elva... por proteger minha suserana.

- Venham agora - disse Nasuada. - Tenho que apresentar vocês três para Orrin e seus nobres. Você já esteve com o rei antes. Orik?

O anão balançou negativamente a cabeça.

- Nunca estive tão a oeste antes.

Enquanto deixavam o pavilhão - Nasuada ia na frente, com Elva do seu lado -. Eragon tentou se posicionar para que pudesse conversar com Arya. Mas, quando ele se aproximou, a elfa acelerou o passo para que pudesse andar lado a lado com Nasuada. Arya nem chegou a olhá-lo enquanto andava, seu desprezo que lhe causou mais angústia do que qualquer ferimento físico que houvesse sofrido. Elva olhou em sua direção e Eragon sabia que ela sentia sua aflição.

Logo chegaram a um outro largo pavilhão, esse era amarelo e branco - embora fosse difícil determinar a exata nuança das cores, dado o tom laranja berrante que cobria tudo na Campina Ardente. Assim que lhes foi concedida a entrada, Eragon ficou surpreso ao encontrar a tenda abarrotada com uma coleção excêntrica de provetas, alambiques, retortas e outros instrumentos de filosofia natural. *Quem se importaria de trazer tudo isso para um campo de batalha?*, perguntou ele, espantado.

- Eragon - disse Nasuada. - Gostaria que *você* conhecesse Orrin, filho de Larkin e monarca do reino de Surda.

Das profundezas das pilhas desordenadas de vidro, surgiu um homem relativamente alto e belo, tinha o cabelo na altura dos ombros, preso para trás por uma coroa de ouro assentada sobre a sua cabeça. Sua como a de Nasuada, estava protegida por trás de muralhas de ferro: era óbvio que ele havia recebido um extensivo treinamento para habilidade. Orrin pareceu ser um sujeito bastante agradável na opinião de Eragon, tomando como base a conversa que ambos tiveram, hora um pouco imaturo e inexperiente *no* que tangia a comandar homens na guerra e com umas idéias um pouco esquisitas. No todo, Eragon confiava mais na liderança exercida por Nasuada.

Depois de responder defensivamente a uma série de perguntas que Orrin fez sobre o período que passou junto com os elfos, Eragon se pegou

sorrindo e acenando educadamente a cabeça para cada conde que passava em fila, cada um dos quais insistindo em apertar a sua mão, dizendo-lhe da honra que era conhecer um Cavaleiro e convidando-o para as suas respectivas propriedades. Eragon, respeitosamente, memorizou seus muitos nomes e títulos - como sabia que Oromis esperaria - e fez o melhor que pôde para manter uma conduta calma, apesar de sua crescente frustração.

Estamos prestes a enfrentar um dos maiores exércitos da história e aqui estamos nós, empacados a trocar gracejos.

Tenha paciência, aconselhou Saphira. Não há muitos mais... Além disso, veja as coisas por outro lado: se vencermos, eles nos deverão um ano inteiro de jantares gratuitos, com todas as promessas que fizeram.

Ele conteve uma gargalhada. *Acho que eles ficariam desanimados se souberem o quanto é necessário para alimentá-la. Sem mencionar que você poderia esvaziar suas provisões de vinho e cerveja numa única noite. Eu jamais o faria,* disse Saphira, desdenhosa, para depois admitir. *Talvez em duas noites.*

Quando eles finalmente conseguiram sair da tenda de Orrin, Eragon perguntou a Nasuada:

- O que devo fazer agora? Como posso servi-la? Nasuada o encarou com uma expressão curiosa.

- Como *you* acha que pode me servir melhor, Eragon? Você conhece as suas próprias habilidades melhor do que eu. - Até mesmo Arya o estava observando naquela altura, esperando para ouvir sua resposta.

Eragon levantou os olhos para o céu sangrento, enquanto refletia sobre a pergunta.

- Vou assumir o controle da Du Vrangr Gata, como já me pediram uma vez, e organizá-la sob a minha liderança, para que possa liderá-la no campo de batalha. Trabalhar juntos fará com que tenhamos mais chances de derrotar os mágicos de Galbatorix.

- Isso me parece uma excelente idéia.

Existe algum lugar onde Eragon possa deixar suas bagagens?, perguntou Saphira. *Não quero mais carregá-las além do que já fiz.*

Quando Eragon repetiu sua pergunta, Nasuada disse:

- É claro. Vocês podem deixá-las no meu pavilhão, mandarei

providenciar uma tenda para você, Eragon, onde poderá deixá-las permanentemente. Sugiro, no entanto, que vistam suas armaduras antes de desfazerem suas bagagens. Vocês podem precisar delas a qualquer momento... Isso me lembra uma coisa: estamos com a sua armadura, Saphira. Farei com que ela seja trazida até *você*.

- E quanto a mim, lady? - perguntou Orik.

- Temos alguns knurlan conosco do Dûrgrimst Ingeitum que emprestaram a sua perícia para que pudéssemos construir nossas defesas terrestres. *Você* pode assumir o seu comando, se quiser.

Orik parecia animado com a perspectiva de ver companheiros anões, especialmente do seu próprio clã. Ele bateu com o seu punho na mesa e afirmou:

- Acho que aceitarei a oferta. Se vocês me dão licença, tratarei disso imediatamente. - Sem olhar para trás, saiu andando pelo acampamento. seguia para o norte na direção da barreira de pedras e areia.

Enquanto voltava para o seu pavilhão com os quatro que restaram. Nasuada disse para Eragon:

- Comunique-se comigo assim que chegar a um acordo com a Du Vrangr Gata. - Então ela empurrou a aba de entrada de seu pavilhão e desapareceu com Elva pela entrada escura.

Assim que Arya começou a segui-las, Eragon estendeu a mão em sua direção e disse na língua antiga:

- Espere.- A elfa parou e o encarou, impassível. Ele a reteve ali sem vacilar, olhando fundo em seus olhos, que refletiam a luz estranha que os circundava. - Arya, não pedirei desculpas pelo que sinto por *você*. No entanto, queria que você soubesse que lamento muito o modo como agi durante a Celebração de Juramento ao Sangue. Eu não era eu mesmo naquela noite, caso contrário não teria sido tão insolente e arrogante.

- E você não o fará novamente? Ele suprimiu uma risada sem graça.

-Fazê-lo não me levaria a lugar nenhum, não é? - Como ela permaneceu em silêncio, o jovem prosseguiu: - Não tem problema, não quero incomodá-la, mesmo se você... - Ele abafou o resto da frase antes que fizesse uma afirmação da qual pudesse se arrepender depois.

A expressão de Arya ficou mais suave.

- Não estou tentando feri-lo, Eragon. *Você* tem que entender isso.

- Eu entendo - disse ele, mas sem convicção. Uma pausa embaraçosa se estendeu entre os dois.

- Foi tudo bem com o seu vôo, espero? -Tudo bem.

- Vocês não encontraram nenhuma dificuldade no deserto?

- Deveríamos?

- Não, só perguntei. - Então, num tom de voz ainda mais gentil, Arya perguntou: - E quanto a *você*, Eragon? Como foi tudo depois da celebração? Ouvi o que *você* disse para Nasuada, mas você não mencionou nada além das suas costas.

- Eu... - Ele tentou mentir, não querendo que ela soubesse o quanto sentiu sua falta, mas a língua antiga fez as palavras ficarem presas em sua boca e o deixou mudo. Até que, finalmente, ele recorreu a uma técnica dos elfos: contar apenas parte da verdade para criar uma impressão aproximada da verdade como um todo. - Estou melhor do que antes -disse ele, referindo-se, em sua mente, às condições de suas costas.

Apesar desse subterfúgio, Arya não pareceu convencida. No entanto ela não o pressionou, mas disse:

- Estou feliz. - A voz de Nasuada emanou de dentro do pavilhão, e Arya se voltou em sua direção antes de encará-lo novamente. - Sou necessária em outro lugar, Eragon... Ambos somos necessários em outros lugares. Uma batalha está prestes a começar. - Levantando a aba de lona, ela deu meio passo para dentro da tenda escura, e depois hesitou e acrescentou: - Tome cuidado, Eragon Matador de Espectros.

E então ela sumiu.

O desalento deixou Eragon parado onde estava. Conseguiu o que queria, mas nada pareceu ter mudado entre ele e Arya. O jovem cerrou os punhos, curvou os ombros e olhou para o chão sem vê-lo, quase explodia de decepção.

- Ele se espantou quando Saphira tocou com o nariz em seu ombro. *Vamos, pequenino*, disse ela gentilmente. *Você não pode ficar aqui para sempre, e esta sela está começando a coçar.*

Já ao seu lado, Eragon puxou a correia do seu pescoço, resmungando ela ficou presa na fivela. Ele quase desejou que o couro se

partisse. Soltando o resto das correias, ele deixou a sela, e tudo o mais que a ela estava amarrado, cair no chão de uma vez só. *É bom tirar tudo isso*, disse Saphira, sacudindo seus enormes ombros.

Retirando sua armadura para fora dos alforjes, Eragon vestiu seu traje brilhante de guerra. Primeiro colocou a cota de malha sobre sua túnica elfa, depois amarrou as grevas entalhadas às pernas e os braçais embutidos aos antebraços. Em sua cabeça, colocou o capuz forrado de couro, seguido pelo barrete de aço, e depois pelo elmo dourado e prateado. No final, substituiu as luvas normais pelas manoplas com cota no fundo.

Zar'roc ficou pendurada no quadril esquerdo, no cinto de Beloth, o Sábio. Atravessando suas costas, ele colocou a aljava de penas brancas de cisne que Islanzadí lhe havia dado. A aljava, como ele ficou feliz em descobrir também podia conter o arco que a rainha elfa lhe havia dado. mesmo com a corda.

Depois de guardar os pertences dele e de Orik no pavilhão, Eragon e Saphira saíram para encontrar Trianna, a líder da Du Vrangr Gata no momento. Eles deram não mais do que alguns passos, quando Eragon sentiu uma mente próxima que conseguia se proteger de sua sondagem mental. Supondo se tratar de um dos mágicos dos Varden. os dois se viraram em sua direção.

A doze metros do ponto onde começaram a caminhada, eles passaram por uma tendinha verde com um burro amarrado a uma estaca na frente. A esquerda da tenda havia um caldeirão de ferro enegrecido pendurado num tripé de metal, colocado por sua vez sobre uma das chamas malcheirosas que vinham bem do fundo da terra. Havia cordas amarradas ao redor do caldeirão, nas quais estavam dispostos beladona, cicuta. rododendro, juníperos, casca de teixo e inúmeros tipos de cogumelos. como o amanita e os de talo pintado, todos os quais foram reconhecidos por Eragon por causa das lições que teve sobre venenos. E em pé ao lado do caldeirão, manejando uma longa pá de madeira com a qual mexia o caldo, estava Angela, a herbolária. Aos seus pés estava Solembum.

O menino-gato miou pesaroso e Angela levantou os olhos. distraíndo-se de sua tarefa, tinha o cabelo ondulado formando unia nuvem enorme e enevoadada em torno de seu rosto resplandecente. Ela franziu a testa e

sua expressão ficou positivamente demoníaca, pois era iluminada por baixo pela chama verde e bruxuleante.

- Então *você* voltou, hein?

- Voltamos - disse Eragon.

- Isso é tudo que *você* tem para dizer? Você já viu Elva? Já viu o que *você* fez com aquela pobre garota?

- Sim.

- SIM - gritou Angela. - Até que ponto uma pessoa pode ser inarticulada? Todo esse tempo em Ellesméra sendo instruído pelos elfos, e sim é a melhor resposta que *você* consegue dar? Deixe eu lhe dizer uma seu cabeça-dura: qualquer um que seja estúpido o suficiente para fazer o que *você* fez merece...

Eragon colocou as mãos nas costas e ficou esperando enquanto Angela o informava, com muitos termos explícitos, detalhados e altamente inventivos, como ele era exatamente um grande cabeça-dura, que tipo de ancestrais devia possuir para ser um cabeça-dura tão magnífico - ela chegou ao ponto de insinuar que um de seus avós havia acasalado com um Urgal - e as punições horrendas que merecia receber por sua idiotice. Se uma outra pessoa o tivesse insultado daquela maneira, Eragon o teria desafiado para um duelo, mas ele tolerou a raiva da feiticeira, pois sabia que não podia julgar o comportamento dela pelos mesmos padrões dos outros, e porque sabia que suas afrontas eram justificáveis, ele havia cometido um erro terrível.

Quando ela finalmente parou para respirar, Eragon disse:

- Você tem toda a razão. Vou tentar remover o encanto assim que a batalha estiver decidida.

Angela piscou três vezes, uma logo depois da outra, e sua boca permaneceu aberta por um instante num pequeno "O" antes de se fechar. Com um olhar de suspeita, ela perguntou:

- Você não está dizendo isso só para me acalmar, está? -Jamais faria isso.

- E você realmente pretende anular a sua maldição? Achava que tais coisas eram irrevogáveis.

- Os elfos descobriram muitos usos da magia.

- Ah... Bem, então, está resolvido, não? - Ela lhe lançou um sorriso

largo e depois passou por ele e bateu nas bochechas de Saphira. - É bom vê-la novamente, Saphira. *Você* cresceu.

Muito oportuno de fato, Angela.

Enquanto Angela voltava a mexer sua poção, Eragon disse:

- Essa foi uma tirada interessante.

- Muito obrigada. Trabalhei nela por diversas semanas. É uma pena que você não vai ouvir o final: é *memorável* Posso terminá-la para você se quiser.

- Não, está tudo bem. Posso imaginar no que isso vai dar. - Fitando - a com o canto do olho, Eragon completou: - *Você* não pareceu ter ficado surpresa com a minha mudança.

A herbolária encolheu os ombros.

- Tenho minhas fontes. Na minha opinião é um aperfeiçoamento. *Você* estava um pouco... oh, como posso dizer?... *inacabado* antes.

- Isso é verdade. - Ele gesticulou para as plantas que estavam dependuradas. - O que *você* planeja fazer com isso?

- Oh, é apenas um pequeno projeto meu... uma experiência, se *você* quer saber.

- Hum. - Examinando o padrão das cores num cogumelo seco que estava pendurado à sua frente, Eragon perguntou: - *Você* já descobriu se sapos existem ou não?

- Por acaso já! Parece que todos os sapos São rãs, mas nem todas as rãs são sapos. Por isso, nesse sentido, sapos não existem, o que significa que eu estava certa o tempo todo. - Ela parou de filiar abruptamente. inclinou-se para o lado, pegou uma caneca de um banco que estava ao seu lado e a ofereceu para Eragon. - Tome uma xícara de chá.

Eragon olhou para as plantas mortais que o cercavam e depois se voltou na direção do rosto franco de Angela antes de aceitar a caneca. Em voz baixa - para que a herbolária não pudesse ouvir - ele murmurou três feitiços para detectar veneno. Só depois que se certificou de que o chá estava livre de qualquer contaminação foi que ele ousou beber. O chá estava delicioso, embora o Cavaleiro não conseguisse identificar os ingredientes.

Naquele momento, Solembum andou até onde Saphira estava e começou a arquear suas costas e se esfregar em sua perna, como qualquer

gato normal faria. Girando seu pescoço, Saphira se curvou para baixo e, com a ponta do nariz, roçou por toda a extensão da espinha do menino-gato. Ela disse: *Conheci alguém em Ellesméra que conhece você*, Solembum parou de se esfregar e levantou a cabeça. *Sério?*

Sim. Seu nome era Pata Ligeira e a Dançarina Sonhadora e também Maud.

Os olhos dourados de Solembum se arregalaram. Um ronronar profundo e gutural soou em seu peito, e ele passou a se esfregar em Saphira com um vigor renovado.

- Então - disse Angela. - Suponho que *você* já tenha falado com Nasuada, Arya e o rei Orrin. - Ele acenou positivamente. - E o que *você* achou do velho e querido Orrin?

Eragon escolheu as palavras com cuidado, pois estava a par de que *estavam* falando sobre um rei.

- Bem... ele parece ter uma variedade de interesses.

- Sim, ele é tão doce quanto um tolo lunático na noite do solstício - Mas todo mundo o é, de uma maneira ou de outra. Rindo de sua franqueza, Eragon disse:

- Ele deve ser maluco para ter trazido tanto vidro de Aberon para cá. Angela levantou uma sobancelha.

- O que é isso agora?

- *Você* não viu o interior de sua tenda?

- Ao contrário de algumas pessoas - disse ela, torcendo o nariz -, eu não estou procurando a amizade de todo monarca que conheço. - Então ele lhe descreveu grande parte dos instrumentos que Orrin havia trazido para a Campina Ardente. Angela parou de mexer o caldo enquanto ele falava e ouviu tudo com muito interesse. No instante em que Eragon terminou, ela começou um alvoroço em volta do caldeirão, recolhendo rapidamente as plantas que estavam penduradas nos cordões (usando pinças para fazê-lo) e disse: - Acho que seria melhor eu fazer uma visita a Orrin. Vocês dois vão ter que me falar da sua viagem a Ellesméra mais tarde... Bem, caiam fora, vocês dois. Fora!

Eragon balançou a cabeça enquanto a pequena mulher o tocava e Saphira para tora da tenda, e ele ainda segurava a xícara de chá. *Falar com ela é sempre...*

Diferente?, sugeriu Saphira.

Exatamente.

AS NUVENS DA GUERRA

De lá, eles demoraram quase meia hora para localizar a tenda de Trianna, que aparentemente servia como quartel-general da Du Vrangr Gata. Os dois tiveram dificuldade para encontrá-la porque poucas pessoas sabiam da sua existência, e um número ainda menor conseguia dizer onde ela estava, pois o pavilhão estava escondido atrás de um contraforte que servia para escondê-lo dos olhos dos mágicos inimigos no exército de Galbatorix.

Enquanto Eragon e Saphira se aproximavam da tenda negra, a entrada foi aberta e Trianna saiu, com os braços expostos até a altura do cotovelo, preparando-se para usar magia. Atrás dela, havia uma pequena aglomeração de feiticeiros determinados, apesar de amedrontados, muitos deles Eragon havia visto durante a batalha em Farthen dûr, lutando ou curando os feridos.

Eragon notou quando Trianna e os outros reagiram com a já esperada surpresa por causa de sua aparência alterada. Baixando os braços, Trianna disse:

- Matador de Espectros, Saphira. Vocês deviam ter nos avisado logo que estavam aqui. Temos nos preparado para enfrentar e combater o que julgamos ser um adversário poderoso.

- Não quis contrariá-la - disse Eragon -, mas tivemos que nos apresentar a Nasuada e ao rei Orrin imediatamente, logo depois que pousamos.

- E por que está nos dando o ar da sua graça agora? Você nunca nos concedeu a honra de uma visita antes, nós que somos mais seus irmãos do que qualquer um entre os Varden.

- Eu tenho que assumir o comando da Du Vrangr Gata. - Os feiticeiros reunidos murmuraram surpresos com o seu anúncio e Trianna ficou parada onde estava. Eragon sentiu que vários mágicos sondaram sua consciência, numa tentativa de adivinhar suas verdadeiras intenções. Em vez de se proteger (o que o deixaria cego para ataques iminentes), Eragon retaliou

atacando as mentes dos pretensos invasores, com força suficiente para que eles se sentissem obrigados recuar e reerguer suas próprias barreiras. Enquanto o fazia, Eragon teve a satisfação de ver dois homens e uma mulher se encolhendo e desviando seus olhares.

- Por ordem de quem? - perguntou Trianna.

- De Nasuada.

- Ah - disse a feiticeira com um sorriso triunfante -, mas Nasuada tem autoridade direta sobre nós. Nós ajudamos os Varden por pura e espontânea vontade.

Sua resistência deixou Eragon intrigado.

- Tenho certeza de que Nasuada ficaria surpresa ao ouvir isso, depois de tudo que ela e seu pai fizeram pela Du Vrangr Gata. Isso pode lhe dar impressão de que vocês não querem mais o apoio e a proteção dos Varden.

- Ele deixou a ameaça suspensa no ar por um instante. - Além do mais, acho que me lembro de você estar disposta a me dar esse posto antes. Por que não agora?

Trianna levantou uma sobrancelha.

- Você recusou a minha oferta, Matador de Espectros... ou já se esqueceu? - Serena como ela estava, uma certa defensiva coloriu sua resposta, e Eragon suspeitou que ela sabia que sua posição era insustentável. A feiticeira lhe pareceu mais madura do que na última vez em que se encontraram, e ele teve que lembrar a si mesmo dos apuros que ela deve ter passado desde então: marchar da Alagaësia para Surda, supervisionar os mágicos da Du Vrangr Gata e se preparar para a guerra.

- Não pude aceitá-la na época. Era a hora errada. Mudando abruptamente de tática, ela perguntou:

- Por que Nasuada acredita que você deve nos comandar de qualquer jeito? Você e Saphira, com certeza, seriam mais úteis em outro lugar.

- Nasuada quer que eu os lidere, da Du Vrangr Gata, na batalha que esta por vir, e assim o farei. - Eragon achou por bem não mencionar que a idéia era sua.

Um olhar furioso e soturno deu a Trianna um ar ameaçador. Apontou para o grupo de feiticeiros atrás dela.

- Devotamos nossas vidas para o estudo da nossa arte. Você tem

lançado encantos há menos de dois anos. O que o torna mais qualificado para essa tarefa do que qualquer um de nós?... Não importa. Diga-me: - Qual é a sua estratégia? Como você planeja nos usar?

- Meu plano é simples - disse ele. - Vocês irão unir as suas mentes num todo e buscar feiticeiros inimigos. Quando encontrarem um, eu tentarei minha força às suas, e juntos poderemos esmagar a resistência do sujeito. Depois poderemos arrasar as tropas que previamente estavam protegidas por suas defesas.

- E o que você ficará fazendo o resto do tempo?

- Lutarei ao lado de Saphira.

Depois de um silêncio embaraçoso, um dos homens atrás de Trianna se pronunciou:

- É um bom plano. - Ele tremeu quando Trianna lhe desferiu um olhar furioso.

Ela lentamente encarou Eragon novamente.

- Desde que os Gêmeos morreram, eu tenho liderado a Du Vrangr Gata. Sob a minha orientação, eles providenciaram os meios para financiar o esforço de guerra dos Varden, desmascararam a Mão Negra (a rede de espiões de Galbatorix que tentou assassinar Nasuada), assim como fizeram inúmeros outros serviços. Eu não estou me gabando quando digo que esses não são feitos simples. E tenho certeza de que posso continuar a produzir tais resultados... Por que, então, Nasuada quer me depor? Como eu posso tê-la desagradado?

Tudo ficou claro para Eragon, então. *Ela foi se acostumando com o poder e não quer entregá-lo. Porém, mais do que isso, ela acha que o fato de eu a estar substituindo é uma crítica à sua liderança.*

Você precisa solucionar essa questão, e rapidamente, disse Saphira. *Nosso tempo é curto.*

Eragon ficou quebrando a cabeça para descobrir uma maneira de estabelecer sua autoridade na Du Vrangr Gata sem se indispor mais com Trianna. Até que finalmente ele disse:

- Não vim até aqui para causar problemas. Vim pedir a sua ajuda. -Ele falou para toda a congregação, mas só olhou para a feiticeira. - Sou forte, sim. Saphira e eu provavelmente poderíamos derrotar qualquer número de

mágicos favoritos de Galbatorix. Mas não podemos proteger todos entre os Varden. Não podemos *estar* em toda parte. E se os magos de guerra do Império juntarem suas forças contra nós, então até mesmo nós ficaremos sobrecarregados para sobreviver... Não podemos lutar essa batalha sozinhos. Você tem toda razão, Trianna... fez tudo certo com a Du Vrangr Gata e eu não estou aqui para usurpar a sua autoridade. Porém, como mágico, preciso trabalhar com a Du Vrangr Gata e, como Cavaleiro, posso também precisar lhes dar ordens, as quais precisarei ter certeza de que serão obedecidas sem nenhum questionamento. A cadeia de comando deve ser estabelecida. Assim, vocês conservarão a maior parte de sua autonomia. Na maioria das vezes, estarei ocupado demais para dedicar minha atenção para a Du Vrangr Gata. Não pretendo ignorar seus conselhos, pois estou certo de que vocês têm muito mais experiência do que eu... Por isso peço novamente, vocês irão nos ajudar, pelo bem dos Varden?

Trianna fez uma pausa, depois se curvou.

- É claro, Matador de Espectros... pelo bem dos Varden. Será uma honra tê-lo como líder da Du Vrangr Gata.

- Então, vamos começar.

Nas horas seguintes, Eragon falou com cada um dos mágicos reunidos embora um bom número deles estivesse ausente, ocupados com uma ou outra tarefa para auxiliar os Varden. Ele fez o melhor que pôde para se inteirar do conhecimento de magia que eles possuíam. Aprendeu que a maior parte dos homens e mulheres na Du Vrangr Gata havia sido introduzida na sua arte por um parente, e normalmente em profundo segredo para evitar atrair a atenção daqueles que temiam a magia - e, é claro, do próprio Galbatorix. Apenas um punhado deles havia recebido treinamento apropriado. Como resultado, a maior parte dos feiticeiros conhecia pouco da língua antiga - nenhum deles conseguia falá-la fluentemente - suas crenças em relação à magia eram normalmente distorcidas por superstições religiosas, e ignoravam a inúmeras aplicações da necromancia.

Não é de se surpreender que os Gêmeos estivessem tão desesperados para extrair o seu vocabulário da língua antiga quando o testaram em Farthen dûr, observou Saphira. Com ele, poderiam ter facilmente conquistado esses mágicos menores.

No entanto, eles são tudo o que temos para trabalhar.

E verdade. Espero que você possa ver agora que eu estava certa em relação a Trianna. Ela coloca os seus próprios desejos acima do bem da maioria.

Você tinha razão, concordou ele. Mas eu não a condeno por isso. Trianna lida com o mundo da melhor maneira que pode, assim como todos nós. Entendo isso, mesmo que não aprove, e compreensão - como disse Oromis - gera solidariedade.

Pouco mais do que um terço dos feiticeiros se especializaram como curandeiros. Esses Eragon mandou que seguissem em frente, depois de lhes dar cinco novos feitiços para memorizar, encantos que permitiriam que eles tratassem de um sem número de ferimentos de guerra. Com os encantadores que restaram, Eragon trabalhou no sentido de estabelecer uma série clara de comandos - ele designou Trianna como sua tenente e garantir que suas ordens seriam cumpridas - e de consolidar suas personalidades díspares numa unidade de combate. Tentar convencer os mágicos a cooperarem, como ele descobriu, era como tentar fazer com que uma matilha de cães dividisse um osso cheio de carne. Não ajudou nem um pouco o fato de eles estarem evidentemente respeitando-o, pois ele não conseguia encontrar nenhuma maneira de usar sua influência para facilitar as relações entre os mágicos invejosos.

Para ter uma melhor idéia de sua exata competência, Eragon os obrigou a fazer uma série de feitiços. Enquanto os observava se esforçando com encantos que agora considerava simples, Eragon ficou a par do quanto seus próprios poderes haviam evoluído. Para Saphira, mostrou seu espanto. *E pensar que eu suava para erguer um seixo no ar.*

E pensar, respondeu ela, que Galbatorix teve mais de um século para aprimorar o seu talento.

O sol estava baixo no oeste, intensificava a luz laranja enfumaçada até o acampamento dos Varden, o lívido rio Jiet e a totalidade da Campina Ardente brilhava num esplendor louco e marmóreo, como se fosse uma cena dos sonhos de um lunático. O sol não estava distante do horizonte a mais do que a largura de um dedo quando um mensageiro chegou na tenda. Ele disse a Eragon que Nasuada havia ordenado para que ele fosse encontrá-la imediatamente.

- E acho que é melhor você se apressar, Matador de Espectros, se é que não se importa que eu diga isso.

Depois de extrair da Du Vrangr Gata a promessa de que eles estariam prontos e dispostos quando ele os chamasse para lhes prestar alguma assessoria. Eragon saiu correndo ao lado de Saphira em meio às fileiras de tendas cinzentas no caminho até o pavilhão de Nasuada. Um irritante barulho acima dos dois fez Eragon levantar os olhos do solo traiçoeiro tempo suficiente para olhar para o céu.

O que ele viu foi uma gigantesca revoada de aves girando entre os dois exércitos. Ele avistou águias, falcões, gaviões, junto com inúmeras gralhas vorazes e seus primos maiores de rapina, cujos bicos lembravam adagas e cujas penas traseiras eram azuis: os corvos. Cada pássaro gritava por sangue para que pudesse molhar sua garganta e por carne quente o suficiente para encher sua barriga e saciar sua fome. Por experiência e instinto, sabiam que, sempre que apareciam exércitos na Alagaësia, podiam esperar um banquete com acres e mais acres de cadáveres.

As nuvens da guerra estão se formando, observou Eragon.

NAR GARZHVOG

Eragon entrou no pavilhão, Saphira enfiou a cabeça em seu interior, seguindo-o. Ele foi recebido com o som estridente do aço, quando Jörmundur e meia dúzia de oficiais de Nasuada desembainharam suas espadas na direção dos intrusos. Os homens baixaram suas armas quando Nasuada disse:

- Venha aqui, Eragon.
- Qual é a sua ordem? - perguntou o Cavaleiro.
- Nossos batedores relataram que um grupo de aproximadamente cem Kull estão se aproximando, vindo do noroeste.

Eragon franziu a testa. Ele não esperava que fosse encontrar Urgals nessa batalha, já que Durza não mais os controlava e tantos haviam sido mortos em Farthen dûr. Mas se eles vieram, vieram. O jovem sentiu sua sede de sangue aumentar e se permitiu um sorriso brutal enquanto contemplava a possibilidade de destruir Urgals com o seu novo poder. Batendo com a mão no

cabo de Zar'roc, ele disse:

- Será um prazer eliminá-los. Saphira e eu podemos lidar com isso sozinhos se vocês quiserem.

Nasuada olhou cuidadosamente para o seu rosto e disse:

- Não podemos fazer isso, Eragon. Eles estão hasteando uma bandeira branca, e pediram para falar comigo.

Eragon ficou boquiaberto.

- Com certeza você não pretende conceder-lhes uma audiência?

- Oferecerei a eles as mesmas cortesias que daria para qualquer adversário que chegue hasteando a bandeira da trégua.

- Mas eles são bárbaros. Monstros! É uma insensatez deixar que eles adentrem o acampamento... Nasuada, eu vi as atrocidades que os Urgals cometem. Eles têm prazer em causar dor e sofrimento e não merecem mais piedade do que um cão enraivecido. Não há necessidade de você perder tempo com uma armadilha tão óbvia. É só dar a sua palavra que eu e cada um dos seus guerreiros estaremos mais do que dispostos a matar essas criaturas asquerosas para você.

- Nisso - disse Jörmundur -, eu concordo com Eragon. Se você não nos ouve, Nasuada, pelo menos ouça a ele.

Primeiro, Nasuada se dirigiu a Eragon num murmurar tão baixo que ninguém mais pôde ouvir:

- De fato, o seu treinamento ainda está inacabado, visto que você está tão cego. - Depois, ela ergueu a voz e nela o Cavaleiro ouviu o mesmo tom de comando inflexível que seu pai possuía: - Vocês se esquecem de que lutei em Farthen dūr, do mesmo jeito que todos aqui, e que vi a selvageria dos Urgals... No entanto, também vi que nossos homens cometem atos igualmente abomináveis. Não posso subestimar o que passamos nas mãos dos Urgals, mas também não posso ignorar aliados em potencial quando estamos em número bem menor do que o Império.

- Minha lady, é perigoso demais para você ir ao encontro de um Kull.

- Perigoso demais? - Nasuada ergueu uma sobrancelha. - Enquanto eu estiver protegida por Eragon, Saphira, Elva e todos os guerreiros em torno de mim? Acho que não.

Eragon rangeu os dentes em frustração. *Diga algo, Saphira. Você*

pode convencê-la a desistir desse plano impulsivo.

Eu não. A sua mente está nebulosa acerca desse problema.

Você não pode concordar com ela!, exclamou Eragon, espantado. Você estava lá em Yazuac comigo, sabe o que os Urgals fizeram com os aldeões. E o que dizer de quando deixamos Teirm, minha captura em Gil'ead e Farthen Dûr? Todas as vezes em que encontramos Urgals, eles tentaram nos matar ou coisa pior. Eles não passam de animais cruéis.

Os elfos acreditavam na mesma coisa em relação aos dragões durante a Du Fyrn Skulblaka.

Ao comando de Nasuada, seus guardas desataram os painéis frontais e laterais do pavilhão, deixando-o aberto para que todos vissem o seu interior e permitiram que Saphira se agachasse ao lado de Eragon. Então. Nasuada se sentou em sua cadeira de encosto alto, enquanto Jörmundur e os outros oficiais se organizavam em duas fileiras paralelas para que qualquer um que houvesse solicitado uma audiência com ela tivesse que andar no meio deles. Eragon ficou à sua direita, e Elva à esquerda.

Menos de cinco minutos depois, um grande berro de raiva estourou do lado leste do acampamento. O ataque de zombarias e insultos foi ficando cada vez mais forte até o momento em que um só Kull entrou no campo de visão deles, andava na direção de Nasuada, enquanto uma horda dos Varden o bombardeava com provocações. O Urgal - ou aríete, como Eragon bem se lembrava que eles eram chamados - ergueu sua cabeça e deixou à mostra suas presas amareladas, mas não reagiu ao trata- tratamento áspero que estava recebendo. Tratava-se de um espécime magnífico, tinha dois metros e meio de altura, feições fortes e imponentes - apesar de grotescas -, chifres grossos que se erguiam em espiral e uma musculatura fantástica que dava a impressão de que ele poderia matar um urso com um único golpe. Suas roupas se resumiam a uma amarrada, algumas placas de ferro bruto presas com pedaços de malha e um disco de metal curvo aninhado entre os dois chifres para proteger o topo da cabeça. Seu cabelo longo e negro estava amarrado num rabo.

Eragon sentiu seus lábios se apertarem numa expressão de ódio, ele tinha que se conter para não sacar Zar'roc e atacar. Contudo, apesar do que estava sentindo por dentro, ele não pôde deixar de admirar a coragem do Urgal em confrontar um exército inteiro de inimigos sozinho e desarmado.

Para a sua surpresa, notou que a mente do Kull estava fortemente protegida.

Quando o Urgal parou em frente às abas do pavilhão, não ousava se aproximar mais, Nasuada ordenou que seus guardas gritassem para acalmar a multidão. Todos olharam para o Urgal, perguntavam-se o que ele faria depois. O Urgal levantou seus braços salientes para o céu, inspirou profundamente, depois abriu a boca e berrou para Nasuada. Num instante, um festival de flechas foi apontado para o Kull, mas ele não prestou atenção e prosseguiu no seu lamento até seus pulmões se esvaziarem. Depois, olhou para Nasuada, ignorando as centenas de pessoas que, como era óbvio, ansiavam por matá-lo, e resmungou num sotaque denso e gutural:

- Que traição é essa, lady Caçadora Noturna? *Você* prometeu que a minha passagem seria segura. Será que os humanos quebram a sua palavra tão facilmente?

Inclinando-se em sua direção, um dos oficiais de Nasuada disse:

- Deixe-nos puni-lo, senhora, por sua insolência. Assim que lhe ensinarmos o que quer dizer respeito, você *então* poderá ouvir sua mensagem, seja lá o que for.

Eragon queria permanecer em silêncio, mas sabia do seu dever para Nasuada e os Varden, por isso se agachou e disse no ouvido da soberana:

- Não tome como ofensa. E assim que eles cumprimentam seus antes durante a guerra. A reação apropriada seria bater cabeças, mas não creio que você queira experimentar isso.

- Os elfos ensinaram isso? — murmurou ela, sem tirar os olhos do Kull que a esperava.

- Sim.

- O que mais lhe ensinaram sobre os Urgals?

- Bastante coisa - admitiu relutante.

Então Nasuada se dirigiu ao Kull e também para os seus homens que estavam mais afastados.

- Os Varden não são mentirosos como Galbatorix e o Império. Diga o que tem em mente, você não precisa temer nada enquanto estivermos reunidos e em trégua.

O Urgal resmungou e levantou seu queixo ossudo, expondo a

garganta: Eragon reconheceu isso como um gesto de amizade. Baixar a cabeça era um sinal de ameaça em sua raça, pois significava que um Urgal queria cravar seus chifres no inimigo.

- Sou Nar Garzhvog da tribo Bolvek. Falo pelo meu povo. - Parecia que ele mastigava cada palavra antes de cuspi-la. - Os Urgals são mais odiados do que qualquer outra raça. Elfos, anões, humanos, todos nos caçam, nos queimam e nos expulsam de nossas moradas.

- Não sem um bom motivo - salientou Nasuada. Garzhvog assentiu.

- Não sem um bom motivo. Nosso povo ama guerrear. Entretanto, com que frequência somos atacados apenas porque vocês nos acham tão feios quanto nós os achamos? Nós temos prosperado desde a queda dos Cavaleiros. Agora nossas tribos são tão grandes que a terra árida em que vivemos não pode mais nos alimentar.

- Então, vocês fizeram um acordo com Galbatorix.

- Sim, lady Caçadora Noturna. Ele nos prometeu uma boa terra caso matássemos seus inimigos. No entanto, nos enganou. Seu xamã de cabelos de fogo, Durza, virou as cabeças dos nossos comandantes e forçou nossas tribos a trabalharem juntas, como não é do nosso feitio. Quando descobrimos isso na montanha oca dos anões, as Herndall, as fêmeas que nos governam, mandaram minha procriadora para conversar com Galbatorix e perguntar por que ele havia nos usado. - Garzhvog balançou sua pesada cabeça. - Ela não retornou. Nossas melhores fêmeas foram mortas por Galbatorix e depois ele nos abandonou como se fôssemos uma espada partida. Ele é uma drajl, possui uma língua traiçoeira e é um traidor sem chifres. Lady Caçadora Noturna, estamos em menor número agora, mas lutaremos ao seu lado se você permitir.

- Qual é o preço? - perguntou Nasuada. - Suas Herndall vão querer algo em troca.

- Sangue. O sangue de Galbatorix. E se o Império cair, pediremos para que você nos dê terras, terras para procriar e plantar, terras para evitar mais batalhas no futuro.

Eragon adivinhou a decisão de Nasuada pelas feições de seu rosto, mesmo antes de ela se pronunciar. Aparentemente, Jörmundur também, pois se inclinou em sua direção e disse em voz baixa:

- Nasuada, você não pode fazer isso. Vai contra a natureza.
- A natureza não pode nos ajudar a derrotar o Império. Precisamos de aliados.

- Os homens desertarão antes de começarmos a lutar ao lado dos Urgals.

- Isso pode ser resolvido. Eragon, você acha que eles manterão sua palavra?

- Só enquanto partilharmos de um inimigo em comum.

Com um aceno de cabeça pronunciado, Nasuada mais uma vez levantou a voz:

- Muito bem, Nar Garzhvog. Você e os seus guerreiros podem acampar ao longo do flanco leste do nosso exército, afastados da nossa formação principal, e discutiremos os termos do nosso pacto.

- Ahgrat uknar - rugiu o Kull, batendo com os punhos na testa.

-Você é uma Herndall sábia, lady Caçadora Noturna.

- Por que você me chama assim?

- Herndall?

- Não, Caçadora Noturna.

Garzhvog soltou um pigarro pela garganta, que Eragon interpretou como uma gargalhada.

- Caçador Noturno é o nome que dávamos ao seu pai por causa do jeito que ele nos caçava nos túneis escuros sob a montanha dos anões e por causa da cor de sua pele. Como sua filha, você é merecedora do mesmo nome.

- Com isso ele se virou abruptamente e saiu a passos largos do acampamento.

Levantando, Nasuada proclamou: - Qualquer um que atacar os Urgals deverá ser punido como se tivesse atacado um companheiro humano. Quero que essa mensagem seja afixada em todas as subdivisões do nosso regimento.

Pouco depois que ela terminou, Eragon notou o rei Orrin se aproximando a passos rápidos, com a capa esvoaçante às suas costas. Quando se aproximou o bastante, gritou:

- Nasuada! É verdade que você se encontrou com um Urgal? O que você quis com isso e por que eu não fui alertado antes? Eu não...

Ele foi interrompido quando um sentinela emergiu das fileiras de

tendas cinzentas, gritando:

- Um cavaleiro vindo do Império se aproxima!

Num instante, o rei Orrin se esqueceu da reclamação e se juntou a Nasuada enquanto ela corria na direção do pelotão dianteiro do seu exército, seguida por pelo menos cem pessoas. Em vez de ficar no meio da multidão, Eragon pulou em cima de Saphira e deixou que ela o carregasse até seu destino.

Quando Saphira parou nas plataformas, trincheiras e fileiras de estacas pontiagudas que protegiam a dianteira dos Varden, Eragon viu um soldado solitário rasgando furiosamente a desolada terra de ninguém. Acima dele, as aves de rapina arremeteram para ver se a primeira leva do seu banquete havia chegado.

O soldado puxou as rédeas de seu garanhão negro a uns trinta metros da barreira de proteção, ficando o mais distante possível dos Varden. E gritou:

- Ao recusarem os termos generosos de rendição do rei Galbatorix, vocês optaram pela morte como seu destino, não negociaremos mais. A mão da amizade se transformou no punho da guerra! Se algum de vocês ainda tiver alguma consideração para com o seu legítimo soberano, aquele que tudo sabe, o todo-poderoso rei Galbatorix, então fuja! Ninguém deve estar em nosso caminho assim que partirmos para limpar a Alagaësia de todos os infames, traidores e subversivos. E embora doa muito em nosso senhor, pois ele sabe que a maior parte desses atos rebeldes foi instigada por líderes amargos e mal orientados, teremos que punir com dignidade o território ilegítimo conhecido como Surda e devolvê-lo para o comando benevolente do rei Galbatorix, ele que se sacrifica dia e noite pelo bem de sua gente. Por isso fujam, volto a afirmar, ou sofram o mesmo destino do seu arauto.

Com isso, o soldado abriu um saco de lona e mostrou uma cabeça mutilada. Ele a jogou no ar e a viu caindo no meio dos Varden, para depois dar meia-volta com seu garanhão, que abriu caminho com suas esporas e galopou de volta na direção da multidão sombria que formava o exército de Galbatorix.

- Devo matá-lo? - perguntou Eragon. Nasuada balançou negativamente a cabeça.

- Logo teremos a nossa oportunidade. Não violarei as regras dos enviados, mesmo que o Império viole.

- Como você... - Ele gritou de surpresa e apertou o pescoço de Saphira para que não caísse, enquanto ela se empinava na plataforma, apoiando as patas dianteiras sobre o aterro verde e amarelo. Abrindo sua mandíbula, Saphira deu um rugido longo e profundo, bem parecido com o de Garzhvog, só que o seu desafiava e provocava seus inimigos, um aviso da ira que eles haviam instigado, e uma espécie de toque de trombeta para todos que odiavam Galbatorix.

O som de sua voz de clarim assustou tanto o garanhão, que este se esquivou para a direita, escorregou no terreno aquecido e caiu de lado. O soldado foi jogado do cavalo e caiu numa poça de fogo que entrava em erupção naquele mesmo instante. O sujeito deu um só grito que, de tão horripilante, fez o couro cabeludo de Eragon se arrepiar, e depois ficou num silêncio que duraria para todo o sempre.

Os pássaros começaram a descer.

Os Varden aplaudiram o feito de Saphira. Até mesmo Nasuada se permitiu dar um pequeno sorriso. Depois ela bateu palmas e disse:

- Eles atacam ao alvorecer, creio. Eragon, reúna a Du Vrangr Gata e prepare-se para agir. Terei ordens para vocês daqui a uma hora. Levando Orrin pelo ombro, ela o guiou de volta na direção do complexo, dizendo: - Majestade, há decisões que precisamos tomar, tenho um certo plano, mas ele exigirá...

Deixe que eles venham, disse Saphira. A ponta da sua cauda se contraía como a de um felino à espreita de um coelho. Todos eles irão arder.

BEBIDA DAS BRUXAS

A noite havia caído na Campina Ardente. A opacidade da fumaça cobria a lua e as estrelas, mergulhava a terra numa escuridão profunda que só foi quebrada pelo brilho sombrio das chamas esporádicas de turfa e das milhares de tochas que cada exército acendeu. Da posição de Eragon perto do pelotão dianteiro dos Varden, o Império parecia um denso ninho de luzes laranjas incertas tão grande quanto qualquer cidade.

Enquanto Eragon afivelava o último pedaço da armadura de Saphira a sua cauda, ele fechou os olhos para manter um melhor contato com os mágicos da Du Vrangr Gata. Tinha de aprender a localizá-los em um instante, sua vida poderia depender de uma comunicação rápida com eles. Por sua vez, os mágicos teriam de aprender a reconhecer o contato de sua mente, para não o bloquearem quando ele precisasse de ajuda. Eragon sorriu e disse:

- Olá, Orik. - Ele abriu os olhos para ver o anão escalando uma pedra baixa onde ele e Saphira estavam posicionados. Orik, que tinha o corpo completamente encoberto por uma armadura, carregava o seu arco de chifre de Urgal na mão esquerda.

Agachado ao lado de Eragon, Orik enxugou a testa e balançou a cabeça.

- Como você sabia que era eu? Eu estava me protegendo mentalmente.

Cada consciência tem suas especificidades, explicou Saphira. Assim como não há duas vozes que soem iguais.

- Ah.

- O que o traz aqui? - perguntou Eragon.

Orik balançou os ombros.

- Ocorreu-me que você poderia apreciar um pouco de companhia nesta noite soturna. Especialmente desde que Arya passou a ocupar uma posição diferente e você não tem Murtagh ao seu lado nesta batalha.

E eu gostaria de ter, pensou Eragon. Murtagh havia sido o único humano cuja perícia com a espada se equiparava a de Eragon, pelo menos antes do Agaetí Blödhren. Lutar com ele fora um dos poucos prazeres do Cavaleiro durante o tempo em que conviveram. Eu adoraria poder enfrentar você novamente, meu amigo.

Lembrar de como Murtagh havia sido morto - puxado para o subterrâneo por Urgals em Farthen dûr — forçou Eragon a enfrentar uma verdade inabalável: não importa ser um grande guerreiro, geralmente o acaso é que decide quem vive e quem morre na guerra.

Orik deve ter percebido o ânimo do jovem, pois bateu no ombro de Eragon e disse:

- Você vai ficar bem. Imagine só como os soldados lá embaixo estão

se sentindo, sabendo que terão de enfrentar você em breve!

A gratidão fez Eragon sorrir novamente.

- Fico feliz que você tenha vindo.

A ponta do nariz de Orik avermelhou-se e ele olhou para baixo, rolando seu arco entre as mãos ásperas.

- Ah, bem - murmurou ele. - Hrothgar não iria gostar muito se eu deixasse algo acontecer a você. Além do mais, somos irmãos de criação, não?

Através de Eragon, Saphira perguntou: E quanto aos outros anões? Eles não estão sob o seu comando?

Um vislumbre brotou nos olhos de Orik.

- Ora, sim, é claro que estão. E irão juntar-se a nós o quanto antes. Vendo Eragon como membro do dūrggrimst Ingeitum, é mais do que certo que devemos enfrentar o Império juntos. Dessa maneira, vocês dois estarão menos vulneráveis e poderão se concentrar em descobrir onde estão os mágicos de Galbatorix, em vez de ficarem se defendendo de ataques constantes.

- Boa idéia. Obrigado.

Orik grunhiu um agradecimento. Então Eragon perguntou:

- O que você acha de Nasuada e dos Urgals?

- Ela fez a escolha certa.

- Você concorda com ela!

- Concordo. Não gosto disso mais do que você, mas concordo.

O silêncio os envolveu. Eragon se sentou, encostou-se em Saphira e passou a contemplar o Império, tentava evitar que sua crescente ansiedade o dominasse. Os minutos se arrastavam. Para ele, a espera interminável antes de uma batalha era tão estressante quanto a própria luta. Ele lubrificou a sela de Saphira, tirou poeira da sua couraça de malha e então voltou a se familiarizar com as mentes da Du Vrangr Gata, fazia qualquer coisa para passar o tempo.

Mais de uma hora depois, ele parou assim que sentiu dois seres se aproximando e vindo da terra de ninguém. Angela? Solembum? Confuso e sobressaltado, ele acordou Orik - que havia apagado - e lhe contou o que descobrira.

O anão franziu a testa e tirou seu machado de guerra do cinto.

- Só encontrei a herbolária poucas vezes, mas não parece o tipo de

pessoa que iria nos trair. Ela tem sido bem-vinda entre os Varden há décadas.

- Ainda assim nós devíamos descobrir o que ela estava fazendo -disse Eragon.

Juntos seguiram pelo meio do acampamento para interceptar a dupla enquanto se aproximavam das fortificações. Angela logo começou a se apressar sob a luz, vinha com Solembum em seus calcanhares. A bruxa estava disfarçada com um manto que cobria o seu corpo inteiro e permitia que ela fosse confundida com o cenário sarapintado. Demonstrando uma soma surpreendente de vivacidade, força e flexibilidade, escalou as diversas barreiras que os anões haviam montado, balançou-se de estaca em estaca, pulou por cima de trincheiras, e finalmente desceu atabalhoadamente a face íngreme da última plataforma para parar, ofegante, perto de Saphira.

Jogando o capuz de seu manto para trás, Angela lhes dirigiu um sorriso cintilante:

- Um comitê de recepção! Como vocês são atenciosos. - Enquanto ela falava, o menino-gato tremia todo, com a pele enrugada. De repente, seu contorno começou a ficar borrado como se estivesse sendo visto através da água nebulosa, recompondo-se mais uma vez na forma da figura despida de um garoto coberto de pêlos. Angela enfiou a mão numa bolsa de couro que havia em seu cinto e deu uma túnica de criança e um calção para Solembum, junto com a pequena adaga negra com a qual ele lutou.

- O que vocês estavam fazendo por lá? - perguntou Orik, analisando-os com um olhar suspeito.

- Oh, uma coisa e outra.

- Acho melhor você nos contar — disse Eragon. O rosto dela endureceu.

- É mesmo? Vocês não confiam em mim e em Solembum?— O menino-gato mostrava seus dentes afiados.

- Não de verdade - admitiu Eragon, mas com um sorrisinho.

- Isso é bom - disse Angela. Ela passou a mão de leve no rosto dele.

- Você vai viver mais tempo. Se quer saber, então, eu estava fazendo o melhor que eu podia para derrotar o Império, só que os meus métodos não envolvem gritar e ficar correndo por aí com uma espada na mão.

- E quais são exatamente os seus métodos? - resmungou Orik.

Angela fez uma pausa para enrolar o seu manto bem apertado, e em seguida o guardou em sua bolsa.

- Prefiro não dizer, quero que seja uma surpresa. Vocês não terão de esperar muito tempo para descobrir. Irá começar daqui a algumas horas.

Orik puxou sua barba.

- O que irá começar? Se você não puder nos dar uma resposta franca e direta, teremos que levá-la para Nasuada. Talvez ela consiga arrancar algum sentido do que você está dizendo.

- Não adianta vocês me arrastarem para onde Nasuada está — disse Angela. - Ela me deu permissão para atravessar a fronteira.

- Você é que está dizendo - desafiou Orik, ainda mais agressivo.

- Sou eu que estou dizendo - anunciou Nasuada, vindo detrás como Eragon sabia que ela faria. O jovem também sentiu que ela estava acompanhada de quatro Kull, um dos quais era Garzhvog. Franzindo a testa, ele se virou para encará-los, sem fazer nenhuma tentativa de esconder sua raiva com a presença dos Urgals.

- Minha lady - murmurou Eragon.

Orik não estava tão calmo: ele pulou para trás proferindo veementes imprecações e agarrando seu machado de guerra. Ele rapidamente percebeu que eles não estavam sob ataque e cumprimentou polidamente Nasuada. Mas sua mão não largava o cabo da sua arma e seus olhos não desviaram dos grandes e toscos Urgals. Angela parecia não ter esse tipo de dificuldade. Prestou a Nasuada as devidas referências e depois se dirigiu aos Urgals em sua língua primitiva, e eles responderam com um prazer evidente.

Nasuada arrastou Eragon para o lado a fim de que ambos tivessem um momento de privacidade.

- Preciso que você coloque os seus ressentimentos de lado por um instante e julgue o que estou prestes a lhe dizer com lógica e razão. Você pode fazer isso? - Ele acenou positivamente, com o rosto tenso. - Bom. Estou fazendo tudo que posso para garantir que não percamos amanhã.

- Não importa, no entanto, o quão bem lutemos, o quão bem eu venha a liderar os Varden, ou até mesmo se derrotarmos o Império se você - disse ela, batendo no peito de Eragon - for morto. Entende?

Ele acenou com a cabeça mais uma vez.

- Não há nada que eu possa fazer para protegê-lo se Galbatorix se revelar, se ele o fizer, você terá que enfrentá-lo sozinho. Du Vrangr Gata não representa mais do que uma ameaça para ele do que eles representam para você, e não farei com que eles sejam erradicados sem motivo.

- Eu sempre soube que iria encarar Galbatorix sozinho com Saphira
- disse Eragon.

Um sorriso triste surgiu nos lábios de Nasuada. Ela parecia muito cansada sob as luzes bruxuleantes das tochas.

- Bem, não há motivo para inventar problemas quando eles não existem. É possível que Galbatorix nem esteja aqui. - No entanto, Nasuada não parecia acreditar em suas próprias palavras. - De qualquer maneira, posso ao menos impedir que vocês morram com um golpe de espada nas entranhas. Já soube o que os anões pretendem fazer e achei que poderia aperfeiçoar o conceito. Pedi a Garzhvog e três de seus aríetes que sejam os seus guardas, contanto que eles concordassem, o que o fizeram, em ter suas mentes vasculhadas por você em busca de algum indício de traição.

Eragon ficou rígido.

- Você não espera que eu vá lutar junto com esses monstros. Além do mais, já aceitei a oferta dos anões para defender a mim e a Saphira. Eles não receberiam bem a notícia de que os rejeitei em favor dos Urgals.

- Ambos podem defendê-lo - retrucou Nasuada. Ela examinou o rosto de Eragon durante um bom tempo, procurando por aquilo que ele não poderia dizer. — Oh, Eragon. Esperava que você pudesse enxergar além do seu ódio. O que mais você faria se estivesse na minha posição? -Ela suspirou quando viu que ele permaneceu em silêncio. - Se alguém tem motivo para guardar algum rancor contra os Urgals, sou eu. Eles mataram o meu pai. No entanto, não posso deixar que isso interfira na minha decisão do que é melhor para os Varden... Pelo menos peça a opinião de Saphira antes de dizer sim ou não. Posso ordená-lo a aceitar a proteção dos Urgals, mas preferia não ter de fazê-lo.

Você está sendo tolo, observou Saphira sem se mover.

Tolo por não querer os Kull nas minhas costas?

Não, tolo por recusar ajuda, não importando de onde ela venha, em nossa situação presente. Pense. Você sabe o que Oromis faria, e sabe o que ele

diria, Você não confia em seu julgamento?

Ele não pode estar certo em relação a tudo, disse Eragon.

Isso não é argumento... Pense, Eragon, e diga-me se eu falo a verdade. Você sabe qual é o caminho correto. Ficaria desapontada se você não se permitisse compreender isso.

A indução de Saphira e Nasuada só deixara Eragon mais relutante em concordar. Contudo, ele sabia que não tinha escolha.

- Tudo bem, deixarei que me protejam, mas só se eu não achar nada suspeito em suas mentes. Vocês me prometem que, depois dessa batalha, não vão me fazer trabalhar com um Urgal novamente? Nasuada balançou a cabeça.

- Não posso prometer-lhe, não se isso puder vir a afetar os Varden. - Ela fez uma pausa e disse: - Ah, mais uma coisa, Eragon.

- Sim, minha lady?

- Caso eu venha a morrer, escolhi você como meu sucessor. Se isso acontecer, sugiro que você se fie na opinião de Jörmundur, pois ele tem mais experiência do que os outros membros do Conselho de Anciãos. Espero que você coloque o bem-estar daqueles que estão abaixo de você acima de tudo o mais. Estou sendo clara, Eragon?

Seu anúncio o pegou de surpresa. Nada para ela significava mais do que os Varden. Oferecer sua sucessão para ele era o maior gesto de confiança que ela poderia fazer. Sua firmeza o tornou humilde e o tocou, ele fez uma reverência.

- Eu teria de me esforçar enormemente para ser um líder tão bom quanto você e Ajihad. Você me honra, Nasuada.

- Sim, eu o honro. - Dando-lhe as costas, ela se juntou novamente aos outros.

Ainda desarmado pela revelação de Nasuada, e descobrindo que sua raiva havia diminuído por causa disso, Eragon voltou lentamente até onde Saphira estava. Ele estudou Garzhvog e os outros Urgals, tentando julgar sua disposição, mas seus traços eram tão diferentes daqueles com os quais estava acostumado que ele não podia discernir nada além da mais tranca das emoções. Nem podia encontrar qualquer empatia dentro de si pelos Urgals. Para o jovem, eles não passavam de feras bestiais que iriam matá-lo logo que

fosse possível e eram incapazes de manifestar amor, doçura ou até mesmo uma inteligência verdadeira. Em suma, eles eram seres inferiores.

Bem no fundo de sua mente, Saphira sussurrou: Tenho certeza de que Galbatorix partilha da mesma opinião.

E por um bom motivo, resmungou ele, na intenção de chocá-la. Suprimindo sua revolta, Eragon disse em voz alta:

- Nar Garzhvog, me disseram que vocês quatro concordaram em me deixar invadir suas mentes.

- É verdade, Espada de Fogo. Lady Caçadora Noturna nos alertou sobre as exigências. Estamos honrados por ter a chance de lutar ao lado de um guerreiro tão poderoso e que já fez tanto por nós.

- O que você quer dizer com isso? Já matei vários da sua espécie. - Espontaneamente, trechos de um dos pergaminhos de Oromis veio à mente de Eragon. Ele se lembrou de ter lido que Urgals, tanto machos quanto fêmeas, determinavam sua posição na sociedade através do combate, e que fora essa prática, acima de tudo, que levou a tantos conflitos entre os Urgals e as outras raças. Isso significava que, como ele percebeu, se admiravam seus feitos nos campos de batalha, então podiam ter lhe conferido o mesmo status de um dos seus comandantes.

- Ao matar Durza, você nos livrou do seu controle. Estamos em dívida com você, Espada de Fogo. Nenhum dos nossos aríetes irá desafiá-lo e, se um dia resolver visitar nosso lar, você e o dragão, Língua em Chamas, serão bem-vindos como nenhum outro estrangeiro.

De todas as respostas que Eragon esperava, gratidão era a última e era a que ele menos sentia-se preparado para lidar. Incapaz de pensar em outra coisa, ele disse:

- Não me esquecerei. - Ele voltou seu olhar para os outros Urgals e depois retornou para Garzhvog e seus olhos amarelos. - Você está pronto?

- Sim, Cavaleiro.

Enquanto Eragon penetrava na consciência de Garzhvog, lembrou-se como os Gêmeos invadiram a sua mente quando ele entrou em Farthen dūr. Tal observação foi varrida assim que ele mergulhou na identidade do Urgal. A verdadeira natureza da sua busca - procurar uma intenção malévola escondida talvez em algum lugar do passado de Garzhvog - significava que

Eragon tinha de examinar anos de lembranças. Ao contrário dos Gêmeos, o Cavaleiro evitou provocar uma dor deliberada, mas não foi totalmente gentil. Ele podia sentir Garzhvog se encolhendo com pontadas ocasionais de desconforto. Assim como anões e elfos, a mente de um Urgal possuía elementos diferentes de uma mente humana. Sua estrutura enfatizava a rigidez e a hierarquia - resultado das tribos nas quais os Urgals se organizavam —, mas parecia dura e crua, brutal e astuciosa: a mente de um animal selvagem.

Embora não fizesse nenhum esforço para aprender mais sobre Garzhvog como indivíduo, Eragon não pôde deixar de absorver pedaços da vida do Urgal. Garzhvog não resistiu. Na verdade, parecia ansioso para compartilhar suas experiências, para convencer Eragon de que os Urgals não eram inimigos de berço. Não podemos permitir que surja outro Cavaleiro queira nos destruir, disse Garzhvog. Veja bem, ó Espada de Fogo, e veja se somos realmente os monstros que você acredita que somos...

Foram tantas imagens e sensações que reverberaram entre os dois, Eragon quase se perdeu: a infância de Garzhvog com os outros membros da sua raça, num vilarejo rústico construído dentro do coração da Espinha, sua mãe escovava o seu cabelo com os chifres de um cervo e cantando uma suave canção, aprendia a caçar veados e outras presas com as próprias mãos, crescia cada vez mais até ficar aparente que o antigo sangue ainda fluía em suas veias e que ele ficaria com mais de dois metros e meio de altura, o que o tornaria um Kull, as dezenas de desafios que fez, aceitou e venceu, aventurou-se fora do vilarejo para ganhar renome, a fim de que pudesse acasalar e aos poucos aprender a odiar, desconfiar e temer - sim, temer- o mundo que havia condenado a sua raça, lutava em Farthen dūr, descobria que eles haviam sido manipulados por Durza, e percebeu, enfim, que sua única esperança de uma vida melhor era colocar de lado as velhas diferenças, ser amigo dos Varden e ver Galbatorix derrotado. Não havia evidência em lugar nenhum de que Garzhvog havia mentido.

Eragon não podia entender o que acabava de ver. Saiu da mente de Garzhvog, depois mergulhou dentro de cada um dos três Urgals restantes. Suas memórias confirmaram os fatos apresentados por Garzhvog. Eles não fizeram nenhuma tentativa de esconder que tinham assassinado humanos,

mas isso havia sido feito sob o comando do Espectro quando o feiticeiro os controlava, ou quando enfrentavam humanos por comida ou terra. Fizemos o que tinha de ser feito para cuidar de nossas famílias, disseram eles.

Quando terminou, Eragon ficou em pé adiante de Garzhovg e sabia que a linhagem do Urgal era tão régia quanto a de qualquer príncipe. Ele sabia que, embora inculto, Garzhvog era um comandante brilhante e se tratava de um pensador e filósofo tão bom quanto Oromis. Ele com certeza é mais brilhante do que eu, admitiu Eragon para Saphira. Pigarreando em sinal de respeito, ele disse em voz alta, "Nar Garzhvog", e pela primeira vez compreendeu a origem grandiosa do título nar.

- Estou orgulhoso por ter você ao meu lado. Pode falar para as Herndall que, enquanto os Urgals mantiverem a sua palavra e não se voltarem contra os Varden, eu não irei opô-los. - Eragon duvidou que um dia fosse gostar de um Urgal, mas a convicção ferrenha de seu preconceito, há apenas uns poucos minutos, pareciam agora fruto de sua ignorância, e ele não podia retê-la em boa consciência.

Saphira bateu de leve no braço do parceiro com sua língua farpada, fazendo a malha retinir. *É necessário coragem para admitir que você estava errado.*

Só se você está com medo de parecer tola, eu teria parecido muito mais tolo se persistisse numa crença errônea.

Ora, pequenino, você acabou de dizer algo inteligente. Apesar da sua provocação, ele podia sentir o grande orgulho que ela manifestava pelo que ele havia feito.

- Mais uma vez estamos em dívida para com você, Espada de Fogo - disse Garzhvog. Ele e os outros Urgals bateram com os punhos nas testas protuberantes.

Eragon podia imaginar que Nasuada queria saber os detalhes do que havia acabado de acontecer, mas isso ela guardou para si.

- Bom. Agora que tudo está resolvido, tenho de partir. Eragon, você receberá meu sinal por intermédio de Trianna quando chegar a hora. -Em seguida, ela se afastou no meio da escuridão.

Enquanto Eragon se acomodava ao lado de Saphira, Orik se aproximou silenciosamente.

- É uma sorte que nós anões estejamos por aqui, hein? Veremos os Kull como falcões, veremos sim. Não deixaremos que eles o peguem quando estiver de costas. No momento em que atacarem, cortaremos suas pernas na mesma hora.

- Achei que você concordasse com o fato de Nasuada ter aceitado a oferta dos Urgals.

- Isso não quer dizer que eu confio neles ou que quero estar ao seu lado. não é? - Eragon sorriu e não se dignou a discutir, seria impossível convencer Orik de que os Urgals não eram assassinos vorazes, quando ele mesmo havia se recusado a considerar tal possibilidade, até partilhar das lembranças de um deles.

A noite caía pesada em torno deles, enquanto aguardavam o amanhecer. Orik tirou uma pedra de amolar do seu bolso e começou a afiar o fio de seu machado. Assim que chegaram, os outros seis anões fizeram o mesmo, e o raspar do metal na pedra encheu o ar de um ranger em uníssono. Os Kull se sentavam de costas um para o outro, entoaram canções de morte em voz baixa. Eragon passou o tempo erguendo defesas em torno de si mesmo, Saphira, Nasuada, Orik e até de Arya. Ele sabia que era perigoso proteger tanta gente, mas não conseguiria agüentar caso eles fossem feridos. Quando terminou, ele transferiu o poder que colocou nos diamantes incrustados no cinto de Beloth, o Sábio.

Eragon ficou observando Angela com interesse, ao vê-la vestida com armadura verde e negra, e depois quando pegou uma caixa de madeira entalhada para montar sua espada, a partir de dois cabos diferentes que se encaixavam no meio e duas lâminas de aço enrascadas às extremidades da estaca resultante. Ela ficou girando a arma completa algumas vezes em volta da cabeça, antes de se certificar de que agüentaria o choque da batalha.

Os anões a olharam com um ar de desaprovação e Eragon ouviu um deles murmurar:

- ... blasfêmia que alguém além do Dûrgrimst Quan possa brandir a hûthvîr.

Depois disso, o único som que se pôde ouvir foi a música dissonante dos anões amolando suas lâminas.

Estava quase amanhecendo quando os gritos começaram. Eragon e

Saphira os notaram antes por causa de seus sentidos ampliados, mas os gritos agonizantes logo estavam altos o suficiente para que todos pudessem ouvi-los. Assim que se levantou, Orik olhou em direção ao Império, onde a cacofonia se originou.

- Que espécie de criaturas eles estão torturando para arrancar uivos tão medonhos? Esse som faz o tutano dos meus ossos congelar, e como.

- Eu lhes disse que a espera não seria longa - disse Angela. Sua antiga alegria a havia abandonado, ela estava pálida, tensa e ostentava um rosto envelhecido, como se estivesse doente. Do seu posto ao lado de Saphira, Eragon perguntou à herbolária:

- Você fez isso?

- Sim. Envenenei a carne ensopada, o pão, a bebida... tudo em que pude botar as mãos. Alguns morrerão agora, outros morrerão mais tarde quando as várias toxinas forem envenenando suas vítimas. Fiz os oficiais deles tomarem beladona e outros venenos, para que eles tenham alucinações durante a batalha. - Ela tentou sorrir, mas sem muito sucesso. - Não é uma maneira muito honrada de lutar, suponho, mas prefiro fazer isso a morrer.

- Só um covarde ou um ladrão usa veneno! - exclamou Orik. - Que glória há em derrotar um adversário doente? - Os gritos foram se intensificando enquanto ele falava.

Angela deu uma gargalhada desprezível.

- Glória? Se você quiser glória, há milhares de outras tropas que envenenei. Estou certo de que você terá a sua cota de glória até o fim do dia.

- É por isso que você precisava do equipamento na tenda de Orrin? — perguntou Eragon. Ele achou seu feito repugnante, mas não ousou definir se fora bom ou mau. Era necessário. Angela havia envenenado os soldados pelo mesmo motivo que Nasuada havia aceitado a oferta de amizade dos Urgals... porque poderia ser sua única chance de sobrevivência.

- Isso mesmo.

Os lamentos dos soldados aumentaram ao ponto de Eragon ansiar por tapar seus ouvidos e bloquear o som. Isso o fez estremecer e se inquietar, além de mexer com os seus nervos. Ele, no entanto, se forçou a escutar. Era o preço de resistir ao Império. Seria errado ignorar. Por isso ele manteve os

punhos e os dentes dolorosamente cerrados, enquanto a Campina Ardente ecoava as vozes desencarnadas dos homens que iam morrendo.

A TEMPESTADE IRROMPE

Os primeiros raios da alvorada já haviam riscado o solo, quando Trianna disse à Eragon: É hora. Uma onda forte de energia despertou Eragon. Levantando-se rapidamente, o jovem deu ordens para todos os que estavam à sua volta, ao mesmo tempo em que subia na sela de Saphira e retirava seu arco novo de dentro da aljava. Os Kull e os anões cercaram Saphira e correram, juntos, pela barreira de proteção até chegarem na abertura que havia sido desobstruída durante a noite.

Os Varden atravessaram a fenda, fazendo o máximo de silêncio possível. Os guerreiros foram passando, um a um, e suas armaduras e armas estavam envoltas por farrapos, para que nenhum som pudesse alertar o Império de sua aproximação. Saphira se juntou à procissão, quando Nasuada apareceu num cavalo ruão de batalha no meio dos homens, tinha Arya e Trianna ao seu lado. Os cinco trocaram rápidos olhares de reconhecimento, nada mais.

Durante a noite, os gases fétidos haviam se acumulado bem rente ao chão, e agora a luz pálida da manhã tingiu a névoa extensa, deixando-a opaca. Deste modo, os Varden conseguiram atravessar três quartos da terra de ninguém, antes que fossem vistos pelos sentinelas do Império. Assim que as cometas de alarme soaram à sua frente, Nasuada gritou:

- Agora, Eragon! Diga a Orrin para atacar. Comigo, homens dos Varden! Lutem para recuperar os nossos lares. Lutem para proteger suas esposas e filhos! Lutem para derrotar Galbatorix! Ataquem e banhem suas espadas com o sangue de nossos inimigos! Atacar! - Ela esporeou seu cavalo para que seguisse em frente e, após um grande grito de guerra, os homens a seguiram, balançando suas armas sobre suas cabeças.

Eragon levou a ordem de Nasuada para Barden, o encantador que veio com o rei Orrin. Pouco depois, ele ouviu o bater dos cascos, enquanto Orrin e sua cavalaria - acompanhado pelo resto dos Kull, que podiam correr tão rápido quanto cavalos - galopavam para o leste. Eles se dirigiram para o

flanco do Império, na intenção de empurrar os soldados contra o rio Jiet e distraí-los tempo o suficiente para que os Varden atravessassem o resto da distância que os separava, sem oposição.

Os dois exércitos se enfrentaram provocando um estrondo ensurdecedor. Piques se chocavam com lanças, martelos com escudos, espadas com elmos e, acima deles, urubus famintos rodopiavam, com o seu crocitar desagradável, impulsionados por um frenesi causado pelo cheiro da carne fresca abaixo.

O coração de Eragon acelerou dentro do peito. Agora devo matar ou ser morto. Quase que imediatamente, ele sentiu suas defesas sugando suas forças sempre que desviava os ataques desferidos contra Arya, Orik, Nasuada e Saphira.

Saphira se manteve afastada da linha de frente de batalha, pois ambos ficariam muito expostos aos mágicos de Galbatorix, que estavam na dianteira. Respirando fundo, Eragon começou a buscar os mágicos com sua mente, atirava flechas o tempo todo.

A Du Vrangr Gata descobriu o primeiro feiticeiro inimigo. No instante em que foi alertado, Eragon alcançou a mulher que havia feito a descoberta, e, em seguida, chegou ao adversário. Usando toda a sua torça. Eragon demoliu a resistência do mágico, tomou controle de sua consciência - fez o melhor que podia para ignorar o pavor do sujeito -. determinou que tropas ele estava protegendo e o matou com uma das doze palavras de morte. Sem parar, Eragon localizou as mentes de cada um dos soldados agora desprotegidos e os matou. Os Varden se enchiam de alegria à medida que os homens começavam a claudicar.

A facilidade com a qual os matou surpreendeu Eragon. Os soldados não tiveram chance de escapar ou de se defender. Que diferença de Farthen Dúr. pensou. Embora estivesse maravilhado com a perfeição de suas habilidades, as mortes o deixaram enjoado. Mas, não havia tempo para refletir sobre isso.

Recuperado do ataque inicial dos Varden, o Império começou a acionar seus engenhos bélicos: catapultas lançavam projéteis redondos de cerâmica endurecidos, outras do estilo trebuchet armadas com barris de fogo líquido e balistas que bombardeavam os agressores com uma chuva de flechas

de quase dois metros de comprimento. As balas de cerâmica e o fogo líquido causaram danos terríveis quando aterrissaram. Uma bala explodiu ao bater no chão, a menos de dez metros de Saphira. Enquanto Eragon se protegia atrás de seu escudo, um fragmento foi girando em direção à sua cabeça, até ser detido no ar por uma de suas defesas. Ele se surpreendeu com a súbita perda de energia.

As máquinas logo frearam o avanço dos Varden, semearam a confusão onde quer que mirassem. Elas precisam ser destruídas se quisermos vencer o Império, percebeu Eragon. Seria fácil para Saphira desmantelá-los, mas ela não ousou voar no meio dos soldados, com medo de um ataque por magia.

Ultrapassando as linhas dos Varden, oito soldados tentaram atacar Saphira, apontavam piques em sua direção. Antes que Eragon pudesse desembainhar Zar'roc, os anões e os Kull eliminaram o grupo inteiro.

- Bela luta! - rugiu Garzhvog.

- Bela luta! - concordou Orik com um sorriso sanguinário.

Eragon não usou encantos contra as máquinas. Deviam estar protegidos contra qualquer feitiço concebível. A não ser... Estendendo-se, ele encontrou a mente de um soldado que tomava conta de uma das catapultas. Embora tivesse certeza de que o soldado estava sendo defendido por algum mágico, Eragon conseguiu dominá-lo e guiá-lo à distância. Ele conduziu o homem até a arma, que estava sendo carregada, e o fez usar sua própria espada para cortar a corda entrelaçada que acionava o mecanismo. A corda era grossa demais para que fosse partida antes de o soldado ser arrastado dali pelos seus camaradas, mas o dano já estava feito. Com um grande estrondo, a corda parcialmente cortada se partiu de vez, fazendo o braço da catapulta voar para trás e ferir diversos homens. Os lábios de Eragon desenharam um sorriso impiedoso. Ele passou para a catapulta seguinte e, em pouco tempo, desabilitou o resto das máquinas.

Retornando a si, Eragon percebeu dezenas de Varden que caíam em volta de Saphira, um dos membros da Du Vrangr Gata havia sido subjugado. Ele, então, rogou uma maldição terrível e se lançou de volta na trilha de magia, enquanto buscava o homem que havia evocado o encanto fatal, confiando o bem-estar do seu corpo a Saphira e seus guardiões.

Durante mais de uma hora, Eragon caçou os mágicos de Galbatorix, mas teve pouco sucesso, pois eles eram espertos e habilidosos e não o atacavam diretamente. A relutância deles intrigou Eragon até o momento em que conseguiu arrancar da mente de um dos encantadores - pouco antes de ele cometer suicídio - o seguinte pensamento: ... ordenaram para não matar você ou o dragão... não matar você ou o dragão.

Isso responde a minha pergunta, disse ele para Saphira, mas por que Galbatorix ainda nos quer vivos? Já deixamos claro o nosso apoio aos Varden.

Antes que ela pudesse responder, Nasuada surgiu à sua frente, com o rosto manchado de sujeira e sangue seco, seu escudo coberto de mossas, e sangue escorrendo de sua perna esquerda devido a um ferimento em sua coxa.

- Eragon — disse ela, arfando —, preciso de vocês, de vocês dois, para lutar, para se mostrarem e encorajarem nossos homens... e amedrontarem os soldados.

Seu estado deixou Eragon chocado.

- Deixe-me curá-la primeiro - gritou, temendo que ela fosse desmaiar. Devia ter colocado mais defesas em torno dela.

- Não! Eu posso esperar, mas estaremos perdidos se você não lutar contra a horda de soldados. - Seus olhos estavam vidrados e vazios, buracos inexpressivos em seu rosto. - Precisamos de... um Cavaleiro. - Ela se ajeitou em sua sela.

Eragon a saudou com Zar'roc.

- Você tem um, minha lady.

- Vá - disse ela -, e que os deuses estejam por lá para zelar por você. Eragon estava numa posição muito alta, no dorso de Saphira, para atacar os inimigos lá embaixo, por isso desceu e se postou ao lado da pata direita de sua parceira. Para Orik e Garzhvog ele disse:

- Protejam o lado esquerdo de Saphira. E o que quer que façam, saiam do nosso caminho.

- Você terá cobertura, Espada de Fogo.

- Não - disse Eragon -, não terei. Agora assumam as suas posições! - Enquanto o faziam, o jovem encostou a mão na perna de Saphira e fitou um

de seus lípidos olhos safira. *Podemos dançar, amiga do meu coração?*

Podemos sim, pequenino.

Então os dois se fundiram num grau jamais alcançado, superaram todas as diferenças, para se tornarem uma única entidade. Eles gritaram, pularam para a frente e criaram uma trilha até a linha de batalha. Uma vez lá, Eragon não sabia dizer de que boca emanou o jato de chama voraz que consumiu uma dezena de soldados, fritou suas cotas de malha, nem que braço traçou um arco com Zar'roc, partindo o elmo de um soldado ao meio.

O cheiro de sangue encheu o ar e cortinas de fumaça flutuaram sobre a Campina Ardente, escondendo e revelando alternadamente os grupos, fragmentos, fileiras e batalhões de corpos fustigados. Mais acima, as aves repugnantes esperavam a sua refeição e o sol escalava o firmamento rumo ao meio-dia.

Das mentes daqueles que estavam à sua volta, Eragon e Saphira captaram vislumbres de como eles apareceram. Saphira sempre era notada primeiro: uma enorme criatura voraz com garras e presas tingidas de vermelho, que matava todos em seu caminho com os golpes de suas patas, chicotadas de seu rabo e vagalhões de fogo que tragavam pelotões inteiros. Suas escamas brilhantes cintilavam como estrelas e quase cegavam seus adversários com o reflexo da luz. Em seguida, eles viam Eragon correndo ao lado de Saphira. Ele se movia com mais velocidade do que os soldados podiam reagir e, com sua força sobre-humana, estilhaçava escudos com um único golpe, despedaçava armaduras e partia as espadas daqueles que o enfrentavam. Tiros e dardos arremessados em sua direção caíam no solo pestilento, a três metros de onde ele estava, detidos por suas defesas.

Era mais difícil para Eragon - e, por extensão, para Saphira - lutar contra sua própria raça do que fora enfrentar os Urgals em Farthen dûr. Toda vez que via um rosto amedrontado, ou analisava a mente de um soldado, ele pensava: Esse poderia ser eu. Mas ele e Saphira não podiam ter qualquer piedade, se havia um soldado à sua frente, ele tinha que morrer.

Por três vezes eles atacaram e por três vezes Eragon e Saphira mataram cada um dos homens que estavam nas primeiras fileiras do Império, antes de recuarem para o grosso da tropa dos Varden para impedir que fossem cercados. Lá pelo final de seu último ataque, Eragon teve de reduzir ou

eliminar certas defesas em torno de Arya, Orik, Nasuada, Saphira e de si próprio, para que seus feitiços não o deixassem exausto tão rapidamente. Embora sua força fosse grande, o mesmo podia ser dito das demandas da batalha.

Pronta?, perguntou para Saphira após um breve intervalo. Ela rosnou afirmativamente.

Uma nuvem de flechas zuniu na direção de Eragon no instante em que mergulhou de novo no combate. Rápido como um elfo, ele se desviou da maior parte delas - já que sua magia não o estava mais protegendo de tais projéteis - bloqueou doze com seu escudo e cambaleou quando uma acertou sua barriga e outra a lateral de seu corpo. Nenhuma delas perfurou sua armadura, mas o deixaram tonto e com ferimentos do tamanho de maçãs. Não pare! Você já lidou com dores piores, convencia-se.

Investindo contra um grupo de oito soldados, Eragon atacou um atrás do outro, jogou seus piques para o lado e fez de Zar'roc um punhal que mais parecia um raio mortal. No entanto, a luta havia enfraquecido seus reflexos e um soldado conseguiu atravessar a couraça de malhas de Eragon com seu pique e cortou seu tríceps esquerdo.

Os soldados se encolheram quando Saphira rugiu. Eragon aproveitou a distração para se fortalecer com a energia armazenada dentro do rubi no punho de Zar'roc e depois matou os três soldados restantes.

Estendendo seu rabo por cima dele, Saphira atingiu um grupo de homens, tirando-os do seu caminho. Na calma que se seguiu, Eragon olhou para o seu braço que pulsava e disse:

- Waíse heill!

Eragon também curou os próprios ferimentos, confiando no rubi de Zar'roc, assim como nos diamantes do cinto de Beloth o Sábio.

Então, os dois continuaram.

Eragon e Saphira obstruíram a Campina Ardente com montanhas dos seus inimigos e, mesmo assim, o Império jamais chegou a hesitar ou recuar. Para cada homem que matavam, outro dava um passo à frente e tomava o seu lugar. Uma sensação de desesperança engolfou Eragon, enquanto uma massa de soldados forçava aos poucos os Varden a recuarem para seu próprio acampamento. Ele viu seu desespero espelhado nos rostos

de Nasuada, Arya, rei Orrin e até mesmo no de Angela, quando passou por eles durante a batalha.

Todo o nosso treinamento e ainda assim não conseguimos deter o Império, enfureceu-se Eragon. Há soldados demais! Não podemos continuar nisso para sempre. E Zar'roc e o cinto estão quase exauridos.

Você pode sugar energia de tudo que lhe cerca, se precisar.

Não o farei, a não ser que consiga matar outro dos mágicos de Galbatorix e possa sugá-la dos soldados. Caso contrário, também estarei ferindo o resto dos Varden, já que não há plantas ou animais aqui que possam nos nutrir.

Enquanto as longas horas se arrastavam. Eragon se feria e ia ficando cansado e - despidido de muitas de suas defesas arcanas - acumulou dezenas de lesões menores. Seu braço esquerdo ficou dormente devido aos incontáveis golpes desferidos contra o seu escudo lacerado. Um corte em sua testa não parava de sangrar e, misturado ao suor que escorria, acabou deixando-o cego. Ele pressentiu que um dos seus dedos podia estar quebrado.

Saphira não ia muito melhor. As armaduras dos soldados haviam rasgado a sua boca por dentro, dezenas de espadas e flechas cortaram suas asas desprotegidas e um dardo perfurou uma das placas de sua própria armadura, ferindo-a no ombro. Eragon viu a lança se aproximando e tentou desviá-la com um encanto, mas foi muito lento. Sempre que Saphira se movia, ela marcava o solo com centenas de gotas de sangue.

Ao seu lado, três dos guerreiros de Orik caíram e dois dos Kull.

E o sol começou a descer, e sem ele veio a noite.

Enquanto Eragon e Saphira se preparavam para o seu sétimo e último ataque, uma trompa soou ao leste, alta e clara, e o rei Orrin gritou:

- Os anões estão aqui! Os anões estão aqui!

Anões? Eragon surpreendeu-se e olhou em volta, confuso. Não viu nada além de soldados. Então, uma fonte de entusiasmo o percorreu assim que compreendeu. Os anões! Ele montou no dorso de Saphira, que por sua vez decolou, pendendo por um instante com suas asas machucadas, enquanto investigava o campo de batalha.

Era verdade - uma grande horda marchava, vinda do leste, na direção da Campina Ardente. Na dianteira, vinha o rei Hrothgar, vestido com a

malha dourada e com o elmo cheio de jóias sobre a testa, trazia Volund, seu antigo martelo de guerra, segurava-o com um punho de ferro. O rei anão ergueu Volund em sinal de cumprimento quando viu Eragon e Saphira.

Eragon berrou com todo o ar que tinha nos pulmões e retribuiu o gesto, brandiu Zar'roc no ar. Uma onda de vigor renovado o fez se esquecer dos seus ferimentos e se sentiu impetuoso e determinado novamente. Saphira acrescentou sua voz à dele e os Varden a olharam com esperança enquanto os soldados do Império hesitavam com medo.

- O que você viu? - gritou Orik, enquanto Saphira aterrissava novamente. - É Hrothgar? Quantos guerreiros ele trouxe?

Estático de alívio, Eragon se ergueu em seu estribo e gritou:

- Animem-se, o rei Hrothgar está aqui! E parece que todos os anões do mundo vêm atrás dele! Vamos esmagar o Império! - Depois que os homens pararam de aplaudir, ele acrescentou: - Agora peguem suas espadas e lembrem a esses covardes pulguentos por que devem nos temer. Atacar!

Assim que Saphira saltou na direção dos soldados, Eragon ouviu um segundo grito, desta vez vindo do oeste:

- Um navio! Um navio está vindo pelo rio Jiet!

- Maldição - rosnou Eragon. Não podemos deixar que um navio ancore caso esteja trazendo reforços para o Império. Assim que entrou em contato com Trianna, ele afirmou: *Diga a Nasuada que Saphira e eu vamos tomar conta disso. Afundaremos o navio, se ele pertencer a Galbatorix.*

Como quiser, Argetlam, respondeu a feiticeira.

Sem hesitar, Saphira levantou vôo, circulou bem acima da planície maltratada e fumegante. Enquanto o inexorável clamor da batalha ia sumindo dos seus ouvidos, Eragon respirou fundo, sentindo sua mente clarear. Lá embaixo, ele ficou surpreso ao ver como ambos os exércitos tinham se dispersado. O Império e os Varden haviam se desintegrado série de grupos menores, que combatiam um ao outro, ao longo de toda a extensão da Campina Ardente. Foi também nessa desordem e confusão que os anões se inseriram, atingindo o Império lateralmente - como Orrin havia feito antes com sua cavalaria.

Eragon perdeu a batalha de vista quando Saphira virou para a esquerda e pairou no meio das nuvens, na direção do rio Jiet. Uma rajada de

vento soprou a fumaça da turfa para longe e desvelou um navio com três mastros seguindo pela água laranja, remando contra a corrente com duas fileiras de remadores. O navio estava cheio de escoriações e danificado e não exibia bandeira alguma que declarasse a sua submissão. Todavia. Eragon se preparou para destruir a embarcação. Enquanto Saphira mergulhava em direção ao navio, ele ergueu Zar'roc por sobre a cabeça e soltou seu grito selvagem de guerra.

CONVERGÊNCIA

Roran estava em pé na proa do Asa de Dragão e ouviu os remos sibilando dentro d'água. Ele havia acabado de passar um turno remando e uma dor fria e cortante permeava o seu ombro direito. Será que terei sempre que lidar com essa lembrança dos Ra'zac? Limpou o suor do rosto e ignorou o desconforto, concentrando-se no rio à frente, que estava turvo por conta de uma barreira de nuvens cobertas de fuligem.

Elain se juntou a ele na amurada. Ela apoiou a mão em sua barriga inchada.

- A água parece nociva - disse ela. - Talvez devêssemos ter permanecido em Dauth, em vez de ficarmos nos arrastando em busca de mais problemas.

Ele temia que Elain estivesse falando a verdade. Depois de o Olho do Javali. Eles haviam navegado a leste das ilhas do Sul, voltaram para a costa, e, depois, subiram pela foz do rio Jiet até a cidade portuária de Dauth, em Surda. Na hora em que chegaram à terra firme, seus suprimentos já estavam esgotados e os aldeões doentes.

Roran tinha toda a intenção de ficar em Dauth, especialmente depois que foram recebidos com entusiasmo pela sua governante, lady Alarice. Mas isso foi antes de saber sobre o exército de Galbatorix. Se os Varden fossem derrotados, ele jamais veria Katrina novamente. Por isso, com a ajuda de Jeod, convenceu Horst e muitos dos outros aldeões que, se eles quisessem

viver em Surda, protegidos do Império, teriam de remar pelo rio Jiet e ajudar os Varden. Era uma tarefa difícil, mas, no fim das contas, a vontade de Roran prevaleceu. E, assim que falaram sobre sua jornada para lady Alarice, ela lhes deu todos os suprimentos que necessitavam, Daí em diante, Roran começou a se questionar se havia feito a escolha certa. Naquele momento, todos já detestavam o fato de morar no Asa de Dragão. As pessoas estavam tensas e irascíveis, a situação só se agravava pela noção de que navegavam rumo a uma batalha. Seria muito egoísmo de minha parte?, perguntou-se Roran. Será que tudo isso era pelo bem dos aldeões, ou só porque iria me fazer dar mais um passo rumo a Katrina?

- Talvez devêssemos mesmo - disse ele para Elain.

Juntos eles ficaram observando uma camada espessa de fumaça se acumulando adiante, ela escurecia o céu, tapava o sol e filtrava as luzes restantes, para que tudo abaixo assumisse uma enjoativa coloração laranja. Tal fenômeno produziu um crepúsculo sinistro de um jeito que Roran nunca havia imaginado. Os marinheiros no convés olharam em volta receosos e murmuraram encantos de proteção, tiravam seus amuletos de pedra para se precaverem contra o olho maligno.

- Ouça - disse Elain. Ela balançou a cabeça. - O que é isso? Roran se concentrou para ouvir e captou o leve som de metal se chocando com metal.

- Esse - afirmou - é o som do nosso destino. - Virando-se, ele gritou: - Comandante, há uma batalha transcorrendo mais à frente!

- Guarnecer as balistas! — berrou Uthar. — Dobrem essas remadas, Bonden. E é bom que cada homem saudável entre vocês esteja preparado, ou vão acabar usando as suas tripas como travesseiros!

Roran permaneceu onde estava, enquanto o Asa de Dragão fervilhava. Apesar do aumento no barulho, ainda podia ouvir espadas e escudos ressoando ao longe. Os gritos dos homens eram audíveis agora, assim como os rugidos de uma fera gigante.

Ele levantou os olhos para Jeod, juntando-se a ele na proa. O rosto do comerciante ficou pálido.

- Você já esteve antes numa batalha? - perguntou Roran.

O nó na garganta de Jeod apertou enquanto ele engolia em seco e

balançava a cabeça.

- Já entrei em inúmeras batalhas junto com Brom, mas nada nessa escala.

- E uma primeira vez para nós dois, então.

A nuvem de fumaça começou a se diluir à direita, dando-lhes um vislumbre da terra escura que vomitava fogo e um vapor laranja pútrido, e estava coberta de tropas de homens se debatendo. Era impossível dizer quem era do Império e quem era dos Varden, mas era claro para Roran que a batalha poderia virar para qualquer lado, se fosse dada a cutucada certa. Podemos dar essa cutucada.

Então uma voz ecoou sobre a água enquanto um homem gritava:

- Um navio! Um navio está vindo pelo rio Jiet!

- Você devia descer para os conveses inferiores - disse Roran para Elain. - Aqui em cima não será seguro. — Ela acenou positivamente e correu para a escotilha dianteira, onde desceu as escadas e fechou a abertura atrás dela. Um instante depois, Horst saltou para a proa e deu um dos escudos de Fisk para Roran.

- Achei que você poderia precisar disso - disse Horst.

- Obrigado. Eu...

Roran parou enquanto o ar em torno deles vibrava, como se tivesse sofrido um poderoso abalo. Bum. Seus dentes rangeram. Bum. Seus ouvidos doeram por causa da pressão. Logo que se recuperaram do segundo impacto, veio um terceiro - bum - e com ele um berro áspero que Roran reconheceu, pois já o havia escutado muitas vezes na infância. Ele levantou os olhos e viu um gigantesco dragão safira saindo de dentro das nuvens. E, no dorso do dragão, na junta entre o pescoço e os ombros, estava sentado o seu primo, Eragon.

Não era o Eragon do qual ele se lembrava, mas era como se um artista tivesse pego as feições básicas de seu primo e as realçasse, as aperfeiçoasse, deixando-as, ao mesmo tempo, mais nobres e felinas. Este Eragon estava vestido como um príncipe, usava um traje e uma armadura de boa qualidade - embora manchados pela fuligem da guerra - e em sua mão direita brandia uma espada vermelha iridescente. Este Eragon, como Roran sabia, poderia matar sem hesitar. Este Eragon era poderoso e implacável...

Este Eragon poderia matar os Ra'zac e ajudá-lo a resgatar Katrina.

Abrindo suas asas translúcidas, o dragão se ergueu repentinamente e pairou diante do navio. Foi então que os olhos de Eragon e Roran se encontraram.

Até aquele momento, Roran não havia acreditado completamente na história de Jeod sobre Eragon e Brom. Agora, enquanto olhava para o primo, uma onda de emoções confusas lhe varreu. Eragon é um Cavaleiro! Parecia inconcebível que o garoto fraco, mal-humorado e demasiadamente curioso, com o qual ele cresceu, havia se transformado naquele guerreiro assustador. Vê-lo vivo novamente encheu Roran de uma inesperada alegria. Contudo, ao mesmo tempo, uma raiva terrível e familiar brotou de seu interior por causa do papel de Eragon na morte de Garrow e no cerco de Carvahall. Naqueles poucos segundos, Roran não sabia se amava ou odiava Eragon.

Ele endureceu, alarmado, quando um ser enorme e estranho tocou mente. Dessa consciência emanou a voz de Eragon: *Roran?*

- Sim.

Pense suas respostas que as ouvirei. Todos de Carvahall estão com você?

Quase todos.

Como você conseguiu... Não, não podemos falar sobre isso agora, não há tempo. Fique onde está até a batalha ser decidida. Melhor ainda, volte mais um pouco com o navio, onde o Império não pode atacá-lo.

Temos que conversar, Eragon. Você tem que me dar muitas respostas.

Eragon hesitou com uma expressão preocupada, e depois disse: *Eu sei. Mas agora não, mais tarde. Sem nenhum sinal, o dragão se afastou do navio e voou para o leste, sumiu na neblina que cobria a Campina Ardente.*

Num tom de voz amedrontado, Horst disse:

- Um Cavaleiro! Um verdadeiro Cavaleiro! Nunca pensei que fosse ver um, muito menos que seria Eragon. - Ele balançou a cabeça. - Acho que você nos disse a verdade, hein, Pernalonga? - Jeod sorriu em resposta, parecendo uma criança encantada.

Suas palavras soaram abafadas para Roran enquanto ele olhava para o convés, sentia-se como se estivesse prestes a explodir com a tensão.

Um bando de dúvidas o assaltaram. Ele se forçou a ignorá-las. Não posso pensar em Eragon agora. Temos que lutar. Os Varden precisam derrotar o Império.

Uma onda crescente de fúria o consumia. Ele já havia experimentado isso antes, era um furor frenético que o permitia superar quase qualquer obstáculo, mover objetos que não poderia deslocar normalmente, enfrentar um inimigo em combate e não sentir medo algum. Tal sensação havia se apoderado dele naquele instante. Uma febre em suas veias acelerava a sua respiração e fazia seu coração bater mais rápido.

Ele se levantou apoiando-se na amurada, correu por toda a extensão do navio até o tombadilho, onde Uthar estava no leme, e disse:

- Pare o navio.

- O quê?

- Pare o navio, estou dizendo! Fique aqui com o resto dos soldados e use as balistas para atacar o que quiser, só impeça que o Asa de Dragão seja invadido e proteja nossas famílias com suas vidas. Entendido?

Uthar o encarou com um olhar enfatiado e Roran temeu que ele não fosse acatar as ordens. Então, o marinheiro cheio de cicatrizes resmungou e disse:

- Sim, sim, Martelo Forte.

Os passos pesados de Horst precederam a sua chegada no tombadilho.

- O que você pretende fazer, Roran?

- Fazer? - Roran riu e girou no sentido anti-horário para ficar frente a frente com o ferreiro. - Fazer? Ora, pretendo alterar o destino da Alagaësia!

PRIMOGENITO

Eragon mal notou quando Saphira o carregou de volta para o turbilhão da batalha. Ele sabia que Roran estava no mar, mas nunca lhe ocorreu que Roran poderia estar seguindo para Surda, nem que os dois iriam se reunir dessa maneira. E os olhos de Roran! Seus olhos pareciam ter perfurado os de Eragon, indagativos, aliviados, enfurecidos... acusadores. Neles, Eragon viu que seu primo havia descoberto o seu papel na morte de

Garrow e ainda não o tinha perdoado.

Foi só quando uma espada tentou atingir suas grevas que Eragon voltou a atenção para os arredores. Ele soltou um grito áspero e deu um golpe para baixo, decepando o soldado que o havia atacado. Amaldiçoando — se por ter sido tão descuidado, Eragon alcançou Trianna e disse: Ninguém naquele navio é inimigo. Espalhe a todos para que ele não seja atacado. Peça a Nasuada, como um favor para nós, se ela pode mandar um arauto para lhes explicar a situação e ver se eles podem ficar longe do campo de batalha. Como quiser, Argetlam.

Do flanco oeste da batalha, onde desceu, Saphira atravessou a Campina Ardente em alguns saltos gigantescos, parando na frente de Hrothgar e seus anões. Desmontando, Eragon foi até o rei, que disse:

- Salve, Argetlam! Salve, Saphira! Os elfos parecem ter feito mais por vocês do que prometeram. - Ao seu lado estava Orik.

- Não, senhor, foram os dragões.

- Sério? Tenho de ouvir as suas aventuras assim que o nosso trabalho sangüinário terminar por aqui. Fico feliz que você tenha aceitado a minha oferta e entrado no dûrgrimst Ingeitum. É uma honra ter você como meu parente.

- E você como meu.

Hrothgar deu uma gargalhada, depois se virou para Saphira e disse:

- Eu ainda não esqueci o seu juramento de que iria reparar o Isidar Mithrim, dragão. Ainda agora, nossos artesãos estão montando a estrela de safira no centro de Tronjheim. Não vejo a hora de vê-la inteira mais uma vez.

Ela inclinou a cabeça. Como eu prometi, ela ficará inteira.

Depois que Eragon repetiu suas palavras, Hrothgar estendeu um dedo retorcido e bateu numa das placas de metal na sua lateral.

- Vejo que está usando a nossa armadura. Espero que tenha lhe servido bem.

Muito bem, rei Hrothgar, disse Saphira através de Eragon. Ela me salvou de muitos ferimentos.

Hrothgar se ajeitou e ergueu Volund, havia um brilho em seus olhos profundos.

- Muito bem, podemos nos pôr em marcha e testá-la mais uma vez

no calor da guerra? - Ele olhou para trás, na direção de seus guerreiros, e gritou: - Akh sartos oen dūrgrimst!

- Vor Hrothgarz korda! Vor Hrothgarz korda!

Eragon olhou para Orik, que traduziu a frase com um grito potente:

- Pelo martelo de Hrothgar! - Juntando-se ao coro, Eragon correu com o rei anão na direção das fileiras de soldados vermelhos, com Saphira ao seu lado.

Agora, enfim, com a ajuda dos anões, a batalha virou a favor dos Varden. Juntos eles fizeram recuar o Império, dividiram, esmagaram, forçaram o vasto exército de Galbatorix a abandonar posições mantidas desde a manha. Seus esforços foram ajudados pelo fato de que mais algumas das poções de Angela fizeram efeito. Muitos dos oficiais do Império se comportavam de maneira irracional, davam ordens confusas que facilitaram aos Varden infiltrarem-se mais profundamente dentro do exército, semeando o caos enquanto seguiam em frente. Os soldados pareciam perceber que a sorte não estava mais lhes sorrindo, pois centenas se renderam, ou desertaram e se voltaram contra seus antigos companheiros, ou simplesmente abandonaram suas armas e fugiram. E a luz da manhã cedeu seu lugar ao ocaso.

Eragon estava no meio de uma luta com dois soldados, quando um dardo flamejante passou zunindo pelo ar e foi aterrissar justamente em uma das tendas de comando do Império a vinte metros de distância, incendiando o tecido. Assim que aniquilou seus oponentes, Eragon olhou para trás e viu dezenas de projéteis incandescentes saindo em arco do navio que estava no rio Jiet. Com o que você está brincando, Roran?, indagou-se Eragon antes de atacar a leva seguinte de soldados.

Logo depois, uma corneta ecoou da retaguarda do exército do Império, depois outra e mais outra. Alguém começou a bater num tambor bem sonoro, cujo ribombar acabou acalmando o campo de batalha, pois todos olharam ao redor buscando a origem da batida. Bem na hora em que Eragon olhou, uma figura agourenta se destacou no horizonte ao norte e se ergueu no céu pálido sobre a Campina Ardente. Os urubus se dispersaram perante a sombra negra e barbada, que se equilibrava impassível sobre as colunas de ar quente. A princípio Eragon pensou tratar-se de um Lethrblaka, uma das montadas dos Ra'zac. Então, um raio de luz vindo do

oeste escapou das nuvens e iluminou a figura.

Um dragão vermelho flutuava acima deles, brilhante e cintilante sob o raio de sol como se fosse um manto de brasas. As membranas de sua asa tinham a cor do vinho exposto à frente de uma lanterna. Suas garras e dentes e espinhos, ao longo de sua coluna, eram brancos como neve. Seus olhos vermelho-alaranjados projetavam uma alegria sádica. Nas suas costas havia uma sela e nela, sentado, um homem vestindo uma armadura de aço polida, armado com uma espada comprida.

Um temor se apoderou de Eragon. Galbatorix conseguiu que o ovo de outro dragão rompesse!

Então o homem vestido de aço levantou sua mão esquerda e um feixe de luz com a energia crepitante de um rubi saltou da palma de sua mão e atingiu Hrothgar no peito. Os encantadores anões gritavam de agonia enquanto a energia de seus corpos era consumida tentando bloquear o ataque. Eles caíram mortos, e depois Hrothgar apertou seu coração e tombou no chão. Os anões soltaram um grande suspiro de desespero assim que viram seu rei cair.

- Não! - gritou Eragon, e Saphira rugiu em protesto. Ele encarou o Cavaleiro inimigo com ódio. Vou matá-lo por isso.

Eragon sabia que ele e Saphira se sentiam muito cansados para enfrentar um oponente tão poderoso. Ao olhar em volta, Eragon avistou um cavalo caído na lama, tinha uma lança atravessando o seu corpo. O garanhão ainda estava vivo. Eragon colocou a mão em seu pescoço e murmurou: Durma, irmão. Então, ele transferiu a vitalidade que restava no cavalo para ele e Saphira. Não era energia suficiente para recuperar toda a sua força, mas pelo menos aliviou as dores em seus músculos e fez seus membros pararem de tremer.

Revigorado, Eragon pulou em cima de Saphira, gritando:

- Orik, assuma o comando dos seus irmãos! - Do outro lado do campo, ele viu Arya o fitar, preocupada. Ele a tirou de sua mente enquanto apertava as correias da sela em volta das suas pernas. Então Saphira se lançou na direção do dragão vermelho, batendo suas asas furiosamente para ganhar a velocidade necessária.

Espero que você se lembre das suas lições com Glaedr, disse ele.

Eragon segurou o escudo com mais força ainda.

Saphira nada respondeu mas rugia ao pensar no outro dragão. Traidor! Violador de ovos, violador de juramentos, assassino! Então, como se fossem um só, ela e Eragon invadiram as mentes da dupla, tentando desarmar suas defesas. A consciência do Cavaleiro parecia estranha a Eragon, como se abrigasse multidões, um grande número de vozes distintas sussurradas nas cavernas de sua mente, como espíritos aprisionados implorando por liberdade.

No instante em que fizeram contato, o Cavaleiro revidou com uma rajada de pura força, maior do que qualquer uma que até mesmo Oromis fosse capaz de evocar. Eragon se refugiou atrás de suas próprias barreiras, recitando freneticamente um trecho dos versos malditos que Oromis lhe ensinou para usar em tais situações:

Sob um céu de inverno frio e vazio Havia um homem minúsculo com uma espada de prata.

Ele pulava e apunhalava num furor febril, Enfrentando as sombras que se amontoavam à sua frente...

O cerco na mente de Eragon diminuiu assim que Saphira e o dragão vermelho foram de encontro um ao outro, eram dois meteoros incandescentes colidindo de frente. Os dois se engalfinharam numa luta corpo-a-corpo, chutaram as respectivas barrigas com as patas traseiras. Suas garras produziam ruídos agudos e medonhos enquanto arranhavam a armadura de Saphira e as escamas lisas do dragão vermelho. Ele era menor que Saphira, mas tinha as pernas mais grossas e os ombros mais largos. Ele conseguiu chutá-la por um instante, até que os dois se aproximaram novamente, cada um lutando para enfiar as mandíbulas no pescoço do outro.

Tudo que Eragon podia fazer era segurar Zar'roc nas mãos enquanto os dragões caíam no chão, desferindo um contra o outro golpes terríveis com as patas e as caudas. Pouco mais de cinqüenta metros acima da Campina Ardente, Saphira e o dragão vermelho se separaram, lutando para recuperar altitude. Assim que freou sua descida, Saphira jogou a cabeça para trás, como uma cobra prestes a atacar e soltou uma torrente densa de fogo.

Ela não chegou a atingir o seu alvo, a uns três metros e meio do dragão vermelho, o fogo bifurcou e duas labaredas passaram por ele, absolutamente inofensivas. Maldição, pensou Eragon. Assim que o dragão

vermelho abriu sua boca para revidar, o jovem Cavaleiro gritou:

- Skölir nosu fra brisingr! - Foi bem a tempo. A conflagração girou em torno deles, mas nem sequer chamoscou as escamas de Saphira.

Agora Saphira e o dragão vermelho subiam o mais rápido possível, atravessaram a fumaça estriada em direção ao céu claro e frio mais acima, ziguezagueavam enquanto tentavam superar seu oponente. O dragão vermelho deu uma mordida no rabo de Saphira fazendo com que ela e Eragon uivassem com a mesma intensidade. Ofegante devido ao esforço, Saphira executou um loop para trás e acabou atrás do dragão, que depois girou em torno de um eixo para a esquerda e tentou prender Saphira na mesma espiral.

Enquanto os dragões duelavam com acrobacias cada vez mais complexas. Eragon ficou a par de um distúrbio na Campina Ardente: os encantadores da Du Vrangr Gata foram atacados por dois novos mágicos do Império. Esses mágicos eram bem mais poderosos do que aqueles que os haviam precedido. Já haviam assassinado um dos membros da Du Vrangr Gata e estavam demolindo as barreiras de um segundo. Eragon. então, ouviu Trianna gritar com sua mente: *Matador de Espectros! Você tem que nos ajudar! Não podemos detê-los. Eles matarão todos os Varden. Ajude-nos, é o ...*

Sua voz se perdeu enquanto o Cavaleiro apunhalava a sua consciência.

- Isso tem que acabar - vociferou Eragon em meio a dentes cerrados enquanto se esforçava para resistir ao ataque. Por sobre o pescoço de Saphira, ele viu o dragão vermelho mergulhar em sua direção, vindo num determinado ângulo com o intuito de atingi-los por baixo. Eragon não ousava abrir sua mente o suficiente para falar com Saphira, por isso disse em voz alta: - Pegue-me! - Com dois golpes de Zar'roc, ele cortou as correias que prendiam as suas pernas e pulou das costas de Saphira.

Isso é insano, pensou Eragon. Ele riu com a sensação de vertiginosa liberdade, provocada pela falta de gravidade, que o invadia. O movimento do ar arrancou seu elmo e fez seus olhos lacrimejarem e arderem. Assim que largou seu escudo, Eragon abriu os braços e as pernas, como Oromis o ensinara, para estabilizar o seu voo. Lá embaixo, o Cavaleiro vestido de aço notou a ação de Eragon. O dragão vermelho se encolheu à esquerda do Cavaleiro, mas não pôde evitá-lo. Eragon o atacou com Zar'roc assim que o

flanco do dragão passou ao seu lado, e ele sentiu lâmina de sua espada afundar no tendão da perna da criatura antes que sua força cinética o levasse.

O dragão rugiu de agonia.

O impacto do golpe fez Eragon rodopiar para cima e para baixo. No momento em que conseguiu parar de rodar, ele já havia mergulhado, ultrapassando a cobertura de nuvens, e seguia rumo a uma queda rápida e fatal na Campina Ardente. Ele podia usar a magia para parar, mas isso consumiria suas últimas reservas de energia. Eragon, então, olhou por trás de ambos os ombros. Vamos, Saphira, cadê você?

Como que em resposta, ela saiu de dentro da fumaça fétida, com as asas bem coladas ao corpo. Arremeteu-se sob seu parceiro e abriu as asas um pouco para diminuir a velocidade da queda. Tomando cuidado para não empalar a si próprio com uma das barbatanas, Eragon fez uma manobra para cair novamente em cima da sela, recebendo bem o retorno da gravidade depois que interrompeu o mergulho.

Nunca mais faça isso comigo, vociferou ela.

Ele examinou o sangue quente que manchava a lâmina de Zar'roc. Deu certo, não?

Sua satisfação desapareceu assim que ele percebeu que sua façanha havia colocado Saphira a mercê do dragão vermelho. Ele se lançou contra ela, vindo de cima, fustigando-a de um jeito ou de outro, forçando-a a descer. Saphira tentou uma manobra enquanto estava sob o seu oponente, mas toda vez ele mergulhava sobre ela, mordendo e estapeando com suas asas para obrigar a fêmea a mudar de direção.

Os dragões se reviraram e deram botes até suas línguas saírem das bocas, seus rabos se curvarem e ambos desistirem de bater asas e simplesmente planarem.

Com sua mente mais uma vez fechada para qualquer contato, amistoso ou não, Eragon disse em voz alta:

- Para baixo, Saphira, isso não está adiantando. Vou enfrentá-lo no chão.

Com um grunhido de enfado e resignação, Saphira desceu até a mais próxima área plana e aberta, um pequeno platô de pedra localizado ao longo da margem oeste do rio Jiet. A água havia ficado vermelha por causa

do sangue resultante da batalha. Eragon pulou de Saphira assim que pousou no platô e testou o piso. Era duro e liso, e não havia nada que pudesse fazê-lo escorregar. Ele então acenou a cabeça, satisfeito.

Alguns segundos depois, o dragão vermelho veio rapidamente de cima e aterrissou no lado oposto do platô. Ele manteve a pata traseira esquerda levantada para não agravar o seu ferimento: um longo corte que quase rasgou o músculo. O dragão tremia todo, como um cachorro ferido. Ele tentou pular para a frente, mas então parou e rosnou para Eragon.

O Cavaleiro inimigo desatou suas pernas e deslizou pelo lado são de seu dragão. Então deu a volta em torno do animal e examinou sua perna. Eragon permitiu que o fizesse: ele sabia o quanto doía para um homem ver as avarias impostas ao animal ao qual estava ligado. Esperou bastante, de fato, pois o Cavaleiro murmurou algumas palavras indecifráveis e, num período de três segundos, o ferimento do dragão estava curado.

Eragon estremeceu de medo. Como ele conseguiu fazer isso tão rapidamente, e com um feitiço tão curto? Ainda assim, quem quer que fosse, o novo Cavaleiro certamente não era Galbatorix, cujo dragão era negro.

Eragon aferrou-se a essa noção, enquanto avançava para enfrentar o Cavaleiro. Assim que os dois se encontraram no meio do platô, Saphira e o dragão vermelho ficaram circulando no fundo.

O Cavaleiro segurava sua espada com ambas as mãos e a girou por sobre a cabeça na direção de Eragon, que levantou Zar'roc para se defender. Suas espadas se encontraram espalhando rajadas de faíscas vermelhas. Então Eragon empurrou seu oponente para trás e começou a desferir uma série complexa de golpes. Ele tentava apunhalar o adversário e aparava as estocadas, dançava sobre pés leves enquanto forçava o Cavaleiro de aço a recuar até a beira do platô.

Quando chegaram na beirada, o Cavaleiro se manteve onde estava, defendendo-se dos ataques de Eragon, não importando o quanto fossem hábeis. É como se ele pudesse antecipar todos os meus movimentos, pensou Eragon, frustrado. Se ele estivesse descansado, teria sido bem mais fácil derrotar o Cavaleiro, mas desse jeito, não dava para fazer progressos. O Cavaleiro não tinha a velocidade e a força de um elfo, mas sua técnica era melhor do que a de Vanir e se equiparava a de Eragon.

Um ligeiro pânico se instalou em Eragon quando sua onda de energia inicial começou a diminuir e ele não havia conseguido nada além de um leve arranhão no peitoral reluzente do Cavaleiro. As últimas reservas de força acumuladas no rubi de Zar'roc e no cinto de Beloth o Sábio, seriam suficientes apenas para manter o esforço por mais um minuto. De repente o Cavaleiro deu um passo à frente. Depois mais outro. E antes que Eragon percebesse, eles haviam voltado para o centro do platô, onde permaneceram, um de frente para o outro, trocando golpes.

Zar'roc começou a ficar tão pesada em sua mão, que Eragon mal podia levantá-la. Seu ombro ardia, ele ofegava e o suor escorria pelo seu rosto.

Nem mesmo o seu desejo de vingar Hrothgar podia ajudá-lo a superar sua exaustão.

Até que finalmente Eragon escorregou e caiu. Determinado a não ser morto deitado, ele rolou sob os pés de seu oponente e o apunhalou. O Cavaleiro desviou Zar'roc para o lado com uma batida de leve do seu pulso.

O jeito que o Cavaleiro brandiu sua espada depois - usando-a para traçar um rápido círculo ao seu lado - pareceu subitamente familiar para Eragon, assim como todas as suas manobras anteriores de espadachim. Cada vez mais horrorizado, ele encarou a espada comprida do seu inimigo e depois se voltou na direção das aberturas para os olhos do elmo espelhado antes de gritar:

- Eu conheço você!

Ele se jogou sobre o Cavaleiro, o que fez com que ambas as espadas ficassem presas entre seus corpos, enfiou os dedos por baixo do elmo e o arrancou. E lá, no centro do platô, na beira da Campina Ardente da Alagaësia, estava Murtagh.

Murtagh sorriu. E depois disse, "Thrysta vindr", e uma bola pesada de ar foi se fundindo entre os dois e atingiu Eragon no meio do peito, jogando-o seis metros para trás, em cima do platô.

Eragon ouviu Saphira rosnar enquanto caía de costas no chão. Sua visão piscou em tons vermelhos e brancos, depois ele se curvou e esperou que a dor cedesse. Qualquer alegria que poderia ter sentido com o reaparecimento de Murtagh foi esmagada pelas circunstâncias macabras de seu encontro.

Uma mistura instável de choque, confusão e raiva que fervia em seu interior.

Baixando sua espada, Murtagh apontou para Eragon com sua mão ainda envolta por aço, dobrando cada dedo, menos o indicador, formando um punho com uma ponta.

- Você jamais desistiria.

Um calafrio percorreu a espinha de Eragon, pois ele reconheceu a cena de sua premonição enquanto viajava de balsa pelo Az Ragni até Hedarth: Um homem estava caído na lama cheia de coágulos, tinha o elmo amassado e a cota de malha sangrenta - seu rosto escondido atrás de um braço jogado para cima. Uma mão com armadura entrou no campo de visão de Eragon e apontou na direção do homem caído com toda a autoridade do próprio destino. O passado e o futuro haviam se encontrado. Agora o destino de Eragon seria decidido.

Enquanto se levantava, ele tossiu e disse:

- Murtagh... como você pode estar vivo? Eu vi os Urgals arrastando-o para o subterrâneo. Tentei procurá-lo no cristal mas só vi escuridão.

Murtagh deu uma gargalhada melancólica.

- Você não viu nada, assim como eu também não vi nada nas vezes em que usei a cristalomancia para lhe encontrar durante os dias que passei em Urû'baen.

- Você morreu! - gritou Eragon, quase incoerente. - Você morreu sob Farthen dûr. Arya encontrou as suas roupas cheias de sangue dentro dos túneis.

Uma sombra escureceu o rosto de Murtagh.

- Não, eu não morri. Foi coisa dos Gêmeos, Eragon. Eles tomaram o controle de um grupo de Urgals e armaram a emboscada para matar Ajihad e me capturar. Então eles me enfeitiçaram para que eu não pudesse escapar e sumiram comigo, levaram-me para Urû'baen. Eragon balançou a cabeça, incapaz de compreender o que havia acontecido.

- Mas por que você concordou em servir a Galbatorix? Você me disse que o odiava. Você me disse...

- Concordei? - Murtagh riu novamente, e desta vez seu acesso continha uma ponta de loucura. - Eu não concordei. Primeiro Galbatorix me puniu por maldizer seus anos de proteção durante a minha criação em

Urü'baen, por desafiar sua vontade e por fugir. Depois ele arrancou tudo que eu sabia sobre você, Saphira e os Varden.

- Você nos traiu! Eu estava de luto por sua causa e você nos traiu!

- Não tive escolha.

- Ajihad teve razão quando o prendeu. Ele devia tê-lo deixado apodrecer na cela, assim nada disso...

- Eu não tive escolha! - reagiu rispidamente Murtagh. - E depois que Thorn rompeu a casca do seu ovo, me escolhendo como seu Cavaleiro, Galbatorix forçou nós dois a lhe jurar lealdade na língua antiga. Não podemos desobedecê-lo agora.

Pena e desgosto brotaram dentro de Eragon.

- Você se tornou o seu pai.

Um lampejo estranho surgiu dos olhos de Murtagh.

- Não, o meu pai. Eu sou mais forte do que Morzan jamais foi.

Galbatorix me ensinou coisas sobre magia com as quais você jamais sonhou... Feitiços tão poderosos que os elfos não ousam pronunciá-los, covardes que são. Palavras na língua antiga que estavam perdidas, até Galbatorix descobri-las. Maneiras de manipular energia... Segredos, segredos terríveis, que podem destruir os seus inimigos e realizar todos os seus desejos.

Eragon voltou atrás, lembrou-se de algumas lições de Oromis e retrucou:

- Coisas que deviam continuar secretas.

- Se você soubesse, não diria isso. Brom era um diletante, nada além disso. E os elfos, ora! Tudo que eles fazem é se esconder em sua floresta para serem conquistados. - Murtagh percorreu Eragon com os olhos. — Você parece um elfo agora. Foi Islanzadí que fez isso com você? — No que Eragon permaneceu em silêncio, Murtagh riu e encolheu os ombros. - Não importa. Logo eu descobrirei a verdade. - Ele parou, franziu a testa e olhou para o leste.

Acompanhando seu olhar, Eragon viu os Gêmeos em pé na frente do Império, arremessando bolas de energia no meio dos Varden e dos anões. As cortinas de fumaça dificultavam a visão, mas Eragon estava certo de que os mágicos estavam sorrindo e gargalhando enquanto massacravam homens a quem outrora prometiam uma amizade séria. O que os Gêmeos não notaram -

e que estava claramente visível para Eragon e Murtagh da sua posição vantajosa — era que Roran estava rastejando em sua direção vindo pelo flanco.

O coração de Eragon pulou um batimento assim que reconheceu o primo. Seu tolo! Afaste-se deles! Você será morto.

Assim que ele abriu a boca para entoar um feitiço que iria transportar Roran para longe do perigo - não importava qual fosse o custo -Murtagh disse:

- Espere. Quero ver o que ele vai fazer.

- Por quê?

Um sorriso frio atravessou o rosto de Murtagh.

- Os Gêmeos gostavam de me atormentar quando eu era refém deles.

Eragon o encarou, desconfiado.

- Você não irá feri-lo? Não alertará os Gêmeos?

- Vel eīnradhin iet ai Shur'tugal. Dou minha palavra de Cavaleiro. Juntos ele viram Roran se esconder atrás de um monte de corpos.

Eragon se apertou quando os Gêmeos olharam para a pilha. Por um momento, parecia que eles o haviam avistado, mas então se viraram e Roran pulou. Ele virou seu martelo e bateu na cabeça de um dos Gêmeos, rachando seu crânio. O Gêmeo que sobrou caiu no chão, convulsiva mente, e deu um grito agoniado até também encontrar seu fim sob o martelo de Roran. Então, Roran plantou os pés sobre os cadáveres de seus adversários, levantou seu martelo sobre a cabeça e berrou para anunciar sua vitória.

- E agora? - perguntou Eragon, dando as costas para o campo de batalha. - Você está aqui para me matar?

- É claro que não. Galbatorix o quer vivo.

- Para quê?

Os lábios de Murtagh se reviraram.

- Você não sabe? Ah! Bela piada. Não é por sua causa, é por causa dela. - Ele apontou o dedo para Saphira. - O dragão dentro do último ovo de Galbatorix, o último ovo de dragão do mundo, é macho. Saphira é a única fêmea que existe. Se ela procriar, será a mãe de toda uma raça. Está vendo agora? Galbatorix não quer erradicar os dragões. Ele quer usar Saphira para

reconstruir os Cavaleiros. Ele não pode matá-lo, a vocês dois, se essa visão se tornar realidade... E que visão, Eragon. Você deveria ouvi-lo descrevendo-a, daí não teria um conceito tão ruim dele. Será maligno o fato de ele querer unir a Alagaësia sob uma única bandeira, eliminar a necessidade de guerra e restaurar os Cavaleiros?

- Foi ele que destruiu os Cavaleiros!

- E por um bom motivo - asseverou Murtagh. - Eram velhos, gordos e corruptos. Os elfos os controlaram e os usaram para subjugar os humanos. Eles tinham que ser removidos para que se pudesse começar da estaca zero.

Um olhar furioso distorceu as feições de Eragon. Ele andou de um lado para o outro sobre o platô, respirava pesadamente, depois gesticulou na direção do campo de batalha e indagou:

- Como vocês podem justificar o fato de terem causado tanto sofrimento só para atender aos desvarios de um louco? Galbatorix não fez nada a não ser queimar, assassinar e acumular poder. Ele mente. Ele mata.

Ele manipula. Você sabe disso! Foi por isso que você se recusou a trabalhar para ele em primeiro lugar. - Eragon fez uma pausa e depois adotou um tom mais delicado. - Posso entender que você tenha sido compelido a agir contra a sua vontade e não seja responsável pela morte de Hrothgar. No entanto, você pode tentar escapar. Estou certo de que eu e Arya podemos inventar uma maneira de neutralizar os vínculos que Galbatorix estabeleceu com você... Junte-se a mim, Murtagh. Você pode fazer tanto pelos Varden. Conosco, seria exaltado e admirado, em vez de amaldiçoado, temido e odiado.

Por um instante, enquanto Murtagh olhava para baixo na direção de sua espada entalhada, Eragon esperou que ele fosse aceitar sua oferta. Até que então ele disse em voz baixa:

- Você não pode me ajudar, Eragon. Ninguém além de Galbatorix pode nos livrar de nossas pragas, e ele jamais fará isso... Ele conhece os nossos nomes verdadeiros, Eragon... Somos seus escravos para sempre. Embora desejasse, Eragon não podia negar a solidariedade que sentia por Murtagh. E no tom mais solene possível, ele disse:

- Então deixe-nos matar vocês dois.

- Matar-nos! Por que permitiríamos isso? Eragon escolheu suas palavras com cuidado:

- Isso o libertaria do controle de Galbatorix. E salvaria a vida de centenas, senão milhares de pessoas. Essa não seria uma causa nobre pela qual se sacrificar?

Murtagh balançou a cabeça.

- Talvez para você, mas para mim a vida ainda é doce demais para que eu desista dela tão facilmente. Não há vida de estranho que seja mais importante quanto a minha e a de Thorn.

Por mais que odiasse aquilo - odiava a situação inteira, de fato - Eragon soube então o que tinha que ser feito. Recomeçou seu ataque mental contra Murtagh, ele deu um salto para a frente, tirando os pés do chão enquanto dava um bote sobre Murtagh, na intenção de apunhalá-lo no coração.

- Letta! - vociferou Murtagh.

Eragon caiu de novo no chão enquanto faixas invisíveis envolviam seus braços e pernas, imobilizando-o. A sua direita, Saphira descarregou um jato de fogo ondulado e saltou sobre Murtagh como se fosse um gato pisando num rato.

- Risa! - ordenou Murtagh, estendendo uma mão cheia de garras em sua direção, como se quisesse pegá-la.

Saphira ganiu de surpresa quando o encanto de Murtagh a parou no meio do ar e a deteve flutuando a alguns metros do platô. Não importava o quanto se retorcia, ela não podia tocar o chão e nem voar mais alto.

Como ele ainda pode ser humano e ter força para fazer isso?, perguntou-se Eragon. Mesmo com as minhas novas habilidades, tal tarefa me deixaria ofegante e paralisado. Fiando-se na sua experiência de neutralizar os feitiços de Oromis, Eragon disse:

- Brakka du vanyalí sem huildar Saphira un eka!

Murtagh não fez nenhuma tentativa para detê-lo, apenas o fitou. como se achasse que a resistência de Eragon fosse apenas uma inconveniência sem sentido. Rangendo os dentes, Eragon redobrou os seus esforços. Suas mãos ficaram frias, seus ossos doíam e sua pulsação diminuiu enquanto a magia sugava a sua energia. Sem que lhe pedisse, Saphira juntou forças com o parceiro, dando-lhe acesso aos formidáveis recursos que haviam em seu corpo.

Cinco segundos se passaram...

Vinte segundos... Uma veia grossa pulsou no pescoço de Murtagh.

Um minuto...

Um minuto e meio... Tremores involuntários atormentaram Eragon. Seus quadríceps e tendões da perna palpitavam, e suas pernas desmoronariam se ele estivesse livre para se mover.

Dois minutos se passaram...

Finalmente Eragon foi forçado a largar a magia, caso contrário acabaria caindo inconsciente dentro do vácuo. Ele fraquejou, completamente esgotado.

Já sentia medo antes, mas só porque temia que pudesse falhar. Agora estava com medo porque não sabia do que Murtagh era capaz.

- Você não pode querer competir comigo - disse Murtagh. -Ninguém pode, exceto Galbatorix. - Enquanto seguia na direção de Eragon, ele espetou sua espada no pescoço de Eragon, picando sua pele. Eragon resistiu ao impulso de se retrair. - Seria fácil levar você de volta para Urü'baen.

Eragon o encarou bem profundamente.

- Não. Largue-me.

- Você acabou de tentar me matar.

- E você teria feito o mesmo na minha posição. - No que Murtagh permaneceu em silêncio e sem esboçar expressão alguma, Eragon disse: - Fomos amigos certa vez. Lutamos juntos. Galbatorix não pode tê-lo transformado tanto, em tão pouco tempo, a ponto de fazê-lo se esquecer... Se você fizer isso, Murtagh, ficará perdido para sempre.

Um longo minuto se passou onde o único som era o alarido e os gritos dos exércitos que se enfrentavam. O sangue escorria pelo pescoço de Eragon do ponto onde a espada o cortou. Saphira batia seu rabo com fúria, mas inutilmente.

Finalmente, Murtagh disse:

- Fui mandado para tentar capturar você e Saphira. - Ele fez uma pausa. - Eu tentei... Certifique-se de que não venhamos a cruzar nossos caminhos novamente. Galbatorix me fará jurar pragas adicionais na língua antiga, que evitarão que eu demonstre tanta piedade na próxima vez em que nos encontrarmos. - Ele baixou sua espada.

- Você está fazendo a coisa certa - disse Eragon. Ele tentou dar um passo atrás, mas ainda estava paralisado.

- Talvez. Mas antes de liberá-lo... - Estendendo-se, Murtagh arrancou Zar'roc das mãos de Eragon e desafiou a bainha vermelha da espada do cinto de Beloth o Sábio. — Se eu me tornei meu pai, então terei a espada do meu pai. Thorn é o meu dragão, então ele será um espinho para todos os nossos inimigos. E certo, então, que eu também empunho a espada Desgraça. Desgraça e Espinho, uma bela dupla. Além do mais Zar'roc devia ter ido para o primogênito de Morzan, não para o filho mais jovem. Ela é minha por direito de nascença.

Um rombo se fez no estômago de Eragon. Não pode ser.

Um sorriso cruel apareceu no rosto de Murtagh.

- Nunca lhe disse qual era o nome da minha mãe, disse? E você nunca me falou o nome da sua. Vou lhe dizer agora: Selena. Selena era minha mãe e sua mãe. Morzan era o nosso pai. Os Gêmeos descobriram a conexão enquanto estavam vasculhando a sua mente. Galbatorix estava bastante interessado nesse fragmento de informação.

- Você está mentindo! - gritou Eragon. Ele não podia suportar o fato de ser filho de Morzan. Será que Brom sabia? Será que Oromis sabe?... Por que não me contaram? Ele se lembrou, então, de Angela ter previsto que alguém em sua família iria traí-lo. Ela tinha razão.

Murtagh simplesmente balançou a cabeça e repetiu suas palavras na língua antiga, para depois colocar os lábios no ouvido de Eragon e sussurrar:

- Você e eu somos iguais, Eragon. Um o espelho do outro. Você não pode negar isso.

- Você está errado - rosnou Eragon, lutando contra o feitiço. - Não temos nada em comum. Não tenho mais uma cicatriz nas minhas costas.

Murtagh recuou como se tivesse sido ferido, tinha o rosto duro e frio. Ele ergueu Zar'roc e a empunhou em frente ao peito.

- Então que seja. Tomo minha herança de você, irmão. Adeus.

Depois disso, ele pegou seu elmo do chão e pulou em cima de Thorn. Não olhou mais nenhuma vez para Eragon enquanto o dragão se agachava, levantava as asas, e voava do platô rumo ao norte. Só depois que Thorn sumiu

no horizonte, foi que a teia de magia libertou Eragon e Saphira.

As garras de Saphira bateram na pedra assim que o dragão pousou. Ela se arrastou até Eragon e o tocou no braço com seu focinho. *Você está bem, pequenino?*

Sim. Mas ele não estava e ela sabia disso.

Andando até a beira do platô, Eragon examinou a Campina Ardente e as conseqüências da batalha, que agora estava terminada. Com a morte dos Gêmeos, os Varden e os anões recuperaram o terreno perdido e conseguiram desbaratar as formações de soldados confuso, conduzindo-os para dentro do rio ou perseguindo-os até o lugar de onde vieram.

Embora o bojo de suas tropas tivesse permanecido intacto, o Império havia dado o toque de recolher, sem dúvida para que se reagru- passem e se preparassem para uma segunda tentativa de invadir Surda. Em seu rastro deixaram pilhas de cadáveres dispostos de maneira confusa, de ambos os lados do conflito, homens e anões suficientes para povoar uma cidade inteira. Uma fumaça negra e espessa emanava dos corpos caídos nas fogueiras de turfa.

Agora que a luta havia cessado, os falcões e águias, os corvos e gralhas, desciam como uma mortalha sobre o campo.

Eragon fechou os olhos, as lágrimas escorriam sob suas pálpebras. Eles haviam vencido, mas ele perdera.

REUNIÃO

Eragon e Saphira caminhavam no meio dos cadáveres espalhados pela Campina Ardente, moviam-se lentamente por conta de seus ferimentos e da exaustão. Encontraram outros sobreviventes cambaleando no meio do campo de batalha chamuscado, também havia homens de olhos profundos que fitavam a tudo sem enxergar de verdade, focados em algum lugar ao longe.

Agora que sua fúria havia diminuído, Eragon sentia apenas tristeza. A luta lhe pareceu inútil. Que tragédia o fato de tantas pessoas terem morrido para se opor a um único louco. Ele parou para desviar de um emaranhado de

flechas plantadas na lama e notou o corte no rabo de Saphira, bem onde Thorn a havia mordido, assim como alguns outros ferimentos. *Aqui, dê-me sua força, irei curá-la.*

Cuide antes daqueles que estão em perigo mortal.

Você tem certeza?

Totalmente, pequenino.

Condescendente, ele se agachou e emendou o pescoço cortado de um soldado antes de se dirigir para um dos Varden. Ele não fazia distinção entre amigo ou inimigo, tratou de todos até o limite de suas capacidades.

Eragon estava tão preocupado com seus pensamentos que prestou pouca atenção ao trabalho. Gostaria de poder repudiar a afirmação de Murtagh, mas tudo que ele lhe disse sobre sua mãe - a mãe dos dois - coincidiu com as poucas coisas que Eragon sabia sobre ela: Selena havia deixado Carvahall há vinte e tantos anos, voltou uma vez para dar à luz a Eragon, e nunca mais foi vista. Lembrou de quando ele e Murtagh chegaram em Farthen Dûr pela primeira vez. Murtagh havia discutido sobre como a sua mãe havia desaparecido do castelo de Morzan enquanto este caçava Brom, Jeod e o ovo de Saphira. Depois que Morzan atirou Zar'roc em Murtagh e quase o matou, minha mãe deve ter escondido a sua gravidez e depois voltou para Carvahall afim de me proteger de Morzan e Galbatorix.

Eragon sentia-se encorajado por saber que Selena havia se importado tanto com ele. Também lhe afligia saber que ela estava morta e que jamais iriam se encontrar, pois ele nutria a esperança, por menor que fosse, de que seus pais ainda estivessem vivos. Ele esqueceu o desejo de conhecer seu pai, mas se ressentia amargamente de ele ter sido afastado de sua mãe.

Desde que crescera o suficiente para entender que era adotivo, Eragon queria saber quem era o seu pai e por que sua mãe o deixara com o tio Garrow, e sua esposa, Marian. As respostas vieram, jogadas de uma fonte tão inesperada e de uma forma tão pouco propícia, que ultrapassavam o que ele podia dar conta no momento. Levaria meses, se não anos, para que ele conseguisse aceitar a revelação.

Eragon sempre supôs que ficaria feliz ao descobrir a identidade de seu pai. Agora que sabia, tal conhecimento o deixara revoltado. Quando era mais novo ele comumente se distraía imaginando que seu pai era alguém

formidável e importante, embora Eragon soubesse que o contrário era bem mais provável. Contudo, nunca lhe ocorrera, mesmo nos seus devaneios mais extravagantes, que ele poderia ser filho de um Cavaleiro, muito menos um dos Renegados.

Isso transformou sua quimera num pesadelo.

Fui gerado por um monstro... Meu pai foi aquele que traiu os Cavaleiros a favor de Galbatorix. Aquilo deixou Eragon se sentindo maculado.

Mas não... Enquanto curava a espinha partida de um sujeito, lhe ocorreu uma nova maneira de enxergar a situação, ela restaurava a sua autoconfiança: Morzan pode ser meu genitor, mas não é o meu pai. Garrow foi meu pai. Ele me criou. Ensinou-me como viver bem e honestamente, viver com integridade. Sou o que sou por causa dele. Até Brom e Oromis são mais meus pais do que Morzan. E Roran é meu irmão, não Murtagh.

Eragon acenou com a cabeça, determinado a cultivar esta nova certeza. Até então, ele se recusara a aceitar completamente Garrow como seu pai. E muito embora Garrow estivesse morto, aceitá-lo deixou Eragon aliviado, deu-lhe uma sensação de que estava fechando um ciclo, e ajudou a diminuir sua aflição por causa de Morzan.

Você ficou mais sábio, observou Saphira.

Sábio? Ele balançou a cabeça. Não, apenas aprendi a pensar. Isso, pelo menos, foi Oromis que me deu. Eragon limpou uma camada de lama do rosto de um menino caído, era um porta-estandarte, certificava-se de que estava morto. Quando se reergueu, o corpo de Eragon estremeceu e seus músculos se contraíram em protesto. Você percebe, não, que Brom devia saber disso. Por que mais ele optaria por se esconder em Carvahall, na espera de que você saísse do ovo?... Ele queria ficar de olho atento no filho de seu inimigo. Ele ficou perturbado ao pensar que Brom poderia tê-lo considerado uma ameaça.

E ele tinha razão também. Veja o que acabou acontecendo comigo!

Saphira agitou o cabelo de seu parceiro com uma rajada de bafo quente. *Só se lembre que, fossem quais fossem as razões de Brom, ele sempre tentou nos proteger do perigo. Ele morreu salvando você dos Ra'zac.*

Eu sei... Você acha que ele não me falou sobre isso porque tinha medo que eu pudesse imitar Morzan, como aconteceu com Murtagh?

É claro que não.

Ele a encarou, curioso. *Como você pode estar tão certa?*

Ela levantou a cabeça acima do parceiro e recusou-se a encará-lo ou a responder. *Pense do jeito que quiser, então.* Ajoelhado ao lado de um dos homens do rei Orrin, com uma flecha lhe atravessando as tripas, Eragon lhes segurou os braços para que o ferido parasse de tremer.

- Calma, agora.

- Água - disse o sujeito, suspirando. - Pelo amor de Deus, água. Minha garganta está seca como areia. Por favor, Matador de Espectros. - O suor molhava seu rosto.

Eragon sorriu, tentando confortá-lo.

- Posso lhe dar alguma bebida agora, mas seria melhor se você esperasse até eu curá-lo. Você pode esperar? Se o fizer, prometo que terá toda a água que quiser.

- Você promete, Matador de Espectros?

- Prometo.

O homem visivelmente lutava contra outra onda de agonia antes de dizer:

- Se eu puder.

Com a ajuda da magia, Eragon arrancou a flecha, depois ele e Saphira trabalharam para reparar as vísceras do homem, usando parte da sua própria energia para desencadear o feitiço. Isso levou alguns minutos. Depois disso, o homem examinou sua barriga, apertou a pele curada e depois olhou para Eragon, tinha lágrimas nos seus olhos.

- Eu... Matador de Espectros, você...

Eragon lhe passou o odre cheio d'água.

- Tome, fique com isso. Você precisa mais do que eu.

A cem metros dali, Eragon e Saphira atravessaram uma muralha acre de fumaça. Lá eles alcançaram Orík e dez outros anões - algumas mulheres - perfilados em torno do corpo de Hrothgar, que estava deitado sobre quatro escudos, resplandecente com sua malha dourada. Os anões arrancavam os cabelos, batiam em seus peitos e se voltavam em prantos para o céu. Eragon abaixou a cabeça e murmurou:

- Stydja unin mor'ranr, Hrothgar Kōnungr.

Depois de um tempo, Orik os percebeu e se levantou, tinha o rosto vermelho de tanto chorar e a barba já estava sem a trança de costume. Cambaleou em direção a Eragon e, antes de se aproximar, perguntou: - Você matou o covarde que foi responsável por isso? - Ele fugiu. - Eragon não conseguiria explicar que o Cavaleiro era Murtagh.

Orik deu um soco na mão.

- Barzûln!

- Mas eu juro para você, por todas as pedras da Alagaësia, que, como membro do Dûrgrimst Ingeitum, farei tudo que puder para vingar a morte de Hrothgar.

- Sim, você é o único, além dos elfos, forte o suficiente para fazer justiça contra esse assassino impuro. E quando encontrá-lo... triture seus ossos até virarem poeira, Eragon. Puxe seus dentes e encha suas veias de chumbo derretido, faça-o sofrer por cada minuto da vida de Hrothgar que ele roubou.

- Não foi uma boa morte? Hrothgar não queria morrer no campo de batalha, com Volund nas mãos?

- No campo de batalha, sim, encarando um inimigo honesto que ousasse se levantar e lutar como um homem. Não queria morrer derrubado pelos truques de um mágico... - Balançando a cabeça, Orik olhou para trás, em direção a Hrothgar, depois cruzou os braços e encostou o queixo na clavícula. Respirou algumas vezes de forma desigual. - Quando meus pais morreram de peste, Hrothgar me deu novamente uma vida. Levou-me para o seu palácio. Fez de mim seu herdeiro. Perdê-lo... - Orik beliscou a parte superior do nariz com o polegar e o indicador, cobrindo o rosto. - Perdê-lo é como perder o meu pai novamente. A tristeza em sua voz era tão evidente, que Eragon se sentia partilhando da dor do anão.

- Eu entendo você - disse ele.

- Eu sei. Eragon... eu sei. - Depois de um instante, Orik enxugou os olhos e gesticulou para os dez anões. - Antes que qualquer coisa seja feita, temos que levar Hrothgar de volta para Farthen dûr para que ele possa ser enterrado junto com seus predecessores. O Dûrgrimst Ingeitum tem que escolher um novo grimstborith, e então os treze chefes de clã, incluindo esses que você vê aqui, selecionarão entre si o seu novo rei. O que acontecerá em

seguida eu não sei. Essa tragédia encoraja alguns clãs e incita outros contra a nossa causa... - Ele balançou a cabeça novamente.

Eragon colocou a mão no ombro de Orik.

- Não se preocupe com isso agora. É só você pedir que meu braço e a minha vontade estarão ao seu serviço... Se você quiser, venha à minha tenda que poderemos dividir um tonel de mulso e brindar pela memória de Hrothgar.

- Gostaria de fazer isso. Mas ainda não. Não até terminarmos de rogar aos deuses para que garantam a Hrothgar uma passagem segura para o pós-morte. - Orik deixou Eragon, voltou para a roda de anões e acrescentou sua voz ao cântico fúnebre.

Continuando sua rota na Campina Ardente, Saphira disse: *Hrothgar foi um grande rei.*

Sim, e uma grande pessoa, suspirou Eragon. *Devíamos encontrar Arya e Nasuada. Não consigo mais curar um simples arranhão no momento, e elas precisam saber sobre Murtagh.*

Concordo.

Eles se dirigiram para o sul, iam em direção ao acampamento dos Varden, mas antes que andassem mais alguns metros, Eragon viu Roran se aproximando, vinha do rio Jiet. Uma tremedeira se espalhou pelo seu corpo. Roran parou na frente dos dois, plantou os pés bem afastados um do outro e olhou para Eragon, mexendo o maxilar para cima e para baixo, como se quisesse falar, mas fosse incapaz de fazer as palavras ultrapassarem os seus dentes.

Depois acertou um direto no queixo de Eragon.

Teria sido fácil para Eragon evitar o golpe, mas permitiu que o atingisse, desviando apenas um pouco para que Roran não quebrasse os dedos da mão.

Ainda doía.

Abalado, Eragon encarou seu primo.

- Acho que eu merecia isso.

- Com certeza. Temos de conversar.

- Agora?

- Isso não pode esperar. Os Ra'zac capturaram Katrina, e preciso da sua ajuda para resgatá-la. Eles a mantêm em seu poder desde que deixamos

Carvahall.

Então é isso. Num instante, Eragon percebeu porque Roran parecia tão horrível e obcecado, e porque havia trazido todo o vilarejo para Surda. Brom tinha razão, Galbatorix mandou os Ra'zac de volta para o vale Palancar. Eragon franziu a testa, dividido entre a sua responsabilidade com Roran e seu dever com Nasuada.

- Há algo que eu preciso fazer antes e depois poderemos conversar. Tudo bem? Você pode me acompanhar, se quiser...

- Eu irei.

Enquanto atravessavam a terra destruída, Eragon não parava de olhar Roran com o canto do olho. Finalmente, ele disse em tom de voz baixo:

- Senti a sua falta.

Roran hesitou e depois respondeu com um breve aceno. Alguns passos depois, ele perguntou:

- Essa é Saphira, não é? Jeod me disse que esse era o seu nome.

- Sim.

Saphira encarou Roran com um dos seus olhos resplandecentes. Ele permitiu seu escrutínio sem recuar, o que era mais do que a maior parte das pessoas podia fazer. *Sempre quis conhecer o companheiro de ninho de Eragon.*

- Ela fala! - exclamou Roran quando Eragon repetiu suas palavras. Desta vez Saphira se dirigiu a ele diretamente: *O quê? Você achava que eu era muda como um lagarto das montanhas?* Roran piscou.

- Desculpe. Não sabia que dragões eram tão inteligentes. - Um sorriso rígido torceu seus lábios. - Primeiro Ra'zac e os mágicos, agora anões, Cavaleiros e dragões falantes. Parece que o mundo inteiro enlouqueceu.

- Parece que sim.

- Vi-o enfrentando aquele outro Cavaleiro. Você o feriu? Foi por isso que ele fugiu?

- Espere. Você vai saber.

Quando os dois alcançaram o pavilhão que Eragon estava procurando, ele levantou a aba e adentrou o recinto, foi seguido por Roran e Saphira, mas ela apenas empurrou a cabeça e o pescoço atrás deles. No meio da tenda, Nasuada estava sentada na beira da mesa, e deixava que uma criada retirasse sua armadura retorcida, enquanto mantinha uma discussão

acalorada com Arya. O corte em sua coxa havia sido curado.

Nasuada parou no meio da frase assim que avistou a chegada de novos visitantes. Correndo em sua direção, ela jogou os braços em volta de Eragon e gritou:

- Onde você estava? Achávamos que estava morto, ou coisa pior.

- Não exatamente.

- A vela ainda queima - murmurou Arya.

Dando um passo atrás, Nasuada disse:

- Não pudemos ver o que aconteceu com você e Saphira depois que aterrissaram no platô. Quando o dragão vermelho partiu e você não reapareceu, Arya tentou contatá-lo, mas não sentiu nada, por isso supomos que... - Sua voz foi diminuindo de intensidade. — Estávamos conversando sobre qual seria a melhor maneira de transportar a Du Vrangr Gata e toda uma companhia de guerreiros pelo rio.

- Desculpe, não quis deixá-las preocupadas. Estava tão cansado depois da luta, que me esqueci de baixar minhas defesas. — Então Eragon fez Roran se aproximar. — Nasuada, gostaria de lhe apresentar meu primo. Roran. Ajihad deve lhe ter falado sobre ele antes. Roran, essa é lady Nasuada, líder dos Varden e minha soberana. E esta é Arya Svit-kona, a embaixadora dos elfos. - Roran fez uma reverência para cada uma das duas.

- É uma honra conhecer o primo de Eragon — disse Nasuada.

- De fato - acrescentou Arya.

Depois que terminaram de trocar cumprimentos, Eragon explicou que todo o vilarejo de Carvahall havia chegado no Asa de Dragão, e que Roran fora o responsável pela morte dos Gêmeos.

Nasuada ergueu uma sobancelha negra.

- Os Varden estão em dívida para com você, Roran, por ter acabado com a violência daqueles dois. Quem sabe quanto mal os Gêmeos poderiam semear antes que Eragon ou Arya conseguissem derrubá-los? Você nos ajudou a vencer esta batalha. Não me esquecerei disso. Nossos suprimentos são limitados, mas garantirei para que todos aqueles que estão no seu barco sejam alimentados e vestidos, e que os seus doentes sejam tratados.

Roran se curvou ainda mais.

- Obrigado, lady Nasuada.

- Se eu não estivesse extremamente ocupada, insistiria em saber como e por que você e seu vilarejo escaparam dos homens de Galbatorix, viajaram até Surda e nos encontraram. Mesmo os simples acontecimentos de sua viagem a tornam uma história extraordinária. Ainda gostaria de conhecer os detalhes - especialmente por suspeitar que dizem respeito a Eragon -, mas preciso tratar de outros assuntos mais urgentes no momento.

- Com certeza, lady Nasuada.

- Você pode ir, então.

- Por favor - disse Eragon -, deixe-o ficar. Ele deve estar aqui para o que está por vir.

Nasuada lhe dirigiu um olhar irônico!

- Muito bem. Se você quer. Mas chega de demoras. Pule logo para o que é importante e nos fale do Cavaleiro.

Eragon começou com uma rápida história sobre os três ovos de dragões restantes - dois deles já haviam sido chocados. Falou também de Morzan e Murtagh, para que Roran pudesse entender o significado das notícias. Então seguiu descrevendo como foi a luta dele e de Saphira contra Thorn e o Cavaleiro misterioso, deu uma atenção especial aos seus poderes extraordinários.

- Assim que ele girou a sua espada, percebi que havíamos duelado antes, por isso me joguei sobre o seu corpo e arranquei seu elmo. -Eragon fez uma pausa.

- Era Murtagh, não era? - perguntou Nasuada calmamente.

- Como...? Ela suspirou.

- Se os Gêmeos sobreviveram, fazia todo o sentido que Murtagh tivesse sobrevivido também. Ele lhe revelou o que realmente ocorreu naquele dia em Farthen dûr? - Então Eragon contou novamente como os Gêmeos traíram os Varden, recrutaram os Urgals e raptaram Murtagh. Uma lágrima rolou pelo rosto de Nasuada. - E uma pena que isso tenha se abatido sobre Murtagh, quando ele já havia passado por tanto sofrimento. Eu gostava da sua companhia em Tronjheim e acreditava que ele era nosso aliado, apesar de sua criação. Acho difícil pensar nele como nosso inimigo. - Virando-se para Roran, ela afirmou: - Parece que estou particularmente em débito com você por ter matado os traidores que assassinaram o meu pai.

Pais, mães, irmãos, primos, pensou Eragon. Tudo começa e acaba na família. Criando coragem, ele completou seu relato com o roubo de Zar'roc e, no fim, com seu terrível segredo.

- Não pode ser - sussurrou Nasuada.

Eragon viu choque e revolta atravessando o rosto de Roran antes que ele pudesse esconder suas reações. Isso, mais do que qualquer coisa, deixou Eragon magoado.

- Murtagh não estava mentindo? - perguntou Arya. - Não vejo como. Quando o indaguei, ele me disse a mesma coisa na língua antiga.

Um silêncio longo e desconfortável encheu o pavilhão. Então Arya falou:

- Ninguém mais pode saber disso. Os Varden estão bastante desmotivados com a presença de um novo Cavaleiro. E ficarão ainda mais desconsertados quando descobrirem que é Murtagh, ao lado do qual lutaram e vieram a confiar em Farthen dûr. Caso se espalhasse que Eragon Matador de Espectros é filho de Morzan, os homens ficariam desiludidos e poucas pessoas ousariam se juntar à nossa causa. Nem mesmo o rei Orrin deve saber disso.

Nasuada esfregou as têmporas.

- Temo que você esteja certa. Um novo Cavaleiro... - Ela balançou a cabeça. - Sabia que era possível, mas jamais imaginei que ocorresse, já que havia passado muito tempo sem que os ovos restantes de Galbatorix se rompessem.

- Tem até uma certa lógica - disse Eragon.

- Nossa tarefa é duplamente difícil agora. Conseguimos resistir hoje, mas o Império ainda está em maior número e agora temos de encarar não só um como dois Cavaleiros, ambos mais poderosos do que você. Eragon. Você acha que poderia derrotar Murtagh com a ajuda dos encantadores dos elfos?

- Talvez. Mas duvido que ele seja tolo o bastante para enfrentar a mim e a eles juntos.

Durante alguns minutos, discutiram o efeito que Murtagh poderia ter em sua campanha e pensaram em estratégias para minimizar ou eliminar o perigo. Finalmente Nasuada afirmou:

- Chega. Não podemos decidir isso enquanto estivermos sangrando e cansados e nossas mentes estiverem anuviadas devido à luta. Vão,

descansem, e poderemos voltar a esse assunto amanhã.

Enquanto Eragon se virava para sair, Arya se aproximou e olhou fundo nos olhos.

- Não permita que isso o perturbe demasiadamente, Eragon-elda. Você não é seu pai, nem seu irmão. A vergonha deles não é sua.

- Sim - concordou Nasuada. - Nem pense que isso possa ter diminuído o conceito que temos de você. - Ela se aproximou mais e segurou seu rosto com ambas as mãos. - Eu o conheço, Eragon. Você tem um bom coração. O nome do seu pai não pode mudar isso.

Um calor brotou dentro de Eragon. Ele olhou para uma mulher e depois para a outra, em seguida colocou rapidamente sua mão sobre o peito, arrebatado pela amizade das duas.

- Obrigado.

Assim que saíram da tenda, Eragon colocou as mãos nos quadris e respirou fundo o ar enfumaçado. Entardecia e o laranja intenso do meio-dia havia diminuído e dava lugar a uma luz dourada e sombria, que cobriu o acampamento e o campo de batalha, conferia-lhe uma estranha beleza.

- Agora você sabe - disse ele. Roran encolheu os ombros.

- O sangue sempre fala.

- Não diga isso - resmungou Eragon. - Jamais diga isso. Roran o estudou por alguns segundos.

- Você tem razão, foi um pensamento repulsivo. Não tive essa intenção. - Ele coçou a barba e olhou de soslaio para o sol que se punha no horizonte. - Nasuada não era quem eu esperava.

Aquilo forçou Eragon a sorrir esgotado.

- Quem você esperava era o pai dela, Ajihad. Ainda assim, ela é uma líder tão boa quanto ele, se não melhor.

- E a cor de sua pele, é tintura?

- Não, é desse jeito mesmo que ela é.

Naquele instante, Eragon sentiu Jeod, Horst e um grupo de outros homens de Carvahall correndo em sua direção. Os aldeões diminuíram o passo assim que deram a volta numa tenda e avistaram Saphira.

- Horst! - exclamou Eragon. Dando um passo à frente, ele agarrou o ferreiro e lhe deu um abraço apertado. - É bom vê-lo novamente!

Horst olhou boquiaberto para Eragon, até que um sorriso encantado se espalhou pelo seu rosto.

- É bom demais vê-lo também, Eragon. Você ficou mais forte desde que partiu.

- Você quer dizer desde que fugi.

Encontrar os aldeões foi uma experiência estranha para Eragon. O sofrimento havia alterado tanto alguns dos homens que ele mal os reconheceu. E eles o tratavam de uma forma diferente agora, havia uma mistura de medo e reverência. Isso o lembrava de um sonho, onde tudo que outrora era familiar ficara estranho. Ele ficou desconcertado com o quanto se sentia deslocado entre aqueles com os quais crescera.

Quando Eragon foi falar com Jeod, ele hesitou.

- Você sabe de Brom?

- Ajihad me mandou uma mensagem, mas eu gostaria de saber o que aconteceu contado por você.

Eragon acenou com a cabeça solenemente.

- Assim que eu tiver chance, nos sentaremos juntos e conversaremos por um bom tempo.

Então Jeod foi até Saphira e se curvou em sua direção.

- Esperei a minha vida inteira para ver um dragão e agora vi dois no mesmo dia. Sou de fato um homem de sorte. No entanto, você é o dragão que eu queria encontrar.

Curvando seu pescoço, Saphira tocou a testa de Jeod. Ele estremeceu ao contato. *Dê-lhe meus agradecimentos por ter ajudado a me resgatar de Galbatorix. Caso contrário, eu ainda estaria definhando no tesouro do rei. Ele era amigo de Brom, e por isso é nosso amigo.*

Depois que Eragon repetiu suas palavras, Jeod disse surpreendendo a todos com o seu conhecimento da língua antiga:

- Atra esterní ono thelduin, Saphira Bjartskular.

- Onde você foi? — perguntou Horst para Roran. - Procurávamos você desde que perseguiu aqueles dois mágicos.

- Não se importe com isso agora. Volte ao navio e faça com que todos desembarquem, os Varden nos darão comida e abrigo. Vamos poder dormir em terra firme hoje à noite! - Os homens se encheram de alegria.

Eragon observou atentamente enquanto Roran dava as ordens. Quando finalmente Jeod e os aldeões partiram, Eragon disse:

- Eles confiam em você. Até mesmo Horst o obedece sem questionar. Você fala por toda Carvahall agora?

- Sim.

A escuridão pesada avançava sobre a Campina Ardente na hora em que eles encontraram a pequena tenda com espaço para dois. Montada pelos Varden para Eragon. Como Saphira não conseguia enfiar sua cabeça através da abertura, ela se enrolou no chão ao seu lado e se preparou para a vigília.

Assim que eu recuperar a minha força, vou cuidar dos seus ferimentos, prometeu Eragon.

Eu sei. Não fique conversando até muito tarde.

Dentro da tenda, Eragon encontrou um lampião de óleo que acendeu com uma pederneira. Ele conseguia enxergar perfeitamente bem sem ela, mas Roran precisava da luz.

Os dois se sentaram de frente um para o outro: Eragon sobre a roupa de cama num dos lados da tenda, Roran num assento dobrável que ele achou num canto. Eragon não sabia como começar, por isso permaneceu em silêncio e ficou olhando para a chama do lampião que dançava.

Nenhum dos dois se moveu.

Depois de minutos incontáveis, Roran disse:

- Diga-me como o meu pai morreu.

- Nosso pai. — Eragon continuou calmo enquanto a expressão de Roran ia endurecendo. Num tom de voz suave, ele disse: - Tenho tanto direito de chamá-lo assim quanto você. Olhe dentro de si mesmo, você sabe que isso é verdade.

- Tudo bem. Nosso pai, como ele morreu?

Eragon havia recontado essa história em diversas ocasiões. Mas desta vez ele não escondeu nada. Em vez de ficar apenas listando os eventos, descreveu o que havia pensado e sentido desde que encontrara o ovo de Saphira, tentando fazer Roran entender o por que de ele ter feito o que fez. Nunca havia ficado tão ansioso antes.

- Errei por ter escondido Saphira do resto da família - concluiu Eragon -, mas temia que você pudesse insistir em matá-la, e não percebi o

tamanho do perigo no qual ela nos colocou. Se eu tivesse... Depois que Garrow morreu, decidi partir para tentar encontrar os Ra'zac, assim como para evitar colocar Carvahall em mais perigo. - Uma risada sem graça lhe escapou. - não deu certo, mas se eu tivesse ficado, os soldados teriam chegado antes. E então, quem sabe? O próprio Galbatorix poderia ter até visitado o vale Palancar. Eu posso ser a razão de Garrow, nosso pai, ter morrido, mas essa nunca foi a minha intenção, nem você nem o povo de Carvahall precisavam sofrer por causa das minhas escolhas... - Ele gesticulou, sem ação. - Fiz o melhor que pude, Roran.

- E quanto ao resto - Brom ser um Cavaleiro, o resgate de Arya em Gil'ead, e a morte de um Espectro na cidade dos anões. Tudo isso aconteceu?

- Sim. - O mais rápido que pôde, Eragon resumiu o que havia ocorrido desde que ele e Saphira partiram com Brom, incluindo sua estadia em Ellesméra e sua própria transformação durante o Agaetí Blödhren.

Inclinando-se para frente, Roran apoiou seus cotovelos nos joelhos, fechou as mãos e olhou para o chão entre elas. Era impossível para Eragon ler suas emoções sem chegar fundo em sua consciência, mas ele recusava a fazer, sabendo que seria um erro terrível invadir a privacidade de Roran.

Roran ficou em silêncio por tanto tempo que Eragon começou a se questionar se ele iria responder. Então:

- Você cometeu erros, mas eles não são maiores do que os meus. Garrow morreu porque você quis manter Saphira em segredo. Muitos mais morreram porque eu me recusei a me entregar para o Império... Somos igualmente culpados. — Ele levantou os olhos e depois estendeu lentamente a sua mão direita. - Irmão?

- Irmão - disse Eragon.

Ele segurou o antebraço de Roran e os dois deram um abraço um tanto bruto, lutando um contra o outro como faziam em casa. Quando se separaram, Eragon teve que enxugar os olhos com a palma da mão.

- Galbatorix devia se entregar agora que estamos juntos novamente - brincou ele. - Quem pode fazer frente a nós dois? - Ele se abaixou sobre a roupa de cama. — Agora me diga, como os Ra'zac capturaram Katrina?

Toda a felicidade sumiu do rosto de Roran. Ele começou a falar num tom baixo e monótono, e Eragon ficou escutando, cada vez mais estupefato,

enquanto ele tecia um épico de ataques, cercos e traições, contava como eles deixaram Carvahall, cruzaram a Espinha, destruíram as docas de Teirm e se safaram de um monstruoso redemoinho.

Quando ele finalmente terminou, Eragon disse:

- Você é um homem mais grandioso do que eu, não poderia ter feito metade dessas coisas. Lutar sim, mas não poderia convencer todos a me seguir.

- Não tive escolha. Quando eles pegaram Katrina... - A voz de Roran definhou. - Eu tinha que desistir e morrer ou tentar escapar da armadilha de Galbatorix, não importava qual fosse o custo. - Ele fixou seus olhos ardentes em Eragon. - Menti, queimei e assassinei para estar aqui. Não tenho mais que proteger toda a população de Carvahall: os Varden garantirão isso. Agora eu só tenho uma meta na vida, encontrar e resgatar Katrina, se é que ela já não está morta. Você vai me ajudar, Eragon?

Estendendo-se, Eragon pegou seus alforjes que estavam no canto da tenda - onde os Varden os haviam colocado - e tirou de dentro uma tigela de madeira e o frasco de prata contendo faelnirv encantado que Oromis havia lhe dado. Ele tomou um pequeno gole do licor para se revitalizar e arfou enquanto o líquido descia pela sua garganta, o que fez os seus nervos formigarem num fogo gelado. Depois ele colocou faelnirv na tigela, até que a bebida formasse uma poça rasa do tamanho de sua mão.

- Veja. - Reunindo a energia com a qual havia acabado de se abastecer, Eragon disse: - Draumr kópa.

O licor estremeceu e ficou escuro. Depois de alguns segundos, uma fina rajada de luz apareceu no canto da tigela, revelando Katrina. Ela estava caída contra uma parede invisível, com as mãos penduradas por algemas invisíveis e seu cabelo cor de cobre vojava como se houvesse um abano atrás das suas costas.

- Ela está viva! - Roran se curvou sobre a tigela, segurando-a como achasse que podia mergulhar no faelnirv e se juntar a Katrina. Sua esperança e determinação se fundiram com um olhar tão terno e afetuoso que Eragon soube que só a morte poderia impedir Roran de tentar libertá-la.

Incapaz de sustentar o encanto por mais tempo, Eragon deixou a imagem se desvanecer. Ele se inclinou sobre a parede da tenda para buscar

apoio.

- Sim - disse ele num tom fatigado -, ela esta viva. E é bem provável que esteja aprisionada em Helgrind, na toca dos Ra'zac. - Eragon segurou Roran pelos ombros. - A resposta para a sua pergunta, irmão, é sim. Viajarei para Dras-Leona com você. Eu o ajudarei a resgatar Katrina. E então, juntos, mataremos os Ra'zac e vingaremos o nosso pai.

GUIA DE PRONUNCIA E GLOSSÁRIO

SOBRE A ORIGEM DOS NOMES:

Para o observador casual, os vários nomes que um intrépido viajante encontrará por toda a Alagaësia podem não passar de uma coleção aleatória de rótulos sem integridade, cultura e história inerentes. No entanto, como acontece com qualquer país que foi repetidamente colonizado por culturas diferentes - e, neste caso, por raças diferentes - a Alagaësia rapidamente acumulou uma infinidade de nomes elfos, anões, humanos e até Urgals. Deste modo, podemos ter o vale Palancar (um nome humano), o rio Anora e Ristvak'baen (nomes elfos), e a montanha Utgard (um nome anão), todos dentro de uma área de alguns poucos quilômetros quadrados.

Ao mesmo tempo que é de grande interesse histórico, praticamente acaba levando a confusões quanto às pronúncias corretas de alguns termos. Infelizmente, não há regras básicas para os neófitos. Cada nome deve ser aprendido nos seus próprios termos, a não ser que se possa identificar imediatamente sua língua de origem. A questão fica ainda mais confusa quando se percebe que, em muitos lugares, a soletração e a pronuncia de nomes estrangeiros foram alteradas pela população local para se ajustar à sua própria língua. O rio Anora é um ótimo exemplo. Originalmente, soletrava-se anora como aenora, o que significa vasto na língua antiga. Em seus escritos, os humanos simplificaram a palavra para anora, e isso, combinado com uma

troca de vogais na qual ae (a-Ê) era dita de forma mais fácil como a (a), criou o nome como aparece na época de Eragon.

Para poupar os leitores de mais dificuldades, providenciamos a lista a seguir. Porém, contamos com a compreensão de que estas são apenas pinceladas gerais para a pronúncia de fato. O entusiasta é encorajado a estudar as línguas primevas, no intuito de dominar suas verdadeiras complicações.

PRONÚNCIA:

Aiedail - ai-i-DÊIOU

Ajihad - aji-RRA-de

Alagaësia - alaga-Ê-sia

Arya - a-RI-a

Carvahall - car-va-RRAL

Dras-Leona - dras-le-O-na

Du Weldenvarden - Du Velden-VAR-den

Ellesméra - E-les-ME-ra

Eragon - Êragon

Farthen Dûr - farten DUR

Galbatorix - galbato-RIX

Gil'ead - gile-A-de

Glaedr - gla-Ê-dur

Hrothgar - RÓ-fi-gar

Islânzadí - Is-lan-ZA-di

Jeod -JE-odi

Murtagh - murTA-gui

Nasuada - Na-SU-Â-da

Nolfavrell - Nol-FÁ-vrel

Oromis - O-ro-mis

Ra'zac - RA-zaqui

Saphira - sa-Fi-ra

Shruikan - churui-KAN

Silthrim - SÍL-fi-rim
Teirm - teirmi
Trianna - Tri-A-na
Tronjheim - tronje-RREim
Urü'baen - U-ru-BEIM
Vrael - VRA-el
Yazuac - IA-zu-a-qui
Zar'roc - ZAR-roqui

A LÍNGUA ANTIGA:

adurna - água.

Agaeti Blödhren - Cerimônia de Juramento ao Sangue.

Aedail - a estrela da manhã.

Argetlam - Mão de Prata.

Atra esterní ono thelduin / Mor'ranr lífa unin hjarta onr/Un du evarínya ono varda - Que a felicidade o guie/Que a paz viva no seu coração E as estrelas zelem por você. Atra eulià un ilian tauthr ono un atra ono wáise sköliro frá rauthr - Que a sorte e a felicidade sigam-no e que você seja protegido contra o infortúnio.

Atra nosu wáise vardo fra eld hórnya - Que fiquemos protegidos dos ouvintes.

Bjartskular - Escamas Brilhantes.

blöthr - alto: pare.

Brakka du vanyalí sem huildar Saphira un eka! — Reduza a magia que retém a mim e a Saphira!

brisingr — fogo.

Dagshelgr - Dia Sagrado.

draumr kópa - enxergar o pensamento, encanto para bola de cristal.

Du Fells Nángoröth - As Montanhas Malditas.

Du Fyrn Skulblaka — A Guerra do Dragão.

Du Völlar Eldrvarya - A Campina Ardente.

Du Vrangr Gata - A Trilha Errante.

Du Weldenvarden - A Floresta Protetora.

dvergar - anões ebrithil - mestre.

edur - um rochedo pontiagudo ou protuberância.

Eka aí fricai un Shur'tugal! - Eu sou um Cavaleiro e amigo!

elda - uma honraria de muito louvor sem gênero específico.

Eyddr eyreya onr! - Esvazie os seus ouvidos!

fairth - uma fotografia tirada por meios mágicos.

finiarel - uma honraria para um homem jovem e promissor,

Fricai Andlat - amigo mortal (um cogumelo venenoso).

Wyrda brunhvittr/Abr Berundal vandr-fódhr/Burthro laufsblädar
ekar undir/Eom kona dauthleikr... - Cante, destino de sobancelhas
brancas/De um Berundal marcado pela doença/Nascido sob folhas de
carvalho/Para a mulher mortal...

ganga aptr — recuar.

gánga fram - ir para frente.

Gath sem oro un lam iet — Una aquela flecha com minha mão.

gedwéy ignasia - palma brilhante.

Gëuloth du knífr! - Que a faca fique cega!

haldthin - estramônio.

Helgrind - Os Portões da Morte.

hlaupa - corra.

hljödhr - silencioso.

jierda - quebre, bata.

kodthr - pegue.

Kvetha Fricai - Saudações, amigo.

lethrblaka - um morcego, as montarias dos Ra'zac (literalmente,
pássaro de couro).

letta - pare.

Letta orya thorna! - Pare com essas flechas! Liduen Kvaedhi -
Roteiro Poético.

Losna kalfya iet - Solte as minhas panturrilhas.

malthinae - segurar ou manter no lugar, confinar.

nalgask - uma mistura de cera de abelha e óleo de avelã usada para
umedecer a pele.

Osthato Chetowä - o Sábio Pesaroso.

Reisa du adurna - levantar/erguer a água.
rīsa - erguer-se.
Sé mor'ranr ono finna - Que você encontre a paz.
Sé onr sverdar sitja hvass! — Que suas espadas continuem afiadas!
Sé orúm thornessa hávr sharjalví lífs - Que esta serpente tenha o movimento da vida.
skōlir - escudo.
Skōlir nosu fra brisingr! — Proteja-nos do fogo!
skōliro - protegido com um escudo.
skulblaka - dragão (literalmente, pássaro escamoso).
Stydja unin mor'ranr, Hrothgar Kōnungr. - Descanse em paz, Rei.
Hrothgar.
svit-kona - uma honraria formal para uma elfa de grande sabedoria
thyrsta - empurrar, comprimir.
Thyrsta vindr - Comprima-se o ar.
Togira Ikonoka - O Imperfeito Que É Perfeito.
Varden - Os Guardiões.
Vel einradhm iet ai Shur'tgal - Sob a minha palavra como Cavaleiro.
Vinr Ąlfakyn - Amigo Elfo.
vodhr - um honraria masculina de louvor mediano.
vor - uma honraria masculina para um amigo próximo.
Wáise heill! - Fique curado!
Wiol ono - Para você.
wyrda - destino.
Wyrdfell - nome elfo para os Renegados. yawē - sinal de confiança
Zar'roc - miséria, desgraça.

A LÍNGUA DOS ANÕES:

Akh sartos oen dūrgrimst! - Pela família e pelo clã!
Ascúdgaml̥n - punhos de aço.
Astim Hefthyn - Guardião da visão (inscrição num colar dado a Eragon).
Az Ragni - O rio.

Az Sweldn rak Anhûin - As lágrimas de Anhûin.

Azt jok jordn rast. - Então você pode passar.

Barzûl - uma praga, destino ruim.

Barzûl knurlar! - Amaldiçoe-os!

Barzuln - amaldiçoar alguém com múltiplos infortúnios.

Beor - urso das cavernas (palavra elfa).

dûrgrimst - clã (literalmente, nossa sala/casa).

eta - não.

Etzil nithgech! - Pare aí! Farthen Dûr - Nosso Pai.

Feldunost - barbagelada (uma espécie de bode nativo das montanhas Beor).

Formv Hrethcarach... formv Jurgencarmetder nos eta goroth bahst Tarnag, dûr encesti rak hythn! Jok is warrev az barzûlegûr dûr dûrgrimst, Az Sweldn rak Anhûin, môgh tor rak Jurgenvren? Né üdim etal os rast knurlag. Knurlagana... - Esse matador de espectros... este Cavaleiro de Dragões não tem lugar em Tarnag, nossa cidade mais sagrada! Você está se esquecendo da maldição que o nosso clã, As Lágrimas de Anhûin, carrega da Guerra do Dragão? Não o deixaremos passar. Ele é...

grimstborith - chefe do clã.

Grimstcarvlorss - aquele que arruma a casa.

Güntera Arûna - Benção Güntera.

Hert dûrgrimst? Fild rastn? - Que clã? Quem passa?

hírna - semelhança, estátua.

húthvir - arma de lâmina dupla usada pelo clã Quan.

Ignh az voth! - Traga a comida!

Ilf gauhnith. - Expressão peculiar dos anões que significa "É bom e seguro." É comumente proferida pelo anfitrião de um banquete, remanescente dos tempos em que o envenenamento de convidados era predominante entre os clãs.

Ingeitum - trabalha com metais, ferreiro.

Isidar Mithrim - estrela de safira.

Jok is frekk dûrgrimstvren? - Você quer uma guerra de clãs?

knurl - pedra, rocha.

knurla - anão (literalmente, feito de pedra).

Knurlag qana qirânû Dürgrimst Ingeitum! Qarzül ana Hrothgar oen volfild ... - Ele foi feito membro do clã Ingeitum! Malditos sejam Hrothgar e todos que...

knurlagn - homens.

Knurlhiem - Cabeça de Pedra.

Knurlnien - Coração de Pedra.

Nagra - um javali gigante, nativo das montanhas Beor.

oei - sim, afirmativo Orik Thrifkz menthiv oen Hrethcarach Eragon rak Dürgrimst Ingeitum. Wharn, az vanyali-carharüg Arya. Né oc Undinz grirnstbelardn - Orik, filho de Thrifk, e Eragon Matador de Espectros do clã Ingeitum. Além deles, o embaixador elfo Arya. Somos convidados de ûndin.

Os il dom qirânû carn dûr thargen, zeitmen, oen grimst vor formv edaris rak skilfz. Narho is belgond... - Que nossa carne, honra e palácio se tornem uma coisa só por este sangue meu. Eu prometo...

otho - confiança.

Ragni Hefthyn - Guardião do rio. Shrrg - lobo gigante, nativo das montanhas Beor. Smer voth - Sirva a comida. Tronjheim - Capacete de Gigantes. Urzhad - urso das cavernas.

vanyali - elfo (Os anões pegaram essa palavra emprestada da língua antiga, significa mágica.). Vor Hrothgarz korda! - Pelo martelo de Hrothgar! vrron - bastante werg - uma exclamação de desgosto (o equivalente dos anões para argh).

A LÍNGUA DOS URGALS:

Ahgrat ukmar. - Está feito.

drajl - cria de vermes.

nar - um título de grande respeito sem gênero específico.

AGRADECIMENTOS

Kvetha Fricäya.

Como acontece com muitos autores que se comprometem com um épico do tamanho da Trilogia da Herança, descobri que a criação de Eragon, e agora de Eldest, se tornaram a minha própria história, ela provou ser tão transformadora quanto a de Eragon.

Quando concebi Eragon, eu tinha quinze anos -já não era um garoto e ainda não era um homem - acabara de sair da escola secundária, sem saber que caminho iria trilhar na vida, e estava viciado na mágica latente da literatura fantástica que enfeitava as prateleiras das minhas estantes. O processo de escrever Eragon, de vendê-lo no mundo inteiro, e de finalmente concluir Eldest me jogou na idade adulta. Agora tenho vinte e um anos e, para minha eterna perplexidade, já lancei dois romances. Coisas mais estranhas já ocorreram, tenho certeza, mas nunca comigo.

A jornada de Eragon foi igual à minha: fui obrigado a largar uma educação rural e reservada, fui forçado a perambular pelo país numa corrida desesperada contra o tempo, passei por um treinamento árduo e intenso, superei todas as expectativas, inclusive as contrárias, lidei com as consequências da fama e, finalmente, encontrei uma medida de paz.

Assim como na ficção, o protagonista determinado e bem intencionado - que na verdade não é assim tão brilhante, mas seria agora? - Foi ajudado ao longo do caminho por um bando de personagens sábios, eu também fui guiado por um grande número de pessoas cujo talento é estupendo. São elas:

Em casa: mamãe, por ter me escutado sempre que eu precisava falar sobre um problema relativo à história ou aos personagens e por me dar a coragem de jogar fora doze páginas e reescrever a chegada de Eragon a esmera (foi doloroso), papai, como sempre, por seu trabalho preciso de edição, e minha querida irmã, Angela, por aceitar repetir seu papel como bruxa e por suas contribuições ao diálogo fantasmagórico.

Na Writers House: meu agente, o grande e poderoso Simon Lipskar, Mestre das Vírgulas, que torna todas as coisas possíveis (Mervyn Peake!), e seu bravo assistente Daniel Lazar, escudo do Mestre das Vírgulas,

que o impede de ser soterrado por manuscritos não solicitados, muitos dos quais temo que sejam resultado de Eragon.

Na Knopf: minha editora, Michelle Frey, que foi muito além do que devia no sentido de realizar o seu trabalho e fazer com que Eldest ficasse tão melhor do que seria caso ela não estivesse presente, a diretora de publicidade Judith Haut, por mais uma vez ter provado que não há façanha promocional fora do seu alcance (ouçam o seu rugido!), Isabel Warren-Lynch, diretora de arte incomparável que, com Eldest, sobrepujou seus feitos anteriores, John Jude Palencar, por uma arte de capa da qual gostei ainda mais do que a de Eragon, o chefe de revisão Artie Bennett, que fez um trabalho magnífico ao checar todas as palavras obscuras da trilogia e provavelmente conhece a língua antiga mais do que eu, embora seu Urgal seja um pouco fraco, Chip Gibson, grão-mestre da divisão infantil da Random House, Nancy Hinkel, extraordinária diretora editorial, Joan DeMayo, diretora de vendas (muitos aplausos, vivas e reverências!) e sua equipe, Daisy Kline, que desenvolveu o layout do maravilhoso e chamativo material publicitário, Linda Palladino, Rebecca Price e Timothy Terhune, pela produção, minha gratidão para com Pam White e sua equipe, por ajudar a espalhar Eragon pelos quatro cantos do mundo, Melissa Nelson, design, Alison Kolani, revisão, Michele Burke, assistente dedicado e incansável de Michelle Frey, e todas as outras pessoas na Knopf que me apoiaram.

Na Listenmg Library: Gerard Doyle, que deu vida ao mundo de Alagaësia, Taro Meyer por fazer com que a pronúncia das minhas línguas fosse correta, Jacob Bronstein por costurar tudo, e Tim Ditlow, editor da Listenmg Library.

Obrigado a todos vocês.

Ainda falta mais um volume e com isso atingiremos o final desta narrativa. Haverá mais um manuscrito de angústia, êxtase e perseverança... mais um códice de sonhos.

Fique comigo, se quiser, e vejamos para onde esta trilha tortuosa em nos levará, tanto neste mundo quanto na Alagaësia.

Sé onr sverdar sitja hvass!

Christopher Paolini 23 de agosto de 2005

DADOS DA OBRA E AUTOR

O amor duradouro que CHRISTOPHER PAOLINI sente pela fantasia e pela ficção científica o inspirou a escrever seu romance de estréia, Eragon, logo que se graduou no ensino médio, aos 15 anos. Aos 19 anos tornou-se autor bestseller do jornal The New York Times. Christopher vive em Montana,

onde os cenários deslumbrantes alimentam suas visões de Alagaësia. Atualmente está escrevendo o último volume da Trilogia da Herança.

Você pode saber mais sobre Christopher Paolini, Eragon, Eldest e a trilogia em www.alagaesia.com e www.eragon.com.br Ilustração de capa de John Jude Palencar Um Cavaleiro... um dragão... O caos e a traição se anunciam.

Eragon e seu dragão, Saphira, acabaram de salvar um estado rebelde da destruição planejada pelas forças poderosas do rei Galbatorix, cruel governante do Império. Eragon rumará agora para Ellesméra, terra dos elfos, para aprimorar seu treinamento em magia e nas artes da espada, habilidades vitais para um Cavaleiro de Dragão. É a jornada de uma vida, cheia de lugares e pessoas diferentes, dignas de admiração e reverência, em cada dia uma nova aventura. Mas o caos e a traição o importunam a cada instante e Eragon não sabe em quem deve confiar.

Enquanto isso, seu primo Roran se envolve numa nova batalha em Carvahall -vilarejo onde nasceu e cresceu -, batalha que coloca Eragon num perigo ainda maior.

Será que a mão negra do rei sufocará toda e qualquer resistência? Eragon pode até não escapar com vida...



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>
http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros